UNIVERSIDADE DE LISBOA

FACULDADE DE LETRAS

DEPARTAMENTO DE HISTÓRIA

A ocupação pré-romana da foz do Estuário do Tejo durante a segunda metade do 1º milénio a.C.

Elisa Rosa Barbosa de Sousa

DOUTORAMENTO EM HISTÓRIA

Especialidade em Arqueologia

2011

Tese orientada pela Prof.ª Doutora Ana Margarida Arruda

Resumo

Esta dissertação tem como objectivo o estudo da ocupação da Idade do Ferro do Estuário do Tejo durante a segunda metade do 1º milénio a.C.

A base empírica em que assentou é constituída por conjuntos artefactuais concretos, na sua grande maioria cerâmicos, provenientes de diversas escavações e outros trabalhos arqueológicos realizados na área urbana de Lisboa (Rua dos Correeiros), no concelho da Amadora (Moinho da Atalaia Oeste, Baútas, Moinhos do Filipinho, Casal de Vila Chã Sul, Fiat – Alfragide, Alfragide Segundo Sul) e no concelho de Sintra (Santa Eufémia, Castelo dos Mouros, "Sepultura do Rei Mouro"). Com a análise pormenorizada destes conjuntos, procurou-se sistematizar o repertório formal da cultura material das comunidades que habitaram este território, atendendo, naturalmente, às divisões, por categorias, dos próprios espólios, distinguindo-se, assim, as ânforas, a cerâmica de engobe vermelho, a cerâmica cinzenta e a cerâmica comum.

A leitura destes elementos, e o seu cruzamento com outros dados provenientes dos diversos sítios arqueológicos da Idade do Ferro localizados no Estuário do Tejo, permitiram esboçar uma nova leitura sobre a organização deste espaço durante o 1º milénio a.C.

As características dos artefactos estudados e a sua dispersão tornou possível individualizar esferas concretas de cariz cultural que possibilitaram discutir a dinâmica da ocupação do território durante a Idade do Ferro.

Palavras-chave: Arqueologia, Idade do Ferro, Estuário do Tejo, Cerâmica

Abstract

The primary objective of this dissertation is the study of the Iron Age occupation of the Tagus Estuary during the second half of the 1st millennium b.C.

It´s foundation is the analysis of specific artifacts, gathered through various excavations and other archaeological works that took place in Lisbon´s urban area (Rua dos Correeiros), Amadora (Moinho da Atalaia Oeste, Baútas, Moinhos do Filipinho, Casal de Vila Chã Sul, Fiat – Alfragide, Alfragide Segundo Sul) and Sintra (Santa Eufémia, Castelo dos Mouros, "Sepultura do Rei Mouro"). Based on these studies, we tried to systematize the morphological repertoire of the cultural artifacts of the communities that inhabited that territory, considering, naturally, the categorical divisions of the ceramic sets, namely, the *amphorae*, the red slip ware, the gray ware and the common ware.

The interpretation of this data, and the cross-reference with other information available from other archaeological sites located in the Tagus Estuary, allowed to outline a new scenery on the internal organization of this area during the 1st millennium b.C.

Based on the characteristics of the artifacts and in its distribution range, we were able to individualize specific cultural areas that allow the discussion of the dynamics of the territorial occupation during the pre-roman occupation.

Keywords: Archaeology, Iron Age, Tagus Estuary, Ceramic

Índice

Resumo/Abstract

Agradecimentos

1. Introdução 11

2. O espaço e o território 15

3. A Idade do Ferro no Estuário do Tejo: o estado da arte 19
3.1. A foz do Estuário do Tejo 20
3.1.1. Área urbana de Lisboa 20
3.1.2. Concelho de Oeiras 30
3.1.3. Concelho da Amadora 32
3.1.4. Concelho de Sintra 35
3.1.5. Concelho de Cascais 37
3.1.6. Concelho de Almada 40
3.2. O curso médio do Estuário do Tejo 50
3.3. O fundo do Estuário do Tejo 54

4. A Idade do Ferro na foz do Estuário do Tejo: sítios e materiais 59
4.1. Lisboa - Rua dos Correeiros 60
4.1.1. Enquadramento geográfico 60
4.1.2. Síntese das intervenções arqueológicas 61
4.1.3. Estratigrafia sidérica 65
4.1.4. Leitura e interpretação estratigráfica 86
4.1.5. Arquitectura e urbanismo 90
4.1.6. O conjunto artefactual 95
4.1.6.1. Questões metodológicas 97
4.1.6.2. As ânforas 101

4.1.6.3. A cerâmica grega 136
4.1.6.4. A cerâmica de engobe vermelho 144
4.1.6.5. A cerâmica cinzenta 180
4.1.6.6. A cerâmica comum 211
4.1.6.7. A cerâmica manual 295
4.1.6.8. Outros artefactos cerâmicos 299
4.1.6.9. Metais 302
4.1.6.10. A estratigrafia e os materiais arqueológicos 305
4.1.7. A ocupação sidérica da Rua dos Correeiros 340
4.2. Concelho da Amadora 344
4.2.1. Moinho da Atalaia Oeste 346
4.2.1.1. Enquadramento geográfico 346
4.2.1.2. Síntese das intervenções arqueológicas 347
4.2.1.3. Estratigrafia 349
4.2.1.4. Arquitectura e urbanismo 353
4.2.1.5. O conjunto artefactual 355
4.2.1.5.1. Questões metodológicas 356
4.2.1.5.2. As ânforas 357
4.2.1.5.3. A cerâmica cinzenta 361
4.2.1.5.4. A cerâmica comum 368
4.2.1.5.5. Outros artefactos cerâmicos 386
4.2.1.5.6. Metais 386
4.2.1.5.7. Artefactos de pasta vítrea 388
4.2.1.6. Discussão 388
4.2.2. Baútas 390
4.2.2.1. Enquadramento geográfico 390
4.2.2.2. Sínteses das intervenções arqueológicas 391
4.2.2.3. Estratigrafia 394
4.2.2.4. Arquitectura e urbanismo 397
4.2.2.5. O conjunto artefactual 398
4.2.2.5.1. Questões metodológicas 399
4.2.2.5.2. As ânforas 400
4.2.2.5.3. A cerâmica de engobe vermelho 403

4.2.2.5.4. A cerâmica cinzenta 404
4.2.2.5.5. A cerâmica comum 409
4.2.2.5.6. Outros artefactos cerâmicos 421
4.2.2.5.7. Metais 421
4.2.2.6. Discussão 422
4.2.3. Outros sítios 422
4.3. Concelho de Sintra 431
4.3.1. Santa Eufémia 433
4.3.1.1. Enquadramento geográfico 433
4.3.1.2. Síntese das intervenções arqueológicas 434
4.3.1.3. Estratigrafia 434
4.3.1.4. Arquitectura e urbanismo 436
4.3.1.5. O conjunto artefactual 436
4.3.1.5.1. Questões metodológicas 437
4.3.1.5.2. As ânforas 438
4.3.1.5.3. A cerâmica de engobe vermelho 441
4.3.1.5.4. A cerâmica cinzenta 442
4.3.1.5.5. A cerâmica comum 446
4.3.1.5.6. Outros artefactos cerâmicos 456
4.3.1.5.7. Artefactos de pasta vítrea 456
4.3.1.6. Discussão 457
4.3.2. Outros sítios 458

5. Leitura integrada dos dados 462

6. O Estuário do Tejo durante a segunda metade do 1º milénio a.C. 490

7. Bibliografia 500

Estampas

Base de dados: catálogo das formas ilustradas

Agradecimentos

A concretização deste trabalho só foi possível graças à ajuda e apoio de várias pessoas.

Assim, agradeço:

à Prof.ª Doutora Ana Margarida Arruda, por toda a ajuda, orientação e amizade durante os últimos anos;

à Doutora Catarina Viegas, por todos os conselhos e revisão dada a alguns dos capítulos;

à Dr.ª Jacinta Bugalhão, por me ter disponibilizado para estudo o conjunto da Rua dos Correeiros, que constitui uma parte fundamental desta dissertação, assim como toda a informação referente à escavação;

à Dr.ª Gisela Encarnação, pela cedência para estudo dos materiais pré-romanos recolhidos no concelho da Amadora, assim como todas as informações disponíveis para cada um dos sítios;

aos Drs. Cardim Ribeiro e Teresa Simões, a autorização para estudar os materiais pré-romanos em depósito nas reservas do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas;

a António Gonzalez, por todas as informações que me transmitiu sobre as estações arqueológicas do concelho da Amadora, assim como a disponibilização da documentação gráfica que pôs ao meu dispor;

à Dr.ª Patrícia Bargão, pelas conversas sempre estimulantes e pela sua amizade ao longo destes vários anos;

ao Dr. Carlos Pereira, pelo desenho das peças cerâmicas mais complexas;

ao Dr. João Gomes, a ajuda na caracterização e descrição dos elementos não plásticos dos diferentes grupos cerâmicos;

à Dr.ª Ana Patrícia Madeira, o apoio que me prestou no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas;

ao Dr. João Pimenta, pela cedência de vários artigos e informações essenciais na formulação deste trabalho;

à Fundação para a Ciência e a Tecnologia, instituição da qual fui bolseira durante os últimos quatro anos, cujo apoio foi essencial na conclusão deste trabalho.

1. Introdução

O conhecimento sobre a ocupação pré-romana da fachada atlântica do centro do território português é, em muitos aspectos, desigual. Enquanto algumas estações arqueológicas foram alvo de longos projectos de investigação de componente pluridisciplinar, em outros sítios apenas se procedeu a campanhas de prospecção e escavação sumárias, que pouco contribuíram para a sua caracterização funcional e cronológica. A ausência de trabalhos publicados sobre os dados recolhidos em outras intervenções, algumas consideravelmente extensas, como é por exemplo o caso das que decorreram no Castelo de São Jorge em Lisboa, contribui para agravar as deficiências da informação disponível.

No Estuário do Tejo, os locais onde se documentaram vestígios da ocupação pré-romana são já muito abundantes. Esta abundância não se traduz, contudo, numa leitura clara da evolução desta unidade geográfica desde a chegada de populações de cariz orientalizante, em torno ao século VIII a.C., até à sua integração na esfera da ocupação romana, em meados do século II a.C. As sínteses histórico-arqueológicas elaboradas até ao momento encontram-se limitadas pelas discrepâncias do conhecimento disponível sobre as várias estações arqueológicas, deixando transparecer, muitas vezes, uma informação lacunar, e que traduzem uma tentativa de completar um puzzle sem ter ao dispor a totalidade das peças que o compõem.

Para o período concreto da segunda metade do 1º milénio a.C., a principal dificuldade na realização de uma leitura consubstanciada reside na ausência de uma sequência contínua da evolução da cultura material da área do estuário até à chegada dos primeiros contingentes militares romanos à região.

A necessidade de estabelecer uma base concreta e fiável, particularmente ao nível artefactual, que reflectisse essa realidade foi, assim, um dos principais factores que conduziram à escolha deste tema. Com efeito, a análise integral dos espólios de cronologia pré-romana na região foi, até ao momento, uma tarefa raramente efectuada, e muitos dos estudos que se desenvolveram em torno à Idade do Ferro do Estuário do Tejo, particularmente nas suas fases mais tardias, não tiveram por base análises detalhadas e completas, mas apenas amostras sumárias que foram seleccionadas, geralmente, pela sua raridade e excepcionalidade.

Por isso mesmo, e na tentativa de contribuir para colmatar a situação atrás descrita, entendeu-se seguir uma metodologia que passasse, justamente, pela caracterização integral da cultura material dos sítios analisados, que consideramos ser uma base essencial para qualquer modelo interpretativo, independentemente dos pressupostos teóricos que possam estar na sua génese.

Numa fase inicial desta dissertação, pretendia-se efectuar essa caracterização em todo o território do Estuário do Tejo, para todo o período compreendido entre os meados do 1º milénio a.C. e a chegada dos primeiros contingentes militares romanos à região. Contudo, factores de natureza vária reduziram progressivamente o âmbito deste estudo. Destaca-se, entre estes, o factor cronológico. A notável escassez, nesta área, de materiais que permitissem atribuir uma datação segura aos espólios artefactuais apenas possibilitou, na grande maioria dos casos, uma aproximação geral ao período de ocupação dos sítios arqueológicos. O estudo da segunda metade do 1º milénio a.C. do Estuário do Tejo exigia, consequentemente, ter por base um conjunto de dados que pudesse ser datado de um período específico, pela sua associação a materiais exógenos, bem balizados cronologicamente. O único espólio que apresentava tais condições, e que constitui a "pedra angular" deste trabalho, foi recolhido na Rua dos Correeiros, em Lisboa. Infelizmente, a sua ocupação é relativamente curta no tempo, centrando-se apenas entre o século V a.C. e inícios da centúria seguinte. Apesar de termos conhecimento que outras escavações realizadas na área urbana de Lisboa têm proporcionado registos estratigráficos mais amplos, associados, inclusivamente, a vários fragmentos de cerâmica grega, as inquirições feitas com vista ao seu estudo permaneceram sem resposta. Deste modo, a incidência cronológica desta dissertação ficou reduzida, sobretudo, aos meados do 1º milénio a.C.

Esta limitação teve, também, consequências na definição do âmbito espacial. A extrapolação dos dados cronológicos obtidos para a Rua dos Correeiros só é aplicável a conjuntos que evidenciem uma mesma homogeneidade artefactual, sendo estes provenientes do que é considerado a área da foz do Estuário do Tejo. Naturalmente, estas limitações apenas se aplicam ao estudo pormenorizado da cultura material. A interpretação dos dados tem, necessariamente, em consideração, toda a realidade documentada numa região mais vasta, que engloba grande parte do território da foz do rio Tejo.

Por outro lado, o estudo comparativo entre os resultados obtidos pela análise do conjunto da Rua dos Correeiros e outras estações arqueológicas a uma escala mais ampla, ainda que sempre da mesma região, trouxe também a capacidade de delimitar determinadas áreas de influxos culturais comuns, traduzidos nesse mesmo grau de homogeneidade observável na cultura material produzida. As similitudes que se podem estabelecer entre os vários núcleos de povoamento podem também fornecer novas informações que permitam comprovar ou refutar certas considerações tecidas em torno da organização espacial do povoamento ao longo do Estuário do Tejo.

Esta dissertação está, assim, estruturada em torno a quatro módulos centrais. Depois desta breve Introdução (Capítulo 1), segue-se a caracterização geográfica do território do Estuário do Tejo (Capítulo 2). O capítulo 3 integra todos os dados disponíveis, até ao momento em que escrevo, sobre a ocupação da Idade do Ferro nessa mesma área. No capítulo 4, procede-se à apresentação dos dados recolhidos nas várias estações arqueológicas dos actuais concelhos de Lisboa, Amadora e Sintra, que foram aqui alvo de um estudo detalhado. O capítulo 5 é dedicado à sistematização dos dados recolhidos e à comparação entre os sítios analisados. A interpretação destes elementos numa abordagem que não esqueceu a evolução das diversas comunidades pré-romanas do território peninsular, afectadas por influxos orientalizantes, corresponde ao último capítulo desta dissertação.

Segue-se, naturalmente, a bibliografia, as estampas e a base de dados dos artefactos ilustrados. As estampas estão organizadas segundo os sítios e os respectivos contextos de recolha. No caso concreto do espólio exumado na Rua dos Correeiros, a apresentação dos desenhos segue a mesma sequência da descrição estratigráfica. A base de dados está organizada de acordo com o número das estampas, estando segmentada consoante os sítios arqueológicos.

Tenho plena consciência de que este trabalho apenas oferece um pequeno contributo para a reconstituição da Idade do Ferro no Estuário do Tejo. O próprio registo arqueológico é, por definição, limitado face ao tipo de conclusões que podem advir do seu estudo. Mas os dados recolhidos, depois de devidamente tratados, permitiram discutir e desenvolver várias leituras que foram pensadas para esta área geográfica, incidindo não só sobre aspectos de índole económica, comercial e de organização sócio-

política dos vários núcleos de povoamento identificados, mas também sobre a própria caracterização étnica das comunidades que neles habitavam.

O trabalho realizado sobre conjuntos inéditos de espólios arqueológicos oriundos de contextos sidéricos de sítios localizados na foz do estuário do Tejo permitiu reflectir, com bases mais sólidas, sobre as ocupações humanas desta região durante a 2ª metade do 1º milénio a.C.

Os dados coligidos possibilitaram também a sua contextualização num espaço mais vasto, tendo-se tentado compreender as dinâmicas evolutivas de uma área que foi fortemente influenciada, a partir do século VIII a.C., por culturas de acentuada matriz mediterrânea. No entanto, nunca se perdeu de vista que os elementos que agora ficam disponíveis são, em grande parte, exclusivos de uma região concreta, e que apenas estudos de características idênticas para outras áreas geográficas podem facilitar uma leitura mais vasta e globalizante.

2. O espaço e o território

O Estuário do Tejo é um dos maiores estuários do território europeu, atingindo uma superfície em torno aos 320 km2. A sua principal fonte de água doce é, naturalmente, o rio epónimo, existindo, contudo, contribuições consideráveis de linha de água de menor caudal, como é o caso dos rios Trancão e Sorraia.

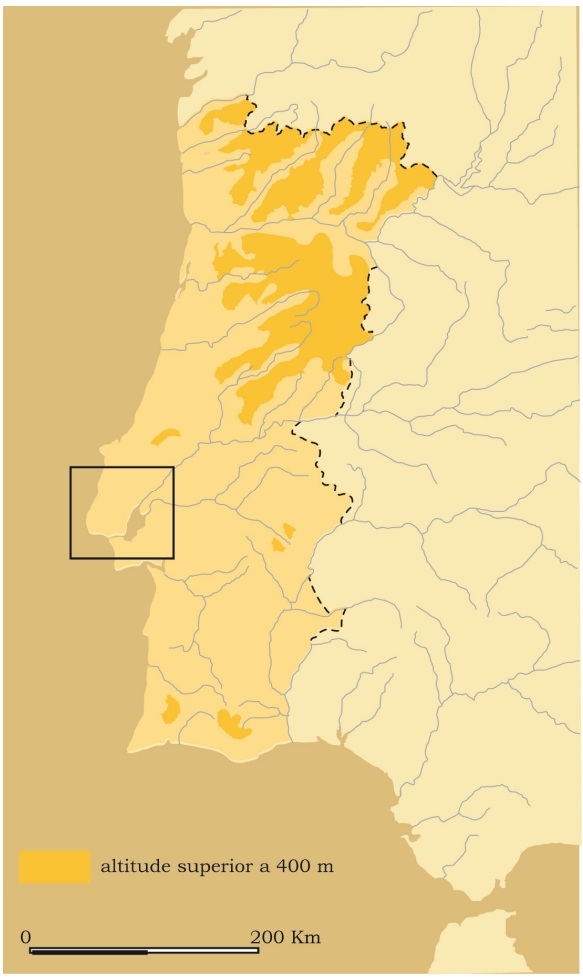


Fig. 1 – Localização do Estuário do Tejo no território actualmente português (base cartográfica de V. S. Gonçalves).

As características geográficas e climatéricas desta vasta área favoreceram, desde períodos remotos, a fixação de comunidades humanas.

Desde a sua foz, perto de São Julião da Barra, até ao que é consensualmente considerado o seu limite superior, nas imediações de Muge, o estuário tem uma extensão de aproximadamente 80 km de comprimento. O próprio rio apresenta condições propícias à sua utilização como via de comunicação privilegiada. Sendo o rio mais comprido da Península Ibérica, as suas aptidões para navegabilidade foram, desde cedo, realçadas pelos autores de época romana.

Durante o 1º milénio a.C., o estuário era consideravelmente mais extenso do que na actualidade, chegando, inclusive, a isolar completamente a ilha do actual Castelo de Almorol, a mais de cem quilómetros a montante de Lisboa (Daveau, 1994). O seu caudal seria, assim, suficientemente amplo para permitir a navegação fluvial até, pelo menos, à actual cidade de Santarém (Arruda, 1999-2000).

A bacia terciária do Tejo é constituída por camadas continentais do miocénico, predominando as formas estruturais mais simples (Lautensach, 1987), sendo caracterizada por formações detríticas de granulometria variável (Arruda, 1999-2000).

As especificidades de natureza morfológica desta bacia permitem a sua divisão em três áreas principais.

A área da foz, ou troço terminal, corresponde a um canal estreito de considerável profundidade. Esta zona configura uma boca, com boas condições naturais de abrigo (Daveau, 1994), na qual se iniciam as águas marinhas. É justamente nesta área que se localizam dois dos principais centros da Idade do Ferro da região, concretamente a colina do Castelo de São Jorge, na actual cidade de Lisboa, e, na outra margem, a Quinta do Almaraz.

O troço intermédio ou central é o espaço onde confluem rios e ribeiras da área circundante. Esta é a zona mais larga do Estuário do Tejo, rondando a sua profundidade os sete metros.

O limite superior do Estuário apresenta uma menor profundidade, configurando uma espécie de delta interior. O seu território caracteriza-se por englobar vastas áreas de espraiado de maré e de sapal.

O território envolvente ao Estuário caracteriza-se por apresentar um relevo moderado, sendo formado por terrenos geralmente baixos e aplanados, constituindo uma considerável homogeneidade morfológica (Pereira, 2003, p. 47). A altitude mais elevada registada é de 528 m, correspondendo ao cume da Pena, na Serra de Sintra. A sul, destaca-se ainda a Serra da Arrábida, tendo o Formosinho, o seu ponto mais alto, 501 m. Na zona da foz, destacam-se apenas alguns declives mais acentuados junto ao centro histórico de Lisboa, e, na outra margem do rio Tejo, em Almaraz, ambos locais privilegiados durante a ocupação humana durante o 1º milénio a.C.

Apesar da sua proximidade com o Atlântico, a área do Estuário do Tejo constitui, em traços gerais, um território seco, integrando-se, sobretudo, na Região Pluviométrica do Sul (Pereira, 2003, p. 60).

O clima é ameno, sendo as zonas mais interiores, que se encontram relativamente abrigadas do ar marítimo, alvo de maiores diversidades ao nível das temperaturas, atingindo valores mais elevados durante o Verão e mais baixos durante o Inverno, contrastando com a situação verificada na costa do Estoril e da Arrábida (Pereira, 2003, p. 60).

O manto vegetal caracteriza-se por uma vegetação essencialmente arbustiva, de tipo mediterrâneo, destacando-se os carvalhos e a urze (Arruda, 1999-2000). Análises palinológicas realizadas na área de Alpiarça permitiram constatar ainda a presença do cultivo da oliveira e da vinha na região, a partir de meados do século VII a.C. (Leeuwaarden e Jansen, 1985), podendo relacionar-se, seguramente, com a presença de populações orientais na área (Arruda, 1999-2000).

Os solos são consideravelmente férteis, sobretudo nas várzeas, nos terrenos marginais ao Tejo e ainda na zona do Complexo Vulcânico de Lisboa, sendo propícios para actividades agro-pecuárias (Pereira, 2003, p. 47). O sal poderia ter também constituído um bem essencial na economia da região, particularmente durante a Idade do Ferro (Arruda, 1999-2000).

A bacia terciária do Tejo permite ainda a exploração de outros recursos. A riqueza aurífera das suas areias foi reconhecida pelos autores de época clássica, de entre os quais se destaca Plínio o Velho (IV, 115), remontando a sua optimização a períodos ainda mais antigos (Cardoso, 1995). Outros recursos metalíferos explorados consistiriam na prata, como está bem documentado em Santarém (Arruda, 1999-2000, p. 215-216) e em Almaraz (Cardoso, 2004, p. 246), e no ferro.

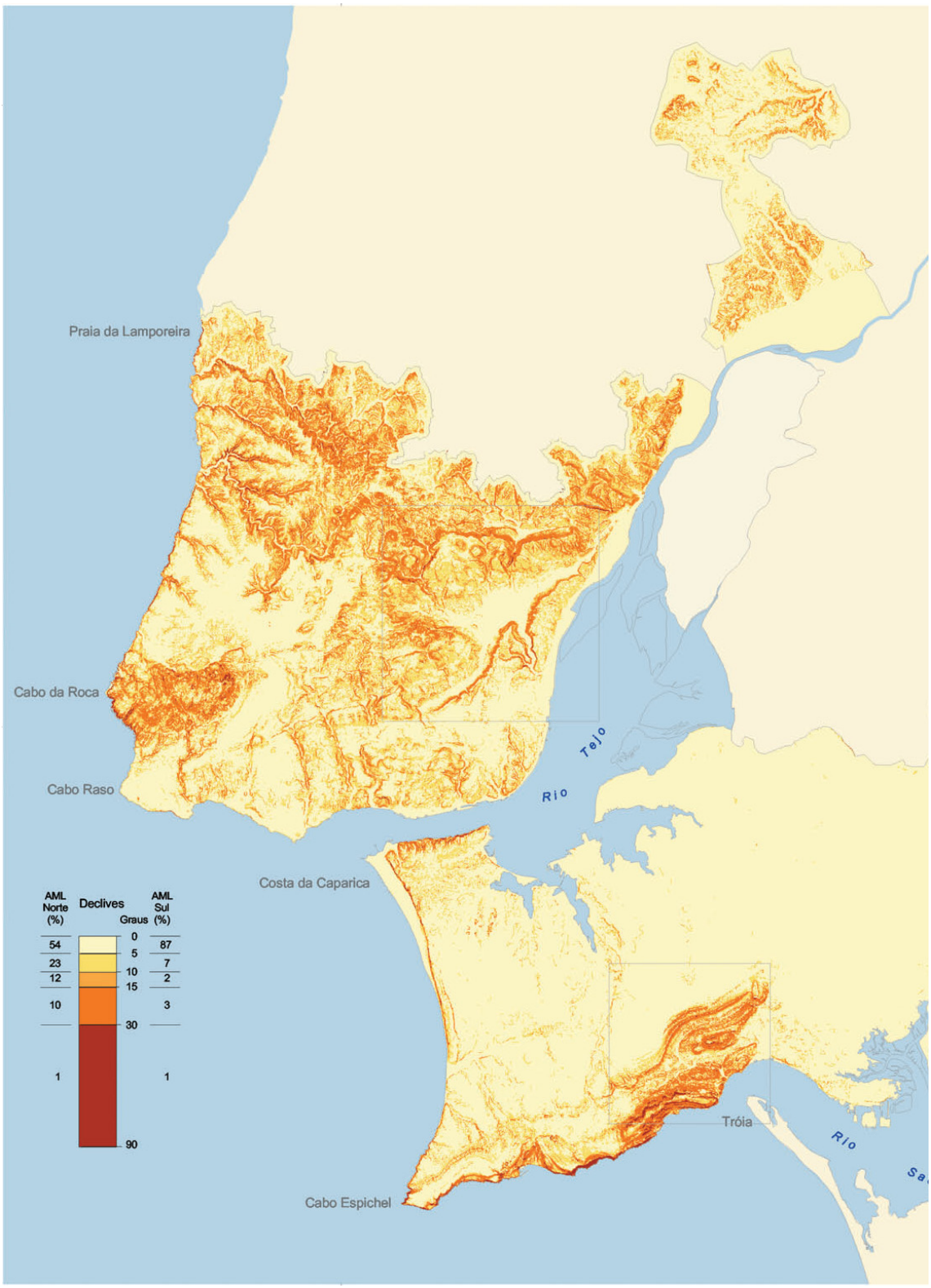


Fig. 2 – Declives do Estuário do Tejo (segundo A. R. Pereira, 2003, p. 52).

3. A Idade do Ferro no Estuário do Tejo: estado da arte

A ocupação pré-romana do Estuário do Tejo tem sido, durante as últimas décadas, um tema analisado, de forma sistemática, por vários investigadores. A identificação, na região, de vários núcleos de povoamento relacionados com a presença fenícia na fachada atlântica peninsular em momento relativamente arcaico foi um dos factores que promoveu o interesse pela Idade do Ferro desta área.

As várias leituras que a análise dos materiais arqueológicos sidéricos identificados no contexto de prospecções e escavações arqueológicas realizadas na área proporcionaram não são, contudo, coincidentes, tendo potenciado a criação de diversos modelos explicativos para os diferentes momentos da Idade do Ferro.

Para a fase inicial da ocupação pré-romana, uma das questões mais discutidas durante os últimos anos incide sobre a origem e etnicidade das populações responsáveis pela difusão de uma série itens mediterrâneos presentes nos sítios do Estuário do Tejo.

A tese tradicional, defendida por um maior número de investigadores que se dedicam ao tema, sustém a origem oriental desses agentes e concebe a «colonização» do Estuário do Tejo como um projecto planeado e desenvolvido com vista à captação de recursos essenciais para a manutenção de redes comerciais estabelecidas no espaço mediterrâneo (Arruda, 1999-2000; Cardoso, 2004).

Uma leitura alternativa a este modelo foi recentemente avançada por Mariano Torres Ortiz (2005) e Almagro Gorbea (2009), sendo baseada, sobretudo, em análises de âmbito linguístico e interpretações não consensuais de alguns dos dados da cultura material. Estes investigadores relacionam a orientalização dos Estuários do Tejo e do Sado com populações tartéssicas que teriam alcançado, por terra, os territórios do litoral ocidental, a partir da Extremadura espanhola, concretamente de Medellín.

A interpretação diferenciada do registo arqueológico recuperado no Estuário do Tejo também ocorre nos momentos mais tardios da ocupação pré-romana. Enquanto alguns autores defendem que esta área geográfica se mantém plenamente integrada nas redes de contactos de cariz mais meridional e mediterrâneo até à chegada dos primeiros contingentes militares romanos (Cardoso, 1995; 2004), outros defendem que, após a crise do século VI a.C., se processa uma progressiva desconectação entre a fachada

ocidental da área atlântica com os espaços comerciais do sul do território peninsular (Arruda, 1999-2000; 2005b).

Estes vários quadros explicativos baseiam-se, como, aliás, toda a investigação arqueológica, em interpretações distintas de segmentos da cultura material recolhidos no decurso de várias escavações arqueológicas. A discussão pormenorizada destes dados e problemáticas será apresentada de forma detalhada em capítulos mais avançados desta dissertação. Contudo, uma apresentação sumária dos elementos linguísticos, artefactuais, arquitectónicos e cronológicos dos vários sítios com ocupação sidérica parece essencial para a contextualização prévia da arqueologia pré-romana no Estuário do Tejo.

3.1. A foz do Estuário do Tejo

3.1.1. Área urbana de Lisboa

A componente mediterrânea da história da ocupação humana de Lisboa foi intuída, numa fase inicial, pelos estudos linguísticos, efectuados com base no seu topónimo antigo, *Olisipo* ou *Ulisipo*. A designação, de origem provavelmente não indo-europeia, teria, segundo alguns humanistas portugueses, origem na sua fundação por Ulisses, no imaginário mítico, apesar de serem escassos os argumentos que sustentem esta tese (Fernandes, 1985, Guerra, 1998). O sufixo – *ipo* tem sido, na última década, interpretado como significando "cidade" (Villar, 2000, p. 117). A presença deste elemento linguístico na toponímia do Extremo Ocidente tem sido avaliada por alguns autores como evidência de movimentações e instalação de populações oriundas de áreas mais meridionais, onde este elemento é, ao nível linguístico, muito predominante (Torres Ortiz, 2005; Almagro Gorbea e Torres Ortiz, 2009).

Apesar dos indícios sugeridos pela análise linguística do seu topónimo antigo, a recuperação dos primeiros materiais de cronologia pré-romana identificados na área urbana da actual cidade de Lisboa só ocorreu no primeiro quartel do século XX.

Foi apenas no decurso de intervenções efectuadas na área da Sé e na rua dos Douradores, que Vergílio Correia exumou, em inícios do século XX, um espólio considerável de cronologia sidérica. Estes materiais, posteriormente analisados por J. L. Cardoso e J. R. Carreira (1993), consistem, sobretudo, em fragmentos de cerâmica de engobe vermelho, concretamente pratos, ânforas de morfologia fenícia, *pithoi* pintados em bandas, cerâmicas cinzentas e cerâmicas comuns. O conjunto foi datado entre a segunda metade do século VII a.C. e inícios da centúria seguinte (*Ibidem*; Cardoso, 2004, p. 238). O espólio proveniente da área da Sé (n.º 1 a 4) parece coincidir com essa baliza cronológica, apesar de alguns paralelos que se podem efectuar com os materiais da Rua dos Correeiros indiquem que o *terminus* se poderá estender até ao século V a.C. Os fragmentos recolhidos da Rua dos Douradores são de cronologia mais duvidosa, uma vez que o único exemplar que permite aferir uma datação, o bordo de ânfora, apresenta características integráveis já em meados do 1º milénio a.C.

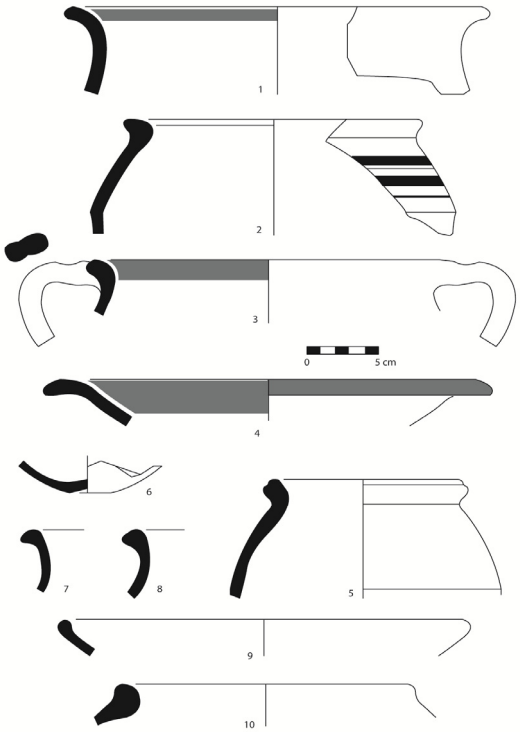


Fig. 3 – Cerâmicas da Idade do Ferro da área da Sé e da Rua dos Douradores (segundo Cardoso e Carreira, 1993, modificado).

Só a partir da década de noventa do século passado, com a divulgação das primeiras notícias sobre as escavações realizadas no claustro da Sé de Lisboa, é que surgem os primeiros dados estratigráficos que permitiram enquadrar essa ocupação (Amaro, 1993). Esta intervenção, dirigida por Clementino Amaro, permitiu pôr a descoberto, em toda a extensão do claustro, estruturas atribuíveis sobretudo ao período romano. No entanto, numa pequena área, limitada por dois muros romanos, designada de quadrado Q21, foi possível prosseguir a escavação em profundidade, o que permitiu a identificação de estratos datáveis da Idade do Ferro, escavados por níveis artificiais. As pequenas dimensões desse espaço (1,5 m x 1 m) e a potência da sua sequência estratigráfica

impediram que se atingissem a rocha de base, desconhecendo-se, portanto, com segurança, o início da ocupação. Entre os materiais recuperados, destaca-se a cerâmica de engobe vermelho, cerâmica cinzenta, ânforas e alguma cerâmica manual (*Ibidem*). Estes materiais foram posteriormente alvo de uma análise mais aprofundada por parte de A. M. Arruda, que propõe uma cronologia centrada no século VI a.C., concretamente na sua segunda metade, referindo ainda que existem alguns materiais que podem remontar à centúria anterior (Arruda, 1999-2000).

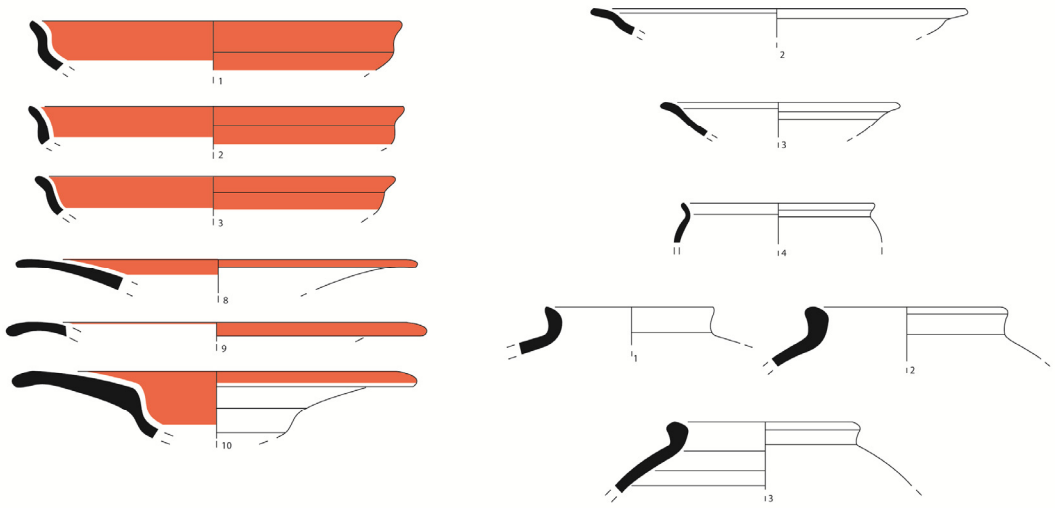


Fig. 4 – Cerâmicas de engobe vermelho, cerâmicas cinzentas e ânforas das escavações do claustro da Sé (segundo Arruda, 1999-2000, modificado).

A fase final das escavações no Claustro da Sé de Lisboa coincidiu com outras intervenções arqueológicas em outras zonas da cidade. Uma delas, tratada neste estudo, corresponde ao actual Núcleo Museológico da Rua dos Correeiros (*vide infra* 4.1.). A extensão das escavações aqui realizadas permitiu, pela primeira vez na história da cidade, associar os materiais sidéricos a um conjunto urbanístico. A cronologia da ocupação pré-romana desta zona, de acordo com as escassas informações disponibilizadas no catálogo que acompanha o Núcleo Museológico, centrar-se-ia entre o século V e o século III a.C. (AAVV, 1995), cronologia que será discutida em fases posteriores deste trabalho.

Outra intervenção, realizada junto à Rua das Pedras Negras, no espaço onde se localizaram as termas dos Cássios, dirigida por A. M. Dias Diogo, também parece ter permitido documentar estruturas de cronologia pré-romana. Infelizmente, as únicas

informações sobre estes trabalhos resumem-se a uma breve nota no artigo referente à ocupação orientalizante da Sé de Lisboa (Amaro, 1993, p. 186).

Na zona da Baixa Pombalina, na Rua Augusta, cabe ainda referir a recolha de materiais de cronologia pré-romana no decurso de intervenções de minimização de impactos efectuadas no estabelecimento comercial da Zara. Embora estes dados nunca tenham sido publicados, o relatório referente a estas escavações é consultável. Apesar de a escavação não ter atingido níveis de ocupação sidérica, recolheram-se, em contextos posteriores, alguns fragmentos de cerâmica de engobe vermelho, de cerâmica cinzenta e de cerâmica grega (Ferreira, Jorge e Ramos, 2000). A ocupação de meados do 1º milénio a.C. nesta área é, seguramente, contínua à que se verificou na Rua dos Correeiros.

Já nos finais do século XX, concretamente a partir de 1997, iniciaram-se as escavações mais importantes no contexto do conhecimento da ocupação pré-romana de Lisboa.

Localizadas na Praça Nova, no Castelo de São Jorge, e na zona envolvente, efectuaram-se uma série de intervenções, cujos resultados permanecem inéditos, exceptuando os dados relacionados com os contextos de cronologia romana-republicana (Pimenta, 2005). As únicas informações disponíveis sobre a fase pré-romana são as que podemos obter através da observação directa que se pode realizar na área arqueológica da Praça Nova, actualmente musealizada, e no núcleo museológico do próprio Castelo. Em relação ao primeiro caso, destaca-se a presença de um espaço edificado de planta rectilínea. De acordo com as legendas que ilustram a área, a cronologia avançada não é precisa, indicando-se um período lato entre o século VII e o século III a.C.

Por outro lado, o núcleo museológico tem expostas várias peças atribuíveis à Idade do Ferro, recolhidas no âmbito das intervenções realizadas na zona do Castelo, nomeadamente na já referida Praça Nova, mas também nas Ruas das Flores, do Recolhimento e Santa Cruz. Exibe-se também vários fragmentos de cerâmica grega, cerâmica cinzenta, cerâmica de engobe vermelho, cerâmica comum, cerâmica pintada em bandas, ânforas, objectos de pasta vítrea (contas de colar, *amphoriskos*), artefactos de osso polido e metais, entre os quais se destaca uma fíbula de dupla mola.

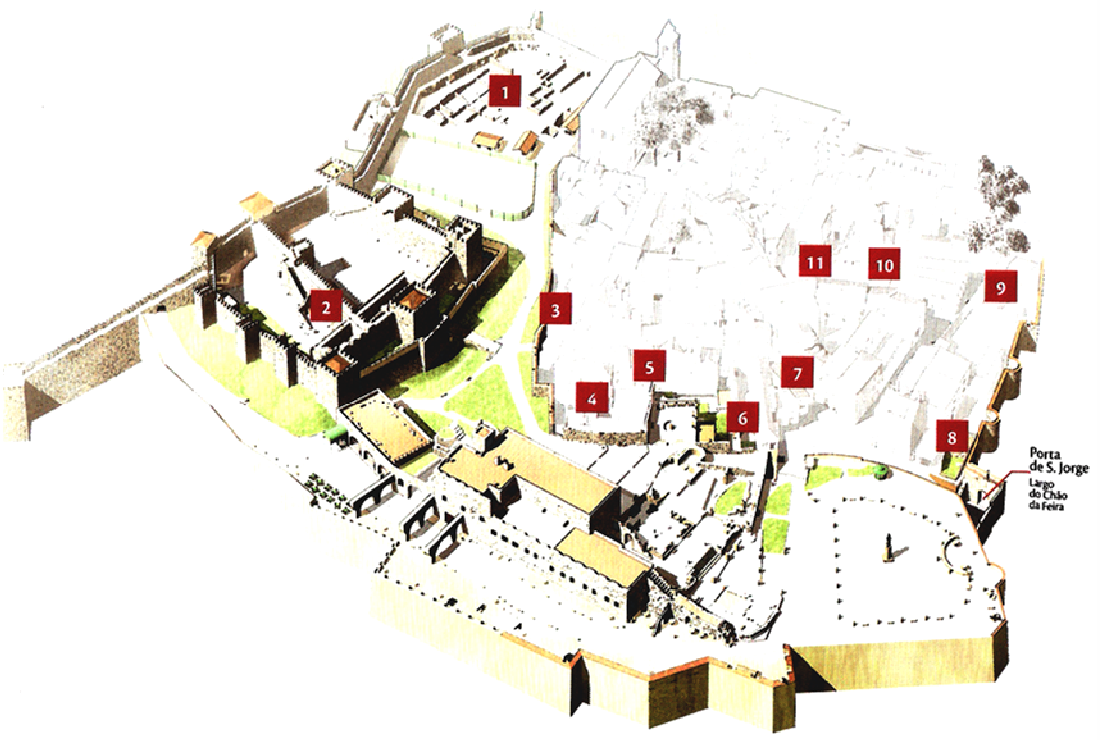


Fig. 5 – Localização das intervenções arqueológicas realizadas na Freguesia do Castelo de São Jorge. 1 – Praça Nova; 2 – Castelo; 3 – Rua das Flores; 4 – Solar do Castelo; 5 – Rua Espírito Santo; 6 – Palácio do Governador; 7 – Rua de Sta Cruz; 8 e 9 – Rua do Recolhimento; 10 – Beco do Recolhimento; 11 – Beco do Forno (segundo AAVV, 2008, p. 23).

Infelizmente, as dúvidas e as interrogações sobre a ocupação pré-romana da área do Castelo de São Jorge, e ainda que tenha passado uma década sobre a sua formulação (Arruda, 1999-2000), permanecem actuais. Com efeito, nenhum estudo, concreto ou geral, foi alguma vez publicado quer sobre os materiais quer sobre a arquitectura, nem, naturalmente sobre os contextos arqueológicos em que os espólios foram recolhidos.

É ainda importante destacar algumas escavações arqueológicas pontuais efectuadas na actual área urbana de Lisboa durante os últimos anos. Apesar de estas intervenções terem um carácter sumário e uma extensão muito limitada, o facto de os seus resultados terem sido sistematicamente publicados conferem-lhes um valor inestimável.

É o caso da intervenção da Rua de São João da Praça, dirigida por Manuela Leitão e Cláudia Costa, na encosta oriental do morro do Castelo. Os resultados, publicados por J. Pimenta, M. Calado e M. Leitão (2005a e 2005b), revelaram uma diacronia ocupacional desde a Idade do Ferro até ao período contemporâneo. Condicionantes relacionadas com

questões de segurança não permitiram atingir a rocha de base. O único nível inequívoco de ocupação sidérica identificado é tardio no quadro da ocupação proto-histórica da cidade, tendo sido datado de meados do séc. III a.C. pelas características dos contentores anfóricos (classificados de acordo com o tipo 4.2.2.5. de Ramon Torres), da cerâmica cinzenta e da cerâmica comum. Outro nível, que sucedia ao anterior, poderia ainda datar-se de finais do séc. III e primeira metade do séc. II a.C., dada a ausência de importações características do período republicano. Contudo, a presença de alguns recipientes decorados de cerâmica cinzenta, que surgem sistematicamente associados a essa fase, deixa a questão da cronologia em aberto (Pimenta, Calado e Leitão, 2005a, p. 319-320). Seguem-se os estratos do período republicano, caracterizados já pela existência de ânforas vinárias itálicas e de cerâmica campaniense de tipo A, que permitem uma datação da segunda metade do séc. II a.C. (*Ibidem*, p. 320). Cabe destacar ainda a recolha de alguns materiais residuais da Idade do Ferro que surgem em estratos de cronologia posterior, concretamente pratos, uma taça e um queima-perfumes de cerâmica de engobe vermelho, ânforas do tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres, *pithoi* pintados em bandas e cerâmica cinzenta (Pimenta, Calado e Leitão, 2005b, p. 6), que sugerem a existência de uma ocupação da primeira metade do 1º milénio a.C., e ainda um fragmento de cerâmica grega de figuras vermelhas, possivelmente de uma *kylix* (Pimenta, Calado e Leitão, 2005a, p. 321).

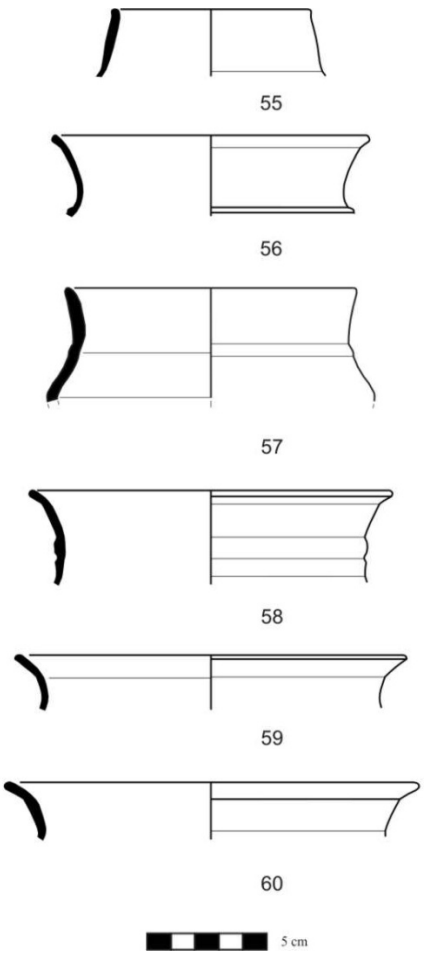


Fig. 6 – Cerâmicas cinzentas da Rua de São João da Praça (segundo Pimenta, Calado e Leitão, 2005b, modificado).

Junto a esta área, outra intervenção, no Pátio da Senhora de Murça, parece ter permitido a identificação de contextos sidéricos datados em torno ao século V a.C. (Calado, 2008).

Infelizmente, não existem, de momento, outros dados que se possam acrescentar sobre este sítio.

Também na área da Alfama, concretamente na Travessa do Chafariz d´ El Rei, se destacam os trabalhos arqueológicos realizados. A importância destas intervenções relaciona-se com a identificação e publicação de um dos contextos mais antigos conhecidos para a ocupação pré-romana de Lisboa. No espaço designado de Sondagem 1, foi possível documentar estruturas associadas a um piso de ocupação. Sobre este, um depósito sedimentar forneceu materiais enquadráveis no século VII a.C., concretamente cerâmicas de engobe vermelho, *pithoi* e ânforas. Outras duas unidades estratigráficas escavadas abaixo do referido pavimento não forneceram materiais que permitissem aferir uma cronologia. Contudo, nestes níveis inferiores é referida a existência de uma estrutura de grandes dimensões (Filipe, Calado e Leitão, no prelo). Outra sondagem aberta no decurso desta intervenção, designada de Sondagem 3, apresenta mais problemas ao nível da leitura estratigráfica e datação dos níveis identificados. A cronologia proposta pelos autores para os estratos inferiores centra-se no século V a.C., devido à presença de contentores anfóricos que, de acordo com a classificação nos tipos estabelecidos por Ramon Torres, não poderiam anteceder essa centúria. Nesses depósitos, existiam, contudo, cerâmicas de engobe vermelho que têm sido sistematicamente datadas de momentos anteriores (*Ibidem*). As intervenções de carácter urbano, pela sua reduzida dimensão e pressões de outras naturezas, enfrentam inúmeros obstáculos na interpretação dos depósitos sedimentares. É possível que os estratos escavados sejam o resultado de movimentações de terras e incluam materiais de diversas cronologias. Esta possibilidade é atestada pela presença de cerâmicas mais antigas que convivem com outras datáveis de

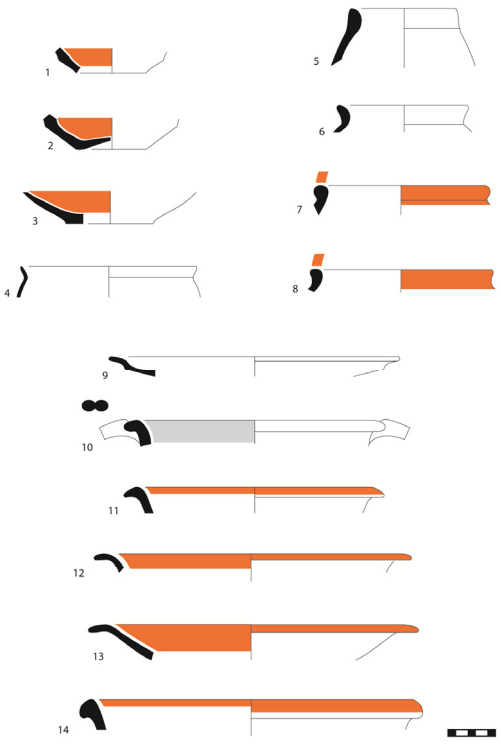


Fig. 7 – Cerâmicas da Idade do Ferro da Travessa do Chafariz d´El Rei (segundo Calado, 2008, modificado).

meados do 1º milénio a.C. Por esta razão, as cronologias propostas para os materiais aqui exumados são tidas em consideração com as devidas reservas.

Na Rua de São Mamede ao Caldas, identificou-se o que parece ser o registo mais antigo da ocupação sidérica de Lisboa. Níveis arqueológicos escavados no decurso de intervenções de emergência forneceram ânforas da série 10.1.1.1. de Ramon Torres associadas a fíbulas de dupla mola, taças carenadas de cerâmica manual de tradição do Bronze Final e um fragmento decorado com ornatos brunidos, tendo estes contextos sido datados do século VIII a.C. (Calado, 2008, p. 10). Sobre esta ocupação, detectou-se outra, mais tardia, datável do século VI a.C., sem que sejam, contudo, apresentados os elementos que corroborem esta proposta (*Ibidem*).

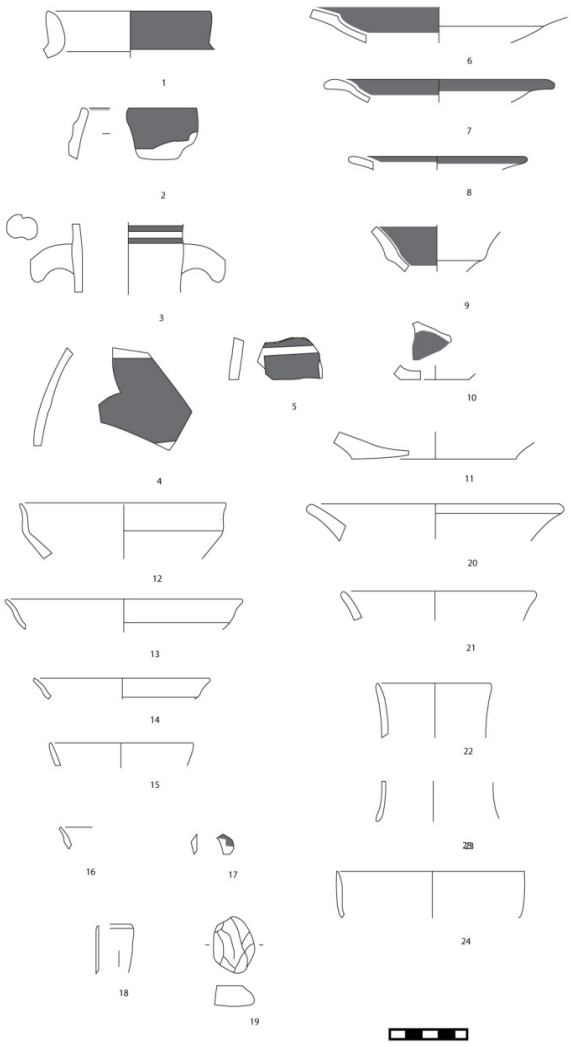


Fig. 8 – Cerâmicas da Idade do Ferro da Rua de São Mamede ao Caldas (segundo Calado, 2008, modificado).

Existem ainda notícias de que, entre o material exumado no decurso das escavações do teatro romano de Lisboa, estão presentes quantidades assinaláveis de artefactos da Idade do Ferro datáveis a partir do século VII a.C. São referidas cerâmicas de engobe vermelho, «pebeteros» e fragmentos de cerâmica grega (*skyphos*). Acrescenta-se ainda a referência a *kalathos* ibéricos (*Ibidem*, p. 12) que, contudo, pensamos integrarem já a esfera dos contactos estabelecidos no período romano republicano.

Também nas escavações realizadas na Casa dos Bicos, dirigidas por C. Amaro, parecem ter surgido materiais da Idade do Ferro, alguns dos quais integráveis em meados do 1º milénio a.C. (informação pessoal de João Pimenta, a quem agradecemos).

A densa ocupação do centro da actual cidade de Lisboa desde, pelo menos, o 1º milénio a.C. até aos nossos dias, dificulta, naturalmente, a leitura do seu urbanismo ao longo da diacronia. No entanto, somando todos os dados que permitem aferir uma ocupação pré-romana em algumas áreas pontuais, pode concluir-se que o povoado sidérico de Lisboa teria uma extensão considerável, ocupando, pelo menos, toda a colina do Castelo de São Jorge, tendo já sido considerado como um dos maiores povoados orientalizantes do território português (Arruda, 2000, p. 6-51).



Fig. 9 – Castelo de São Jorge.

Seria um núcleo urbano de primeira grandeza, implantado num sítio estratégico e favorecido pelas condições naturais, particularmente ao nível da visibilidade, defensibilidade e proximidade de recursos hídricos. Alguns cálculos demográficos estimam que este núcleo albergasse entre 2500 a 5000 habitantes (*Ibidem*, p. 6-52).

Mais problemática é a avaliação da evolução do povoado nas suas diferentes fases, uma vez que os dados são incompletos e deficitários. A ausência de publicações de boa parte dos resultados de trabalhos arqueológicos levados a efeito e, por outro lado, a escassa área de muitos deles dificultam a avaliação dos possíveis momentos de extensão e retracção da área ocupada. As intervenções de carácter urbano realizadas em Lisboa, frequentemente condicionadas por factores que se prendem com a prática da Arqueologia Urbana, nomeadamente cotas de afectação, não permitem obter uma leitura sequencial da ocupação da Idade do Ferro. Com efeito, as escavações que chegam aos estratos pré-romanos raramente atingem o substrato geológico, desconhecendo-se, como tal, elementos sobre as fases iniciais da sua ocupação.

Apesar destes condicionalismos, os aparentes desfasamentos cronológicos entre várias áreas intervencionadas levantam, contudo, algumas questões pertinentes sobre a diacronia e sincronia do espaço ocupado. A ocupação arcaica da cidade (do século VIII a.C.) só foi documentada, até ao momento, na Rua de São Mamede ao Caldas, ainda que o século VII pareça existir no Largo de Chafariz d'el Rei, na Rua São João da Praça, no Claustro da Sé, no Teatro romano e na Praça Nova.

Entre os materiais actualmente expostos no núcleo museológico do Castelo de São Jorge, provenientes de escavações efectuadas no topo da colina, são escassos os exemplares que se possam associar, claramente, a estes momentos antigos, à excepção da fíbula de dupla mola, uma ânfora do tipo 10.1.2.1 de Ramon Torres e um bordo de uma urna tipo Cruz del Negro. O restante espólio cai numa cronologia centrada em meados do 1º milénio a.C.

Este parece ser, justamente, o momento áureo deste núcleo populacional, registando um incremento da área ocupada, que se estende agora até às zonas topograficamente menos elevadas (Rua dos Correeiros, Rua dos Douradores, Rua Augusta). Contudo, e como já foi referido anteriormente, estas observações têm um carácter provisório, uma vez que só podem confirmar-se ou refutar-se com a publicação integral das intervenções arqueológicas já realizadas.

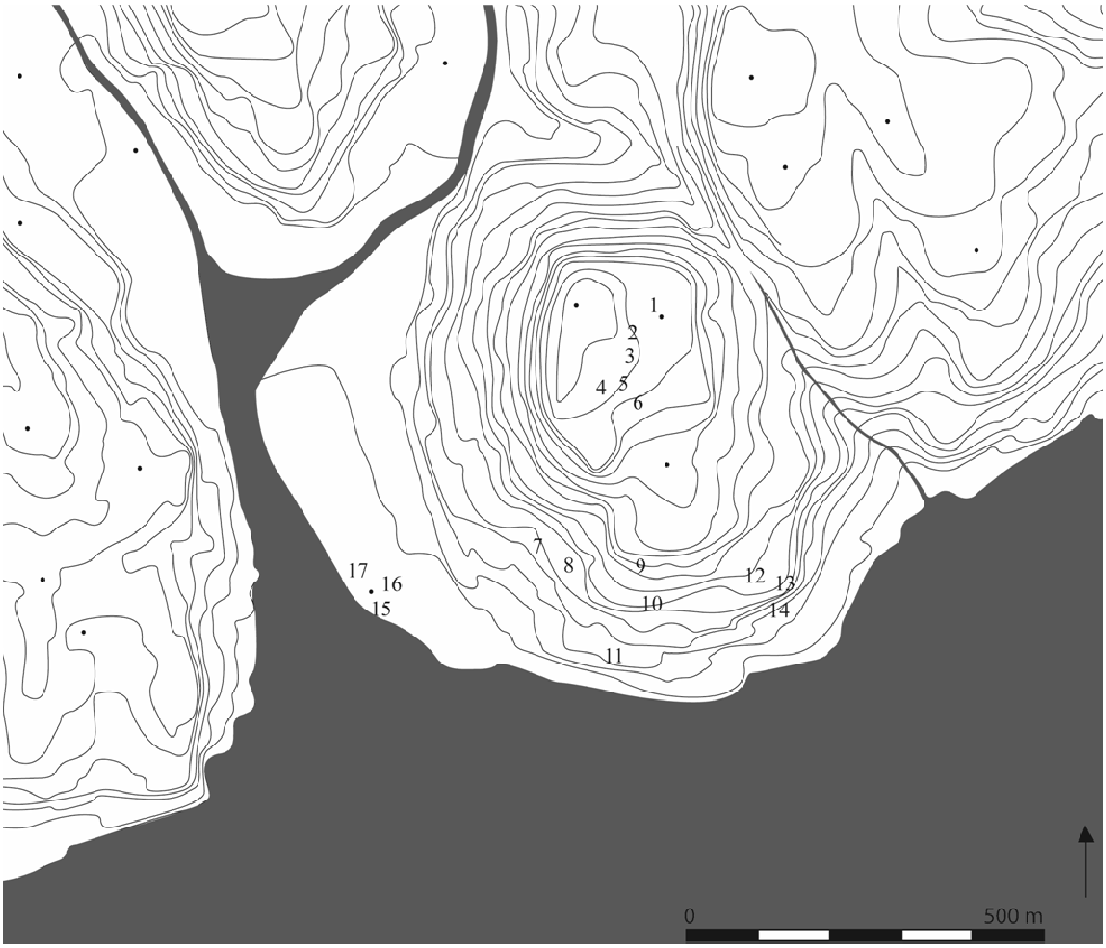


Fig. 10 – Vestígios da Idade do Ferro na área urbana de Lisboa. 1 a 6 – Castelo de São Jorge; 7 – Termas dos Cássios; 8 – Rua de São Mamede; 9 – Teatro Romano; 10 – Sé de Lisboa; 11 – Casa dos Bicos; 12 – Pátio da Senhora de Murça; 13 – Rua de São João da Praça; 14 – Travessa do Chafariz d´El Rei; 15 – Rua dos Correeiros; 16 – Rua dos Douradores; 17 – Rua Augusta (Zara) (segundo Calado, 2008, modificado).

Na área envolvente de Lisboa, surgem, na margem direita do Tejo, uma série de sítios de menores dimensões, distribuídos por um território relativamente amplo, que parecem formar uma rede de povoamento secundária.

3.1.2. Concelho de Oeiras

No actual concelho de Oeiras, destacam-se dois sítios intervencionados na década de 90 do século passado, designados Outorela I e Outorela II (Cardoso 1990, 1994b). Ambos foram descobertos na sequência de obras para a construção de habitações sociais (Cardoso, Rego e Magalhães, 1986, p. 51).

Os sítios apresentam uma notável proximidade geográfica, estando separados por cerca de 500 m. A sua implantação privilegiou zonas sem defensibilidade natural, nas vertentes de pequenas encostas, pouco destacadas na paisagem, com uma altitude média de cerca de 110 m. Estas condições geográficas favoreciam, sobretudo, os contactos com o rio Tejo, a sul (Cardoso e Carreira, 1993, p. 202).

As estruturas arqueológicas identificadas caracterizam-se por apresentarem uma planta rectangular, sendo a construção conseguida através de uma base de alvenaria pétrea, especificamente blocos basálticos não aparelhados (Cardoso, 1994; 2004). Em Outorela I, identificou-se ainda a presença de áreas lajeadas (Cardoso, Rego e Magalhães, 1986, p. 51).

Os materiais recolhidos consistem em uma fíbula anular hispânica, do tipo Cuadrado 9A, ânforas, cerâmica cinzenta, cerâmica comum e *pithoi* pintados com bandas vermelhas (Cardoso, 1994).

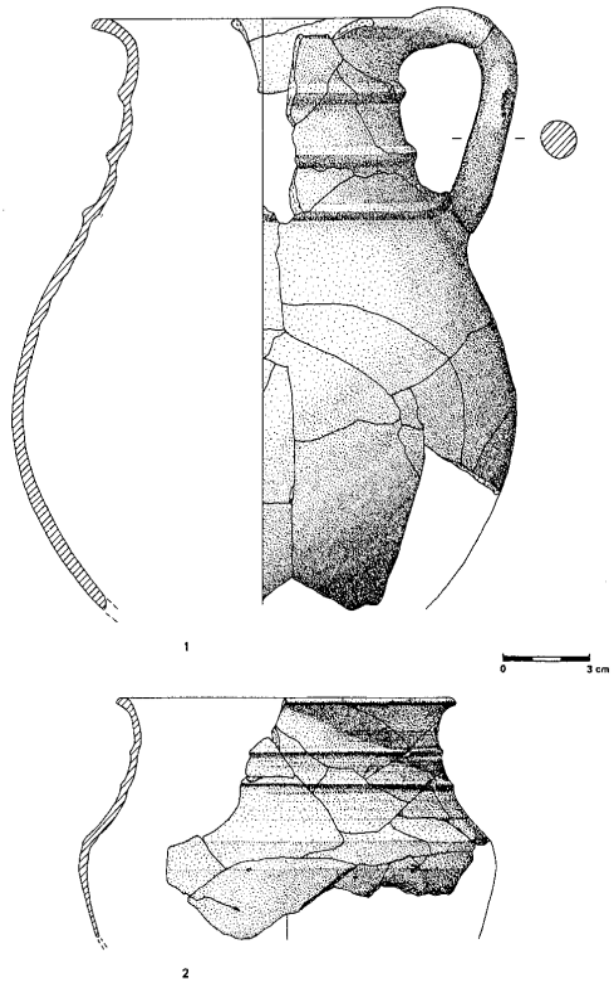


Fig. 11 – Cerâmicas cinzentas de Outorela I (segundo Cardoso, 1990).

A cronologia avançada para a ocupação centra-se entre finais do século VI a.C. e a centúria seguinte (Cardoso e Carreira, 1993, p. 202; Cardoso, 1994, p. 70; *Idem*, 2004, p. 259).

A interpretação funcional destes sítios passa pelo seu enquadramento como povoados de carácter eminentemente rural (Cardoso, 1994, p. 69). A sua dependência de um núcleo habitacional que existisse na região (Arruda, 1999-2000), ou mesmo directamente de Lisboa (Cardoso, 2004, p. 259), já foi proposta.

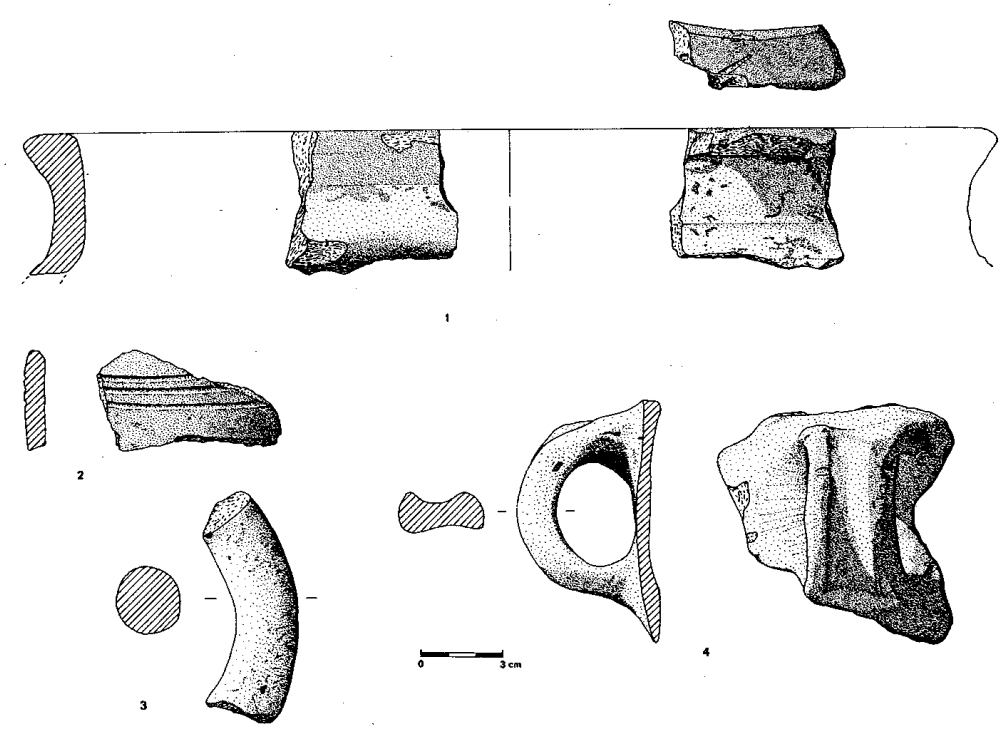


Fig. 12 – Cerâmicas da Idade do Ferro de Outorela I e de Outorela II (segundo Cardoso, 1990).

Ainda no concelho de Oeiras, foi identificada uma outra estação arqueológica de pequena dimensão, com uma implantação idêntica, numa encosta suave. Foi designada de Gamelas III, tendo sido escavada por G. Marques e corresponderá ao mesmo modelo de povoamento de Outorela I e II (*Ibidem*).

3.1.3. Concelho da Amadora

A área que actualmente integra o Concelho da Amadora parece ter-se configurado, durante a Idade do Ferro, como um espaço periférico relativamente ao núcleo de Lisboa.

A realização de inúmeras campanhas de prospecção e, em menor número, de escavações arqueológicas, permitiu recuperar uma quantidade apreciável de informação, ainda que esta seja deficitária a vários níveis. Apesar de se reconhecer uma relativa abundância de sítios que fornecem artefactos claramente integráveis no âmbito de uma ocupação

sidérica, a caracterização funcional dos mesmos carece, até ao momento, de confirmação.

Moinho da Atalaia Oeste corresponde ao sítio pré-romano mais emblemático do concelho. Foi identificado na década de 70 do século passado por E. Miranda, na sequência da sua destruição parcial devida à construção da Estrada Nacional 117. Constitui uma das estações estudadas com maior profundidade neste trabalho (*vide infra* 4.2.1.).

O sítio estava implantado numa pequena plataforma pouco destacada na paisagem, sem grandes condições de defesa natural, mas com considerável visibilidade do território envolvente (Pinto e Parreira, 1978, p. 147).

Na sequência da sua descoberta, o Centro Cultural Roque Gameiro efectuou recolhas de materiais e algumas sondagens no local, dirigidas por A. Gonzalez, que resultaram na identificação de uma escassa potência estratigráfica.

As escavações foram posteriormente continuadas, tendo sido abertas duas pequenas áreas perpendiculares ao talude da estrada nacional, que permitiram reconhecer estruturas positivas às quais, infelizmente, não foi possível atribuir uma cronologia ou funcionalidade específica (*Ibidem*).

Apesar disto, os materiais recolhidos permitiram a distinção de três horizontes cronológicos, concretamente do Calcolítico/Bronze Inicial, Bronze Final e Idade do Ferro (*Ibidem*). Este último foi identificado pela presença de cerâmica a torno, concretamente contentores anfóricos, cerâmica cinzenta e comum, uma conta de colar de pasta vítrea e fíbulas de bronze, de tipo anular hispânico. É deixada ainda em aberto a possibilidade de alguns recipientes de cerâmica manual pertencerem a esta fase de ocupação mais tardia, datada, *grosso modo*, entre o século V e IV a.C. (*Ibidem*).

Na área localizada a este deste local, recolheram-se, em prospecção, novas evidências materiais de uma ocupação pré-romana. Infelizmente, os trabalhos sumários de escavação aí realizados também não forneceram uma sequência estratigráfica (Encarnação, 2007).

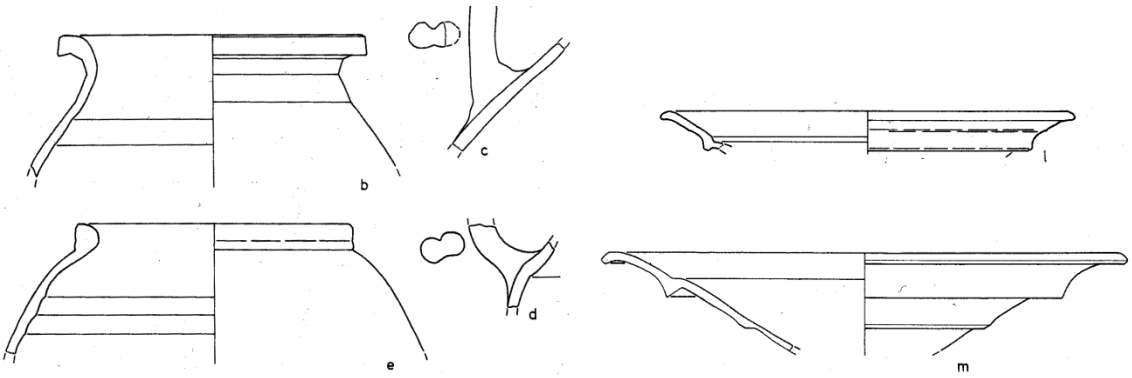


Fig. 13 – Cerâmicas da Idade do Ferro de Moinho da Atalaia Oeste (segundo Pinto e Parreira, 1978).

Na área localizada a este deste local, recolheram-se, em prospecção, novas evidências materiais de uma ocupação pré-romana. Infelizmente, os trabalhos sumários de escavação aí realizados também não forneceram uma sequência estratigráfica (Encarnação, 2007).

Funcionalmente, esta estação tem sido interpretada como um pequeno sítio de *habitat*, de provável cariz agrícola (Arruda, 1999-2000; Cardoso 2004).

A realização de inúmeras campanhas de prospecção levadas a efeito no concelho da Amadora, a partir dos inícios da década de 60 do século XX, em grande parte conduzidas por António Gonzalez, permitiu ainda a identificação de vários outros núcleos de povoamento da Idade do Ferro (Miranda *et al.*, 1999), como é o caso de Moinhos do Filipinho, Casal de Vila Chã Sul, Fiat – Alfragide e Alfragide Segundo Sul.

Também na Serra das Baútas, conhecido povoado calcolítico, foram identificados, em escavações de 1989/90 e de 2007, níveis datados do 1º milénio a.C. Todos estes sítios são estudados com maior profundidade em capítulo específico, descrevendo-se e discutindo-se então os tipos de implantação, condições topográficas concretas e materiais associados (*vide infra* 4.2.2. e 4.2.3.).

3.1.4. Concelho de Sintra

No concelho de Sintra, na freguesia de S. Pedro de Penaferrim, o povoado de Santa Eufémia proporcionou materiais integráveis no período proto-histórico.

O sítio está implantado num planalto a sudoeste do Monte de Santa Eufémia, tendo boas condições naturais de defesa e considerável visibilidade em alguns quadrantes. A área presumivelmente ocupada estende-se por cerca de 25000 m^2, não se observando vestígios de estruturas defensivas (Marques, 1982-83).

Os primeiros trabalhos no sítio, dirigidos por G. Marques, implicaram a limpeza e análise de um corte estratigráfico e recolhas de superfície de materiais arqueológicos. Entre estes, destaca-se a presença de contentores anfóricos, cerâmica comum a torno, cerâmica cinzenta e uma conta de colar de pasta vítrea, materiais que conduziram a uma proposta cronológica centrada no século IV a.C. (*Ibidem*).

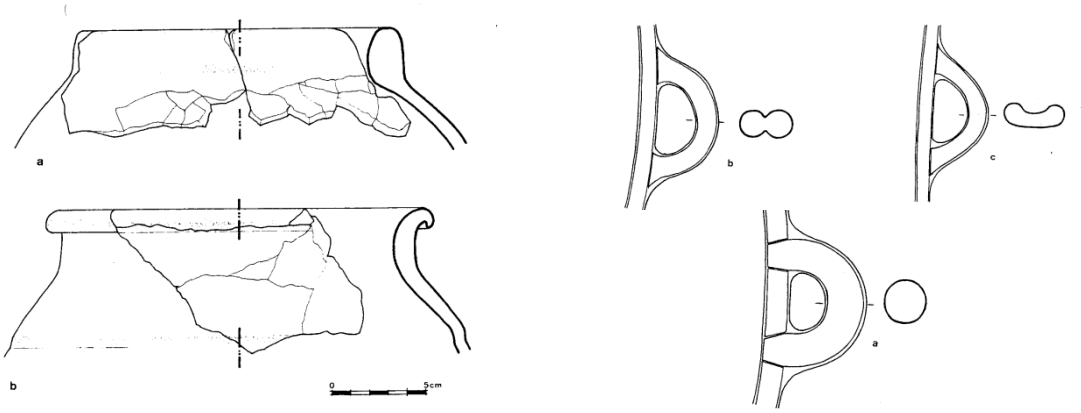


Fig. 14 – Cerâmicas da Idade do Ferro de Santa Eufémia (segundo Marques, 1982-83).

A caracterização funcional deste sítio não é ainda consensual. Enquanto alguns autores defendem uma função eminentemente agrícola integrada num sistema de povoamento rural (Cardoso, 2004, p. 259-260), outros assumem a possibilidade de este sítio se configurar como um "Lugar Central" com controlo político e administrativo do território envolvente (Arruda, 1999-2000).

Ainda na serra de Sintra, mas em outra elevação, destaca-se o Castelo dos Mouros, onde foi detectada uma longa diacronia de ocupação, desde o neolítico antigo até à época islâmica. As várias intervenções de terreno, que consistiram em escavações e

prospecções, em distintas áreas do mesmo sítio acabaram por resultar numa multiplicação de topónimos, Capela de São Pedro, São Pedro de Canaferrim, Castelo dos Mouros, Parque das Merendas, que, contudo, correspondem a um único sítio – Castelo dos Mouros. No decurso das escavações realizadas por Catarina Coelho e Teresa Simões, recolheu-se um fragmento de cerâmica grega e um fragmento de um vaso de pasta vítrea (Cardoso, 2004, p. 263), ambos provenientes de contexto secundário, concretamente, pelo menos o primeiro, da vala de um muro de uma casa islâmica (informação pessoal de Catarina Coelho, a quem agradecemos). Nas reservas do Museu de Odrinhas foi possível ainda identificar outros escassos materiais atribuíveis à Idade do Ferro (*vide infra* 4.3.2.).

Na década de 50 do século passado, E. C. Serrão e E. P. Vicente (1980) realizaram uma pequena escavação em Negrais, na freguesia de Almargem do Bispo, num sítio designado popularmente como "Sepultura do Rei Mouro". Os trabalhos permitiram por a descoberto um pequeno espaço edificado, de planta rectangular. O espólio associado é escasso, sendo composto por dois fragmentos de mó, cerâmica cinzenta, cerâmica manual e um cossoiro. A cronologia proposta para esta ocupação centra-se na segunda metade do 1º milénio (*Ibidem*).

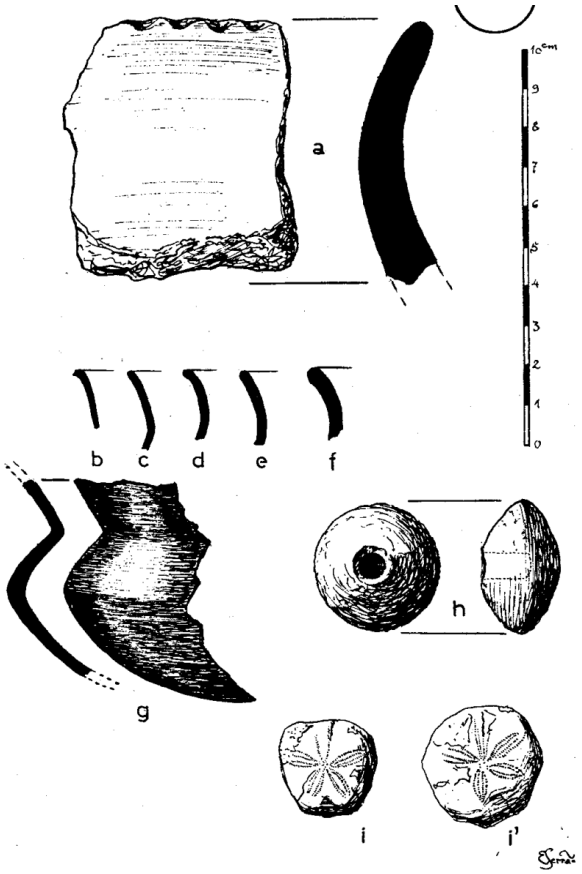


Fig. 15 – Materiais recuperados durante a escavação da "Sepultura do Rei Mouro" (segundo Serrão e Vicente, 1980).

Em capítulos específicos (*vide infra* 4.3.1. e 4.3.2.) trata-se os conjuntos artefactuais recolhidos nestes três sítios do concelho de Sintra.

3.1.5. Concelho de Cascais

Apesar da zona de Cascais se localizar já fora da área normalmente integrada no Estuário do Tejo, a presença de vestígios de ocupação pré-romana no concelho justificam a sua inclusão neste trabalho.

Este território demonstra, à semelhança dos casos anteriores, vários focos de ocupação pré-romana, sendo os mais conhecidos, até à data, os sítios do Espigão das Ruivas e de Freiria. De acordo com a carta arqueológica elaborada para a região (Cardoso, 1991), existem ainda outras estações arqueológicas com ocupação sidérica, como é o caso de Cabreiro I e II, Conceição da Abóboda Nascente, Miroiço, Cabeço do Mouro Nascente e Tires (*Ibidem*). Infelizmente, não existem dados concretos que permitam a caracterização ou sequer a confirmação da ocupação pré-romana destes locais.

A estação arqueológica do Espigão das Ruivas corresponde a uma pequena plataforma num esporão rochoso de altura considerável, junto ao Atlântico. O sítio foi alvo de alguns trabalhos de escavação, que permitiram detectar vestígios de uma estrutura pétrea, de planta rectangular, com vestígios de combustão no seu interior (Arruda, 1999-2000), e recolher alguns materiais cerâmicos. Atribuíveis à Idade do Ferro, de acordo com os autores que realizaram os trabalhos, são alguns fragmentos de cerâmica cinzenta e comum, que correspondiam a taças, ânforas e fragmentos de cerâmica manual. A escavação permitiu também recolher alguns materiais de cronologia romana imperial (Cardoso e Encarnação, 1993). Infelizmente, os materiais nunca foram publicados devidamente o que dificulta a atribuição de uma cronologia segura de ocupação.

Relativamente à funcionalidade, foi avançada a possibilidade de se tratar de um local de culto (*Ibidem*), hipótese que foi, contudo, contestada por outros investigadores, que defendem que, atendendo à implantação, área ocupada e vestígios encontrados, o sítio possa ter sido utilizado como um farol de apoio à navegação (Arruda, 1999-2000).

Freiria localiza-se na freguesia de São Domingos de Rana e implanta-se numa zona aplanada, sem condições naturais de defesa e com pouca visibilidade do território circundante. Os solos são, por outro lado, férteis e propícios à exploração agrícola. O local encontra-se ainda na proximidade de uma linha de água, a Ribeira de Freiria (Cardoso e Encarnação, 2000).

Estas características foram, seguramente, condicionantes da implantação, no local, de uma *villa* romana no séc. I d.C., intervencionada desde a década de 80 do século passado, sob a direcção de G. Cardoso e J. Encarnação. No decurso destas escavações arqueológicas, identificaram-se vestígios de ocupações anteriores, desde o Calcolítico até à Idade do Ferro, passando pelo Bronze Final.

Em várias áreas da *villa* romana, e também no espaço sepulcral a ela associado, descobriram-se artefactos e estruturas datáveis da fase sidérica. A nível arquitectónico, existem referências a conjuntos edificados da Idade do Ferro, de planta rectangular e circular, com pavimentos associados e ainda uma estrutura interpretada como uma muralha. Na margem direita da Ribeira de Freiria, existe referência a uma área considerada um *ustrinum*, que corresponderia à zona sepulcral pré-romana (*Ibidem*).

Entre os materiais associados a esta ocupação, destaca-se a referência a ânforas, cerâmica cinzenta, cerâmica manual, cerâmica pintada em bandas e cerâmica comum de cozedura oxidante. Apesar de os trabalhos até ao momento publicados não ilustrarem, praticamente, a nível gráfico, os materiais cerâmicos da Idade do Ferro de Freiria, os seus autores fazem referência a ânforas integráveis no tipo I-1 de Ribera Lacomba (1982). Ainda ao nível dos contentores anfóricos, a classificação de algumas ânforas de Freiria de acordo com os tipos I-6 e I-8 de Ribera Lacomba (*Ibidem*) poderá indicar a presença de exemplares que, morfologicamente, se aproximam de contentores ovóides característicos da segunda metade do 1º milénio a.C. No que se refere à cerâmica cinzenta, destaca-se um prato de perfil completo (*Ibidem*), cujas características morfológicas apontam já para uma integração nas fases mais tardias da Idade do Ferro.

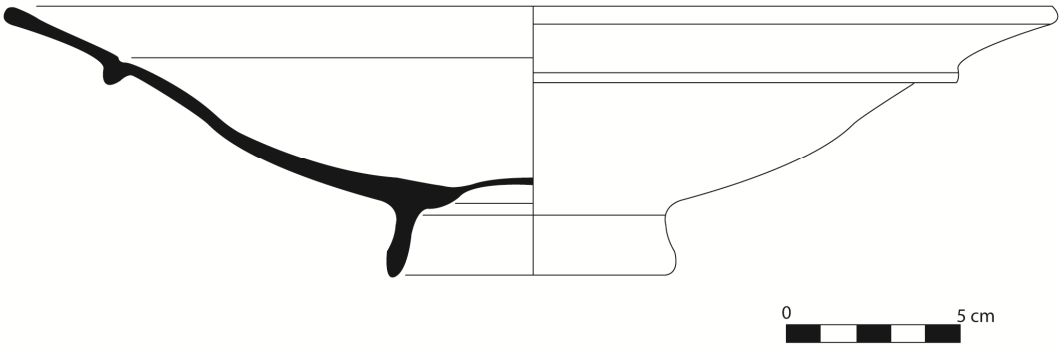


Fig. 16 – Prato de cerâmica cinzenta de Freiria (segundo Cardoso e Encarnação, 2000).

Nas poucas áreas da estação arqueológica onde foi possível identificar uma sequência estratigráfica da ocupação pré-romana, foi observado que a cerâmica manual aumenta consoante a profundidade (*Ibidem*).

Entre os materiais de carácter mais excepcional, cabe realçar, entre os bronzes, fechos de cinturão e uma empunhadura de um espeto decorada, com bons paralelos entre os achados no concelho de Cadaval e outros da zona meridional da Península Ibérica. Destaca-se ainda um alfinete de cabelo de prata, objectos de pasta vítrea (contas de colar), uma matriz cerâmica e um artefacto lítico interpretado como um prótomo de leão (Cardoso e Encarnação, 1995, 1996, 1998, 2000). Os materiais datáveis, concretamente os fechos de cinturão, do tipo Cerdeño DIII3 e EI, indiciam uma ocupação centrada entre os finais do século VI a.C. e a centúria seguinte (Cardoso e Encarnação, 2000).

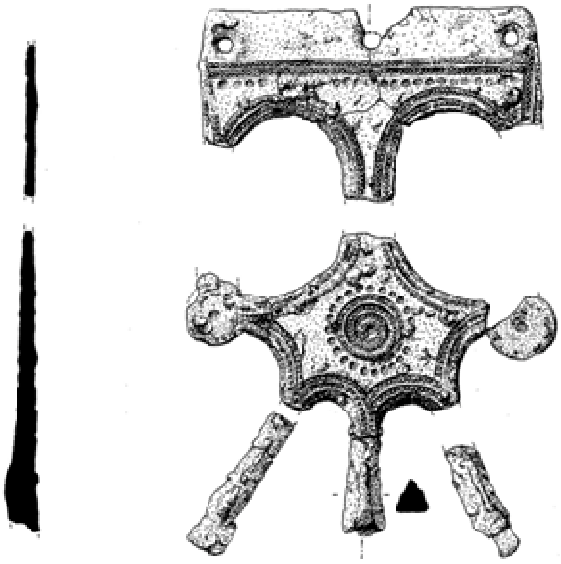


Fig. 17 – Fecho de cinturão de Freiria (segundo Cardoso e Encarnação, 2000).

É consensualmente aceite entre a comunidade científica a interpretação desta ocupação sidérica no âmbito da rede de povoamento rural em torno ao núcleo de Lisboa (Arruda, 1999-2000; Cardoso, 2004).

Ainda no concelho de Cascais, deve ainda referir-se a presença de alguns artefactos da Idade do Ferro recuperados na gruta de Poço Velho (Gonçalves, 2008). Correspondem a uma fíbula de tipo Acebuchal, um fragmento de uma fíbula anular hispânica e um provável fecho de cinturão. Recolheu-se ainda alguns fragmentos de cerâmica e um cossoiro que também poderão integrar esta cronologia. A presença destes materiais indiciam uma presença pré-romana nesse espaço, ainda que, provavelmente, ocasional e de carácter não permanente (*Ibidem*).

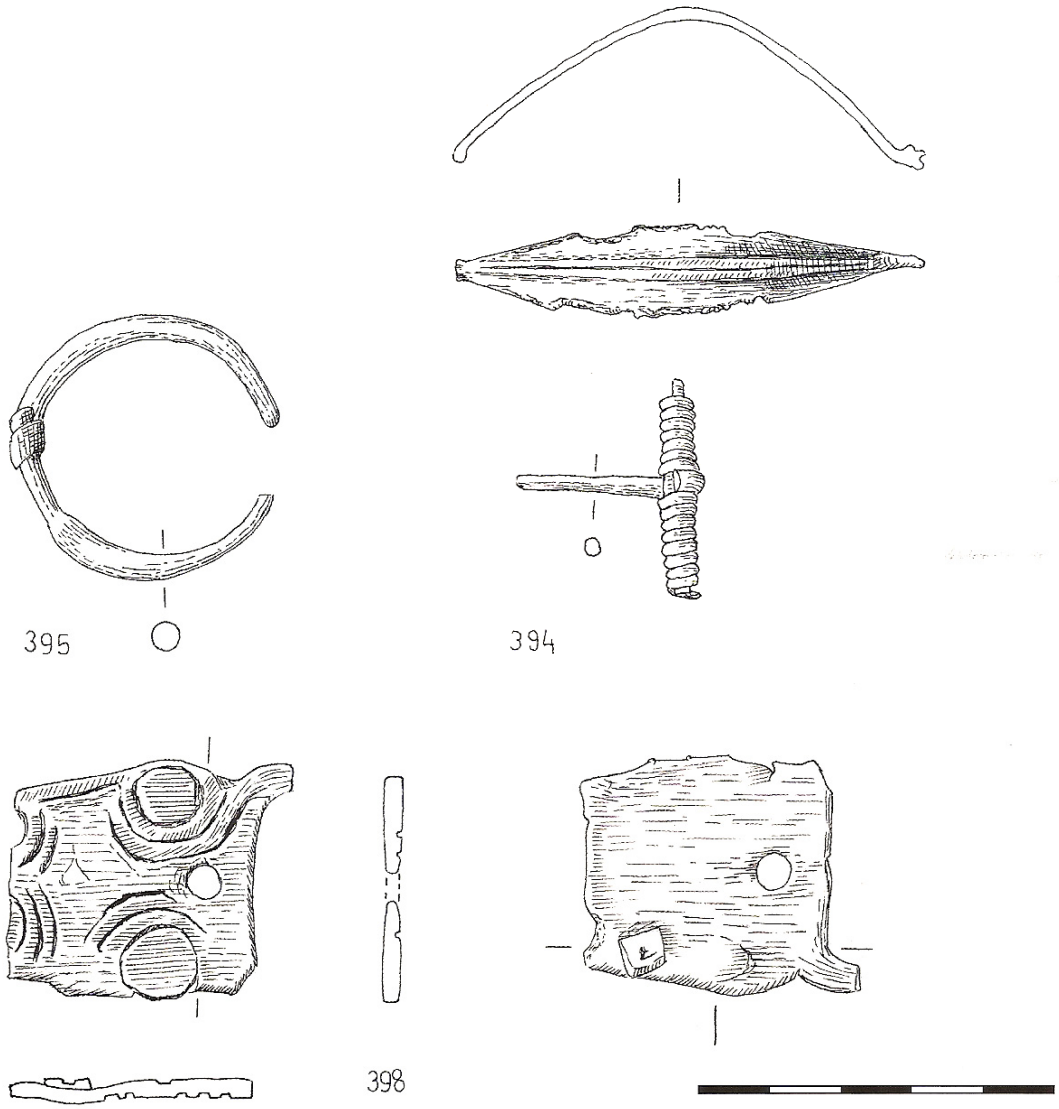


Fig. 18 – Fíbulas e fecho de cinturão da gruta de Poço Velho (segundo Gonçalves, 2008).

3.1.6. Concelho de Almada

Na margem esquerda do rio Tejo, na freguesia de Cacilhas, implantada sobre um esporão rochoso sobranceiro ao rio, com cerca de 50m de altura, situa-se a Quinta do Almaraz (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993, p. 143-144).

A sua localização geográfica e implantação topográfica permitem óptimas condições de defensibilidade e visibilidade sobre a área envolvente e, naturalmente, sobre o próprio

estuário (*Ibidem*; Barros, Sabrosa e Santos, 1994). É possível que a área de ante-praia de Cacilhas constituísse a sua área portuária durante a proto-história, hipótese que parece sustentada com alguns dados descobertos no decurso de intervenções arqueológicas, nomeadamente uma parede que poderá corresponder a um cais (Barros, 1998).

Trata-se de um povoado extenso com cerca de 6 ha, tendo-se calculando uma população com cerca de 1000 habitantes (Arruda, 1999-2000, p. 103).



Fig. 19 – Povoado da Quinta do Almaraz (fonte Google Earth).

Este sítio é, sem dúvida, um dos núcleos de povoamento mais importantes do Estuário do Tejo, tendo sido ocupado, pelo menos, desde o Bronze Final. Alguns dados indiciam ainda uma ocupação anterior do período calcolítico (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993).

Os indícios da ocupação da Idade do Bronze são, contudo, muito ténues, e não evidenciam uma continuidade com a ocupação sidérica. Limitaram-se à identificação, na sequência de trabalhos de prospecção, de uma concentração de cerâmicas manuais atribuídas ao Bronze Final (taças carenadas e vasos de colo alto) numa área onde não parece ter-se registado artefactos atribuíveis à Idade do Ferro (Barros, Sabrosa e Santos, 1994).

No decurso das diversas intervenções arqueológicas realizadas desde 1988, foi possível identificar várias estruturas de cariz habitacional e defensivo. Entre estas últimas,

destaca-se troços de duas linhas de muralhas, sendo ainda assumida a existência de uma terceira (Barros, 1998). Associado a algumas destas estruturas detectou-se ainda um fosso de perfil variável, "(…) podendo terminar em ângulo agudo, ter o fundo plano ou, ainda, possuir uma caleira no fundo." (Barros e Soares, 2004, p. 339). Identificaram-se cerca de 150 m do seu perímetro, tendo, em média, 6,5 m de largura e 3,5 m de profundidade. Presume-se que tenha sido utilizado apenas durante um curto período de tempo, e que a fase do seu enchimento tenha sido rápida, sendo avançada a proposta que este processo tenha sido realizado durante o século VII a.C., e que se justificasse na sequência do alargamento do perímetro ocupado para além da primeira linha de muralhas. Entre os materiais recuperados no âmbito da sua escavação, destaca-se um escaravelho egípcio e um fragmento de cerâmica grega, que foi considerado proto-coríntio, o que, segundo os autores, corroboravam a datação sugerida (*Ibidem*, p. 339). Contudo, uma reanálise do fragmento cerâmico resultou na sua reclassificação como um exemplar atribuível ao Coríntio Médio (Arruda, 2005b), cuja cronologia se baliza no primeiro quartel do século VI a.C., o que permite avançar o enchimento do fosso para esta mesma data, o que não é desmentido pela datação do escaravelho (Almagro Gorbea e Torres Ortiz, 2009b, p. 535).

As edificações habitacionais consistem em estruturas com um embasamento pétreo, sobre as quais se elevariam paredes construídas com tijolos de adobe, a julgar pelos abundantes fragmentos recolhidos (Barros, 1998). Os solos de ocupação associados apresentam uma matriz argilosa e poderiam estar equipados com estruturas de combustão construídas com fragmentos cerâmicos.

As diversas escavações arqueológicas permitiram ainda recolher materiais que permitem identificar alguns dos vectores económicos do sítio. É o caso, por exemplo, da actividade metalúrgica, atestada pela presença de fragmentos de cadinhos de fundição (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993, p. 154), e da produção cerâmica, induzida pela recolha de prismas. A presença de pesos cúbicos indicia ainda actividades transitivas de foro comercial e até, possivelmente, institucional.

Por outro lado, a documentação de pesos de rede, anzóis e fauna ictológica é expressiva, demonstrando que a pesca consistia numa actividade importante. O mesmo se aplica às actividades de recolecção marinha, a avaliar pela expressividade e diversidade da fauna malacológica (Barros, 1998).

A identificação de restos de grainhas de uvas pode ainda indiciar o cultivo de vinha na zona envolvente (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993).

O sítio forneceu ainda vários milhares de fragmentos cerâmicos, distribuídos por exemplares de cerâmica comum, cinzenta, de engobe vermelho, pintada em bandas e ânforas. Os materiais publicados até ao momento consistem, no entanto, apenas em pequenas amostragens de algumas áreas (*Ibidem*; Barros e Soares, 2004; Henriques, 2006).

Dentro das categorias integráveis na cerâmica de mesa, a cerâmica de engobe vermelho e a cerâmica cinzenta ocupam lugares privilegiados na Quinta do Almaraz, sendo as únicas categorias alvo de estudos mais pormenorizados (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993; Henriques, 2006). Infelizmente, esses estudos têm por base apenas amostras de contextos arqueológicos específicos, cuja própria sequência levanta algumas dúvidas. Como tal, os dados cronológicos que se podem extrapolar dos trabalhos realizados têm de ser utilizados com alguma precaução.

A maioria do material publicado é proveniente da escavação do quadrado Q.U45.3, no qual foi identificada uma fossa de detritos.

Uma das primeiras publicações desta realidade avança com alguns dados percentuais do espólio recolhido. Num quadro apreciativo genérico, os autores destacam a escassez da cerâmica manual, com 3,6% do conjunto. A cerâmica cinzenta corresponde a 17,8% do material, a cerâmica de engobe vermelho a 8,8%, e as ânforas, agrupadas, curiosamente com os vasos tipo *pithoi*, a cerca de 4%. Refere-se ainda que a cerâmica comum é maioritária, não especificando, contudo, o seu peso percentual. Infelizmente, não são especificados os critérios de quantificação utilizados, desconhecendo-se se esta estimativa parte do número total de fragmentos (classificáveis e inclassificáveis) ou se tem outro critério.

Entre os objectos metálicos, é destacada a presença, entre o material recolhido no quadrado Q.U45.3, de anzóis, agulhas, fíbulas e uma pinça. Os objectos de pasta vítrea também estão presentes, consistindo, sobretudo em contas de colar, sendo também referida uma outra "discóide em gomos, de vidro azul" (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993, p. 154-155). Entre os materiais de excepção, destaca-se ainda um fragmento de

bordo de um recipiente de alabastro e ainda os fragmentos de cadinhos, aos quais aludimos anteriormente.

Apesar da vasta dimensão dos dados recuperados em Almaraz, a caracterização do sítio e da sua evolução não resulta uma tarefa fácil. As discrepâncias entre os estudos publicados ao nível por exemplo das sequências estratigráficas, associadas ao desconhecimento da grande maioria dos conjuntos artefactuais que as escavações arqueológicas proporcionaram, tornam difíceis leituras consubstanciadas sobre a sua ocupação pré-romana.

Entre os dados publicados de complexa compreensão encontram-se as datações de radiocarbono que só recentemente foram associadas a espólios concretos (Barros e Soares, 2004). As datações foram efectuadas com base em amostras de ossos e conchas, provenientes de uma fossa de detritos, localizada no já referido quadrado Q.U45.3, que cortou o substrato geológico. Nessa área, definiram-se três momentos de ocupação, aos quais se pode associar alguns elementos da cultura material. Deve ainda referir-se que os autores assumem que a dita fossa foi alvo de um enchimento faseado no tempo (*Ibidem*, p. 339 e p. 344).

O contexto mais antigo, designado por Alm 11, corresponde a um estrato arqueológico que é cortado pela estrutura negativa anteriormente referida. Datações de radiocarbono realizadas sobre materiais provenientes deste nível permitiram balizar esta primeira ocupação entre finais do século IX a.C. e inícios da centúria seguinte. Os materiais arqueológicos associados consistem em pratos e taças carenadas de cerâmica de engobe vermelho, taças em calote e taças carenadas de cerâmica

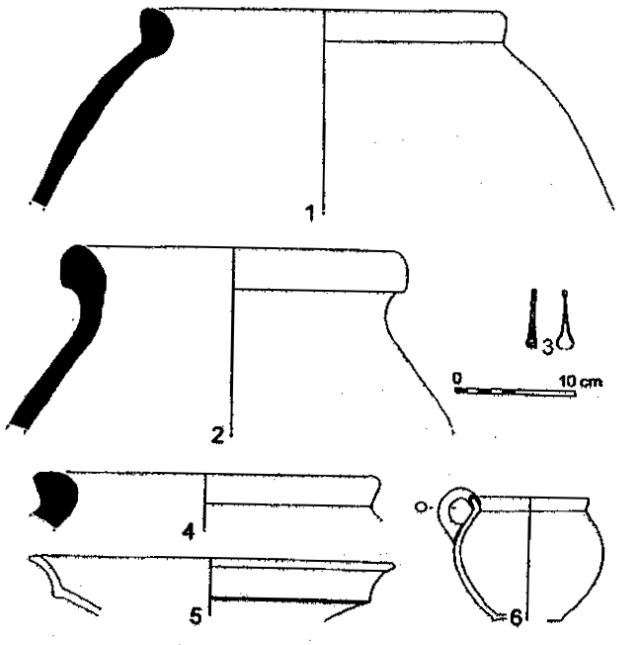


Fig. 20 – Materiais recolhidos no contexto Alm 11 (segundo Barros e Soares, 2004).

cinzenta, panelas fabricadas a torno lento com asa sobrelevada, ânforas classificadas de acordo com os tipos 2.1.1.1., 3.1.1.1. (sobre estas classificações ver *infra* 4.1.6) e 10.1.2.1. de Ramon Torres e ainda uma pinça de bronze (*Ibidem*, p. 344 e 345).

O nível arqueológico sucessivo, denominado Alm 12, consiste na primeira fase de enchimento da estrutura negativa. Também sobre a matéria orgânica aqui recolhida se realizaram datações de Carbono 14, proporcionando datas coincidentes com as anteriores. Entre o espólio artefactual recuperado, os autores destacam a presença de taças carenadas, uma de pé alto, e pratos de cerâmica de engobe vermelho, estes com larguras de bordo compreendidas entre os 30 mm e os 55 mm, para além de uma taça de pé alto, taças carenadas e em calote de cerâmica cinzenta, potes de cerâmica a torno lento e ânforas integráveis nos tipos 10.1.1.1. e 10.1.2.1. de Ramon Torres (*Ibidem*, p. 339 e 345).

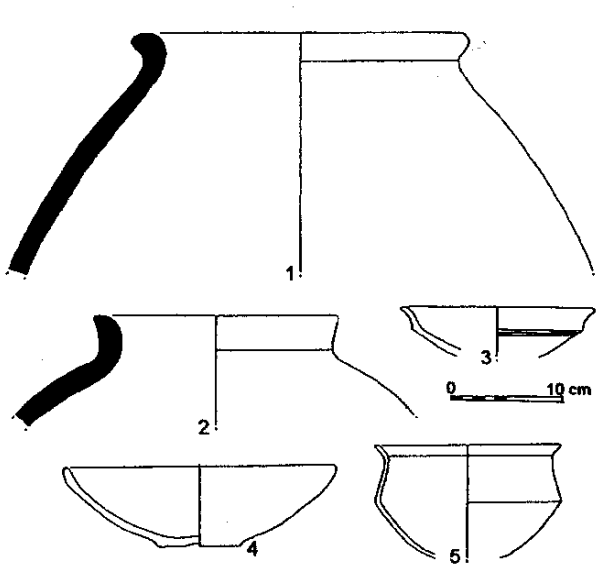


Fig. 21 – Materiais recolhidos no contexto Alm 12 (segundo Barros e Soares, 2004).

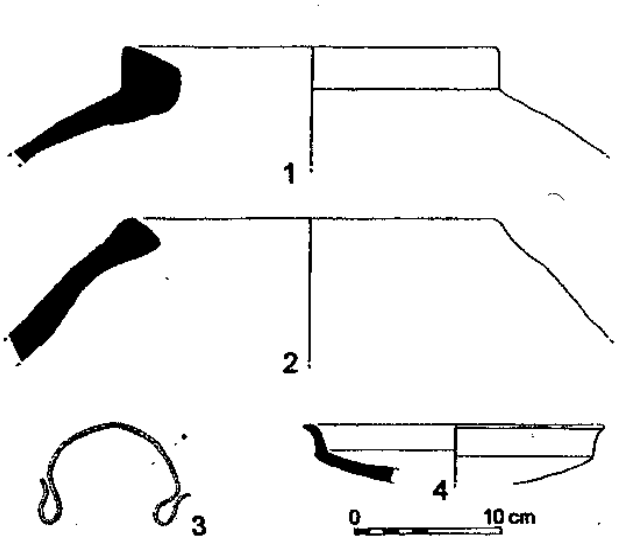


Fig. 22 – Materiais recolhidos no contexto Alm 6 (segundo Barros e Soares, 2004).

O contexto Alm 6 foi a designação dada à fase mais recente do enchimento da fossa. As datações de radiocarbono indicam um período compreendido entre o século V e

o século IV a.C. Os materiais recolhidos parecem ser, pela primeira vez, consistentes com esta datação, referindo-se um fragmento de cerâmica ática. Destaca-se ainda a presença de pratos de cerâmica de engobe vermelho, com larguras de bordo entre os 29 mm e os 76 mm, associados a taças carenadas e outras com pé da mesma categoria cerâmica, taças em calote de cerâmica cinzenta e ânforas do tipo 10.1.2.1. e 4.2.1.10 de Ramon Torres (*Ibidem*, p. 345). Não pode deixar de se estranhar a presença neste contexto, datado do século V/IV a.C., de ânforas de tipo 10.1.2.1, o que pode indiciar que o nível pode não ser primário, uma vez que contém espólios de várias épocas, ainda que todas da Idade do Ferro.

A perplexidade suscitada pelas associações entre as datações de radiocarbono e os conjuntos artefactuais apresentados, particularmente nos dois contextos mais antigos do quadrado U 45/3, já foi realçada (Arruda, 2005b). Também no decurso deste trabalho, alguns paralelismos que se puderam estabelecer com alguns dos materiais publicados da Quinta do Almaraz permitem, mais uma vez, discutir os parâmetros cronológicos apresentados para esta estação arqueológica.

Um outro problema relaciona-se com a sequência estratigráfica da própria fossa de detritos. As várias publicações que a referem não são coerentes entre si, como já foi, aliás, analisado por S. Henriques (2006, p. 37-40).

Um estudo geral efectuado sobre a cerâmica de engobe vermelho recolhida no contexto da fossa de detritos permitiu a identificação da forma P3d de Rufete Tomico, datável a partir do séc. VI a.C., que coexiste nos mesmos níveis dos pratos do tipo P1 e P2, que surgem a partir do séc. VIII a.C. (Arruda, 1999-2000, p. 104). As tigelas apresentam perfis hemisféricos e carenados. Os primeiros, escassamente representados, integram-se no tipo C4a e b, datáveis a partir da 2ª metade do séc. VII a.C. Nas taças carenadas distinguem-se dois tipos. Um corresponde à taça carenada mais estereotipada que pode apresentar um pé indicado. O outro apresenta uma carena acentuada, pé alto e paredes externas do corpo e pé com muitas caneluras e onde o fundo interno consiste numa depressão profunda, indiciando uma cronologia mais tardia. Identificaram-se ainda as formas V1 e V2 de Rufete Tomico e vasos de perfil troncocónico e cilíndrico, que, de acordo com A. M. Arruda podem corresponder a *pithoi* (1999-2000, p. 107). Este conjunto foi datado, *grosso modo*, do séc. VI a.C., cronologia que não corresponde às diferentes fases assinaladas pelas datações de radiocarbono.

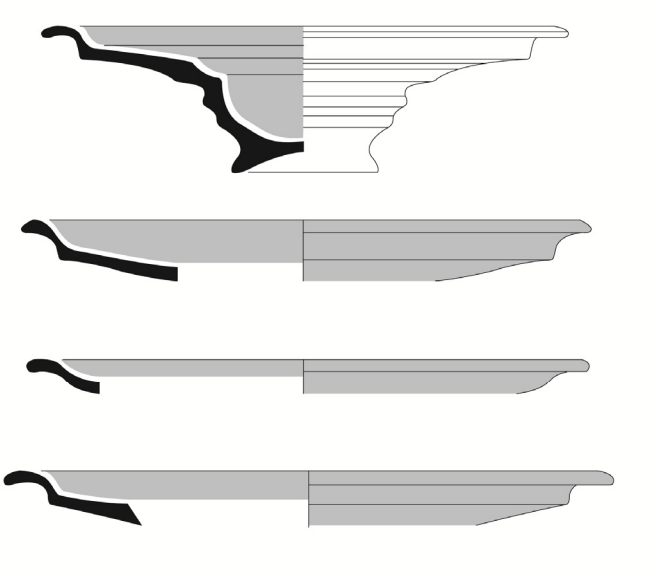


Fig. 23 – Taças de engobe vermelho de pé alto (segundo Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993).

Tendo em consideração estes dados, não é possível aceitar as associações propostas entre a cultura material e as fases cronológicas estabelecidas pelo radiocarbono. Os materiais recolhidos na Quinta do Almaraz devem ser analisados, até futuras clarificações, apenas numa perspectiva formal.

O sítio de Almaraz forneceu ainda dados importantes ao nível da dieta alimentar. Estudos efectuados por João Luís Cardoso com base em restos faunísticos recuperados no interior dessa mesma fossa de detritos demonstraram a expressividade das espécies domésticas (boi, ovicapridios, cavalo, burro doméstico) em relação às selvagens (coelho, javali, veado) (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993; Cardoso, 1996b, 2000). Estes dados parecem evidenciar que a pastorícia desempenharia uma actividade central na economia do povoado (Barros, 1998).

Sintetizando os dados anteriormente referidos, o povoado pré-romano da Quinta do Almaraz parece apresentar enormes potencialidades para o estudo da Idade do Ferro no Estuário do Tejo.

Ainda que não existam, até ao momento, materiais arqueológicos expressivos dos momentos arcaicos no quadro da colonização fenícia peninsular, as datações de radiocarbono indiciam, pela sua própria existência, uma ocupação arcaica do sítio.

Apenas as ânforas do tipo 10.1.1.1. de Ramon Torres poderiam corroborar uma ocupação correspondente. Deve, contudo, realçar-se que estas podem ainda estar também presentes em contextos do século VII a.C. Resta esperar por um estudo mais sistemático do conjunto artefactual recuperado durante as escavações, associado, preferencialmente, a um registo estratigráfico claro e coerente, que permita conhecer, com mais detalhe, a evolução da ocupação humana do local. Quanto a momentos posteriores, concretamente século V e IV a.C., a ocupação no sítio é evidenciada por fragmentos de cerâmica grega (Arruda, 1997, p. 87; Barros e Soares, 2004, p. 339). Contudo, até ao momento, estes materiais permanecem inéditos.

Apesar destes elementos, a mera publicação de algum do espólio exumado no sítio revela-se de grande importância para a definição da cultura material pré-romana do estuário do Tejo. A cerâmica de engobe vermelho e a cerâmica cinzenta, alvo de estudos um pouco mais sistemáticos, assim como alguns dos fragmentos de ânforas e de cerâmica comum forneceram paralelismos preciosos para os conjuntos analisados neste trabalho.

À semelhança do que ocorre na margem direita da foz do estuário do Tejo, também na margem esquerda é possível vislumbrar uma rede de povoamento secundária, formada por pequenos sítios, em torno ao povoado de Almaraz.

É o caso da estação arqueológica da Quinta da Torre, actualmente destruída. O sítio estava implantado numa zona aplanada, junto a uma linha de água (Cardoso e Carreira, 1997-1998, p. 189).

Trabalhos de prospecção e de simples recolhas de materiais realizados neste local permitiram reunir alguns fragmentos cerâmicos. Dos que podem ser adscritos à Idade do Ferro, destaca-se alguns fragmentos de cerâmica manual, cerâmica comum (grandes recipientes e jarros), cerâmica cinzenta (jarros, "púcaros" e formas acampanadas) e ânforas (Cardoso, 1996; Cardoso e Carreira, 1997/1998).

Esta ocupação tem sido interpretada como um pequeno núcleo de carácter rural (Cardoso, 1996).

A sudeste da Quinta do Almaraz, na freguesia da Cova da Piedade, identificaram-se outros vestígios da Idade do Ferro. Na Rua Manuel Febrero, no âmbito de trabalhos de

construção urbana, recolheram-se materiais de cronologia pré-romana, concretamente cerâmica de engobe vermelho, cerâmica pintada em bandas e alguma cerâmica manual, cujos estilos decorativos permitiam analogias com outros contextos sidéricos. Entre os materiais publicados, contam-se dois fragmentos de bordo de cerâmica manual com decoração incisa e um fragmento de bordo que poderá corresponder a um prato de bordo largo e aplanado (Sabrosa e Raposo, 1993).

Situação similar à anterior ocorreu na Quinta do Facho, na freguesia da Caparica, onde recolhas de materiais realizadas no âmbito de um projecto de urbanização também indiciam uma ocupação da Idade do Ferro do local. Entre as categorias cerâmicas recolhidas, conta-se a cerâmica de engobe vermelho, os contentores anfóricos e cerâmica a torno (Barros, 1998; Arruda, 1999-2000). A sua implantação é feita numa área pouco destacada na paisagem e a zona envolvente apresenta razoáveis potencialidades agrícolas (*Ibidem*).

Vestígios da cultura material pré-romana também foram identificados no curso da escavação das grutas artificiais de S. Paulo, destacando-se a cerâmica de engobe vermelho, a cerâmica cinzenta e as ânforas. É ainda referida a presença de um cossoiro de secção tronco-cónica e uma placa de arenito (Barros e Santos, 1997).

A interpretação funcional deste local centra-se na possibilidade de se tratar, dadas as suas características, de um abrigo ou acampamento temporário dependente de actividades económicas pontuais. (Barros, 1998; Barros e Santos, 1997). Os dados que suportam esta proposta baseiam-se na identificação, no decurso de escavações arqueológicas aí realizadas, de áreas de combustão associadas a cerâmicas pré-romanas e abundantes restos faunísticos. Entre as informações disponíveis sobre o local, destaca-se a referência da exclusividade das produções cerâmicas a torno. A cronologia proposta para esta ocupação centra-se entre os séculos VII e VI a.C., de acordo com paralelismos estabelecidos com a Quinta do Almaraz (*Ibidem*).

Tal como ocorre na outra margem do Tejo, considera-se que Almaraz corresponde a um grande povoado central em torno do qual se articulam centros de pequena dimensão ou casais agrícolas, como é o caso das estações da Rua Manuel Febrero (Cova da Piedade) e da Quinta do Facho (Caparica) (Barros, 1998, p. 38; Arruda, 1999-2000). Contudo, as duas situações são distintas, na medida em que os solos desta última região apresentam

um limitado potencial agrícola que, contudo, poderia ser suficiente para justificar a sua exploração (Cardoso e Carreira, 1997-1998).

A articulação destes sítios de menores dimensões foi relacionada com a continuidade de estratégias de ocupação do território cuja origem remonta à Idade do Bronze (Cardoso, 1990). Apesar de ser uma proposta válida, seria necessário confirmar a continuidade desta ocupação nos diversos sítios, tarefa dificultada pela destruição de muitos deles e pela escassez de dados disponíveis em outros, que permitam confirmar não só cronologias, mas também funcionalidades.

3.2. O curso médio do Estuário do Tejo

Novos dados sobre a ocupação pré-romana do Estuário do Tejo têm sido descobertos na área de Vila Franca de Xira. Trabalhos de prospecção e de escavação realizados pelos arqueólogos da Câmara Municipal têm revelado a existência de uma malha de povoamento consideravelmente densa durante a Idade do Ferro.

Entre os sítios descobertos, destaca-se o povoado de Santa Sofia, uma vez que foi o único alvo de escavação, que foi já publicada (Pimenta e Mendes, no prelo). Implanta-se num vale abrigado, a meia encosta, com boas condições de visibilidade para o rio, próximo de cursos de água e de solos com boas potencialidades agrícolas (*Ibidem*).

As escavações realizadas, numa área de cerca de 100 m^2, permitiram por a descoberto um núcleo de povoamento cuja origem remonta ao Bronze Final e que se mantém ocupado

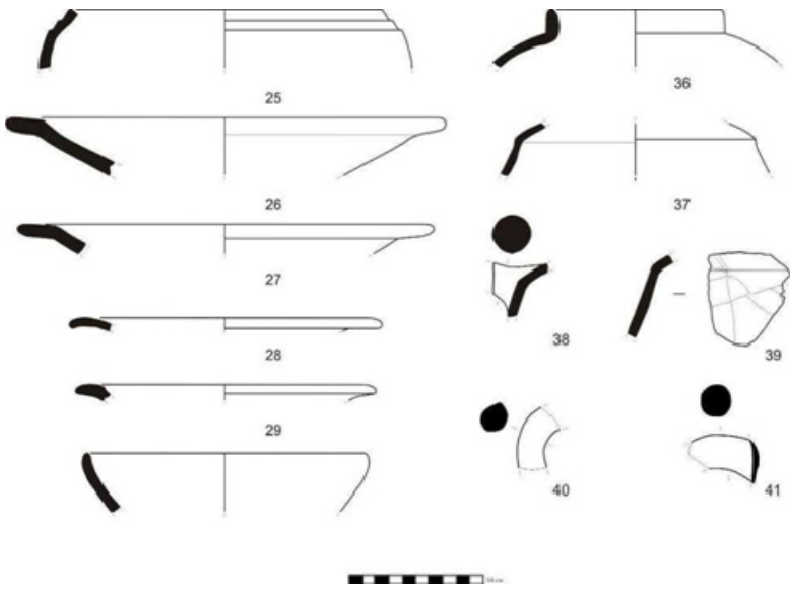


Fig. 24 – Materiais orientalizantes do povoado de Santa Sofia (segundo Pimenta e Mendes, no prelo, modificado).

durante as primeiras centúrias do período orientalizante. As estruturas identificadas, que parecem servir ambas fases de ocupação, consistem em estruturas de planta elipsoidal (*Ibidem*).

O espólio de cronologia sidérica corresponde a cerâmica de produção manual, escassas cerâmicas de engobe vermelho e pintadas em bandas (*pithoi*), cerâmica cinzenta e ânforas dos tipos 10.1.1.1 e 10.1.2.1 de Ramon Torres. Estes dados permitem balizar a ocupação da Idade do Ferro num momento centrado no século VIII/VII a.C. (*Ibidem*), cronologia que em meu entender pode colocar-se mais na última centúria.

A funcionalidade proposta para este espaço está também relacionada com a exploração de recursos agrícolas (*Ibidem*).

O elemento controverso nos dados obtidos está relacionado com a datação de radiocarbono de uma amostra retirada destes níveis que, calibrado a dois sigmas, indica um intervalo de tempo entre 774 e 531 a.C. (*Ibidem*). É caso inédito na arqueologia da Idade do Ferro peninsular, uma vez que as datações obtidas para estes momentos antigos apresentam sistematicamente uma discrepância de cerca de cem anos entre a cronologia tradicional, fornecida pela análise dos espólios artefactuais, e a cronologia radiométrica, sendo esta sempre anterior (Arruda, 1999-2000, 2005a). Esta evidência de Santa Sofia seria, assim, um caso único, em que a cronologia dos materiais cerâmicos se enquadraria na baliza temporal fornecida pelas análises laboratoriais, sobretudo quando estas foram realizadas sobre conchas.

Ainda na área de Vila Franca de Xira, trabalhos de prospecção realizados no Vale do Rio Grande da Pipa permitiram a identificação de outros núcleos com ocupação pré-romana.

É o caso da estação da Quinta da Marquesa II, localizada num terraço quaternário de encostas suaves, com boa visibilidade em direcção ao Tejo e próxima de uma linha de água (Pimenta e Mendes, no prelo).

Neste sítio, recolheram-se, em prospecção, materiais que, segundo os autores, indiciam uma ocupação em torno a finais do século VIII a.C. e a centúria seguinte. Correspondem a cerâmica manual, *pithoi* pintados em bandas, cerâmica de engobe vermelho (forma P1 de Rufete Tomico), cerâmica cinzenta, uma trípode e ânforas integráveis no tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres. A recolha, no local, de elementos

classificados como prismas permite ainda pressupor a existência de uma actividade oleira no local. Uma vez mais uma datação do século VII ou mesmo do VI parece mais adequada.

A interpretação funcional da Quinta da Marquesa tem sido relacionada, consequentemente, com um carácter industrial, presumindo-se, inclusive, uma presença de populações de origem oriental (*Ibidem*).

Na Quinta da Carapinha I, localizada numa área um pouco mais interior, numa encosta de pendente suave, sem defensibilidade natural, e com boa visibilidade para o Rio Grande da Pipa, recolheram-se indícios materiais que apontam para uma ocupação entre o Bronze Final e meados do I milénio a.C. Integráveis na fase sidérica, destaca-se a presença de ânforas classificadas pelos autores de acordo com os tipos 10.1.2.1. e 1.3.2.4. de Ramon Torres (*Ibidem*).

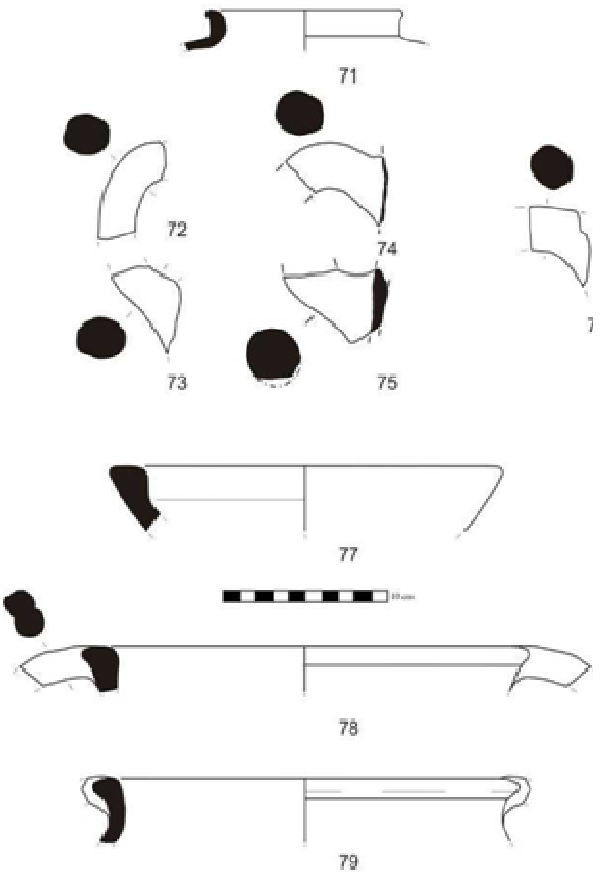


Fig. 25 – Materiais orientalizantes da Quinta da Marquesa II (segundo Pimenta e Mendes, no prelo, modificado).

Outra estação identificada no decurso dos trabalhos de prospecção, designada de Casal da Mó, está também implantada numa pendente suave junto ao Rio Grande da Pipa. Os materiais recolhidos à superfície parecem indiciar uma ocupação do Bronze Final à qual se seguiu uma fase da Idade do Ferro centrada entre o século VI e o século V a.C. Os materiais que permitiram aferir esta cronologia correspondem a um bordo de ânfora classificado pelo tipo 1.2.3.4. de Ramon Torres (*Ibidem*).

Um último sítio com ocupação pré-romana identificado na zona envolvente à actual Vila Franca de Xira é denominado de Castro do Amaral. Apesar de ter sido identificada nos inícios do século XX, pouco se conhecia sobre a sua ocupação sidérica, à excepção da analogia de alguns materiais com as cerâmicas que Gustavo Marques e Gil Miguéis

de Andrade designavam como de tipo Santa Olaia (Andrade, 1973). Corresponde a uma implantação em altura, com cerca de 290 m de altitude, com boas condições naturais de defensibilidade e de visibilidade. Manifesta evidências de ocupação no período calcolítico, Bronze Pleno e Final, Idade do Ferro e época romana.

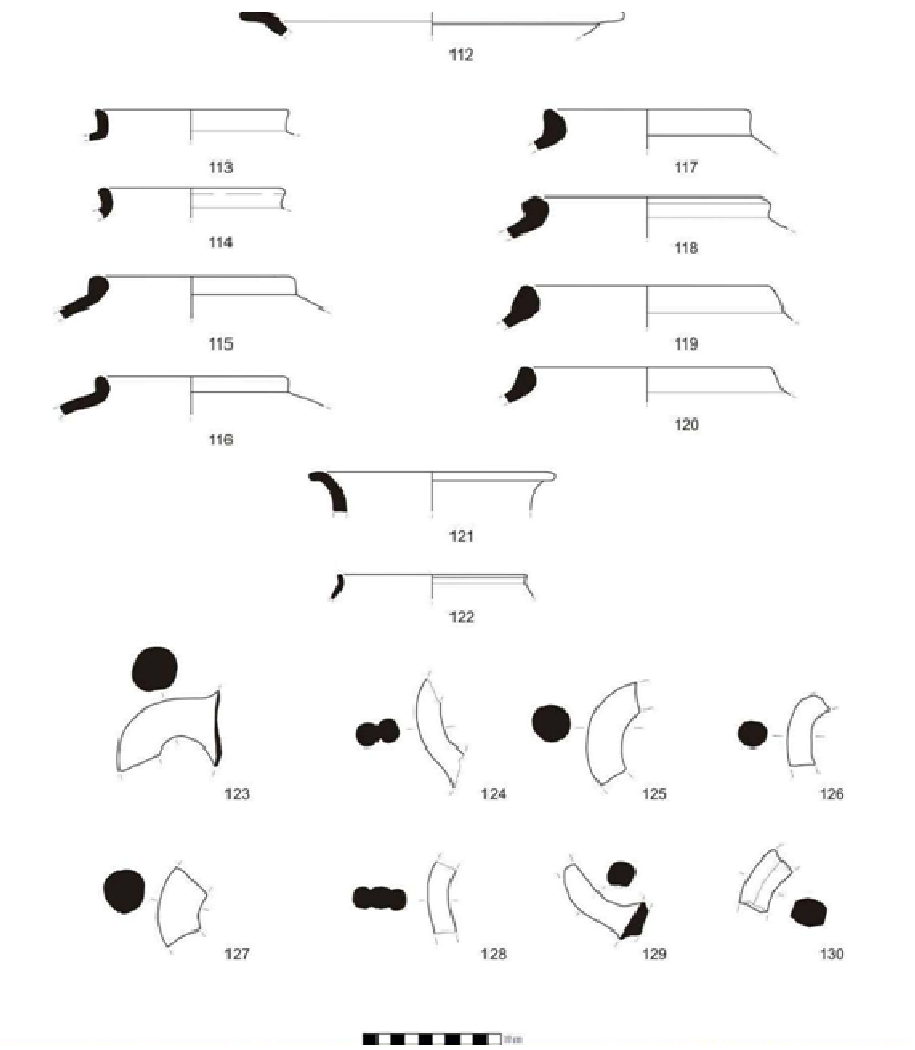


Fig. 26 – Materiais pré-romanos do Castro do Amaral (segundo Pimenta e Mendes, no prelo).

A existência de estruturas amuralhadas no local já tinha sido detectada anteriormente, delimitando um perímetro de cerca de quatro hectares (Marques e Andrade, 1974; Pimenta e Mendes, no prelo).

Segundo Pimenta e Mendes, a fase sidérica iniciar-se-ia em torno a meados do século VIII a.C., atestando-se a presença de *pithoi* e contentores anfóricos integráveis nos tipos 10.1.1.1. e 10.1.2.1. de Ramon Torres. Outros fragmentos de ânforas, classificados pelos autores no tipo Mañá Pascual A4, concretamente na variante 11.1.1.1. de Ramon

Torres, indiciavam uma ocupação mais tardia, situada em torno a meados do I milénio a.C. (*Ibidem*). Uma datação do século VII a.C. parece mais adequada para o início da ocupação deste sítio, se tivermos em consideração os materiais publicados.

Assim, na zona média do Estuário do Tejo parece ocorrer uma estratégia de ocupação território similar à verificada na foz, diferindo, contudo, claramente em termos cronológicos (*Ibidem*). A maioria dos sítios identificados integra-se ainda no período orientalizante, com cronologias centradas, provavelmente a partir do século VII e o século VI a.C. Esta antiguidade na ocupação sidérica pode, efectivamente, manifestar uma linha de continuidade entre as ocupações do Bronze Final e a Idade do Ferro, estruturando-se os sítios de menores dimensões em função de povoados de maior importância como poderia ser, por exemplo, o Castro do Amaral (*Ibidem*). A permanência desta ocupação verifica-se, pelo menos, até meados do 1º milénio a.C., como se verifica nas estações de Quinta Carapinha I, Casal da Mó e Castro do Amaral.

3.3. O fundo do Estuário do Tejo

A inclusão da área norte do Estuário do Tejo é aqui justificada justamente pela facilidade de penetração e, consequentemente, de contactos, com a zona da foz.

Nesta área, destaca-se a Alcáçova de Santarém, implantada num planalto destacado, sobranceiro ao rio Tejo, com cerca de quatro hectares. As suas encostas são escarpadas, sendo o acesso mais facilitado a norte. O sítio tem uma óptima visibilidade sobre a planície aluvial do Tejo e o restante território envolvente (Arruda, 1999-2000).

As escavações sistemáticas no local, dirigidas por A. M. Arruda e posteriormente também por C. Viegas, iniciaram-se em 1983. O sítio apresenta uma ocupação humana praticamente contínua, destacando-se os vestígios abundantes do período romano e islâmico (Arruda, 1993, p. 193-194).



Fig. 27 – Alcáçova de Santarém (segundo Arruda, 1999-2000).

Os níveis arqueológicos da Alcáçova de Santarém atribuíveis à Idade do Ferro foram, infelizmente, muito afectados pelas construções posteriores, especialmente as do período islâmico. Mesmo assim, em algumas áreas, foi possível detectar vestígios arquitectónicos pré-romanos, concretamente estruturas habitacionais de planta rectangular associadas a pavimentos constituídos por empredrados, calcário moído e argila ou terra batida e zonas de combustão revestidas por fragmentos cerâmicos (*Ibidem*, p. 195). Um dos espaços intervencionados permitiu uma leitura estratigráfica contínua desde o séc. VIII a.C. até ao período romano.

A evolução da cultura material parece ser contínua, quer a nível morfológico como tecnológico (*Ibidem*, p. 197). Os níveis mais antigos, atribuíveis às primeiras centúrias da ocupação de cariz orientalizante (século VIII-VI a.C.), estão caracterizados pela presença de *pithoi*, cerâmica de engobe vermelho, cerâmica cinzenta, cerâmica comum e também cerâmica manual. As fases mais tardias, datáveis do século IV e III a.C., permitiram a recolha de cinco fragmentos de cerâmica ática (de inícios do séc. IV a.C.). Nestes níveis destaca-se o desaparecimento das produções manuais, a diminuição e alteração das tonalidades dos engobes vermelhos, que se tornam progressivamente mais escuros, e a permanência da cerâmica cinzenta no conjunto artefactual, que atinge,

inclusive, os níveis romanos. A cerâmica comum torna-se, nestes momentos, a categoria mais abundante do espólio recuperado (*Ibidem*; *Idem*, no prelo a).

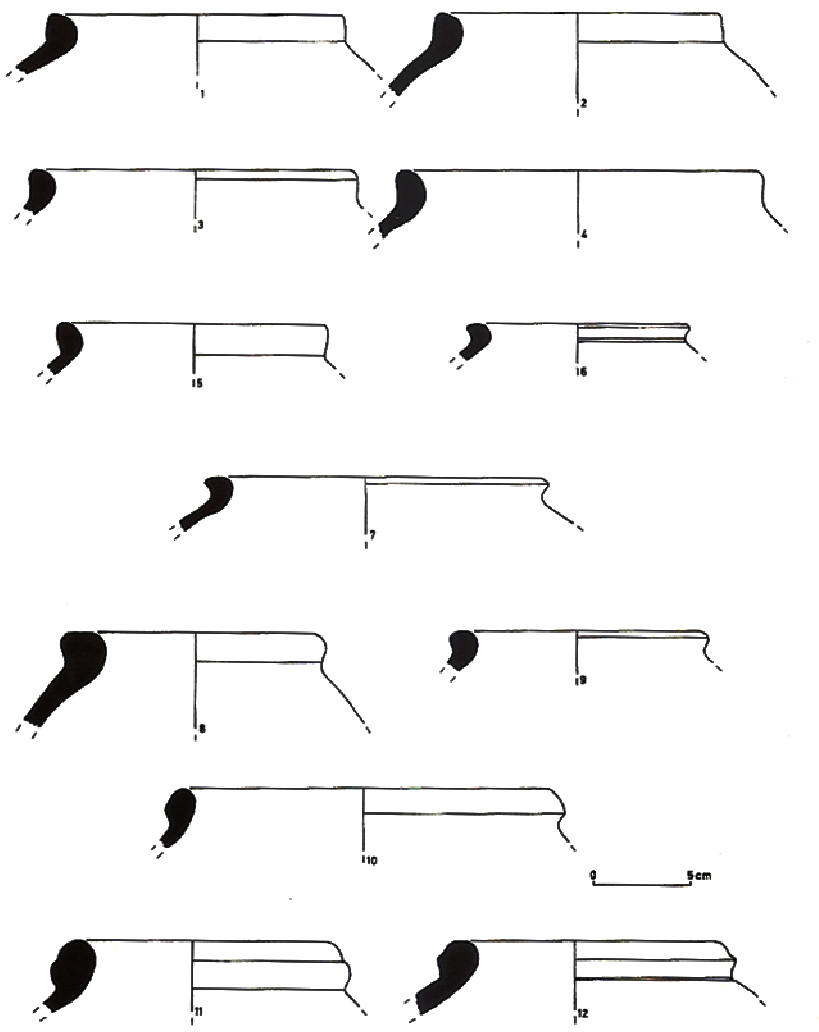


Fig. 28 – Ânforas pré-romanas da Alcáçova de Santarém (segundo Arruda, 1999-2000).

Um outro sítio do interior do estuário do Tejo é Chões de Alpompé, que é mais conhecido pela sua ocupação romana, concretamente republicana. Localizado a cerca de um quilómetro da margem direita do rio e a norte da Alcáçova de Santarém, ocupa um amplo planalto que lhe confere uma óptima visibilidade sobre o território envolvente (Diogo, 1993, p. 215).

No conjunto dos materiais recolhidos à superfície, destaca-se, entre os fragmentos do período pré-romano, uma asa de uma *kylix* (Zbyszewski, Ferreira e Santos, 1968, p. 51),

que pressupomos que possa corresponder a um fragmento de cerâmica grega. As ânforas recuperadas foram alvo de uma publicação mais pormenorizada (Diogo, 1993). Entre as que são integráveis no período pré-romano, realça-se a presença de exemplares integráveis claramente no período orientalizante, concretamente as do tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres, sendo outras de fases sidéricas mais tardias. Estes dados indicam que a ocupação da Idade do Ferro se inicia ainda no período orientalizante, perdurando, possivelmente, até à chegada de contingentes militares romanos.

Na outra margem do Tejo, no concelho de Salvaterra de Magos, foi recentemente relocalizado outro sítio proto-histórico. Corresponde ao Porto de Sabugueiro, localizado na freguesia de Muge (Pimenta e Mendes, 2008). Está implantado numa zona plana, junto ao rio, com boa visibilidade para a Alcáçova de Santarém. Era já conhecida a sua ocupação romana (Alarcão, 1987), bem como alguns artefactos da Idade do Ferro, especialmente dois escaravelhos egípcios, datáveis entre meados do século VII a.C. e a centúria seguinte (Pereira, 1975; Almagro-Gorbea Torres Ortiz, 2009b).

Os trabalhos arqueológicos realizados em fases mais recentes permitiram recolher novos dados sobre o sítio. Apesar de, até ao momento, se limitarem a prospecções do terreno, permitiram identificar, a cerca de um quilómetro da área romana, um núcleo com ocupação da Idade do Ferro. A densa dispersão de materiais ocupava cerca de 1 ha. (Pimenta e Mendes, 2008).

Entre os materiais recolhidos, destaca-se uma quantidade impressionante de contentores anfóricos, que ultrapassa mais de uma centena de fragmentos de bordo. Entre as formas identificadas destaca-se a presença de ânforas do tipo 10.1.2.1 de Ramon Torres que, associada à presença de urnas tipo Cruz del Negro, *pithoi* e cerâmica de engobe vermelho permitem depreender uma ocupação durante a primeira metade do I milénio a.C. A maioria do espólio recuperado é datável, contudo, de momentos mais avançados, concretamente a partir do século V a.C. Entre as ânforas, destacam-se fragmentos classificados de acordo com o tipo 1.3.2.4., tipo B/C e tipo D de Pellicer e tipo Mañá Pascual A4, concretamente das variantes mais tardias (série 12 de Ramon Torres). Também integrável nestes momentos mais tardios é a maioria dos fragmentos de cerâmica comum e de cerâmica cinzenta. O sítio regista ainda uma ocupação do período romano republicano (*Ibidem*).

O povoamento no interior do Estuário do Tejo tem sido analisado como uma situação diferenciada em relação à zona da foz. Apesar de se assumirem, naturalmente, contactos entre as duas áreas, as diferenças entre os conjuntos artefactuais permitem individualizar dois quadros distintos, possivelmente com implicações político-administrativas. O território dominado por Santarém seria autónomo da realidade observada na foz do Estuário (Arruda, 1999-2000).

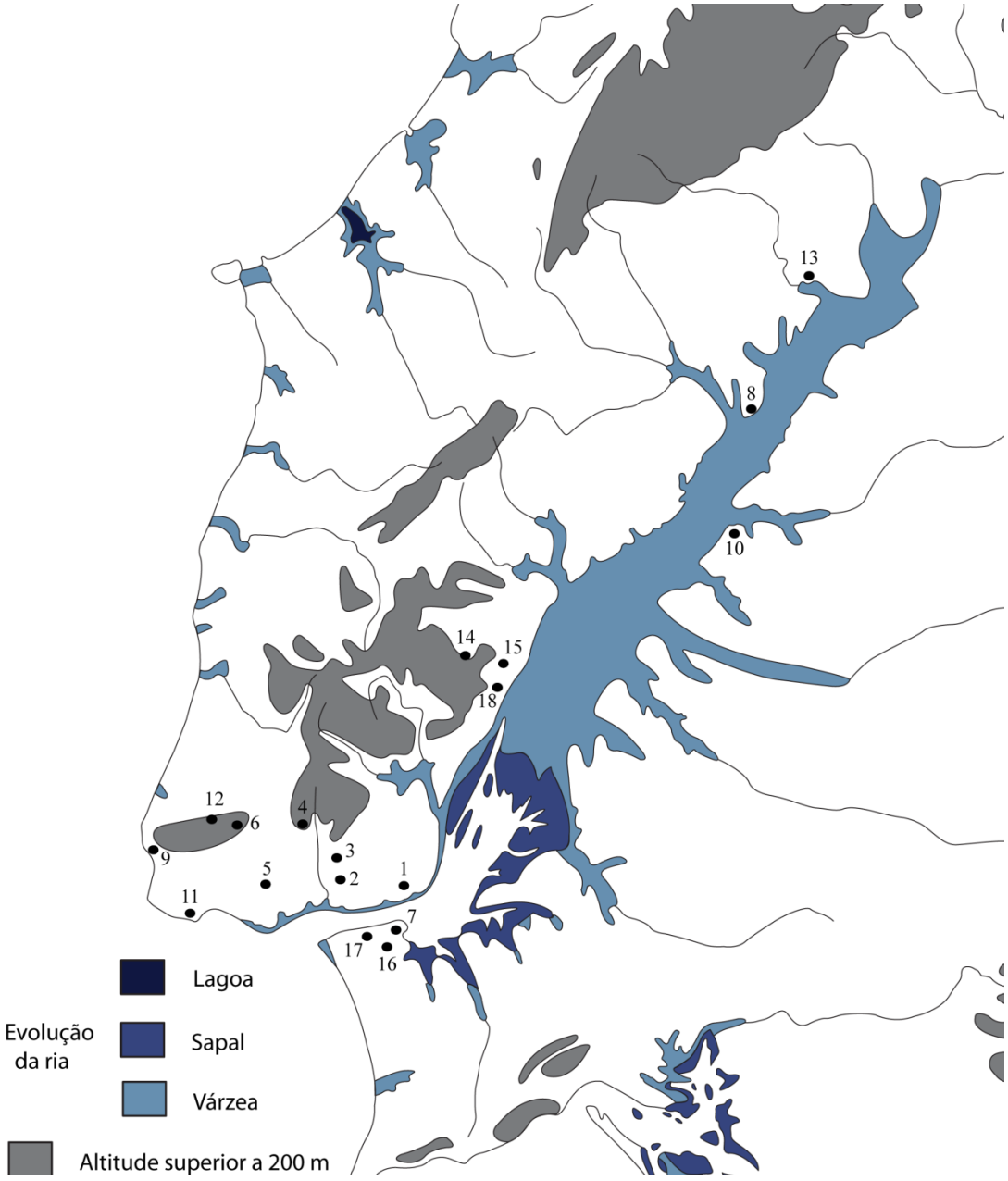


Fig. 29 – Localização aproximada das principais estações arqueológicas da Idade do Ferro no antigo Estuário do Tejo (base cartográfica de Daveau, 1994). 1 – Lisboa; 2 – Outorela I e II; 3 – Moinho da Atalaia Oeste; 4 – Baútas; 5 – Freiria; 6 – Santa Eufémia; 7 – Almaraz; 8 – Santarém; 9 – Espigão das Ruivas; 10 – Muge; 11 – Grutas do Poço Velho; 12 – Castelo dos Mouros; 13 – Chões de Alpompé; 14 – Castro do Amaral; 15 – Quinta da Marquesa II; 16 – Cova da Piedade; 17 – Quinta do Facho; 18 – Povoado de Santa Sofia.

4. A Idade do Ferro na foz do Estuário do Tejo: sítios e materiais

Um estudo aprofundado sobre os sítios arqueológicos datáveis em torno a meados do 1º milénio a.C. é um dos componentes principais deste trabalho.

A análise integral das condições de implantação dos núcleos de povoamento desse período, associada aos dados estratigráficos disponíveis e, naturalmente, ao espólio artefactual, é essencial para a caracterização das comunidades que habitaram na fachada ocidental da costa atlântica portuguesa.

A selecção das estações arqueológicas a estudar com detalhe esteve condicionada por factores de vária natureza, relacionados com o trabalho em progresso de outros investigadores, a acessibilidade a conjuntos artefactuais específicos e à própria natureza dos trabalhos arqueológicos realizados.

Na área urbana de Lisboa, o único sítio que reunia as condições necessárias para realizar um estudo integral da sua ocupação pré-romana corresponde à Rua dos Correeiros.

No concelho da Amadora, a total disponibilidade concedida pela Câmara Municipal e pela Associação de Arqueologia da Amadora (ARQA) permitiu a análise de toda a documentação e espólio recolhido nas estações arqueológicas pré-romanas localizadas na sua área.

Idêntica situação ocorreu no concelho de Sintra, tendo a direcção do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas possibilitado o acesso a todos os conjuntos artefactuais datáveis da Idade do Ferro que têm em depósito.

Estes sítios são, assim, alvo de um estudo mais detalhado, sendo apresentados todos os dados recolhidos sobre os trabalhos arqueológicos realizados, as observações de natureza estratigráfica obtidas e, sobretudo, a caracterização pormenorizada dos conjuntos artefactuais associados.

Os dados obtidos são, posteriormente, interpretados em conjunto com as informações disponíveis para outras áreas, localizadas quer na foz do Estuário do Tejo, quer no seu curso médio e interior.

4.1. Lisboa - Rua dos Correeiros

4.1.1. Enquadramento geográfico

O sítio arqueológico Rua dos Correeiros encontra-se localizado na actual cidade de Lisboa, na área designada Baixa pombalina, concretamente na freguesia de Santa Justa. Actualmente, o espaço está integrado na sede do Banco Comercial Português.



Fig. 30 – Localização das escavações arqueológicas realizadas na Rua dos Correeiros (fonte Google Earth).

Na Antiguidade, esta zona seria um " (…) vale ao longo do qual corria um braço de rio, que se presume navegável até à Idade Média. Este vale teria, na margem Oeste, um aspecto mais abrupto, devido à presença do morro de São Francisco e a Este, a aparência de uma praia mais suave e larga." (Bugalhão, 2001: 15). A sul, encontra-se o rio Tejo, elemento estruturante da paisagem.

A implantação da estação arqueológica teria assumido um carácter claramente periférico em relação ao que se presume ser o principal centro da cidade pré-romana, que se localizaria, muito provavelmente, no morro do Castelo de São Jorge. Assim sendo, a sua visibilidade estaria muito condicionada pela paisagem envolvente, apresentando apenas melhores condições em relação ao estuário do Tejo. A cota baixa da sua implantação,

associada à sua proximidade em relação ao rio, sugere uma função eminentemente portuária para o espaço sidérico.

O substrato geológico desta área caracteriza-se pela presença de depósitos aluvionares que cobrem os sedimentos miocénicos que compõem a rocha de base (*Ibidem*, p. 15).

4.1.2. Síntese das intervenções arqueológicas

Os resultados dos trabalhos arqueológicos, realizados entre 1991 e 1995, na Rua dos Correeiros, na Baixa Pombalina, foram já parcialmente apresentados pela directora científica da escavação, Dra. Jacinta Bugalhão, que deu particular ênfase ao complexo fabril romano (2001) e aos contextos de época islâmica (2008).

Estas intervenções arqueológicas surgiram em consequência de um projecto de remodelação do espaço de um conjunto de edifícios adquiridos pelo Banco Comercial Português (BCP). Os primeiros resultados desses trabalhos justificaram o planeamento de um programa de musealização do espaço, posteriormente traduzido na criação de um núcleo arqueológico (AAVV, 1995). Todo este processo foi desenvolvido sob a coordenação da Divisão de Salvaguarda e Valorização do Departamento de Arqueologia do IPPC/IPPAR, tendo sido dirigido por C. Amaro.

Após uma fase inicial de diagnóstico do potencial arqueológico do espaço, efectuou-se a escavação integral da área afectada, uma vez que a musealização de conjuntos de estruturas, representativos das várias fases de ocupação humana aí detectadas, assim o obrigava.

A metodologia utilizada no decurso da intervenção seguiu o princípio das camadas naturais, aplicando-se, quando as condições assim o exigiam, a remoção de depósitos através de níveis artificiais. O espaço intervencionado foi inicialmente compartimentado de acordo com as divisórias pré-existentes no local, optando-se, numa fase posterior, pela divisão da área em quadrículas (Bugalhão, 2001, p. 16-18).

Esta intervenção esteve, desde cedo, condicionada por vários factores. O primeiro a realçar é o factor espacial, tendo em consideração que a escavação arqueológica decorreu no interior de um edifício, onde paredes e alicerces ditaram o espaço

disponível (*Ibidem*, p. 16). Por outro lado, a complexidade estratigráfica que foi registada, que traduzia uma densa ocupação humana da área, desde o período pré-romano até à actualidade, dificultou a compreensão de alguns aspectos da sequência estratigráfica e da leitura arquitectónica. Um outro aspecto que parece relevante assinalar, particularmente para a fase de escavação da maioria dos contextos arqueológicos pré-romanos, é a sua localização sob os níveis freáticos, o que dificultou a identificação dos estratos naturais e impossibilitaram mesmo a escavação em profundidade. Como tal, não foi possível, em nenhuma das fases da intervenção, atingir o substrato geológico estéril, desconhecendo-se, portanto, com segurança, a cronologia do início da ocupação humana na área intervencionada, ainda que os dados obtidos indiciem que esta não se distancie da primeira fase documentada.

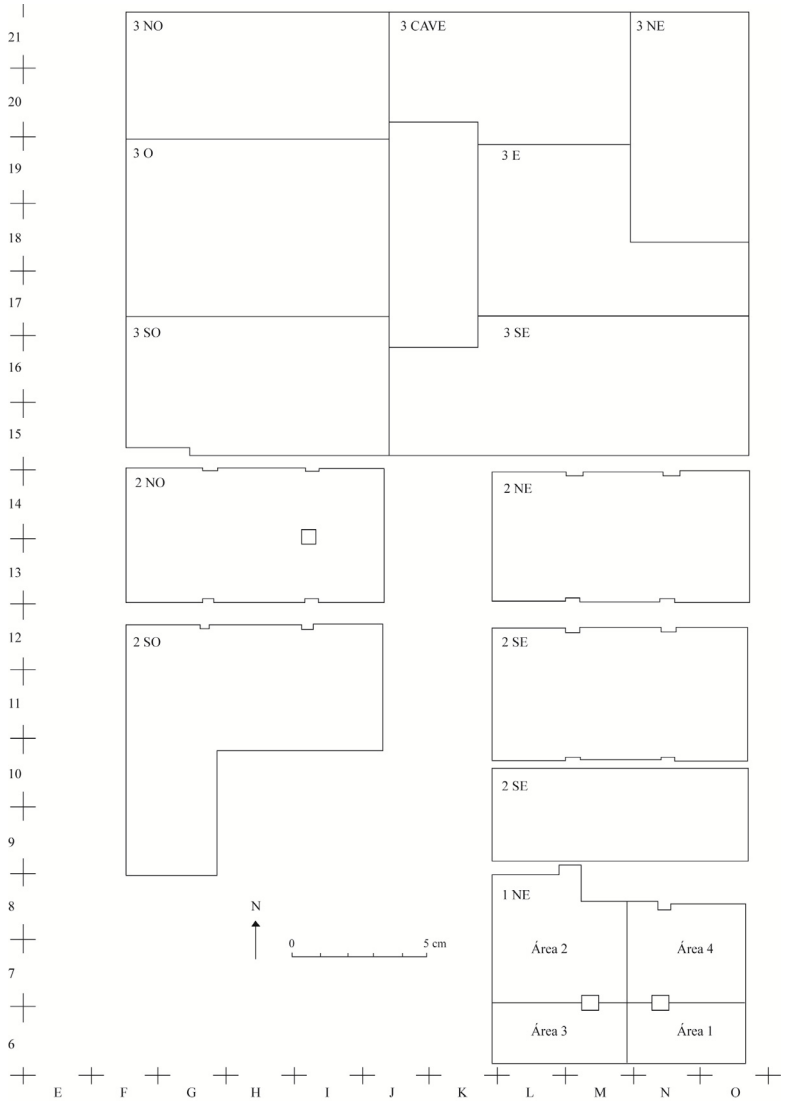


Fig. 31 - Primeira fase de divisão das áreas da escavação da Rua dos Correeiros (segundo Bugalhão, 2001, p. 17).

Ao todo, foram identificadas, *grosso modo*, oito fases de ocupação.

A mais recente corresponde ao que foi designado de período pombalino e pós-pombalino, que consistia, essencialmente, em pavimentos, fundações, alicerces, poços, esgotos e escoadouros. Destaca-se, nesta fase, a identificação de um conjunto industrial metalúrgico (*Ibidem*, p. 18-22).

Na fase designada de período moderno e pré-pombalino, registaram-se arruamentos pavimentados, uma área de moagem, esgotos, poços e algumas áreas de provável cariz habitacional (*Ibidem*, p. 22-25).

Do período medieval, identificaram-se algumas estruturas, pavimentos, uma fossa possivelmente associada a uma olaria localizada nas imediações, uma estrutura de provável cariz metalúrgico e áreas de escoamento de detritos domésticos (*Ibidem*, p. 25-27).

Do período islâmico, detectaram-se áreas edificadas, possivelmente habitacionais, zonas de lixeiras domésticas e um forno de produção cerâmica (*Ibidem*, p. 27-29).

O período tardo-romano encontra-se documentado por uma única sepultura de inumação (*Ibidem*, p. 29 e p. 161-165).

Do período romano, concretamente da fase imperial, foi escavado um espaço industrial relacionado com a elaboração de preparados piscícolas, que se sobrepôs a uma área de necrópole de incineração e inumação (*Ibidem*), que pode ser datada da primeira metade do séc. I.

A última fase identificada corresponde ao período pré-romano, no qual se detectaram, arquitecturalmente, dois momentos diferenciados.

O mais recente está relacionado com o que foi interpretado como forno cerâmico de planta circular, cuja área de acesso se localizava a oeste. A base desta estrutura encontrava-se pavimentada com barro cozido, de cor vermelha. A este desta estrutura estava uma "eventual zona de entulheira". As paredes do forno eram construídas em alvenaria e utilizaram, parcialmente, uma estrutura pétrea pré-existente. Foi avançado que se poderia tratar de um forno de cerâmica comum (*Ibidem*, p. 33).

Anterior a este momento, definiram-se várias estruturas que formavam compartimentos de planta rectangular, com embasamento em pedra e paredes elevadas, em princípio, em taipa ou adobe. A recolha de vários fragmentos de revestimento de barro permitiu também pensar numa cobertura vegetal para estas construções. Os pavimentos eram de argila e, geralmente, encontravam-se associados a lareiras, centralizadas no espaço dos mesmos, cuja base era formada por seixos rolados. Nos cantos dos compartimentos identificaram-se ainda "uma espécie de bancadas revestidas a barro, que, devido à sua coloração vermelha, denunciavam contacto directo com calor" (*Ibidem*, p. 33).



Fig. 32 – Núcleo Museológico da Rua dos Correeiros (segundo AAVV, 1995).

4.1.3. Estratigrafia sidérica

Como já foi referido, a escavação dos níveis sidéricos da Rua dos Correeiros foi condicionada por uma série de factores que impuseram distintos ritmos de trabalho e prolongaram-se durante vários anos. A divisão inerente ao espaço, a sobreposição e imbricação de estruturas e estratos arqueológicos e o projecto de musealização dificultaram a leitura sincrónica e a interligação entre as áreas onde foram identificados vestígios pré-romanos. Por outro lado, a localização desta ocupação, abaixo do nível freático, não facilitou a delimitação das unidades estratigráficas e impediu a escavação, em profundidade, desses contextos.

Durante as campanhas efectuadas, identificaram-se camadas arqueológicas pré-romanas em três das áreas intervencionadas, nomeadamente no sector 1 Nordeste, no sector 2 Nordeste e no sector 3 Sudeste / 3 Este / 3 Nordeste (ver fig. 31).

Em todos estes espaços, verificou-se a presença de um depósito de areia, de formação natural, que separa os últimos momentos da ocupação proto-histórica de outros mais recentes. Nas cotas inferiores desta camada, encontravam-se frequentemente materiais de cronologia pré-romana, cujo contexto original seria, certamente, o topo dos níveis de abandono do espaço sidérico e, como tal, foram incluídos no presente estudo.

Sector 1 Nordeste

O espaço designado de sector 1 Nordeste foi dividido em quatro áreas, denominadas área 1, área 2, área 3 e área 4 (ver fig. 31). A área 3 foi a única em que, por condicionantes inerentes à própria intervenção, não foi possível atingir, em profundidade, os níveis pré-romanos.

Na área 1, sob a camada 8, que corresponde ao depósito de areia, definiu-se um estrato de matriz argilosa e de tonalidade castanha clara, que corresponde ao único momento de ocupação pré-romana documentado nesta zona, ao qual se atribuiu a designação de camada 8/120, na zona de interface, e de camada 120. Tendo em consideração a homogeneidade da sequência estratigráfica documentada em outras áreas da escavação, é possível que este nível corresponda ao momento de abandono do espaço sidérico.

Situação semelhante parece ser a registada na área 4. Ainda que, nesta zona, não tenham sido intervencionados os níveis pré-romanos, nos planos inferiores da camada 110, que corresponde ao nível de depósito de areia, possivelmente já na área de interface, onde o estrato ganha características mais argilosas, foi possível exumar um conjunto significativo de espólio da Idade do Ferro.

No espaço designado de área 2, identificaram-se, sob a camada 60=121, equivalente ao nível de areia, alguns estratos pré-romanos. O primeiro, que corresponde à camada 65=124, consiste num estrato de sedimento argiloso, de tonalidade cinzenta escura, que apresentava uma grande concentração de carvões, fauna malacológica e nódulos de argila. Retirado este nível, identificou-se uma Unidade Estratigráfica composta por um sedimento argilo-arenoso, de tonalidade castanha-escura, com presença frequente de cinzas, designada camada 64. Sob este nível, identificou-se um outro de características semelhantes, distinguindo-se por apresentar uma maior presença de fauna malacológica e mamalógica. Debaixo desta realidade, foi possível definir um outro estrato argiloso, castanho avermelhado, ao qual se atribuiu a designação de camada 67=123. O último estrato pré-romano corresponde a uma terra arenosa, mais clara que a anterior, que corresponde à camada 76=125.

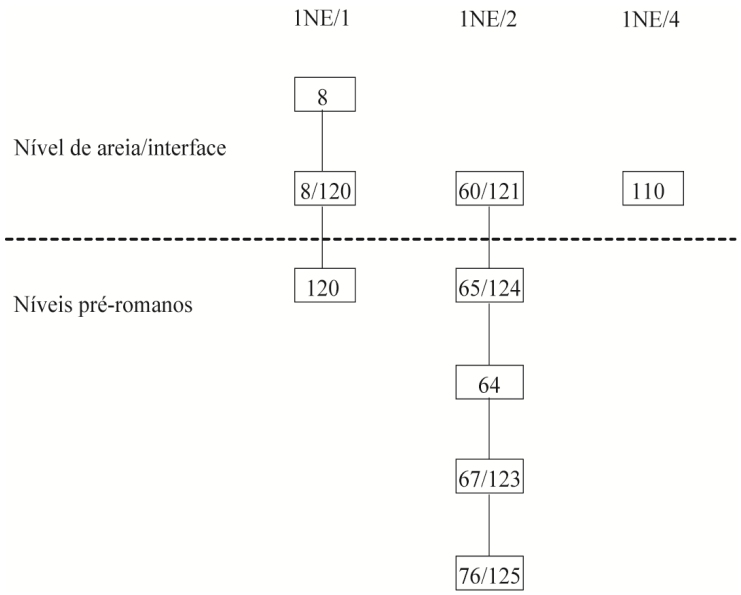


Fig. 33 – Sequência estratigráfica dos contextos pré-romanos identificados no sector 1 Nordeste.

As pequenas dimensões dos contextos pré-romanos identificados no decurso da escavação do sector 1 Nordeste, assim como a ausência de estruturas associadas, não permitem ir mais além da mera sequência diacrónica da sucessão dos níveis identificados.

Sector 2 Nordeste

Tal como ocorreu na área anteriormente descrita, neste sector não foram detectadas construções associadas aos estratos de cronologia sidérica.

Aqui, a camada correspondente ao depósito de areia foi designada de camada 16, sob a qual se identificou uma sequência de dois estratos pré-romanos (ver fig. B).

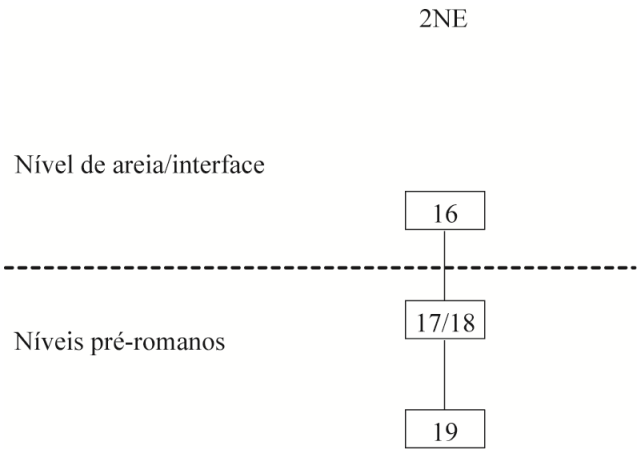


Fig. 34 – Sequência estratigráfica dos contextos pré-romanos identificados no sector 2 Nordeste.

Após a remoção do depósito de areia, detectou-se um sedimento arenoso, muito húmido, que apresentava uma tonalidade castanha escura. Foi denominado de camada 17/18. Corresponde, provavelmente, ao nível de abandono da fase pré-romana, à semelhança do que ocorre em outras áreas. Seguiu-se um outro nível, designado de camada 19, que se distinguia do anterior por adquirir uma textura argilosa, mantendo-se idêntico nas restantes características.

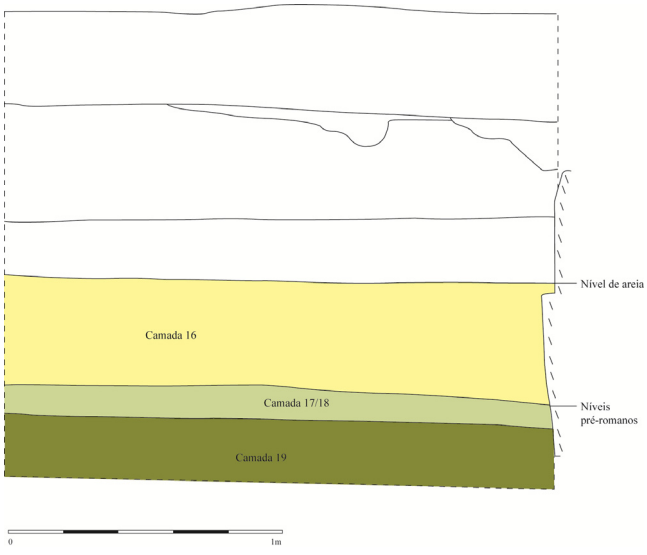


Fig. 35 – Sector 2 Nordeste, quadrículas M14 e N14: corte noroeste-sudeste.

Sector 3 Sudeste /3 Este /3 Nordeste

Este espaço, que agrupa três dos sectores originais da escavação da Rua dos Correeiros, é o mais extenso em área, e permitiu conhecer parte do urbanismo das ocupações sidéricas da actual cidade de Lisboa.

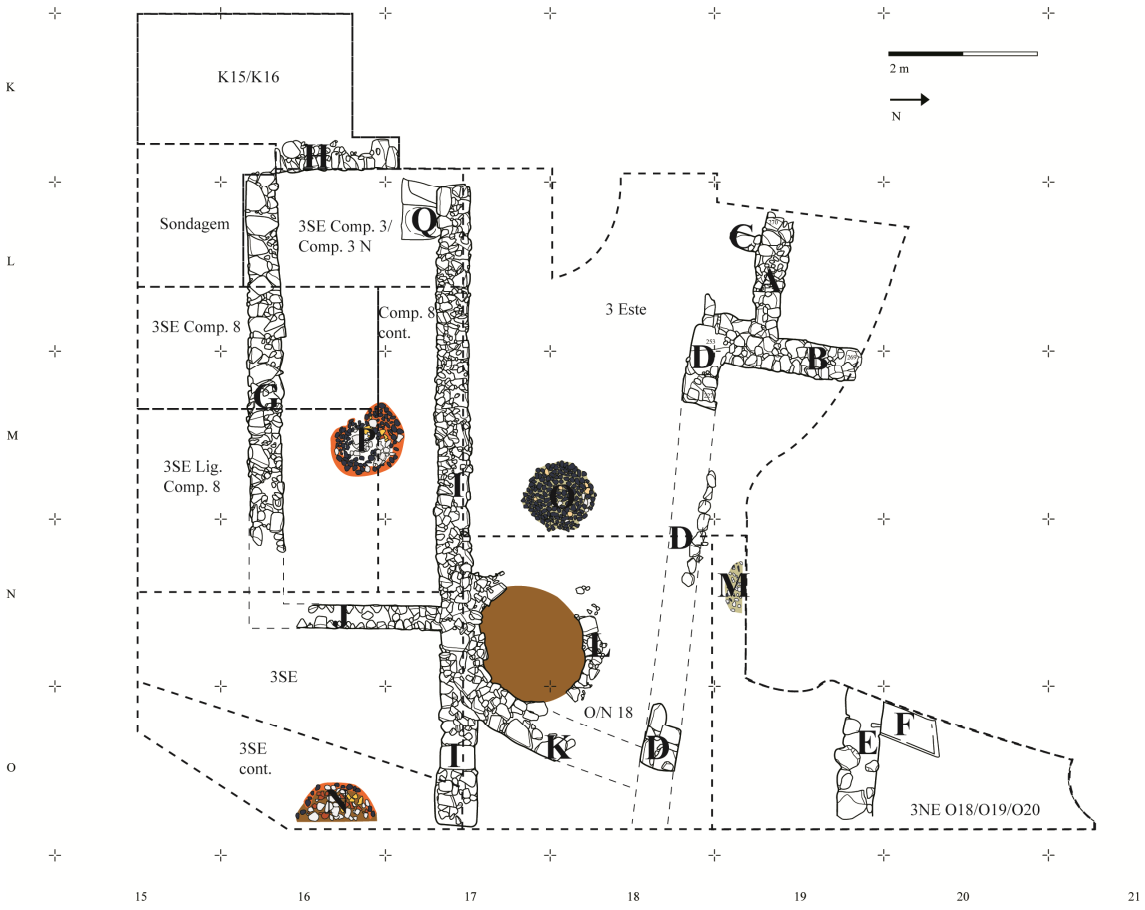


Fig. 36 – Planta do urbanismo pré-romano identificado no sector 3 Sudeste / 3 Este / 3 Nordeste.

Às condicionantes de escavação anteriormente referidas para a totalidade da área, pode-se acrescentar, nesta zona, o sucessivo alargamento, em extensão, do espaço, à medida que se desmontavam estruturas posteriores. Este processo resultou na atribuição de distintas nomenclaturas para as várias sequências estratigráficas, inclusive entre áreas contínuas, intervencionadas em distintas fases. Não foi possível, durante o decurso das campanhas arqueológicas, atribuir todas as equivalências entre as diferentes camadas escavadas, tarefa que tentámos aqui finalizar, pelo que assumimos a responsabilidade de eventuais erros de interpretação dos dados originais da escavação.

Nesta área, actualmente musealizada, as estruturas e unidades estratigráficas pré-romanas encontravam-se separadas das realidades posteriores por um nível de areia, de formação natural, situação idêntica à documentada em outros sectores. O nível apresenta, nas suas cotas mais inferiores, tal como se verificou em outras áreas, alguns materiais pré-romanos, cujo contexto original seria, certamente, o topo dos níveis de abandono pré-romanos. Para efeitos de homogeneização do inventário e referências, optou-se por atribuir a esta realidade a designação de camada AA. Corresponde à camada 7 E do Compartimento 8 Continuação, camada 63, 64, 65 e 66 de K15/16, camada 20 de O18/19/20, camada 28 de 3SE Ligação SE Compartimento 8, camada 16 de 3SE, camada 28 e 33 de O/N 18, camada 15, 16 e 19 do Compartimento 8 e camada 10 A do Compartimento 3.

Sob esta camada de areia, foi possível detectar, limitado ao canto noroeste da escavação (quadrícula L18), um pequeno depósito sedimentar, designado de nível 45.

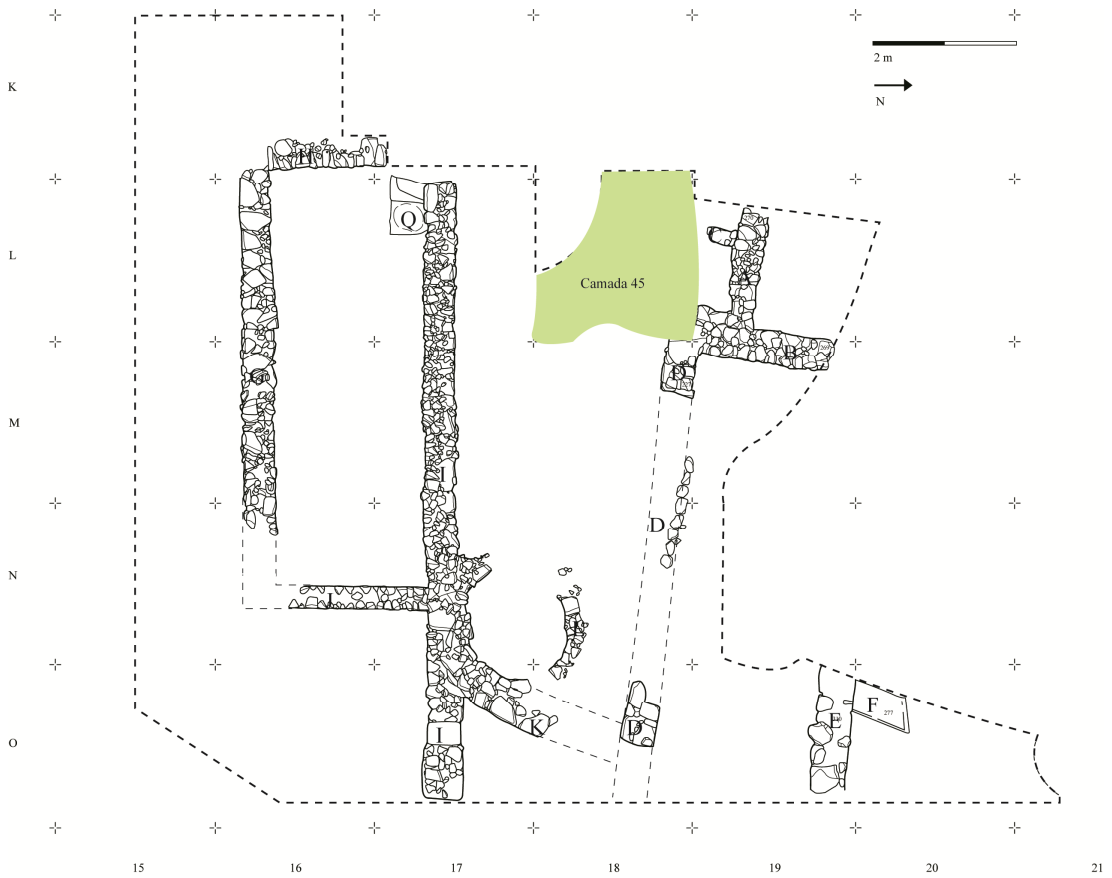


Fig. 37 – Localização da camada 45.

Sob este nível, e cobrindo a quase totalidade da área musealizada, identificou-se um nível de abandono composto por um sedimento de textura argilo-arenosa, cuja tonalidade variava entre o castanho e o castanho esverdeado. Apresentava alguns elementos orgânicos (carvões e fauna) e áreas de maior concentração de cinzas e pedras, que provavelmente constituíam o topo das superfícies de derrube das estruturas pré-romanas. Na maioria da área intervencionada (quadrículas K15/K16, M17, M18, M19, N17, N18, O/N18, O17, O18, L17, L18), esta unidade foi designada de camada 34. Outras unidades identificadas também sob o nível de areia, escavadas em diferentes fases da intervenção, assemelham-se, a título descritivo, a esta unidade, pelo que optámos por fazer a sua equivalência com essa realidade. Correspondem à camada 60 da quadrícula L18, à 21 da área O18/O19/O20, à 42 da quadrícula L19, à 12 C, 12 F e 12 E da área 3SE Continuação, à 11 da área 3SE Compartimento 3, à 7 F da área 3SE Compartimento 8 Continuação, à 29 da área 3SE Ligação SE - Compartimento 8, à 18 da área 3SE e, por último, à 18 da área 3SE Compartimento 8. De forma a facilitar a leitura, este contexto é referenciado, neste trabalho, por camada BB.

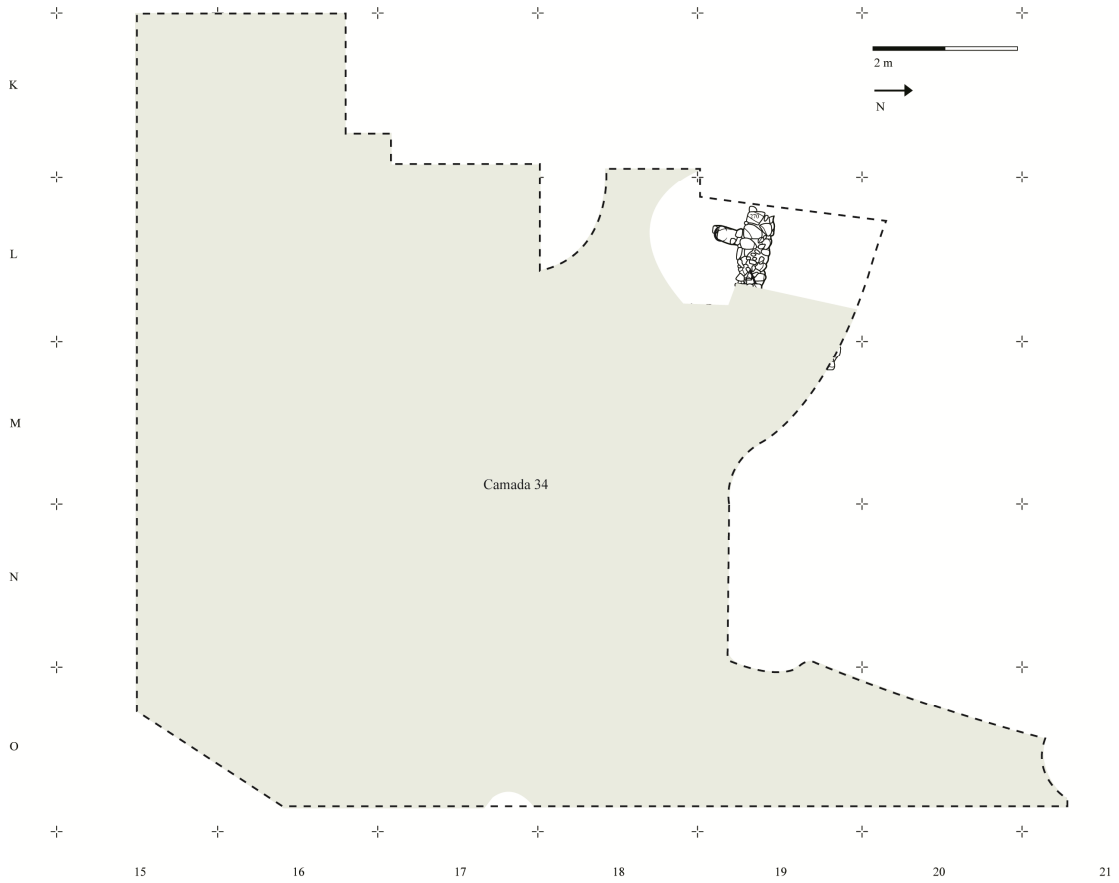


Fig. 38 – Localização da camada BB.

Todas estas realidades correspondem, provavelmente, à mesma fase de abandono do espaço e cobririam, mesmo que, em alguns casos, apenas parcialmente, as estruturas de alvenaria pré-romanas.

A remoção deste nível, feita em diversas fases, permitiu a identificação de vários espaços compartimentados que, dadas as condicionantes a que a escavação estava sujeita, foram também escavados em fases distintas e com registos estratigráficos algo diferenciados.

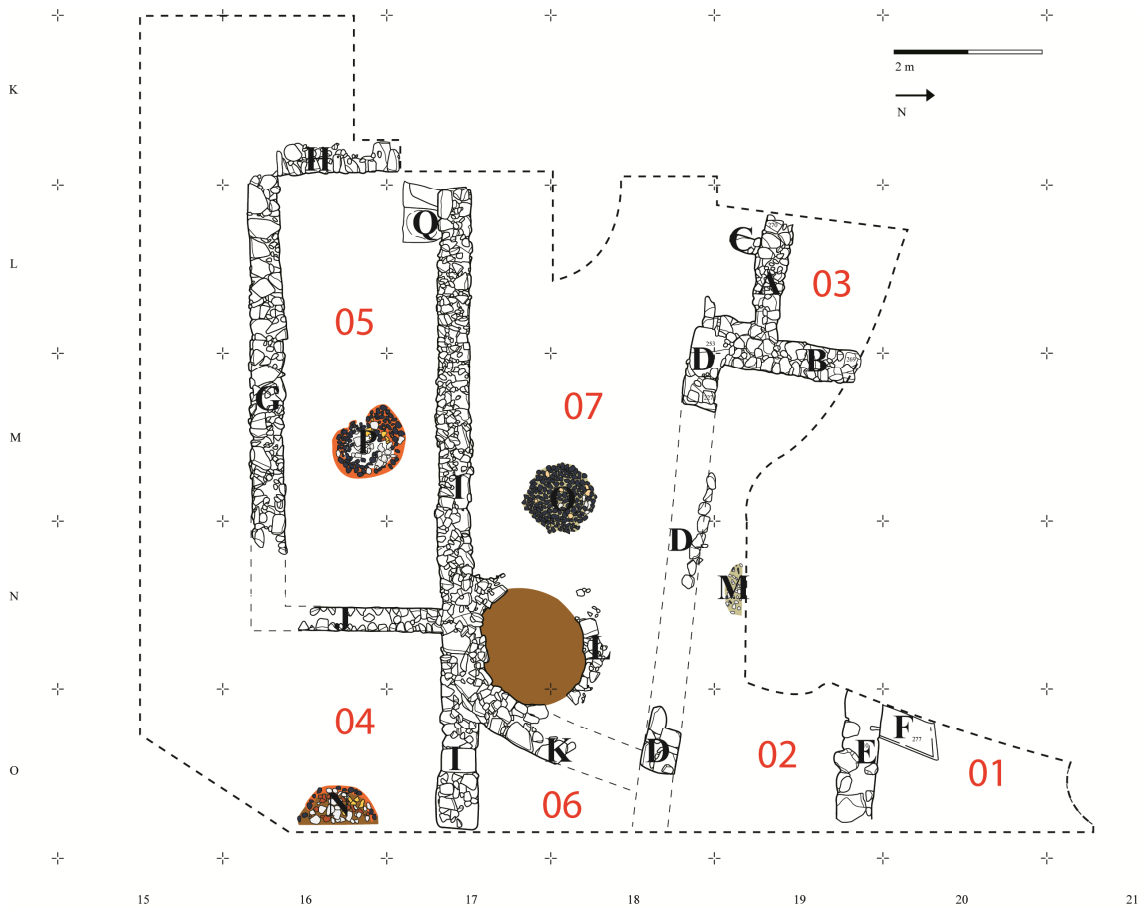


Fig. 39 – Compartimentos identificados no urbanismo pré-romano da Rua dos Correeiros.

Na abordagem deste conjunto, pareceu mais coerente optar pela leitura da estratigrafia segmentada por compartimento, tentando, como já referimos anteriormente, atribuir equivalências entre os níveis identificados nas distintas fases de escavação.

É necessário, contudo, referir, que existem duas fases arquitectónicas diferenciáveis no urbanismo pré-romano da Rua dos Correeiros. A mais antiga parece corresponder à

construção dos compartimentos 03, 04 e 05. A área que foi posteriormente ocupada pelo compartimento 07 poderia consistir num amplo espaço aberto, estranhando-se, contudo, nesta perspectiva, a presença de uma lareira. A identificação de um pequeno alinhamento de pedras a norte dessa área poderá indiciar a existência de uma estrutura anterior que o delimitaria.

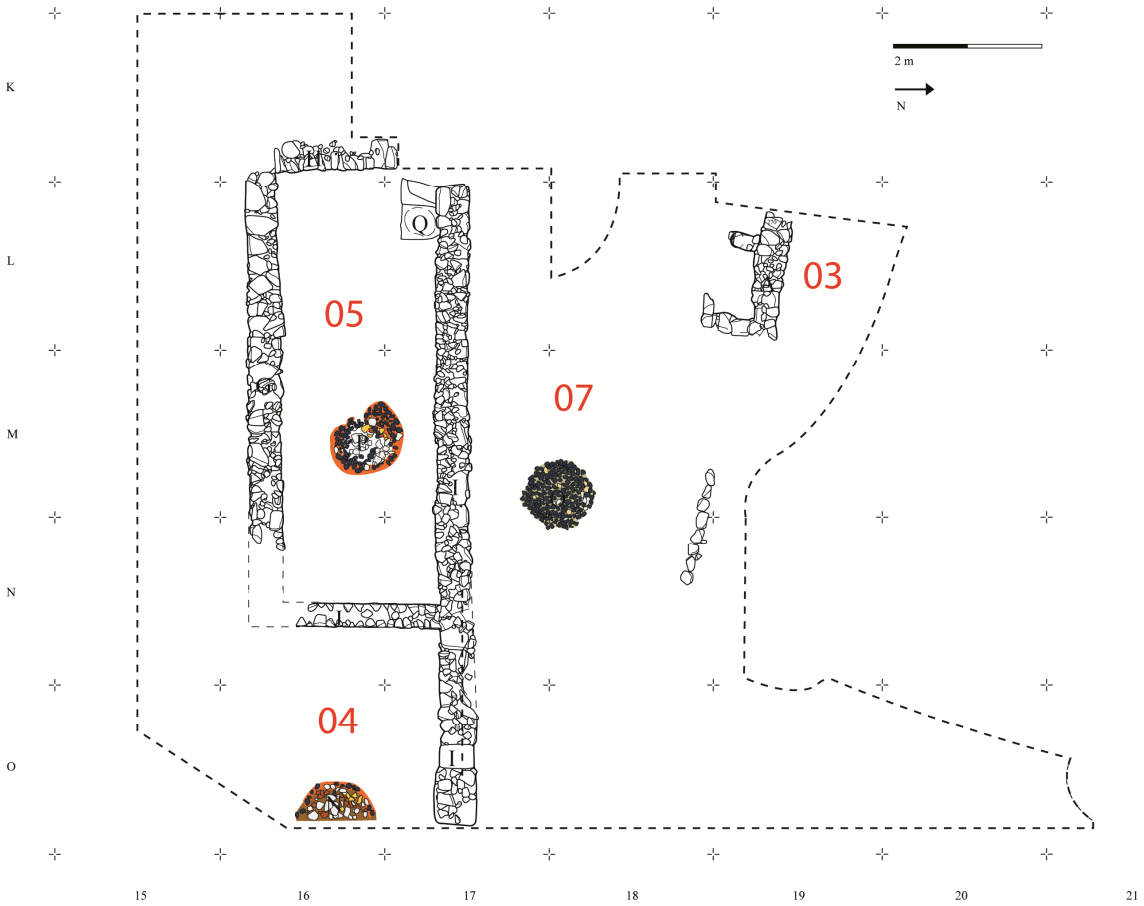


Fig. 40 – Proposta da primeira fase arquitectónica pré-romana da Rua dos Correeiros.

A segunda fase arquitectónica parece consistir mais num projecto de remodelação do espaço do que numa alteração urbanística. A este momento estaria associada a construção e/ou remodelação dos compartimentos 01, 02, 06 e 07 e ainda a construção do forno. Não é, contudo, claro, que esta última estrutura tenha sido construída logo no início deste momento.

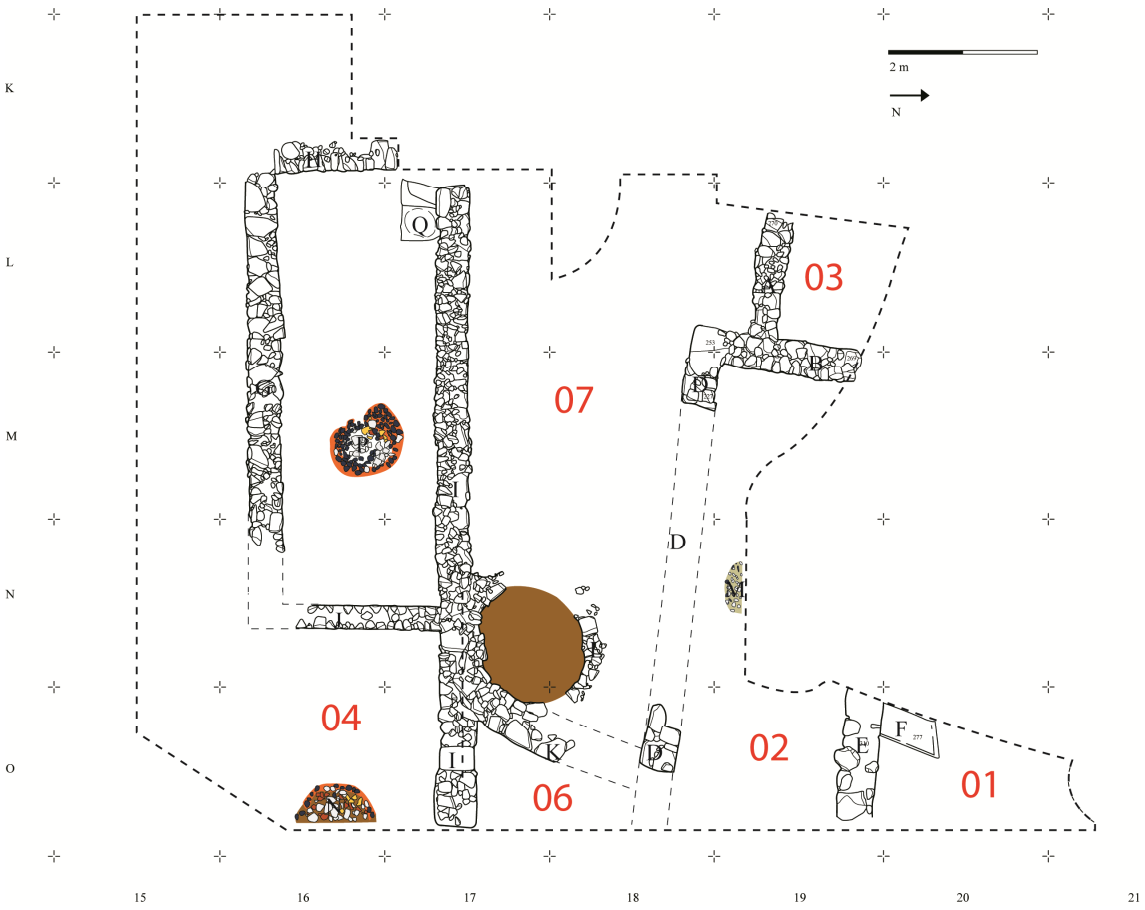


Fig. 41 – Proposta da segunda fase arquitectónica pré-romana da Rua dos Correeiros.

Outro aspecto difícil de interpretar incide sobre a continuidade de utilização de alguns dos compartimentos da fase arquitectónica anterior. Existem algumas evidências estratigráficas que permitem pressupor diferentes momentos na sua utilização, exceptuando o caso do compartimento 05. Com efeito, estas remodelações arquitectónicas não parecem ter inviabilizado a utilização dos espaços anteriormente estruturados, sendo apenas o compartimento 03 parcialmente afectado pela construção da estrutura B. Mesmo ao nível da cota de utilização da área, não parecem registar-se alterações significativas. A situação menos transparente relaciona-se com o designado compartimento 04. Numa última fase de utilização desse espaço, relacionada já, em princípio, com a laboração do forno, documentou-se a existência de uma vala, provavelmente com ele conectada, que inutilizou, em parte, essa zona.

Compartimento 01

O compartimento designado de 01 é delimitado pela área de escavação e pela estrutura E a sul.

Sob a camada BB, foi possível identificar duas unidades estratigráficas. A primeira, designada camada 22, mantinha, em regra, as mesmas características do nível anterior, destacando-se por apresentar uma textura mais argilosa. Sob esta, detectou-se o nível 24, composto por um sedimento arenoso, de tonalidade castanha clara. Associado a este nível, que poderá corresponder ao estrato de ocupação, identificou-se uma pequena "placa de argila", à qual se atribuiu a designação F.

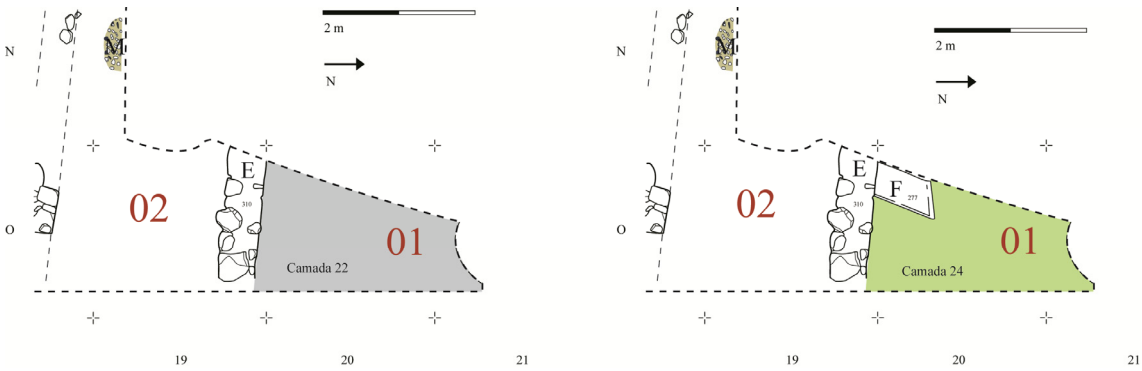


Fig. 42 – Compartimento 01: localização da camada 22 e 24.

.

Como se pode verificar pela descrição, a sequência estratigráfica no interior deste compartimento é bastante simples. Entre o nível de abandono e o piso de ocupação existe apenas um estrato intermédio. Como já foi referido anteriormente, este espaço foi interpretado como pertencente à segunda fase arquitectónica do sítio.

Compartimento 02

O compartimento 02 é delimitado, a norte, pela estrutura E, a sul, pela D, a oeste, pela B, e este, pelo limite de escavação.

Removido o nível BB, identificou-se, mais uma vez, um outro semelhante, distinguindo-se por apresentar áreas de concentração de cinzas e carvões, que foi designado de O18/19/20 camada 23. Este estrato equivale à camada 47 e 48 da

quadrícula M19, sendo atribuído a esta realidade a designação genérica de CC. Sob este nível, detectou-se uma camada de textura arenosa, de tonalidade castanha clara, designada de camada 25. Retirado este nível, documentou-se um estrato argilo-arenoso, de cor castanha avermelhada, com alguns nódulos esverdeados, que foi designado de camada 40 e que se encontra associada à estrutura de combustão M. Consideramos ser este o piso de ocupação deste espaço, que não se encontra, contudo, conservado na totalidade do compartimento. A lareira foi parcialmente escavada, tendo sido atribuído ao seu enchimento a designação de camada 40 A.

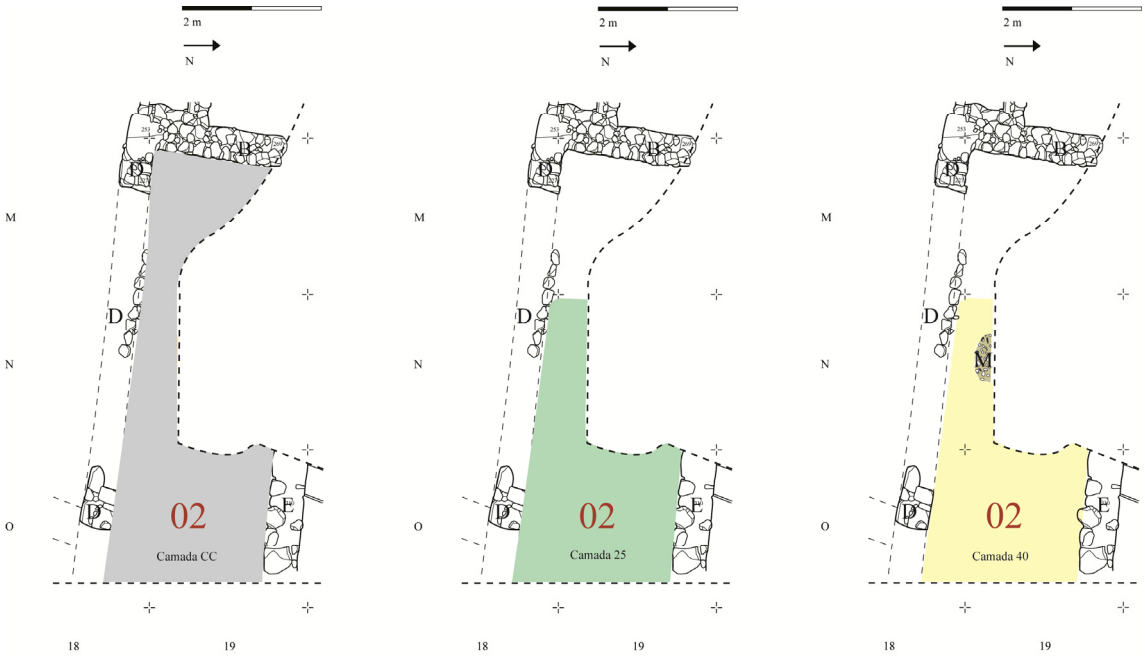


Fig. 43 – Compartimento 02: localização da camada CC, 25 e 40.

Para este espaço aplicam-se as mesmas observações efectuadas para o compartimento 01. A sequência estratigráfica é simples, existindo apenas dois estratos entre o piso de ocupação e o nível de abandono do sítio. Integra também a segunda fase arquitectónica do espaço.

Compartimento 03

O compartimento 03 é delimitado, a sul, pela estrutura A, a este, pela B, e, a norte e oeste, pelo limite da área escavada.

Sob a camada BB, que não cobria o compartimento na totalidade, detectou-se uma sequência de três estratos. O mais recente, designado de camada 43, caracterizava-se por apresentar um sedimento muito argiloso e de cor castanha escura, com abundantes vestígios de cinzas, carvões, fauna mamalógica e malacológica. Retirada esta unidade, surgiu a camada 42/43, que corresponde a um derrube de pedras ao qual não foi possível associar nenhuma das estruturas existentes. Seguia-se a camada 46, de textura argilosa e tonalidade castanha clara, com alguns nódulos de argila esverdeada e carvões, sob a qual se detectou um piso de argila esverdeada, ao qual não foi atribuído uma designação.

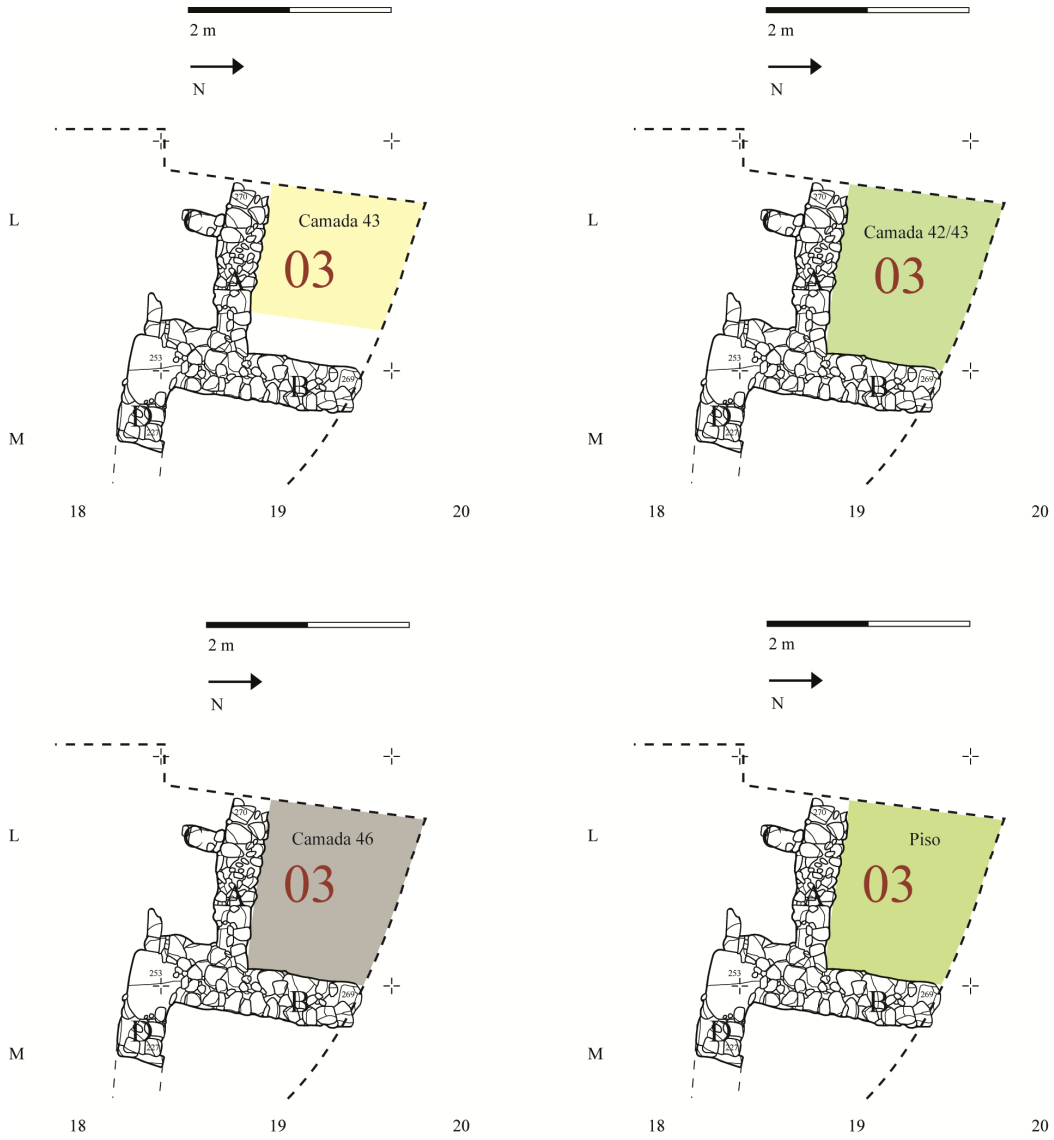


Fig. 44 – Compartimento 03: localização da camada 43, 42/43, 46 e piso de ocupação.

A interpretação realizada do espaço sugere que este compartimento foi edificado na primeira fase arquitectónica de cronologia sidérica. A presença do derrube de pedra pode marcar, com efeito, a separação entre esses dois momentos, o que implicaria que o piso de ocupação, o derrube e a camada intermédia ilustrassem essa primeira fase. O estrato localizado entre o derrube de pedra e o nível de abandono enquadrar-se-ia no segundo momento.

Compartimento 04

O compartimento 04 é delimitado, a norte, pela estrutura I, a oeste, pela J, e, a este e a sul, pelo limite de escavação.

Removida a camada BB, e sobre a estrutura I, parece ter-se documentado, na zona este, uma vala. O seu enchimento, designado camada 12 G, era composto por um sedimento argiloso de cor castanho-avermelhado com nódulos de argila cozida. Esta realidade poderá estar relacionada com o forno localizado a noroeste. Retirada a camada 12 G, identificou-se o nível 20, que equivale à camada 12 H da área 3SE Continuação, à camada 30 da área Ligação SE - Compartimento 8 e à camada 20 da área 3SE Compartimento 8. Para facilitar a leitura, atribuiu-se a este contexto a designação DD. Consistia num sedimento de textura argilosa e tonalidade castanha clara, já associado às estruturas que formam o compartimento 4.

Sob o nível DD, escavou-se a camada 21, que equivale à camada 12 I da área 3SE Continuação, à camada 31 da área Ligação SE - Compartimento 8. Atribuiu-se a este contexto a designação EE. Corresponde a um estrato composto por um sedimento arenoso castanho claro. Debaixo da camada EE, escavou-se outro estrato, associado à lareira N, ao qual não foi atribuída uma designação, e que, provavelmente, consistia no solo de ocupação do espaço. A lareira N foi escavada, tendo-se atribuído ao seu enchimento a designação de camada 12 J.

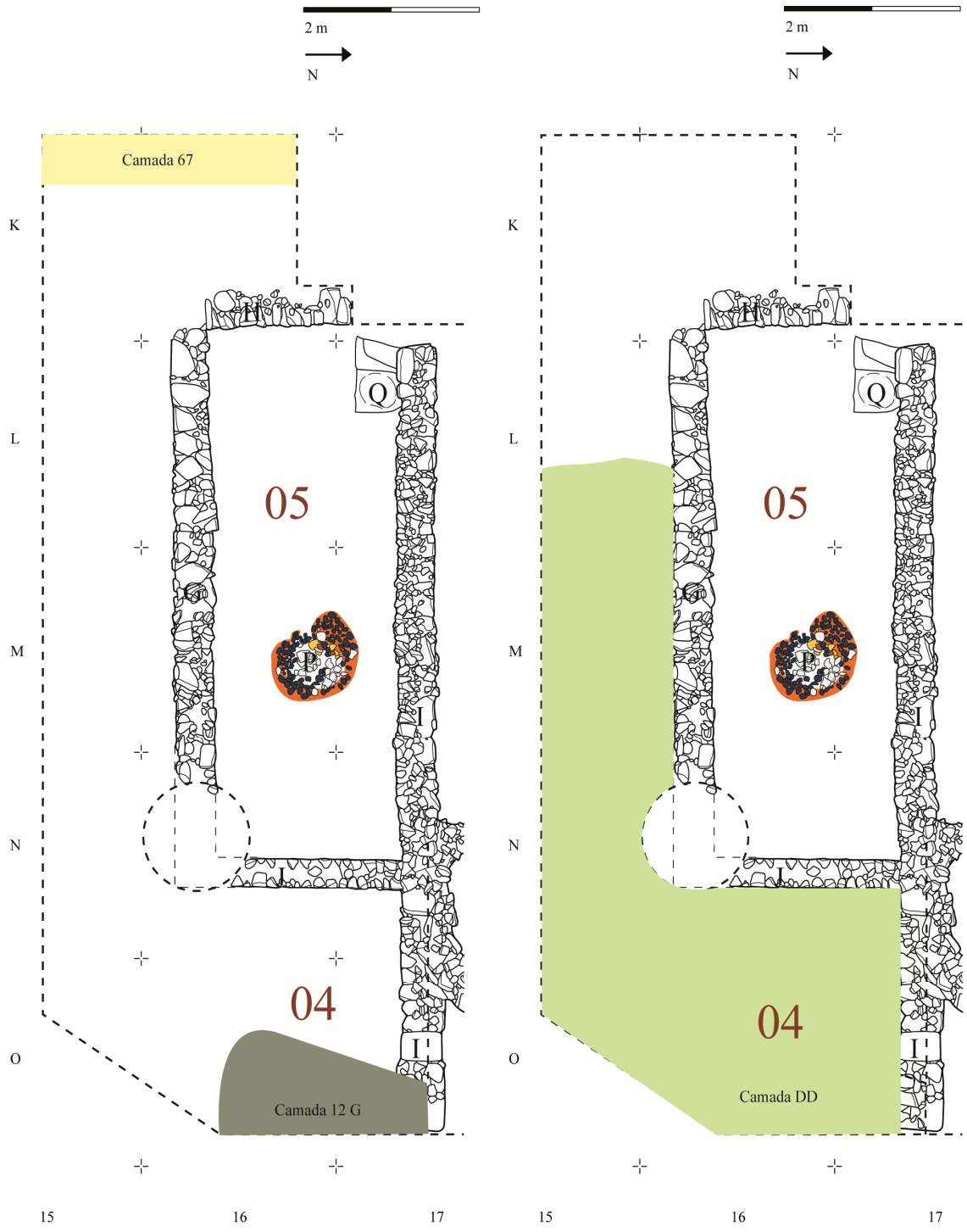


Fig. 45 – Compartimento 04: localização da camada 12G, 67 e DD.

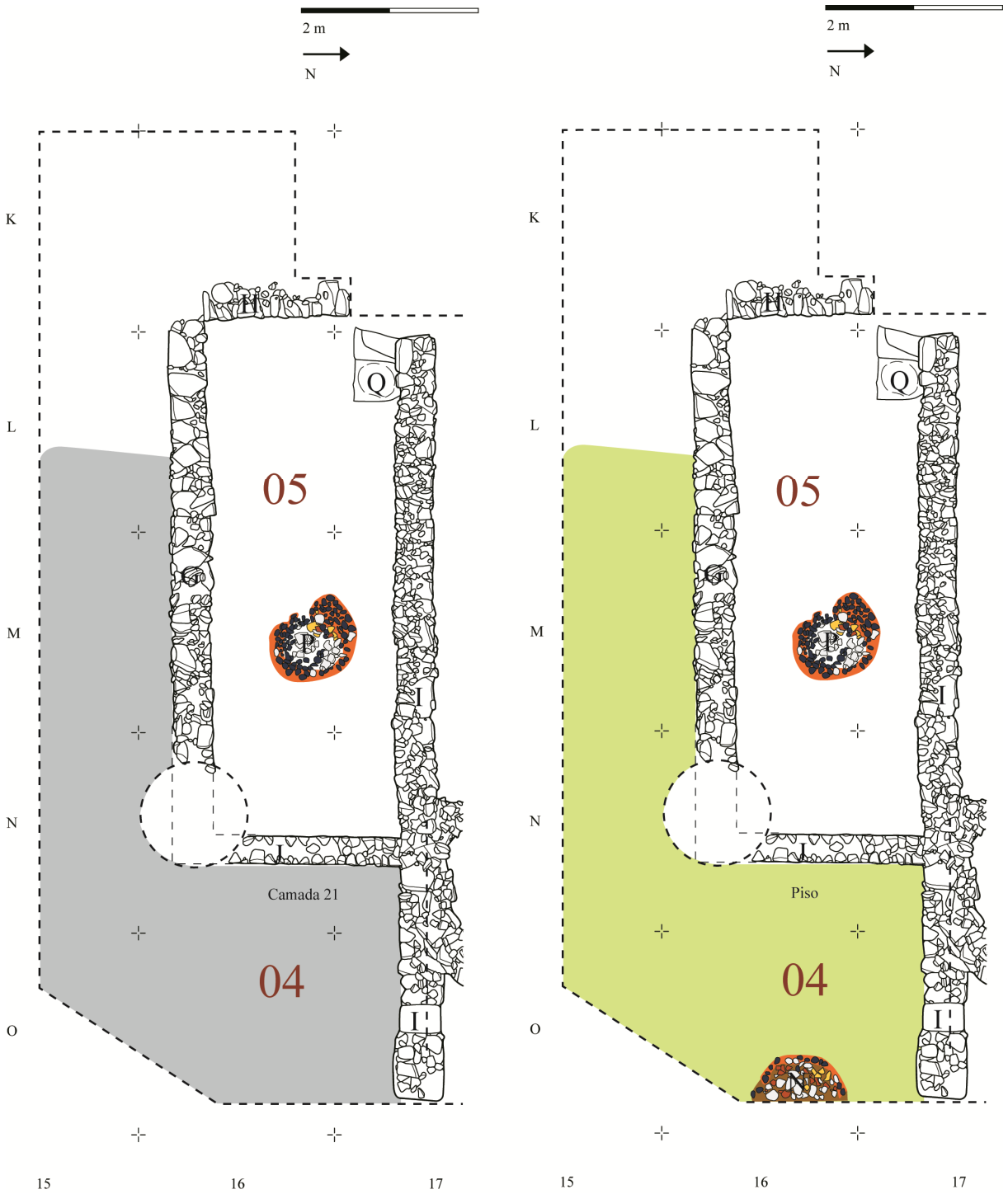


Fig. 46 – Compartimento 04: localização da camada 21 e piso de ocupação.

Tanto a camada 20 como a camada 21 não parecem prolongar-se para a área oeste do compartimento 04. Nessa zona, que corresponde às quadrículas K15/16, documentou-se, sob a camada 34, no extremo oeste do compartimento, um nível argiloso, queimado, com algumas inclusões de carvões, designado camada 67.

O compartimento 04 levanta alguns problemas de ordem interpretativa. Em primeiro lugar, deve assinalar-se a indefinição da sua delimitação. Apesar de não terem aparecido estruturas ao longo do limite sul da escavação é difícil aceitar que ele se estendesse por toda essa área, uma vez que tal facto lhe conferiria uma grande extensão. Contudo, a ausência de outros elementos impede-nos de propor uma leitura alternativa. Por outro lado, esta divisão é um dos espaços que nos permite uma melhor leitura sequencial, apesar de esta não ser linear. O piso de ocupação está, muito provavelmente, relacionado com o seu momento construtivo, integrado na primeira fase. Por outro lado, o enchimento da vala que inutiliza uma das estruturas que o delimitava integra-se, seguramente, na segunda fase arquitectónica, até porque a sua relação com o forno identificado a norte parece evidente. As camadas intermédias localizadas entre o piso e a vala poderão corresponder ao momento de abandono e/ou reestruturação entre as duas fases.

Compartimento 05

O compartimento 05 é delimitado, a oeste, pela estrutura H, a norte, pela I, a este, pela J, e, a sul, pela G.

Sob a camada BB, definiu-se uma camada argilo-arenosa compacta, castanha, designada 30A. Equivale à 12 do Compartimento 3 Norte. Sob esta, surgiu um nível fino, de cerca de 4cm de espessura, composto por margas azuis esverdeadas, compactas, associado à lareira P, que, provavelmente, consistiu no solo de ocupação do espaço, e que foi designado camada 30B. Equivale à camada 20A da área 3SE Compartimento 8. A lareira P era formada por um conjunto de seixos rolados, de tamanho médio, que formavam uma estrutura sub-circular. O seu interior era composto por fragmentos de argila calcinada, que correspondiam ao revestimento da estrutura de combustão, misturados com cinzas e carvões, tendo-se atribuído a esta realidade a designação de camada 32.

No canto noroeste do compartimento, sob a camada 34, surgiu um depósito composto por um sedimento de barro queimado, com muita cerâmica, designado de camada 63.

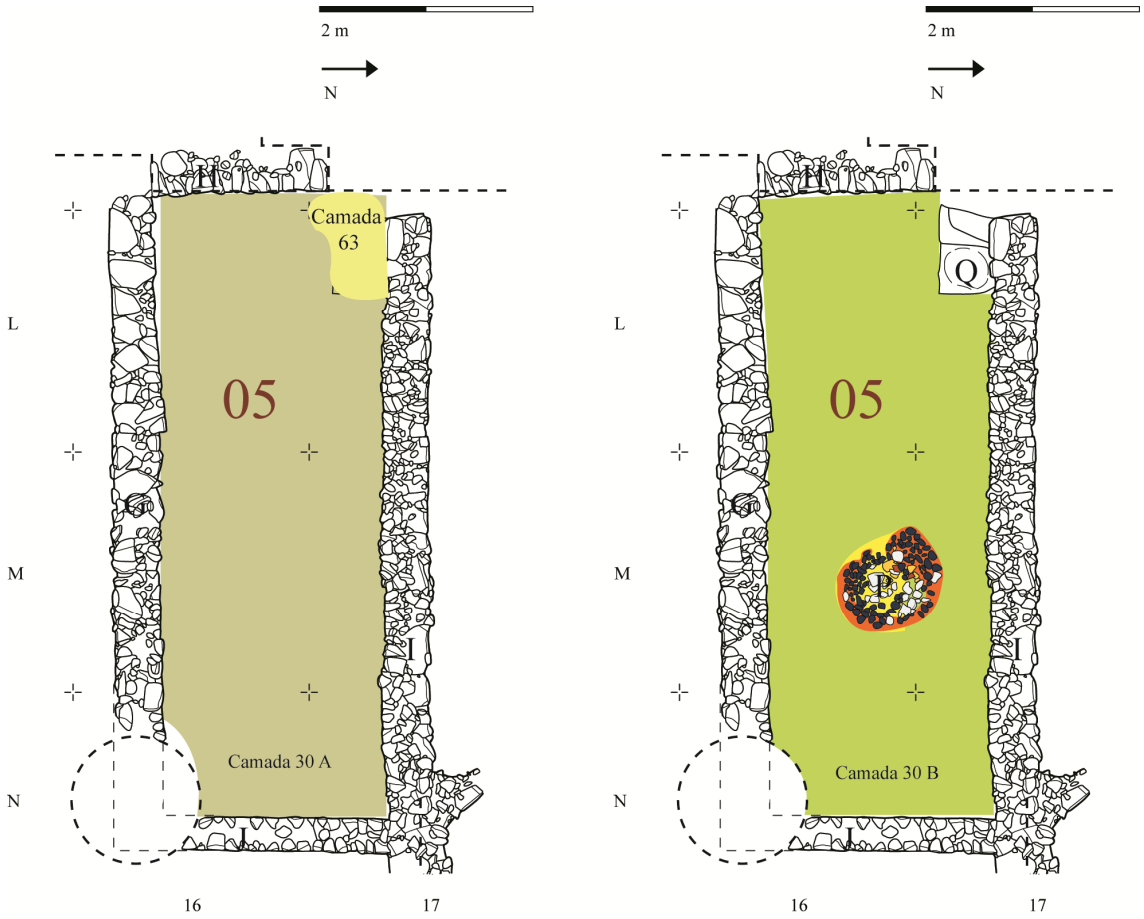


Fig. 47 – Compartimento 05: localização da camada 63, 30A e 30B.

Apesar de ser o espaço em melhor estado de conservação, a leitura da sequência estratigráfica do compartimento 5 é bastante linear. Entre o piso de argila que ainda se conserva actualmente *in situ* e o nível de abandono só existem dois níveis intermédios e não sequenciais. A construção do compartimento e respectivo solo de ocupação integram-se claramente na primeira fase arquitectónica. Contudo, é difícil assegurar se os níveis subsequentes correspondem ao momento de abandono e/ou reestruturação dessa fase ou a evidências de uma ocupação mais tardia.

Compartimento 06

O compartimento designado por 06 é delimitado, a este, pela área de escavação e, a oeste e a sul, pelas estruturas K e I, respectivamente.

Retirada a camada BB, definiu-se um estrato arenoso de cor castanho claro, designado por camada 51. Um nível intermédio, cuja descrição não foi possível encontrar, foi denominado camada 55. Sob este, identificou-se um sedimento argilo-arenoso, também acastanhado, ao qual foi atribuída a designação de camada 57. Removido este nível, documentou-se um depósito de terra arenosa cinzenta esbranquiçada, designada camada 58.

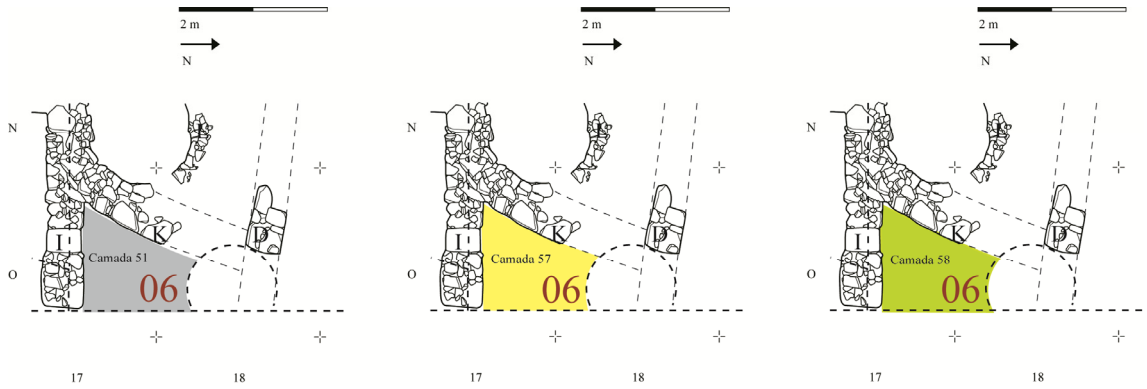


Fig. 48 – Compartimento 06: localização da camada 51, 57 e 58.

O compartimento 6 corresponde a um pequeno espaço criado no que se assume ser a segunda fase arquitectónica do sítio. A sua sequência estratigráfica é bastante simples, não tendo sido possível interpretar qualquer das unidades escavadas como solo de ocupação.

Compartimento 07

O compartimento designado de 07 é delimitado, a oeste, pela área de escavação, a sul, pela estrutura I, a norte, pelas estruturas A e D, e, a este, pela estrutura L, que corresponde ao forno.

Sob a camada BB, identificou-se um nível de tonalidade castanha, de textura argilo-arenosa, com algumas pedras, que foi designado camada 38. Ainda sob a camada BB, a

oeste, detectou-se um outro estrato castanho, de textura argilosa, designado de camada 44. A este, sob o nível BB, junto à estrutura do forno, e provavelmente já associado a este, detectou-se um nível de textura argilo-arenosa, de cor castanha avermelhada, com muitos carvões e nódulos de barro cozido e areia esverdeada, designado camada 36. Este estrato equivale à camada 39 da quadrícula N18. Para efeitos de facilitação de leitura e homogeneização do inventário, atribuiu-se a este contexto a designação de FF.



Fig. 49 – Compartimento 07: localização da camada 44, 38 e FF.

Sob esta realidade, detectou-se a camada 35, que equivale à 45 da quadrícula L17, à 37 da quadrícula N17 e à 61 da quadrícula L18. Atribuiu-se a este contexto a designação de nível GG. Corresponde a um sedimento arenoso, fino, castanho escuro, com concentração de carvões. Sob este, encontrava-se um pavimento de argila, ao qual não foi atribuído uma designação. Encontra-se em associação à lareira O.



Fig. 50 – Compartimento 07: localização da camada GG e piso de ocupação.

No canto Noroeste, sob a camada 35, parece ter surgido um nível de derrube, designado de camada 68, não sendo, contudo, possível determinar a que estrutura corresponderia. Removido este derrube, documentou-se a presença de dois níveis, designados camada 69 e 70, cuja sobreposição corresponde a um idêntico espaço físico. Infelizmente, a descrição destes últimos estratos não foi conservada no registo de campo. A sua relação estratigráfica com o nível de derrube e com as restantes camadas sugere, contudo, que estes estratos foram depositados num momento anterior ao da primeira fase arquitectónica da ocupação sidérica da Rua dos Correeiros.

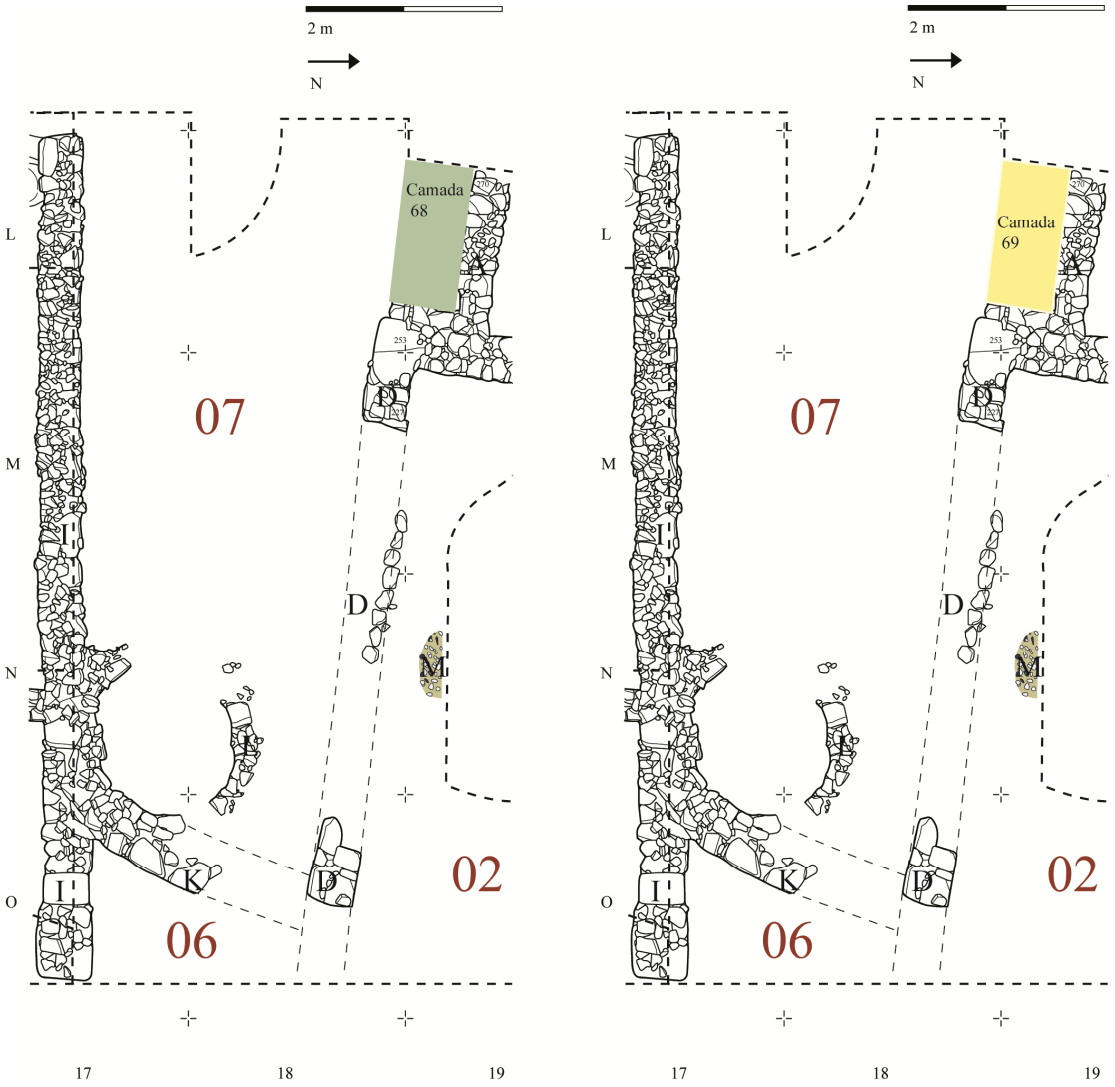


Fig. 51 – Compartimento 07: localização da camada 68 e 69.

Este último compartimento é o que sofre alterações mais consideráveis durante o período pré-romano. A sua utilização durante a primeira fase arquitectónica parece ter sido a de um espaço aberto. Contudo, a presença de um piso e de uma estrutura de combustão estruturada no centro dessa área deixa em aberto a possibilidade de se tratar de um compartimento cuja delimitação não sobreviveu até ao momento de escavação. Na segunda fase arquitectónica, o espaço é compartimentado pelas estruturas construídas a norte e este e também pelo que se interpreta como um forno, sendo a camada FF um dos possíveis vestígios dessa utilização. O nível 35, que se encontra entre esta última e o piso de ocupação anterior, pode corresponder a qualquer uma das fases, sendo, contudo, mais verosímil interpretá-lo com uma evidência do momento de abandono ou reestruturação que sucede à primeira fase arquitectónica. No canto

noroeste, a escavação de três níveis abaixo da camada de ocupação da primeira fase construtiva parece indicar a existência de níveis anterior a esse momento. Infelizmente, a escassez da área escavada impede considerações mais profundas sobre este indício.

4.1.4. Leitura e interpretação estratigráfica

A análise efectuada com base nos dados estratigráficos registados no decurso da intervenção arqueológica da Rua dos Correeiros permite-nos propor uma distinção, para além de duas fases arquitectónicas, de cinco momentos diferenciáveis no contexto da ocupação sidérica. Estes momentos não correspondem, necessariamente, a fases cronológicas diversas. Consistem, simplesmente, em momentos de ocupação do espaço distinguíveis a nível estratigráfico. Apesar de equivalerem, naturalmente, a tempos cronológicos sequenciais, os materiais arqueológicos que a eles se associam podem não ter uma expressão clara nesse sentido, particularmente se toda a ocupação tiver ocorrido num curto espaço de tempo, como parece ser o caso da Rua dos Correeiros.

Fase A - Esta fase parece corresponder ao momento mais antigo documentado no contexto da ocupação sidérica do sítio. Os estratos atribuíveis a este momento correspondem às camadas 69 e 70, identificadas na área do compartimento 07.

Fase B - Este momento integra a primeira fase arquitectónica pré-romana. Corresponde ao período de construção/ocupação dos compartimentos 03, 04, 05 e 07 e respectivos espaços de utilização, representados, invariavelmente, por pisos associados a estruturas de combustão.

Fase C - Esta terceira fase parece corresponder ao momento de abandono de alguns dos espaços anteriormente utilizados. Alguns dos sedimentos que se depositam sobre essas realidades, interpretados como níveis de derrube, marcam a separação em relação à fase arquitectónica posterior. Outros contextos arqueológicos poderão, no entanto, estar já associados às remodelações que ocorrem nessa mesma fase, não sendo improvável que constituam aterros destinados à preparação de novas construções.

Fase D - Sobre os contextos estratigráficos anteriores, surge uma outra fase de ocupação, que corresponde à edificação de três compartimentos, 01, 02 e 06, não sendo absolutamente claro se alguns dos da primeira fase arquitectónica permanecem, ou não,

em utilização. Este momento é também marcado pela construção de uma estrutura de combustão, interpretada como forno cerâmico.

Fase E - O último momento corresponde ao abandono total do espaço sidérico, durante o qual um nível de dimensões consideráveis, designado por camada BB, cobre, quase integralmente, o espaço anteriormente em uso. Associáveis a este processo estão também a camada 67 e as zonas de interface agrupadas sob a nomenclatura de nível AA.

A ocupação do espaço entre a fase pré-romana e os momentos posteriores não é contínua. Sobre os níveis de abandono do espaço sidérico, deposita-se um estrato de areia, de espessura variável, de formação natural. É nas cotas superiores deste nível que se depositam os primeiros vestígios de época romana. Esta evidência pode indicar que factores de ordem natural estiveram na origem do abandono do espaço sidérico.

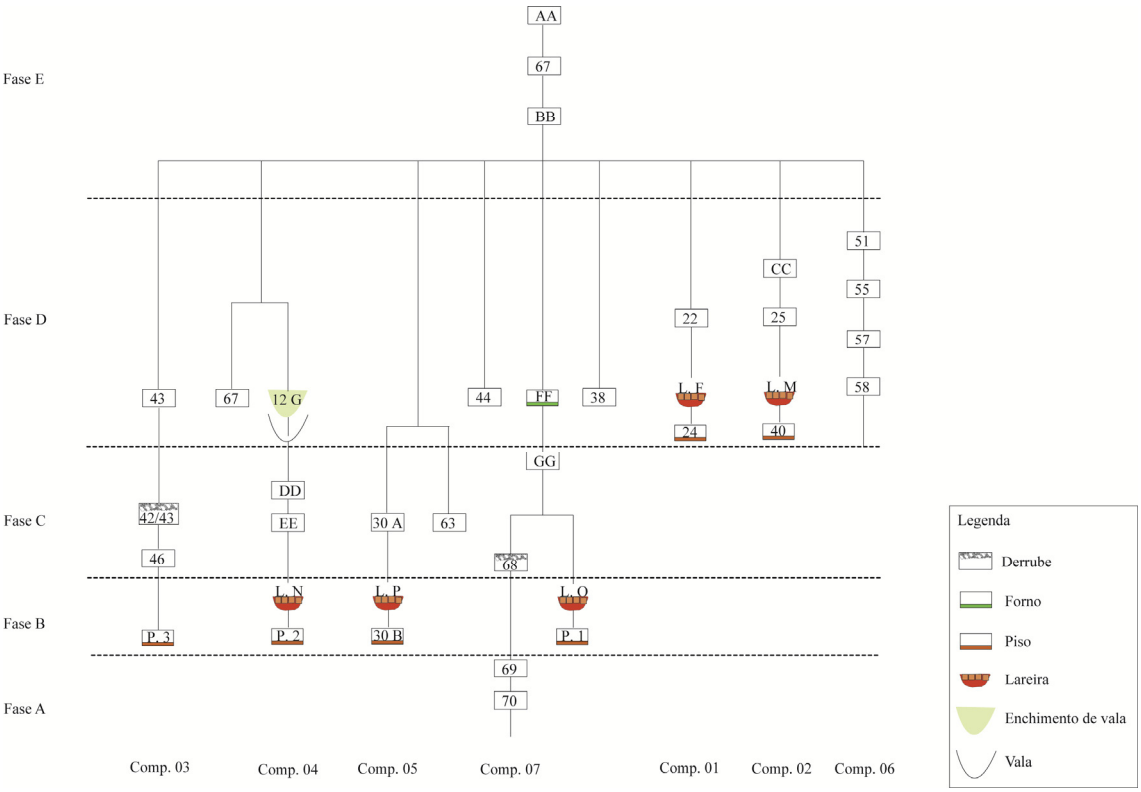


Fig. 52 – Sequência estratigráfica documentada no sector 3 Sudeste / 3 Este / 3 Nordeste.

Sobre os restantes espaços intervencionados, sector 1 e 2, a interpretação da estratigrafia encontra-se limitada pela pequena dimensão das áreas e pela pouca potência de estratos associados. Tentar relacionar estas realidades às fases anteriormente estabelecidas, ainda que tentador, não parece ser sustentável.

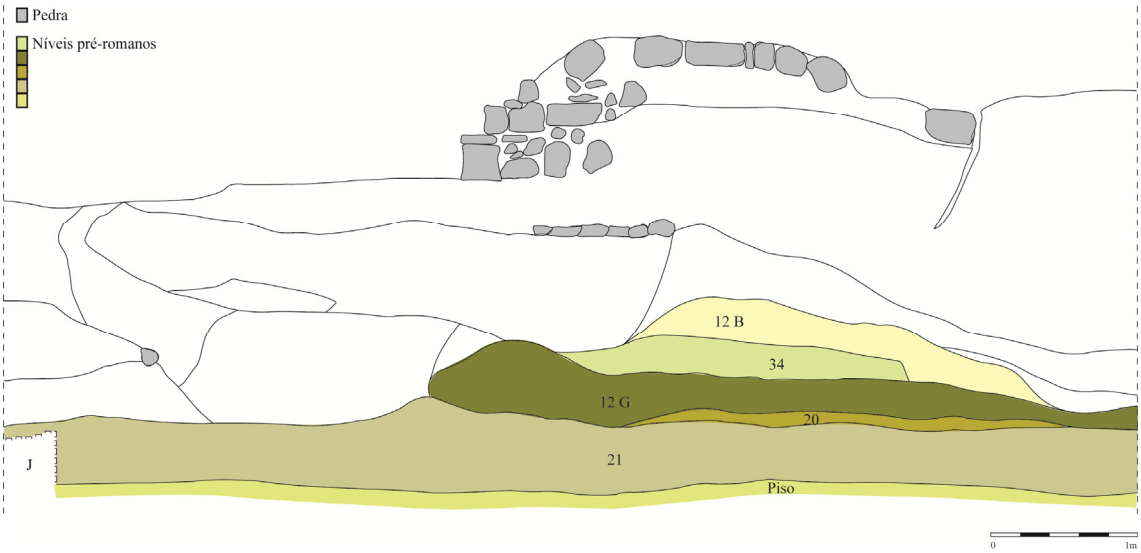


Fig. 53 – Perfil do Sector 3 Sudeste, quadrículas N17, O16 e O15: corte nordeste-sudoeste.

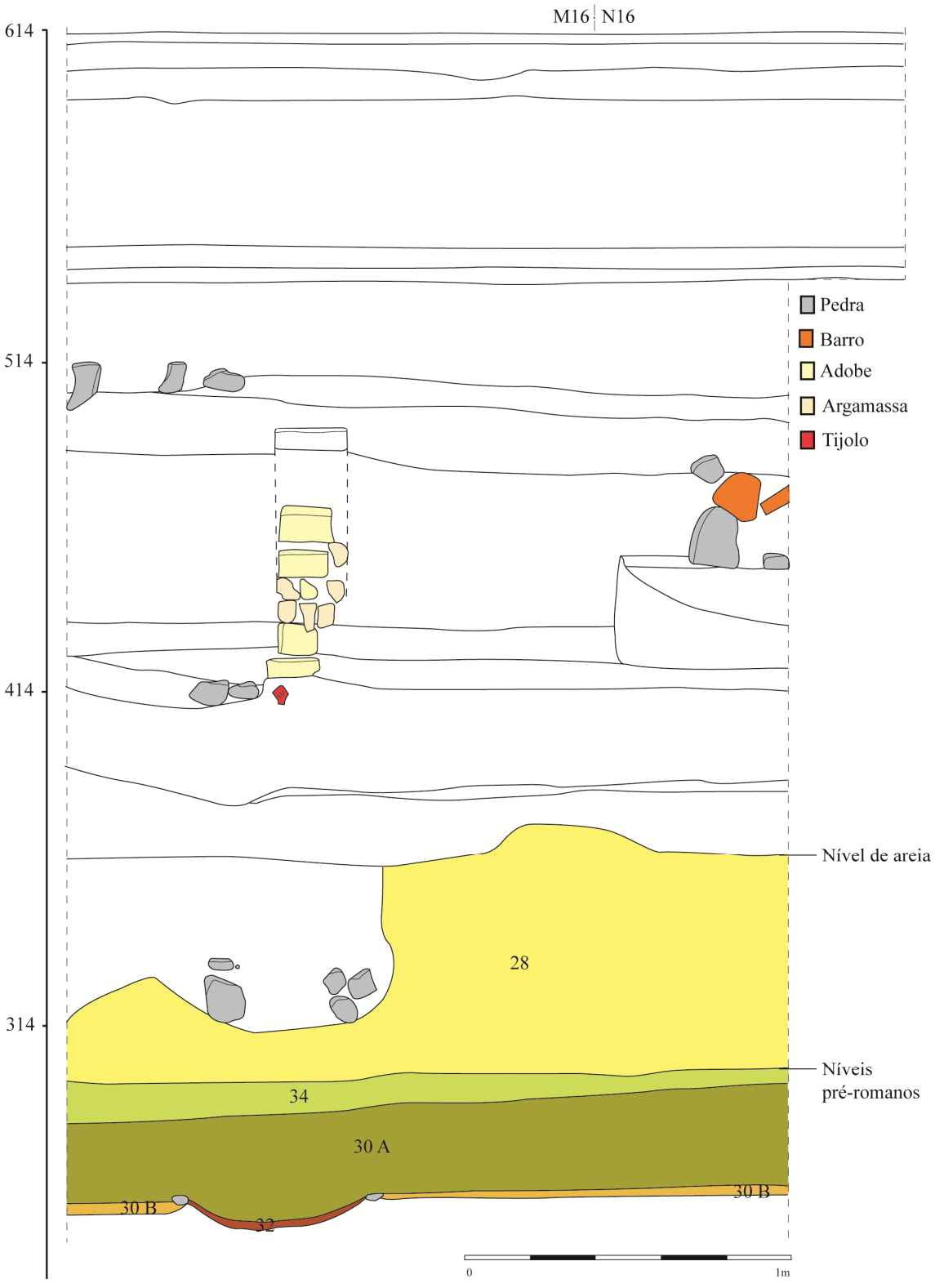


Fig. 54– Perfil do Sector 3 Sudeste, área Ligação SE - Compartimento 8, quadrículas M16 e N16.

4.1.5. Arquitectura e urbanismo

No sector de escavação mais extenso, detectou-se um conjunto edificado da Idade do Ferro, com duas fases arquitectónicas. Apesar de ser tratar de uma área relativamente pequena, consiste no único registo considerável de cariz urbanístico para a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa.

A fase mais antiga, ou Fase I, é definida pela construção de três compartimentos de planta rectangular, designados Compartimentos "03", "04" e "05". É razoável admitir que a área central consistisse num amplo espaço aberto e, provavelmente, de arruamento. Contudo, e como já foi referido anteriormente, a existência de uma lareira no seu centro coloca alguns obstáculos a esta interpretação.

A segunda fase arquitectónica parece consistir mais num projecto de remodelação do que numa alteração urbanística propriamente dita. A este momento estaria associada a construção e/ou remodelação de quatro compartimentos, nomeadamente os Compartimentos "01", "02", "06" e "07", e, consequentemente, a construção do forno que se situa na área central do sector. Estas remodelações não parecem, contudo, ter inviabilizado a utilização dos compartimentos anteriores, concretamente os "03", "04" e "05". Mesmo ao nível da cota de utilização, não parece registar-se alterações significativas nessas áreas.



Fig. 55 – Estruturas pré-romanas da Rua dos Correeiros (segundo AAVV, 1995).

Os espaços construídos e utilizados durante ambas fases encontravam-se servidos por pequenas estruturas de combustão, com menos de um metro de diâmetro, o que permite depreender um uso essencialmente habitacional dos compartimentos. Estas estruturas, de formato sub-circular, eram constituídas por uma camada de seixos de quartzito, de pequena e média dimensão. Deve referir-se que estes seixos não existem na área, sendo provavelmente obtidos nos terraços plistocénicos que existem a montante da margem esquerda do rio Tejo (Cardoso, 1995, p. 28).



Fig. 56 – Lareira da Idade do Ferro da Rua dos Correeiros (segundo AAVV, 1995).

Em dois dos compartimentos escavados, foi ainda possível identificar a existência de pequenas placas de argila, situadas sempre numa área periférica dos mesmos, que poderiam servir para colocar recipientes de armazenamento de grandes dimensões. Contudo, a tonalidade registada nestas placas indicia alguma espécie de contacto com calor (Bugalhão, 2001, p. 33).

O único compartimento delimitado na totalidade da sua extensão, o Compartimento 05, mede, aproximadamente, 5,75 m por 2 m.

As estruturas apresentam sempre um embazamento pétreo, formado por pedras de pequena e média dimensão, ligadas por um sedimento argiloso, sendo o resto da parede construída, presumivelmente, em taipa (Cardoso, 2004, p. 254), a julgar pela ausência de derrubes pétreos de dimensões consideráveis. Os pisos de ocupação eram constituídos por terras argilosas, geralmente de tonalidades esverdeadas e os telhados

teriam uma cobertura vegetal coberta por argila, como indica o aparecimento de cerâmica de construção.



Fig. 57 – Fragmento de cerâmica de construção.

Sobre a estrutura de planta circular que se localiza no centro da área escavada devem tecer-se ainda algumas considerações. É de alvernaria (pedras calcárias de pequena e média dimensão, ligadas por um sedimento argiloso) e estava parcialmente adossada a uma estrutura anterior (Estrutura I). A base consistia num pavimento de barro cozido. O acesso ao seu interior localizava-se a oeste (Bugalhão, 2001, p. 33).

Existem, efectivamente, duas interpretações possíveis para a funcionalidade deste tipo de estruturas (Mataloto, 2003, p. 34). A primeira, que consideramos ser a mais adequada, é a de se tratar de um forno cerâmico. As dúvidas que se levantam em relação a esta interpretação relacionam-se com a própria forma da estrutura. A inexistência de um pilar central ou de evidências de sustentação de uma grelha, ambos elementos característicos deste tipo de construções, poderia inviabilizar a sua utilização como forno. Também as reduzidas dimensões da câmara de combustão, que atinge apenas um metro e meio de diâmetro, são argumentos que permitem duvidar da sua utilização como forno, pelo menos na cozedura de grandes contentores, que, a ter acontecido, comportaria escassos recipientes por fornada. Contudo, um dos poucos contextos estratigráficos associados a esta construção (camada 12 G) permitiu recuperar, a par vários nódulos de barro cozido (o que indica actividades de combustão), uma quantidade muito expressiva de fragmentos cerâmicos (muitos dos quais pertencem a ânforas), apesar de serem raros os que evidenciam defeitos de cozedura. Por outro lado, fornos de pequena dimensão e de planta circular ou oval, mas sem pilar central, são conhecidos ainda durante a época romana, nomeadamente em Los Matagallares, em Granada (Bernal Casasola e Lorenzo Martínez, 2004). Também em Monte Molião uma bateria composta por quatro fornos datados de época Flávia apresenta características semelhantes (Arruda, Viegas e Bargão, 2010).

Uma outra interpretação possível para esta estrutura é de se tratar de uma estrutura positiva de armazenamento de cereais (silo aéreo). Estruturas deste tipo estão

documentadas em sítios sidéricos da Extremadura espanhola, como El Chaparral (Jiménez Ávila, Ortega Blanco e López-Guerra, 2005) e em El Palomar (Jiménez Ávila e Ortega Blanco, 2008). No território actualmente português, registam-se sobretudo no Alentejo Central, concretamente em Espinhaço de Cão (Calado e Mataloto, 2008, p. 195-196), Porto das Lages (Correia, 1988-1989) e Herdade da Sapatoa 1 e 3 (Mataloto, 2004). As estruturas circulares aí documentadas apresentam diâmetros que oscilam entre os 1,80 m e os 2,50 m, sendo a sua base formada por um anel de pedras. A área interna era preparada com um primeiro nível de argila, sobre o qual se depositava uma camada compacta de terra, pedra e fragmentos cerâmicos, rematada, na superfície, por um lageado (Jiménez Ávila, Ortega Blanco e López-Guerra, 2005, p. 465; Jiménez Ávila e Ortega Blanco, 2008, p. 270-271). Ao nível do registo arqueológico da Rua dos Correeiros, poderia pensar-se que apenas os primeiros níveis desta construção se teria conservado (o muro circular de base e o pavimento de argila). Contudo, atendendo à localização geográfica do sítio de Lisboa, não parece coerente presumir a uma vocação eminentemente agrícola.

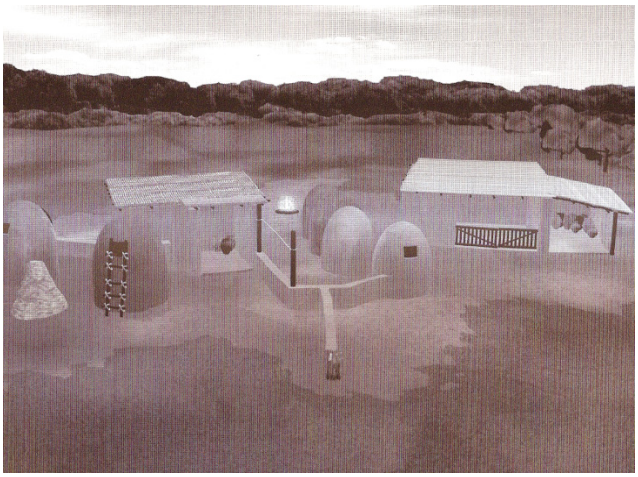


Fig. 58 – Reconstituição tridimensional da área escavada em El Chaparral, da autoria de Elena Vega (segundo Jiménez Ávila e Ortega Blanco, 2008).

Tendo todos estes elementos em consideração, e apesar das reservas já apontadas, a interpretação da estrutura como forno cerâmico parece ser a hipótese mais plausível, atendendo à estratigrafia documentada na Rua dos Correeiros.

O plano urbanístico presente no sítio não é suficientemente detalhado para considerar a proposta de uma funcionalidade baseada na sua arquitectura. O espaço apresenta algumas características habitacionais, como é o caso de compartimentos dotados de uma lareira interna. Contudo, não se pode descartar a possibilidade de ter servido, talvez até simultaneamente, como uma área destinada a actividades produtivas, como indicia a presença do forno anteriormente referido.

Por outro lado, a topografia da implantação, contígua ao rio Tejo, permite também admitir uma função eminentemente portuária, que poderia, contudo, ser conciliável com um cariz industrial.

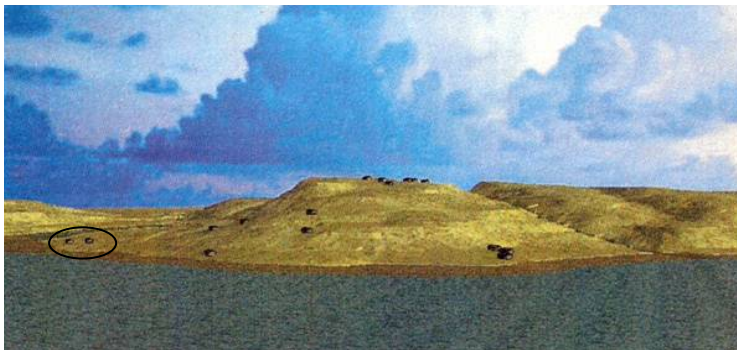


Fig. 59 – Localização da Rua dos Correeiros na reconstituição da colina do Castelo de São Jorge (segundo Calado, 2008).

Na actual cidade de Lisboa, apenas na zona musealizada da Praça Nova, no Castelo de São Jorge, se conhece outro conjunto edificado datável do período pré-romano. Corresponde a uma pequena área onde se pode observar algumas estruturas pétreas. Nas estruturas que se encontram a uma cota mais baixa, identifica-se parte de um compartimento de planta rectangular, cujo pavimento interior parece ser preparado com um sedimento argiloso, tal como se observa na Rua dos Correeiros. Também o aparelho construtivo das estruturas é muito similar, sendo formadas, sobretudo, por blocos de pedra de pequena dimensão e, ocasionalmente, outros de tamanho médio e grande. O compartimento musealizado apresenta ainda uma zona de entrada, aparentemente também pavimentada com sedimento argiloso e blocos de pedra de média dimensão. Num nível mais superior (cerca de um metro acima), detectaram-se ainda alguns blocos aparelhados, que parecem corresponder a estruturas de época posterior. Estes pormenores arquitecturais permanecem, infelizmente, inéditos. A cronologia apontada pelas legendas que ilustram o espaço é ampla, estendendo-se desde o séc. VII até ao século III a.C. A pouca densidade arquitectónica visível não deixa de causar alguma estranheza. Considerando que a área da Praça Nova corresponderia, de acordo com os modelos de implantação conhecidos no âmbito da presença orientalizante peninsular, ao núcleo central do povoado pré-romano de *Olisipo*, seria de esperar construções um pouco mais expressivas e, sobretudo, dotadas de alguma complexidade. No entanto, sendo grande o desconhecimento sobre os resultados destes trabalhos, quer ao nível estratigráfico quer no que se refere ao registo artefactual, é necessário colocar a possibilidade de existirem outros vestígios mais significativos.

Algumas informações disponíveis sobre a arquitectura de Almaraz permitem também alguns paralelismos. A técnica construtiva das estruturas é semelhante, ainda que as paredes fossem formadas, aparentemente, por tijolos de adobe e não por taipa. A

utilização de argilas compactadas para a pavimentação das áreas habitacionais também se verifica no sítio da margem esquerda do Tejo, assim como a utilização de lareiras de formato circular, ainda que, neste caso, apresentem uma camada formada por fragmentos cerâmicos em vez de seixos (Barros, 1998). Idênticas técnicas construtivas foram detectadas no concelho de Oeiras, concretamente nos sítios de Outorela I e Outorela II (Cardoso, 2004, p. 267).

Estas características arquitectónicas, quer ao nível da planta, quer no que se refere às próprias técnicas construtivas, não são, naturalmente, específicas da área do Estuário do Tejo, estando disseminadas um pouco por todo o território onde se regista uma influência orientalizante. Para se identificarem traços construtivos individualizantes deste território da fachada atlântica, seria necessário um considerável aumento da extensão dos espaços escavados, situação que dificilmente se poderá verificar em áreas tão profusamente urbanizadas como é o caso da actual cidade de Lisboa.

4.1.6. O conjunto artefactual

As escavações arqueológicas efectuadas na Rua dos Correeiros permitiram a recolha de 4239 fragmentos cerâmicos classificáveis no âmbito dos níveis sidéricos. Estes exemplares foram divididos em categorias estabelecidas de acordo com critérios de ordem tecnológica.

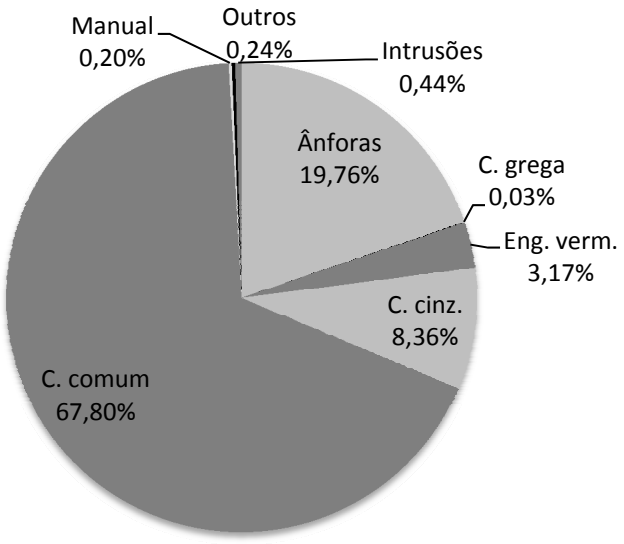


Fig. 60 – Distribuição dos fragmentos recolhidos nos níveis sidéricos pelas várias categorias cerâmicas (base NMI).

Correspondem a ânforas, cerâmica grega, cerâmica de engobe vermelho, cerâmica cinzenta, cerâmica comum, cerâmica manual e outros artefactos de cerâmica.

A primeira categoria corresponde, essencialmente, a materiais destinados ao transporte de produtos alimentares, não sendo, contudo, de excluir a sua utilização como recipientes de armazenamento.

A cerâmica grega constitui um material de excepção. A sua funcionalidade pode prender-se quer com um uso eminentemente funcional para consumo de alimentos ou com um uso de cariz ritual, dependendo dos contextos em que é identificada.

A cerâmica de engobe vermelho e a cerâmica cinzenta, ambas pouco expressivas no conjunto, consistiriam, essencialmente, nos serviços de mesa por excelência usados pelas comunidades pré-romanas de Lisboa.

A cerâmica comum, maioritária no conjunto, é diversa do ponto de vista funcional, podendo ser usada não só na preparação e confecção de alimentos, mas também no seu serviço à mesa, no armazenamento e mesmo na higiene pessoal.

A cerâmica manual, com fraca expressão no conjunto, integra, com grande probabilidade, funções relacionadas com a confecção de alimentos.

A última categoria referida, artefactos de cerâmica, refere-se a objectos pouco homogéneos quanto ao uso, podendo corresponder a adornos, a utensílios relacionados com actividades produtivas e outros de utilização menos clara.

Cabe ainda referir a presença de alguns materiais intrusivos, sobretudo de cronologia islâmica, resultantes, provavelmente, de contaminações por parte de enchimentos de estruturas negativas construídas durante essa fase de ocupação do sítio. São pouco expressivos, correspondendo a uma ínfima percentagem do conjunto.

Para além dos materiais cerâmicos, recolheu-se, no decurso das escavações, um artefacto metálico correspondendo a uma fíbula de bronze. Ao contrário do espólio cerâmico, esta peça não é proveniente dos contextos sidéricos, mas sim de níveis de cronologia romana. Contudo, a sua clara associação a uma cronologia pré-romana justificou a sua inclusão no presente estudo.

4.1.6.1. Questões metodológicas

Critérios de selecção

As intervenções arqueológicas efectuadas na Rua dos Correeiros proporcionaram a recolha de um numeroso espólio, correspondente às várias fases de ocupação registadas, e que foi armazenado em cerca de 400 contentores.

No início deste trabalho, foi necessário proceder à selecção dos materiais a estudar. Uma das possibilidades incidia no estudo da totalidade dos materiais sidéricos, quer os provenientes de contextos estratigráficos pré-romanos quer o material descontextualizado que surge, com alguma frequência, associado a camadas arqueológicas de cronologia posterior. A dificuldade em distinguir, no estado actual dos nossos conhecimentos, quais os materiais que são exclusivamente da Idade do Ferro dos que podem ser já datados da época romana, exceptuando a cerâmica de engobe vermelho, justificou a exclusão dessa possibilidade. Com efeito, a transição de parte significativa da cultura material do período pré-romano para a fase cronológica imediatamente posterior é um processo bem conhecido em várias áreas do território peninsular, havendo indícios da mesma situação ter ocorrido em outros locais de Lisboa, como é o caso do Castelo de São Jorge (Pimenta, 2005). O facto de a Rua dos Correeiros ter uma ocupação do período romano republicano não permitia, consequentemente, assegurar que todos os materiais estudados pudessem ser adscritos à fase pré-romana. Tendo estes factores em consideração, optou-se por estudar exclusivamente o conjunto artefactual recolhido em níveis da ocupação sidérica.

Numa primeira fase, efectuou-se a análise dos dados estratigráficos de forma a individualizar todos os níveis arqueológicos pré-romanos. Com base nos resultados obtidos, procedeu-se, entre o conjunto total de materiais, à selecção de todos os exemplares exumados nesses mesmos estratos. A única excepção a esta situação relaciona-se com a fíbula anteriormente referida.

Critérios de quantificação

Ao nível da quantificação do conjunto cerâmico, seguiu-se os critérios estabelecidos no evento de Mont Beauvray (Arcelin e Tuffreau-Libre, 1998), de atribuição de Número Mínimo de Indivíduos (NMI).

De acordo com este sistema, o NMI é obtido a partir de uma selecção operada segundo os elementos de formas inventariáveis, dentro de cada grupo/categoria cerâmico. São contabilizadas as formas completas, os bordos e os fundos diferenciáveis, as asas, e, por vezes, outros elementos característicos, definíveis caso a caso. O valor mais elevado obtido segundo as diferentes partes morfológicas de cada agrupamento cerâmico constitui o NMI. Esse é valor é considerado como a imagem virtual do número de vasos em utilização durante a constituição da Unidade Estratigráfica (*Ibidem*).

Aplicando este método ao conjunto recolhido na Rua dos Correeiros, a primeira fase da análise implicou a separação das cerâmicas de acordo com as categorias estabelecidas e, dentro destes conjuntos, a individualização dos exemplares capazes de permitir um enquadramento tipológico, no seio de cada contexto estratigráfico. O elemento caracterizador mais abundante nos quatro conjuntos, que permitiu a contabilização do NMI é, na esmagadora maioria dos casos, o bordo. Assim, os 4239 fragmentos cerâmicos inventariáveis dos níveis sidéricos do sítio correspondem a 2911 NMI.

Este método de quantificação é a base de todas as análises comparativas efectuadas ao longo deste trabalho.

Quadros de integração tipológica

Quando se realizou a primeira aproximação ao conjunto presentemente estudado, tornou-se evidente a necessidade da elaboração de quadros tipológicos específicos capazes de integrar e sistematizar os materiais pré-romanos de produção local e/ou regional. As tipologias existentes até ao momento para as categorias cerâmicas estudadas não são, em nossa opinião, aplicáveis a este conjunto específico. Uma análise prévia das características dos fabricos dos exemplares recolhidos na Rua dos Correeiros indicia uma presença verdadeiramente esmagadora de produções de âmbito local e/ou regional. Mesmo a nível formal, correspondem a morfologias com características

marcadamente individualizantes, que se distinguem, portanto, de outros conjuntos artefactuais peninsulares, o que condiciona, naturalmente, o uso desses instrumentos tipológicos. No entanto, e sempre que tal se justifica, optou-se por atribuir equivalências entre as formas reconhecíveis na Rua dos Correeiros e outras de contextos sidéricos peninsulares.

A criação de quadros tipológicos específicos foi, assim, indispensável para o estudo e tratamento do conjunto do material cerâmico da Rua dos Correeiros. Os referidos quadros contêm, contudo, algumas limitações, impostas pelas próprias características do conjunto que lhes serviu de base. O elevado estado de fragmentação das peças e a extrema raridade de perfis completos não permitem corroborar, com toda a segurança, as formas propostas. Espera-se que, no futuro, os quadros aqui apresentados possam ser completados e até substituídos por dados e análises mais concretas e substanciadas provenientes de outras escavações arqueológicas. Apesar destas limitações derivadas do estado de fragmentação do conjunto, os esquemas tipológicos criados permitiram dividir os materiais em categorias formais mais ou menos específicas.

Cada um dos quatro quadros tipológicos criados (ânforas, cerâmica de engobe vermelho, cerâmica cinzenta e cerâmica comum) é estruturado hierarquicamente em séries (representadas por um algarismo árabe), depois em grupos (representados por uma letra maiúscula) e em variantes (representadas por uma letra minúscula), seguindo-se, de algum modo, o esquema que Joan Ramon criou, primeiro para as ânforas pré-romanas (1995) e, mais recentemente, para as produções cerâmicas do forno de Camposoto (Ramon Torres *et al*., 2007).

As séries assentam exclusivamente em critérios morfo-funcionais. Naturalmente, em determinadas categorias, como é o caso da cerâmica comum, a multifuncionalidade de muitos dos recipientes limita esta análise. Contudo, associando estas características, concretamente o que se presume serem as suas funções principais, à morfologia geral das peças, é possível estabelecer critérios divisórios suficientemente coerentes.

As restantes divisões (grupo e variante) assentam em critérios essencialmente morfológicos. Infelizmente, uma abordagem morfométrica destas divisões foi impossibilitada pelo estado de fragmentação do conjunto, o que não permitiu análises relacionadas com a medição da altura da peça, largura máxima e relação entre diâmetro

de bordo e diâmetro de fundo. Como tal, a aplicação de critérios amplamente utilizados na organização de materiais cerâmicos, como os apresentados pelos investigadores do Museu do Homem (Balfet, Fauvet-Berthelot e Monzón, 1983), não puderam ser aqui utilizados no estabelecimento dos quadros tipológicos. No conjunto da Rua dos Correeiros, acrescenta-se, em alguns casos, uma sub-variante (representada por um algarismo árabe), que pode representar critérios de carácter decorativo (caneluras ou incisões) ou funcional (presença de asas). Cada um dos quadros tipológicos é descrito em pormenor nos capítulos correspondentes.

Apesar de se assumir que estes quadros têm um carácter essencialmente provisório, optou-se por tentar seguir um esquema que permita a futura inclusão de outros elementos não presentes no conjunto analisado, esquema esse utilizado nas designadas "tipologias abertas". Parte-se, essencialmente, de observações e compartimentações de carácter mais genérico para considerações mais particulares, à medida que se avança da série para o grupo, variante e sub-variante.

Temos plena consciência que algumas das escolhas que se efectuaram na divisão formal das nossas peças se revestem, por vezes, de um carácter algo arbitrário, podendo existir várias outras alternativas para essa segmentação. As divisões efectuadas entre tigelas, taças e pratos são disso um claro exemplo. Apenas com perfis completos se poderia assegurar a sua integração nos vários morfo-tipos.

As próprias nomenclaturas utilizadas para os diferentes vasos são, por vezes, discutíveis, tendo cada conceito diferentes interpretações, consoante as áreas regionais em que são aplicados.

Assim, os quadros tipológicos criados foram elaborados especificamente para a realidade artefactual presentemente estudada. Apesar das suas limitações e mesmo, reconheço, arbitrariedades, consistem num elemento incontornável para a análise destes conjuntos cerâmicos.

Características de fabrico

O estudo das pastas dos fragmentos presentemente analisados foi realizado macroscopicamente, recorrendo à utilização de uma lupa de 15 aumentos para a identificação e descrição dos elementos não plásticos.

Dentro de cada categoria cerâmica, foram distinguidos vários grupos, dentro dos quais, quando necessário, se efectuou a divisão em fabricos.

Os critérios seguidos na sua descrição foram os propostos por Steinstra (1986). Na referência às tonalidades de pastas utilizámos o código de Munsell, Soil Color Charts (1998).

4.1.6.2. As ânforas

Os contentores anfóricos consistem numa categoria cerâmica de valor inestimável no âmbito da análise dos conjuntos artefactuais. O seu estudo pormenorizado permite determinar áreas de contactos comerciais privilegiadas de um sítio arqueológico e principais produtos alimentares importados. Por outro lado, são, geralmente também, bons indicadores cronológicos para a datação de contextos e, por isso mesmo, dos restantes materiais a eles associados.

O estudo das ânforas, no quadro da arqueologia pré-romana, teve o seu principal marco com a publicação da tipologia proposta por Ramon Torres, *Las ánforas fenício-púnicas del Mediterráneo central y occidental*, em 1995, que constituiu a primeira sistematização destes recipientes a uma escala mediterrânea. Naturalmente, outros trabalhos importantes, particularmente ao nível dos territórios ocidentais, antecederam esta obra, como é o caso da propostas tipológicas pioneiras de J. M. Mañá (1951), G. Vuillemot (1965), M. Ponsich (1968), R. Pascual (1974), Ribera Lacomba (1982), C. Florido (1984), A. Muñoz (1987) e A. Rodero (1981). É ainda de salientar os estudos desenvolvidos por Pellicer Catalán (1978), que, incidindo sobretudo em produções mais interiores em relação à fachada litoral do sul peninsular, continua a ser um instrumento incontornável e, até ao momento, insubstituível, na classificação deste tipo de recipientes.

Apesar deste vasto leque disponível de propostas da evolução morfológica e cronológica dos contentores anfóricos, as características do conjunto presentemente estudado, em concreto o seu fabrico maioritariamente endógeno, tornou indispensável a criação de um quadro tipológico específico para o sítio.

No decurso das escavações efectuadas na Rua dos Correeiros, exumaram-se, nos contextos estratigráficos sidéricos, 1265 fragmentos inventariáveis de ânforas, dos quais 347 exemplares permitiram uma representação gráfica. Entre os materiais passíveis de enquadramento tipológico, contam-se 469 peças. O NMI corresponde à totalidade de fragmentos de bordo, ou seja, 579 NMI.

O conjunto anfórico divide-se, ao nível dos fragmentos identificáveis, em 646 fragmentos de asa, 579 de bordo, 36 de fundo e cinco de parede, estes inventariados devido à presença de grafitos ou decoração pintada.

As ânforas correspondem a 19,76% do conjunto total de indivíduos recolhidos em contextos da Idade do Ferro na Rua dos Correeiros. Constitui a segunda categoria mais expressiva do espólio analisado.

Grupos de fabrico

Entre o conjunto anfórico da Rua dos Correeiros, as características das pastas dos recipientes permitiram a distinção de três grupos.

O grupo I engloba pastas não calcárias, cozidas em modo A. São razoavelmente compactas, de fractura regular, variando o seu grau de depuração. Em algumas peças as pastas são bem depuradas (cerca de 5% de elementos não plásticos), enquanto outras apresentam um maior número de componentes (entre 10% a 20%), podendo este elemento variar consoante a área do corpo da peça em que é seleccionada a amostra. A análise efectuada com a lupa de 15 aumentos permitiu a identificação da presença pouco frequente de moscovites de pequena dimensão, raros elementos de biotites, também de pequena dimensão, abundantes calcites de pequena e média dimensão, ocasionais quartzos de média dimensão e raras partículas de plagioclase de média dimensão. As tonalidades também apresentam um considerável grau de variação, podendo oscilar entre o acastanhado (Munsell 7/4 10YR *very pale brown*) e o alaranjado (Munsell 6/6

5YR *reddish yellow*). Ainda que menos frequentes, surgem também algumas pastas acinzentadas (Munsell 6/1 10YR *gray*) que se relacionam, seguramente, com o processo de cozedura das peças.

É frequente a aplicação de engobes brancos na zona interna do bordo e na superfície externa das peças, tendo sido esta técnica detectada em mais de um quarto do conjunto dos indivíduos. Mais raros são os engobes de outras tonalidades, tendo-se observado a presença de pintura castanha num único exemplar e de pintura vermelha em outros dois, sempre localizados na mesma área dos fragmentos anteriormente citada.

Este grupo é dominante, englobando quase a totalidade dos exemplares desta categoria (577 NMI), que corresponde a 99,64%.

Pensamos que este grupo I corresponde a uma produção local da área de Lisboa.

O grupo II integra um único exemplar (1 NMI). Define-se por apresentar uma pasta não calcária, de textura compacta e fractura regular. É pouco depurada (entre 10% a 20% de elementos não plásticos), identificando-se a presença de abundante de quartzo de média dimensão e de calcites de pequenas dimensões, algumas moscovites de pequena dimensão e ocasionais partículas de plagioclase de média dimensão. A pasta é bicolor, sendo o núcleo de tonalidade cinzenta-escura (Munsell 4/1 2.5 Y *dark gray*) e a superfície laranja-acastanhada (Munsell 6/6 7.5 YR *reddish yellow*).

A sua representatividade é rara, consistindo 0,18% do conjunto.

Esta produção é, provavelmente, originária da área da Campiña Gaditana, no sul do território peninsular. Corresponde, formalmente, à variante 1Ba definida para os contentores anfóricos, cujos paralelos com as ânforas ditas "turdetanas" é evidente (*vide infra*, neste mesmo capítulo, Variante 1Ba).

O último grupo, grupo III, é, como no caso anterior, representado por uma única peça (1 NMI). Apresenta uma pasta calcária, de textura mediamente compacta, estratificada, e fractura irregular. É consideravelmente depurada (cerca de 5% de elementos não plásticos), tendo sido possível identificar a presença muito frequente de quartzo de pequena e média dimensão, frequentes nódulos ferruginosos de pequena dimensão, ocasionais plagioclases de pequena dimensão, raras moscovites de pequena dimensão e

ocasionais calcites de média dimensão. A tonalidade da pasta é amarela-esverdeada clara (Munsell 7/2 5Y *light gray*).

Tal como o grupo anterior representa 0,18% do conjunto anfórico.

Pensamos que este grupo corresponde a uma produção sarda. A descrição que J. Ramon Torres estabelece para esse tipo de pastas é, efectivamente, coincidente com a apresentada (Ramon Torres, 1995, p. 261). O tipo formal no qual se integra, variante 1Ea, é também concordante com esta proposta.

As formas

Entre o conjunto estudado, os contentores anfóricos da Rua dos Correeiros são, sem dúvida, o material mais difícil de tipificar. O recurso a tipologias específicas sobre as ânforas pré-romanas para a classificação deste conjunto revelou-se, como já foi referido, impraticável, dadas as características iminentemente regionais do conjunto lisboeta. Por esta razão, a criação de um quadro tipológico específico para esta realidade tornou-se imperativo como instrumento de trabalho para a sua análise. Infelizmente, o material anfórico da Rua dos Correeiros encontra-se de tal forma fragmentado que apenas nos podemos guiar pelas características dos fragmentos de bordo.

Este quadro agora proposto reveste-se, assim, de um carácter extremamente precário e provisório, esperando-se que possa ser ultrapassado com propostas consubstanciadas em conjuntos que se encontrem em melhor estado de conservação.

O quadro tipológico criado para estes materiais apresenta uma única série, uma vez que o critério morfo-funcional é sempre idêntico, que é divisível em cinco grupos. Estes últimos foram estabelecidos tendo em consideração a orientação do bordo, e as variantes foram propostas de acordo com as características do mesmo, concretamente a altura, engrossamento e também a morfologia do colo, quando presente.

Série 1 – Ânforas

Esta série engloba todos os fragmentos que apresentam características que permitem a sua integração na categoria de recipientes de transporte. Apesar de esta ser a sua função primária, não é rara a sua utilização como vasos de armazenamento, especialmente em contextos domésticos.

Esta categoria cerâmica integra 1265 fragmentos (579 NMI). Destes, 796 (110 NMI) não possibilitaram uma classificação específica dentro do quadro tipológico estabelecido.

Atendendo às características morfológicas da parte superior destes vasos, especificamente a área do bordo, foi possível individualizar cinco grupos distintos, subdivididos em múltiplas variantes.

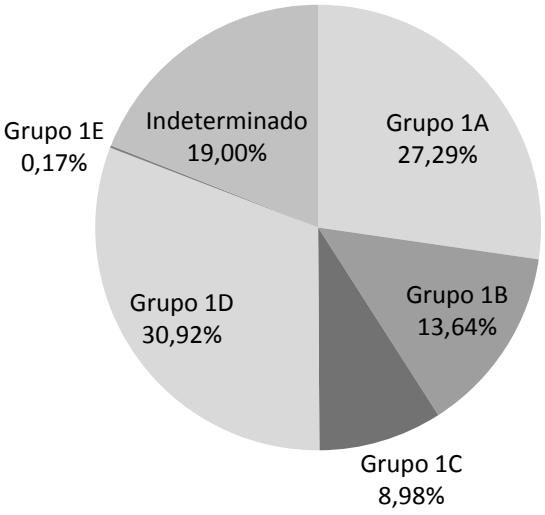


Fig. 61 – Distribuição das ânforas da Rua dos Correeiros de acordo com os grupos definidos (base NMI).

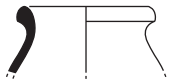
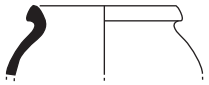
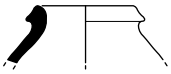
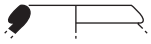
Série 1	Grupo 1A	Variante 1Aa 	
		Variante 1Ab 	
		Variante 1Ac 	
		Variante 1Ad 	
		Variante 1Ae 	
		Variante 1Af 	

Fig. 62 – Quadro tipológico estabelecido para as ânforas da Rua dos Correeiros.

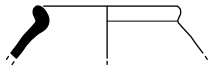
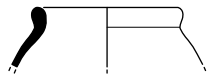
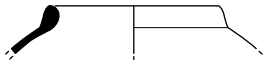
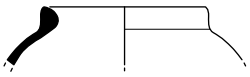
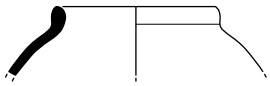
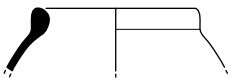
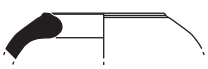
Série 1	Grupo 1B	Variante 1Ba 	
		Variante 1Bb 	
	Grupo 1C	Variante 1Ca 	
		Variante 1Cb 	
		Variante 1Cc 	
	Grupo 1D	Variante 1Da 	
		Variante 1Db 	
		Variante 1Dc 	
	Grupo 1E	Variante 1Ea 	

Fig. 63 – Quadro tipológico estabelecido para as ânforas da Rua dos Correeiros.

Grupo 1A

Este grupo engloba os fragmentos de ânforas que apresentam um bordo exvertido, engrossado e ligeiramente pendente. Têm um colo estrangulado, variável ao nível da altura.

Ao nível do perfil morfológico, é possível observar algumas semelhanças entre os exemplares integrados neste grupo e alguns tipos anfóricos de origem meridional. Estes últimos correspondem, essencialmente, ao que foi definido por Pellicer Catallán como tipo B e C de Cerro Macareno (1978). Trata-se formas derivadas das chamadas "ânforas de saco", ou tipo Rachgoun-1 (R-1), características da fase orientalizante. Os tipos B e C de Pellicer Catallán diferenciam-se entre si apenas pela forma do corpo da ânfora, que pode ser troncocónica (tipo B) ou fusiforme (tipo C). Dada esta evidência, a classificação de bordos de pequena dimensão é, geralmente, designada sob a nomenclatura de tipo B/C, nomenclatura usada, inclusive, pelo próprio autor (*Ibidem*, p. 377). Este tipo de ânforas surge ainda durante o século VI a.C., concretamente nas suas últimas décadas. A sua presença está ainda atestada em níveis arqueológicos datáveis das três centúrias seguintes (*Ibidem*, p. 377).

Na zona da actual Extremadura espanhola, contentores anfóricos de morfologias muito semelhantes aos anteriores foram também individualizados. A sua relação evolutiva com as ânforas do tipo R-1 foi também estabelecida (Guerrero, 1991, p. 56). Tendo por base o conjunto de materiais recuperados no palácio-santuário de Cancho Roano, os primeiros estudos que incidiram sobre estes contentores extremenhos utilizaram a designação de CR-I e CR-II para distinguir os dois principais tipos anfóricos individualizados (*Ibidem*). Sobre a caracterização destas ânforas, cabe realçar dois pormenores. O primeiro incide sobre a grande variação ao nível do diâmetro de bordo, estabelecida entre os 125 mm e os 180 mm, com uma média entre 140 e 150 mm (*Ibidem*, p. 53). O segundo relaciona-se com a provável zona de produção que, de acordo com análises, ainda que macroscópicas, dos fabricos identificados, aponta para uma origem e difusão de cariz local e/ou regional (*Ibidem*, p. 73). Cronologicamente, os contentores designados de CR-I e CR-II estão balizados entre finais do século VI e inícios do século IV a.C. (*Ibidem*, p. 63).

Apesar das semelhanças anteriormente estabelecidas, a inexistência, no conjunto da Rua dos Correeiros, de materiais de origem exógena no grupo 1A, leva a pensar numa evolução essencialmente local e interna dos tipos anfóricos imediatamente anteriores, nomeadamente a partir do tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres (1995), tal como sucede nas áreas produtoras anteriormente referidas. Não obstante esta sugestão, a semelhança dos perfis dos contentores anfóricos deste nosso grupo (1A) com os da área meridional, e, em menor grau, com os da zona central do território peninsular, deixa em aberto a possibilidade de estes, concretamente os de tipo B/C de Pellicer e CR I e II, terem influenciado a evolução que se verifica na costa atlântica ocidental. É muito possível que a provável chegada destes contentores, entre finais do século VI e o século V a.C., tenha desempenhado um papel fundamental na evolução regional destas formas anfóricas.

Neste grupo foram incluídos 158 fragmentos (158 NMI), que correspondem a 27,29% do conjunto anfórico. As características das suas pastas são integráveis no que foi definido como grupo de fabrico I.

Foram detectadas seis variantes distinguíveis, sobretudo, pela forma do colo e características do bordo.

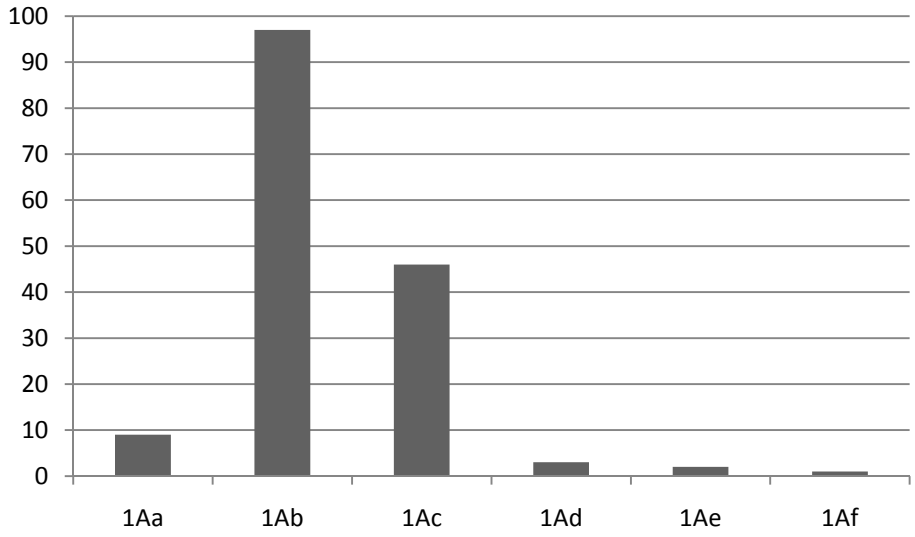


Fig. 64 – Distribuição das variantes do grupo 1A (base NMI).

Variante 1Aa

Esta primeira variante integra exemplares de colo relativamente alto e menos estrangulado que em outras variantes. O bordo, exvertido, apresenta um perfil arredondado e é consideravelmente engrossado.

Esta variante está representada no conjunto por nove exemplares (9 NMI). Os diâmetros dos bordos variam entre os 124 mm e os 150 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 7 mm e os 8 mm.

Em Lisboa, esta forma parece estar documentada em contextos do século IV a.C. na Praça Nova, junto ao Castelo de São Jorge, de acordo com as legendas que acompanham a exposição do núcleo museológico do Castelo de São Jorge. Um outro fragmento, proveniente das escavações realizadas na Casa dos Bicos, também é enquadrável nesta forma (informação pessoal de J. Pimenta, a quem agradecemos).

No concelho de Sintra, em Santa Eufémia, existe também um exemplar classificável nesta variante (*vide infra* 4.3.1.5.3.).

Variante 1Ab

Os materiais que integram esta variante partilham entre si um colo mais curto e um bordo pendente de formato triangular. A terminação do bordo é geralmente apontada e a sua zona superior de tendência rectilínea.

Apresenta algumas semelhanças formais com um exemplar recolhido no Cerro Macareno, num nível de finais do século VI, integrado no tipo B/C de Pellicer Catalán (1978, p. 376 – n.º 1065). Também em Huelva, nas escavações efectuadas em La Piterilla, se recolheu um exemplar morfologicamente análogo, num nível datado de finais do século V a.C. (Rufete Tomico, 2002, p. 16 – n.º 9).

No conjunto anfórico da Rua dos Correeiros, 97 peças (97 NMI) são integráveis nesta variante. O diâmetro do bordo varia entre os 118mm e os 158 mm, destacando-se uma particular concentração em torno dos 140 mm a 150 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 6 mm e os 7 mm.

Na área urbana de Lisboa, é possível reconhecer um fragmento afim deste tipo no conjunto cerâmico exposto no Núcleo Museológico do Castelo de São Jorge. Este exemplar, com um maior perfil conservado, apresenta, contudo, uma carena na zona superior da pança, à semelhança do que ocorre nas ânforas do tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres. Se efectivamente corresponder à mesma forma anfórica, esta peça é um valioso indicador de que estas produções locais se inspiram directamente nos protótipos anteriores e são fruto de uma evolução autónoma destes recipientes, sem que se inviabilize, contudo, a possibilidade de influências de outros contentores de áreas mais interiores ou meridionais. A legenda que acompanha o fragmento exposto indica a sua proveniência das escavações decorridas na Praça Nova. A cronologia apontada, com base em critérios certamente morfológicos, centra-se entre os finais do século VII e o século VI a.C. Contudo, a ausência de uma indicação de contexto estratigráfico, à semelhança do que ocorre com outras peças, pode indiciar que esta cronologia foi apontada tomando como hipótese de partida que se tratava de um contentor do tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres.

No concelho da Amadora, esta variante surge na estação arqueológica do Moinho da Atalaia (*vide infra* 4.2.1.5.2.), no povoado das Baútas (*vide infra* 4.2.2.5.2.) e em Fiat – Alfragide (*vide infra* 4.2.3.).

Em Sintra, um dos exemplares recolhidos em Santa Eufémia é também aqui enquadrável (*vide infra* 4.3.1.5.2.).

Em Cascais, entre os materiais recolhidos no Espigão das Ruivas, um exemplar pode também integrar este tipo (Cardoso, 1991, p. 31 - fig. 2).

Em Santarém, é possível que um dos exemplares publicados possa também corresponder a esta variante (Arruda, 2000, Est. 62 – n.º 12).

Variante 1Ac

Nesta terceira variante incluíram-se os exemplares de colo curto e estrangulado e de bordo pendente com um formato tendencialmente sub-circular. A sua zona superior e a terminação são também arredondadas.

A nível morfológico, esta variante assemelha-se a alguns exemplares do Cerro Macareno, classificados dentro do tipo B/C e B/C2 da tipologia elaborada para o sítio, ambos datáveis do terceiro quartel do século V a.C. (Pellicer Catalán, 1978, p. 376 – n.º 1269 (e) e p. 378 – n.º 1269 (d)).

Contabilizaram-se 46 fragmentos (46 NMI) nesta variante. Os diâmetros dos bordos variam entre os 120 mm e os 154 mm, concentrando-se especialmente entre os 140 mm e os 150 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 7 mm e os 8 mm.

Em Lisboa, entre o conjunto anfórico oriundo das escavações da Sé, existe um exemplar que pode ser enquadrável neste tipo (Arruda, 2000, Est. 24 – n.º 4). O mesmo ocorre na Travessa de Chafariz d´ El Rei, sendo o fragmento aqui classificado de acordo com o tipo C de Pellicer Catalán. A cronologia proposta pelos autores para o seu contexto estratigráfico centra-se no século V a.C. Deve, contudo, referir-se que esta datação é baseada nos parâmetros cronológicos estabelecidos para os paralelos dessa mesma ânfora, apontando outros materiais cerâmicos em associação para cronologias um pouco mais recuadas (Filipe, Calado e Leitão, no prelo, fig. 12 – n.º 4).

No concelho da Amadora, surge em Moinho da Atalaia Oeste (*vide infra* 4.2.1.5.2.), nas Baútas (*vide infra* 4.2.2.5.2.), no Casal de Vila Chã Sul e em Fiat – Alfragide (*vide infra* 4.2.3.).

No concelho de Sintra, foi identificada no Castelo dos Mouros (*vide infra* 4.3.2.).

No interior do Estuário do Tejo, julgamos ter ainda reconhecido exemplares morfologicamente análogos entre os materiais recolhidos em Chões de Alpompé (Diogo, 1993, p. 225 – n.º 13 e 15), apesar de os seus diâmetros serem consideravelmente maiores do que os exemplares da Rua dos Correeiros.

Variante 1Ad

Esta quarta variante engloba fragmentos onde a separação entre a zona do bordo e o corpo é mais angulosa comparativamente aos restantes exemplares deste grupo. O bordo é bastante espessado, tanto externa como internamente.

Foi possível identificar formas próximas em Camposoto, Cádis (Ramon Torres, *et al.*, 2007, p. 163, n.º 122), onde são consideradas formas anfóricas "turdetanas". Ainda em território andaluz, concretamente em Huelva, em escavações realizadas na Rua Tres de Agosto 9-11, recolheu-se um outro fragmento de ânfora muito similar, num nível datado de finais do século VI e inícios do século V a.C. (Rufete Tomico, 2002, p. 69 – n.º 8).

Esta variante está representada por três exemplares (3 NMI). O diâmetro de bordo oscila entre os 154 mm e os 170 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 5 mm e os 9 mm.

No povoado das Baútas, na Amadora, esta forma foi identificada (*vide infra* 4.2.2.5.2.).

O mesmo se aplica a um fragmento recuperado no interior do estuário, em Chões de Alpompé (Diogo, 1993, p. 225 – n.º 11) apesar do seu diâmetro ser, uma vez mais, bastante amplo.

Variante 1Ae

Nesta variante incluíram-se os exemplares de colo ligeiramente mais alto e de bordo, com lábio pendente. A zona terminal do lábio apresenta uma pequena depressão.

Formas muito semelhantes foram identificadas no Cerro Macareno, concretamente ao nível da morfologia do bordo, integrando o tipo B/C de Pellicer Catalán. Estes exemplares foram recolhidos em horizontes estratigráficos datados de finais do século VI, terceiro quartel do século V a.C. e finais da mesma centúria (Pellicer Catalán, 1978, p. 378 - n.º 1064, n.º 1269 (f) e n.º 1364). Também em Huelva, exemplares análogos foram documentados em níveis datados de finais do século VI / inícios do século V a.C. e da segunda metade do século V a.C. (Rufete Tomico, 2002, p. 119 – n.º 1 e p. 42 – n.º 15).

No conjunto de contentores anfóricos da Rua dos Correeiros, apenas duas peças são integráveis nesta variante (2 NMI). O único exemplar que permitiu uma reconstituição gráfica apresenta um diâmetro de bordo de 96 mm e uma espessura média da parede de 10 mm.

Deve referir-se algumas semelhanças entre os materiais incluídos nesta variante e uma peça recuperada em intervenções efectuadas por V. Correia também em Lisboa, na Rua dos Douradores (Cardoso e Carreira, 1993, fig. 5 – n.º 5), apesar de o colo desta última não apresentar um estrangulamento tão acentuado.

No território actualmente português, ânforas com estas características surgem, geralmente, de forma singular nos conjuntos artefactuais. É o caso de Miróbriga, onde é possível observar algumas semelhanças com dois fragmentos de bordo de ânfora publicados (Soares e Silva, 1979, Est. IV – n.º 34 e n.º 35).

Variante 1Af

A última variante deste grupo integra fragmentos onde o bordo, também pendente, se encontra tendencialmente mais colado à parede da peça. O lábio é aplanado.

Um exemplar recolhido no Cerro Macareno, num nível datado de finais do século VI a.C., apresenta algumas semelhanças com esta forma (Pellicer Catalán, Escacena Carrasco e Bendala Galán, 1983, p. 155 – n.º 1062).

Apenas um fragmento da Rua dos Correeiros se enquadra nesta variante (1 NMI). O diâmetro do bordo é de 110 mm e a espessura média da peça é de 7 mm.

No território actualmente português, foi possível identificar um paralelo para esta forma entre os materiais recolhidos na Rua do Rato, em Alcácer do Sal (Arruda *et al.*, no prelo).

Grupo 1B

Neste grupo incluíram-se os fragmentos que apresentam um bordo contínuo e de tendência exvertida.

A morfologia destes recipientes, concretamente a forma do bordo e o desenvolvimento da parte superior da peça, apresenta algumas semelhanças com alguns exemplares incluídos na série 11 de Ramon Torres (1995).

A presença de recipientes importados desta forma está documentada no Estuário do Tejo, concretamente na Alcáçova de Santarém, ainda que em número reduzido (Arruda, no prelo).

Entre o conjunto anfórico deste Grupo 1B, deve ainda destacar-se, desde logo, a existência de um fragmento de origem exógena, cujas características ao nível da pasta (grupo de fabrico II) fazem lembrar as produções da área interior do Guadalquivir, mais conhecida como "campiña gaditana". Torna-se assim possível conceber que formas meridionais possam ter tido bastante influência no desenvolvimento das formas englobadas no grupo 1B.

Da totalidade dos fragmentos, 79 exemplares (79 NMI) são passíveis de serem incluídos neste grupo. Correspondem a 13,64% do conjunto recolhido nos níveis da Idade do Ferro. As características das suas pastas permitem a integração no grupo de fabrico I, à excepção de um único exemplar da variante 1Ba, que corresponde ao grupo de fabrico II.

As suas características formais possibilitaram uma subdivisão em duas variantes, atendendo, sobretudo, às características do bordo.

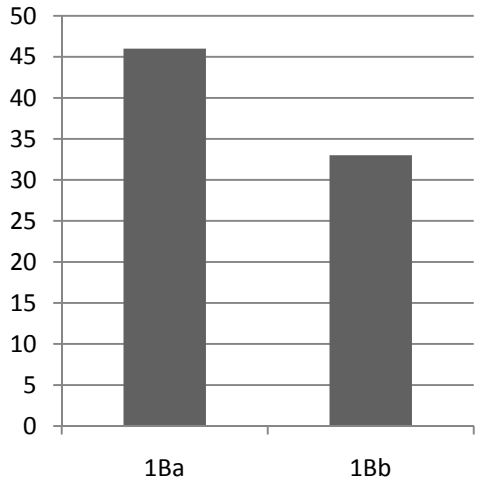


Fig. 65 – Distribuição das variantes do grupo 1B (base NMI).

Variante 1Ba

Nesta variante inseriram-se os exemplares de bordo engrossado que, na superfície interna, manifestam um engrossamento e um ângulo acentuado, que marca uma clara separação entre o bordo e o resto do corpo da peça.

É difícil estabelecer paralelos tipológicos para estes fragmentos. O perfil exvasado do seu bordo não apresenta grandes afinidades com os tipos incluídos na série 11 de Ramon Torres. Contudo, em Camposoto, Cádis, identificou-se um fragmento considerado como "ânfora turdetana" que foi identificado num nível datado entre 475-

450 a.C. (Ramon Torres, *et al.*, 2007, p.163, n.º 119). Não é impossível considerar que as características anteriormente especificadas remetam sobretudo para um horizonte mais interior em relação à baía gaditana. Cabe aqui relembrar que um dos exemplares incluídos nesta variante é exógeno, podendo corresponder a uma produção da área da Campiña Gaditana.

Também em Huelva, recipientes com características formais idênticas foram identificados em contextos de finais do século VI e inícios do século V a.C. (Rufete Tomico, 2002, p. 69 – n.º 2 e 4).

No conjunto anfórico recuperado na Rua dos Correeiros, existem 46 peças passíveis de integrarem esta variante (46 NMI). Os diâmetros dos bordos variam entre os 130 mm e os 180 mm, concentrando-se sobretudo entre os 140 mm e os 150 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 6 mm e os 7 mm.

Na margem esquerda do Tejo, em Almaraz, registam-se dois bordos de ânforas integráveis neste tipo. Contudo, e de acordo com os autores, estes exemplares foram recolhidos em níveis datados entre finais do século IX e inícios do século VIII a.C., em cronologia absoluta (Barros e Soares, 2004, p. 345 – n.º 1, p. 351). Naturalmente que se torna difícil aceitar estes parâmetros cronológicos, tendo em consideração que a forma está ausente em sítios datados de momentos intermédios como é o caso, por exemplo, da Sé de Lisboa (Arruda, 2000). O mesmo se pode argumentar ao nível da proposta de filiação morfológica, surgindo este tipo de recipientes, em todo o território peninsular, apenas a partir de meados do 1º milénio a.C.

No concelho da Amadora, surge no povoado das Baútas (*vide infra* 4.2.2.5.2.) e no Casal de Vila Chã Sul (*vide infra* 4.2.3.).

A sua presença está ainda atestada no Castelo dos Mouros, em Sintra (*vide infra* 4.3.2.).

No interior do Estuário do Tejo, em Chões de Alpompé parece ter-se recolhido um exemplar com características semelhantes (Diogo, 1993, p. 225 – n.º 5). Apresenta, contudo, e como é habitual entre os materiais deste sítio arqueológico, um diâmetro de bordo consideravelmente maior.

Na foz do Sado, em Abul, também se recolheu, em níveis do século V a.C., um fragmento passível de ser integrado nesta variante (Mayet e Silva, 2005, p. 26, n.º 10).

Variante 1Bb

Os fragmentos que compõem esta variante partilham entre si um bordo mais linear, comparativamente à variante anterior, com algum engrossamento tanto ao nível interno como externo.

Ao nível dos paralelos formais, cabe destacar algumas afinidades entre esta variante e o tipo 11.2.1.4. de Ramon Torres, produzido na área do Estreito de Gibraltar entre finais do século V e inícios do século IV a.C. (1995, p. 472 – n.º 6).

Esta variante está representada por 33 exemplares (33 NMI). Os diâmetros de bordo oscilam entre os 118 mm e os 178 mm, concentrando-se sobretudo entre os 130 mm e os 150 mm e entre os 160 mm e os 170 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 7 mm e os 8 mm.

No concelho da Amadora, esta forma surge no povoado das Baútas (*vide infra* 4.2.2.5.2.).

No interior do Estuário do Tejo, em Chões de Alpompé existe um exemplar que pode integrar-se nesta forma (Diogo, 1993, p. 225 – n.º 12).

O mesmo ocorre com um fragmento recolhido no decurso das escavações realizadas na Alcáçova de Santarém (Arruda, 2000, Est. 63 – n.º 8).

Grupo 1C

Este terceiro grupo incorpora contentores de bordos simples e de tendência reentrante.

Tipologicamente este é um grupo difícil de seriar. Parecem constituir recipientes de forma oval, a julgar pela parte superior da peça. No entanto, o elevado estado de fragmentação dos recipientes não permite assegurar essa característica. É possível que representem também uma outra linha evolutiva relacionada com as ânforas de saco dos séculos precedentes.

Integra um total de 52 exemplares (52 NMI), que corresponde a 8,98% do conjunto das ânforas. As características das suas pastas permitem a inclusão no que foi definido como grupo de fabrico I.

Alguns elementos morfológicos individualizadores ao nível do bordo possibilitaram uma subdivisão em três variantes.

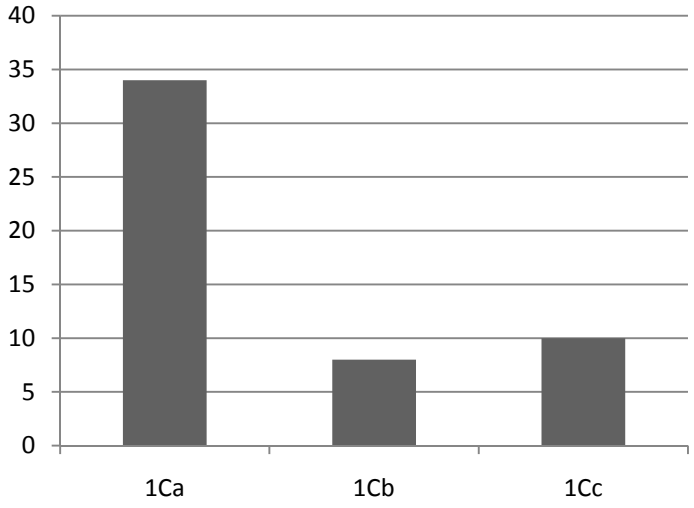


Fig. 66 – Distribuição das variantes do grupo 1C (base NMI).

Variante 1Ca

Nesta variante englobaram-se os fragmentos que apresentam um bordo de formato ovalado.

Entre as ânforas recolhidas no Cerro Macareno, é possível reconhecer um exemplar muito similar à variante estabelecida na Rua dos Correeiros. Esse fragmento foi englobado sob a designação B/C 3 da tipologia criada por Pellicer Catalán e foi recolhido numa camada estratigráfica datada de finais do século V a.C. (Pellicer Catalán, 1978, p. 380 – n.º 1363).

No conjunto anfórico recuperado, 34 peças apresentam características que permitem a sua inclusão nesta variante (34 NMI). Os diâmetros de bordo variam entre os 120 mm e os 170 mm, concentrando-se sobretudo entre os 140 mm e os 170 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 6 mm e os 7 mm.

Este tipo de ânfora é reconhecível, em Lisboa, entre o conjunto artefactual recolhido na Sé, para o qual foi proposto uma cronologia centrada na segunda metade do século VI a.C. (Arruda, 2000, Est. 26 – n.º 3).

Recipientes com estas características estão ainda presentes em Moinho da Atalaia, na Amadora, cujo horizonte cronológico se centra entre o século V e o século IV a.C. (Pinto e Parreira, 1978, p. 159 – f; *vide infra* 4.2.1.5.2.) e também no povoado das Baútas (*vide infra* 4.2.2.5.2.).

No concelho de Sintra, esta variante está presente no povoado de Santa Eufémia (*vide infra* 4.3.1.5.2.).

Também em Chões de Alpompé, esta forma parece estar representada, ainda que singularmente (Diogo, 1993, p. 225, n.º 18). Situação idêntica ocorre em Santarém (Arruda, 2000, Est. 64 – n.º 13).

Variante 1Cb

Os fragmentos que integram esta variante apresentam bordo de perfil geral triangular.

Oito exemplares foram contabilizados nesta variante (8 NMI). Os diâmetros de bordo oscilam entre os 128 mm e os 160 mm. A espessura média da peça é de 6 mm.

Exemplares com idênticas características foram recuperados em Lisboa, concretamente nas escavações realizadas na Rua de São João da Praça (Pimenta, Calado e Leitão, 2005a, p. 323 – n.º 5 e n.º 6), onde foram classificadas de acordo com o tipo 1.3.2.4. de Ramon Torres. Infelizmente, estes materiais são provenientes de contexto de deposição secundária, não permitindo aferir quaisquer dados em relação à sua cronologia.

A forma surge ainda no povoado de Santa Eufémia, em Sintra (*vide infra* 4.3.1.5.2.).

Variante 1Cc

Nesta terceira variante incluem-se os exemplares com bordo pouco diferenciado do corpo, ainda que dele se separe através de uma canelura bem vincada. A superfície interna do bordo apresenta um engrossamento bastante considerável.

Na área do Estuário do Tejo, este tipo de contentores tem sido sistematicamente classificado de acordo com o tipo 4.2.2.5 de Ramon Torres. Este paralelo tipológico tem por base algumas semelhanças formais que se verificam ao nível do bordo e da parte superior da peça, que insinua um corpo de tendência ovalada. Apesar de reconhecermos as afinidades morfológicas, rejeitamos esta equiparação. O elemento cronológico não é, de todo, coincidente. As ânforas do tipo 4.2.2.5. de Ramon Torres correspondem a ânforas muito tardias no quadro da Idade do Ferro Peninsular, sendo balizadas apenas entre a segunda metade do século III e a primeira metade do século II a.C. (Ramon Torres, 1995, p. 194). Os dados existentes para a Rua dos Correeiros, onde contentores afins estão também presentes, não permitem, de momento, considerar uma ocupação posterior ao século V / inícios do século IV a.C. Como tal, é necessário considerar a possibilidade de a origem deste tipo de ânforas, na área do Tejo, tenha seguido um percurso evolutivo próprio e independente daquele que ocorreu no sul peninsular tendo, consequentemente, parâmetros cronológicos diferenciados. Por outro lado, e de acordo com os dados publicados até ao momento, não se conhece a presença, em contextos seguramente datados de cronologia pré-romana, de ânforas do tipo 4.2.2.5. importadas na zona meridional peninsular, sendo, consequentemente, difícil suportar que a imitação destes contentores sem a presença dos protótipos originais. Os exemplares publicados até ao momento, que foram analisados, ainda que de uma perspectiva macroscópica, ao nível das características da pasta, apontam para produções exclusivamente locais e/ou regionais (Pimenta, 2005, p. 123).

Esta variante está representada por dez exemplares (10 NMI). Os diâmetros do bordo variam entre os 140 mm e os 160 mm, concentrando-se particularmente entre os 150 mm e os 160 mm. A espessura média da parede é de 7 mm.

Fragmentos anfóricos com estas características foram recuperados em outra zona da área urbana de Lisboa, concretamente nas intervenções da Rua de São João da Praça, onde foram classificadas, como já foi referido, de acordo com a forma 4.2.2.5. de

Ramon Torres (Pimenta, Calado e Leitão, 2005a, p. 323 – n.º 13, n.º 16 e n.º 18). O contexto estratigráfico da sua recolha foi datado pelos autores de finais do séc. III e da primeira metade do séc. II a.C. O mesmo tipo de ânforas também foi recuperado na Travessa de Chafariz d´ El Rei, sendo também aqui designado de 4.2.2.5. Infelizmente, a sua recolha não foi efectuada num contexto primário (Filipe, Calado e Leitão, no prelo). No Castelo de São Jorge, a presença destes exemplares está atestada em período romano-republicano, desconhecendo-se, efectivamente, se configuram uma continuidade em relação ao período anterior, apesar de alguns dados indicarem esse sentido (Pimenta, 2005, p. 90-91 e p. 123). Salientamos, mais uma vez, que, entre os materiais sujeitos a esta classificação, a análise macroscópica das suas pastas indicia uma origem local ou regional (*Ibidem*, p. 123).

No concelho da Amadora, em Moinho da Atalaia Oeste, esta forma está também presente (*vide infra* 4.2.1.5.2.).

Ainda na margem direita do Tejo, é possível que as apenas referidas ânforas da estação arqueológica de Freiria, em Cascais (Cardoso e Encarnação, 2000), classificadas de acordos com os tipos I-4, I-6 e I-8 de Ribera Lacomba (1982), integrem também esta variante.

Na outra margem, na Quinta da Torre, existem dois exemplares podem pertencer a esta forma (Cardoso e Carreira, 1997-1998, fig. 7 – n.º 3 e fig. 12 – n.º 9).

No interior do estuário, em Chões de Alpompé, recolheram-se dois exemplares que parecem integrar-se neste tipo (Diogo, 1993, p. 226 – n.º 27 e 28).

A presença deste tipo também parece estar documentada na Alcáçova de Santarém (Arruda, 2000, Est. 64 – n.º 11).

Grupo 1D

Este grupo é composto por exemplares de bordo simples, de tendência vertical, com engrossamento interno variável.

Tal como ocorre no grupo 1B, estes recipientes apresentam algumas características que fazem lembrar os contentores da série 11 de Ramon Torres (1995), concretamente o perfil da parte superior da peça e o seu bordo.

Do material anfórico recuperado na Rua dos Correeiros, 179 exemplares (179 NMI) são enquadráveis no presente grupo, representando 30,92% do conjunto. As características das suas pastas são integráveis no grupo de fabrico I.

As características formais do bordo permitiram uma posterior subdivisão em três variantes.

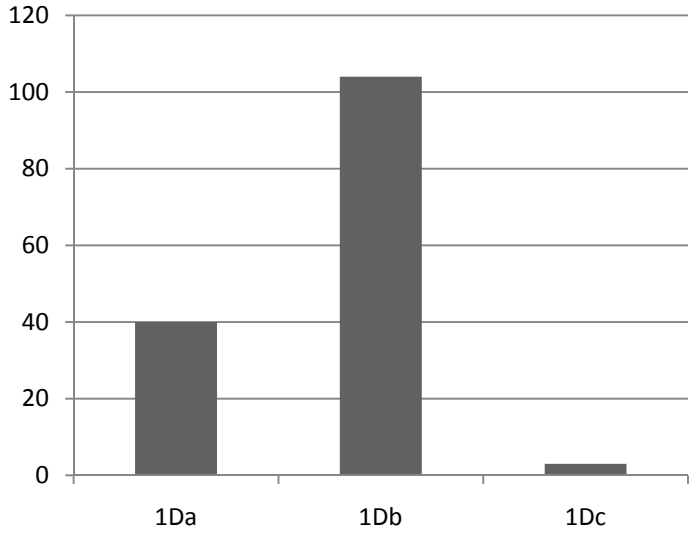


Fig. 67 – Distribuição das variantes do grupo 1D (base NMI).

Variante 1Da

Esta variante integra os fragmentos de bordo cujo engrossamento na superfície interna é triangular.

O bordo triangular é uma característica bastante marcante de vários dos tipos integrados na série 11 de Ramon Torres (1995), estando presente nos exemplares mais antigos conhecidos, datáveis de finais do século VI a.C., prolongando-se até aos momentos iniciais do século IV a.C. Apesar desta semelhança, deve assinalar-se que a parte superior dos exemplares da Rua dos Correeiros é mais larga que a dos contentores

meridionais. Pode, assim, assumir-se alguma influência, ainda que limitada, dos referidos protótipos meridionais nestas produções pré-romanas do Estuário do Tejo.

É possível também observar algumas semelhanças entre os fragmentos que integram esta variante e um exemplar recolhido no Cerro Macareno, onde foi classificado de acordo com o tipo B/C 3 de Pellicer Catalán. O seu contexto de recolha encontra-se datado do terceiro quartel do século V a.C. (Pellicer Catalán, 1978, p. 380 – n.º 1269 (b)).

Em Huelva, ânforas semelhantes surgem em contextos datáveis de meados do século VI a.C. (Rufete Tomico, 2002, p. 61 – n.º 12 e 13; p. 114 – n.º 9). Ainda na Andaluzia, em Sevilha, escavações realizadas na Rua de San Isidoro 85-6 permitiram a recolha de ânforas com estas características em contextos do segundo quartel do século VI a.C. (Campos Carrasco, Vera Reina e Moreno Menayo, 1988, p. 60 – n.º 473).

No nosso conjunto, 40 peças correspondem a esta variante (40 NMI). Os seus diâmetros de bordo oscilam entre os 126 mm e os 168 mm, concentrando-se, sobretudo, entre os 150 mm e os 168 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 5 mm e os 6 mm.

Na área urbana de Lisboa, dois exemplares provenientes das escavações da Travessa de Chafariz d´ El Rei parecem enquadrar-se neste tipo (Filipe, Calado e Leitão, no prelo, fig. 8 – n.º 4; fig. 12 – n.º 6). Um deles, classificado pelos autores como um possível fragmento do tipo 1.3.2.4 de Ramon Torres, não provém de um nível conservado. O contexto de recolha do outro exemplar foi datado pela associação de um outro fragmento de ânfora, classificado como do tipo C de Pellicer Catalán (corresponde ao tipo 1Ac do presente quadro tipológico), do século V a.C. (Filipe, Calado e Leitão, no prelo).

Esta forma surge ainda no concelho da Amadora, em Moinho da Atalaia Oeste (*vide infra* 4.2.1.5.2.) e no povoado das Baútas (*vide infra* 4.2.2.5.2.).

Em Sintra, no Castelo dos Mouros, um exemplar é também integrável neste tipo (*vide infra* 4.3.2.).

Variante 1Db

Os fragmentos de bordo de formato ovalado foram englobados nesta segunda variante.

Ao nível da forma do bordo, os fragmentos desta variante apresentam algumas afinidades com o tipo 11.2.1.4. de Ramon Torres, produzido na área do Estreito de Gibraltar entre finais do século V e inícios do século IV a.C. (Ramon Torres, 1995, p. 236). Contudo, colocam-se os mesmos problemas referidos para a variante 1Da ao nível da forma da parte superior da peça. Morfologicamente, é possível ainda observar algumas semelhanças com um exemplar recolhido no decurso das escavações efectuadas no Cerro Macareno, classificado no tipo B/C 3 da tipologia do sítio. O seu contexto de recolha foi datado dos momentos iniciais do século IV a.C. Contudo, a cronologia da variante inicia-se na segunda metade da centúria anterior (Pellicer Catalán, 1978, p. 379 e p. 380 – n.º 1406). Também cabe destacar a presença de exemplares análogos entre os materiais recuperados na escavação da Rua Tres de Agosto, em Huelva, num nível datado em torno ao século V a.C. (Rufete Tomico, 2002, p. 76 – n.º 6 e 7).

Esta variante está representada por 104 exemplares (104 NMI). Os diâmetros de bordo variam entre os 117 mm e os 188 mm, concentrando-se de forma evidente entre os 140 e os 170 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 6 mm e os 7 mm.

Na área urbana de Lisboa, este tipo está também documentado na Sé, sendo este conjunto datado do século VI a.C. (Arruda, 2000, Est. 26 – n.º 1). Entre os materiais recolhidos por Vergílio Correia na Rua dos Douradores, também é possível estabelecer um paralelo para esta forma (Cardoso e Carreira, 1993, fig. 5 – n.º 10).

No concelho da Amadora, surge em Moinho da Atalaia Oeste (*vide infra* 4.2.1.5.2.), no povoado das Baútas (*vide infra* 4.2.2.5.2.) e em Fiat – Alfragide (*vide infra* 4.2.3.).

Em Sintra, esta variante está presente em Santa Eufémia (*vide infra* 4.3.1.5.2.).

Na área mais interior do Estuário do Tejo, na Alcáçova de Santarém, também se documenta um exemplar integrável nesta variante (Arruda, 2000, Est. 63 – n.º 4).

Variante 1Dc

A última variante deste grupo é composta por exemplares de bordo relativamente mais alto em relação aos restantes. O seu engrossamento interno é considerável e tendencialmente transversal a toda a área do bordo.

Apesar de se assumir a possibilidade de influências dos recipientes integrados no tipo 11 de Ramon Torres (1995) também para esta variante, esta apresenta o problema inverso aos registados anteriormente. Neste caso, a parte superior da peça não é muito distante dos referidos protótipos meridionais. Contudo, as características anteriormente mencionadas ao nível do bordo não se registam na série 11. Não obstante, em Huelva, é possível identificar um exemplar recolhido num nível datado de meados do século VI a.C. que apresenta muitas similitudes com esta variante (Rufete Tomico, 2002, p. 61 – n.º 14).

Contabilizaram-se 35 fragmentos nesta variante (35 NMI). O diâmetro do bordo varia entre s 136 mm e os 168 mm, concentrando-se sobretudo entre os 140 e os 170 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 6 mm e os 7 mm.

Na zona envolvente de Lisboa, em Moinho da Atalaia (Amadora), é possível identificar um exemplar correspondente a este tipo, sendo a cronologia proposta para o sítio balizada entre o século V e o século IV a.C. (Pinto e Parreira, 1978, p. 159 – e; *vide infra* 4.2.1.5.2.). A forma também se documenta em Fiat – Alfragide (*vide infra* 4.2.3.).

A mesma situação se verifica em Santa Eufémia, no concelho de Sintra (Marques, 1982-83, p. 77 – a, c; *vide infra* 4.3.1.5.2.).

No interior do Estuário do Tejo, em Chões de Alpompé, um fragmento é passível de integração neste tipo, embora o seu diâmetro de bordo seja consideravelmente mais amplo (Diogo, 1993, p. 225 – n.º 16).

Também entre o conjunto anfórico exumado na Alcáçova de Santarém é possível documentar esta forma (Arruda, 2000, Est. 63 – n.º 2).

Grupo 1E

Este último grupo, representado por um único exemplar, integra um fragmento de bordo contínuo, com uma orientação claramente reentrante.

Não é fácil estabelecer paralelos tipológicos para contentores anfóricos desta morfologia. As paredes relativamente grossas e a reentrância do bordo lembram, contudo, os protótipos centro-mediterrâneos. O próprio exemplar apresenta características ao nível da pasta não identificáveis com nenhuma produção até ao momento conhecida no território peninsular (grupo de fabrico III). Por outro lado, a forma também não é comum na Península Ibérica. Poderia talvez aproximar-se do tipo 4.2.2.5., ao nível do engrossamento interno do bordo, mas diferencia-se claramente pela forma menos ovalada da sua parte superior.

Como já foi referido, o grupo está representado singularmente no conjunto (1 NMI), correspondendo a 0,17% do mesmo.

Variante 1Ea

Esta variante caracteriza-se pelo bordo muito espessado internamente. A sua zona superior é marcada por uma pequena saliência.

O paralelo mais próximo para este exemplar corresponde à produção do Mediterrâneo Central definida por Ramon Torres como tipo 4.1.1.3. Apresenta a mesma pequena saliência junto ao bordo, o mesmo tipo de engrossamento e idêntica orientação. Esta ânfora foi fabricada na Sardenha entre a segunda metade do século V a.C. e inícios do século IV a.C. (Ramon Torres, 1995, p. 185-186). Encontram-se bem representadas nesta ilha, concretamente em *Tharros* (Acquaro, 1991, p. 175, fig. 1 – n.º 5 e 9), em estratos com a mesma cronologia. Este tipo de ânforas é também frequente em Mozia, na Sicília, em contextos do século V e IV a.C. (Nigro, 2007, p. 167 – MD.03.1000/3, p. 175 – MD.03.1002/56, p. 209 – MD.03.1036/62, p. 215 – MD.03.1038/11, p. 259 – MD.04.1104/27). Em Cartago, são abundantíssimas, correspondendo a quase metade das importações do «Middle Punic II Period», datado dos finais do século V/inícios do IV a.C. (Bechtold e Docter, 2010).

As características da pasta suportam a hipótese de estarmos perante um exemplar com origem no Mediterrâneo Central, uma vez que esta coincide com a descrição do grupo da Sardenha de Ramon Torres (1995, p. 261).

Como já foi referido, apenas um exemplar é enquadrável nesta variante (1 NMI). O diâmetro de bordo é de 120 mm e a espessura média da parede é de 18 mm.

Fragmentos de forma indeterminada

Para além dos fragmentos enquadráveis no quadro tipológico apresentado, existem ainda uma série de bordos de ânforas (110 NMI) que, pelo seu elevado estado de fragmentação, não permitiram qualquer aproximação formal. São, contudo, elegíveis ao nível da quantificação total do conjunto anfórico, correspondendo a 19,00% do mesmo.

As asas são muito numerosas, totalizando 646 fragmentos. Ao nível das suas secções, estes fragmentos são divisíveis em dois grandes grupos. Um deles engloba asas de secção circular e o outro asas de secção oval. No primeiro, ligeiramente mais numeroso, contabilizaram-se 344 fragmentos de secção simples, quatro com um sulco a meio da asa e outros dois que apresentam uma saliência na mesma zona. No grupo de asas de secção oval, três exemplares são de secção simples, dois apresentam uma saliência a meio da asa e outros 291 fragmentos um sulco na mesma área. Asas com este característico sulco também foram documentadas em Moinho da Atalaia (Pinto e Parreira, 1978, fig. 3 – (c)), Santa Eufémia (Marques, 1982-83, p. 76) e Outorela I/II (Cardoso 1990) e Quinta da Torre (Cardoso e Carreira, 1997/1998). Consequentemente, esta tradição parece ser bastante específica da zona central da costa ocidental atlântica, mais especificamente do Estuário do Tejo, não se conhecendo paralelos em qualquer outra área geográfica. As asas de secção circular, por outro lado, são as mais características do mundo orientalizante, perdurando, inclusive, durante o período romano.

Os fragmentos que foram possíveis identificar como elementos de fundo de contentores anfóricos são bem menos numerosos. Totalizam apenas 36 fragmentos e são todos de tendência côncava.

Discussão

As ânforas da Rua dos Correeiros correspondem a um dos mais numerosos conjuntos anfóricos pré-romanos do território actualmente português. Entre a totalidade do material estudado, representa 19,76%. Esta percentagem é consideravelmente mais significativa que a de outros sítios arqueológicos da fachada atlântica peninsular, como, por exemplo, em Abul B, onde esta categoria representa 3,1% (Mayet e Silva, 2000, p. 179). Este indicador poderá relacionar-se, sobretudo, com a funcionalidade portuária e/ou oleira do núcleo da Rua dos Correeiros.

Considerando os vários grupos estabelecidos, as ânforas do grupo 1D, de bordo simples e vertical, são as mais numerosas no conjunto, contando com 30,92%, seguidas pelas ânforas de bordo pendente do grupo 1A, com 27,29%. Menos expressivos são os exemplares do grupo 1B, de bordo simples e tendência exvertida, representados por 13,64% e os do grupo 1C, que se distinguem dos anteriores pela tendência reentrante do bordo, com 8,98%. O grupo 1E, que engloba ânforas de bordo reentrante, é claramente minoritário, contando com apenas 0,17% do conjunto.

As singulares características morfológicas destes recipientes, associadas a uma produção de provável e esmagadora origem local e / ou regional indicam, contudo, que apesar da sua abundância, se integram num quadro comercial de pequena escala, sendo as importações notavelmente escassas.

Durante o período orientalizante, as importações de produtos envasados em ânforas da área de Cádis e Málaga parecem estar relativamente bem documentadas em Lisboa (Arruda, 2000, p. 6-44) e no interior do Estuário do Tejo, concretamente no Porto do Sabugueiro (Pimenta e Mendes, 2008, p. 179) e em Santarém (Arruda, 2000, p. 6-205 a 6-206). Por razões várias, não é possível, infelizmente, em nenhum dos casos referidos, avaliar a expressividade quantitativa destas importações, de forma a estabelecer se existe uma redução no volume de importações.

De qualquer forma, na totalidade do conjunto anfórico da Rua dos Correeiros, apenas dois exemplares entre os 579 indivíduos são exógenos, indiciando uma considerável diminuição em relação ao período anterior, pelo menos em termos absolutos.

Entre os vários grupos e variantes definidos, é visível a influência marcante dos protótipos anfóricos anteriores, característicos da fase orientalizante (tipos 10.1.1.1. e 10.1.2.1. de Ramon Torres). São, contudo, também evidentes algumas influências de outros contentores anfóricos de meados do 1º milénio a.C., concretamente dos tipos B/C de Pellicer e da série 11 de Ramon Torres, também eles inspirados nas ânforas de saco de tipo R1 (10.1.1.1. e 10.1.2.1.), não sendo de negar por completo a possibilidade de outra linha de influxo da zona da Extremadura espanhola, concretamente das ânforas do tipo CR-I e CR-II.

Existem, contudo, alguns elementos a nível morfológico que estabelecem, claramente, uma linha de evolução específica na área do Estuário do Tejo, para além das próprias características formais.

Um destes elementos individualizantes das produções da área de Lisboa reflecte-se na presença de diâmetros de bordo bastante mais amplos do que é normal para os conjuntos anfóricos mais meridionais e mediterrâneos. Com efeito, os diâmetros das ânforas de produção local e/ou regional da Rua dos Correeiros apresentam grandes oscilações (entre 96 mm e 188 mm), o que poderá indiciar um baixo nível de estandardização desta produção. Situação semelhante ocorre nas produções da Extremadura espanhola (Guerrero, 1991, p. 53).

Um outro factor que caracteriza, morfologicamente, estas produções diz respeito aos elementos de preensão. As asas de secção oval com um sulco central parecem ser, até ao momento, exclusivas do estuário do Tejo. Infelizmente, o elevado estado de fragmentação do conjunto não permite saber se as asas com essas características correspondem a uma ou mais formas específicas.

A atribuição cronológica das várias formas estabelecidas para o conjunto da Rua dos Correeiros é, talvez, o aspecto mais frágil desta problemática. A presença das distintas morfologias aqui identificadas permite assegurar a utilização de todos estes recipientes durante o século V/inícios do século IV a.C.

A fase inicial de produção de alguns dos tipos individualizados pode, com bastante probabilidade, remontar à segunda metade da centúria anterior. A presença de ânforas das variantes 1Ac, 1Ca e 1Db entre o espólio recuperado na Sé de Lisboa (Arruda, 2000) aponta nesse sentido. Não existem, até ao momento, dados que permitam recuar

estas datações, exceptuando alguns paralelos que se podem estabelecer com a Quinta do Almaraz. Contudo, e como já foi várias vezes referido e justificado ao longo deste trabalho, não consideramos aceitáveis os dados cronológicos aplicados ao conjunto artefactual publicado deste sítio arqueológico.

Um outro problema levanta-se no que concerne à perduração destes tipos na cultura material do estuário do Tejo. Contextos seguramente datáveis do século IV e III a.C. nesta área são praticamente inexistentes, exceptuando, talvez, o caso da estratigrafia publicada das intervenções efectuadas em São João da Praça. Consequentemente, torna-se muito difícil propor balizas cronológicas para as formas identificadas. Ainda que seja bastante provável que todos estes tipos transitem para o século IV a.C., não existem dados que permitam especificar o final da sua produção. Pode-se, contudo, adiantar que a forma 1Aa foi documentada em contextos do século IV a.C. na Praça Nova, de acordo com as informações recolhidas na exposição do Núcleo Museológico do Castelo de São Jorge, e que a forma 1Cc parece surgir ainda em contextos de finais do século III a.C., de acordo com os dados de São João da Praça (Pimenta, Calado e Leitão, 2005a), perdurando, inclusivamente, durante a fase inicial do período romano republicano (Pimenta, 2005).

Outro aspecto a destacar, uma vez mais, no conjunto anfórico da Rua dos Correeiros é a sua expressividade quantitativa, uma vez que corresponde a quase um quinto da totalidade do material cerâmico da Idade do Ferro recuperado. Esta expressividade poderá relacionar-se com as características funcionais do próprio sítio arqueológico, que poderá ter laborado, num dado momento da sua ocupação, como centro oleiro. Outra possibilidade que terá, necessariamente, de ser equacionada é a de o espaço ter tido funções eminentemente portuárias durante a Idade do Ferro, o que também justificaria os valores obtidos para as ânforas.

Seja qual for a proposta mais correcta, a presença esmagadora de contentores de produção local e/ou regional permite levantar algumas questões de índole económica e comercial.

A produção de ânforas no estuário do Tejo não se iniciou, certamente, apenas em meados do 1º milénio a.C. Com grande probabilidade, em fases anteriores já teriam sido fabricados contentores do tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres. Infelizmente, e como já foi

referido anteriormente, como as ânforas desse período ainda não foram estudadas de forma sistemática, não é possível determinar se as produções desta área sempre se apresentam como as produções dominantes.

A situação que se observa na Rua dos Correeiros poderá traduzir uma evolução numa linha de continuidade com o que se registava anteriormente. Parece existir, contudo, uma alteração bastante significativa ao nível morfológico, alteração essa que ocorre em praticamente todo o território peninsular. Reflecte-se, fundamentalmente, no aparecimento de uma série de novos recipientes anfóricos, inspirados nas antigas ânforas de tipo R1. A partir deste modelo, vários centros produtores peninsulares elaboraram as suas produções reinterpretando-o livremente, iniciando assim um processo de variação morfológica que apenas se acentua com o passar do tempo.

Na área gaditana, surgem uma série de contentores englobáveis sob a designação genérica de Maña Pascual A4, no interior do vale do Guadalquivir surgem as ânforas do tipo B/C de Pellicer e na Extremadura espanhola os tipos CR-I e CR-II, apenas para citar as zonas de maior relevância para a temática aqui estudada. Naturalmente que, apesar desta situação de evolução paralela, existem contactos entre algumas destas áreas. No caso da fachada centro atlântica existem evidências que reportam ligações comerciais com outros territórios e recepção de materiais importados, concretamente anfóricos. Naturalmente que estes protótipos formais influenciaram a produção local. Contudo, a aparente fraca recorrência destes contactos impede uma uniformização morfológica idêntica à observável durante as primeiras centúrias da presença orientalizante.

Esta alteração morfológica dos contentores anfóricos relaciona-se, sobretudo, com contextos económicos em fase de metamorfose. Os finais do século VI a.C. são um período que alguns rotulam de crise e que implicou diferenças substanciais em todas as áreas tocadas pela colonização fenícia do extremo ocidente, e a cultura material, neste caso concreto, as ânforas, reflectem essa realidade. São, talvez, a categoria cerâmica mais susceptível a estas alterações, uma vez que se encontram intimamente relacionadas com aspectos económicos, concretamente o envasamento e distribuição de produtos alimentares.

Infelizmente, para as ânforas da Rua dos Correeiros, não é possível determinar os produtos que transportariam e dificilmente se pode aceitar uma transposição dos conteúdos dos modelos que lhes serviram de possível inspiração. A sua distribuição parece, contudo, estar orientada para a própria cidade pré-romana e para os núcleos populacionais de menor dimensão que se encontram em seu redor. Tal foi constatado, seguramente, em Moinho da Atalaia, Baútas, Casal de Vila Chã Sul, Fiat - Alfragide, no concelho da Amadora (*vide infra* 4.2.) e em Santa Eufémia e Castelo dos Mouros/Capela de São Pedro, no concelho de Sintra (*vide infra* 4.3.). É altamente provável que também nos sítios pré-romanos identificados no concelho de Oeiras, Cascais, e também na margem esquerda do Tejo, se registe a mesma situação. Neste último caso, seria particularmente interessante a comparação com o registo artefactual da Quinta do Almaraz. A análise comparativa entre este sítio e a área urbana de Lisboa permitiria, seguramente, uma melhor compreensão das relações que os dois sítios mantiveram durante a Idade do Ferro.

Num quadro um pouco mais geral, não podemos deixar de tecer algumas considerações sobre o estudo das ânforas pré-romanas no centro litoral do território português. Um dos grandes problemas que se colocam a este nível relaciona-se com a escolha de instrumentos tipológicos que permitam classificar os fragmentos recuperados.

A importância desta questão é escassa no que diz respeito aos momentos mais antigos da ocupação sidérica desta área. Com efeito, os fragmentos de contentores anfóricos da primeira fase da ocupação pré-romana enquadram-se claramente nas tipologias estabelecidas para o Mediterrâneo, concretamente nas formas 10.1.1.1. e 10.1.2.1. de Ramon Torres (1995).

Contudo, e especialmente a partir de meados do 1º milénio a.C., as ânforas da área do Estuário do Tejo adquirem características técnicas e morfológicas que indiciam uma proveniência local para esses materiais, como já se referiu anteriormente. Ainda que a nível formal se possam observar algumas semelhanças com protótipos mais meridionais, tentar forçar o enquadramento das produções anfóricas da zona centro atlântica nos tipos estabelecidos por Ramon Torres pode ter resultados muito inconvenientes que podem induzir em erro os quadros explicativos para a evolução do período proto-histórico nesta área.

Este é o caso, por exemplo, de vários fragmentos de ânforas recuperadas em Lisboa classificadas de acordo com o tipo 1.3.2.4. de Ramon Torres (Pimenta, Calado e Leitão, 2005a, p. 324; Filipe, Calado e Leitão, no prelo). Esta é uma produção específica do séc. V a.C. da zona sul-oriental do território peninsular, concretamente da área de Villaricos. A sua dispersão é muito localizada, centrando-se na mesma área onde é produzida (Ramon Torres, p. 172-173 e p. 601). Assumir que estes recipientes são comercializados para a fachada centro atlântica implicaria, necessariamente, contactos com a área produtora meridional em meados do 1º milénio a.C., contactos esses que não são corroborados por qualquer outro tipo de material. Por outro lado, assumir esta presença levantava outra questão de difícil explicação, relacionada com a completa ausência desses contentores ao longo da sua rota comercial marítima. O sul do território actualmente português não regista qualquer fragmento deste tipo anfórico e o mesmo se aplica para as grandes áreas redistribuidoras de Cádis e Málaga. Parece mais coerente pensar que os fragmentos que foram alvo de tal classificação correspondem antes a produções locais que podem ter sofrido várias influências ao nível formal, que serão meramente coincidentes com o tipo estabelecido por Ramon Torres.

Situação semelhante ocorre com os exemplares classificados de acordo com o tipo 4.2.2.5 de Ramon Torres, como já foi, aliás, anteriormente referido. O tipo em si é problemático. Apesar de este protótipo estar amplamente documentado nas produções da área interior do Guadalquivir (forma D de Pellicer), a existência de ânforas de idêntica tipologia fabricadas indubitavelmente na Baía de Cádis e também em Kuass levou à sua inclusão no reportório das ânforas de filiação fenício-púnica. A cronologia proposta para estes contentores centra-se sobretudo no séc. III a.C. podendo, à semelhança do que ocorre com outros tipos formais, prolongar-se durante o período romano republicano (Ramon Torres, 1995, p. 194). De acordo com os dados publicados até ao momento, materiais classificados como ânforas do tipo 4.2.2.5. são muito abundantes nos contextos pré-romanos tardios da área urbana de Lisboa (Pimenta, Calado e Leitão, 2005a, p. 327). São, contudo, as mesmas ânforas que, no conjunto da Rua dos Correeiros se designam por tipo 1Cc. Apesar de esta designação ser completamente irrelevante, o facto de o sítio arqueológico ilustrar uma ocupação do século V a.C. obriga a ponderar, mais uma vez, sobre a extrapolação e utilização dos critérios morfológicos e cronológicos estabelecidos para a zona meridional da Península Ibérica, onde este tipo de contentor só surge duzentos anos mais tarde. Um dado que

suporta esta possibilidade é a constante referência ao fabrico local destes recipientes (*Ibidem*, p. 327).

Situações mais bizarras ocorrem nas classificações de ânforas de Almaraz, onde se avança com propostas de integração tipológica no tipo 2.1.1.1, que consiste em ânforas produzidas em Cartago e Malta durante o século VII a.C., e no tipo 3.1.1.1, produzido em Cartago entre a 2ª metade do século VIII e inícios do séc. VII a.C. Ambos os tipos são completamente inéditos no território peninsular, sendo, assim, de estranhar a sua presença em Almaraz. Estas correspondências com os tipos estabelecidos por Ramon Torres aparentam ser bastante forçados, ignorando-se aspectos morfológicos e, especialmente, produtivos. Com efeito, se a publicação destes materiais estivesse associada a uma descrição pormenorizada, ainda que apenas ao nível macroscópico que pudesse suportar a sua origem exógena, tais propostas poderiam ainda ser consideradas. No entanto, tomando em conta esta ausência e verificando-se claras disparidades ao nível morfológico, consideramos estas classificações forçadas. Interpretar estes materiais com base em desvios no âmbito de uma produção de cariz local/regional parece bastante mais coerente.

Estamos, naturalmente, conscientes da incongruência entre a discussão destas classificações e a presunção que assumimos de ter identificado, no conjunto da Rua dos Correeiros, uma ânfora centro-mediterrânea, de provável produção sarda, que integra a nossa variante 1Ea. Trata-se, contudo, de um exemplar que, morfologicamente, se distancia de todos os outros fragmentos analisados, integrando-se perfeitamente nos modelos do Mediterrâneo Central. O mesmo se aplica em relações às características macroscópicas que podemos observar ao nível da pasta do exemplar. Não deixa, contudo, de ser estranha a sua presença no conjunto analisado, uma vez que é caso inédito no território actualmente português.

Com efeito, é desconcertante que os únicos dois exemplares exógenos (uma ânfora centro-mediterrânica e outra da área do Guadalquivir) do conjunto analisado constituam elementos bastante raros nos conjuntos artefactuais do extremo ocidente. Poderia pensar-se numa certa capacidade de aquisição e até em algum exotismo em termos das dinâmicas comerciais estabelecidas, não fosse o facto de se tratar de dois dos três elementos importados num conjunto de quase 5000 exemplares, sendo os restantes exclusivamente de manufactura local/regional. O significado da presença destes

exemplares é um tema sobre o qual não se possui, até ao momento, dados suficientes para uma análise mais aprofundada.

Resta ainda tecer alguns comentários sobre a presença e ausência de certos tipos de ânforas, características da segunda metade do 1º milénio a.C., na área do estuário do Tejo, concretamente as ânforas genericamente designadas de tipo Maña Pascual A4 e tipo Tiñosa.

Existem, na área urbana de Lisboa, alguns fragmentos integráveis nas variantes mais tardias do tipo Maña Pascual A4, que integram a série 12 de Ramon Torres. A origem destas formas pode ser rastreada em meados do séc. IV a.C. e são comercializadas até ao séc. I a.C. (Ramon Torres, 1995, p. 238). Os fragmentos referidos foram identificados na Rua de São João da Praça (Pimenta, Calado e Leitão, 2005a, p. 325) de acordo com o tipo 12.1.1.1. e apresentam características que permitem propor uma origem gaditana. Infelizmente, estes exemplares não são provenientes de contextos estratigráficos primários, pelo que a sua chegada ao território lisboeta pode ter ocorrido já no contexto do período romano republicano, situação bem documentada nos níveis dessa cronologia do Castelo de São Jorge (Pimenta, 2005). Deve, contudo, referir-se que, pelo menos, um exemplar de Mañá Pacual A4 de cronologia mais antiga, integrável no tipo 11.2.1.5., foi recuperado em níveis sidéricos da Travessa de Chafariz d´ El Rei (Filipe, Calado e Leitão, no prelo).

Outro tipo anfórico bastante recorrente nos horizontes artefactuais meridionais tardios da fase pré-romana, as ânforas de tipo Tiñosa (tipo 8.1.1.2 de Ramon Torres), produzidas na Campiña gaditana, e datáveis também dos séculos IV e III a.C., também não estão documentados com segurança, na região. Apesar de alguns fragmentos de ânforas da Alcáçova de Santarém terem sido classificados neste tipo (Arruda, 1999-2000), as aproximações ao nível das características macroscópicas das pastas a uma produção gaditana, e as disparidades morfológicas, ao nível do bordo e da inclinação da parede parecem indicar que se trata de outro tipo de recipientes, concretamente Mañá Pascual A4 tardias.

Tendo em consideração que estas morfologias são as mais bem representadas nos contextos meridionais de Portugal, concretamente em Castro Marim (Arruda 2001 e 2005; Sousa, 2009), em Faro (Arruda, Bargão e Sousa, 2005; Sousa, 2009) e em Monte

Molião (Sousa e Arruda, 2011), a sua quase total ausência no Estuário do Tejo pode, efectivamente, indicar uma forte quebra nos contactos comerciais com a zona meridional do território peninsular, pelo menos durante as duas centúrias que antecedem a chegada dos contingentes militares romanos na área.

4.1.6.3. A cerâmica grega

A cerâmica grega consiste numa das categorias cerâmicas mais estudadas no quadro da proto-história peninsular. O seu valor tipológico e cronológico é inestimável e permite atribuir datações bastante precisas aos conjuntos artefactuais aos quais se encontra associada.

As suas potencialidades no estabelecimento de circuitos e rotas comerciais, o seu carácter exógeno e luxuoso e a sua importância como possível indicador de *status* são outros factores que conferem ao estudo destas produções um valor insubstituível.

A cerâmica grega corresponde a 0,03% do conjunto total de indivíduos recolhidos em contextos da Idade do Ferro na Rua dos Correeiros. Esta percentagem traduz um único exemplar (1 NMI).

Grupo de fabrico

A pasta do exemplar é muito compacta, de fractura regular, e muito bem depurada (menos de 1% de elementos não plásticos). Na sua composição, só foi possível identificar escassas moscovites de pequena dimensão. A tonalidade da pasta é alaranjada (Munsell 6/6 7.5YR *reddish yellow*).

O verniz é de tonalidade negra e consideravelmente espesso e compacto. A sua aplicação não é, contudo, linear, existindo algumas zonas, nomadamente, o bordo, onde o verniz não cobre completamente a superfície, estando, portanto, parcialmente em reserva.

Forma

O exemplar de cerâmica grega da Rua dos Correeiros corresponde a um fragmento de bordo, parede e arranque de asa. O bordo é reservado, havendo uma pequena linha de verniz a meio da área sem verniz. No perfil externo, sob o bordo, a parede apresenta um perfil curvo. Na zona interna, a mesma área tem um perfil tendencialmente recto.

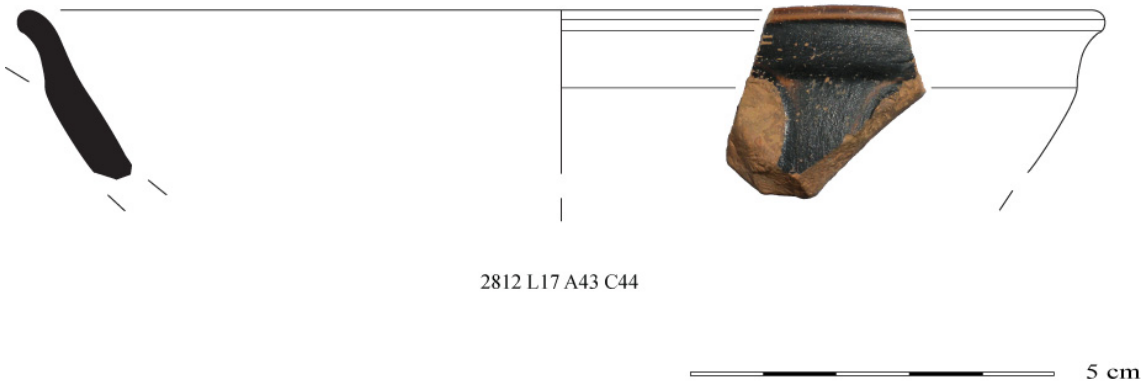


Fig. 68 – Fragmento de cerâmica grega da Rua dos Correeiros.

Esta peça apresenta, infelizmente, consideráveis dificuldades na sua classificação tipológica. As tentativas propostas neste sentido geram alguma controvérsia, tendo já sido integrado nas "taças Cástulo" (AAVV, 1995) e nas *Vicup* (Arruda, 1997). Ambas as propostas esbarram contra alguns obstáculos.

A inclusão deste fragmento no grupo das *large stemless cup* – variante *inset lip*, genericamente conhecidas como "taças Cástulo", não deixa de ser estranha dado o bordo ser, aparentemente, em reserva e atendendo ao aspecto delicado do fragmento, particularmente ao nível da espessura (*Ibidem*).

Contudo, a sua classificação como uma taça tipo "Vicup" não é também fácil de aceitar sem reservas, tendo em consideração a altura entre o bordo e a carena. Por outro lado, a cronologia desta forma, centrada no segundo quartel do século V a.C. (Sparkes e Talcott, 1970, p. 93), causa também alguma estranheza, uma vez que corresponde a um período durante o qual a importação de cerâmicas gregas no território peninsular é bastante rara (Trías, 1967, p. 434-436; Cabrera, 1997, p. 374). Recorde-se, contudo, que, em Portugal, concretamente da necrópole do Senhor dos Mártires (Alcácer do Sal) é proveniente uma «*floral band-cup*» (Arruda, 2006), peça que é, justamente, datada da primeira metade do século V a.C. Mas, de facto, as Vicups não foram, até ao momento,

reconhecidas no Ocidente peninsular, o que é mais um elemento que permite questionar a classificação de A. M. Arruda. De acordo com os dados disponíveis, a sua presença limita-se à costa oriental do território espanhol, concretamente na área de Múrcia, Valência, Barcelona e Tarragona (Domínguez e Sanchéz, 2001).

O paralelismo que se pode estabelecer entre o fragmento da Rua dos Correeiros e algumas peças de perfil mais delicado, classificadas como "taças Cástulo", que foram recuperadas no decurso das escavações de Cancho Roano, leva-nos a admitir esta proposta tipológica. Deve, contudo, assinalar-se, que, no sítio estremenho, o bordo nunca está reservado (Gracia Alonso, 2003, p. 170, Lámina 62, n.º 5 e p. 172, n.º 6). De acordo com uma divisão tipológica elaborada para os exemplares recuperados em Cancho Roano, o exemplar da Rua dos Correeiros integrar-se-ia na série 2 proposta por Gracia Alonso, dado o perfil tendencialmente recto da parte superior da superfície interna (2003, p. 49). Apesar de estes critérios tipológicos não apresentarem, até ao momento, um significado cronológico (Jiménez Ávila e Ortega Blanco, 2004, p. 124), deve referir-se que tal característica é a mais abundante entre o conjunto de taças Cástulo de Cancho Roano (Gracia Alonso, 2003, p. 49).

A cronologia das *large stemless cup* – variante *inset lip* é, de acordo com a análise feita sobre os materiais recolhidos na Ágora de Atenas, balizada entre o segundo quartel do século V e o primeiro quartel do século IV a.C. (Sparkes e Talcott, 1970, p. 102). A evolução das suas características observa-se sobretudo, ao nível dos esquemas decorativos, particularmente das zonas em reserva. Tal evolução, já notada entre os materiais da Ágora de Atenas (Sparkes e Talcott, 1970, p. 101-102), foi especificada com o estudo das produções peninsulares (Sanchéz, 1992). Observou-se que as "taças Cástulo" da segunda metade do século V a.C., possivelmente do último terço da centúria, tinham o painel entre as asas e a zona externa do pé em reserva. A decoração do fundo externo é simples, consistindo num pequeno círculo e um ponto central. As "taças Cástulo" mais tardias, datáveis do primeiro quartel do século IV a.C., distinguem-se por apresentar verniz na zona entre as duas asas e por uma intensificação da decoração no fundo interno, que passa a apresentar uma ou duas bandas entre o pé e o círculo com o ponto central (*Ibidem*). Entre as taças mais antigas e as mais tardias, podem identificar-se formas intermédias, datáveis em torno ao último terço do século V a.C., nos quais a decoração do fundo é simples mas a zona entre as asas já se encontra envernizada (*Ibidem*).

Tendo em consideração as características já enunciadas do exemplar da Rua dos Correeiros e a ausência do fundo, que permitiria uma datação mais específica, a baliza cronológica deste fragmento integrar-se-ia, por conseguinte, entre o último terço do século V e o primeiro quartel do século IV a.C.

Deve, ainda, referir-se a existência, entre os materiais expostos no Núcleo Museológico do Castelo de São Jorge, de pelo menos um exemplar que integra essa forma. Infelizmente, estes materiais permanecem inéditos.

As taças Cástulo correspondem à forma mais frequente de cerâmica grega de verniz negro, no território peninsular, durante a segunda metade do século V a.C. (Arruda, 2006).

No território actualmente português, este tipo está documentado no Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo), no Castro da Azougada (Moura) (Arruda, 1997), em Corvo I (Castro Verde) (Maia, 1986), em Fernão Vaz (Ourique) (Arruda, 1997), em Mértola (Arruda, Barros e Lopes, 1998) e em Castro Marim (Arruda, 1997), em Tavira (Barros, 2005). Nas Mesas do Castelinho (Almodôvar), esta forma foi também documentada (Estrela, 2010), ainda que esta classificação não seja segura, por se tratar de fragmentos de fundo.

Não deixa de resultar um elemento desconcertante o facto de uma das formas mais populares de cerâmica grega no território peninsular estar quase totalmente ausente da fachada ocidental atlântica. Mesmo em Alcácer do Sal, de onde provem o conjunto mais extenso de cerâmica grega desta área geográfica, incorporando alguns vasos do século V a.C., as taças Cástulo não estão documentadas. Assim, apenas a Lisboa, através do fragmento da Rua dos Correeiros e do(s) exemplar(es) do Castelo, parecem ter chegado taças desta forma.

Discussão

A importância do fragmento de cerâmica grega recuperado na Rua dos Correeiros está relacionada, sobretudo, também com sua associação a contextos estratigráficos de cronologia sidérica. Este elemento permite, consequentemente, extrapolar os

indicadores cronológicos ao restante conjunto artefactual e propor que a ocupação do sítio está centrada em torno do século V a.C., podendo estender-se até inícios da centúria seguinte.

Este não é o único fragmento de cerâmica grega existente na área urbana de Lisboa. O conjunto mais significativo é proveniente das escavações efectuadas na Praça Nova, no Castelo de São Jorge. Infelizmente, este conjunto permanece inédito. Sabemos da sua existência unicamente pela sua exposição no Núcleo Museológico do Castelo. Corresponde a 15 fragmentos, dos quais seis pertencem a *kylikes* de figuras vermelhas, um corresponde ao bordo de um *guttus*, um a um fundo de *krater*, dois a paredes de possíveis *krateres* de figuras vermelhas (AAVV, 2008, p. 46 – n.º 35), um a um bordo de uma taça Cástulo e outro ainda a uma parede de forma indeterminada, que possui decoração sobrepintada a branco (AAVV, 2008, p. 46 – n.º 34). Para além destes exemplares, existe ainda um fragmento que pode corresponder a uma lucerna e dois fragmentos de fundo interpretados como taças Cástulo, mas que pertencem a outro tipo de peças, uma vez que apresentam, no fundo interno, decorações com círculos de óvulos e palmetas pelo que se deve tratar de vasos integráveis nos tipos 21 ou 22 de Lamboglia (1952).



Fig. 69 – Cerâmicas gregas provenientes das escavações realizadas na área do Castelo de São Jorge (segundo AAVV, 2008).

Para além do conjunto da Praça Nova, outros fragmentos de cerâmica grega têm sido encontrados no decurso de escavações de emergência realizadas na área urbana. Infelizmente, estes materiais não provêm de contextos primários, surgindo sempre em camadas estratigráficas de períodos mais recentes. É o caso do fragmento de *kylix* de figuras vermelhas recuperada na Rua de São João da Praça (Pimenta, Calado e Leitão,

2005, p. 321). Nas intervenções efectuadas no estabelecimento comercial da Zara, na Baixa Pombalina, parece também ter sido recolhido um fragmento de cerâmica grega (Ferreira, Jorge e Ramos, 2000).

Ainda na margem direita da foz do Rio Tejo, conhece-se a existência de um fragmento de cerâmica grega no Concelho de Sintra, no Castelo dos Mouros (Cardoso, 2004, p. 263).

Na margem esquerda, na Quinta do Almaraz, também existem referências à existência de dois fragmentos de fundo de cerâmica grega de época clássica (Arruda, 1997, p. 87).

No interior do Estuário do Tejo, a cerâmica grega também está presente na Alcáçova de Santarém. Os nove fragmentos aí encontrados, de figuras vermelhas e de verniz negro, pertencem a *krateres* e a *kylikes*, datáveis em torno ao século IV a.C. (Arruda, 1997, p. 85-86; AAVV, 2002). Entre as recolhas de materiais realizadas em Chões de Alpompé, é referida ainda a existência de uma asa de uma *kylix* (Zbyszewski, Ferreira e Santos, 1968, p. 51).

Quando comparada com a realidade artefactual de outras áreas do território peninsular, a cerâmica grega de época clássica do Estuário do Tejo é consideravelmente escassa. Mesmo excluindo os conjuntos provenientes de áreas sepulcrais, os sítios ocupados durante o século V e a primeira metade do século IV a.C. da Extremadura espanhola e da zona meridional do sul peninsular apresentam, em relação às áreas escavadas, índices consideravelmente maiores de presença destes materiais.

A mesma situação estende-se ao longo da restante fachada ocidental atlântica do território português. Na foz do Mondego, em Santa Olaia, existem apenas três fragmentos seguros de cerâmica grega, considerando já os exemplares recuperados durante escavações mais recentes (Arruda, 1997; Pereira, 2009). No Estuário do Sado, se excluirmos os materiais da necrópole do Senhor dos Mártires, por se tratar de um contexto sepulcral, os fragmentos de cerâmica grega resumem-se a escassos exemplares, provenientes do povoado de Alcácer do Sal e do Castro de Chibanes (Arruda, 1997, p. 87-89).

A justificação desta presença parca de materiais gregos na fachada atlântica ocidental prende-se, seguramente, com a regularidade dos contactos, directos ou indirectos, com a

zona mediterrânica. A proposta da desconectação progressiva das redes de contacto entre esses pólos, ainda que com ocasionais ligações comerciais, durante a segunda metade do 1º milénio a.C. (Arruda, 1999/2000; 2005a, Arruda, 2005b) está, até ao momento, em consonância com o registo artefactual.

Os próprios circuitos de distribuição da cerâmica grega no território peninsular têm sido um tema bastante estudado no decurso das últimas décadas. A descoberta de grandes quantidades desse material em zonas do centro da Península Ibérica, em sítios como Cancho Roano, foi interpretado por investigadores como Maluquer de Motes (1982-85, 1986) como o resultado de uma dinâmica comercial de abastecimento de áreas interiores a partir da costa sudeste peninsular. Essa rota, denominada de "rota dos santuários" teria como pontos de apoio núcleos populacionais e zonas de culto. Uma tese alternativa, proposta por Fernández Jurado e Cabrera (1987) considera a costa sul como o centro redistribuidor desses produtos a partir da foz do Guadiana. Uma proposta conciliadora da autoria de P. Cabrera (1987) sugere múltiplas rotas de abastecimento para a área interior peninsular, proposta essa bem corroborada pelo registo artefactual (Jiménez Ávila e Ortega Blanco, 2004, p. 157).

Uma proposta similar poderia aplicar-se para a situação observada no Estuário do Tejo. Um abastecimento por via marítima, partindo da zona meridional do território peninsular, é plausível (Arruda, 2006, p. 135). Contudo, as poucas importações que se verificam ao nível, por exemplo, dos contentores anfóricos permitem questionar a frequência desses contactos. Por outro lado, a completa ausência de taças Cástulo na restante fachada atlântica e a proximidade formal entre o fragmento recuperado na Rua dos Correeiros e outros de Cancho Roano permite, talvez, colocar como possibilidade uma rota complementar, pelo menos durante o século V a.C., com origem na zona da Extremadura espanhola. Recordamos que é desta área que provém o conjunto peninsular mais numeroso de taças Cástulo, contando com cerca de 400 exemplares (Jiménez Ávila e Ortega Blanco, 2004, p. 124).

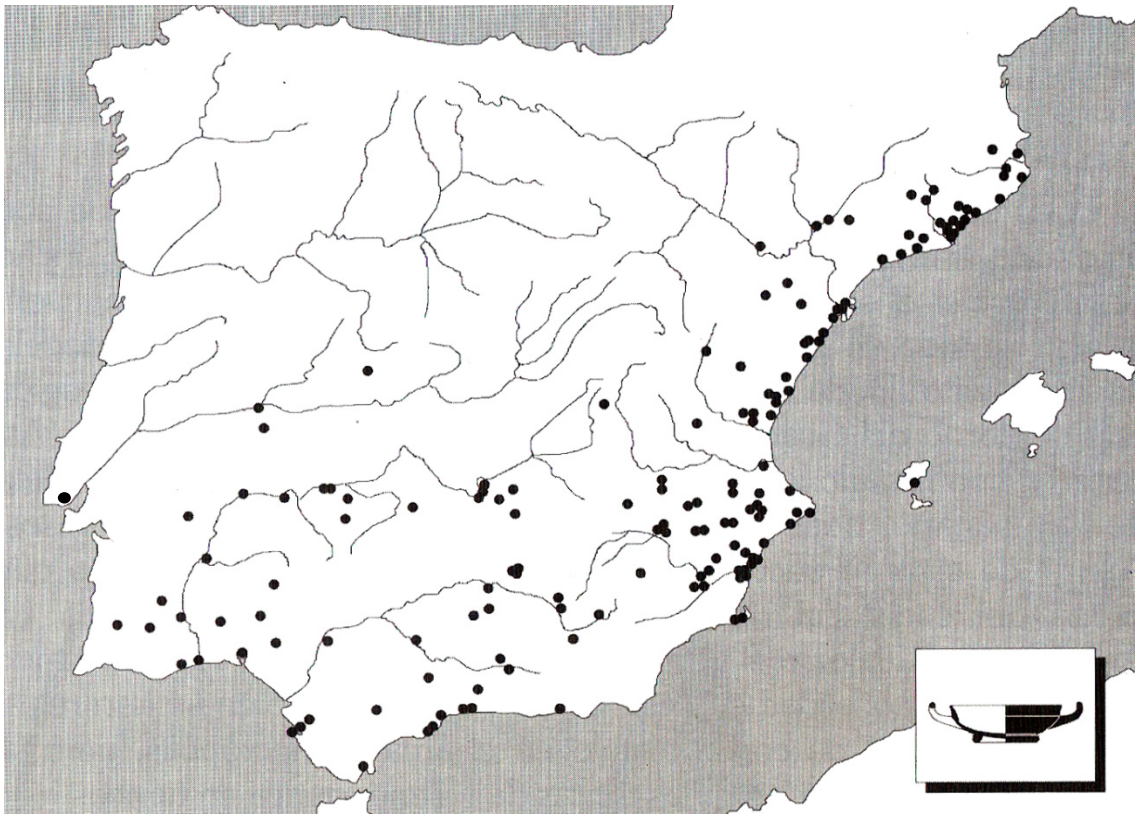


Fig. 70 – Mapa de distribuição das taças Cástulo na Península Ibérica
(segundo Jiménez Ávila e Ortega Blanco, 2004, modificado).

No contexto da cerâmica grega no centro da fachada atlântica ocidental, cabe ainda referir alguns exemplares que parecem correspondem a produções locais inspiradas em modelos gregos. Um deles foi recolhido na área urbana de Lisboa, nas intervenções realizadas na Rua de São João da Praça. Corresponde a um fragmento de cerâmica cinzenta. O perfil geral da peça faz lembrar os pequenos potes do tipo 3Aa, estabelecido para a cerâmica cinzenta da Rua dos Correeiros (*vide infra* 4.1.6.5.). Contudo, as asas horizontais são, claramente, inspiradas na cerâmica grega. O exemplar foi exumado em níveis datados de meados/finais do séc. III e primeira metade do séc. II a.C. (Pimenta, Calado e Leitão, 2005b, p. 10). O outro fragmento, também de cerâmica cinzenta, que parece ter claras influências destes materiais corresponde a uma imitação de um *skyphos*, recolhido na Alcáçova de Santarém (AAVV, 2002). Trata-se de um "vaso com duas asas horizontais, pé destacado e fundo côncavo (…)" (*Ibidem*, p. 157).

Este fenómeno de imitação dos protótipos gregos está relativamente bem documentado em território peninsular, conhecendo-se, para os meados do 1º milénio a.C., esse tipo de vasos, por exemplo, na Andaluzia, associado, inclusivamente, a um contexto de

produção cerâmica (Ramon Torres *et al.*, 2007). Nessa área geográfica, estas imitações estão documentadas, sobretudo, em momentos de ausência de importações áticas, concretamente durante a primeira metade do século V a.C., como ficou demonstrado em Camposoto (*Ibidem*, 2007), e, posteriormente, a partir de finais do século IV a.C., através da cerâmica de tipo Kuass (Niveau de Villedary y Mariñas, 2003). Pode supor-se que a presença destas imitações em cerâmica cinzenta, no Estuário do Tejo, possa reflectir um mesmo cenário de privações comerciais.

4.1.6.4. A cerâmica de engobe vermelho

A cerâmica de engobe vermelho é, de certa forma, uma categoria privilegiada no quadro das cerâmicas da Idade do Ferro. A potencialidade de permitir aferir cronologias mais específicas para os contextos sidéricos, de consistir num material inicialmente exógeno e de a sua presença atestar contactos com populações orientais foram, certamente, os principais factores que justificaram a atenção que esta categoria cerâmica sempre recebeu.

No quadro da investigação proto-histórica peninsular sobre as cerâmicas de engobe vermelho, destacam-se, num primeiro momento, os estudos tipológicos de Cuadrado (1953, 1962, 1969), que permitiram ao investigador espanhol distinguir duas grandes fases na evolução morfológica desta produção. À primeira correspondiam, *grosso modo*, os momentos mais antigos da Idade do Ferro, ou período orientalizante, e a segunda, datável de meados do 1º milénio a.C., reflectiria um momento onde a cerâmica de engobe vermelho sofre claras influências de outras produções. A estes trabalhos seguiram-se os estudos de Tarradel (1958, 1960), Schubart (1976), Aubet (1976), Negueruela (1979-1980), Maass-Lindenmann (1982, 1983, 1986, 1990, 1997), Rufete Tomico (1988-89) e Mancebo Dávalos (1996), entre outros, que contribuíram para a progressiva sistematização deste tipo cerâmico.

Apesar deste vasto repertório instrumental, quando se analisa um conjunto tardio de cerâmica de engobe vermelho, como é o caso presente, as tipologias existentes têm uma validade muito limitada, como já foi observado para outros casos concretos (Almagro-Gorbea, Mederos e Torres, 2008, p. 593). Se a investigação desenvolvida contribuiu

para chegar a alguma conclusão, a principal foi a de que a cerâmica de engobe vermelho evoluiu de uma fase original, onde o repertório é relativamente homogéneo, para, com o passar dos séculos, uma progressiva diversificação morfológica e técnica, de carácter essencialmente regional.

A análise mais aprofundada deste tema passa, necessariamente, pelo estudo destas produções a uma escala local, com uma descrição pormenorizada das suas características formais e dos seus fabrico, de maneira a compreender a evolução e dispersão de cada grupo identificado.

A própria perduração da cerâmica de engobe vermelho nos conjuntos artefactuais é muito variável consoante a região analisada. No centro da fachada atlântica, a continuidade desta produção durante a fase tardia da ocupação pré-romana está, por exemplo, atestada na Alcáçova de Santarém até, pelo menos, ao século IV a.C. No entanto, o engobe varia substancialmente, sobretudo ao nível da coloração, adquirindo tons mais escuros (Arruda, 1993, no prelo a).

Funcionalmente, estes vasos parecem integrar, de forma quase exclusiva, o serviço de mesa. A impermeabilidade e a menor aspereza, conferidas pela existência do engobe polido ao torno, certamente, favoreceram esta utilização.

No conjunto cerâmico pré-romano da Rua dos Correeiros, recuperaram-se 128 fragmentos de cerâmica de engobe vermelho nos níveis da Idade do Ferro. Destes, 100 exemplares permitiram uma aproximação formal e 66 uma representação gráfica. Corresponde a 93 NMI.

Esta categoria cerâmica é composta, ao nível dos fragmentos identificáveis, por duas asas, 82 bordos, 18 fundos e 26 paredes e carenas, inventariados por permitirem, regra geral, algum tipo de enquadramento tipológico.

A cerâmica de engobe vermelho é uma das categorias cerâmicas menos expressivas do conjunto, representando apenas 3,17% do espólio de cronologia sidérica.

Grupos de fabrico

No conjunto da cerâmica de engobe vermelho da Rua dos Correeiros foi possível distinguir dois grupos de fabrico.

O grupo I integra pastas não calcárias, cozidas em modo A. São bastante compactas, de fractura regular e geralmente bem depuradas (cerca de 5% de elementos não plásticos). Contêm abundantes moscovites de pequena dimensão, ocasionais calcites de pequena dimensão, biotites pouco frequentes e de pequena dimensão, raras partículas de quartzo de pequena dimensão, raros nódulos ferruginosos de pequena dimensão, e muito raras piroxenas de média dimensão. A tonalidade é castanha-alaranjada (Munsell 5/6 7.5YR *strong brown*).

Os engobes são, regra geral, moderadamente espessos e apresentam tons vermelhos (Munsell 5/8 2.5 YR *red*). Em raras excepções, as peças podem apresentar também um engobe esbranquiçado na superfície externa (Munsell 8/1 7.5 YR *white*).

Este grupo é predominante no conjunto, integrando 93,55% (87 NMI).

O grupo II apresenta as mesmas características, distinguindo-se por uma menor compactação da pasta e um menor grau de depuração (entre 5% a 10% de elementos não plásticos). Foi possível identificar abundantes moscovites de pequena dimensão, ocasionais partículas de quartzo de média dimensão, abundantes calcites de média dimensão, raras biotites de pequena dimensão e ainda muito raras anfibolas de muito pequena dimensão. As tonalidades são sobretudo acastanhadas (Munsell 5/4 7.5 YR *brown*), mantendo o engobe idênticas características.

Este grupo está escassamente representado (6 NMI), correspondendo a 6,45% do conjunto de cerâmica de engobe vermelho.

Em ambos os casos, pensamos estar perante produções da área de Lisboa.

Formas

Entre o conjunto da cerâmica de engobe vermelho recolhida na Rua dos Correeiros, foi possível distinguir vários tipos morfo-funcionais.

O quadro tipológico estabelecido para esta categoria cerâmica divide-se, essencialmente, em oito séries, que correspondem a tigelas (série 1), taças (série 2), pratos (série 3), páteras (série 4), pequenos potes (série 5), potes (série 6), jarros (série 7) e suportes/funis (série 8).

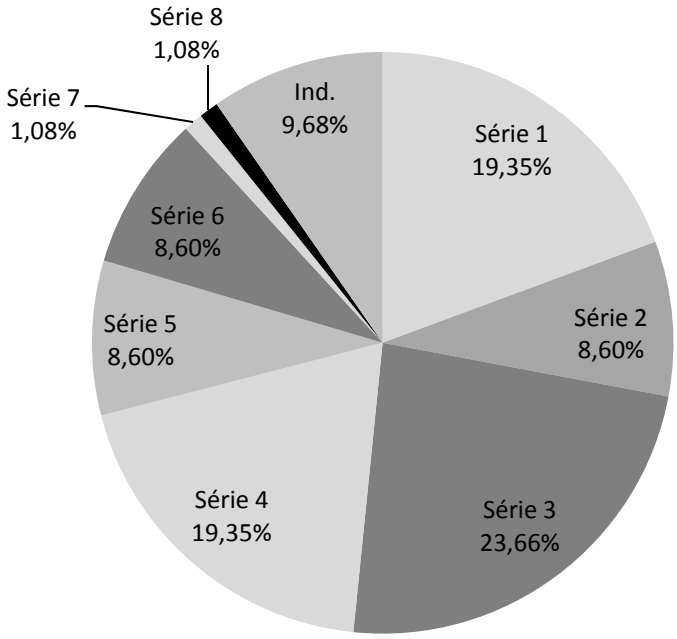


Fig. 71 – Distribuição da cerâmica de engobe vermelho da Rua dos Correeiros de acordo com as séries definidas (base NMI).

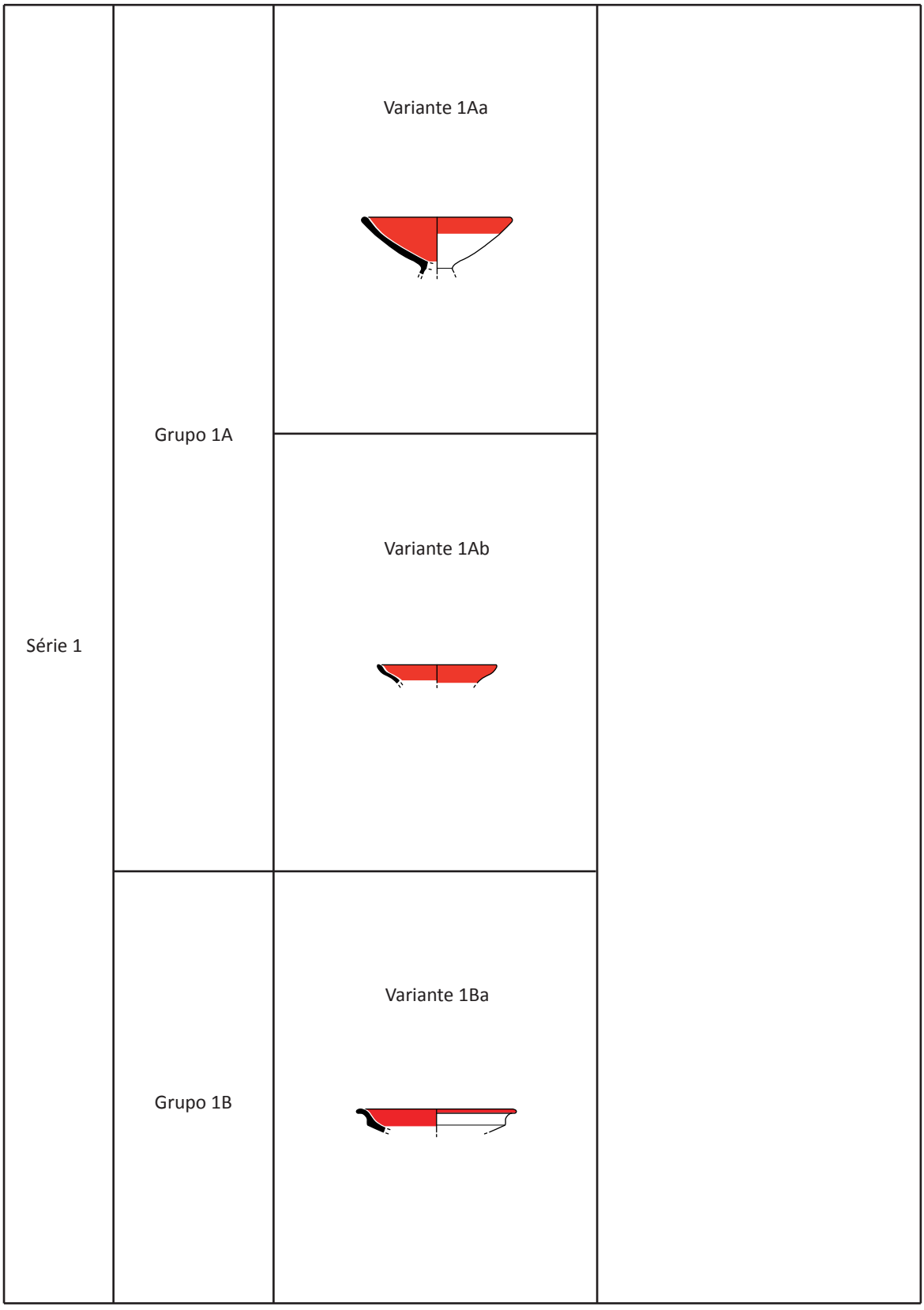


Fig. 72 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica de engobe vermelho da Rua dos Correeiros (série 1 – tigelas).

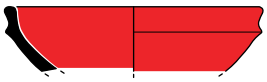
Série 2	Grupo 2A	Variante 2Aa 	
	Grupo 2B	Variante 2Ba 	
	Grupo 2C	Variante 2Ca 	

Fig. 73 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica de engobe vermelho da Rua dos Correeiros (série 2 – taças).

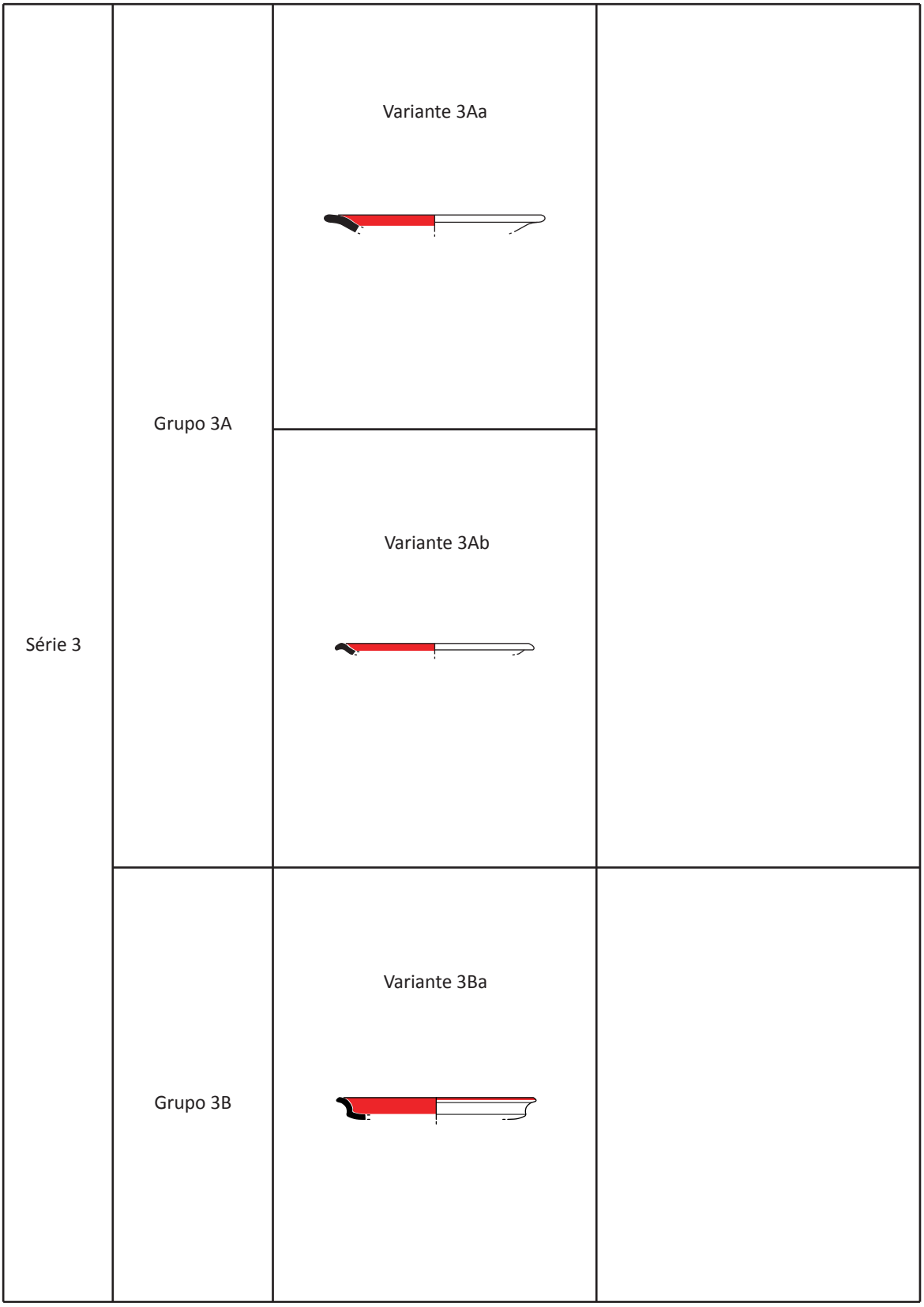


Fig. 74 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica de engobe vermelho da Rua dos Correeiros (série 3 – pratos).

Série 4	Grupo 4A	Variante 4Aa 	

Fig. 75 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica de engobe vermelho da Rua dos Correeiros (série 4 – páteras).

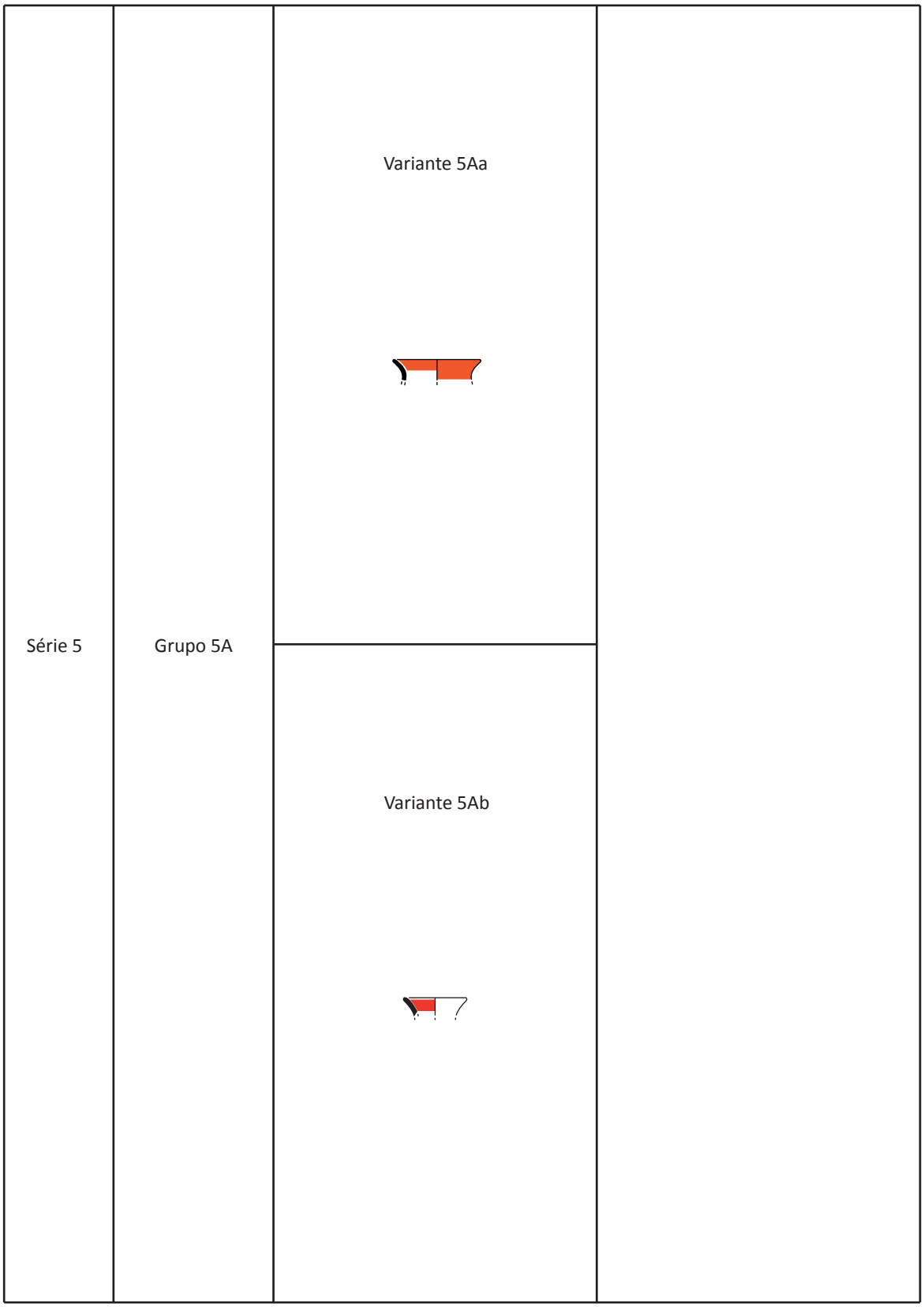


Fig. 76 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica de engobe vermelho da Rua dos Correeiros (série 5 – pequenos potes).

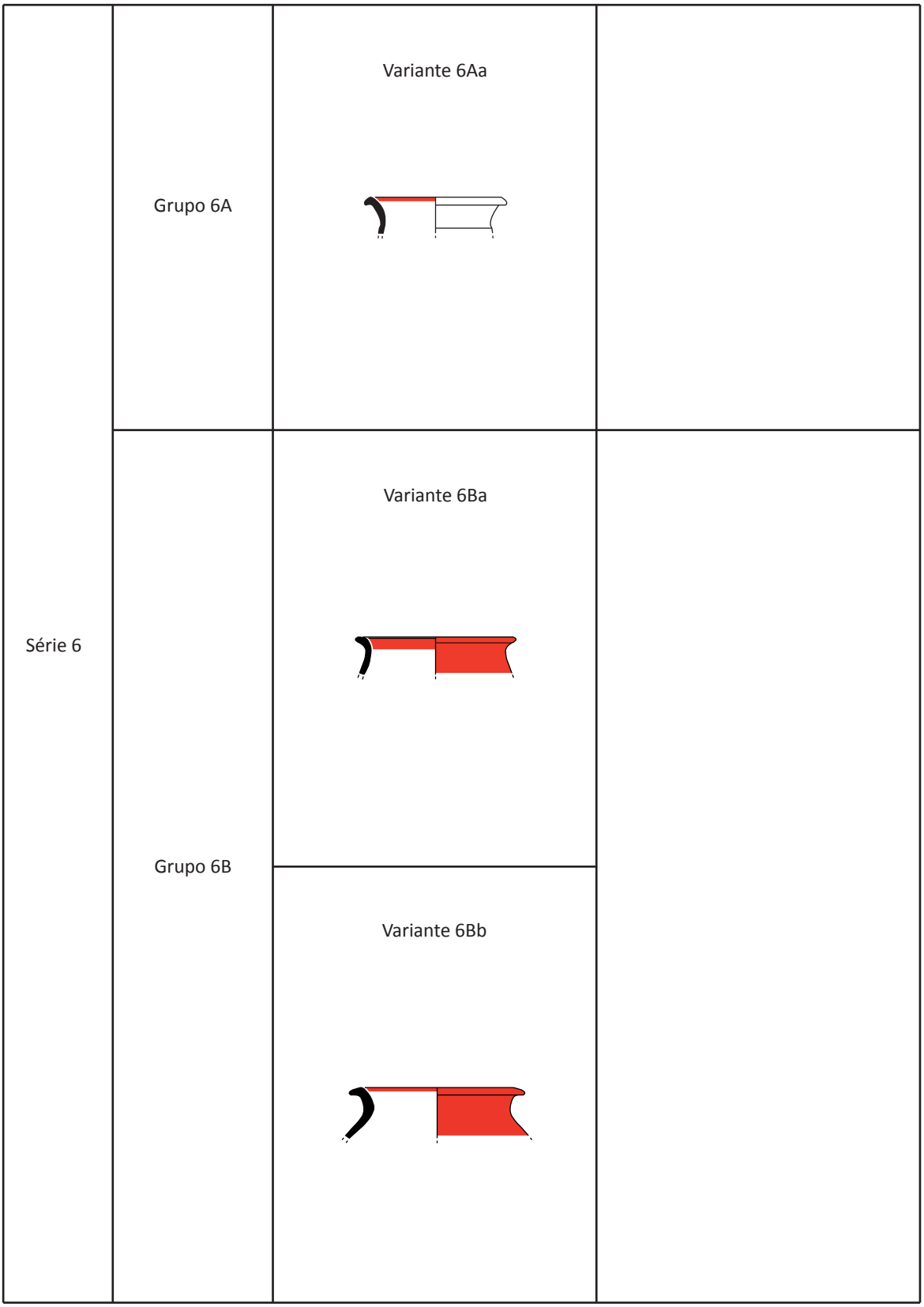


Fig. 77 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica de engobe vermelho da Rua dos Correeiros (série 6 – potes).

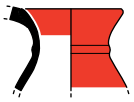
Série 7	Grupo 7A	Variante 7Aa 	

Fig. 78 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica de engobe vermelho da Rua dos Correeiros (série 7 – jarros).

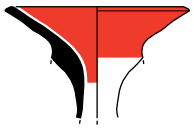
Série 8	Grupo 8A	Variante 8Aa 	

Fig. 79 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica de engobe vermelho da Rua dos Correeiros (série 8 – suporte e/ou funil).

Série 1 – Tigelas

Nesta série, incluem-se os fragmentos correspondentes ao que genericamente se designa por tigelas. Trata-se de recipientes abertos, hemisféricos e consideravelmente profundos.

Na categoria de cerâmica de engobe vermelho, estes recipientes destinar-se-iam, muito provavelmente, ao serviço de mesa de alimentos líquidos e semi-líquidos.

Contabilizaram-se 18 fragmentos (18 NMI) passíveis de integração nesta série, que correspondem a 19,35% do conjunto de indivíduos de cerâmica de engobe vermelho.

Os materiais integrados nesta série são divisíveis em dois grupos, atendendo ao perfil geral da peça.

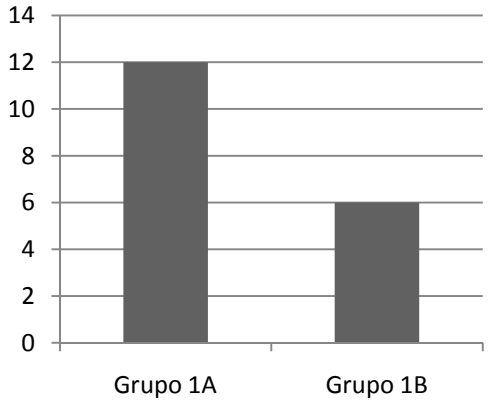


Fig. 80 – Distribuição dos grupos da série 1 (base NMI).

Grupo 1A

Este grupo da série 1 engloba exemplares de perfil hemisférico, com paredes de tendência arqueada.

Correspondem a 12 peças (12 NMI), das quais quatro (4 NMI) não apresentavam dimensões que permitissem a sua distribuição nas variantes estabelecidas.

O critério utilizado na divisão das duas variantes deste grupo incidiu, sobretudo, na forma e inclinação da parede dos vasos.

As pastas integram-se todas no grupo de fabrico I, à excepção de um único

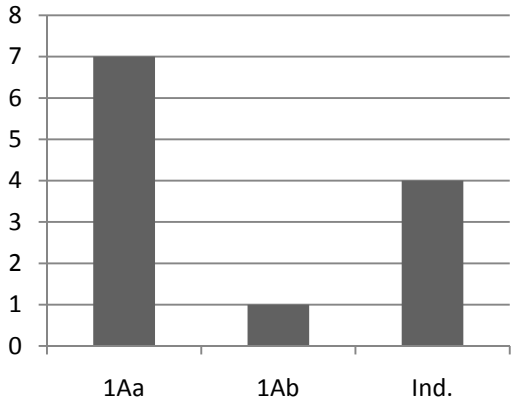


Fig. 81 – Distribuição das variantes do grupo 1A (base NMI).

fragmento da variante 1Aa, que corresponde ao grupo de fabrico II.

Variante 1Aa

Os materiais que incorporam esta variante partilham uma parede contínua e côncava, um bordo simples e não diferenciado. Com alguma frequência, este último apresenta um engrossamento interno.

O engobe foi aplicado, na grande maioria dos casos, em ambas as superfícies. Uma única peça do conjunto da Rua dos Correeiros não apresenta o engobe na superfície interna e uma outra na superfície externa. Em outras duas, o engobe na superfície externa resume-se à presença de uma banda.

Esta variante corresponde, morfologicamente, à forma C4 estabelecida por Rufete Tomico. Em Huelva, estas taças parecem integrar os repertórios formais a partir de meados do século VII a.C., generalizando-se o seu uso na centúria seguinte (Rufete Tomico, 1988-1989). A sua perduração até meados do século V a.C. está bem atestada nesse núcleo urbano (Rufete Tomico, 2002).

Nesta variante, contabilizaram-se sete exemplares (7 NMI). Os seus diâmetros de bordo variam entre os 116 mm e os 186 mm. A espessura média da parede é de 5 mm.

No estuário do Tejo, esta forma tem bons paralelos entre o espólio recuperado em Almaraz (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993, p.180).

No restante território actualmente português, este tipo de tigela foi ainda documentado no Castelo de Castro Marim, onde foi denominada de tipo I.A.1. Está presente em níveis datáveis desde meados do séc. VII até ao séc. V a.C. (Freitas, 2005, p. 27-28, 82).

Variante 1Ab

Esta segunda variante engloba um exemplar que evidencia uma tendência ligeiramente convexa ao nível da superfície externa. As características do bordo são idênticas às da variante anterior.

A aplicação do engobe é realizada em ambas as superfícies do vaso.

Como já foi referido, apenas se identificou um exemplar (1 NMI) nesta variante. O seu diâmetro de bordo é de 148 mm e a espessura média da parede de 4 mm.

Grupo 1B

Este segundo grupo integra tigelas de perfil carenado.

Os exemplares aqui integrados parecem corresponder a variantes mais largas e baixas das típicas taças carenadas de cerâmica de engobe vermelho dos séculos VII e VI a.C.

Corresponde a seis exemplares (6 NMI), integráveis numa única variante. Todos correspondem ao grupo de fabrico I, à excepção de um fragmento que é, naturalmente, englobável no grupo de fabrico II.

Variante 1Ba

Esta variante incorpora os exemplares de carena bem marcada ao nível da superfície externa, não alterando significativamente o perfil interno da peça. O bordo é exvertido, apresentando uma secção arredondada.

O engobe vermelho está sempre presente na face interna. Na zona exterior, pode cobrir integralmente a superfície da peça ou resumir-se a uma pequena banda junto ao lábio. Num único caso, a superfície externa apresenta-se revestida por um engobe branco.

Sendo a única variante do grupo, contabiliza os mesmos seis fragmentos (6 NMI). Os seus diâmetros de bordo oscilam entre os 150 mm e os 244 mm. A espessura média da parede varia entre os 6 e os 7 mm.

Em Lisboa, entre os materiais recolhidos no decurso das escavações da Sé, é possível reconhecer um fragmento enquadrável neste tipo (Arruda, 1999-2000, Fig. 66, n.º 9).

No concelho da Amadora, no povoado das Baútas, esta forma também foi documentada (*vide infra* 4.2.2.5.3.).

Na outra margem do Tejo, na Quinta do Almaraz, esta forma foi também documentada. O problema coloca-se na cronologia do seu contexto de recolha, que, segundo os autores, é balizado, em termos absolutos, entre finais do século IX e inícios do século VIII a.C. (Barros e Soares, 2004, p. 346 – fig. 5, n.º 4, p. 351). Contudo, como já referimos anteriormente (*vide supra* 3.1.6.), pensamos que as incongruências entre os conjuntos artefactuais e as datações por rádiocarbono impossibilitam utilizar os dados cronológicos apontados para essa estação arqueológica.

No Estuário do Sado, em Abul, é possível identificar um paralelo muito próximo com esta variante (Mayet e Silva, 2000, p. 208 – n.º 93). Foi recolhido em Abul B, datado do século VI e V a.C.

Série 2 – Taças

Nesta série, foram englobados recipientes abertos e de maior profundidade, quando se estabelece o índice entre a altura e o diâmetro do bordo.

Pensa-se que a sua função primordial seria o serviço de mesa, concretamente o consumo individual de líquidos.

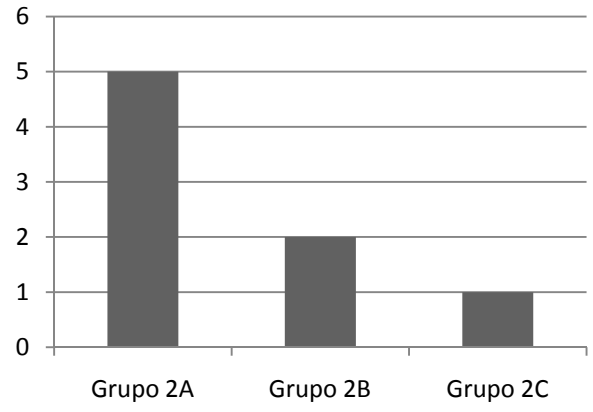


Fig. 82 – Distribuição dos grupos da série 2 (base NMI).

Nesta série integram-se oito exemplares (8 NMI), que correspondem a 8,60% do conjunto de indivíduos de cerâmica de engobe vermelho.

As taças de cerâmica de engobe vermelho são divisíveis em três grupos, atendendo ao perfil geral das peças.

Grupo 2A

Este primeiro grupo engloba peças de perfil hemisférico, de paredes arqueadas e côncavas. A distinção em relação aos fragmentos anteriormente classificados como tigelas ocorre, sobretudo, devido à tendência vertical do bordo.

Cinco fragmentos (5 NMI) integram este grupo, correspondendo a uma única variante. Todos são englobáveis no que foi definido como grupo de fabrico I.

Variante 2Aa

Nesta variante, inserem-se os exemplares de bordo com terminação aplanada.

O engobe está presente apenas na superfície externa.

Sendo a única variante do grupo, integra os cinco exemplares (5 NMI). O diâmetro de bordo é de 200 mm e a espessura média da parede é de 6 mm.

Grupo 2B

Neste grupo, foram incluídos exemplares que apresentam uma carena alta e acentuada. A superfície interna é côncava.

A origem desta forma parece poder rastrear-se, com alguma facilidade, nas taças carenadas de cerâmica de engobe vermelho características dos séculos VII e VI a.C. É de salientar que, entre os materiais recuperados na Sé de Lisboa, datados da segunda

metade do século VI a.C., as taças de engobe vermelho já evidenciam uma carena mais acentuada que as datáveis de épocas anteriores (Arruda, 1999-2000, Fig. 66 e 67). Será nelas que deveremos encontrar a origem da forma aqui tratada, para a qual evoluem.

Dois exemplares (2NMI) exibem características que permitem o seu enquadramento neste grupo, integrando uma única variante. Ambos pertencem ao grupo de fabrico I.

Variante 2Ba

Nesta variante, englobaram-se os fragmentos que exibem um bordo aplanado e ligeiramente engrossado na superfície externa.

A aplicação do engobe pode revestir ambas as superfícies ou apenas a superfície externa.

Esta forma apresenta algumas semelhanças com o tipo C2 de Rufete Tomico (1988-1989), ainda que a carena dos vasos da Rua dos Correeiros seja mais saliente e marcada.

Foram contabilizados dois exemplares (2 NMI) nesta variante. As suas dimensões de bordo oscilam entre os 246 mm e os 250 mm. A espessura média da parede é de 10 mm.

Grupo 2C

Este último grupo inclui fragmentos de bordo exvertido, e a parede apresenta um perfil convexo – côncavo.

Um único exemplar (1 NMI) representa este grupo, e, como tal, corresponde à sua única variante. As características da pasta permitem a sua integração no grupo de fabrico I.

Variante 2Ca

Nesta variante, insere-se um exemplar, que apresenta um bordo não espessado.

O engobe vermelho cobre ambas as superfícies.

Como já foi referido, esta variante está representada singularmente (1 NMI). O diâmetro de bordo é de 216 mm e a espessura média da parede de 5 mm.

No estuário do Tejo, entre o conjunto publicado de cerâmica de engobe vermelho da Quinta do Almaraz, existe um fragmento de bordo que parece integrável nesta forma (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993, p. 180 – n.º 4).

Série 3 – Pratos

Nesta terceira série, foram incluídos recipientes abertos, baixos e de paredes tendencialmente horizontais.

Destinavam-se essencialmente ao serviço de mesa, concretamente ao consumo individual de alimentos sólidos.

Esta série é a mais representativa do conjunto, contando com 35 exemplares (22 NMI), dos quais dois fragmentos (2 NMI) não permitem a inclusão em grupos específicos. Corresponde a 23,66% do conjunto de indivíduos desta categoria.

Quase todos os exemplares desta série pertencem ao que foi definido como grupo de fabrico I. Apenas dois integram o grupo de fabrico II sendo, infelizmente, de forma indeterminada.

Os pratos de cerâmica de engobe vermelho recuperados na Rua dos Correeiros dividem-se em dois grupos, atendendo ao perfil geral da peça.

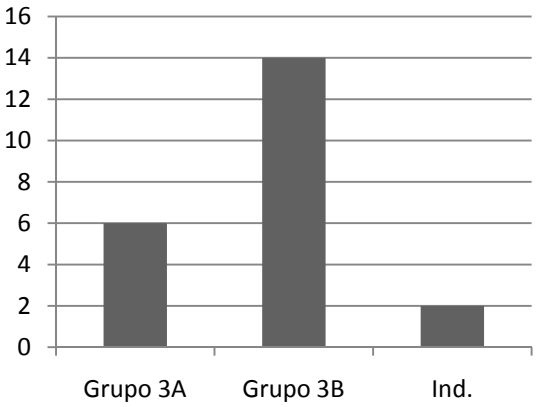


Fig. 83 – Distribuição dos grupos da série 3 (base NMI).

Grupo 3A

Neste primeiro grupo inserem-se os fragmentos de paredes simples e contínuas, de tendência horizontal.

Aqui integram-se seis exemplares (6 NMI).

As duas variantes distinguíveis neste grupo correspondem a diferentes perfis ao nível do bordo.

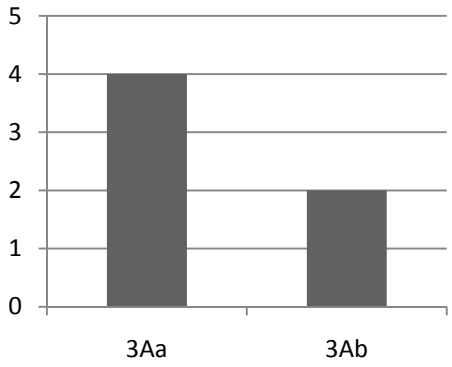


Fig. 84 – Distribuição das variantes do grupo 3A (base NMI).

Variante 3Aa

Os pratos integrados neste variante partilham um bordo simples, com lábio largo e aplanado, por vezes ligeiramente exvertido.

O engobe está sempre presente na face interna, sendo variável a sua aplicação na superfície externa.

Este tipo de pratos possibilitam, geralmente, uma análise métrica que permite retirar indicadores cronológicos, inferidos pelo cálculo do índice entre o diâmetro do bordo e a largura do lábio. Infelizmente, os pratos de cerâmica de engobe vermelho da Rua dos Correeiros encontram-se de tal forma fragmentados que não possibilitam essa análise.

A tradição desta forma é facilmente rastreável nos típicos pratos de cerâmica de engobe vermelho do período orientalizante. Correspondem, seguramente, às variantes evoluídas destes protótipos. Apresentam algumas semelhanças com o que foi designado por forma AIIa2 em Camposoto, Cádis (Ramon Torres, *et al.*, 2007). Formas análogas surgem também em Huelva, em níveis datados da segunda metade do século V a.C. (Rufete Tomico, 2002).

Esta primeira variante está representada por quatro peças (4 NMI). Os diâmetros de bordo variam entre os 212 mm e os 270 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 6 mm e os 7 mm.

Pratos de morfologia similar encontram-se documentados na Sé de Lisboa (Arruda, 1999-2000, Fig. 70, nº 3, 4, 8; Fig. 71, nº 8) e, na outra margem do Tejo, na Quinta do Almaraz (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993, p. 177 – n.º 5141).

No concelho de Sintra, no povoado de Santa Eufémia, esta forma foi também registada (*vide infra* 4.3.1.5.3.).

No interior do estuário do Tejo, a sua presença está ainda documentada na Alcáçova de Santarém (Arruda, 1999-2000, Fig. 117, nº 7).

No restante território português, cabe referir as semelhanças entre alguns exemplares da Rua dos Correeiros e o tipo II.B.5 identificado no Castelo de Castro Marim (Freitas, 2005, p. 30-32). No sítio algarvio, a presença desses pratos está documentada entre o séc. VI a.C. e a centúria seguinte (*Ibidem*).

Variante 3Ab

Nesta segunda variante, incorporam-se os fragmentos de bordo exvertido, com um pequeno lábio pendente, de secção arredondada.

A superfície interna dos vasos é sempre engobada. A face externa apresenta-se sem engobe ou com uma pequena banda sobre o lábio.

Nesta segunda variante, integram-se dois exemplares (2 NMI). Os diâmetros de bordo oscilam entre os 210 mm e os 234 mm. A espessura média da parede é de 5 mm.

Grupo 3B

O perfil dos exemplares englobados deste segundo grupo é marcado pela presença de uma carena.

Este grupo é o mais bem representado da série, com 27 fragmentos (14 NMI), sendo todos integráveis numa mesma variante.

Variante 3Ba

A carena dos exemplares inseridos nesta variante é baixa e bastante acentuada. As paredes são convexo-côncavas, sendo, tendencialmente horizontais a partir da carena. O bordo é exvertido e não engrossado.

O engobe vermelho é aplicado sistematicamente na superfície interna. Na face externa, pode cobrir integralmente a superfície, consistir na aplicação de uma banda junto ao lábio, ou, simplesmente, não estar presente.

Esta variante está representada por sete exemplares (14 NMI). O seu diâmetro de bordo varia entre os 183 mm e os 244 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 5 mm e os 6 mm.

No estuário do Tejo, na Quinta do Almaraz, são vários os exemplares que parecem corresponder a esta forma. Num estudo elaborado sobre a cerâmica de engobe vermelho deste povoado, estes vasos são denominados de "taças de pé" (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993, p. 180 – n.º 4203, 4337, 4505, 5351). Esta designação foi atribuída a vários fragmentos, tendo em conta um exemplar de perfil completo que apresenta uma considerável depressão central. Contudo, entre os materiais recolhidos nas escavações da Praça Nova e da Rua do Recolhimento, actualmente expostos no Núcleo Museológico do Castelo de São Jorge, é possível identificar os mesmos tipos de bordos da nossa variante 3Ba. Mas, enquanto uns possuem a referida depressão central, outros não a têm, desenvolvendo-se, a partir da carena, um fundo aplanado e rectilíneo. A ambos, e de acordo com a legenda que os acompanha, foi atribuída uma cronologia em torno do século V a.C. Cabe ainda realçar que uma destas peças apresenta sinais de deformação que indicia a sua produção local. Concluí-se, assim, que este tipo de bordos pode efectivamente corresponder a dois perfis diferenciados, um de pé alto e um outro de fundo plano. O estado de fragmentação dos exemplares da Rua dos Correeiros não nos permitiu verificar a sua forma exacta.

Série 4 – Páteras

Esta quarta série apresentou algumas dificuldades no que diz respeito à sua nomenclatura. Nela integra-se um grupo de exemplares de reduzidas dimensões, tanto ao nível da capacidade como ao nível do diâmetro da depressão interna. A grande fragmentação do conjunto impossibilita qualquer aproximação à forma geral da peça. As suas características parecem, contudo, indiciar que pode corresponder a uma espécie de pátera ou prato de pé alto, com uma depressão central interna.

A evolução da cerâmica de engobe vermelho peninsular parece convergir, ao nível dos pratos, para o progressivo acentuar dessa depressão interna. Tal ocorrência observa-se claramente nos pratos mais tardios, quer na zona meridional da Península Ibérica (áreas de Huelva, Cádis e Málaga), quer na Extremadura espanhola, e, ainda no centro da fachada atlântica portuguesa, a partir do final do século VI a.C., podendo observar-se essa tendência quer em Lisboa (Arruda, 1999-2000, Fig. 70, nº 10) quer em Alcácer do Sal (Silva *et al.,* 1980-1981, p. 177-178; Arruda *et al*. no prelo).

Ainda se equacionou, contudo, a possibilidade de estes fragmentos poderem corresponder a uma espécie de tampa, dada a presença da aba exterior. Porém, a presença de engobe vermelho na superfície interna permitiu descartar essa classificação.

Esta série integra 21 exemplares (18 NMI), que correspondem a um único grupo. Representa 19,35% do conjunto de indivíduos de cerâmica de engobe vermelho da Rua dos Correeiros.

Grupo 4A

Neste grupo inseriram-se os fragmentos que apresentam, na parede externa, um perfil canelado. Apresentam uma aba prolongada e de tendência horizontal, que arranca do bordo. Esta forma parece ter também um pé de altura considerável.

Sendo este o único grupo desta série, os exemplares aqui integrados correspondem aos mesmos 21 fragmentos (18 NMI). Todos se integram numa única variante. As

características das pastas pertencem ao grupo de fabrico I, à excepção de dois exemplares que, naturalmente, são englobáveis no grupo de fabrico II.

Variante 4Aa

Esta variante integra os fragmentos superiores da depressão central, que, por vezes, podem ser ligeiramente salientes.

A superfície interna está sempre revestida por engobe, sendo este variável na face externa.

Estas páteras estão representadas por 21 fragmentos (18 NMI). O diâmetro da depressão central varia entre os 70 mm e os 90 mm. A espessura média da parede oscila entre os 9 mm e os 10 mm.

Não é impossível que estes exemplares correspondam ao que foi designado por "taças de pé alto" no conjunto de cerâmica de engobe vermelho de Almaraz (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993, p. 180 – n.º 4203, 4337, 4505, 5351). Sendo esta possibilidade correcta teríamos, necessariamente, de associar a estes fragmentos os bordos de pratos da forma de cerâmica de engobe vermelho 3Ba, que constituiriam, assim, elementos da mesma peça. Contudo, o facto de, nos materiais recuperados na Rua dos Correeiros, não ter sido possível associá-los claramente, conduziu à sua classificação em separado. Esta decisão foi também suportada pelo facto de, entre os materiais recolhidos da Rua do Recolhimento, junto do Castelo de São Jorge, existirem, como foi já anteriormente referido, peças idênticas, mas sem a depressão central (material exposto no Núcleo Museológico do Castelo de São Jorge). Cabe destacar ainda que os fragmentos da zona inferior da peça existentes entre o conjunto da Rua dos Correeiros indiciam um pé alto e esbelto que não é inteiramente compatível com a forma documentada em Almaraz.

O estabelecimento de um outro paralelo é ainda relevante. No conjunto de cerâmica de engobe vermelho exumada na necrópole de Medellín, na Extremadura espanhola, existem alguns pratos que possuem também uma depressão central e exibem um lábio largo, aplanado e horizontal, tendo sido designados por forma 3 (Almagro-Gorbea, Mederos, Torres, 2008). Apesar de os diâmetros da depressão central serem no sítio

estremenho um pouco amplos do que os do conjunto da Rua dos Correeiros e de existirem diferenças consideráveis ao nível da morfologia do pé e do bordo, é de assinalar alguma similitude na forma geral da peça, o que poderá demonstrar uma tendência evolutiva paralela no interior peninsular e na fachada atlântica ocidental.

Série 5 – Pequenos potes

Aqui inserem-se fragmentos que correspondem a formas fechadas, de pequena dimensão e colo curto.

A nível funcional, serviriam essencialmente para o consumo individual de líquidos.

Nesta série, cabem oito exemplares (8 NMI), integráveis num único grupo. Representa 8,60% do conjunto de indivíduos da cerâmica de engobe vermelho.

Grupo 5A

Este grupo engloba fragmentos de perfil convexo – côncavo, de colo curto e ligeiramente estrangulado. O bordo é exvertido.

Sendo o único grupo desta série, está representado pelos mesmos oito fragmentos (8 NMI). Todos são integráveis no grupo de fabrico I, à excepção de um fragmento, da variante 5Aa, pertencente ao grupo de fabrico II.

Diferenças assinaláveis ao nível do perfil do colo permitiram uma subdivisão em duas variantes.

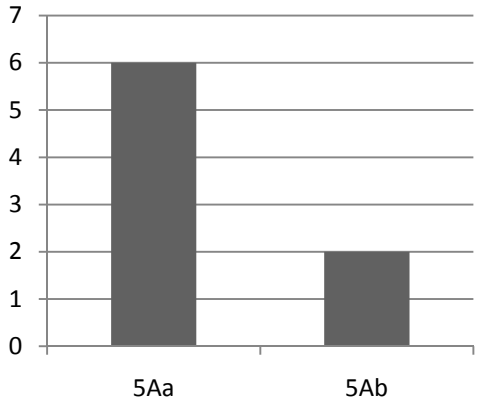


Fig. 85 – Distribuição das variantes do grupo 5A (base NMI).

Variante 5Aa

Esta primeira variante inclui exemplares de diâmetro ligeiramente maior, com colo mais largo e ligeiramente estrangulado. O bordo é simples e contínuo.

O engobe reveste sempre a superfície externa dos vasos. A zona conservada da superfície interna está, em alguns casos, também integralmente revestida por engobe. Em outros vasos, limita-se a uma banda junto à zona do bordo. Só raramente é que não apresenta indícios de revestimento.

Esta variante está representada por seis peças (6 NMI). Os seus diâmetros de bordo variam entre os 96 mm e os 118 mm. A espessura média da parede é de 5 mm.

Variante 5Ab

Nesta variante, agruparam-se os fragmentos que apresentam diâmetros de bordo de menor dimensão que os da variante anterior, característica que também se reflecte na zona do colo, que é mais estreito e mais estrangulado. O bordo apresenta as mesmas características da variante anterior.

Os vasos apresentam engobe vermelho na superfície externa. Num dos casos, o revestimento surge também na face interna, ao nível da zona conservada.

Dois exemplares (2 NMI) foram contabilizados nesta variante. Os diâmetros do bordo variam entre os 78 mm e os 82 mm. A espessura média da parede oscila entre os 4 mm e os 5 mm.

Série 6 – Potes

Nesta série, foram incluídos um conjunto de recipientes fechados, de corpo aparentemente globular ou ovóide, que são geralmente designados potes ou panelas. Possuem colo mais ou menos alto e mais ou menos estrangulado, de paredes curvilíneas.

No caso da cerâmica de engobe vermelho, parece mais coerente a utilização deste tipo de vasos para o armazenamento e não para a confecção de alimentos, dadas as suas características do seu revestimento.

Por outro lado, a integração deste tipo de recipientes na categoria de cerâmica de engobe vermelho não deixa de ser problemática. A linha que separa o que é tradicionalmente designado de "cerâmica pintada em bandas" da cerâmica de engobe vermelho varia consoante o estado de conservação do conjunto, que permita, ou não, diferenciar a aplicação de meras bandas da cobertura intencional das superfícies com engobe vermelho. Mesmo assim, a integração destes recipientes fechados na categoria de cerâmica de engobe vermelho é frequente (Rufete Tomico 1988-89).

Esta série está representada por oito exemplares (8 NMI), dos quais apenas um fragmento (1 NMI) não permitiu uma classificação em variantes específicas. Correspondem a 8,60% do conjunto de indivíduos da cerâmica de engobe vermelho. Todos integram o que foi definido como grupo de fabrico I.

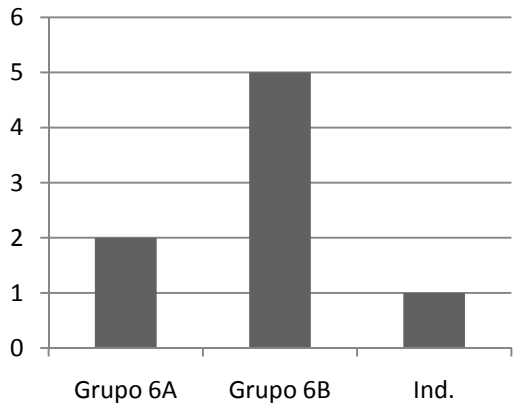


Fig. 86 – Distribuição dos grupos da série 6 (base NMI).

No conjunto exumado na Rua dos Correeiros, os potes dividem-se em dois grupos, atendendo ao perfil geral da peça.

Grupo 6A

Neste primeiro grupo, integraram-se os fragmentos que apresentavam um colo, rematado por um ressalto que o separa do corpo. O corpo das peças parece ter um perfil ovalado.

Este grupo está representado por dois exemplares (2 NMI), integrados numa mesma variante.

Variante 6Aa

Na única variante deste grupo, os fragmentos caracterizam-se por apresentarem um bordo pendente, de formato arredondado. O revestimento cobre toda a superfície externa conservada e, num dos casos, também a interna.

Sendo a única variante deste grupo, integra os mesmos dois fragmentos (2 NMI). Os diâmetros de bordo oscilam entre os 130 mm e os 134 mm. A espessura média da parede varia entre os 6 mm e os 7 mm.

Grupo 6B

Este segundo grupo engloba vasos com o típico "perfil em S". O colo é consideravelmente alto e pouco estrangulado. O bordo apresenta uma tendência exvertida. O corpo destes exemplares parece ter um perfil globular.

Contabilizaram-se cinco fragmentos neste grupo (5 NMI).

Algumas diferenças assinaláveis ao nível do bordo permitiram uma divisão destes exemplares em duas variantes.

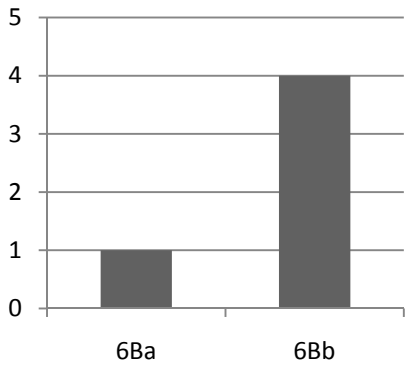


Fig. 87 – Distribuição das variantes do grupo 6B (base NMI).

Variante 6Ba

Nesta primeira variante, incluíram-se os exemplares de bordo contínuo, que exibem um pequeno sulco no lábio, que poderia destinar-se a suportar uma tampa.

O engobe vermelho está sempre presente na totalidade na superfície externa. Na superfície interna, limita-se à aplicação de uma banda junto ao bordo.

Esta variante está representada por uma única peça (1 NMI). O seu diâmetro de bordo é de 192 mm e a espessura média da parede de 7 mm.

Variante 6Bb

Os fragmentos de bordo pendente foram englobados nesta segunda variante. O bordo apresenta uma secção triangular e terminação arredondada.

Tal como ocorre na variante anterior, o engobe reveste sempre a superfície externa. Na face interna, quando está presente, é aplicado apenas na zona superior.

Nesta segunda variante, foi possível incluir quatro exemplares (4 NMI). Os diâmetros de bordo variam entre os 136 mm e os 230 mm. A espessura média da parede é de 6 mm.

Exemplares desta forma documentam-se na outra margem do Tejo, no povoado de Almaraz (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993, p. 181 – n.º 4814, 5182).

Série 7 – Jarros

Nesta série, foram incluídos vasos fechados com diâmetros consideravelmente pequenos, de bocas circulares e colos altos.

Funcionalmente, parecem destinados ao serviço de líquidos.

Esta série e, consequentemente, o grupo e a respectiva variante, estão representados por uma única peça (1 NMI). Corresponde a 1,08% do conjunto de indivíduos da cerâmica de engobe vermelho e integra o grupo de fabrico I.

Grupo 7A

Este grupo inclui fragmentos de jarros de perfil em dupla curva, convexo–côncava. O colo, estreito, mostra na zona mesial uma proeminência.

Como já se referiu, apenas um exemplar (1 NMI) foi contabilizado neste grupo.

Variante 7Aa

Na única variante deste grupo, incluíram-se os exemplares de bordo simples e contínuo, indistinto em relação à parede da peça. Apresenta uma asa lateral, que arranca da área do bordo.

Tanto a asa como a superfície externa encontram-se totalmente cobertas por engobe vermelho. Na superfície interna, este limita-se a uma banda localizada junto ao bordo.

O único exemplar desta variante (1 NMI) tem um diâmetro do bordo de 100 mm e uma espessura média da parede de 7 mm.

Apesar de não ter sido possível encontrar paralelos para esta forma nos conjuntos de cerâmica de engobe vermelho peninsulares, deve referir-se as semelhanças com alguns vasos de cerâmica cinzenta recolhidos em contextos sidéricos da área do estuário do Tejo, como são os casos de Moinho da Atalaia Oeste (Pinto e Parreira, 1978) e Outorela (Cardoso, 2004).

Série 8 – Suporte/funil

A última série estabelecida para a cerâmica de engobe vermelho engloba recipientes de classificação duvidosa. Atendendo ao perfil geral das peças, coloca-se a possibilidade de corresponderem a alguma espécie de suporte ou mesmo a um funil. O seu enquadramento no grupo dos «pebereros» ou «thymiateria» também não é impossível.

Tal como ocorre com a série anterior, um único fragmento é aqui integrável (1 NMI). Corresponde igualmente a 1,08% do conjunto de indivíduos de cerâmica de engobe vermelho e integra o grupo de fabrico I.

Grupo 8A

Os fragmentos inseridos neste grupo apresentam um bordo claramente exvertido. A zona inferior do corpo é consideravelmente afunilada.

Como já se referiu, este grupo está representado por um único exemplar (1 NMI).

Variante 8Aa

Nesta variante, incorporam-se os fragmentos de bordo simples e contínuo e aplanado.

Ambas as superfícies do exemplar estão revestidas por engobe vermelho.

O único fragmento desta variante (1 NMI) apresenta um diâmetro de bordo de 170 mm e uma espessura média da parede de 8 mm.

Fragmentos de forma indeterminada

No conjunto de cerâmica de engobe vermelho recuperado no decurso das intervenções na Rua dos Correeiros, existem ainda 19 exemplares (9 NMI) aos quais não foi possível atribuir uma forma específica, que correspondem a 9,68% do conjunto de indivíduos desta categoria.

Oito (8 NMI) são fragmentos de bordo cujas dimensões não permitiram uma integração tipológica.

Outras duas peças correspondem a fragmentos de asas. Uma delas apresenta uma secção circular e a outra uma secção quadrangular.

Contabilizaram-se ainda nove fragmentos de fundo (1 NMI) de diferentes morfologias. Apenas um é plano, ainda que possua pé destacado. Um outro é convexo, apresentando na superfície externa uma sequência de caneluras profundas. Existem ainda três fragmentos de fundo que exibem um pé alto. Destes, um tem paredes verticais e os restantes dois com inclinação diagonal. Um último fragmento distingue-se por uma clara alteração no perfil, que é vertical no segmento imediatamente a seguir ao pé, e diagonal no restante percurso.

A presença destes pés altos, que se verifica também nas produções de cerâmica cinzenta e comum, poderá resultar da influência de protótipos de cerâmica grega, onde são comuns em formas como os *Krateres* e os *Kantharoi*.

Discussão

A cerâmica de engobe vermelho é pouco representativa na totalidade do conjunto artefactual, constituindo apenas 3,17% do conjunto. Contudo, quer em momentos mais antigos como no mesmo período, as percentagens desta categoria obtidas em outros sítios arqueológicos da área da fachada atlântica ocidental da costa portuguesa nunca são muito significativas. Na Quinta do Almaraz, entre o espólio recolhido na fossa de detritos Q. U45.3, a cerâmica de engobe vermelho representa 8,8% do conjunto (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993), ainda que o método de quantificação utilizado não seja claro. Na foz do Estuário do Sado, em Alcácer do Sal, constitui cerca de 5% do registo artefactual (Silva *et al.* 1980-81). Em Abul, a sua presença também não é muito expressiva, representando 7,3% na primeira fase sidérica do sítio, e apenas 1,4% na segunda (Mayet e Silva, 2000).

Pode, consequentemente, assumir-se que se assiste a uma redução considerável da representatividade desta categoria nos conjuntos artefactuais pré-romanos a partir de meados do 1º milénio a.C., que irá culminar no seu desaparecimento num momento ainda determinado do século IV ou III a.C.

Apesar de serem pouco abundantes, as cerâmicas de engobe vermelho exumadas no decurso das escavações efectuadas na Rua dos Correeiros são bastante diversificadas morfologicamente. Destaca-se, em primeiro lugar, um claro predomínio dos vasos

abertos (70,96%) em relação aos fechados (19,36%). A nível geral, entre as oito séries estabelecidas, os pratos são a forma mais abundante, representando 23,66% do conjunto. Seguem-se as tigelas e os vasos designados páteras, cada qual com 19,35%. As taças e potes de pequena e média dimensão apresentam uma distribuição também uniforme, com 8,60%. Formas singulares, e, como tal, pouco representativas, concretamente os jarros e suportes/funis, correspondem, cada uma delas, a apenas 1,08% da cerâmica de engobe vermelho.

Embora o conjunto se encontre muito fragmentado, cabe destacar a ausência de formas características do século VI a.C., como é o caso das taças carenadas da forma C3 de Rufete Tomico, abundantes, por exemplo, na Sé de Lisboa (Arruda, 2000). Os exemplares da Rua dos Correeiros apresentam já características, em nosso entender, mais evolucionadas, como é o caso de possuírem uma carena bastante mais saliente e marcada.

Outro elemento que poderia indiciar uma cronologia mais tardia seria a análise morfológica dos fragmentos de prato, concretamente dos classificados na variante 3Aa, que são os que parecem evidenciar uma maior analogia com os restantes conjuntos de cerâmica de engobe vermelho peninsulares. Infelizmente, o seu estado de fragmentação não permite sequer uma medição da largura do lábio que possibilite uma análise comparativa.

Por outro lado, a grande maioria das formas documentadas na Rua dos Correeiros não está presente em conjuntos de cerâmica de engobe vermelho mais antigos, quer no estuário do Tejo, quer em outros locais da fachada atlântica portuguesa.

Associando estes indícios à presença de formas morfologicamente evoluídas e de características praticamente únicas no quadro peninsular, assim como aos elementos cronológicos fornecidos pelo restante conjunto artefactual, a datação proposta para estes materiais centra-se no século V a.C., podendo, contudo, perdurar até aos inícios da centúria seguinte.

Numa perspectiva comparativa, o conjunto da Rua dos Correeiros destaca-se por apresentar algumas formas muito características, desconhecidas fora da área do centro fachada atlântica portuguesa. Infelizmente, as sequências estratigráficas para a evolução

deste tipo cerâmico na zona do Estuário do Tejo são também limitadas, concretamente para as fases mais avançadas.

O único trabalho publicado relacionado com esta questão foi desenvolvido com base nos materiais recuperados em Almaraz. Aqui, o estudo do desenvolvimento morfológico deste tipo de recipientes foi realizado com base numa amostra recolhida no contexto de uma fossa de detritos. A análise formal dos exemplares permitiu um enquadramento do conjunto em torno ao século VI a.C. (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993, p. 167; Arruda, 2000, p. 6-20). Contudo, a associação a estes contextos de datações de radiocarbono é claramente incompatível com as características morfológicas das cerâmicas. Calibradas a dois sigmas, as datações efectuadas sobre ossos e conchas fornecem intervalos de tempo entre 910-790 CAL B.C. e 900-780 CAL B.C. para um dos níveis inferiores, que parece corresponder ao momento anterior à abertura da fossa (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993, p. 167 – nota 1; Barros e Soares, 2004). Torna-se, assim, claro que existe um problema de fundo na associação entre a cronologia absoluta e as características tipológicas dos conjuntos publicados (Arruda, 2000, p. 6-20). Este problema não é exclusivo da cerâmica de engobe vermelho, colocando-se também ao nível de outras categorias entretanto publicadas (Barros e Soares, 2004). Uma questão estrutural parece poder colocar-se ao nível da própria escavação. Como se pode observar pelo corte apresentado (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993, p. 149), esta sequência parece ter uma base pouco segura, o que impossibilita levar em conta as considerações formuladas. A delimitação das camadas apresentadas é, por si só, inconsistente com os princípios da estratigrafia arqueológica, uma vez que pelo menos um dos estratos identificados está totalmente rodeado por outro nível. As reservas apontadas aos dados estratigráficos reflectem-se, naturalmente, nas associações de materiais publicadas e na sua relação com as datações de radiocarbono. O enchimento desta estrutura negativa parece ter sido efectuado em vários momentos distintos (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993). Assim, alguns dos paralelos que se puderam estabelecer para certas formas presentes quer na Rua dos Correeiros quer em Almaraz suscitam algumas dúvidas em termos cronológicos. É o caso da forma 1Ba que, no sítio localizado na margem esquerda do Tejo, foi documentada num nível datado entre finais do século IX e inícios do século VIII a.C., em cronologia absoluta. Como já se referiu anteriormente (*vide supra* 3), ainda que não se discuta a exactidão das datações de radiocarbono, colocamos, como já foi referido anteriormente, muitas

reservas em relação à associação primária das cerâmicas, nos níveis onde se recolheram as amostras analisadas. Não existindo paralelos para a existência deste tipo de vasos em outros contextos antigos do território peninsular, colocamos em causa a sua datação tão recuada. De qualquer modo, a semelhança entre os espólios da Rua dos Correeiros e da Quinta do Almaraz, já observada em momentos anteriores, é muito sugestiva, tendo-se chegado, inclusivamente, a admitir a existência de um único centro oleiro que abastecesse ambas as áreas (Arruda, 1999-2000, p. 223).

Parece sensato admitir que as formas com características acentuadamente regionais se desenvolvem já numa fase tardia. No caso da cerâmica de engobe vermelho desta área portuguesa, os primeiros indícios parecem surgir ainda durante o século VI a.C., encontrando-se já plenamente configurados na centúria seguinte. É o caso, por exemplo, das taças carenadas integradas no grupo 2B, que apresentam perfis distintos dos protótipos que as antecedem. A característica mais divergente é o acentuar da carena e a profundidade da dupla concavidade da parede externa, que se pode rastrear, ainda que timidamente, em alguns exemplares recuperados na Sé de Lisboa, onde foram datados em torno à segunda metade do século VI a.C. (Arruda, 1999/2000, p. 116).

Apesar de se poder estabelecer algumas semelhanças pontuais com áreas mais distantes, como é o caso da Extremadura espanhola e do sul do território peninsular, o pequeno conjunto de cerâmica de engobe vermelho da Rua dos Correeiros mostra, acima de tudo, características que marcam um repertório claramente regional e diferenciável de outros conhecidos no mundo orientalizante exterior da área do Estuário do Tejo.

Na própria fachada centro atlântica portuguesa, estas diferenças regionais são acentuadas. Esta observação aplica-se na comparação entre o conjunto de cerâmica de engobe vermelho da região de Lisboa com o que se conhece para as fases mais tardias da ocupação sidérica de Alcácer do Sal. Como já foi referido anteriormente, apesar de os pratos de cerâmica de engobe vermelho peninsulares evoluírem, a partir, sobretudo, do século VI a.C., de forma a acentuarem a zona da depressão central no fundo interno, estes adoptam, em diversos cenários regionais, características morfológicas distintas. Os pratos do estuário do Tejo apresentam características mais "barrocas" enquanto os de Alcácer do Sal e os de Abul B, recolhidos também em níveis datados de meados do I milénio a.C. são bastante mais simplificados e definidos por linhas mais simples.

Partilham, contudo, para além da depressão central, uma maior horizontalidade da ligação entre este elemento e a zona do bordo.

O processo de regionalização da cerâmica de engobe vermelho parece iniciar-se ainda no século VI a.C., de acordo com algumas observações efectuadas para os materiais recolhidos na Sé de Lisboa (Arruda, 1999-2000, p. 120-121). Mas parece ser na centúria seguinte que o repertório cerâmico se encontra plenamente configurado e individualizado de outros conjuntos peninsulares.

A análise do conjunto de cerâmica de engobe vermelho da Rua dos Correeiros permite, assim, concluir que este espólio tem uma expressão de carácter, sobretudo, regional. A originalidade de várias das formas presentes é notável em todo o conjunto. Alguns elementos podem ser rastreados em protótipos anteriores, particularmente dos datáveis do século VI a.C., cuja evolução irá configurar características inéditas no repertório desta categoria cerâmica. É possível estabelecer, em alguns casos formais pontuais, algumas relações e paralelos com outras zonas específicas do território peninsular, como é o caso das analogias com a cerâmica de engobe vermelho da necrópole de Medellín, concretamente com o que é designado de "taças de pé alto" (Almagro-Gorbea, Mederos e Torres, 2008, p. 619). Estas semelhanças foram inclusivamente interpretadas como indícios de prováveis contactos comerciais e / ou culturais entre as duas áreas, sendo a área atlântica a zona emissora e a Extremadura espanhola a zona receptora desses produtos (Arruda, 2005a, 2005b; Almagro-Gorbea, Mederos e Torres, 2008, p. 619).

Curioso é notar, contudo, que estas características que se observam na área de Lisboa e também na Quinta do Almaraz não são transversais a todo o Estuário do Tejo. Com efeito, as formas individualizantes aqui analisadas não estão presentes, de acordo com os dados publicados até ao momento, nem em Santarém nem nos restantes sítios localizados ao longo da foz do rio.

O conjunto da cerâmica de engobe vermelho da Rua dos Correeiros permite, assim, assegurar que estas produções ainda fazem parte do conjunto artefactual do século V a.C. do Estuário do Tejo, ao contrário do que alguns autores consideraram (Cardoso, 2004, p. 252). Apesar de a sua expressividade quantitativa ser já muito reduzida, a produção desta centúria caracteriza-se pela sua acentuada diversidade formal. Grande parte das formas identificadas adquirem claras conotações regionais, que permitem a

sua individualização relativamente a outros horizontes tipológicos, como é o caso da Extremadura espanhola e da zona meridional do território peninsular.

4.1.6.5. A cerâmica cinzenta

A cerâmica cinzenta de cariz orientalizante corresponde a uma produção particular no quadro das cerâmicas da Idade do Ferro, que surge ainda durante a segunda metade do século VIII a.C. A sua exclusividade peninsular confere-lhe características únicas na percepção da influência das comunidades indígenas do Extremo Ocidente na cultura material fenícia.

O debate sobre a origem desta produção desenvolve-se em torno a duas hipóteses centrais. Uma defende que a cerâmica cinzenta constitui uma produção de tradição essencialmente indígena peninsular que aplica uma nova tecnologia, o torno, no seu fabrico (Roos, 1982, Caro Bellido, 1989, Almagro-Gorbea, 1977, Lorrio, 1988-1989). A outra possibilidade considera que se trata de uma produção que surge no contexto colonial ocidental ainda que com fortes influências das comunidades locais. Uma proposta conciliadora, avançada por Vallejo Sánchez, admite uma fase inicial da produção das cerâmicas cinzentas no contexto de ambientes fenícios, concretamente durante os primeiros dois séculos do período orientalizante, e uma posterior difusão, inclusão e adaptação desses elementos por parte das comunidades indígenas peninsulares, fenómeno visível, sobretudo, a partir do século VII a.C. (Vallejo Sánchez, 2005a, 1152).

Inicialmente relacionadas com as cerâmicas cinzentas do mundo grego oriental (Almagro Bash, 1949), o reconhecimento do seu significado como parte integrante do conjunto artefactual de comunidades semitas que se instalaram no território peninsular só ocorreu na década de 60 e 70 do século passado, com a valorização da componente fenícia na proto-história peninsular (Vallejo Sánchez, 2005a). Seguiu-se uma fase de progressiva valorização das características nitidamente regionais da cerâmica cinzenta no Ocidente, tendo-se distinguido quatro grandes áreas diferenciadas, nomeadamente a zona de Marselha e do sul da França, Andaluzia, Catalunha e Valência (Aranegui, 1975), sendo estas três últimas integráveis na esfera cultural orientalizante.

A dispersão destes exemplares é, assim, muito ampla, sendo uma presença constante nos sítios com ocupação pré romana no território peninsular (Vallejo Sánchez, 2005a, p. 1153-1155). Fora desta área, a cerâmica cinzenta só foi documentada em dois sítios arqueológicos localizados no norte da costa africana, nomeadamente em Essaouira (Jodin, 1966; López Pardo, 1996), Rachgoun (Vuillemot, 1965) e Ceuta (Villada Paredes, Ramon Torres e Suárez Padilla, 2010).

Cronologicamente, esta produção cerâmica surge numa fase bastante precoce nos conjuntos artefactuais orientalizantes, em torno aos finais do século VIII a.C. (Vallejo Sánchez, 2005a, 2005b), permanecendo nestes com um peso considerável até meados do I milénio a.C. A partir deste momento, parece verificar-se um período de decadência e progressivo abandono desta produção. No entanto, a sua presença estende-se até ao início do período romano em determinados contextos regionais (Caro Bellido, 1989, p. 192, Hernández Carretero, 1996), como é o caso da fachada ocidental portuguesa, concretamente em Conímbriga (Alarcão, 1975) e Santarém (Arruda, 1999-2000, p. 196). Na área sul, a partir do século V a.C., estas cerâmicas adquirem um carácter praticamente residual entre os conjuntos cerâmicos (Vallejo Sánchez, 2005b, p. 1163).

A funcionalidade desta categoria cerâmica parece relacionar-se sobretudo com o consumo e serviço de mesa (Vallejo Sanchez, 2005a, p. 1153), ainda que alguns recipientes possam ter desempenhado outras tarefas, como, por exemplo, o armazenamento.

A nível técnico, a cerâmica cinzenta corresponde a uma produção feita a torno e cozida em atmosferas redutoras, que confere aos exemplares tons homogéneos e escuros. O processo que culmina nesse produto final implica a cozedura das peças em ambientes redutores. Esta característica, geralmente associada a estruturas de combustão mais "primitivas", reflecte uma intenção clara dos artesãos produzirem vasos com essas características. Contudo, um mesmo forno pode permitir cozer peças em atmosferas oxidantes e redutoras, dependendo do procedimento (*Ibidem*, p. 1159). Uma outra característica técnica no fabrico destes recipientes é induzida pela presença de marcas na superfície das peças que indiciam que estas eram brunidas ao torno num momento anterior à cozedura (*Ibidem*, p. 1159). A prática do brunimento, que tem uma longa tradição, no território peninsular, é particularmente intensa durante o final da Idade do Bronze. A sua aplicação a peças fabricadas a torno foi esgrimida como um dos mais

importantes argumentos que relacionavam a cerâmica cinzenta com as comunidades autóctones do Extremo Ocidente (Caro Bellido, 1989, p. 192).

A cerâmica cinzenta da Rua dos Correeiros é, ao nível do que foi definido como cerâmica de mesa, o conjunto mais bem representado. Corresponde a 323 fragmentos (245 NMI), dos quais 140 possibilitaram uma representação gráfica. No total, 240 permitiram um enquadramento tipológico.

Este conjunto é composto por dois exemplares que permitiram a reconstituição completa do perfil, três fragmentos de asa, 230 de bordo, 67 de fundo e 21 de parede, alguns carenados, estes últimos inventariados por possibilitarem, em alguns casos, uma aproximação tipológica.

A cerâmica cinzenta corresponde a 8,36% do conjunto total de indivíduos recolhidos em contextos da Idade do Ferro na Rua dos Correeiros.

Grupos de fabrico

No conjunto de cerâmica cinzenta da Rua dos Correeiros foi possível identificar três grupos de fabrico.

O grupo I corresponde a pastas não calcárias, compactas e mediamente depuradas (entre 5% e 10% de elementos não plásticos). A análise dos seus componentes permitiu identificar a presença frequente de calcites de pequena dimensão, ocasionais quartzos de média dimensão e raras moscovites, também de média dimensão. A tonalidade da pasta é cinzenta (Munsell 4/1 10 YR *dark gray*).

Este é o grupo menos bem representado no conjunto da cerâmica cinzenta, contando com apenas 2,45% (7 NMI).

O grupo II apresenta uma pasta também não calcária, muito compacta e bem depurada (entre 3% e 5% de elementos não plásticos). Contem frequentes inclusões de moscovite de muito pequena dimensão, ocasionais calcites de pequena dimensão, raros nódulos ferruginosos de média dimensão e raros quartzos de pequena dimensão. A tonalidade da pasta é alaranjada (Munsell 5/6 5 YR *yellowish red*).

Este grupo é predominante, correspondendo a 70,61% do conjunto.

O grupo III mantém das mesmas características do caso anterior, distinguindo-se pelo núcleo dos exemplares apresentar uma tonalidade cinzenta (Munsell 6/1 5Y *gray*). Entre os elementos não plásticos contam-se abundantes moscovites de muito pequena dimensão, raros quartzos de pequena e média dimensão, e ocasionais nódulos ferruginosos de pequena dimensão.

Representa 26,94% do conjunto da cerâmica cinzenta da Rua dos Correeiros.

Em todos os grupos as superfícies apresentam um acabamento cuidado, podendo ser alisado ou polido ao torno. A coloração escura das suas superfícies pode resultar da aplicação de um engobe ou aguada que contêm substâncias de tons escuros ou de uma capa de argila fina submetida a uma cozedura em atmosfera redutora (Hernández Carretero, 1996, p. 107).

Apesar da distinção estabelecida entre os grupos, pensamos estar perante produções locais e/ou regionais.

Formas

O conjunto de cerâmica cinzenta recuperado permitiu criar um quadro tipológico divisível em apenas quatro séries. Estas integram as tigelas (série 1), os pratos (série 2), os pequenos potes (série 3) e os potes (série 4).

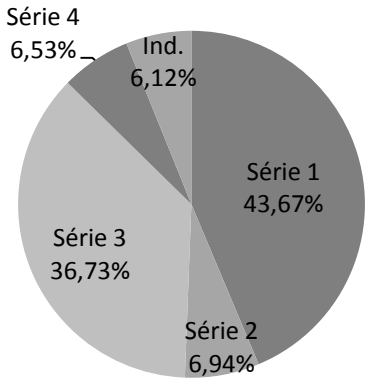


Fig. 88 – Distribuição da cerâmica cinzenta da Rua dos Correeiros de acordo com as séries definidas (base NMI).

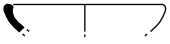
Série 1	Grupo 1A	Variante 1Aa 	
		Variante 1Ab 	
		Variante 1Ac 	
	Grupo 1B	Variante 1Ba 	
	Grupo 1C	Variante 1Ca 	

Fig. 89 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica cinzenta da Rua dos Correeiros (série 1 – tigelas).

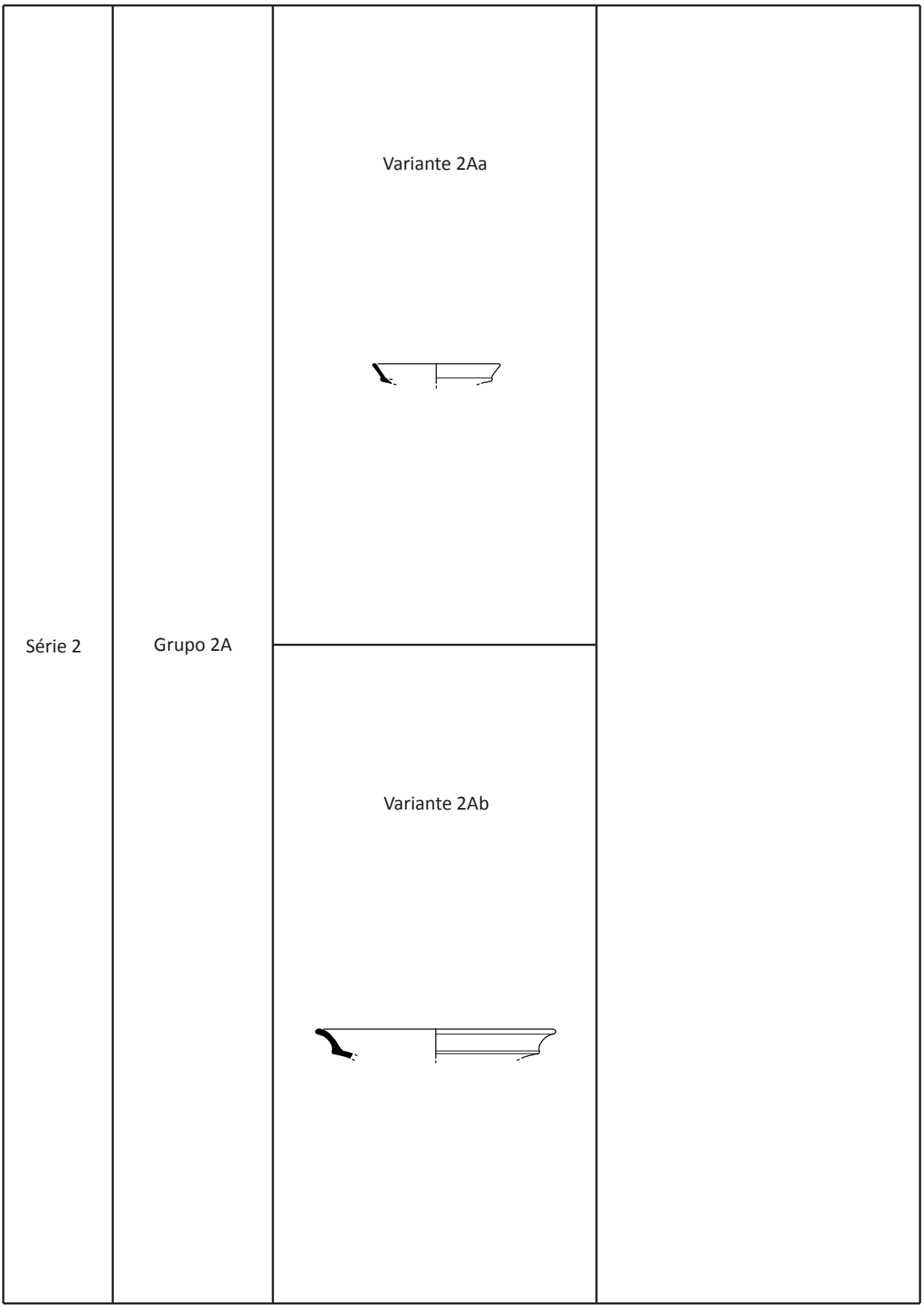


Fig. 90 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica cinzenta da Rua dos Correeiros (série 2 – pratos).

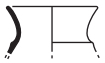
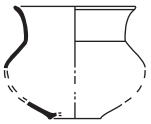
<table>
<tr><td rowspan="4">Série 3</td><td rowspan="3">Grupo 3A</td><td>Variante 3Aa
  </td><td rowspan="3"></td></tr>
<tr><td>Variante 3Ab
  </td></tr>
<tr><td>Variante 3Ac
  </td></tr>
<tr><td>Grupo 3B</td><td>Variante 3Ba
  </td><td></td></tr>
<tr><td>Grupo 3C</td><td>Variante 3Ca
  </td><td></td></tr>
</table>

Fig. 91 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica cinzenta da Rua dos Correeiros (série 3 – pequenos potes).

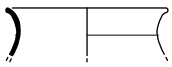
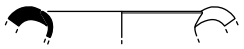
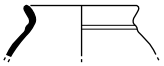
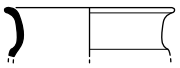
<table>
<tr><td rowspan="5">Série 4</td><td rowspan="3">Grupo 4A</td><td>Variante 4Aa
  </td><td>Sub-variante 4Aa.1
  </td></tr>
<tr><td>Variante 4Ab
  </td><td rowspan="2"></td></tr>
<tr><td>Variante 4Ac
  </td></tr>
<tr><td>Grupo 4B</td><td>Variante 4Ba
  </td><td></td></tr>
<tr><td>Grupo 4C</td><td>Variante 4Ca
  </td><td></td></tr>
</table>

Fig. 92 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica cinzenta da Rua dos Correeiros (série 4 – potes).

Série 1 – Tigelas

Tal como ocorre na cerâmica de engobe vermelho, a primeira série desta categoria é composta por tigelas. A sua descrição é em quase tudo idêntica à efectuada para a mesma série da categoria anterior, integrando recipientes abertos e consideravelmente profundos.

Também na cerâmica cinzenta, é provável que o seu uso se concentrasse no serviço de mesa, concretamente no consumo individual de alimentos.

Esta série está representada por 108 exemplares (107 NMI), que corresponde a 43,67% do conjunto de indivíduos de cerâmica cinzenta.

Na cerâmica cinzenta da Rua dos Correeiros, as tigelas são divisíveis em três grupos, atendendo às características gerais do corpo das peças.

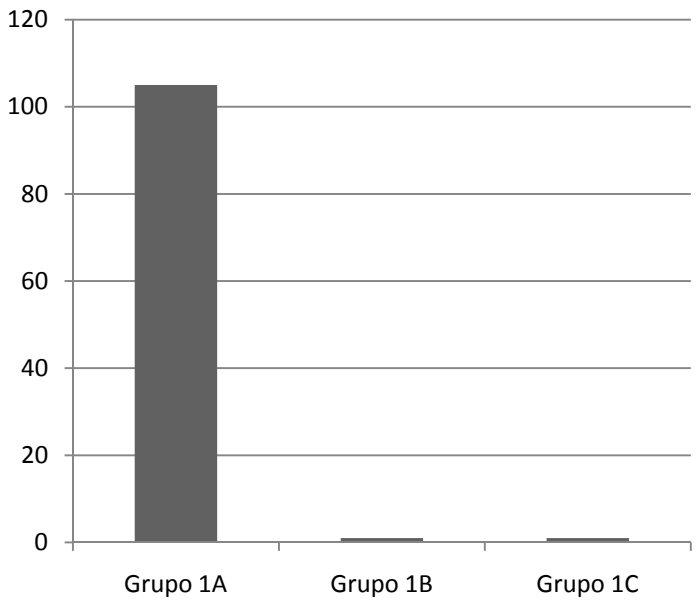


Fig. 93 – Distribuição dos grupos da série 2 (base NMI).

Grupo 1A

Neste primeiro grupo, incluíram-se as tigelas de perfil simples, tendencialmente hemisférico e troncocónico, de considerável profundidade.

Este grupo corresponde ao tipo 1 do conjunto de cerâmica cinzenta da Sé de Lisboa (Arruda, Freitas e Vallejo Sánchez, 2000) sendo, contudo, mais abundante na Rua dos Correeiros que no caso mencionado.

Este tipo de tigelas corresponde ao grupo mais bem representado a nível quantitativo, sendo aqui integráveis 106 exemplares (105 NMI). Infelizmente, apenas 35 fragmentos (35 NMI) permitiram uma classificação em variantes. Entre as restantes 71 peças (70 NMI), 51 peças (50 NMI) integram o grupo de fabrico I e 20 (20 NMI) o grupo de fabrico II.

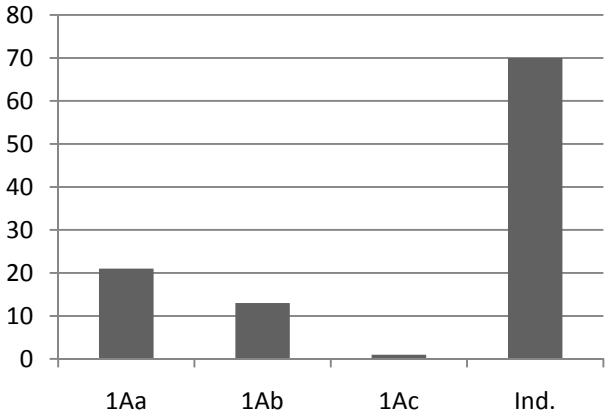


Fig. 94 – Distribuição das variantes do grupo 1A (base NMI).

As três variantes estabelecidas foram segmentadas atendendo, sobretudo, à morfologia do bordo.

Variante 1Aa

Esta variante engloba exemplares de paredes arqueadas e côncavas, de perfil geral hemisférico. O bordo é simples e contínuo, apresentando, geralmente, um engrossamento interno.

Corresponde ao tipo 20 A de Caro Bellido (1989), à forma 1 e 2 de Vallejo Sánchez (2005a), à forma I de Hernández Carretero (1996) e ao tipo A1A de Lorrio (2008). A sua produção inicia-se sobretudo durante o século VII a.C. e atinge o seu auge durante a centúria seguinte (Vallejo Sánchez, 2005a, p. 1156).

Na fachada ocidental atlântica, e mais especificamente no estuário do Tejo, estes recipientes parecem perdurar ao longo de toda a Idade do Ferro, atingindo o período romano (Arruda, 1999-2000, p. 196).

Na Extremadura espanhola, a forma está documentada na necrópole de Medellín até meados do século V a.C. (Lorrio, 2008, p. 695). Em Cancho Roano, o tipo está também presente em contextos datados da mesma centúria (Celestino Pérez, 1996; Hernández Carretero, 1996).

Na zona do Médio Guadiana, esta forma perdura também até ao período romano (Hernandéz Carretero, 1996, p. 110-111).

No sul do território peninsular, em Huelva, a forma regista-se em níveis da segunda metade do século V a.C. (Rufete Tomico, 2002). No Castillo de Doña Blanca, este tipo de tigela é uma das mais bem representadas, encontrando-se em contextos coevos (Vallejo Sanchéz, 2005b, p. 1163).

Esta variante integra 21 exemplares (21 NMI). Os diâmetros de bordo variam entre os 136 mm e os 240 mm, notando-se uma concentração particular entre os 170 mm e os 180 mm e os 210 mm e os 220 mm. A espessura média da parede é de 5 mm.

Uma das peças (1 NMI) integra o grupo de fabrico I, 17 (17 NMI) o grupo de fabrico II e as restantes 3 (3 NMI) o grupo de fabrico III.

Este tipo de tigela hemisférica é muito frequente nos conjuntos de cerâmica cinzenta, pelo que só se considera relevante indicar os paralelos mais próximos à Rua dos Correeiros.

Em Lisboa, a forma foi reconhecida entre os espólios cerâmicos recuperados nas intervenções da Rua de São João da Praça (Pimenta, Calado e Leitão, 2005b, p. 10, n.º 40 a 45) e na Sé (Arruda, 2000, Est. 29 – n.º 1). Entre os materiais expostos no Núcleo Museológico do Castelo de São Jorge, também foi possível identificar esta mesma forma, sendo o exemplar proveniente das escavações realizadas na Praça Nova.

No concelho da Amadora, este tipo também está presente em Moinho da Atalaia Oeste (Pinto e Parreira, 1978, p. 160 – g, h; *vide infra* 4.2.1.5.3.), no povoado das Baútas (*vide infra* 4.2.2.5.4.), Moinhos do Filipinho, Casal de Vila Chã Sul e Fiat - Alfragide (*vide infra* 4.2.3.).

Em Sintra, a forma está documentada em Santa Eufémia, Sintra (Marques, 1982-83, p. 83 – f; *vide infra* 4.3.1.5.4.).

Surge ainda nos sítios de Outorela I e II, no concelho de Oeiras (Cardoso, 1990).

A presença deste tipo de tigelas já foi também documentada no povoado de Almaraz (Barros e Soares, 2004, p. 346 – 4). Estudos mais recentes sobre a cerâmica cinzenta

desse sítio evidenciam a sua expressividade no conjunto, sendo a forma integrada no que foi classificado como tipo 1B. Alguns dos exemplares designados por tipo 1A e 1C também apresentam semelhanças com os da Rua dos Correeiros, uma vez que a sua diferenciação é feita com base no engrossamento do bordo. Cabe ainda assinalar que a variação dos seus diâmetros (Henriques, 2006, p. 47) é análoga à dos fragmentos de Lisboa.

Na Alcáçova de Santarém, documentam-se vários exemplares desta forma (Arruda, 1999-2000, Fig. 130-135).

Também na foz do Mondego, em Santa Olaia, a variante 1Aa também parece estar bem representada (Pereira, 2009, Est. XXIV, n.º 24 a 27; Est. XXV), assim com em Conímbriga (Alarcão, 1975).

No Estuário do Sado, em Abul, este tipo de tigela está bem documentada ao longo de toda a ocupação pré-romana do sítio. Corresponde ao tipo II.C.1 da tipologia de cerâmica cinzenta estabelecida para o sítio (Mayet e Silva, 2000, 2005).

Variante 1Ab

A segunda variante deste grupo distingue-se por incorporar fragmentos de paredes rectilíneas, desenhando um perfil geral troncocónico. O bordo mantém as mesmas características da variante anterior, ainda que seja menos frequente o engrossamento, que quando existe é pouco acentuado.

No conjunto de cerâmica cinzenta, 13 fragmentos (13 NMI) apresentam características que permitem a sua inclusão nesta variante. Os diâmetros dos bordos oscilam entre os 156 mm e os 244 mm, denotando-se alguma concentração entre os 210 mm e os 220 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 4 mm e os 5 mm.

Dez fragmentos (10 NMI) correspondem ao grupo de fabrico I e os restantes 3 (3 NMI) ao grupo de fabrico II.

Esta forma parece estar presente entre os materiais provenientes das escavações da Praça Nova, no Castelo de São Jorge, actualmente expostos no respectivo Núcleo Museológico.

Este tipo também surge na Amadora, em Moinho da Atalaia Oeste (Pinto e Parreira, 1978, p. 160 – e, f; *vide infra* 4.2.1.5.3.), no povoado das Baútas (*vide infra* 4.2.2.5.4) e em Fiat – Alfragide (*vide infra* 4.2.3.).

Em Sintra, em Santa Eufémia, a forma também está documentada (*vide infra* 4.3.1.5.4.).

Alguns exemplares recolhidos na Quinta do Almaraz apresentam perfis idênticos aos representados por esta variante (Henriques, 2006, p. 115 – n.º 1 e 3, p. 116 – n.º 1).

No estuário do Mondego, em Santa Olaia, esta forma também se encontra bem documentada (Pereira, 2009, Est. XXVI).

Em Abul, esta variante corresponde ao tipo II.A da tipologia de cerâmica cinzenta do sítio (Mayet e Silva, 2000, p. 49). Está documentada a partir do século VII a.C., sendo, contudo, mais abundante durante a fase final da ocupação sidérica, datada de finais do século VI e século V a.C. (*Ibidem*).

Variante 1Ac

Nesta variante inserem-se os exemplares que partilham entre si um bordo exvertido, ligeiramente pendente.

Esta variante está representada singularmente (1 NMI). O diâmetro de bordo é de 180 mm e a sua espessura média é de 4 mm.

Integra o grupo de fabrico III.

No concelho da Amadora, esta forma foi identificada em Moinho da Atalaia Oeste (*vide infra* 4.2.1.5.3.) e Casal de Vila Chã Sul (*vide infra* 4.2.3.).

Em Sintra, surge no povoado de Santa Eufémia (*vide infra* 4.3.1.5.4.).

Na margem sul do Tejo, no povoado de Almaraz, foi identificado, no quadro das produções de cerâmica cinzenta, um tipo que apresenta algumas semelhanças com esta variante da Rua dos Correeiros, concretamente no que se refere ao perfil do bordo (Henriques, 2006). Foi denominado por tipo 2 na tipologia esboçada por S. Henriques (*Ibidem*). Estes fragmentos apresentam, contudo, diâmetros ligeiramente inferiores (entre 120 e 150 mm) ao do exemplar de Lisboa (Henriques, 2006, p. 50).

Na Alcáçova de Santarém, esta forma também parece estar presente (Arruda, 1999-2000, Fig. 132).

Um exemplar semelhante ao nível do bordo, mas com um perfil em melhor estado de conservação, foi documentado em Conímbriga (Correia, 1993, p. 242 – n.º 12). Em Santa Olaia, existe também uma tigela de cerâmica cinzenta muito similar a esta variante (Pereira, 2009, Est. XXIV, n.º 22).

Grupo 1B

Este segundo grupo é composto por exemplares que apresentam uma carena bastante acentuada na zona superior da peça.

Apenas um fragmento (1 NMI) é enquadrável neste grupo, correspondendo, naturalmente, a uma única variante.

As características da pasta permitem a sua inclusão no grupo de fabrico I.

Variante 1Ba

Esta variante integra exemplares de bordo ligeiramente exvertido e de formato arredondado.

Esta forma apresenta notáveis semelhanças com o tipo 17 A de Caro Bellido (Caro Bellido, 1989), com o tipo A2A de Lorrio (2008) e os tipos 6 a 12 de Vallejo Sánchez (2005a). Este último investigador integra, contudo, estes exemplares na categoria de

pratos. Tendo em conta as características formais do conjunto da cerâmica cinzenta recuperado na Rua dos Correeiros, acreditamos que esta função fosse desempenhada por outros recipientes, concretamente os da nossa série 2.

Esta forma surge nos conjuntos artefactuais orientalizantes ainda durante o século VIII a.C., concretamente nos finais da centúria, atingindo o seu auge durante o século VII a.C. No século VI a.C., parece entrar em declínio (Vallejo Sánchez, 2005a, p. 1156). Contudo, na Extremadura espanhola, existem indícios da sua pervivência até meados do século V a.C. (Lorrio, 2008, p. 695). No Castillo de Doña Blanca, corresponde a uma das formas mais bem documentadas no sítio (Vallejo Sánchez, 2005b, p. 1163).

Como já se referiu, esta variante está representada por um único fragmento (1 NMI). O diâmetro de bordo é de 210 mm e a espessura média da parede de 6 mm.

Esta forma está presente na Quinta do Almaraz (Barros e Henriques, 2002, p. 310 – n.º 37).

No território algarvio, no Castelo de Castro Marim, documentou-se, em contextos do século VI a.C., uma tigela morfologicamente muito semelhante (Arruda e Freitas, 2008, p. 434, fig. 5 – C.M.1. [643] 12853).

Grupo 1C

Neste grupo foram incluídos fragmentos que apresentam um perfil hemisférico e um bordo de tendência reentrante.

Tal como ocorre no grupo anterior, apenas uma peça (1 NMI) foi incluída neste grupo, correspondendo também a uma única variante.

O fragmento é englobável no grupo de fabrico III.

Variante 1Ca

Nesta variante, integram-se os exemplares que apresentam um bordo engrossado internamente.

Apresenta algumas semelhanças com a forma A1C de Lorrio (2008) que, na necrópole de Medellín, abrange um período cronológico compreendido entre meados do século VII e meados do século V a.C. Também na zona do povoado, na "cata este" do teatro, materiais semelhantes surgem num nível datável entre finais do século VI a.C. e o século V a.C. (Almagro Gorbea, 1997, p. 423 – n.º 326 e 474).

O único fragmento integrável nesta variante (1 NMI) tem um bordo com 153 mm de diâmetro e uma espessura média da parede de 6 mm.

Série 2 – Pratos

Os vasos integrados nesta terceira série consistem em recipientes abertos e pouco profundos.

Funcionalmente, seriam utilizados para o consumo de alimentos sólidos à mesa. A integração destes recipientes numa categoria morfo-funcional não é, contudo, fácil. Morfologicamente, os exemplares que se integram neste tipo assemelham-se notoriamente com o que é designado por outros autores de taças carenadas. A aproximação à categoria de pratos, que é utilizada no presente estudo, justifica-se pela tendência para a horizontalidade da parede inferior do corpo, abaixo da carena, o que lhe confere uma menor profundidade.

Esta série está representada no conjunto por 19 fragmentos (17 NMI), que integram um único grupo. Correspondem a 7,00% do conjunto de indivíduos de cerâmica cinzenta.

Grupo 2A

Todos os fragmentos de pratos recolhidos na Rua dos Correeiros partilham um perfil carenado. A carena é sistematicamente bem marcada e é abaixo dela que a parede ganha uma tendência horizontal.

Este grupo está representado pelos mesmos 19 fragmentos (17 NMI). Destes, apenas seis (6 NMI) permitiram uma classificação mais específica. Entre os restantes 13 fragmentos (11 NMI), um (1 NMI) corresponde ao grupo de fabrico I, dois (2 NMI) ao grupo de fabrico III e os outros dez (8 NMI) ao grupo de fabrico II.

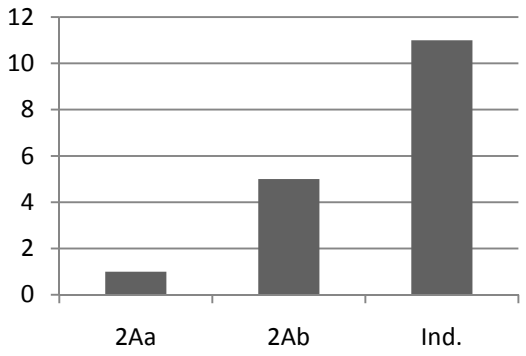


Fig. 95 – Distribuição das variantes do grupo 2A (base NMI).

As características diferenciáveis ao nível do perfil externo e do bordo possibilitaram uma subdivisão em duas variantes.

Variante 2Aa

Esta primeira variante integra os exemplares de bordo recto e contínuo. As paredes são rectilíneas.

Está representada por um único exemplar (1 NMI). O diâmetro de bordo é de 156 mm e a espessura média da parede é de 3 mm.

As características da pasta permitem a sua inclusão no grupo de fabrico II.

O tipo 4 da Quinta de Almaraz (Henriques, 2006, p. 51) apresenta semelhanças morfológicas com a peça de Lisboa, variando, contudo, por ter uma maior profundidade.

Um exemplar de características muito semelhantes foi também documentado na Rua do Rato, em Alcácer do Sal (Arruda *et al*., no prelo).

Variante 2Ab

Os exemplares incluídos nesta segunda variante partilham entre si um bordo exvertido, de formato arredondado. As paredes são rectoconvexas.

Apresenta algumas semelhanças com o tipo C3 de Lorrio, que surge na necrópole de Medellín entre o século VII e inícios do século V a.C. (Lorrio, 2008, p. 700). Também em Cancho Roano, em níveis datados em torno ao século V a.C., se identificam formas muito similares, que foram integradas na forma II de Hernández Carretero (1996, p. 26).

Nesta variante contabilizaram-se cinco peças (5 NMI). Os diâmetros de bordo variam entre os 230 mm e os 294 mm. A espessura média da parede oscila entre os 5 mm e os 6 mm.

Todos estes exemplares integram o grupo de fabrico II.

Alguns pratos de perfil muito similar a este tipo foram recuperados em Lisboa, no decurso das escavações realizadas na Travessa de Chafariz d´ El Rei (Filipe, Calado e Leitão, no prelo).

A forma está também presente no Moinho da Atalaia Oeste (Pinto e Parreira, 1978, p. 160 – l, m; *vide infra* 4.2.1.5.3.).

Também na Quinta de Almaraz, Almada, é possível reconhecer um exemplar análogo aos da Rua dos Correeiros, sendo integrado no tipo 4 da tipologia de Henriques (2006, p. 51 e p. 124 – n.º 1).

No Estuário do Sado, esta forma foi identificada no edifício B de Abul, datado do século V a.C. (Mayet e Silva, 2005, p. 26 – n.º 5; 2000, p. 209 – n.º 98, 99, 102).

Série 3 – Pequenos potes

Esta série incorpora vasos fechados e de pequena dimensão. O colo, de altura variável, é geralmente estrangulado.

No caso dos pequenos potes de cerâmica cinzenta, as suas características morfológicas e dimensões parecem especialmente apropriadas para o consumo individual de líquidos.

É uma das séries mais bem representadas no conjunto da cerâmica cinzenta, com 97 exemplares (90 NMI). Destes, 48 peças (41 NMI) não apresentavam um perfil suficiente que possibilitasse a sua inclusão nas variantes estabelecidas. Entre estes, 33 fragmentos (28 NMI) integram o grupo de fabrico II e os restantes 15 (13 NMI) o grupo de fabrico III.

Esta série corresponde a 37,04% do conjunto de indivíduos de cerâmica cinzenta.

Os fragmentos exumados na Rua dos Correeiros permitiram uma divisão em três grupos, de acordo com as características do corpo da peça.

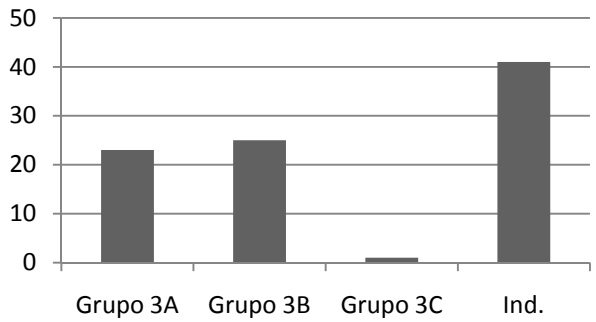


Fig. 96 – Distribuição dos grupos da série 3 (base NMI).

Grupo 3A

Neste primeiro grupo foram incluídos os exemplares nos quais o diâmetro máximo da peça parece corresponder ao diâmetro do bordo. Esta característica tende a conferir um aspecto mais ovalado ao corpo dos exemplares, observação confirmada nos fragmentos mais conservados da Rua dos Correeiros. O bordo é sistematicamente exvertido.

Neste grupo contabilizaram-se 23 exemplares (23 NMI).

Diferenciações ao nível do colo e bordo dos fragmentos deste grupo possibilitaram uma subdivisão em três variantes.

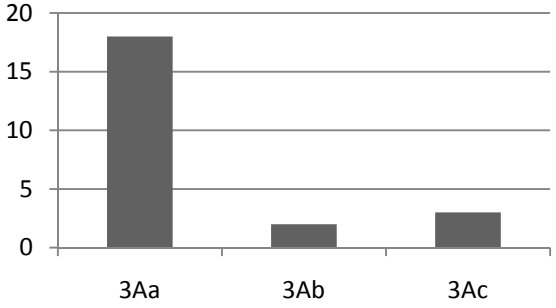


Fig. 97 – Distribuição das variantes do grupo 3A (base NMI).

Variante 3Aa

Esta variante engloba os fragmentos de bordo contínuo, simples e exvertido. O colo é alto, ligeiramente estrangulado e de paredes convexas. Um dos exemplares possui, na sua área mesial, uma proeminência.

Esta variante está representada por 18 fragmentos (18 NMI).

Os diâmetros de bordo variam entre os 80 mm e os 130 mm, concentrando-se particularmente entre os 110 mm e os 120 mm. A espessura média da parede oscila entre os 3 mm e os 4 mm. Um único exemplar de perfil completo apresenta um fundo com 33 mm de diâmetro e uma altura de 90 mm.

Entre estas peças, 14 (14 NMI) são integráveis no grupo de fabrico II e as restantes 4 (4 NMI) no grupo de fabrico III.

Um exemplar de características singulares com semelhanças com este tipo foi exumado no decurso das intervenções realizadas na Rua de São João da Praça, em Lisboa (Pimenta, Calado e Leitão, 2005b, p. 10, n.º 52). Este vaso apresenta claras analogias com o tipo 3Aa, particularmente ao nível da morfologia do bordo e da carena média. Este exemplar tem, contudo, duas asas, aparentemente horizontais, o que permite admitir uma inspiração em modelos gregos (Pimenta, Leitão e Calado, 2005b, p. 10).

A forma surge também no concelho da Amadora, em Moinho da Atalaia Oeste, Amadora (Pinto e Parreira, 1978, p. 160 – a, c; *vide infra* 4.2.1.5.3.) e no povoado das Baútas (*vide infra* 4.2.2.5.4.).

No concelho de Sintra, ocorre no Castelo dos Mouros (*vide infra* 4.3.2.) e na "Sepultura do Rei Mouro" (Serrão e Vicente, 1980; *vide infra* 4.3.2.).

Na Quinta do Almaraz, o estudo realizado sobre a cerâmica cinzenta revelou a existência de um exemplar (Henriques, 2006, p. 55) que corresponde a esta variante da Rua dos Correeiros. O fragmento recolhido no povoado sidérico da margem sul foi integrado no tipo 8, sendo o seu diâmetro de bordo aproximado do dos exemplares de Lisboa (*Ibidem*).

No concelho de Sintra, no sítio conhecido como "Sepultura do Rei Mouro", esta forma está também documentada (Serrão e Vicente, 1980, fig. 7 – g).

Também em Conímbriga se encontraram vasos que se morfologicamente se assemelham a este tipo, alguns datados, contudo, da "I Idade do Ferro" (Alarcão, 1975; Correia, 1993, p. 239 – fig. 6; 242 – n.º 11). Também em Santa Olaia este tipo parece estar presente (Pereira, 2009, Est. XXX – n.º 47).

Variante 3Ab

A segunda variante deste grupo distingue-se pelas características do colo, que é de tendência cilíndrica.

Duas peças (2 NMI) são integráveis nesta variante. Os diâmetros de bordo oscilam entre os 124 mm e os 138 mm. A espessura média da parede varia entre os 3 mm e os 4 mm.

Ambos correspondem ao grupo de fabrico III.

Na Amadora, esta forma está presente entre o conjunto artefactual de Moinho da Atalaia Oeste (*vide infra* 4.2.1.5.3.) e em Baútas (*vide infra* 4.2.2.5.4.).

Um fragmento recuperado no povoado sidérico da Quinta do Almaraz apresenta também semelhanças morfológicas com a variante da Rua dos Correeiros (Henriques, 2006, p. 60). Contudo, existem diferenças consideráveis em termos da dimensão da peça que inviabilizam um paralelismo directo.

No estuário do Mondego, em Santa Olaia, é possível observar a presença de alguns exemplares muito semelhantes a esta forma (Pereira, 2009, Est. XXX – n.º 50 e 51).

Variante 3Ac

Nesta variante agruparam-se os exemplares de colo alto, troncocónico e estrangulado. A separação entre ele e o corpo é marcada por uma pequena protuberância. O bordo é simples e contínuo, sendo indiferenciável da parede da peça.

Esta variante está representada por 3 exemplares (3 NMI). O diâmetro do bordo varia entre os 90 mm e os 108 mm. A espessura média da parede é de 4 mm.

As características das pastas permitem a integração de todas as peças no grupo de fabrico II.

Grupo 3B

Neste segundo grupo, englobaram-se recipientes de corpo tendencialmente elipsoidal, estando diâmetro máximo da peça aí localizado. As paredes do colo, consideravelmente alto e cilíndrico, são verticais.

Este grupo é composto por 25 fragmentos (25 NMI), integráveis numa mesma variante.

Variante 3Ba

Esta variante engloba exemplares de bordo exvertido, simples e contínuo.

Em Cancho Roano, em contextos datados em torno ao século V a.C., identifica-se formas similares, ainda que bastante divergentes ao nível da dimensão, onde são consideravelmente maiores. Estes recipientes de Cancho Roano não correspondem a pequenos potes, mas sim a urnas (Hernández Carretero, 1996, p. 27).

Sendo a única variante deste grupo, está representada pelos mesmos 25 exemplares (25 NMI). Os diâmetros de bordo oscilam entre os 80 mm e os 154 mm, concentrando-se sobretudo entre os 110 mm e os 120 mm. A espessura média da peça varia entre os 3 mm e os 4 mm. O único exemplar que permitiu a reconstituição de um perfil quase completo apresenta um fundo com 48 mm de diâmetro e uma altura de, aproximadamente, 111 mm.

Dois fragmentos (2 NMI) são integráveis no grupo de fabrico I, 18 (18 NMI) no grupo de fabrico II e cinco (5 NMI) no grupo de fabrico III.

Nas escavações na Rua de São João da Praça documentou-se a presença desta forma (Pimenta, Calado e Leitão, 2005b, p. 12, n.º 56).

No concelho da Amadora, esta forma foi reconhecida em Moinho da Atalaia Oeste (Pinto e Parreira, 1978, p. 160 – d; *vide infra* 4.2.1.5.3.), nas Baútas (*vide infra* 4.2.2.5.4.), em Moinhos do Filipinho e Casal de Vila Chã Sul (*vide infra* 4.2.3.).

Em Sintra, esta forma também está presente em Santa Eufémia (*vide infra* 4.3.1.5.4.) e na "Sepultura do Rei Mouro" (Serrão e Vicente, 1980, fig. 7 – c, d, e; *vide infra* 4.3.2.).

É possível que um exemplar recolhido no povoado de Almaraz corresponda a esta variante (Henriques, 2006, p. 129 – n.º 2).

Deve-se destacar ainda a recolha de um exemplar de forma similar no Castro da Azougada (Antunes, 2005, Est. XXIII, n.º 69). Esta peça varia, contudo, na pouca acentuação da carena e na marcação mais subtil entre o colo e a pança do exemplar.

No estuário do Mondego, esta forma também é reconhecível em Santa Olaia, sendo aí culturalmente integrada em horizontes da "II Idade do Ferro" (Pereira, 2009, Est. XXIX, p. 76).

Os paralelos estabelecidos e a ausência deste tipo de pequenos potes no conjunto artefactual da Sé de Lisboa poderá indicar que estes vasos surjam apenas a partir do século V a.C., constituindo um importante marcador cronológico.

Grupo 3C

O terceiro grupo engloba recipientes de corpo mais estreito comparativamente aos dos grupos anteriores. As paredes do corpo e do bordo apresentam uma tendência claramente vertical. As duas áreas estão separadas por uma carena suave.

Este grupo está representado singularmente (1 NMI) integrando, naturalmente, uma única variante.

As características da sua pasta permitem a sua inclusão no grupo de fabrico II.

Variante 3Ca

Nesta variante inserem-se os exemplares de bordo simples e contínuo, praticamente indiferenciável da restante parede da peça.

O único fragmento desta variante (1 NMI) tem um diâmetro de bordo de 68 mm e uma espessura média da parede de 4 mm.

Uma peça recolhida nas escavações da Rua de São João da Praça parece corresponder a este tipo (Pimenta, Calado e Leitão, 2005b, p. 12, n.º 55).

A forma surge também nos Moinhos da Atalaia Oeste, na Amadora (*vide infra* 4.2.1.5.3.).

Série 4 – Potes

Esta última série da cerâmica cinzenta engloba vasos fechados de corpo geralmente globular ou ovóide, de "perfil em S".

Ao nível funcional, tal como ocorre nos potes da cerâmica de engobe vermelho, a sua utilização como recipientes de armazenamento parece ser a mais provável.

Esta série está representada por 16 exemplares (16 NMI), dos quais 15 permitiram uma classificação mais específica. A peça de variante indeterminada (1 NMI) integra o grupo de fabrico I.

Corresponde a 6,58% do total de indivíduos de cerâmica cinzenta.

O conjunto recuperado na Rua dos Correeiros apresenta características ao nível dos perfis externos das peças que permitem a sua distinção em três grupos.

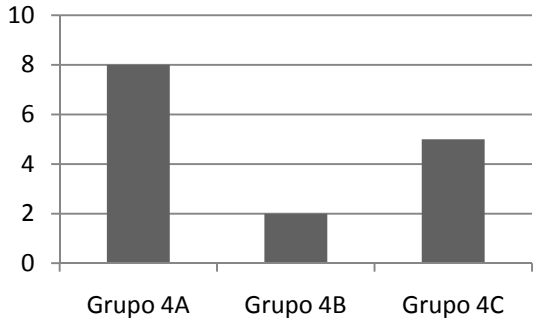


Fig. 98 – Distribuição dos grupos da série 4 (base NMI).

Grupo 4A

Este primeiro grupo engloba recipientes de perfil em dupla curva, convexa – côncava, por vezes recto-côncavo. O bordo é exvertido e contínuo.

É constituído por oito fragmentos (8 NMI).

Diferenças observáveis ao nível do colo e da morfologia do bordo possibilitaram uma subdivisão em três variantes.

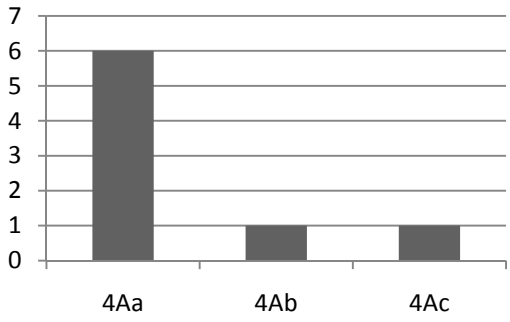


Fig. 99 – Distribuição das variantes do grupo 4A (base NMI).

Variante 4Aa

Nesta primeira variante incluíram-se vasos de colo alto e pouco estrangulado, de perfil tronco-cónico. O bordo é simples e pode apresentar algum engrossamento ao nível da superfície externa.

Esta variante está representada por seis fragmentos (6 NMI). Os diâmetros de bordo variam entre os 110 mm e os 158 mm. A espessura média da parede oscila entre os 3 mm e os 4 mm.

Quatro exemplares (4 NMI) integram o grupo de fabrico II e os restantes dois (2 NMI) o grupo de fabrico III.

Este tipo parece estar bem representado no conjunto exumado nas escavações efectuadas na Rua de São João da Praça (Pimenta, Calado e Leitão, 2005b, p. 12, n.º 58 a 62).

No concelho da Amadora, surge entre os materiais recuperados no sítio de Fiat – Alfragide (*vide infra* 4.2.3.).

Na Quinta do Almaraz, esta forma surgiu com abundância, correspondendo ao tipo 9 da tipologia elaborada para a cerâmica cinzenta da estação arqueológica de Almada (Henriques, 2006, p. 56, p. 129-130).

Já na área alentejana, a forma também existe no Castro da Azougada (Antunes, 2005, Est. XXVII, n.º 80). Igualmente entre o conjunto cerâmico recolhido no sítio do Espinhaço do Cão 1, é possível registar um vaso bastante idêntico (Calado e Mataloto, 2008, p. 199 – EC - [123] - 1348), estando a cronologia do sítio balizada entre finais do século VII e inícios do século V a.C. (Calado e Mataloto, 2008, p. 204).

Sub-variante 4Aa.1

Alguns fragmentos apresentam asas que arrancam do bordo, característica que permitiu uma distinção designada como sub-variante 4Aa.1.

Está representada no conjunto singularmente (1 NMI).

Esta sub-variante está presente entre o conjunto de cerâmica cinzenta recuperado na Quinta do Almaraz, onde integra o tipo 15 (Henriques, 2006, p. 15).

Variante 4Ab

Fragmentos que partilham um bordo de tendência vertical e um colo cilindróide foram agrupados nesta variante. O bordo é recto e simples, não apresentando sinais de engrossamento. A separação entre o colo e o corpo da peça está bem marcada por uma canelura.

Nesta variante só foi possível integrar um exemplar (1 NMI). O diâmetro de bordo é de 160 mm e a espessura média da parede é de 4 mm.

As características da sua pasta permitem a sua inclusão no grupo de fabrico I.

No conjunto cerâmico da Rua de São João da Praça, existe um fragmento de bordo que parece corresponder a este tipo (Pimenta, Calado e Leitão, 2005b, p. 12, n.º 57).

Variante 4Ac

A última variante deste grupo é representada por vasos de "perfil em S", à semelhança do que ocorre com a variante 4Aa, distinguindo-se pela presença de um colo mais curto e estrangulado e um bordo mais espessado. Na intersecção entre o colo e a parede do vaso distingue-se ainda a presença de uma saliência.

Esta forma apresenta algumas semelhanças com o tipo 7 de Caro Bellido (1989), apesar de este tipo não apresentar a referida saliência na área do colo. No sul do território peninsular, esta forma está documentada desde finais do século VII a.C. até ao século IV a.C. (*Ibidem*, p. 75).

Tal como na variante anterior, um único exemplar é aqui integrável (1 NMI). O diâmetro de bordo é de 234 mm e a espessura média da parede é de 7 mm.

Integra o que foi definido de grupo de fabrico II.

Esta forma está documentada no povoado de Santa Eufémia, no concelho de Sintra (*vide infra* 4.3.1.5.4.).

Vasos deste tipo foram também recolhidos no decurso das escavações efectuadas na Alcáçova de Santarém (Arruda, 1999-2000, p. 200, Fig. 136, n.º 2).

Exemplares semelhantes, ainda que com colo mais desenvolvido e mais largo, foram ainda documentados em Conímbriga (Correia, 1993, p. 242 – n.º 6 e 7).

No sul do território português, no Castelo de Castro Marim, é possível registar uma forma muito idêntica em contextos do século VI a.C. (Arruda e Freitas, 2008, p. 434, fig. 6 – C.M.1 [788] 12368).

Grupo 4B

Este segundo grupo incorpora vasos de colo alto e cilindróide, sendo a sua separação do corpo conseguida através de um ressalto bem vincado. Pelo que é possível adivinhar através dos fragmentos disponíveis, o corpo seria de tendência globular.

Está representado por duas peças (2 NMI), que integram uma mesma variante.

Variante 4Ba

Esta variante engloba fragmentos de bordo exvertido e ligeiramente engrossado.

Sendo a única variante do grupo, é composta pelos mesmos dois exemplares (2 NMI). O diâmetro de bordo é de 160 mm e a espessura média da parede é de 5 mm.

Um dos fragmentos integra o grupo de fabrico II e o outro o grupo de fabrico III.

Esta forma também está presente no Moinho da Atalaia Oeste, no concelho da Amadora (*vide infra* 4.2.1.5.3.).

Grupo 4C

O último grupo dos potes de cerâmica cinzenta distingue-se pela sua maior dimensão, comparativamente aos restantes.

Contabilizaram-se cinco fragmentos neste grupo (5 NMI), que correspondem a uma idêntica variante.

Todos integram o grupo de fabrico II.

Variante 4Ca

Esta variante inclui fragmentos de bordo claramente exvertido e com algum engrossamento.

Parece inspirar-se, de certa forma, nos protótipos formais dos *pithoi* orientalizantes. Tais características morfológicas foram também identificadas, ao nível da produção da cerâmica cinzenta, na Extremadura espanhola, concretamente em Medellín (Lorrio,

2008, p. 710). Nessa necrópole, essa forma, designada por tipo D2, surge particularmente em contextos do século VII a.C. (*Ibidem*).

No território actualmente português, no Estuário do Sado, observa-se a mesma situação entre o conjunto artefactual de Abul. Neste caso, este tipo de recipientes foi recolhido em contextos mais tardios, datados em torno ao século VI e V a.C. (Mayet e Silva, 2000, p. 198 – n.º 18).

Está representada por 5 peças (5 NMI). O diâmetro dos bordos oscila entre os 214 mm e os 300 mm. A espessura média da parede centra-se em torno aos 5 mm.

Esta forma também parece estar presente em outros locais do subsolo lisboeta, concretamente entre os materiais recolhidos no decurso das intervenções da Travessa de Chafariz d´ El Rei (Filipe, Calado e Leitão, no prelo, fig. 9 – n.º 14 e 15).

Surge também no povoado das Baútas, no concelho da Amadora (*vide infra* 4.2.2.5.4.).

Entre o conjunto de cerâmica cinzenta exumado no povoado de Almaraz, os vasos classificados como tipo 11 na tipologia proposta por S. Henriques (2006, p. 57) assemelham-se aos exemplares da variante 4Ca da Rua dos Correeiros.

Fragmentos de forma indeterminada

Para além dos materiais anteriormente apresentados, existem ainda no repertório de cerâmica cinzenta da rua dos Correeiros 83 fragmentos (15 NMI) aos quais não foi possível atribuir uma classificação tipológica concreta. Correspondem a 5,35% do conjunto de indivíduos desta categoria.

Destes, sete (0 NMI) correspondem a fragmentos de parede.

Outros sete exemplares (7 NMI) são bordos, cujo escasso perfil conservado impossibilitou a integração nas séries estabelecidas.

Três fragmentos (0 NMI) correspondem a asas, sendo todas de secção circular.

Os restantes 66 (8 NMI) correspondem a fundos. A grande maioria corresponde a fundo planos ou convexos, podendo ter um pé ligeiramente destacado. Quando existem, as paredes que deles arrancam são de tendência hemisférica.

Um outro grupo de fundos diferencia-se sobretudo pela presença de um pé destacado, sendo as paredes do corpo que dele arrancam mais rectilíneas.

Fundos de pé alto estão também representados. Nestes exemplares, a inclinação das paredes sugere recipientes de perfil semiesférico ou ovalado. Um último fragmento apresenta um fundo em ônfalo.

Discussão

A cerâmica cinzenta corresponde à terceira categoria mais bem representada entre o conjunto sidérico da Rua dos Correeiros, contando com 8,36%. É, provavelmente, a categoria privilegiada no serviço de mesa. Comparando com outras realidades mais ou menos contemporâneas da restante fachada ocidental atlântica, a percentagem obtida para a Rua dos Correeiros é diminuta. Recordamos que, na Quinta do Almaraz, a percentagem de cerâmica cinzenta da fossa de detritos Q.U45.3 é de 17,8% (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993), não sendo claro, contudo, neste caso, os critérios de quantificação utilizados. Também no Estuário do Sado, em Abul B, a cerâmica cinzenta representa mais de metade do conjunto artefactual, com 53%. Estas divergências podem, no entanto, estar relacionadas com a própria funcionalidade dos locais. O sítio de Abul tem sido sistematicamente interpretado como um local de culto, o que poderá justificar o predomínio desta categoria cerâmica. No caso da Rua dos Correeiros, o seu provável carácter de tipo periférico e industrial, poderia, inversamente, explicar esta reduzida percentagem. Na área urbana de Lisboa, e apesar de não estarem disponíveis dados percentuais, o conjunto de cerâmica cinzenta recuperado na zona da Sé de Lisboa é quase idêntico numericamente (Arruda, Freitas e Vallejo Sánchez, 2000, p. 31).

Apesar de mais abundante, a cerâmica cinzenta da Rua dos Correeiros é pouco diversificada a nível morfológico. No quadro das quatro séries individualizadas, as tigelas constituem a forma mais bem representada, com 43,67% do conjunto. Seguem-

se os pequenos potes, com 36,73%. Os pratos e os potes são as formas menos significativas a nível quantitativo, correspondendo, respectivamente, a 6,94% e 6,53%.

Quando comparado ao único conjunto de cerâmica cinzenta integralmente publicado de Lisboa (Arruda, Freitas e Vallejo Sánchez, 2000), observa-se algumas diferenças, que se justificam, certamente, pelo carácter mais tardio da ocupação da Rua dos Correeiros.

Em primeiro lugar, cabe referir a inexistência, no sítio da Baixa Pombalina, de algumas formas que foram identificadas entre os materiais da Sé de Lisboa. É o caso do tipo 2, que corresponde a pratos de bordo largo, horizontal e aplanado (Arruda, Freitas e Vallejo Sánchez, 2000, p. 32), possivelmente inspirados ainda em formas orientalizantes da cerâmica de engobe vermelho. Contudo, mais notável é a ausência do tipo 3, que engloba uma espécie de potes de pequena dimensão e de corpo globular, e que consistem na forma mais bem representada da cerâmica cinzenta da Sé de Lisboa (Arruda, Freitas e Vallejo Sánchez, 2000, p. 32). Este tipo de recipientes, presente também no Castelo de São Jorge (AAVV, 2008, p. 44 – n.º 31 e p. 33 – n.º 33) e na Travessa de Chafariz d´ El Rei (Filipe, Calado e Leitão, no prelo, fig. 9), é, de acordo com os dados disponíveis, característico do século VI a.C., sendo substituído, na centúria seguinte, pelos vasos que compõem a série 3 da cerâmica cinzenta da Rua dos Correeiros.

A mesma observação poderá ser feita em relação aos pratos da série 2, cujo perfil, acentuadamente carenado, e a horizontalidade da parede conferem-lhes características inexistentes entre os conjuntos de feição orientalizante. Esta forma poderá constituir, como a anterior, um elemento datante para os contextos da segunda metade do 1º milénio a.C.

As restantes formas do conjunto, concretamente as tigelas de perfis simples e alguns dos potes de maior dimensão, parecem estar em linha de continuidade com as produções dos séculos anteriores.

4.1.6.6. A cerâmica comum

A cerâmica comum constitui uma categoria pouco privilegiada nos estudos da arqueologia proto-histórica. As suas características técnicas apresentam um carácter pouco apelativo quando comparadas com outros tipos cerâmicos. Por outro lado, sendo a sua produção realizada, geralmente, em contextos locais, tem, numa fase inicial, pouca utilidade em termos cronológicos, no que se refere à datação de contextos arqueológicos.

No entanto, o seu estudo sistemático oferece grandes potencialidades. As suas particularidades permitem individualizar círculos culturais comuns e analisar redes de contactos por vezes imperceptíveis. Esta análise é sobretudo útil quando nos referimos a sítios com pouca capacidade de aquisição de produtos mais elaborados. Um estudo pormenorizado da cerâmica comum num sítio onde esta surge associada a materiais datantes permite estabelecer um quadro evolutivo e cronológico desta produção, que pode ser posteriormente extrapolado para sítios que apresentam uma cultura material menos diversificada.

A análise desta categoria cerâmica durante a Idade do Ferro carece de estudos tipológicos abrangentes. Os repertórios formais estabelecidos são aplicáveis, geralmente, apenas para pequenas unidades geográficas relacionadas com os circuitos de produção e distribuição de determinados centros produtores. Existem, contudo, áreas mais abrangentes, onde determinados modelos morfológicos integram os conceitos produtivos e permitem estabelecer uma certa homogeneidade ao nível da cultura material.

Apesar do que foi referido anteriormente, existe um estudo recente sobre as produções cerâmicas do centro oleiro de Camposoto, em Cádis (Ramon Torres, *et al.*, 2007), que se reveste de especial importância, uma vez que corresponde, cronologicamente, ao mesmo período da ocupação da Rua dos Correeiros. Por se tratar de uma das raras análises sistemáticas desta categoria, os paralelos entre as formas documentadas em Lisboa e no sítio gaditano foram efectuados.

A cerâmica comum integra uma série de recipientes de carácter pouco específico. Estes materiais são usados numa multiplicidade de funções, que se estendem desde a

preparação e confecção de alimentos até ao serviço de mesa, passando pelo seu uso como vasos de armazenamento e mesmo de higiene.

Os materiais desta categoria recuperados nos níveis sidéricos da Rua dos Correeiros são maioritários no conjunto, contando com 2508 fragmentos (1986 NMI), dos quais 671 possibilitaram uma representação gráfica. Da totalidade de exemplares de cerâmica comum, 1883 permitiram uma classificação tipológica.

Dois possibilitaram a reconstituição do perfil completo das peças. O restante conjunto divide-se em 81 fragmentos de asa, 2016 fragmentos de bordo, 316 fragmentos de fundo, 94 fragmentos de parede e carenas, inventariados dada a presença de grafitos, pintura ou outros motivos decorativos.

A cerâmica comum é a categoria mais expressiva no conjunto total de indivíduos recolhidos nos contextos sidéricos da Rua dos Correeiros, correspondendo a 67,80%.

Grupos de fabrico

Entre a cerâmica comum da Rua dos Correeiros foi possível distinguir cinco grupos de fabrico.

O grupo I corresponde a pastas não calcárias, cozidas em modo A. São compactas, apresentam uma fractura regular e são mediamente depuradas (entre 5% e 10% de elementos não plásticos). Na sua composição, contêm abundantes calcites de média dimensão, ocasionais quartzos de média dimensão, raras moscovites de muito pequena dimensão, raras biotites de pequena dimensão e raras partículas de plagioclase, também de pequena dimensão. As suas tonalidades variam entre o alaranjado (Munsell 5/8 5YR *yellowish red*) e o acastanhado (Munsell 5/4 7.5YR *brown*).

Este grupo é predominante no conjunto, integrando 91,36% (1814 NMI).

O grupo II distingue-se do anterior na medida em que apresenta um menor grau de compactação e um aspecto mais estratificado. Entre os elementos não plásticos, foi possível identificar abundantes calcites de pequena dimensão, ocasionais partículas de quartzo de dimensão média, ocasionais moscovites de muito pequena dimensão e raras

anfibolites de pequena dimensão. As tonalidades são acastanhadas (Munsell 5/4 10YR *yellowish brown*).

Este grupo é minoritário no conjunto, representando apenas 2,81% (56 NMI).

O grupo III integra pastas não calcárias, também cozidas em modo A. A sua compactação é reduzida e são pouco depuradas (cerca de 20% de elementos não plásticos). Contêm abundantes quartzos de média dimensão, frequentes partículas de calcite de média dimensão, ocasionais moscovites de pequena dimensão, ocasionais nódulos ferruginosos de pequena dimensão, raras biotites de pequena dimensão e raras anfibolites de pequena dimensão. A sua coloração é, sobretudo, alaranjada (Munsell 5/8 5YR *yellowish red*), podendo, no entanto, variar a tonalidade.

Este grupo compõe 4,58% do conjunto (91 NMI).

O grupo IV engloba pastas cozidas em modo A, bastante compactas e mediamente depuradas (entre 5% a 10% de elementos não plásticos). Na sua composição, foi possível identificar algumas partículas de quartzo de média dimensão, ocasionais nódulos ferruginosos de média dimensão, raras moscovites de muito pequena dimensão e raras inclusões de calcites e piroxenas de média dimensão. A tonalidade das pastas é amarelada (Munsell 7/2 10YR *light gray*).

Este grupo é o menos expressivo do conjunto, correspondendo a apenas 1,25% (25 NMI) da cerâmica comum.

Todos os grupos de fabrico definidos parecem consistir em produções de âmbito local ou regional da área de Lisboa.

Deve ainda referir-se que, entre os grupos I, II e IV, é bastante frequente a aplicação de um engobe ou aguada de tonalidade esbranquiçada nas superfícies das peças. Esta técnica foi detectada em mais de um terço do conjunto de indivíduos da cerâmica comum. Os engobes de outras tonalidades são muito raros, sendo de tonalidades acastanhadas, verdes e violáceas. Como foi observado já em outros conjuntos de outras cronologias, o engobe aplicado na superfície externa terá desempenhado uma função eminentemente estética, enquanto o interno poderá constituir uma tentativa de aplicar um revestimento anti-aderente (Pinto, 2003, p. 74).

Formas

O quadro tipológico elaborado para a cerâmica comum divide-se em 13 séries, que foram definidas, essencialmente, por critérios morfo-funcionais. Divide-se, assim em tigelas (série 1), taças (série 2), pratos (série 3), páteras (série 4), bacias e/ou alguidares (série 5), almofarizes (série 6), tampas (série 7), suportes (série 8), pequenos potes (série 9), potes e/ou panelas (série 10), jarros (série 11), vasos de perfil acampanado (série 12), vasos de perfil esférico (série 13) e unguentários (série 14).

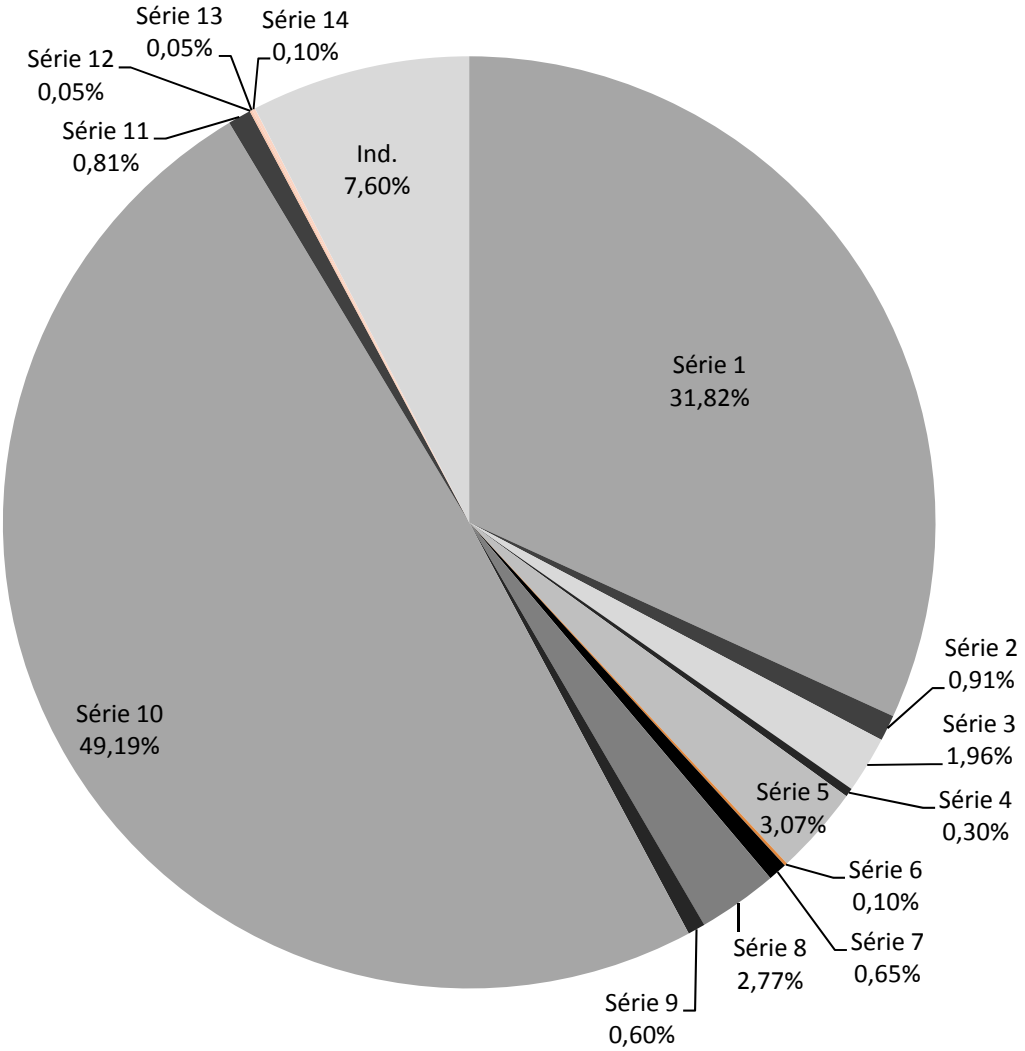


Fig. 100 – Distribuição da cerâmica comum da Rua dos Correeiros de acordo com as séries definidas (base NMI).

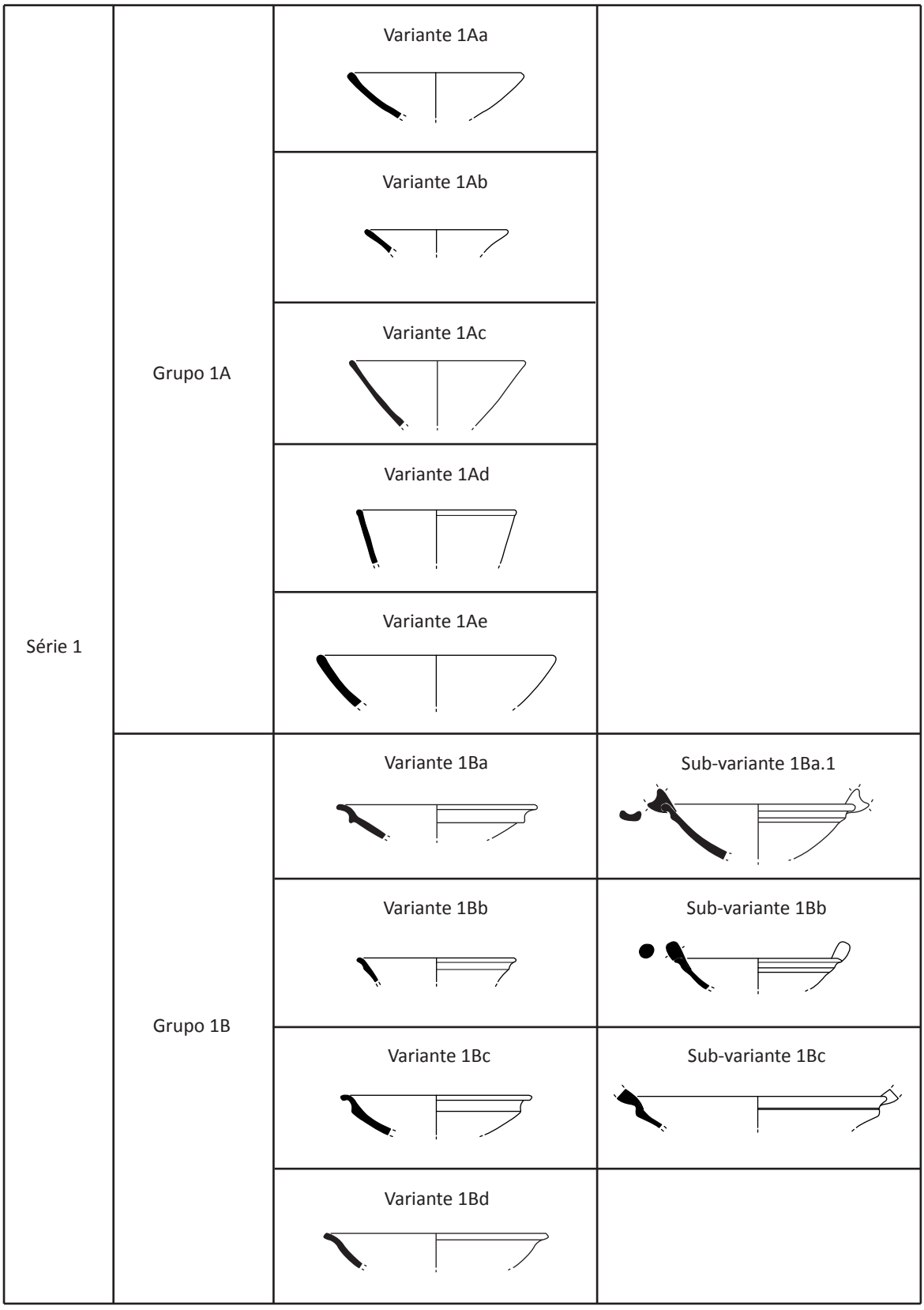


Fig. 101 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica comum da Rua dos Correeiros (série 1 – tigelas).

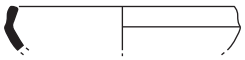
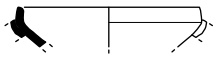
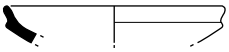
<table>
<tr><td rowspan="5">Série 2</td><td>Grupo 2A</td><td>Variante 2Aa
  </td><td></td></tr>
<tr><td rowspan="4">Grupo 2B</td><td>Variante 2Ba
  </td><td>Sub-variante 2Ba
  </td></tr>
<tr><td>Variante 2Bb
  </td><td rowspan="3"></td></tr>
<tr><td>Variante 2Bc
  </td></tr>
<tr><td>Variante 2Bd
  </td></tr>
</table>

Fig. 102 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica comum da Rua dos Correeiros (série 2 – taças).

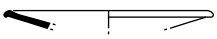
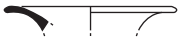
Série 3	Grupo 3A	Variante 3Aa 	
		Variante 3Ab 	
		Variante 3Ac 	
		Variante 3Ad 	
		Variante 3Ae 	
	Grupo 3B	Variante 3Ba 	
	Grupo 3C	Variante 3Ca 	

Fig. 103 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica comum da Rua dos Correeiros (série 3 – pratos).

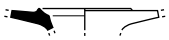
<table>
<tr><td rowspan="3">Série 4</td><td>Grupo 4A</td><td>Variante 4Aa
  </td><td></td></tr>
<tr><td rowspan="2">Grupo 4B</td><td>Variante 4Ba
  </td><td rowspan="2"></td></tr>
<tr><td>Variante 4Bb
  </td></tr>
</table>

Fig. 104 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica comum da Rua dos Correeiros (série 4 – páteras).

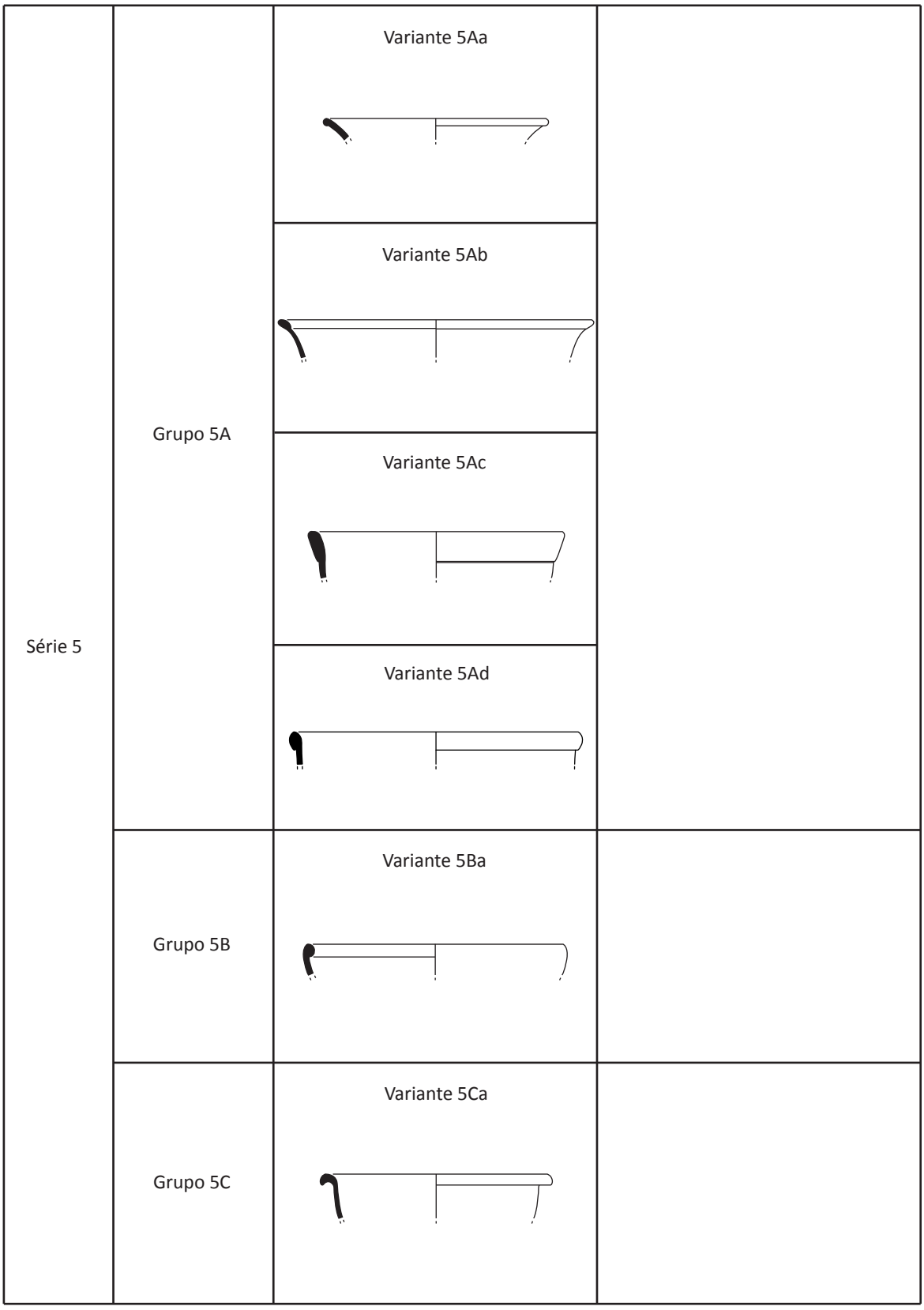


Fig. 105 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica comum da Rua dos Correeiros (série 5 – bacias e/ou alguidares).

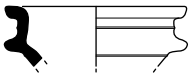
Série 6	Grupo 6A	Variante 6Aa 	
	Grupo 6B	Variante 6Ba 	

Fig. 106 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica comum da Rua dos Correeiros (série 6 – almofarizes).

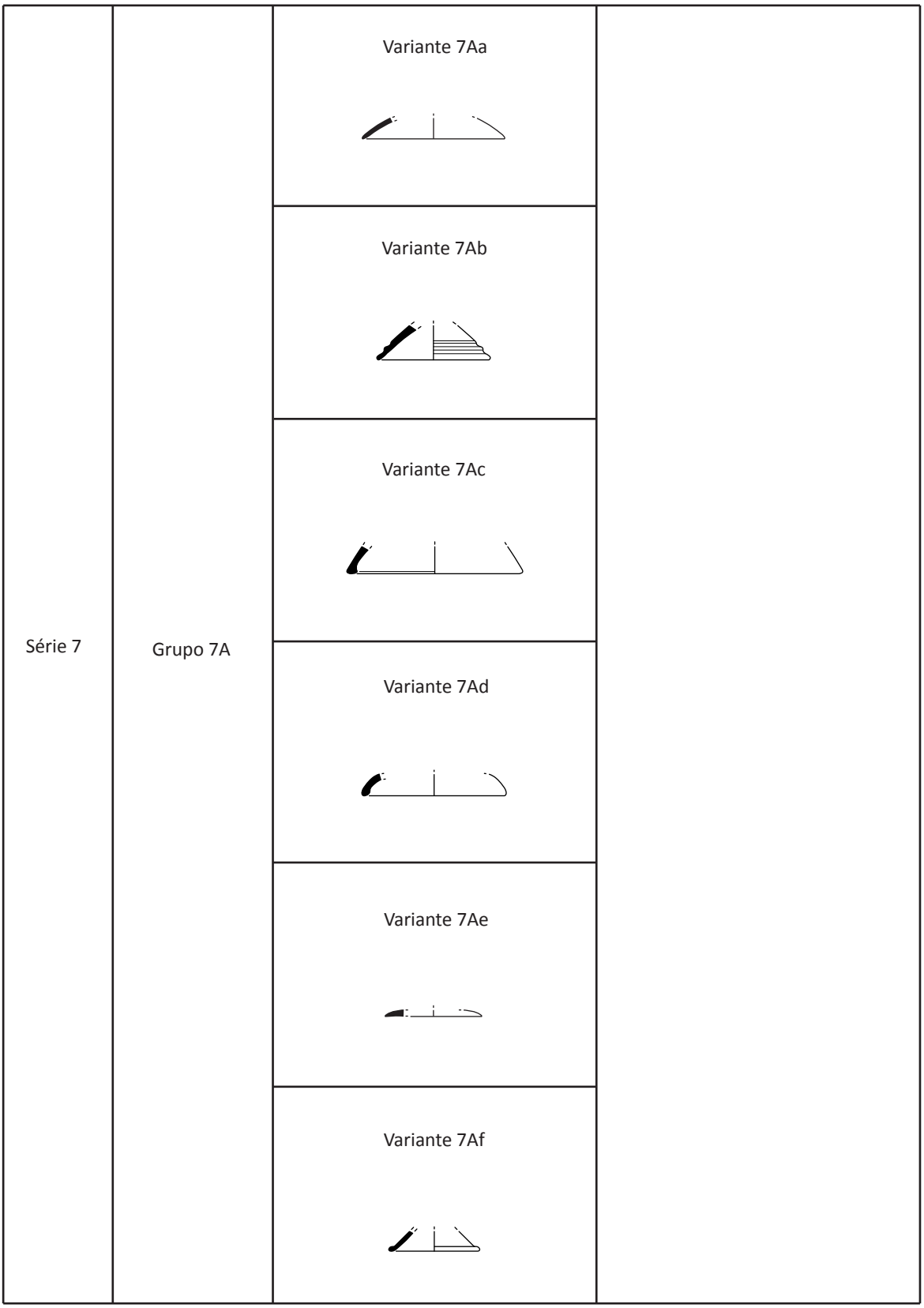


Fig. 107 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica comum da Rua dos Correeiros (série 7 – tampas).

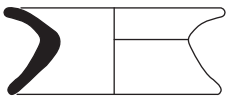
Série 8	Grupo 8A	Variante 8Aa 	

Fig. 108 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica comum da Rua dos Correeiros (série 8 – suportes).

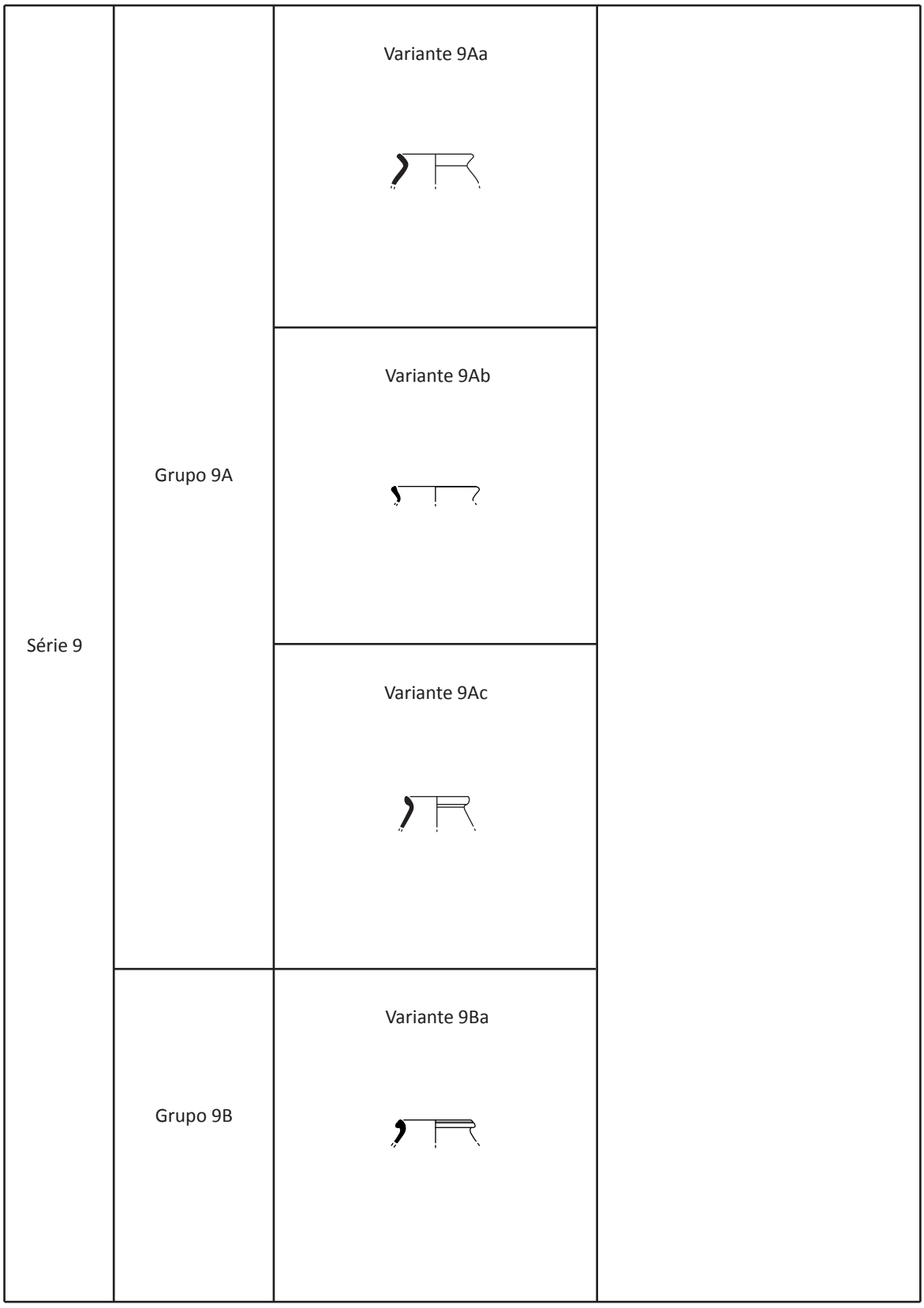


Fig. 109 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica comum da Rua dos Correeiros (série 9 – pequenos potes).

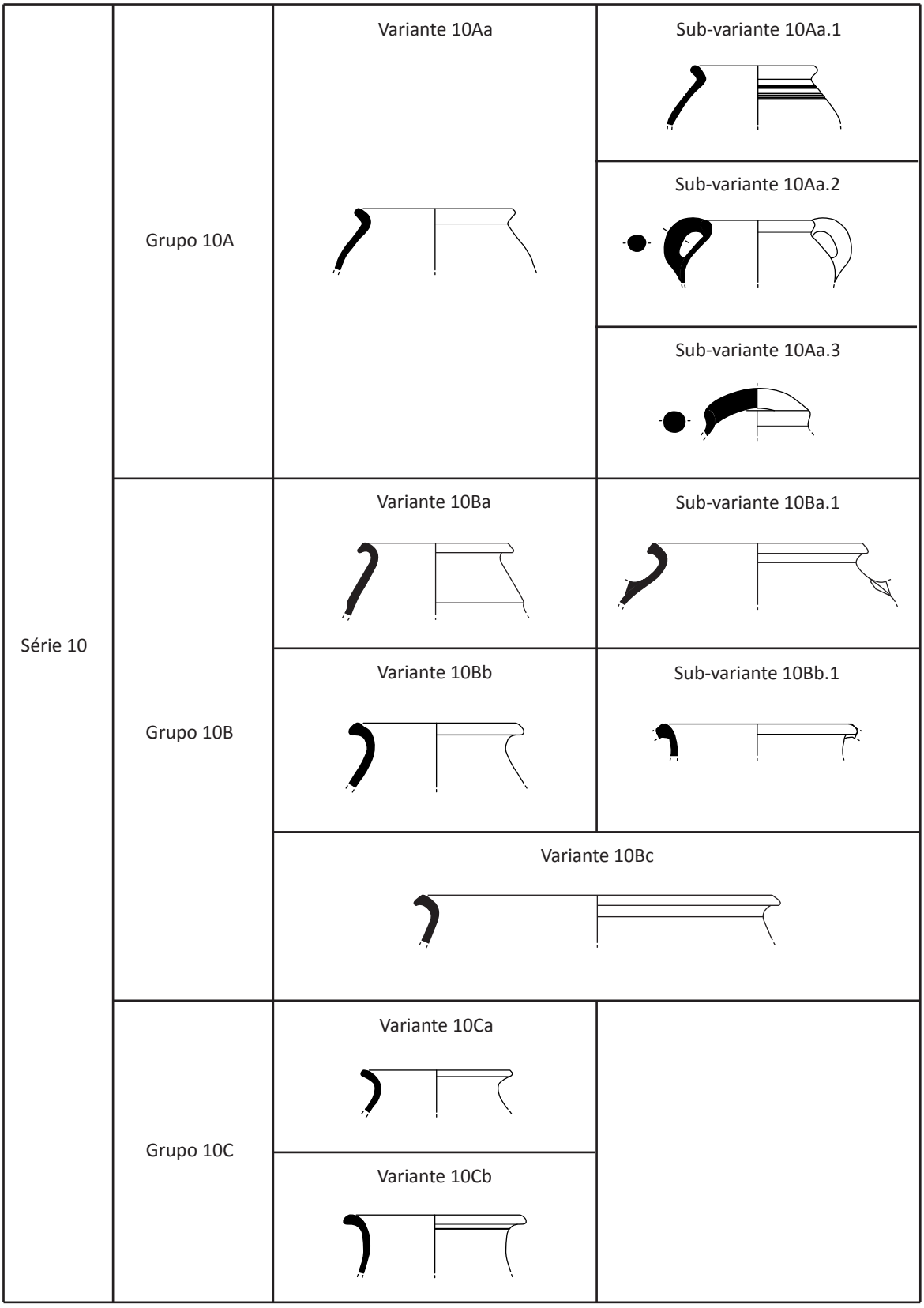


Fig. 110 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica comum da Rua dos Correeiros (série 10 – potes e/ou panelas).

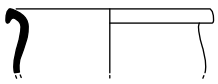
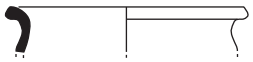
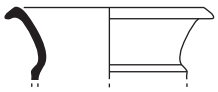
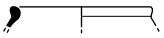
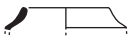
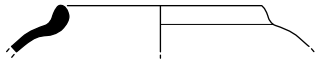
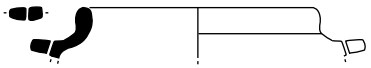
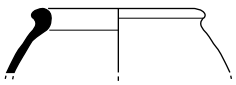
Série 10	Grupo 10D	Variante 10Da 	
		Variante 10Db 	
	Grupo 10E	Variante 10Ea 	
	Grupo 10F	Variante 10Fa 	
	Grupo 10G	Variante 10Ga 	
		Variante 10Gb 	
		Variante 10Gc 	
	Grupo 10H	Variante 10Ha 	
		Variante 10Hb 	
		Variante 10Hc 	

Fig. 111 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica comum da Rua dos Correeiros (série 10 – potes e/ou panelas).

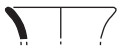
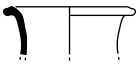
<table>
<tr><td rowspan="3">Série 11</td><td rowspan="2">Grupo 11A</td><td>Variante 11Aa
  </td><td>Sub-variante 11Aa.1
  </td></tr>
<tr><td>Variante 11Ab
  </td><td></td></tr>
<tr><td>Grupo 11B</td><td>Variante 11Ba
  </td><td></td></tr>
</table>

Fig. 112 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica comum da Rua dos Correeiros (série 11 – jarros).

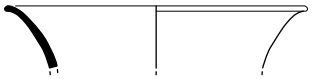
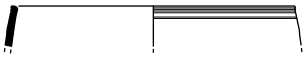
Série 12	Grupo 12A	Variante 12Aa 	
Série 13	Grupo 13A	Variante 13Aa 	
Série 14	Grupo 14A	Variante 14Aa 	

Fig. 113 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica comum da Rua dos Correeiros (série 12 – vasos de perfil acampanado; série 13 - vasos de perfil esférico; série 14 - unguentários).

Série 1 - Tigelas

Esta série engloba recipientes abertos, relativamente profundos e de perfil variável.

Em cerâmica comum, estes recipientes correspondem à forma mais frequente nos contextos sidéricos meridionais do território peninsular.

Ao contrário do que ocorre com a cerâmica de engobe vermelho e com a cerâmica cinzenta, esta forma em cerâmica comum parece caracterizar-se pelas suas múltiplas aplicações, que se estendem desde o serviço de mesa, concretamente o consumo individual de alimentos líquidos e semi-líquidos, até ao seu uso como cerâmica de cozinha, onde podem ser utilizadas na preparação e confecção dos alimentos.

Contabilizaram-se 633 fragmentos (632 NMI) nesta série, o que corresponde a 31,82% do conjunto de indivíduos de cerâmica comum.

No conjunto dos materiais exumados na Rua dos Correeiros, é possível observar, bem como, aliás, na maioria dos sítios arqueológicos coevos, alguma variedade ao nível da forma do bordo, da morfologia e inclinação das paredes e das dimensões do diâmetro. Na divisão tipológica que aqui apresentamos, tivemos em consideração, numa primeira análise, o perfil geral da peça, distinguindo-se dois grupos.

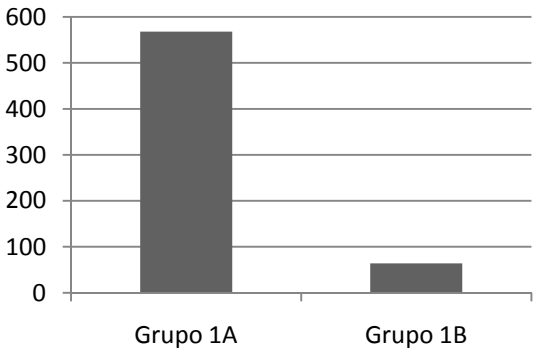


Fig. 114– Distribuição dos grupos da série 1 (base NMI).

Grupo 1A

Este primeiro grupo engloba os recipientes de paredes simples e contínuas, que conferem um aspecto tendencialmente hemisférico à peça.

Está representado por 569 exemplares (568 NMI), dos quais 122 (122 NMI) são integráveis nas variantes estabelecidas. Os restantes 446 indivíduos inserem-se nos grupos de fabrico I (437 NMI), II (6 NMI), III (1 NMI) e IV (2 NMI).

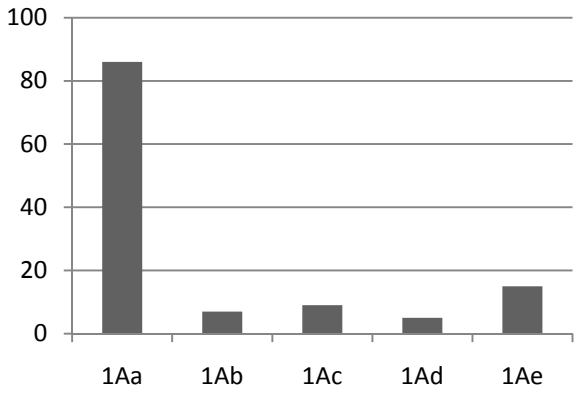


Fig. 115 – Distribuição das variantes do grupo 1A (base NMI).

A segmentação nas variantes diferenciadas teve em consideração, sobretudo, os pormenores de orientação e morfologia das paredes e bordos.

Variante 1Aa

Esta variante integra os tipos mais estandardizados no conjunto das tigelas. Corresponde a formas de bordo simples ou ligeiramente engrossado na superfície interna. As paredes, de aspecto arqueado, apresentam uma tendência geralmente côncava, mais ou menos acentuada.

Equivale à forma BIa3 documentada em Camposoto, Cádis (Ramon Torres, *et al.*, 2007).

Contabilizaram-se 86 exemplares (86 NMI) nesta variante. Esta forma apresenta uma grande variedade ao nível das dimensões. O seu diâmetro de bordo oscila entre os 124 mm e os 244 mm, situando-se a maioria dos exemplares entre os 210 e os 220 mm. A espessura média da parede varia entre os 5 mm e os 6 mm.

Inserem-se no grupo de fabrico I (78 NMI), II (5 NMI), III (1 NMI) e IV (2 NMI).

Trata-se de uma forma muito bem documentada nos contextos proto-históricos do território peninsular, parecendo-nos aqui desnecessário enumerar os seus paralelos.

Também a nível cronológico, estes materiais são transversais a todo o período pré-romano, não permitindo apurar dados precisos para o conjunto presentemente estudado.

Contudo, a nível regional, pode referir-se a sua identificação entre os materiais recolhidos nas escavações da Praça Nova, expostos no Núcleo Museológico do Castelo de São Jorge. Na Sé de Lisboa, também existem vários exemplares deste tipo (Arruda, 2000, Est. 30 – n.º 1 a 6).

Ainda na margem direita da foz do Estuário do Tejo, a forma é também reconhecível entre os conjuntos publicados de Moinho da Atalaia (Pinto e Parreira, 1978, p. 159 – i; *vide infra* 4.2.1.5.4.), Baútas (*vide infra* 4.2.2.5.5.), Casal de Vila Chã Sul, Fiat - Alfragide (*vide infra* 4.2.3.) e em Santa Eufémia (Marques, 1982-83, p. 80 – k, l, m, n, o; *vide infra* 4.3.1.5.5.).

No interior do Estuário, na Alcáçova de Santarém, estes recipientes também são numerosos (Arruda, 2000, Est. 66).

Variante 1Ab

Nesta variante, agruparam-se alguns escassos exemplares que se distinguem por apresentar uma parede diagonal de tendência ligeiramente convexa. Os bordos podem apresentar algum engrossamento, tanto interna como externamente.

Esta variante está representada por sete exemplares (7 NMI). Os diâmetros de bordo variam entre os 156 mm e os 250 mm, não sendo possível distinguir qualquer concentração média. A espessura média da parede encontra-se entre o 4 mm e os 6 mm.

Inserem-se nos grupos de fabrico I (6 NMI) e II (1 NMI).

Variante 1Ac

Os fragmentos incluídos nesta variante caracterizam-se por apresentar paredes também diagonais, mas de tendência mais rectilínea. Os bordos apresentam, por vezes, um pequeno engrossamento interno.

Exemplares semelhantes foram identificados em Camposoto, Cádis, onde correspondem à forma BIc1, tendo sido considerados como possíveis imitações locais de *skyphoi* (Ramon Torres, *et al.*, 2007, p. 69). Este paralelismo não parece, contudo, aplicar-se aos fragmentos da Rua dos Correeiros, uma vez que as suas paredes são mais diagonais e a zona mais profunda é de menor diâmetro, distanciando-se, assim, dos protótipos gregos.

Nove fragmentos (9 NMI) enquadram-se nesta variante. Os seus diâmetros variam entre os 142 mm e os 216 mm, concentrando-se particularmente entre os 190 mm e os 210 mm. A espessura média da peça varia sobretudo entre os 5 mm e os 6 mm.

Todos as peças se inserem no grupo de fabrico I.

Este tipo é identificável no concelho da Amadora, em Moinho da Atalaia Oeste (Pinto e Parreira, 1978, p. 159 – h; *vide infra* 4.2.1.5.4.).

Variante 1Ad

Nesta variante, foram incluídos alguns exemplares que apresentam uma parede de inclinação mais vertical em relação às variantes anteriormente estabelecidas. Também aqui os bordos podem também apresentar engrossamento, tanto interna como externamente.

Esta variante está representada por cinco peças (5 NMI). O diâmetro do bordo dos fragmentos oscila entre os 156 mm e os 196 mm, não se distinguindo qualquer incidência em determinados valores. A espessura média das peças situa-se sobretudo entre os 5 mm e os 6 mm.

Inserem-se no grupo de fabrico I.

No concelho da Amadora, esta forma surge no Moinho da Atalaia Oeste (*vide infra* 4.2.1.5.4.) e no povoado das Baútas (*vide infra* 4.2.2.5.5.).

Variante 1Ae

Esta variante integra tigelas com características idênticas à variante 1Aa, particularmente no que diz respeito às características da parede e do bordo, apresentando, contudo, exemplares de dimensões consideravelmente maiores.

Não é improvável que a utilização destes recipientes se resumisse à preparação e serviço de alimentos, não sendo propriamente adaptada ao consumo individual dos mesmos.

Contabilizaram-se 15 exemplares (15 NMI) nesta variante. O seu diâmetro de bordo apresenta uma variação entre os 250 mm e os 350 mm, concentrando-se sobretudo entre os 250 mm e os 280 mm. A espessura média da parede localiza-se entre os 7 mm e os 8 mm.

Inserem-se no grupo de fabrico I (11 NMI) e III (4 NMI).

Grupo 1B

Os exemplares englobados neste segundo grupo partilham entre si paredes que apresentam algum tipo de descontinuidade. Esta descontinuidade pode reflectir-se em diferentes tipos de inflexão no perfil da peça e na adição de pequenos apêndices na sua superfície externa. Geralmente, a parede apresenta-se com uma primeira curva convexa, seguida por outra côncava. Outra característica comum partilhada nos materiais aqui incluídos é a

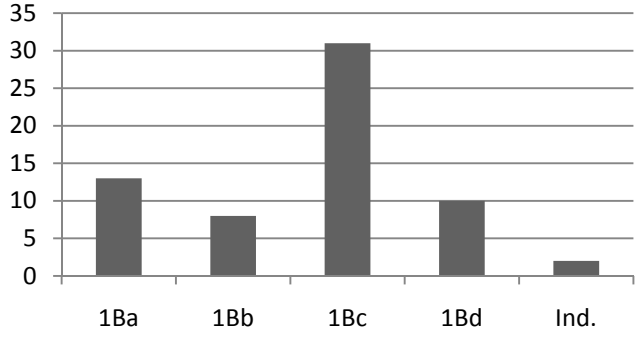


Fig. 116 – Distribuição das variantes do grupo 1A (base NMI).

presença de um bordo prolongado externamente, chegando, por vezes, a formar um pequeno lábio.

Este grupo conta com 64 exemplares (64 NMI), dos quais apenas dois não permitem uma classificação em variante, sendo estes pertencentes ao grupo de fabrico I.

Entre o conjunto dos fragmentos, foi possível distinguir, com base em diferenças dos seus perfis externos e bordos, quatro variantes.

Variante 1Ba

Os recipientes incluídos nesta variante apresentam a inclusão de uma espécie de aba na zona superior da superfície externa. As paredes são arqueadas e têm uma inclinação diagonal.

Esta variante está representada por 13 fragmentos (13 NMI). Ao nível das dimensões, os bordos oscilam entre os 144 mm e os 290 mm, sem evidenciar uma particular concentração em determinadas medidas. A espessura média da parede centra-se entre os 6 mm e os 7 mm.

As peças inserem-se nos grupos de fabrico I (12 NMI) e II (1 NMI).

Um fragmento semelhante a esta variante foi recuperado no decurso das escavações da Sé de Lisboa (Arruda, 1999-2000, p. 117 – fig. 66, n.º 10), apesar da carena ser menos marcada.

No concelho da Amadora, no povoado das Baútas, a forma foi também identificada (*vide infra* 4.2.2.5.5.).

Sub-variante 1Ba.1

Alguns dos fragmentos aqui incluídos apresentam a presença de asas laterais, sobre o bordo, característica à qual se atribuiu a designação de sub-variante 1Ba.1. Essas asas têm uma secção ovalada, com uma depressão ao centro.

Esta sub-variante está representada no conjunto por quatro exemplares (4 NMI).

Variante 1Bb

Nesta variante, a aba característica do tipo anterior dá lugar a uma ligeira protuberância na mesma zona da superfície externa. Esta saliência é apenas assinalada, não alterando, drasticamente, o perfil contínuo dos exemplares.

Um exemplar semelhante foi identificado na Extremadura espanhola, em La Mata, num contexto datável do século V a.C. (Rodríguez Díaz e Ortiz Romero, 1998, p. 217 – n.º 30).

Contabilizaram-se oito peças nesta variante (8 NMI). Os diâmetros de bordo variam entre os 192 mm e os 226 mm. A espessura média da parede oscila entre os 5 mm e os 8 mm.

Inserem-se nos grupos de fabrico I (6 NMI), II (1 NMI) e IV (1 NMI).

A forma surge no concelho da Amadora, em Moinho da Atalaia Oeste (*vide infra* 4.2.1.5.4.).

Sub-variante 1Bb.1

Também aqui foi possível observar a existência de recipientes com a inclusão de asas laterais, de secção circular, tendo sido denominados de sub-variante 1Bb.1.

Esta sub-variante é constituída por três fragmentos (3 NMI).

Variante 1Bc

A terceira variante deste grupo caracteriza-se por englobar exemplares que apresentam uma carena bem acentuada na superfície externa, mas que geralmente não se reflecte na parede interna.

Nesta variante, enquadram-se 31 fragmentos (31 NMI). As dimensões dos bordos variam entre os 176 mm e os 318 mm, concentrando-se entre os 230 mm e os 240 mm. A espessura média das peças centra-se em torno dos 5 mm - 7 mm.

Inserem-se nos grupos de fabrico I (27 NMI) e II (4 NMI).

No concelho da Amadora, esta forma está presente no Moinho da Atalaia Oeste (*vide infra* 4.2.1.5.4.).

Sub-variante 1Bc.1

Tal como ocorreu nos casos anteriores, os vasos que apresentavam asas laterais foram incluídos na sub-variante 1Bc.1.

Esta sub-variante está representada no conjunto da Rua dos Correeiros por quatro exemplares (4 NMI).

Um exemplar com as mesmas características morfológicas foi recuperado na Quinta do Almaraz, apresentando aí, contudo, as superfícies cobertas de engobe vermelho acastanhado e uma decoração em xadrez preto sobre o bordo (Barros e Henriques, 2002, p. 310 – n.º 40).

Variante 1Bd

Os materiais incluídos nesta variante apresentam um perfil externo muito suave, comparativamente com os exemplares anteriores. A ligeira inflexão observada nos exemplares relaciona-se, sobretudo, com o prolongamento do bordo. Estes são, com alguma frequência, engrossados.

Esta variante está representada por dez exemplares (10 NMI). Os bordos apresentam diâmetros entre os 176 mm e os 280 mm, sem particular concentração em nenhum valor. A espessura média da parede centra-se nos 8 mm.

Todos são integráveis no grupo de fabrico I.

No concelho da Amadora, esta forma foi identificada no povoado das Baútas (*vide infra* 4.2.2.5.5.).

Em Sintra, ocorre no povoado de Santa Eufémia (*vide infra* 4.3.1.5.5.).

Este tipo está documentado na Alcáçova de Santarém (Arruda, 2000, Est. 39 – n.º 4 a 6).

No Estuário do Sado, em Abul, esta forma está presente entre o conjunto recolhido na fase mais tardia da ocupação sidérica, datada entre os séculos VI e V a.C. (Mayet e Silva, 2000, p. 203 – n.º 46).

Na zona algarvia, no Castelo de Castro Marim, uma forma muito semelhante foi documentada em níveis do século VI a.C. (Arruda e Freitas, 2008, p. 433, fig. 4 – C.M.1. [775] 12193).

Série 2 – Taças

Os vasos englobados nesta categoria distinguem-se dos anteriores pela proporção entre o diâmetro de bordo e a dimensão da parede da peça, que indica uma maior profundidade neste tipo de recipientes. Apresentam, geralmente, diâmetros menores. Ainda que relativamente conhecidas nos sítios arqueológicos pré-romanos da Península Ibérica, esta forma está encontra-se pouco sistematizada. Corresponde, em linhas gerais, a recipientes abertos, de formato hemisférico, e bastante fundos, tendo em consideração o quadro tipológico deste período.

Destinar-se-iam, essencialmente, ao consumo individual de líquidos.

Esta série integra 18 exemplares (18 NMI), que corresponde a 0,91% do conjunto de indivíduos de cerâmica comum.

O conjunto de taças recuperado nos níveis pré-romanos da Rua dos Correeiros é diminuto. A nível morfológico, foi possível distinguir dois grupos gerais, atendendo às características da parede dos exemplares.

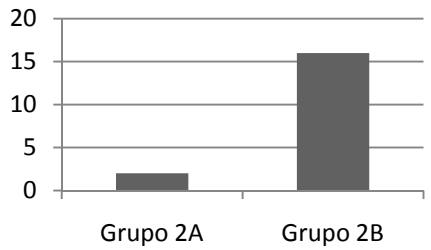


Fig. 117 – Distribuição dos grupos da série 2 (base NMI).

Grupo 2A

Os exemplares incluídos neste grupo apresentam uma parede com dupla curvatura, de tendência convexa – côncava. Apresenta uma carena arredondada e suave na zona inferior.

Este grupo está representado por duas peças (2 NMI), que integram uma mesma variante, sendo esta caracterizada pela morfologia do bordo. Ambas se inserem no grupo de fabrico I.

Variante 2Aa

Esta corresponde à única variante detectável neste grupo, que se caracteriza, essencialmente, por apresentar um bordo prolongado e exvertido.

Foi possível identificar algumas semelhanças entre estes exemplares e o que foi definido como a forma BIIIa de Camposoto, onde foi recolhida em níveis da primeira metade do século V a.C. (Ramon Torres, *et al.*, 2007). A cronologia desta forma parece, contudo, iniciar-se ainda no séc. VI a.C., de acordo com os dados de Cerro del Villar (Aubet *et al.*, 1999).

Sendo a única variante deste grupo, está representada pelos mesmos dois fragmentos (2 NMI). O seu diâmetro de bordo varia entre os 120 mm e os 128 mm. A espessura média da parede oscila entre os 3 e os 4 mm.

No território actualmente português, foi possível identificar um paralelo para esta forma em Alcácer do Sal, em níveis datados dos finais do século VI/inícios do V a.C. (Arruda *et al.*, no prelo).

Grupo 2B

Neste segundo grupo incluíram-se os fragmentos que apresentam uma carena mais acentuada.

Nesta série incluíram-se 16 fragmentos (16 NMI), dos quais 14 (14 NMI) possibilitaram um enquadramento nas variantes estabelecidas. Os restantes dois indivíduos correspondem ao grupo de fabrico I (1 NMI) e III (1 NMI).

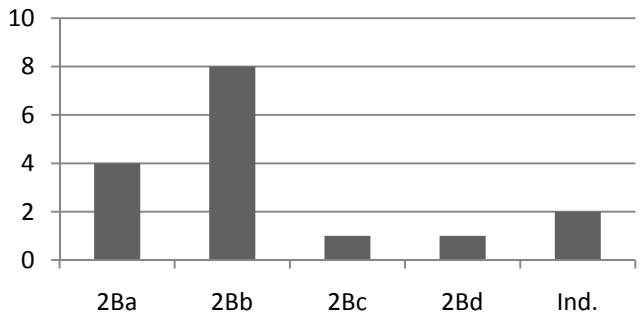


Fig. 118 – Distribuição das variantes do grupo 2B (base NMI).

As quatro variantes que foram identificadas diferenciam-se, essencialmente, com base na morfologia dos bordos.

Variante 2Ba

Esta variante engloba os vasos cuja carena se encontra bem assinalada imediatamente sob o bordo. Este apresenta uma orientação de tendência vertical, podendo ser, por vezes, reentrante e ligeiramente engrossado. Ultrapassada a área da carena, a parede é recta e de inclinação diagonal.

Esta variante está representada por quatro peças (4 NMI). Os bordos desta variante oscilam entre os 172 mm e os 196 mm. A espessura média da parede situa-se em torno dos 7 mm.

As peças inserem-se no grupo de fabrico I (2 NMI), III (1 NMI) e IV (1 NMI).

Sub-variante 2Ba.1

Neste grupo distinguiu-se a presença de um exemplar (1 NMI) com asa, que foi designado de sub-variante 2Ba.1.

Variante 2Bb

Os fragmentos aqui incluídos distinguem-se da variante anterior por apresentarem a carena muito bem marcada na superfície externa, chegando a formar uma pequena aba. O bordo, ligeiramente engrossado, pode ser, tal como no caso anterior, vertical ou reentrante.

Contabilizaram-se oito fragmentos (8 NMI) nesta variante. A nível dimensional, o diâmetro de bordo varia entre os 178 mm e os 240 mm, sem particular incidência em determinados valores. A espessura média da parede localiza-se em torno dos 6 mm e 7 mm.

Integram-se nos grupos de fabrico I (7 NMI) e II (1 NMI).

Variante 2Bc

Nesta variante, foram incluídos os exemplares que apresentam um bordo de tendência claramente exvertida. A carena encontra-se, tal como no caso anterior, bem assinalada na superfície externa, formando uma espécie de aba.

Apenas um fragmento (1 NMI) é enquadrável nesta variante. O diâmetro de bordo é de 214 mm e a espessura média da parede centra-se nos 10 mm.

As características da sua pasta permitem a sua inserção no grupo de fabrico III.

Variante 2Bd

Os exemplares incluídos nesta última variante apresentam, entre a zona do bordo e a zona da carena, uma pequena reentrância. A carena está bem marcada na superfície externa. O bordo é engrossado na superfície interna.

O único exemplar integrado nesta variante (1 NMI) tem um diâmetro de bordo de 160 mm e a espessura média da sua parede situa-se em torno dos 3 mm.

Corresponde ao grupo de fabrico I.

Formas integradas nesta variante foram registadas no concelho da Amadora, em Casal de Vila Chã Sul (*vide infra* 4.2.3.).

Série 3 – Pratos

Os pratos correspondem, geralmente, a recipientes rasos, abertos e baixos, com as paredes tendencialmente rectas. O fundo seria, em princípio, plano ou côncavo, a julgar por exemplares semelhantes de perfis completos recolhidos em outros locais.

A nível funcional, destinar-se-iam essencialmente ao consumo individual de alimentos sólidos.

Esta série está representada por 39 fragmentos (39 NMI), dos quais apenas seis (6 NMI) não possibilitaram um enquadramento nos grupos estabelecidos. Entre estes, cinco (5 NMI) integram-se no grupo de fabrico I e o outro (1 NMI) no II.

Os pratos correspondem a 1,96% do conjunto de indivíduos de cerâmica comum.

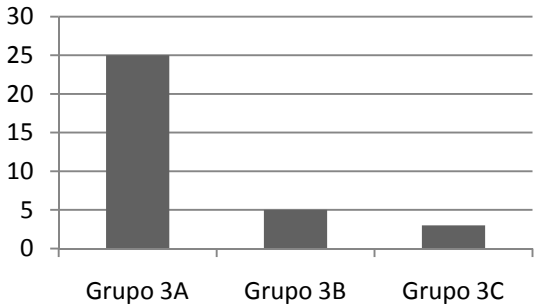


Fig. 119 – Distribuição dos grupos da série 3 (base NMI).

No conjunto cerâmico recolhido na Rua dos Correeiros, os pratos foram distinguidos em três grupos distintos, de acordo com o perfil geral dos exemplares. Existem alguns fragmentos susceptíveis de serem confundidos, especialmente ao nível do tipo de bordo, com formas já englobadas anteriormente na categoria das tigelas. Contudo, a orientação da parede parece revelar que se trata de recipientes menos profundos, e, como tal, englobáveis na presente categoria.

Grupo 3A

Este grupo integra uma série de exemplares que se caracterizam por apresentar um perfil carenado.

Neste grupo contabilizaram-se 25 exemplares (25 NMI), dos quais 19 (19 NMI) permitiram uma classificação por variante. Os restantes seis indivíduos (6 NMI) integram-se no grupo de fabrico I.

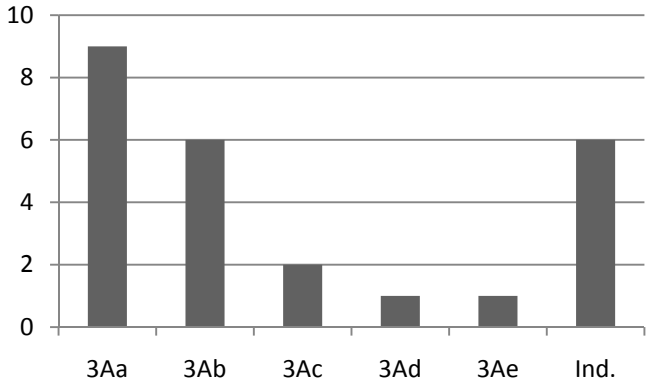


Fig. 120 – Distribuição das variantes do grupo 3A (base NMI).

A diferenciação das características morfológicas do bordo e da carena permitiram o estabelecimento de cinco variantes.

Variante 3Aa

Esta variante engloba fragmentos de bordo exvertido e curto e carena consideravelmente angulosa. A parede inferior da peça apresenta uma tendência rectilínea.

Esta variante está representada por nove fragmentos (9 NMI). O diâmetro de bordo varia entre os 174 mm e os 249 mm. A espessura média da parede é de 5 mm.

As características das suas pastas permitiram a inclusão no grupo de fabrico I.

Na Travessa de Chafariz d´ El Rei, foi recolhido um exemplar integrável neste tipo (Filipe, Calado e Leitão, no prelo, fig. 11 – n.º 9).

No Estuário do Sado, em Abul, formas integráveis nesta variante foram recolhidas nos contextos da fase final da ocupação sidérica, datada em torno do século VI e V a.C. (Mayet e Silva, 2000, p. 211, n.º 121 e 122).

Variante 3Ab

Nesta segunda variante, a carena torna-se menos acentuada e apresenta uma forma mais arredondada. O bordo, ainda exvertido, torna-se tendencialmente mais curto.

Contabilizaram-se seis peças (6 NMI) nesta variante. Os diâmetros de bordo variam entre os 216 mm e os 236 mm. A espessura média da parede é de 6 mm.

Inserem-se nos grupos de fabrico I (4 NMI) e II (2 NMI).

Esta variante está documentada, no concelho da Amadora, no Moinho da Atalaia Oeste (*vide infra* 4.2.1.5.4.).

Variante 3Ac

Fragmentos com carenas bem menos acentuadas, que se assemelham mais a uma pequena inflexão, foram incluídos nesta variante. A parede apresenta um aspecto arqueado. O bordo é prolongado externamente, formando um pequeno lábio de formato arredondado.

Apenas dois fragmentos (2 NMI) apresentam características que permitem a sua integração nesta variante. Os bordos apresentam diâmetros entre os 230 mm e os 244 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 6 mm - 7 mm.

Ambos correspondem ao grupo de fabrico I.

Variante 3Ad

Esta variante integra exemplares com carena acentuada, mas bastante curta. Ultrapassada esta área, a parede apresenta uma tendência claramente horizontal. O bordo é exvertido e prolongado, formando um lábio de terminação arredondada.

O único exemplar enquadrável nesta variante (1 NMI) tem um diâmetro de bordo de 236 mm e uma espessura média da parede de 5 mm.

As características da pasta permitem a sua inclusão no grupo de fabrico I.

Variante 3Ae

Esta última variante é composta por fragmentos com carenas pouco acentuadas e de forma arredondada. O bordo é bastante longo e prolongado, comparativamente com as restantes variantes e apresenta um formato arredondado.

Esta variante está representada por apenas um indivíduo (1 NMI). O diâmetro de bordo é de 216 mm e a espessura média da parede de 10 mm.

É integrável no grupo de fabrico II.

Grupo 3B

Neste segundo grupo englobaram-se os fragmentos que correspondem a pratos de perfil simples. As paredes têm uma orientação diagonal e são tendencialmente rectas.

Contabilizaram-se cinco exemplares (5 NMI) neste grupo, integrando uma única variante.

Variante 3Ba

Nesta variante incluíram-se os exemplares de bordo simples, que podem apresentar algum prolongamento externo e um ligeiro engrossamento.

Sendo a única variante deste grupo, está representada pelos mesmos cinco fragmentos (5 NMI). Os diâmetros de bordo variam entre os 190 mm e os 230 mm. A espessura média da parede é de 5 mm.

Pertencem aos grupos de fabrico I (4 NMI) e II (1 NMI).

No Estuário do Sado, em Alcácer do Sal, recolheu-se um exemplar semelhante a este tipo (Arruda *et al.*, no prelo).

Grupo 3C

Neste último grupo foram incluídos os fragmentos de pratos que manifestam indícios de uma maior profundidade relativamente aos grupos anteriores. Infelizmente, a escassa dimensão conservada dos fragmentos impede-nos que confirmar, com segurança, esta possibilidade. Atendendo, contudo, às características dos exemplares mais bem conservados, esta parece ser a designação mais correcta para o seu enquadramento tipológico.

Ao nível da forma geral, é possível estabelecer alguns paralelismos com alguns pratos de cerâmica cinzenta e de cerâmica de engobe vermelho que foram recuperados recentemente na Rua do Rato, em Alcácer do Sal (Arruda, *et al.,* no prelo). Apesar de o

bordo apresentar características um pouco diferentes, parece provável uma semelhança em relação à forma geral da peça.

Integra três exemplares do conjunto (3 NMI), os quais correspondem a uma mesma variante. Todos pertencem ao grupo de fabrico I.

Variante 3Ca

Esta variante corresponde a fragmentos de pratos com bordos prolongados e exvertidos. A parede apresenta uma tendência convexa, indicando uma relativa profundidade da peça.

Esta variante está representada por três fragmentos (3 NMI). Os diâmetros de bordo variam entre os 138 mm e os 150 mm. A espessura média da parede oscila entre os 4 mm e os 5 mm.

Série 4 – Páteras

Esta série integra recipientes muito semelhantes a outros já apresentados no conjunto da cerâmica de engobe vermelho com a mesma designação (série 4). Infelizmente, os exemplares de cerâmica comum são mais reduzidos quer em número quer ao nível do perfil conservado.

São, assim, peças de reduzida capacidade, que parecem também corresponder a uma espécie de pátera. Tal como ocorreu no conjunto da cerâmica de engobe vermelho, considerou-se a possibilidade de estes exemplares poderem corresponder a tampas. Contudo, e atendendo, mais uma vez, à presença da aba exterior, optou-se pela sua interpretação como outro tipo de vaso. Resta esperar pelo aparecimento de exemplares de perfil mais completo para corroborar, ou não, esta hipótese.

É possível que estes fragmentos correspondam a uma variação em cerâmica comum do que foi designado "taças de pé alto" na cerâmica de engobe vermelho de Almaraz. Contudo, também se deve assinalar algumas semelhanças com a forma BId10 de

Camposoto (Ramon Torres, *et al.*, 2007), apesar das diferenças assináveis ao nível dos diâmetros, consideravelmente maiores no conjunto dos materiais gaditanos.

Esta série engloba oito exemplares (6 NMI), que correspondem a 0,30% do conjunto de indivíduos de cerâmica comum. Pertencem todos ao grupo de fabrico I.

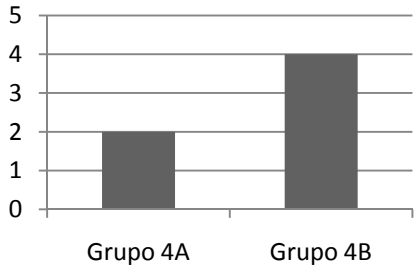


Fig. 121 – Distribuição dos grupos da série 4 (base NMI).

Variações ao nível do perfil externo das peças permitiram a distinção de dois grupos.

Grupo 4A

Neste grupo inseriram-se os fragmentos que apresentam, ao nível do perfil externo, ausência de caneluras. Apresentam uma aba prolongada que arranca do bordo.

Este grupo está representado por dois fragmentos (2 NMI), que integram uma mesma variante.

Variante 4Aa

Esta variante apresenta o bordo da área da depressão central saliente.

Sendo a única variante do grupo, contabilizam-se os mesmos dois exemplares (2 NMI). O diâmetro da depressão central oscila entre os 90 mm e os 130 mm. A espessura média da parede varia entre os 5 mm e os 6 mm.

Grupo 4B

Este segundo grupo engloba os exemplares que apresentam uma série de caneluras na parede externa. A aba é, tal como ocorre no grupo anterior, prolongada.

Neste grupo incluíram-se seis fragmentos (4 NMI), dos quais três (1 NMI) não permitiram um enquadramento tipológico nas variantes estabelecidas.

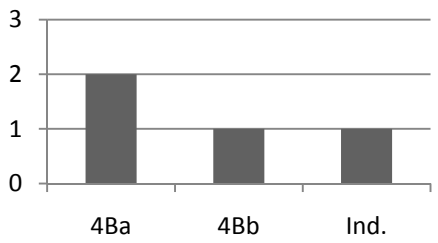


Fig. 122 – Distribuição das variantes do grupo 4B (base NMI).

Diferenciações observáveis na zona superior dos fragmentos permitiram uma subdivisão em duas variantes.

Variante 4Ba

Os exemplares englobados nesta primeira variante partilham entre si o bordo da depressão central saliente.

Esta variante está representada por duas peças (2 NMI). O diâmetro da depressão central varia entre os 72 mm e os 100 mm. A espessura média da parede é de 7 mm.

Variante 4Bb

Nesta segunda variante, enquadram-se os exemplares nos quais não existe qualquer separação entre o topo da depressão central e a aba que daí arranca.

Apenas um fragmento (1 NMI) é enquadrável nesta variante. O diâmetro da depressão central é de 80 mm e a espessura média da parede é de 7 mm.

Série 5 – Bacias e/ou alguidares

Esta série corresponde a recipientes abertos, altos e fundos. O perfil dos fragmentos parece ser bastante simples, ainda que a intensa fragmentação do conjunto impeça a análise geral das peças.

Funcionalmente, estes vasos seriam utilizados em diversas funções, como a preparação de alimentos, armazenagem e mesmo tarefas de higiene pessoal.

Esta série está representada no conjunto por 61 exemplares (61 NMI), dos quais apenas um não permitiu um enquadramento tipológico mais específico, sendo pertencente ao grupo de fabrico I. Os recipientes de tipo bacias e/ou alguidar correspondem a 3,07% do conjunto de indivíduos de cerâmica comum.

A divisão destes materiais utilizou como principal critério a orientação do bordo, o que permitiu a criação de três grupos distintos.

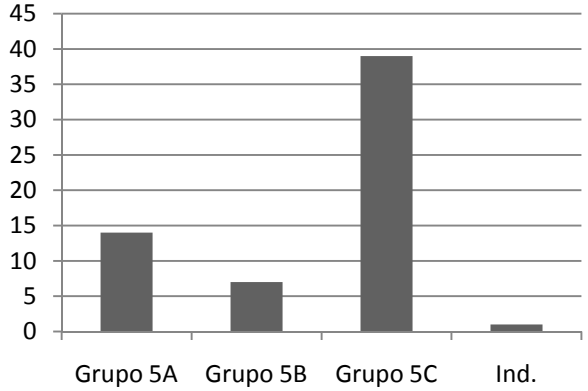


Fig. 123 – Distribuição das variantes do grupo 5A (base NMI).

Grupo 5A

Neste grupo incluíram-se os fragmentos que partilham, entre si, um bordo de tendência exvertida. Estes bordos apresentam, geralmente, um engrossamento, quer interno quer interno.

Este grupo engloba 14 fragmentos (14 NMI).

Características assinaláveis ao nível do bordo possibilitaram uma diferenciação em quatro variantes.

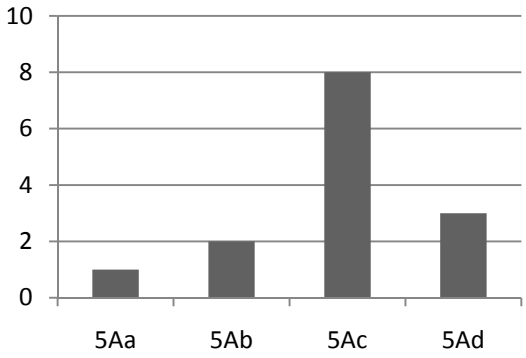


Fig. 124 – Distribuição das variantes do grupo 5A (base NMI).

Variante 5Aa

Esta variante corresponde aos exemplares que apresentam um bordo com características bastantes simples. Este, de tendência exvertida, apresenta um engrossamento externo.

Esta variante está representada por um único exemplar (1 NMI). O diâmetro de bordo é de 276 mm. A espessura média da parede é de 7 mm.

Pertence ao grupo de fabrico I.

Em Sintra, esta forma está documentada no povoado de Santa Eufémia (*vide infra* 4.3.1.5.5.).

Variante 5Ab

Esta segunda variante engloba fragmentos de bordo aplanado, com um considerável engrossamento ao nível da zona interna da peça.

Contabilizaram-se duas peças (2 NMI) nesta variante. Os bordos variam entre os 314 mm e os 394 mm de diâmetro. A espessura média da parede oscila entre os 5 mm e os 6 mm.

Ambas se inserem no grupo de fabrico I.

Variante 5Ac

Nesta variante foram incluídos os recipientes com um bordo alto, de formato ovalado e bastante engrossado. O *terminus* do bordo é assinalado por uma pequena reentrância na parede externa.

Esta variante está representada por oito exemplares (8 NMI). Os diâmetros de bordo variam entre os 278 mm e os 381 mm. A espessura média da parede oscila entre os 6 mm e os 7 mm.

Pertencem aos grupos de fabrico I (5 NMI), III (1 NMI) e IV (2 NMI).

No concelho de Sintra, esta forma foi documentada no povoado de Santa Eufémia (*vide infra* 4.3.1.5.5.).

Variante 5Ad

Esta última variante integra bordos mais curtos, quando comparados com a variante anterior. A terminação do bordo é arredondada e bastante espessada externamente.

Os fragmentos aqui incluídos apresentam algumas semelhanças com a forma BIIIb de Camposoto, em Cádis (Ramon Torres, *et al.*, 2007). A origem dos recipientes com esta morfologia pode rastrear-se no séc. VI a.C., como se pode observar no Cerro del Villar (Aubet *et al.,* 1999). Em Huelva, exemplares afins documentam-se na primeira metade do século IV a.C. (Rufete Tomico, 2002, p. 92 – n.º 1).

Três fragmentos (3 NMI) integram esta variante. O diâmetro de bordo varia entre os 280 mm e os 360 mm. A espessura média da parede oscila entre os 6 mm e os 7 mm.

Pertencem ao grupo de fabrico I.

No concelho da Amadora, esta forma foi documentada no Moinho da Atalaia Oeste (*vide infra* 4.2.1.5.4.).

Grupo 5B

Neste segundo grupo, incluíram-se fragmentos em que o bordo apresenta uma tendência reentrante.

Contabilizaram-se sete exemplares (7 NMI), que integram uma mesma variante.

Variante 5Ba

Esta variante engloba fragmentos de bordo reentrante e de terminação circular. Apresentam um engrossamento considerável na zona interna da peça.

Sendo a única variante do grupo, está representada pelos mesmos sete fragmentos (7 NMI). Os diâmetros de bordo variam entre os 248 mm e os 334 mm. A espessura média da parede é de 6 mm.

Correspondem aos grupos de fabrico I (6 NMI) e II (1 NMI).

Grupo 5C

Este grupo é formado por exemplares que exibem um bordo claramente prolongado e pendente.

Algumas peças recolhidas em Cerro del Villar, em contextos do século VI a.C., evidenciam características semelhantes (Aubet *et al.*, 1999).

Engloba 39 fragmentos (39 NMI), que também correspondem a apenas uma variante.

Variante 5Ca

Esta variante engloba fragmentos de bordo prolongado, que forma um lábio externo. A terminação do bordo é de formato arredondado.

Contabilizaram-se 39 exemplares (39 NMI) nesta variante. Os bordos apresentam diâmetros muito variáveis, entre os 258 mm e os 525 mm, não se destacando, contudo, qualquer concentração em determinados valores. A espessura média da parede oscila entre os 6 mm e os 7 mm.

Pertencem aos grupos de fabrico I (35 NMI), II (1 NMI), III (1 NMI) e IV (2 NMI).

No concelho da Amadora, esta forma está documentada no Moinho da Atalaia Oeste (*vide infra* 4.2.1.5.4.) e em Moinhos do Filipinho (*vide infra* 4.2.3.).

Em Sintra, surge no povoado de Santa Eufémia (*vide infra* 4.3.1.5.5.).

Série 6 – Almofarizes

Esta série corresponde a recipientes relativamente profundos, de tendência hemisférica, que, geralmente, apresentam um fundo plano, característica que confere uma maior estabilidade à peça.

A nível funcional, destinam-se à confecção de alimentos.

Esta série está representada por apenas duas peças (2 NMI), que correspondem a 0,10% do conjunto de indivíduos de cerâmica comum. Ambos integram o grupo de fabrico I.

Os almofarizes recolhidos na Rua dos Correeiros são distinguíveis em dois grupos, atendendo ao perfil geral das peças.

Grupo 6A

Os materiais integrados neste grupo apresentam um perfil contínuo, paredes arqueadas côncavas e um fundo plano e espesso com pé indicado.

Apenas um exemplar (1 NMI) é integrável neste grupo, e corresponde, assim, a uma única variante.

Variante 6Aa

Esta variante inclui recipientes de bordo exvertido e prolongado, de secção ovalada.

Ao nível do perfil geral da peça, apresenta algumas semelhanças com a forma BId9 de Camposoto, (Ramon Torres, *et al.*, 2007).

O único exemplar desta variante (1 NMI) tem um diâmetro do bordo de 288 m e o do fundo de 110 mm. A espessura média da parede é de 11 mm.

Grupo 6B

Neste segundo grupo foram englobados os exemplares com perfil descontínuo, em dupla curva, convexa e côncava.

Tal como o grupo anterior, também está representado singularmente (1 NMI), integrando assim apenas uma variante.

Variante 6Ba

Os materiais incluídos nesta variante apresentam uma aba bastante saliente na superfície externa. O bordo é prolongado, aplanado e bastante exvertido, registando algum engrossamento.

O exemplar da Rua dos Correeiros evidencia algumas semelhanças com a forma BIIb1 identificada em Camposoto, Cádis (Ramon Torres, *et al.*, 2007).

Esta variante está representada por um único fragmento (1 NMI). O diâmetro de bordo é de 176 mm e a espessura média da parede centra-se nos 11 mm.

Série 7 – Tampas

Nesta série foram incluídos uma série de fragmentos que parecem corresponder a tampas. Infelizmente, a inexistência de exemplares de perfil completo não permite comprovar esta possibilidade. Contudo, as características morfológicas dos fragmentos, particularmente a sua orientação e as abas que se estendem horizontalmente a partir do bordo, num dos grupos identificados, fazem pensar em peças destinadas a tapar outros recipientes.

Correspondem, essencialmente, a peças acessórias de vasos cerâmicos. Assemelham-se, ao nível do perfil geral, às tigelas, pelas suas paredes côncavas e arqueadas.

Nesta série contabilizaram-se 13 exemplares (13 NMI), o que corresponde a 0,65% do conjunto de indivíduos de cerâmica comum.

Os fragmentos classificados como tampas provenientes da Rua dos Correeiros integram-se num único grupo.

Grupo 7A

Neste grupo integram-se os fragmentos que apresentam um perfil simples e contínuo. As paredes são arqueadas e têm uma tendência côncava.

Este grupo está representado por 13 fragmentos (13 NMI), dos quais apenas um (1 NMI) não permitiu uma classificação nas variantes estabelecidas, sendo pertencente ao grupo de fabrico III.

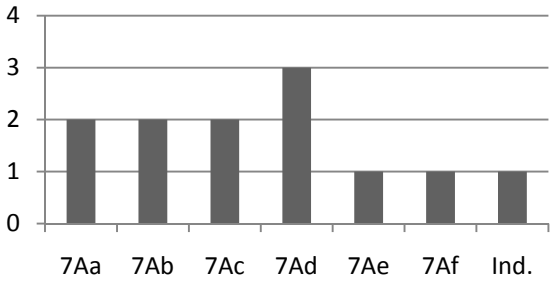


Fig. 125 – Distribuição das variantes do grupo 7A (base NMI).

As características do bordo e da parede destas peças permitiram uma distinção em cinco variantes.

Variante 7Aa

Nesta variante incluem-se os fragmentos de tampa de perfil simples. O bordo pode apresentar algum engrossamento.

Apresentam semelhanças com o que foi designado por forma EIIa1 em Camposoto, Cádis (Ramon Torres, *et al.*, 2007).

Duas peças integram esta variante (2 NMI). Os diâmetros de bordo variam entre os 178 mm e os 184 mm. A espessura média da parede centra-se nos 5 mm.

Pertencem aos grupos de fabrico I (1 NMI) e II (1 NMI).

Em Sintra, foi possível identificar esta forma entre o conjunto cerâmico de Santa Eufémia (*vide infra* 4.3.1.5.5.).

Variante 7Ab

Esta segunda variante engloba exemplares que apresentam um perfil canelado na superfície externa. A parede é de tendência diagonal e o bordo mostra uma secção arredondada.

Contabilizaram-se dois exemplares nesta variante (2 NMI). A dimensão do seu diâmetro é de 138 mm e a espessura média da parede é de 8 mm.

Ambos integram o grupo de fabrico I.

Variante 7Ac

Esta variante inclui os fragmentos que partilham entre si um bordo aplanado e uma parede de tendência mais rectilínea.

Está representada por dois fragmentos (2 NMI). Os diâmetros do bordo variam entre os 166 mm e os 212 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 5 mm e os 6 mm.

Pertencem aos grupos de fabrico I (1 NMI) e III (1 NMI).

Variante 7Ad

Os materiais integrados nesta variante apresentam um bordo engrossado e uma parede arqueada de tendência côncava.

Estes fragmentos exibem algumas semelhanças com o que foi designado de forma EIa1 em Camposoto, Cádis (Ramon Torres, *et al.*, 2007).

Três fragmentos (3 NMI) apresentam características que permitem a sua integração nesta variante. Ao nível das dimensões, os diâmetros de bordo estendem-se entre os 174 mm e os 178 mm. A espessura média da parede é de 5 mm.

Pertencem aos grupos de fabrico I (2 NMI) e II (1 NMI).

Variante 7Ae

Esta variante deste grupo é composta por exemplares com paredes praticamente horizontais.

O único fragmento aqui integrável (1 NMI) tem um diâmetro de bordo de 120 mm e uma espessura média da parede de 7 mm.

As características da sua pasta permitem a sua inclusão no grupo de fabrico I.

No concelho da Amadora, no Moinho da Atalaia Oeste, esta forma está documentada (*vide infra* 4.2.1.5.4.).

Variante 7Af

A última variante deste grupo engloba exemplares de bordo prolongado externamente, que registam algum engrossamento.

Está representada por uma única peça (1 NMI), cujo diâmetro de bordo é de 110 mm e a espessura média da parede é de 5 mm.

Pertencem ao grupo de fabrico I.

Série 8 – Suportes

Esta série engloba peças que consistem, essencialmente, em anéis com duplo bordo e ocos no interior.

Funcionalmente, servem para suportar vasos de maiores dimensões, geralmente de fundo côncavo. No conjunto da Rua dos Correeiros, os únicos materiais com estas características são os contentores anfóricos.

Os suportes não constituem uma forma desconhecida em contextos sidéricos peninsulares, mas é, ainda assim, uma ocorrência rara. Encontram-se representados em várias categorias cerâmicas, como na de engobe vermelho e na cinzenta, para além da cerâmica comum.

Neste contexto, cabe destacar a presença de um fragmento de um suporte também em cerâmica de comum na Alcáçova de Santarém (Arruda, 2000, Est. 41 – n.º 3). Por outro lado, em Lisboa, nas intervenções realizadas na Travessa do Chafariz d´ El Rei também se identificaram suportes não só de cerâmica cinzenta, mas também em cerâmica comum. O contexto da sua recolha é secundário, mas os autores consideram ser de cronologia pré-romana (Filipe, Calado e Leitão, no prelo). Correspondem a pequenos anéis cerâmicos com pouca altura. Apesar de serem distintos dos que se incluíram neste tipo, podem constituir, efectivamente, protótipos mais arcaicos que em fases mais tardias evoluíram para as formas representadas na Rua dos Correeiros.

Apesar de pouco frequentes em contextos peninsulares, esta forma em cerâmica comum encontra-se bem documentada em outros contextos sidéricos mediterrâneos, como é o caso de *Tharros*, na Sardenha (Acquaro, 1991, p. 179, fig. 5 – n.º 62-63) e Mozia, na Sicília (Nigro, 2007, p. 275 – MD.04.1111/27). Na Península Ibérica, concretamente em Cancho Roano, em contextos balizados em torno ao século V a.C., também se identificaram alguns suportes que apresentam, no entanto, perfis bastante diversos quando comparados aos da Rua dos Correeiros (Celestino Pérez e Jiménez Ávila, 1993, p. 197 – n.º 2; Celestino Pérez, 1996, p. 214 – n.º 8).

Curioso é também notar que em Cerro del Villar, no sector de produção cerâmica dos inícios do século VI a.C., formas de idêntica função, apesar de morfologia diferente, também foram recuperadas (Aubet *et al.*, 1999).

Esta série está representada por 93 fragmentos. Dadas as características destas peças, especialmente o duplo bordo, torna-se muito difícil quantificar este material, uma vez que não é possível distinguir o bordo superior do inferior. De forma a não inflacionar o

número destas peças, optámos por contabilizar, no seio de cada nível arqueológico, apenas um em cada dois fragmentos de bordo, o que permite contabilizar 55 NMI. Correspondem a 2,77% do conjunto de indivíduos de cerâmica comum.

As características dos exemplares estudados são tão homogéneas que não permitiram uma distinção em diversos grupos.

Grupo 8A

Os materiais incluídos neste grupo apresentam um perfil convexo – côncavo. A julgar pelos fragmentos melhor conservados, a sua parte superior parece ser de menores dimensões que a inferior. Infelizmente, na maioria dos casos, não é possível diferenciar estes dois componentes, pelo que se optou por representá-los, a nível gráfico, como se consistissem partes superiores.

Sendo o único grupo desta série, conta com os mesmos 93 fragmentos (55 NMI), que integram uma mesma variante.

Variante 8Aa

O bordos do exemplares incluídos nesta variante é tendencialmente engrossado e de secção arredondada.

Estes materiais assemelham-se à forma FIa de Camposoto, Cádis (Ramon Torres, *et al.*, 2007). Em Huelva, nas escavações realizadas em Puerto 12, recolheu-se um suporte de perfil completo algo semelhante aos de Lisboa num nível datado em torno ao século IV a.C. (Rufete Tomico, 2002, p. 147 – n.º 9).

Esta variante está representada por 93 fragmentos (55 NMI). Os diâmetros variam entre 122 mm e os 230 mm, concentrando-se especialmente entre os 150 mm e 190 mm. A espessura média da parede centra-se nos 9 mm.

Pertencem maioritariamente ao grupo de fabrico I (53 NMI), sendo o II minoritário (2 NMI).

Em Sintra, esta forma está documentada em Santa Eufémia (*vide infra* 4.3.1.5.5.).

Série 9 – Pequenos potes

Esta série inclui uma série de recipientes fechados, de colo curto, de dimensões algo reduzidas, que se assemelham, ao nível do perfil geral da peça, aos tipos vulgarmente designados de potes e/ ou panelas.

As suas dimensões parecem, contudo, indicar outro tipo de funcionalidade, concretamente o consumo individual de líquidos. Para este tipo de recipientes também pode ser proposta uma função de armazenar alimentos mais específicos (mel, molhos, condimentos, entre outros).

Esta série está representada por 12 fragmentos (12 NMI), que correspondem a 0,60% do conjunto de indivíduos de cerâmica comum. Todos são integráveis no grupo de fabrico I.

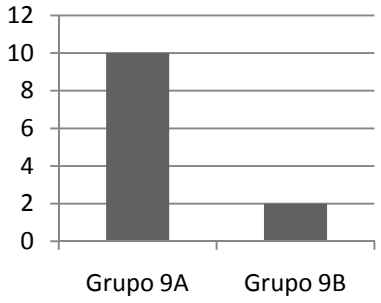


Fig. 126 – Distribuição dos grupos da série 9 (base NMI).

No conjunto dos materiais recolhidos na Rua dos Correeiros, estes recipientes distinguem-se em dois grupos, atendendo, sobretudo, às características do bordo.

Grupo 9A

Neste grupo, os fragmentos apresentam um corpo de aparente aspecto globular e um bordo exvertido, contínuo e simples.

Contabilizaram-se dez exemplares neste grupo (10 NMI).

As características dos bordos dos fragmentos possibilitaram uma subdivisão em três variantes.

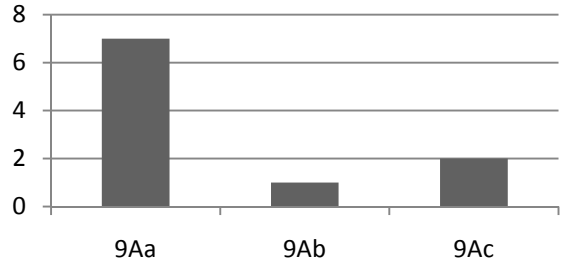


Fig. 127 – Distribuição das variantes do grupo 9A (base NMI).

Variante 9Aa

Os exemplares integrados nesta variante apresentam o bordo sem engrossamento considerável.

Sete exemplares (7 NMI) foram incluídos nesta variante. Os diâmetros do bordo variam entre os 90 mm e os 118 mm, aproximando-se sobretudo desta última medida. A espessura média da parede oscila entre os 5 mm e os 6 mm.

No concelho da Amadora, esta forma foi identificada no Moinho da Atalaia Oeste (*vide infra* 4.2.1.5.4.) e no povoado das Baútas (*vide infra* 4.2.2.5.5.).

No sul do território português, no Castelo de Castro Marim, surgem formas semelhantes em contextos do século V a.C. (Arruda e Freitas, 2008, p. 440 – C.M.1. [80] 1972).

Variante 9Ab

O bordo dos exemplares incluídos nesta variante apresenta um ligeiro engrossamento interno, podendo ser ligeiramente reentrante.

Esta variante está representada por um único fragmento (1 NMI). O diâmetro de bordo é de 102 mm e a espessura média da parede é de 4 mm.

Variante 9Ac

Nesta terceira variante incluíram-se os exemplares que partilham entre si um bordo espessado externamente.

Contabilizaram-se duas peças (2 NMI) nesta variante. Os diâmetros de bordo variam entre os 78 mm e os 112 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 5 mm e os 6 mm.

Grupo 9B

Este segundo grupo engloba fragmentos de perfil idêntico ao do grupo anterior, mas que se distinguem dele por apresentarem um bordo pendente na superfície externa.

Neste grupo, incluíram-se dois fragmentos (2 NMI), que correspondem a uma mesma variante.

Variante 9Ba

Os exemplares incluídos nesta variante apresentam um bordo exvertido e prolongado, que forma um pequeno lábio na zona externa. Apresenta um formato tendencialmente arredondado.

Sendo a única variante deste grupo, está representada pelos mesmos dois exemplares (2 NMI). Os diâmetros de bordo oscilam entre os 88 mm e os 99 mm. A espessura média da parede integra-se entre os 5 mm e os 6 mm.

Na zona algarvia, no Castelo de Castro Marim, uma forma muito semelhante foi documentada em níveis do século V a.C. (Arruda e Freitas, 2008, p. 440 – C.M.1. [679] 12542).

Série 10 – Potes e/ou panelas

Esta série integra uma grande variedade de recipientes fechados, de corpo globular ou ovóide.

A dualidade da sua designação reflecte a impossibilidade de distinguir, a nível formal, nos contextos pré-romanos, os vasos essencialmente destinados ao armazenamento de alimentos (potes) dos vocacionados para cozinhar (panelas). Os elementos que poderiam auxiliar na distinção funcional, concretamente marcas de exposição ao fogo, restringem-se, geralmente, aos fragmentos de fundo. Infelizmente, são raras as ocasiões em que é possível associar claramente estes elementos aos seus respectivos bordos. Por outro lado, não é impossível que um mesmo recipiente desempenhe ambas as funções.

Esta série é a mais bem representada no conjunto da cerâmica comum, com 984 fragmentos (977 NMI). Destes, 163 fragmentos (158 NMI) não foram passíveis de integração tipológica nos grupos estabelecidos, sendo integráveis nos grupos de fabrico I (113 NMI), II (5 NMI), III (30 NMI) e IV (10 NMI). Correspondem a 49,19% do conjunto de indivíduos de cerâmica comum.

No conjunto de potes e/ou panelas exumados na Rua dos Correeiros foi possível distinguir nove grupos, atendendo ao perfil geral da peça.

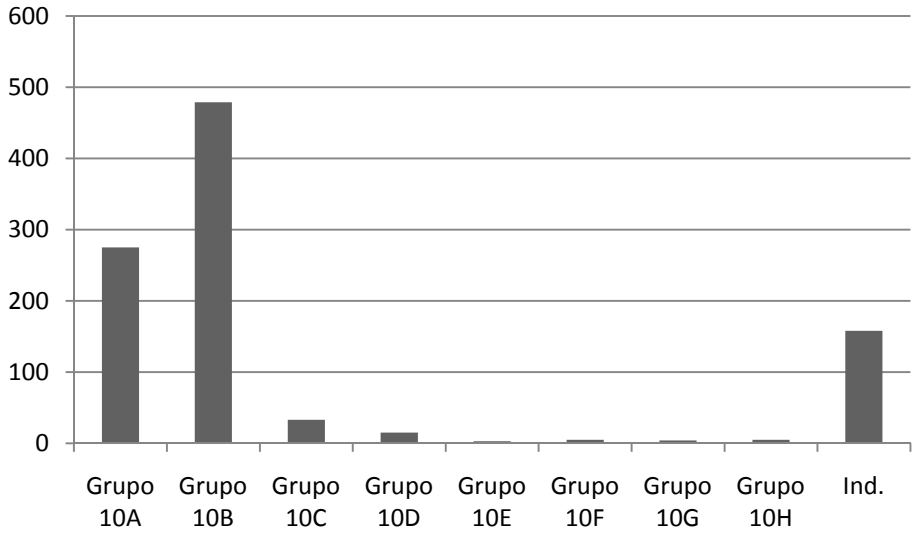


Fig. 128 – Distribuição dos grupos da série 10 (base NMI).

Grupo 10A

Neste grupo, integraram-se recipientes de perfil convexo-côncavo, com corpo globular ou ovóide, com colo curto e estrangulado.

Está representado por 277 fragmentos (275 NMI), que se incluem num mesmo grupo.

Variante 10Aa

Os materiais integrados nesta variante apresentam um bordo simples, exvertido e contínuo, que pode ser ligeiramente engrossado.

Corresponde à forma DIVa1 de Camposoto (Ramon Torres, *et al.*, 2007). A forma também está documentada em Huelva, desde meados do século VI até ao século IV a.C. (Rufete Tomico, 2002), e no Cerro del Villar, a partir de finais do século VII a.C. (Aubet *et al.*, 1999). Na Extremadura espanhola, em Badajoz, a forma surge em níveis da primeira metade do século IV a.C. (Enríquez Navascués *et al*., 1998, p. 179). Em Cancho Roano, está presente em contextos datados do século V a.C. (Celestino Pérez e Jiménez Ávila, 1993, p. 186 – n.º 4; Celestino Pérez, 1996, p. 272 – n.º 3). Em El Chaparral, o mesmo tipo formal apareceu em horizontes datados em torno a finais do século V a.C. (Jiménez Ávila e Ortega Blanco, 2008, p. 275 – n.º 6). No povoado de Aliseda, surge também nos horizontes datados entre os finais do século VI e finais do século V a.C. (Rodríguez Díaz e Pavón Soldevila, 1999, p. 76). No Castillo de Doña Blanca (Puerto de Santa Maria, Cádiz), esta forma parece estar documentada em contextos do século VII a.C., sendo, contudo, particularmente característica das duas centúrias seguintes, perdurando até ao século IV e século III a.C. (Ruiz Mata e Pérez Pérez, 1995, p. 70). Em Sevilha, de acordo com os dados da escavação realizada em San Isidoro 85-6, esta forma está presente desde o segundo quartel do século VI a.C. aparecendo ainda durante o século IV a.C. (Campos Carrasco, Vera Reina e Moreno Menayo, 1988, p. 61 – n.º 470; p. 52 – n.º 370).

Nesta variante, contabilizaram-se 277 fragmentos (275 NMI). O diâmetro do bordo varia entre 124 mm e 216 mm, concentrando-se particularmente entre os 130 mm e os 190 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 6 mm e os 7 mm.

Entre os grupos de fabrico estabelecidos, o I é o dominante (233 NMI), sendo o II (4 NMI) e o III (39 NMI) menos representativos.

Esta forma está presente em outros contextos sidéricos tardios de Lisboa, concretamente na zona da Rua de São João da Praça (Pimenta, Calado e Leitão, 2005b, p. 4, n.º 9, 16 e 17). Também entre os materiais provenientes de contextos pré-romanos escavados no Castelo de São Jorge, actualmente expostos no respectivo núcleo arqueológico, estão presentes vasos com estas características morfológicas (AAVV, 2008, p. 44 – 29).

No concelho da Amadora, esta forma foi identificada no Moinho da Atalaia Oeste (*vide infra* 4.2.1.5.4.), no povoado das Baútas (*vide infra* 4.2.2.5.5.), No Casal de Vila Chã Sul e em Fiat – Alfragide (*vide infra* 4.2.3.).

Em Sintra, surge em Santa Eufémia (*vide infra* 4.3.1.5.5.).

Na Quinta do Almaraz, este tipo de pote/panela foi documentado, havendo mesmo um exemplar de perfil completo (Barros e Henriques, 2002, p. 307 – n.º 9).

No Espigão das Ruivas, no Concelho de Cascais, também foi possível reconhecer esta forma (Cardoso, 1991, p. 31 - fig. 2).

Na Alcáçova de Santarém, também se documenta vasos deste tipo (Arruda, 2000, Est. 45 – n.º 5).

No estuário do Mondego, em Santa Olaia, também foram exumados fragmentos de potes/panelas idênticos a nossa variante 10Aa, que foram, integrados em horizontes da "II Idade do Ferro" (Pereira, 2009, Est. XXXII – n.º 66).

No Estuário do Sado, em Abul, exemplares desta variante também foram identificados em contextos datados do século VI e V a.C. (Mayet e Silva, 2000, p. 212 – n.º 132 e 133). Em Alcácer do Sal, na Rua do Rato, esta forma também se encontra bem documentada (Arruda *et al.*, no prelo).

Ainda no território actualmente português, concretamente na zona algarvia, este tipo formal está também presente no Castelo de Castro Marim, aparecendo em níveis datados do século VI e V a.C. (Arruda e Freitas, 2008, p. 433, fig. 4 – C.M.1. [779] 14806; p. 440, fig. 12 – C.M.1. [650] 12473).

No conjunto destes materiais, são distinguíveis três sub-variantes, atendendo à presença de asas e de aspectos decorativos.

Sub-variante 10Aa.1

A sub-variante 10Aa.1 distingue-se pela presença de uma série de caneluras, de número variável, na zona superior da pança, e que parecem ter uma função, essencialmente, decorativa.

Os melhores paralelos para esta sub-variante correspondem à forma DIVa2 de Camposoto (Ramon Torres, *et al.*, 2007). No Cerro del Villar, recipientes com estas características foram recolhidos em níveis datados de inícios do século VI a.C. (Aubet *et al.*, 1999). Também em Huelva, em escavações realizadas em Puerto 12, se recuperaram fragmentos desta forma em níveis datados de meados do século V a.C. (Rufete Tomico, 2002, p. 122 – n.º 4). Na Extremadura espanhola, em Cancho Roano, um exemplar recolhido em contexto do século V a.C. apresenta grandes afinidades com este nosso tipo (Celestino Pérez, 1996, p. 222 – n.º 1). No Castillo de Doña Blanca (Puerto de Santa María, Cádiz), exemplares com estas características decorativas surgem ainda durante o século VII a.C. e constituem parte integrante do conjunto artefactual do sítio até ao século IV/III a.C., estando bem representados particularmente durante o século VI e o século V a.C. (Ruiz Mata, 1993, p. 67-68; Ruiz Mata e Pérez Pérez, 1995, p. 70).

Esta sub-variante está representada no conjunto com 28 exemplares (28 NMI).

Estes recipientes apresentam, com grande frequência, marcas de exposição ao fogo, indicando que uma das suas principais funções era a confecção de alimentos. Deve ainda referir-se que a maioria dos exemplares (21 NMI) corresponde a um grupo de fabrico específico (grupo III), que surge maioritariamente associado a esta forma.

Peças com esta morfologia estão entre o material exposto no actual Núcleo Museológico do Castelo de São Jorge, sendo provenientes de contextos do século V a.C. das escavações realizadas na Praça Nova. Cabe destacar que também estes exemplares evidenciam marcas de exposição ao fogo, o que corrobora a nossa proposta de que

corresponderem a uma espécie de panelas. Ainda que, naturalmente, seja necessária uma análise consideravelmente mais detalhada (a observação foi feita através do vidro das vitrinas da exposição), as suas pastas parecem apresentar muitas semelhanças com as do III identificado na Rua dos Correeiros.

Em Moinho da Atalaia Oeste, Amadora, existem três exemplares que são também claramente integráveis na sub-variante 10Aa.1 (Pinto e Parreira, 1978, p. 162; *vide infra* 4.2.1.5.4.).

No Estuário do Sado, em Alcácer do Sal, este tipo também está documentado (Arruda *et al.*, no prelo).

Sub-variante 10Aa.2

A sub-variante 10Aa.2 distingue-se por possuir asas que arrancam do bordo.

Está representada no conjunto com dois exemplares (2 NMI).

Esta variante parece estar presente em Almaraz (Barros e Soares, 2004, p. 345 – n.º 6) e também entre os fragmentos expostos no Núcleo Museológico do Castelo de São Jorge, onde, segundo as legendas que acompanham as peças nas vitrinas, foram recuperados em contextos do século V a.C., nas escavações da Praça Nova.

No concelho da Amadora, surge ainda no Moinho da Atalaia Oeste (*vide infra* 4.2.1.5.4.).

No Estuário do Sado, em Abul, também foi recolhido um exemplar integrável nesta variante, em níveis datados do século VI e V a.C. (Mayet e Silva, 2000, p. 212 – n.º 131). Também em Alcácer do Sal, na Rua do Rato, se identificou um exemplar integrável nesta variante (Arruda *et al.*, no prelo).

No Alentejo Central, na Herdade da Sapatoa, uma forma afim foi registada (Mataloto, 2000, Est. XXII). Lembre-se que a ocupação sidérica deste sítio está balizada entre finais do século VI e meados da centúria seguinte.

Sub-variante 10Aa.3

A sub-variante 10Aa.3 apresenta uma asa interna ou «asa de cesta», que também arranca do bordo.

Exemplares com esta morfologia são frequentes na área da Extremadura espanhola, estando documentados em El Chaparral, em contextos do século V a.C., sendo considerados como fósseis directores destes momentos (Jiménez Ávila, Ortega Blanco e López-Guerra, 2007, p. 472; Jiménez Ávila e Ortega Blanco, 2008, p. 274). Em La Mata, em contextos de idêntica cronologia, a forma também está presente (Rodríguez Díaz e Ortiz Romero, 1998, p. 217 – n.º 19 e n.º 11). Igualmente em Cancho Roano este tipo de pote/panela aparece em horizontes do século V a.C. (Celestino Pérez e Jiménez Ávila, 1993, p. 208 – n.º 2; Celestino Pérez, 1996, p. 176 – n.º 5, p. 187 – n.º 2). No povoado de Risco, no vale médio do Tejo, a mesma forma foi identificada em contextos de meados do I milénio a.C. (Pavón Soldevila, Rodríguez Díaz e Enríquez Navascués, 1998). Em Badajoz, um exemplar análogo foi documentado numa fase balizada entre meados do século IV e meados do século II a.C., sem ser possível precisar, mais especificamente, a sua cronologia (Enríquez Navascués *et al*., 1998, p. 182).

Na zona meridional do território peninsular, em Huelva, no decurso das escavações realizadas em Puerto 12, recuperou-se um exemplar enquadrável neste tipo, num nível datado em torno ao século IV a.C. (Rufete Tomico, 2002, p. 136 – n.º 4).

Esta sub-variante está representada no conjunto com onze exemplares (11 NMI).

No território português, ainda que em cerâmica cinzenta, este tipo formal foi registado em Almaraz (Henriques, 2006, p. 59).

Na zona alentejana, a forma foi ainda documentada no Castro da Azougada (Antunes, 2008, p. 339 – n.º 27), em Nossa Senhora de Machede (Évora) (Mataloto, 2000, Est. LXII – n.º 2), Castelão das Nogueiras (Borba) (Mataloto, 2000, Est. LXIII – n.º 38 e 46) e Herdade das Taliscas 4 (Calado e Mataloto, 2008, p. 208 – MTL4 [74-76] – peça 6).

Grupo 10B

Este segundo grupo distingue-se do anterior apenas pela presença de um bordo pendente, mantendo-se praticamente idênticas as restantes características.

Estes recipientes consistem, muito provavelmente, em evoluções derivadas dos *pithoi* da fase orientalizante.

Este grupo está representado por 479 fragmentos (479 NMI). Destes, apenas 11 exemplares (11 NMI) não permitiram um enquadramento em variantes, integrando o grupo de fabrico I.

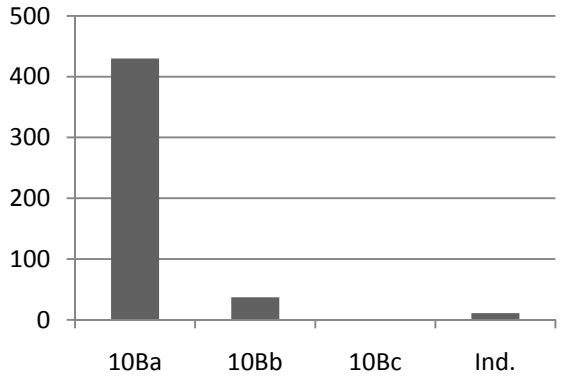


Fig. 129 – Distribuição das variantes do grupo 10 B (base NMI).

As três variantes estabelecidas tiveram como critérios dimensões e pormenores morfológicos do bordo.

Variante 10Ba

Os materiais integrados nesta variante partilham entre si um pequeno lábio pendente, de formato tendencialmente triangular.

Corresponde à forma CVa1 de Camposoto (Ramon Torres, *et al.*, 2007). Esta forma também está documentada em Huelva, em níveis datados desde finais do século V até aos meados do século III a.C. (Rufete Tomico, 2002), e em Cerro del Villar, em estratos de inícios do século VI a.C. (Aubet *et al.*, 1999). Na Extremadura espanhola, em Badajoz, este tipo documenta-se na primeira metade do século IV a.C., perdurando até ao período romano (Enríquez Navascués *et al.*, 1998, p. 179, p. 182 e p. 188-189). Em Cancho Roano, em contextos do século V a.C., também está presente (Celestino Pérez, 1996, p. 217 – n.º 13; p. 268 – n.º 1, n.º 17). Em Aliseda, surge em contextos datados entre finais do século VI a.C. e finais da centúria seguinte (Rodríguez Díaz e Pavón Soldevila, 1999, p. 76).

Esta é a variante mais bem representada do grupo, contando com 430 exemplares (430 NMI). Os diâmetros de bordo variam entre os 144 mm e os 300 mm, concentrando-se especialmente entre os 180 mm e os 210 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 6 mm e os 7 mm.

As peças integram-se maioritariamente no grupo de fabrico I (418 NMI), sendo os restantes minoritários (II – 8 NMI; III – 2 NMI; IV – 2 NMI).

Na actual cidade de Lisboa, nas intervenções realizadas na Rua de São João da Praça, recolheram-se exemplares que podem enquadrar-se neste mesmo tipo (Pimenta, Calado e Leitão, 2005b, p. 3, n.º 1, 3, 6 e 7; p. 4, n.º 8, 11, 13). Os seus contextos de recolha foram datados de meados do séc. III a.C. e entre finais do séc. III e a primeira metade do séc. II a.C. Também na Sé de Lisboa, entre os vasos classificados como *pithoi*, é possível encontrar paralelos para estes vasos (Arruda, 2000, Est. 18 – n.º 4 e 5). Entre os materiais recolhidos por V. Correia no decurso de intervenções realizadas na Rua dos Douradores é possível observar a presença desta forma (Cardoso e Carreira, 1993; Cardoso, 2004, p. 253 – fig. 189).

Na margem esquerda do Tejo, no sítio da Quinta da Torre, foram recolhidos alguns fragmentos que parecem poder integrar-se neste mesmo tipo de vaso (Cardoso e Carreira, 1997-1998, fig. 8 e 9).

Na Amadora, este pote/panela também está representado em Moinho da Atalaia Oeste (Pinto e Parreira, 1978, p. 159 – b; *vide infra* 4.2.1.5.4.), em Baútas (*vide infra* 4.2.2.5.5.), nos Moinhos do Filipinho, no Casal de Vila Chã Sul, em Fiat Alfragide e em Alfragide Segundo Sul (*vide infra* 4.2.3.).

Em Sintra, documentaram-se exemplares idênticos no povoado de Santa Eufémia (Marques, 1982-83, p. 77 – b, f, p. 81 – b; *vide infra* 4.3.1.5.5.) e no Castelo dos Mouros (*vide infra* 4.3.2.).

Na Alcáçova de Santarém, vasos semelhantes foram designados com a forma "afim de *pithoi*" (Arruda, 2000, Est. 45 – n.º 1).

Deve ainda registar-se a presença deste tipo formal em Santa Olaia, em horizontes da "II Idade do Ferro" (Pereira, 2009, Est. XXXI – n.º 56; Est. XXXII – n.º 62).

No Estuário do Sado, em Alcácer do Sal, esta forma também está bem documentada (Arruda *et al.*, no prelo).

No Alentejo, entre os materiais de provável contexto sepulcral recuperados em Torre de Palma, datados entre finais do século VII e inícios do século V a.C., um exemplar semelhante foi encontrado (Mataloto, Langley e Boaventura, 2008, p. 288 – TP 2000.419.1).

Sub-variante 10Ba.1

Exemplares que evidenciam sinais de possuírem uma asa externa foram integrados na sub-variante 10Ba.1.

Esta sub-variante está representada no conjunto por um único exemplar (1 NMI).

Variante 10Bb

Esta variante distingue-se da anterior por apresentar um lábio pendente, engrossado e de formato arredondado.

Materiais semelhantes foram identificados em Camposoto, Cádis, a que se atribuiu a designação de forma CIa (Ramon Torres, *et al.*, 2007). Também em Huelva se reconheceram exemplares idênticos, recolhidos em contextos datáveis desde meados do século VI até meados do século III a.C. (Rufete Tomico, 2002). Contudo, nas escavações efectuadas no Cabezo de San Pedro, esta forma documenta-se num nível datado entre o século VII e o primeiro quartel da centúria seguinte (Belén, Fernández-Miranda e Garrido, 1977, p. 161 – n.º 9). Em Cancho Roano, este tipo de potes/panelas também foi recolhido em contextos do século V a.C. (Celestino Pérez e Jiménez Ávila, 1993, p. 185 – n.º 1; Celestino Pérez, 1996, p. 198). Em Aliseda, surgiu em níveis cronologicamente integrados entre os finais do século VI e os finais do século V a.C. (Rodríguez Díaz e Pavón Soldevila, 1999, p. 76). Em Sevilha, nas escavações de San Isidoro 85-6, esta forma documenta-se a partir do século VII a.C. (Campos Carrasco, Vera Reina e Moreno Menayo, 1988, p. 67 – n.º 570 e n.º 547).

Contabilizaram-se 37 fragmentos (37 NMI) nesta variante. Os bordos apresentam diâmetros compreendidos entre os 148 mm e os 258 mm, concentrando-se entre os 200 mm e os 210 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 7 mm e os 8 mm.

Integram o grupo de fabrico I (35 NMI), III (1 NMI) e IV (1 NMI).

Exemplares classificáveis neste tipo documentam-se na área urbana de Lisboa, nas escavações da Rua de São João da Praça (Pimenta, Calado e Leitão, 2005b, p. 4, n.º 14), num nível balizado entre finais do séc. III e a primeira metade do séc. II a.C. (Pimenta, Calado e Leitão, 2005a, p. 319-320). Entre o espólio recuperado por V. Correia na Rua dos Douradores também foi possível identificar a presença desta forma (Cardoso e Carreira, 1993; Cardoso, 2004, p. 253 – fig. 189).

Na margem esquerda do Tejo, no sítio da Quinta da Torre, existe um exemplar integrável nesta forma (Cardoso e Carreira, 1997-1998, fig. 9 – n.º 8).

Na Amadora, é possível identificar este tipo em Moinho de Atalaia Oeste (Pinto e Parreira, 1978, p. 159 – a; *vide infra* 4.2.1.5.4.), no povoado das Baútas (*vide infra* 4.2.2.5.5.), nos Moinhos do Filipinho, em Casal de Vila Chã Sul e em Fiat – Alfragide (*vide infra* 4.2.3.).

Em Sintra, surge em Santa Eufémia (*vide infra* 4.3.1.5.5.).

Em Cascais, na estação conhecida como Espigão das Ruivas, esta forma foi igualmente documentada (Cardoso, 1991, p. 31 - fig. 2).

Na Alcáçova de Santarém, potes/panelas idênticos do ponto de vista formal foram também recolhidos (Arruda, 2000, Est. 68 – n.º 2 a 3).

Em Alcácer do Sal, entre os materiais recuperados na Rua do Rato, também é possível reconhecer esta forma (Arruda *et al.*, no prelo).

No Alentejo Central, na Herdade da Sapatoa, este tipo foi também exumado (Mataloto, 2000, Est. XXI e Est. XXIV), estando a ocupação do sítio balizada entre finais do século VI e meados do século V a.C.

Sub-variante 10Bb.1

A sub-variante 10Bb.1 integra fragmentos que apresentam asas externas que arrancam do bordo.

Esta sub-variante está representada no conjunto singularmente (1 NMI).

Variante 10Bc

Esta terceira variante engloba fragmentos semelhantes aos da variante 9Ba, mas que dela se distingue por terem uma maior dimensão.

Apenas um fragmento (1 NMI) é integrável nesta variante. O diâmetro de bordo é de 440 mm e a espessura média da parede de 8 mm.

Corresponde ao grupo de fabrico I.

Na Amadora, no povoado das Baútas, também se identificou esta forma (*vide infra* 4.2.2.5.5.).

Grupo 10C

Os materiais incluídos neste terceiro grupo apresentam um colo mais alto em relação aos exemplares anteriores e um bordo exvertido, mais prolongado.

Contabilizaram-se 33 fragmentos (33 NMI) neste grupo.

Diferenças observáveis ao nível do colo e bordo dos recipientes possibilitaram uma subdivisão em duas variantes.

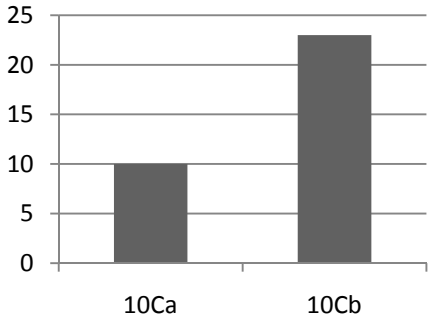


Fig. 130 – Distribuição das variantes do grupo 10C (base NMI).

Variante 10Ca

Esta variante integra os exemplares de bordo simples, e que não apresentam sinais de engrossamento.

Em Huelva, vasos análogos surgem em contextos datados desde o século V até meados do século III a.C. (Rufete Tomico, 2002). Em Cancho Roano, a forma documenta-se ao longo do século V a.C. (Celestino Pérez, 1996).

Esta variante está representada por dez fragmentos (10 NMI). Os diâmetros de bordo variam entre os 150 mm e os 228 mm. A espessura média da parede é de 6 mm.

Integram o grupo de fabrico I (8 NMI), II (1 NMI) e IV (1 NMI).

Em Lisboa, este tipo parece estar presente no conjunto cerâmico pré-romano recuperado durante as intervenções da Rua de São João da Praça (Pimenta, Calado e Leitão, 2005b, p. 4, n.º 15), num nível datado entre finais do séc. III e a primeira metade do séc. II a.C.

Surge ainda no concelho da Amadora, no Moinho da Atalaia Oeste (*vide infra* 4.2.1.5.4.), no povoado das Baútas (*vide infra* 4.2.2.5.5.) e em Casal de Vila Chã Sul (*vide infra* 4.2.3.).

No estuário do Mondego, em Santa Olaia, foi possível também documentar esta forma em horizontes atribuídos à "II Idade do Ferro" (Pereira, 2009, Est. XXXI – n.º 60).

Ainda no território actualmente português, cabe destacar a ocorrência deste tipo entre os materiais de provável contexto sepulcral de Torre de Palma, aos quais se atribui uma cronologia balizada entre finais do século VII e inícios do século V a.C. (Mataloto, Langley e Boaventura, 2008, p. 288 – TP 2000.405.10).

Variante 10Cb

Os materiais englobados nesta variante apresentam o bordo engrossado.

Vasos idênticos quanto à forma foram registados em Huelva, em níveis balizados entre finais do século VI e século IV a.C. (Rufete Tomico, 2002) e também em Cerro del Villar, a partir de inícios do século VI a.C. (Aubet *et al.*, 1999).

Nesta variante, integraram-se 23 fragmentos (23 NMI). Os diâmetros de bordo variam entre os 130 mm e os 264 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 5 mm e os 6 mm.

Correspondem ao grupo de fabrico I (19 NMI) e II (4 NMI).

Na área urbana de Lisboa, foi possível identificar um exemplar integrado nesta forma entre o conjunto artefactual recolhido por Vergílio Correia na "crasta" da Sé de Lisboa (Cardoso e Carreira, 1993; Cardoso, 2004, p. 239 – fig. 183).

A forma está também presente no concelho da Amadora, em Moinho da Atalaia Oeste (*vide infra* 4.2.1.5.4.) e no povoado das Baútas (*vide infra* 4.2.2.5.5.).

Em Sintra, surge em Santa Eufémia (*vide infra* 4.3.1.5.5.).

Na Quinta do Almaraz, também foi recolhido um pote/panela que se assemelha aos que estudámos da Rua dos Correeiros (Barros e Henriques, 2002, p. 311 – n.º 42).

Uma forma idêntica parece registar-se no Espigão das Ruivas, em Cascais (Cardoso, 1991, p. 31 - fig. 2).

Grupo 10D

Neste grupo, integram-se exemplares que, apesar de, ao nível do corpo e do bordo, manterem semelhanças com as formas do grupo 10B, apresentam um colo menos estrangulado e, consequentemente, mais largo. Esta peculiaridade confere um aspecto mais aberto a estes recipientes.

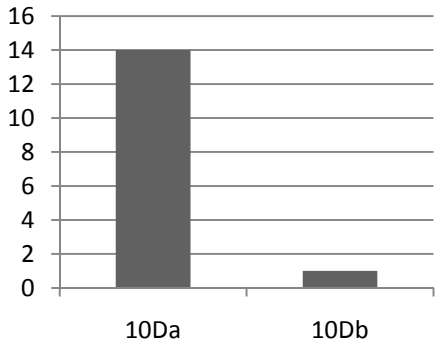


Fig. 131 – Distribuição das variantes do grupo 10D (base NMI).

Este grupo está representado por 15 fragmentos (15 NMI).

Algumas diferenças observáveis na morfologia do bordo justificam a distinção em duas variantes.

Variante 10Da

Esta variante engloba fragmentos de bordo pendente e de formato tendencialmente triangular.

Contabilizaram-se 14 fragmentos (14 NMI) nesta variante. Os diâmetros de bordo variam entre os 170 mm e os 266 mm, apresentando alguma concentração entre os 180 mm e os 190 mm. A espessura média da peça centra-se entre os 6 mm e os 7 mm.

Todos os exemplares integram o grupo de fabrico I.

Variante 10Db

Os materiais que compõem esta variante caracterizam-se por apresentarem um bordo pendente de formato arredondado.

Esta variante está representada por um único fragmento (1 NMI). O diâmetro de bordo é de 230 mm e a espessura média da parede de 7 mm.

Integra o grupo de fabrico I.

Esta forma surge, no concelho da Amadora, no Moinho da Atalaia Oeste (*vide infra* 4.2.1.5.4.).

Grupo 10E

Os exemplares integrados neste grupo distinguem-se por apresentar uma carena bastante acentuada na zona média do corpo.

Apenas três peças (3 NMI) são enquadráveis neste grupo, integrando uma mesma variante. Correspondem todas ao grupo de fabrico I.

Variante 10Ea

Os fragmentos englobados nesta variante partilham entre si bordos pendentes de formato triangular.

Entre os materiais recuperados na escavação da Rua Tres de Agosto, em Huelva, existe um exemplar com um perfil muito semelhante, recolhido num nível datado em torno ao século V a.C. (Rufete Tomico, 2002, p. 80 – n.º 5).

Sendo a única variante deste grupo, está representada pelos mesmos três exemplares (3 NMI). O diâmetro de bordo varia entre os 162 mm e os 183 mm. A espessura média da parede oscila entre os 6 mm e os 7 mm.

Grupo 10F

Os materiais que compõem este grupo distinguem-se, essencialmente, por apresentarem colos muito curtos. Infelizmente, o elevado estado de fragmentação do conjunto cerâmica da Rua dos Correeiros não permite descrições mais detalhadas para o corpo da peça.

Neste grupo contabilizaram-se cinco exemplares (5 NMI), que integram uma mesma variante. Correspondem todos ao grupo de fabrico I.

Variante 10Fa

Nesta variante incluíram-se os exemplares que partilham entre si um bordo exvertido, de formato arredondado.

Uma vez que esta é a única variante deste grupo, está representada pelos mesmos cinco fragmentos (5 NMI). O diâmetro de bordo é de 138 mm e a espessura média da parede de 4 mm.

Esta forma está documentada no povoado de Santa Eufémia, em Sintra (*vide infra* 4.3.1.5.5.).

Grupo 10G

Este grupo incorpora uma série de exemplares que, ao contrário dos restantes, perdem o perfil de dupla curva convexa – côncava, uma vez que a área do bordo tem uma orientação claramente reentrante.

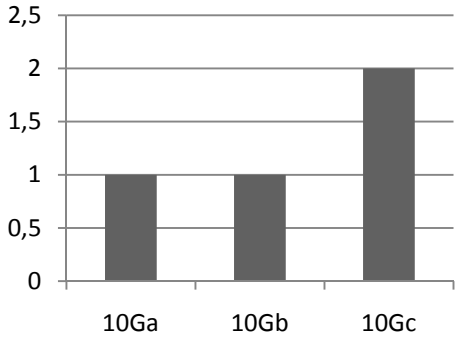


Fig. 132 – Distribuição das variantes do grupo 10G (base NMI).

Neste grupo contabilizaram-se quatro exemplares (4 NMI), sendo as suas pastas integráveis no grupo de fabrico I.

As características diferenciáveis do bordo permitiram, ainda assim, uma subdivisão em três variantes.

Variante 10Ga

Os fragmentos integrados nesta variante apresentam um bordo simples, reentrante e de secção ovalada. A separação entre a pança e o bordo é bastante acentuada.

No território peninsular, documentam-se formas semelhantes a esta em Cerro Macareno, ainda que em níveis mais tardios, datáveis do século III a.C. (Pellicer Catalán, Escacena Carrasco e Bendala Galán, 1983, p. 121 – n.º 1913). Na Extremadura espanhola, em La Mata, existe um exemplar, recolhido num contexto do século V a.C., que apresenta grandes semelhanças com esta variante (Rodríguez Díaz e Ortiz Romero, 1998, p. 217 – n.º 2). Em La Fonteta, foram encontradas formas análogas em níveis datados entre

meados do século VI a.C. e o final do terceiro quartel da mesma centúria (Rouillard, Gailledrat e Sala Sellés, 2007, p. 281 – n.º 17 e 18).

Esta variante está representada por um único exemplar (1 NMI). O diâmetro de bordo é de 180 mm e a espessura média da parede de 5 mm.

Variante 10Gb

Esta segunda variante engloba fragmentos de bordo de secção ovalada e de tendência reentrante. A área entre o bordo e o corpo é marcada por uma carena acentuada.

Uma forma semelhante regista-se em Cerro Macareno, num nível datado do século III a.C. (Pellicer Catalán, Escacena Carrasco e Bendala Galán, 1983, p. 121 – n.º 1954 (3)). Em Huelva, um outro fragmento apresenta muitas analogias com o fragmento de Lisboa, apesar de o seu diâmetro ser aí consideravelmente maior (Rufete Tomico, 2002, p. 67 – n.º 1). A cronologia do nível da sua recolha está balizada entre finais do século VI e inícios do século V a.C.

Tal como na variante anterior, apenas um exemplar é aqui enquadrável (1 NMI). O diâmetro de bordo é de 86 mm e a espessura média da parede de 4 mm.

No concelho da Amadora, este tipo está documentado no Moinho da Atalaia Oeste (*vide infra* 4.2.1.5.4.).

Variante 10Gc

Nesta variante agruparam-se os fragmentos de bordo mais verticais e de terminação aplanada.

Esta variante está representada por dois exemplares (2 NMI). O diâmetro de bordo varia entre 188 mm e os 220 mm. A espessura média da parede é de 5 mm.

Grupo 10H

Este grupo engloba uma série de exemplares de grandes dimensões, quando comparados com os restantes potes e/ou panelas. Ao nível do perfil, estas formas aproximam-se de outras integradas na categoria dos contentores anfóricos, apresentando, contudo, diâmetros demasiado largos para aí se inserirem.

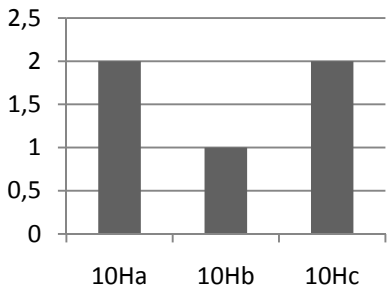


Fig. 133 – Distribuição das variantes do grupo 10H (base NMI).

Cinco fragmentos (5 NMI) foram enquadrados neste grupo.

Diferenças ao nível do bordo e perfil exterior permitiram uma distinção de três variantes.

Variante 10Ha

Esta variante incorpora exemplares de bordo com tendência reentrante, engrossados na superfície interna.

Em Huelva, nas intervenções realizadas em Puerto 12, identificou-se um exemplar semelhante a esta forma, tendo sido recolhido num nível datado em torno ao século IV a.C. (Rufete Tomico, 2002, p. 141 – n.º 11).

Esta variante está representada por dois exemplares (2 NMI). O diâmetro de bordo varia entre os 178 mm e os 200 mm. A espessura média da parede oscila entre os 6 mm e os 7 mm.

Ambos correspondem ao grupo de fabrico I.

Recipientes com características formais idênticas foram recolhidos na Rua de São João da Praça, ainda que tenham sido interpretados como fragmentos de ânforas do tipo 4.2.2.5. de Ramon Torres (Pimenta, Calado e Leitão, 2005a, p. 323, n.º 14 e n.º 15). Um

dos fragmentos foi recuperado num contexto datado de meados do séc. III a.C. e o outro num nível balizado entre finais do séc. III e primeira metade do séc. II a.C.

Variante 10Hb

A segunda variante deste grupo é composta por fragmentos de bordo vertical e relativamente engrossado. Apresenta ainda uma pequena pega perfurada, colocada no início da pança.

Em Huelva, em escavações realizadas na Rua Tres de Agosto 9-11, recolheu-se, num nível datado do século V a.C., um exemplar semelhante a esta variante, ainda que careça de asas (Rufete Tomico, 2002, p. 80 – n.º 16).

Um único fragmento (1 NMI) integra esta variante. O diâmetro de bordo é de 230 mm e a espessura média da parede de 6 mm.

Insere-se no grupo de fabrico II.

No concelho da Amadora, esta forma surge no Moinho da Atalaia Oeste (*vide infra* 4.2.1.5.4.).

Variante 10Hc

Nesta última variante, incluíram-se fragmentos de bordo exvertido e consideravelmente engrossado, ao nível da superfície interna da peça.

Contabilizaram-se dois exemplares nesta variante (2 NMI). Os diâmetros de bordo variam entre os 150 mm e os 194 mm. A espessura média da parede é de 6 mm.

Ambos se inserem no grupo de fabrico I.

Das escavações da Sé de Lisboa provêm dois exemplares que podem ser integráveis neste tipo (Arruda, 2000, Est. 24 – n.º 5 e 6).

Na Amadora, no povoado das Baútas, também foi possível identificar esta forma (*vide infra* 4.2.2.5.5.).

Série 11 – Jarros

Nesta série englobaram-se uma série de exemplares de diâmetros reduzidos e colos altos e pouco estrangulados. A boca é circular.

Estes materiais parecem corresponder a jarros, destinados ao serviço de líquidos.

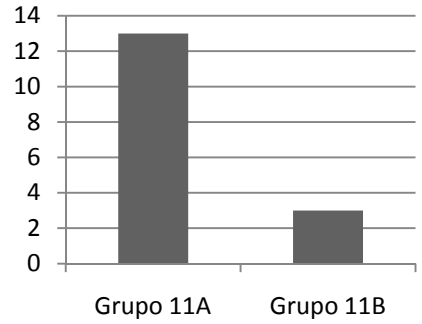


Fig. 134 – Distribuição dos grupos da série 11 (base NMI).

A série está representada por 16 exemplares (16 NMI), que correspondem a 0,81% do conjunto de indivíduos de cerâmica comum.

No grupo dos materiais recolhidos na Rua dos Correeiros, foi possível distinguir dois grupos atendendo ao perfil geral da peça.

Grupos 11A

Neste grupo, incluíram-se fragmentos de perfil contínuo, de colo alto e pouco estrangulado e bordo exvertido.

Contabilizaram-se 13 fragmentos neste grupo (13 NMI).

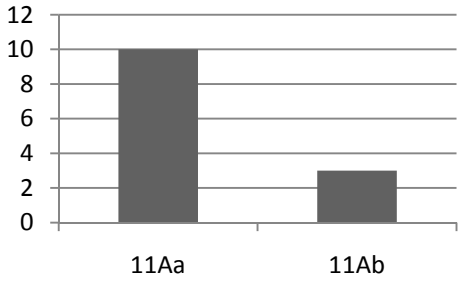


Fig. 135 – Distribuição das variantes do grupo 11A (base NMI).

Diferenças assinaláveis na morfologia do bordo dos recipientes permitiram a sua subdivisão em duas variantes.

Variante 11Aa

Os materiais incorporados neste variante apresentam um bordo simples, sem sinais de engrossamento.

Reconhecemos esta forma em Huelva, em níveis datados desde o segundo terço do século VI até ao século V a.C. (Rufete Tomico, 2002), e, em Cerro del Villar, a partir de inícios do século VI a.C. (Aubet *et al.*, 1999).

Esta variante está representada por dez peças (10 NMI). Os diâmetros de bordo variam entre os 70 mm e os 105 mm. A espessura média da parede oscila entre os 5 mm e os 6 mm.

Todos se inserem no grupo de fabrico I.

No concelho da Amadora, esta forma surge no Moinho da Atalaia Oeste (*vide infra* 4.2.1.5.4.).

Também no Estuário do Sado, em Alcácer do Sal, se documentou um exemplar com idênticas características (Arruda *et al.*, no prelo).

Sub-variante 11Aa.1

A sub-variante 10Aa.1 inclui os fragmentos que têm uma asa lateral, de secção ovalada, que arranca do bordo.

Esta sub-variante está representada no conjunto por um único exemplar (1 NMI).

Variante 11Ab

Nesta segunda variante, inclui-se os exemplares que apresentam uma protuberância na área mesial do colo, acima da qual se situam ainda uma série de caneluras. Os bordos mantêm-se simples e não engrossados.

A presença das caneluras poderia integrar estes materiais numa sub-variante. Contudo, dada a inexistência, até ao momento, de exemplares que não apresentem tais características, leva-nos a não efectuar, de momento, tal divisão.

Três fragmentos (3 NMI) integram esta variante. O diâmetro de bordo varia entre os 86 mm e os 126 mm. A espessura média da parede é de 5 mm.

Inserem-se no grupo de fabrico I (1 NMI) e III (2 NMI).

Um fragmento de bordo exumado em Moinho de Atalaia Oeste, Amadora, corresponde a este tipo (Pinto e Parreira, 1978, p. 162; *vide infra* 4.2.1.5.4.).

Grupo 11B

Este segundo grupo integra fragmentos que partilham entre si um bordo pendente.

Está representado por três fragmentos (3 NMI), que se incluem numa mesma variante.

Variante 11Ba

Nesta variante englobam-se os fragmentos de bordo exvertido e pendente, de secção arredondada.

Exemplares de morfologia semelhante foram recuperados no decurso das escavações realizadas em Cerro del Villar, estando datados do século VI a.C. (Aubet *et al.*, 1999).

Sendo a única variante deste grupo, conta com os mesmos três exemplares (3 NMI). Os diâmetros de bordo variam entre os 90 mm e os 118 mm. A espessura média da parede é de 6 mm.

Inserem-se nos grupos de fabrico I (2 NMI) e III (1 NMI).

Em Alcácer do Sal, na Rua do Rato, foram recuperados alguns fragmentos de idênticas características formais (Arruda *et al.*, no prelo).

Série 12 – Vasos de perfil acampanado

A série 12 engloba exemplares que, provavelmente, desenvolvem um corpo ovóide, o que conjuntamente com o colo, poderá formar um vaso de perfil acampanado, semelhante a um vaso à Chardon. Parecem corresponder a grandes vasos de armazenamento.

Está representada por um único fragmento (1 NMI), que integra, naturalmente, um mesmo grupo. Corresponde a 0,05% do conjunto de indivíduos de cerâmica comum.

Grupo 12A

Neste grupo inserem-se os fragmentos de perfil exvertido e de colo alto.

Sendo o único grupo da série, conta com o mesmo exemplar (1 NMI), integrável no grupo de fabrico II.

Variante 12Aa

O exemplar inserido nesta variante apresenta o bordo prolongado e exvertido, sem sinais de engrossamento.

É possível propor alguma relação entre esta forma e os vasos comummente designados de "vasos à chardon", ainda que estes últimos sejam particularmente característicos do período orientalizante. Estes não são exclusivos da categoria da cerâmica dita comum ou pintada em bandas, sendo também recorrentes exemplares em cerâmica manual e cerâmica cinzenta. A sua difusão ocorre a uma escala mediterrânea, no contexto de ambientes fenícios (Pellicer Catalán, 1968; Belén e Pereira, 1985). Existe, contudo, alguma discussão se os exemplares de "vasos à chardón" documentados na Península Ibérica se integram nessa esfera semita ou se correspondem, por outro lado, a uma evolução autóctone de formas análogas dos horizontes do Bronze Final peninsular (Aubet, 1975; Torres Ortíz, 2002).

Em produções a torno, a forma está bem documentada a partir de finais do século IX a.C., como se verifica, por exemplo na necrópole de Setefilla (Aubet, 1975; Torres Ortíz, 2008b). A partir de finais do século VIII e particularmente durante o século VII a.C., a sua presença torna-se mais frequente (Torres Ortíz, 2008b, p. 659), documentando-se na necrópole de La Joya (Garrido y Orta, 1978), na necrópole de Cruz del Negro (Maier, 1992), na necrópole de Medellín (Torres Ortíz, 2008b), em Montemolín (Bandera *et al.,* 1993), e Cerro de los Infantes (Molina *et al.,* 1983). Em Carmona, na Casa Palácio Marqués de Saltillo, este tipo de vasos surgem em contextos mais tardios, datados em torno a inícios do século V a.C. (Belén *et al.,* 1997), ainda que se estabeleça a possibilidade de o conjunto artefactual recuar para meados da centúria anterior (Torres Ortíz, 2008b, p. 662). Na Extremadura espanhola, a forma documenta-se ainda numa necrópole localizada junto ao rio Aljucén (Enríquez Navascués, 1991, p. 180 – n.º 4).

No Estuário do Tejo, a forma regista-se na Alcáçova de Santarém (Arruda, 2000).

No sul do território actualmente português, a forma documenta-se ainda no Castelo de Castro Marim, mas em cerâmica manual (Oliveira, 2006).

A única peça desta variante (1 NMI) tem um diâmetro de bordo de 292 mm e uma espessura média da parede de 7 mm.

Série 13 – Vasos de perfil esférico

Nesta série incluem-se fragmentos de vasos perfil aparentemente esféricos, que deverão equivaler, tal como no caso anterior, a vasos de armazenamento.

Tal como na série anterior, apenas um fragmento (1 NMI) é aqui enquadrável. Corresponde a 0,05% do conjunto de indivíduos de cerâmica comum.

Grupo 13A

Neste grupo integram-se os fragmentos com bordo de tendência reentrante.

Sendo o único grupo da série, está representado singularmente (1 NMI), integrando o grupo de fabrico I.

Variante 13Aa

Esta variante engloba fragmentos de bordo não engrossado. Apresenta ainda uma série de caneluras na zona superior do bordo.

Em Huelva, no decurso das escavações arqueológicas realizadas em Puerto 12, recolheu-se um exemplar análogo a esta variante, num nível datado de meados do século VI a.C. (Rufete Tomico, 2002, p. 117 – n.º 6).

A única peça desta variante (1 NMI) tem um diâmetro de bordo de 280 mm e uma espessura média da parede de 6 mm.

Série 14 – Unguentários

Esta última série incorpora recipientes fechados de bordo muito reduzido. Parecem corresponder a unguentários. A funcionalidade destes vasos relaciona-se, tradicionalmente, com o uso sumptuário.

Está representada por dois exemplares (2 NMI), que integram um mesmo grupo. Corresponde a 0,10% do conjunto de indivíduos de cerâmica comum.

Grupo 14A

Este grupo inclui fragmentos de colo estreito.

Contabilizaram-se os mesmos dois fragmentos (2 NMI), que correspondem a uma mesma variante. Ambos se integram no grupo de fabrico I.

Variante 14Aa

Esta variante engloba bordos contínuos e simples, de tendência vertical.

Esta variante está representada por duas peças (2 NMI). O diâmetro de bordo é de 18 mm. A espessura média da parede oscila entre os 4 mm e os 5 mm.

Fragmentos de forma indeterminada

No conjunto de cerâmica comum pré-romana recuperado na Rua dos Correeiros, existem ainda 626 fragmentos (151 NMI) que não possibilitaram um enquadramento no quadro tipológico estabelecido. Correspondem a 7,60% do conjunto de indivíduos de cerâmica comum.

Destes, 150 fragmentos (150 NMI) correspondem a bordos, cujo elevado estado de fragmentação não permitiu o seu enquadramento no quadro tipológico estabelecido.

Dos restantes, 81 são fragmentos de asa, 316 de fundo (1 NMI) e 79 de paredes e carenas.

A esmagadora maioria dos fragmentos de asa (cerca de 45 exemplares) apresenta uma secção circular. Em menor quantidade (16 exemplares), encontram-se as asas de secção ovalada. Destacam-se ainda dois fragmentos de asa de secção bífida e três de secção «trífida». Um único fragmento tem uma secção quadrangular.

Em relação às asas de secção «trífida», deve dizer-se que um exemplar de idênticas características formais foi recuperado nas escavações da necrópole de Medellín, sendo atribuído a um *pithos* de tipo Loring, datado em torno aos meados do século VII a.C. (Torres Ortíz, 2008a, p. 656). Também em Huelva, nas escavações efectuadas no Cabezo de San Pedro, uma asa com idênticas características foi recolhida num nível datado do século VI a.C., podendo esta baliza alargar-se até à centúria seguinte (Belén, Fernández-Miranda e Garrido, 1977, p. 154 – n.º 1). Em Portugal, foram reconhecidas em *pithoi* de Santa Olaia (Pereira, 1997) e em Castro do Amaral (Pimenta e Mendes, no prelo).

Ao nível dos fragmentos de fundo, destacam-se, pela sua frequência, os que apresentam um perfil simples. A sua base pode ser plana ou convexa e podem ter ainda um pé destacado. O corpo da maioria dos recipientes parece ser de tendência esférica, ainda que outros sejam de tendência mais rectilínea. Outro tipo de fundos bem representado, ainda que menos frequentes, corresponde a fundos em ônfalo. Fundos deste género foram recolhidos em níveis sidéricos tardios na cidade de Lisboa (Pimenta, Calado e Leitão, 2005b, p. 4, n.º 19). Por último, cabe destacar a presença de fundos de pé anelar alto.

Motivos decorativos

Entre o conjunto de cerâmica comum da Rua dos Correeiros, nas paredes de alguns recipientes, foi possível identificar a presença de decoração pintada a branco, de formato reticulado (Est. 89 – 5853; Est. 115 – 7216, 1418, 1927). Deve referir-se que, em Lisboa, esta decoração surge entre o conjunto da Sé de Lisboa (Arruda, 1999-2000).

Outros fragmentos apresentam decorações não pintadas. Estas dividem-se, essencialmente, em dois grupos: decorações incisas e decorações estampilhadas.

Entre as primeiras, destacam-se, sobretudo, dois motivos. Um deles corresponde, talvez, ao fragmento mais emblemático do espólio, correspondendo a uma parede de uma tigela do tipo 1Aa (Est. 44 – 2831). Na sua face interna, está representada uma embarcação. A morfologia da proa, da popa e do que se presume ser o mastro, ao centro, permitiu a sua identificação como *hippos* (Arruda, 1999-2000; p. 28; Arruda e Vilaça, 2006, p. 39).

Idênticas figurações estão representadas na outra margem do Tejo, no povoado da Quinta de Almaraz. Correspondem, concretamente, a dois fragmentos cerâmicos, onde a decoração incisa figura, tal como no caso anterior, embarcações. Também nestes casos, parece ser o *hippos* o tipo de barco representado. Num deles é visível uma proa bastante levantada, um remo e parte da vela. No outro, conservou-se a figuração da vela, de um par de remos e da proa, onde está desenhado um olho (Barros, 1998; Cardoso, 2004; Arruda e Vilaça, 2006).

O outro motivo decorativo identificado corresponde ao desenho estilizado de uma espiga, que a parede externa de um suporte da variante 8Aa de cerâmica comum exibe (Est. 53 – 5415).

Este tipo de representação não é completamente inédito na fachada ocidental atlântica portuguesa. No Estuário do Sado, em Abul B, o mesmo motivo decorativo foi identificado num fragmento de fundo de um prato de cerâmica de engobe vermelho, recolhido na fase mais tardia da ocupação sidérica, datada em torno do século VI e V a.C. (Mayet e Silva, 2000, p. 196 – n.º 2), bem como em Setúbal, na Travessa dos Apóstolos (Soares e Silva, 1986). Estas espigas estilizadas foram ainda documentadas em Santa Olaia, no Estuário do Mondego (Rocha, 1908).

Entre as decorações obtidas com matrizes, apenas de documentaram outros dois exemplares. O único em que é possível reconhecer o motivo corresponde também a um suporte da variante 8Aa de cerâmica comum (Est. 67 – 536), aplicado na parte superior interna do vaso. Consiste numa única figuração, repetida em duas estampilhas. Representa um animal que pode corresponder a um cavalo, inserido numa cartela de formato sub-quadrangular.

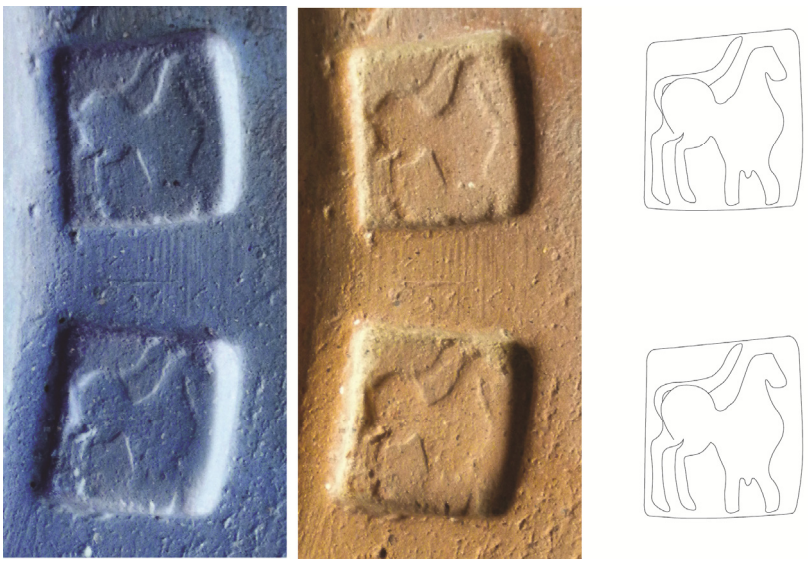


Fig. 136 – Decoração estampilhada da Rua dos Correeiros.

As figurações de cavalos não são frequentes no mundo orientalizante da Península Ibérica, ainda que estejam representados, de forma por vezes muito esquemática, nas estelas de tipo extremenho (Almagro Basch, 1966). Na fachada ocidental atlântica, concretamente em Alcácer do Sal, no Estuário do Sado, existe também um pequeno bronze interpretado como cavalo, que foi recolhido no Castelo, em área onde se propôs localizar um santuário (Gomes, 2008).

No Estuário do Tejo, estudos arqueozoológicos permitiram atestar a presença destes animais, durante a Idade do Ferro, em sítios como a Alcáçova de Santarém (Davis, 2006) e na Quinta do Almaraz (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993), ainda que, neste local, não seja possível a distinção dos vestígios entre o cavalo e o burro doméstico.

A sua escassa representatividade nos conjuntos faunísticos da Idade do Ferro parece ser indicativa da sua não inclusão nas dietas alimentares, uma vez estariam adstritos, sobretudo, a actividades bélicas, adquirindo também significados na esfera simbólica e social dignos de nota. Esse significado justifica a sua representação, ainda que rara, na iconografia e tourêutica do Sudoeste.

A decoração estampilhada não é frequente em contextos de matriz mediterrânea na Península Ibérica, ainda que surja associada à produção anfórica da Baía de Cádis (Muñoz Vicente, Frutos Reyes, Berriatúa Hernández, 1988; Perdigones Moreno e Muñoz Vicente, 1990), onde as estampilhas, florais (rosetas), animais e outras representado a deusa Tanit, têm sido relacionadas como signos com a função de «marcas de oleiro» ou de olaria.

O outro motivo estampilhado não permite uma leitura concreta. Insere-se no interior de uma cartela de formato circular, parecendo corresponder a um motivo ziguezagueante. Tal como no caso anterior, também figura na parte superior de um suporte da variante 8Aa (Est. 3 – 2393).

Discussão

A cerâmica comum corresponde à categoria mais abundante nos níveis pré-romanos da Rua dos Correeiros, integrando 67,80% do conjunto analisado.

O seu repertório formal é bastante diversificado. As formas mais abundantes são as destinadas principalmente à confecção e armazenamento de alimentos, que correspondem à série 10, e que constituem 49,19% da cerâmica comum. Seguem-se as tigelas da série 1, também muito expressivas no conjunto, integrando 31,82%. A terceira série mais bem representada corresponde às bacias e/ou alguidares, série 5, com 3,07%, seguindo-se os suportes da série 8, com 2,77%, e os pratos da série 3, com 1,96%. As restantes formas representadas são quase inexpressivas no conjunto, contando todas com menos de 1%.

Como a categoria da cerâmica comum não tem sido objecto de análise sistemática no âmbito da arqueologia da Idade do Ferro, é difícil comparar estes dados com outras realidades geográficas próximas do Estuário do Tejo. Contudo, é curioso constatar que, na costa algarvia, ainda que em momentos mais avançados (finais do século IV e século III a.C.), a composição dos conjuntos de cerâmica comum é claramente divergente. No litoral sul, as formas que dominam esta categoria são as tigelas, contando com valores situados sempre acima dos 60% e os potes e/ou panelas assumem percentagens entre os 10% e os 20%. Os restantes recipientes, especialmente as bacias e/ou alguidares e os pratos assumem expressões quantitativas semelhantes (Sousa, 2009, p. 89 e p. 93).

Iniciando esta análise seguindo critérios evolutivos, observa-se claras diferenciações entre este conjunto e os que o precedem.

Na série 1, as tigelas de perfil simples correspondem a uma clara continuidade da tradição anterior. Contudo, alguns destes recipientes de perfil carenado, que integram o grupo 1B, parecem aparecer nos conjuntos artefactuais da Idade do Ferro apenas a partir de meados do 1º milénio a.C. Uma outra referência necessária remete para a presença, em vários destes tipos, de asas laterais. Este elemento não é de todo desconhecido nos conjuntos artefactuais de cariz orientalizante. Em Cerro del Villar, esta característica é relativamente frequente entre os materiais datados em torno ao início do século VI a.C. (Aubet *et al.*, 1999). Em Setefilla, tanto na necrópole como no povoado, estes elementos também foram documentados (Aubet, 1975; Aubet *et al.*, 1983). Não deixa de ser, contudo, curiosa, a ausência destas asas laterais nos restantes conjuntos orientalizantes do Estuário do Tejo, à excepção do exemplar já referido da Quinta do Almaraz, cuja integração cronológica não é clara. A possibilidade de recipientes com estas

características (perfil carenado e asas laterais) serem, consequentemente, indicadores de uma cronologia de meados do 1º milénio a.C. deve ser tida em consideração.

O mesmo raciocínio pode ser aplicado para as taças da série 2. Enquanto os perfis mais suaves podem ser integrados numa esfera mais ampla, que atinge a zona meridional do território peninsular, as taças de perfil carenado parecem ser já específicas da área do Estuário do Tejo. Mais uma vez, a sua inexistência entre os conjuntos artefactuais publicados do período orientalizante poderá indicar uma cronologia centrada a partir do século V a.C.

Em relação aos pratos englobados na série 3, os paralelismos formais indicam uma esfera de produção que usa os mesmos princípios morfológicos num espaço mais amplo. Apesar de algumas formas serem específicas da área do Estuário do Tejo, outras parecem estar presentes numa área mais vasta da fachada atlântica ocidental portuguesa, de acordo com os paralelismos que puderam ser efectuados com o conjunto artefactual de Alcácer do Sal. Mais uma vez, os perfis carenados, a julgar pela análise comparativa com a Sé de Lisboa, parecem tornar-se característicos apenas a partir de meados do 1º milénio a.C.

Ao contrário do caso anterior, os recipientes que integrámos na série 4 parecem ser exclusivos, de acordo com os dados disponíveis, da foz do Estuário do Tejo. Como já foi referido anteriormente, é evidente a relação entre esta forma de cerâmica comum e a forma idêntica em cerâmica de engobe vermelho (também série 4 dessa categoria). Este tipo de vasos não está documentado em contextos anteriores, podendo ser também considerado como um marcador cronológico do século V a.C.

A origem dos grandes recipientes do tipo bacia e/ou alguidar remonta ao período orientalizante. É uma forma que, contudo, parece tornar-se mais frequente a partir de meados do 1º milénio a.C. Neste âmbito, é relevante recordar que, nos contextos mais meridionais da Península Ibérica, estes vasos assumem perfis um pouco diferenciados, de tendência carenada (Ruiz Mata, 1997), característica que não consta do repertório da Rua dos Correeiros.

Em relação aos exemplares da série 6, designados almofarizes, esta é uma forma que parece surgir apenas no século V a.C. Os antecedentes destes tipos, as trípodes, não

constam, até ao momento, dos conjuntos artefactuais orientalizantes do Estuário do Tejo, não sendo possível, consequentemente, suportar uma linha de continuidade entre estas produções. Os paralelismos que se puderam efectuar com a área de Cádis, onde estes almofarizes passam a integrar, com mais frequência, a cultura material a partir da segunda metade do 1º milénio a.C., podem estar relacionados com a introdução desta forma na área ocidental atlântica.

As tampas que compõem a série 7 também não são muito frequentes nos contextos entre o século VIII e VI a.C. no Estuário do Tejo. Um dos factores importantes que se prende com este tipo de elementos é a dificuldade da sua associação a recipientes específicos. Dados absolutos sobre esta matéria só poderiam advir da identificação, durante o processo de escavação, dessas associações *in situ*. Contudo, o cenário mais provável é que tenham sido utilizados para os vasos tipo pote e/ou panela integrados na série 10.

Os suportes da série 8 constituem, provavelmente, um dos perfis mais individualizantes do conjunto da cerâmica comum da Rua dos Correeiros. Em primeiro lugar cabe distinguir a sua considerável abundância, comparativamente com outros conjuntos contemporâneos. Por outro lado, é interessante constatar que os locais onde estas formas surgem com mais frequência estão, sem dúvida, relacionadas com contextos de produção cerâmica, como é o caso do centro oleiro de Camposoto (Ramon Torres, *et al.*, 2007) e de Cerro del Villar (Aubet *et al.*, 1999). Um outro aspecto que importa salientar é o facto de serem nestes materiais que surgem quase todos os motivos decorativos identificados no sítio da Baixa Pombalina. Não é possível, contudo, descortinar se estes elementos se relacionam com aspectos da produção cerâmica ou apenas com uma coincidência do registo artefactual.

Em relação à série 9, que corresponde a potes de pequena dimensão, a sua frequência parece também intensificar-se a partir de meados do 1º milénio a.C. É também muito provável que esta forma em cerâmica comum seja derivada de protótipos idênticos em cerâmica de engobe vermelho e cerâmica cinzenta.

Os recipientes englobados na série 10 são aqueles que apresentam uma distribuição espacial mais vasta entre os contextos da Idade do Ferro do território peninsular. São vasos que evoluem, principalmente, dos contentores de tipo *pithos*. Apesar de alguns dos incluídos nos grupos 10B e 10C se aparentarem, a nível formal, com estas formas, é

a nossa opinião que correspondem já a versões muito evolucionadas, que divergem, sobretudo, ao nível do corpo, aproximando-se agora dos perfis tradicionais dos potes e/ou panelas. Esta proposta é também sustentada pela clara escassez de asas bífidas, representadas por apenas dois exemplares no conjunto da Rua dos Correeiros. Esta observação reforça a proposta da ocupação da Rua dos Correeiros se iniciar apenas a partir do século V a.C.

Neste grupo da série 10 deve ainda destacar-se a presença dos vasos da sub-variante 10Aa.1. Esta é uma forma bastante frequente nos conjuntos pré-romanos do sul peninsular e mesmo da Extremadura espanhola, como se verifica através dos paralelos estabelecidos. Contudo, é curioso notar que, no sítio da Baixa Pombalina, todas as formas incluídas sob essa designação são sobretudo de um mesmo grupo de fabrico (III) e também a particularidade de se encontrarem, sistematicamente, marcas de combustão na parede externa e junto ao bordo. Estas evidências permitem relacionar a sua funcionalidade, de forma quase exclusiva, com a confecção de alimentos. Por outro lado, a ausência deste tipo de vasos em contextos de cronologia anterior, como é o caso da Sé de Lisboa, permite, mais uma vez, atribuir-lhes um papel de fóssil director, no Estuário do Tejo, para uma cronologia centrada nos meados do 1º milénio a.C.

Ainda sobre os recipientes integrados nesta série, é necessário destacar a presença da sub-variante 10Aa.3, que integra vasos com uma asa interna. Como já foi referido anteriormente, esta característica é particularmente frequente entre os conjuntos artefactuais da área da Extremadura espanhola, surgindo apenas durante o século V a.C. Fora desta zona, e exceptuando os sítios do Alentejo que se integram nessa mesma esfera cultural, o único local onde esta forma foi documentada é Huelva, estando, mesmo assim, representada por um único exemplar. É certo que também entre o repertório da Rua dos Correeiros esta forma não é muito expressiva num quadro mais geral. Mesmo assim, a existência de 11 fragmentos que partilham essas características morfológicas tornam este conjunto o mais numeroso fora da área da Extremadura espanhola e sua zona de influência.

Os jarros da série 11 apresentam, regra geral, características morfológicas que abrangem várias áreas da Península Ibérica. A única excepção a esta situação é a variante 11Ab, que poderá efectivamente corresponder a uma forma cuja produção só é iniciada a partir de meados do 1º milénio a.C.

As três últimas séries do quadro tipológico da cerâmica comum da Rua dos Correeiros correspondem a formas singulares e de escassa representatividade. Por esta razão, extrapolar dados de cariz cronológico ou cultural com base nestas evidências parece ser, de momento, prematuro.

A cerâmica comum de qualquer sítio arqueológico é, sem dúvida, o tipo de material que melhor permite caracterizar uma população ao nível da cultura material. Por ser a categoria mais democratizada e menos susceptível a influências exógenas, uma vez que a sua circulação é, regra geral, de âmbito muito limitado, o seu estudo possibilita interpretar as relações que se estabelecem entre diversas comunidades a um nível mais profundo. As semelhanças e diferenças que se podem estabelecer entre conjuntos artefactuais a este nível mais básico permitem antever esferas de contacto mais ou menos próximas e até possíveis transferências de populações.

A cerâmica da Rua dos Correeiros, por consistir num conjunto numeroso e bastante diversificado, quer ao nível de formas como ao nível de funções, permite análises comparativas bastante importantes. O facto de estar associado a materiais datantes que permitem assegurar um marco cronológico possibilitam extrapolar esses dados para outras estações arqueológicas que não recebem importações. Como se verá à frente, este método foi aplicado para os sítios localizados no território envolvente à cidade de Lisboa.

4.1.6.7. A cerâmica manual

A importância da cerâmica manual na análise dos conjuntos artefactuais sidéricos prende-se intimamente com a sua ligação ao mundo indígena. Desde os inícios da arqueologia da Idade do Ferro no território peninsular, estas produções são tradicionalmente encaradas como o testemunho das populações autóctones que convivem com as comunidades orientais.

Apesar de esta interpretação ser bastante aceitável para os momentos iniciais da presença fenícia na Península Ibérica, a partir de meados do 1º milénio a.C. não parece correcto aplicar os mesmos parâmetros, pelo menos, na área do Estuário do Tejo.

Em zonas onde as produções cerâmicas a torno são já dominantes em centúrias anteriores, como é o da área que se estuda nesta dissertação, a julgar pelos conjuntos da Sé de Lisboa e de Almaraz, a cerâmica manual deve ter um carácter quase exclusivamente utilitário, para compensar carências pontuais de outras categorias cerâmicas. As formas representadas na Rua dos Correeiros, a julgar pelas suas características, devem ter sido usadas, sobretudo, na confecção de alimentos.

No conjunto cerâmico da Rua dos Correeiros, a cerâmica manual corresponde a apenas sete fragmentos (6 NMI), dos quais três permitiram uma representação gráfica. À excepção de um único fragmento, todos os exemplares possibilitaram uma integração em tipos morfo-funcionais.

O conjunto é formado por seis bordos (6 NMI) e um fragmento de parede este com decoração digitada.

A cerâmica manual é, consequentemente, uma categoria muito pouco expressiva do conjunto total de indivíduos recolhidos em contextos da Idade do Ferro na Rua dos Correeiros, correspondendo apenas a 0,20%.

Grupo de fabrico

As produções manuais da Rua dos Correeiros partilham, entre si, um mesmo grupo de fabrico.

Caracteriza-se por apresentar pastas pouco compactas e mal depuradas (entre 20% e 30% de elementos não plásticos). Na sua composição, foi possível identificar abundantes moscovites, calcites e quartzos de média dimensão e ocasionais biotites, também de média dimensão. A tonalidade das pastas é castanha escura (Munsell 3/2 5YR *dark reddish brown*).

Formas

Entre os fragmentos de cerâmica manual recuperados nos níveis sidéricos da Rua dos Correeiros, são apenas distinguíveis duas formas.

A primeira refere-se a vasos abertos, de perfil hemisférico, que podem, à semelhança do que ocorreu em outras categorias, corresponder a tigelas (Est. 69 – 5551).

Está representada por apenas um fragmento (1 NMI). O seu diâmetro de bordo é de 256 mm e a espessura média da parede centra-se nos 8 mm.

A segunda forma identificada integra recipientes fechados, genericamente designados por potes e/ou panelas (Est. 66 – 6905). Também aqui os vasos apresentam morfologias idênticas às documentadas na categoria da cerâmica comum, particularmente da variante 10Aa, sendo que também entre estes se documentam asas externas.

Recipientes desta morfologia encontram-se representados por cinco fragmentos de bordo. O diâmetro de bordo do único exemplar que possibilitou uma representação gráfica é de 130 mm e a espessura média da parede é de 6 mm.

Como já foi referido anteriormente, um fragmento de parede com decoração digitada foi também identificado entre o conjunto sidérico (Est. 66 – 6280). Estes esquemas decorativos são bastante frequentes no território peninsular, sendo transversais a vários momentos cronológicos, no quadro da Idade do Ferro.

Não se considerou pertinente elaborar uma lista de paralelos para as formas de cerâmica manual identificadas na Rua dos Correeiros. De facto, trata-se de morfologias recorrentes em todos os sítios sidéricos peninsulares, e não só, e transversais a várias cronologias, parecendo evidente que esse exercício não traria quaisquer dados relevantes para a análise que pretendemos efectuar.

Discussão

A pouca expressividade desta categoria cerâmica é uma tendência, já detectada em fases anteriores, na área urbana de Lisboa, concretamente entre o conjunto artefactual da Sé de Lisboa (Arruda, 2000, p. 6-36).

Também na Quinta do Almaraz, na outra margem do Tejo, entre o conjunto recolhido na dita fossa de detritos, as produções em cerâmica manual são escassas, correspondendo a 3,6% da amostra (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993). Apesar de desconhecermos quais os critérios de quantificação utilizados, e, especificamente, qual a baliza cronológica do espólio analisado, a percentagem desta categoria é claramente minoritária, estando em consonância com os dados anteriormente referidos para os restantes sítios da foz do Estuário.

Em outras áreas da fachada atlântica ocidental do território português, em contextos datados de meados do 1º milénio a.C., a cerâmica manual também não é muito abundante. Em Setúbal, na fase datada entre o século V e o século IV a.C., esta cerâmica representa cerca de 18% do conjunto artefactual (Soares e Silva, 1986). Em Abul B, balizado entre finais do século VI a.C. e a centúria seguinte, estas produções constituem cerca de 10% (Mayet e Silva, 2005). Ainda na foz do Estuário do Sado, em Alcácer do Sal, nas fases datadas entre o século IV e III a.C., a cerâmica manual representa apenas 4% (Silva *et al.*, 1980-1981).

Em outros contextos sidéricos de cronologias mais tardias (finais do século IV e século III a.C.), na costa meridional do território português, estes materiais são também consideravelmente escassos, nomeadamente em Castro Marim (Sousa, 2009; Oliveira, 2006), Faro (Sousa, 2009) e também Monte Molião (Sousa e Arruda, 2010).

Este tipo de cerâmicas, a julgar tanto pela sua fraca expressividade como pela considerável limitação formal, deve assumir, entre o conjunto artefactual, uma função de substituição rápida e muito pontual de carências ocasionais de outro tipo de vasos cerâmicos, não devendo, consequentemente, ser encarada como um índice de indigenismo.

4.1.6.8. Outros artefactos cerâmicos

Para além dos recipientes cerâmicos, existem ainda no conjunto artefactual da Rua dos Correeiros, alguns artefactos do mesmo material, destinados a usos muito específicos.

Cossoiros

Os cossoiros consistem num dos poucos elementos da actividade têxtil que sobrevivem no registo arqueológico (Berrocal Rangel, 2003, p. 215). Correspondem a pequenos pesos de fuso, sendo colocados na sua extremidade inferior, de forma a facilitar o seu movimento giratório. O seu perfil é geralmente cilíndrico, troncocónico e bi-troncocónico (*Ibidem*).

O grupo destes artefactos cerâmicos é pouco expressivo no conjunto, representando apenas 0,27% dos indivíduos recolhidos em contextos sidéricos.

Os cossoiros encontram-se representados por dois exemplares (2 NMI). O perfil destas peças é tendencialmente esférico. Integram a forma K3K1 de Berrocal Rangel (1994, p. 204). Os exemplares da Rua dos Correeiros não apresentam qualquer vestígio de decoração.

Em relação às dimensões, o cossoiro mais pequeno tem 31 mm de diâmetro e 20 mm de altura, e o outro 50 mm de diâmetro e 28 mm de altura (Est. 16 – 2109; Est. 89 – 1612).

Pendente

Nesta categoria de outros objectos cerâmicos foi ainda identificado um elemento de adorno (1 NMI), classificado como pendente.

Apresenta uma forma geral e secção ovalada, sendo o orifício de suspensão localizado na área central superior. Tem 34 mm de largura, 55 mm de altura e cerca de 22 mm de espessura (Est. 66 – 6367).

A forma geral, as dimensões e, sobretudo a existência de um orifício não deixam dúvidas sobre a sua funcionalidade. Trata-se de um adorno destinado a ser suspenso num fio que deveria usar-se, muito provavelmente, no pescoço. Desconhecemos se estaria isolado ou seria um dos componentes de um colar elaborado.

Coroplastia

No conjunto cerâmico da Rua dos Correeiros, recolheram-se quatro fragmentos (4 NMI) de terracota, que parecem pertencer a elementos coroplásticas. Destes, um (Est. 18 - 5495) não permitiu interpretar a forma reproduzida. Os restantes três parecem representar embarcações.

É consideravelmente difícil caracterizar, mesmo ao nível morfológico, os exemplares identificados. Um dos fragmentos (Est. 66 - 6421) parece corresponder simplesmente a parte do casco do navio. Os restantes dois (Est. 66 – 5416 e 4621) podem, contudo, ser elementos quer da proa quer da popa. O facto de não terem qualquer figuração iconográfica é um indício de que poderão fazer parte da traseira do barco. Deve, contudo, referir-se que existem representações deste tipo de embarcações onde esses componentes não são distinguíveis. Quando, como é o caso, apenas temos um fragmento, torna-se difícil assegurar a que elemento concreto do barco corresponde. Apenas um exemplar intacto, ou pelo menos mais completo, pode assegurar com exactidão que parte da embarcação está representada. Deve ainda referir-se que um dos exemplares apresenta um orifício, provavelmente de suspensão.

Infelizmente, existe pouca informação disponível sobre as embarcações pré-romanas que permitam uma caracterização clara das reproduções em terracota da Rua dos Correeiros. O seu estado de fragmentação, por outro lado, dificulta ainda mais a tarefa.

Considerando a interpretação dada à representação iconográfica de uma outra embarcação num fragmento cerâmico recolhido também na Rua dos Correeiros (*vide supra* 4.1.6.6.), que se pensa corresponder a um *hippos* (Arruda, 1999-2000, p. 28), tudo leva a crer que estes objectos coroplásticos tentaram reproduzir o mesmo tipo de barco.

Os *hippoi* corresponderiam a pequenos barcos de transporte, de baixa tonelagem e de borda baixa. Os seus extremos seriam arredondados, podendo a proa estar decorada com uma cabeça de cavalo (Aubet, 1994, p. 156). As primeiras representações conhecidas deste tipo de embarcações remontam ao século IX a.C., estando figurados nos frisos de bronze das portas de Balawat (*Ibidem*, p. 155).

Eram utilizados sobretudo na pesca, transporte e na navegação costeira e a sua propulsão seria realizada a remo (*Ibidem*, p. 155; Arruda, 1999-2000, p. 26). Segundo Estrabão, o mesmo tipo de barcos era ainda utilizado em época helenística em *Gadir* e *Lixus* (Estrabão, II: 3, 4).

Este tipo de artefactos consiste numa evidência bastante rara no espaço mediterrâneo.

Peças idênticas às nossas foram recuperadas no decurso da escavação do túmulo N.1 da necrópole norte de Achziv (Israel) (Kahanov, 2004, p. 167). Trata-se de quatro fragmentos de terracota, representando embarcações, cujos materiais que lhes estavam associados permitiram atribuir ao contexto arqueológico de recolha uma cronologia centrada em torno ao século VIII a.C. (*Ibidem*).

No território peninsular, existe um outro vaso interpretado como uma reprodução em cerâmica de um *hippos* no santuário do Carambolo, no vale do Guadalquivir (Escacena Carrasco, Fernández Flores e Rodríguez Azogue, 2007). As suas dimensões e pormenores decorativos são, contudo, bastante diferentes dos exemplares da Rua dos Correeiros.

Na foz do Estuário do Tejo, este tipo de elementos coroplásticos parece, contudo, estar também presente entre o conjunto artefactual do povoado de Almaraz (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993, p. 160, p. 161 – fot. 10), sítio onde também são vários os fragmentos cerâmicos decorados com representações de barcos destes tipos mediterrâneos, concretamente *hippoi* e *gauloi* (Barros, 1998; Cardoso, 2004; Arruda e Vilaça, 2006).

Discussão

Este conjunto de materiais caracteriza-se, sobretudo, pela sua utilização singular.

Os cossoiros são um dos poucos vestígios materiais relacionados com a tecelagem que sobrevivem no registo arqueológico. Ainda que muito escassos na Rua dos Correeiros, a sua presença permite atestar este tipo de actividades no local.

O pendente adquire, sobretudo, um carácter ornamental, que reflecte individualidades das populações que habitaram ou trabalharam naquele núcleo durante a Idade do Ferro.

O terceiro tipo de materiais, os vasos coroplásticos, é consideravelmente mais difícil de interpretar.

Este tipo de materiais surge, com alguma frequência, associado a contextos de carácter funerário ou religioso. No quadro da Idade do Ferro peninsular, o caso mais emblemático onde se verifica esta última associação é o santuário do Carambolo (Escacena Carrasco, Fernández Flores e Rodríguez Azogue, 2007). Contudo, no sítio arqueológico da Baixa Pombalina não existem quaisquer outros indícios, quer ao nível da cultura material quer no que se refere à própria arquitectura, que possam sugerir esse tipo de funcionalidade.

Se assumirmos que o sítio da Rua dos Correeiros pode ter funcionado, pelo menos durante algum momento da sua ocupação sidérica, como centro de produção de cerâmica, estes elementos podem constituir meramente parte da sua produção, devendo, portanto, considerar-se a possibilidade de se destinarem exactamente a serem utilizados em contextos funerários e/ou rituais, que por ora, não foram identificados em Lisboa.

4.1.6.9. Metais

O único elemento metálico recolhido no decurso das intervenções arqueológicas realizadas na Rua dos Correeiros corresponde a uma fíbula, integrável no tipo anular hispânico. Infelizmente, e como já foi referido anteriormente, este exemplar é o único que não provém de um contexto arqueológico pré-romano. Contudo, o facto de se tratar de um tipo específico de artefacto que integra, exclusivamente, o repertório artefactual da Idade do Ferro, justifica a sua inclusão neste estudo.

As fíbulas representam uma dupla função. Por um lado correspondem a um elemento funcional, destinado a prender peças de vestuário. Por outro, desempenham um papel decorativo, consistindo em peças de adorno (Ponte, 2001, p. 195).

O exemplar da Rua dos Correeiro encontra-se fragmentado, estando ausentes algumas partes do aro (Est. 140 – 234). O seu processo de fabrico integrou a técnica de fundição, de acordo com os critérios estabelecidos por Ponte (*Ibidem*, p. 199 – fig. 48). Não é, contudo, certo se a ligação entre o arco e o aro foi soldada, ou se correspondem a peças solidárias, originárias do mesmo molde bivalve. Contudo, a primeira possibilidade parece ser a mais correcta (*Ibidem*, p. 215).

Estima-se que o diâmetro máximo do aro se centre em torno dos 65 mm, o que permite integrar este exemplar na categoria designada de "fíbulas grandes" de Cuadrado Díaz (1957). O aro apresenta uma forma elipsoidal e sua secção é circular. Nas superfícies conservadas, não são observáveis vestígios de uma qualquer decoração.

A mola é bilateral e em espiral, sendo o enrolamento em ambos os lados da cabeça do arco, tendo como eixo o aro. O fusilhão, que se localiza à esquerda da cabeça do arco, é feito a partir do mesmo fio metálico que a mola. Este fio, iniciando-se no fusilhão, descreve à volta do aro três espiras para a esquerda, no sentido dos ponteiros do relógio. Por meio de uma corda, que passa na zona interna do arco, retoma o enrolamento em torno do aro, no sentido contrário ao dos ponteiros do relógio, na direcção da esquerda para a direita, formando outras três espiras.

Estas características permitem enquadrar este tipo de mola no tipo II de Ponte, sub-tipo IIb (2001, p. 204), que corresponde ao tipo II de Cuadrado Díaz (1957).

O pé une-se ao aro por meio de remate, tendo sido aplicada uma placa em volta de ambos os elementos. É desenvolvido e alongado, apresentando uma secção tendencialmente rectangular.

O último elemento da fíbula, o arco, apresenta a forma de naveta invertida. É maciço e tem uma secção semi-circular na zona central, tornando-se esta tendencialmente triangular à medida que se aproxima da zona do pé.

As características anteriormente enumeradas permitem classificar este exemplar da Rua dos Correeiros no tipo 13a de Ponte (2001). Esta forma equivale ao tipo 4/a de Cuadrado Díaz (1957).

Cronologicamente, este tipo de fíbulas é considerado um dos mais antigos no quadro das produções das fíbulas anulares hispânicas (Ponte, 2001, p. 224). Documenta-se a partir dos inícios/primeira metade do século V e perdura até inícios do século III a.C. (*Ibidem*, p. 45-47). Recentemente, tem sido proposta uma cronologia inicial em torno de meados/finais do século VI a.C. para este tipo (Ponte, 2001, p. 225). Contudo, e em nosso entender, este argumento segue principalmente elementos de evolução formal, carecendo, até ao momento, de bases sustentáveis ao nível de estratigrafias arqueológicas e associações artefactuais.

No território actualmente português, este tipo de fíbulas está presente em Conímbriga, Cabeço de Vaiamonte, Herdade da Chaminé, Leiria, Santiago do Cacém, Castro de Tavarede, Mileu, Azougada, Alcácer do Sal (*Ibidem*, p. 223 e p. 234), Alto do Castelinho da Serra (Gibson, Correia e Burgess, 1998), Castro Marim (Pereira, 2008) e Herdade das Casas e Mesas do Castelinho (Miguez, 2010).

A presença deste elemento entre o conjunto artefactual da Rua dos Correeiros prende-se também com marcas de individualidade das populações que ocuparam o sítio.

Apesar de não ter sido recuperado em associação a um contexto arqueológico de cronologia sidérica, a sua integração no período da Idade do Ferro é indiscutível.

As balizas cronológicas tradicionais estabelecidas para este tipo de fíbulas, que se iniciam a partir de inícios do século V a.C., estão em conformidade com os dados recolhidos da análise do restante conjunto artefactual.

4.1.6.10. Os materiais e a estratigrafia

O conjunto artefactual recuperado no decurso das escavações efectuadas na Rua dos Correeiros obriga, pela sua abundância, a uma análise sequencial no âmbito do registo estratigráfico do sítio.

Como já foi referido anteriormente, este enquadramento está condicionado por uma série de factores prévios relacionados com as limitações da leitura dos dados estratigráficos existentes.

A apresentação destes dados poderá tornar-se mais relevante com o desenvolvimento dos estudos da evolução morfológica das cerâmicas da foz do Estuário do Tejo, a partir do momento em que os materiais se possam datar com uma maior precisão cronológica.

Fase A

Os níveis arqueológicos que, estratigraficamente, se situam em cotas mais baixas, correspondendo, aparentemente, a um momento ligeiramente anterior em relação ao conjunto edificado, localizam-se no espaço que foi designado por compartimento 7 (camadas 69 e 70). Infelizmente, ambos estratos contêm um número pouco significativo de materiais, o que impede uma leitura mais consubstanciada.

Compartimento 7 - camada 69

2 NMI					
Ânforas	Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum	Manual	Outros art.
0	0	0	2	0	0
C. comum					
1Aa			10Ba		
1			1		

Compartimento 7 - camada 70

5 NMI					
Ânforas	Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum	Manual	Outros art.
1	0	2	2	0	0

Ânforas	C. cinzenta		C. comum	
1Db	1A	3Ba	1A	Ind.
1	1	1	1	1

Esta fase é a menos representativa, em termos artefactuais, da ocupação sidérica do sítio. A nível quantitativo, corresponde a apenas 0,28% do conjunto total recolhido na área.

Nestes níveis, encontram-se representadas tigelas de perfil simples de cerâmica cinzenta (grupo 1A) e de cerâmica comum (grupo 1A), presença, aliás, frequente ao longo de quase toda a ocupação sidérica na área da fachada atlântica ocidental. Destaca-se, contudo, a presença da ânfora da variante 1Db, que poderá indiciar uma cronologia já centrada em torno do século V a.C. O fragmento de cerâmica cinzenta da variante 3Ba parece também corroborar este indicador cronológico.

Não consideramos a ausência de cerâmica de engobe vermelho um elemento a considerar, tendo em conta a sua escassez no conjunto cerâmico total exumado e a fraca representação de materiais cerâmicos destes níveis.

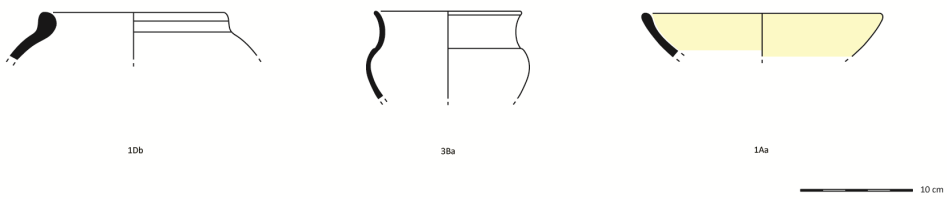


Fig. 137 – Materiais da fase A.

Fase B

Posterior a este momento, surge o que foi definido como a primeira fase do conjunto edificado da Rua dos Correeiros, que integra os compartimentos 3, 4, 5 e 7.

Nestes compartimentos, os níveis associados a esta fase de utilização não forneceram, infelizmente, quaisquer materiais classificáveis.

Fase C

A fase do abandono desse espaço está, por outro lado, bem representada artefactualmente, com a excepção do compartimento 5.

No compartimento 7, este momento corresponde às camadas 68 e 35/GG.

Compartimento 7 - camada 35 (GG)

32 NMI					
Ânforas	Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum	Manual	Outros art.
2	1	4	24	1	0

Ânforas		Eng. verm.	C. cinzenta	
1Bb	1Da	4Aa	1A	3
1	1	1	1	3

C. comum						Manual
1A	3Aa	10Aa	10Ba	10Bb	Ind.	Ind.
7	1	3	8	1	4	1

Compartimento 7 - camada 68

22 NMI					
Ânforas	Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum	Manual	Outros art.
5	2	6	9	0	0

Ânforas				
1Aa	1Bb	1Cc	1Da	1Db
1	1	1	1	1

Eng. verm.		C. cinzenta			
2Aa	4Aa	1A	1Aa	3	3Ba
1	1	2	1	1	2

C. comum					
1A	1Ac	10Aa	10Ba	10Ca	Ind.
2	1	2	2	1	1

No compartimento 4, o momento de abandono da primeira fase de ocupação está documentado também por dois níveis arqueológicos, designados de camada 20/DD e 21/EE.

Compartimento 4 - camada 20/DD

522 NMI					
Ânforas	Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum	Manual	Outros art.
120	27	31	344	0	0

Ânforas										
1Ab	1Ac	1Ba	1Bb	1Ca	1Cb	1Cc	1Da	1Db	1Dc	Ind.
21	8	15	12	7	1	1	10	16	10	19

Eng. verm.											
1A	1Aa	1Ba	2Ba	3Ab	3Ba	4Aa	5Aa	6	6Bb	7Aa	Ind.
2	4	2	1	1	5	4	3	1	1	1	2

C. cinzenta										
1A	1Aa	1Ab	1Ba	2Aa	2Ab	3	3Aa	3Ba	4Aa	Ind.
6	8	2	1	1	1	3	3	4	1	1

C. comum											
1A	1Aa	1Ac	1Ad	1Ae	1Ba	1Bc	1Bd	2Aa	2Bb	3Aa	3Ba
99	23	1	4	4	1	5	1	1	1	2	1

4Ba	4Bb	5Ac	5Ba	5Ca	7Ad	7Ae	7Af	8Aa	9Ba	10	10Aa
1	1	2	2	4	1	1	1	6	1	19	58

10B	10Ba	10Bb	10Bc	10Ca	10Cb	10Da	10Db	10Ha	11Aa	11Ab	Ind.
7	62	8	1	4	7	1	1	1	1	1	15

Compartimento 4 - camada 21/EE

110 NMI											
Ânforas		Eng. verm.		C. cinzenta		C. comum		Manual		Outros art.	
10		7		12		80		1		0	
Ânforas											
1Ac		1Ad		1Ba		1Bb		1Db		Ind.	
1		1		2		1		3		2	
Eng. verm.											
1Aa		1Ba		3Ba		4Aa		5Aa		8Aa	Ind.
1		1		1		1		1		1	1
C. cinzenta											
1A		1Aa		1Ab		3		3Aa		3Ba	4Aa
2		1		1		3		1		2	2
C. comum											
1A	1Aa	1Ab	1Ac	1Ad	1Ae	1Bc	1Bd	4Aa	7Ab	7Ac	7Ad
27	7	1	1	1	2	1	3	2	2	1	1
8Aa	10	10Aa	10Ba	10Ca	11Aa	13Aa	14Aa	Ind.			
1	4	6	8	2	1	1	2	6			
C. manual											
Pote e / ou panela											
1											

No compartimento 3, a fase de abandono da chamada primeira fase de utilização do espaço está representada por dois níveis arqueológicos. Um deles, mais recente, corresponde a um estrato de derrube que não forneceu material classificável. O outro, localizado entre o referido derrube e o piso de ocupação, foi designado de camada 46.

Compartimento 3 - camada 46

9 NMI					
Ânforas	Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum	Manual	Outros art.
2	0	2	4	0	1

Ânforas		C. cinzenta	C. comum			Outros art.
1Ca	1Db	Ind.	1A	10Aa	Ind.	Corop.
1	1	2	1	2	1	1

Esta fase corresponde a 27,62% do conjunto material recuperado na área.

Ao nível da distribuição das categorias cerâmicas, a comum domina o conjunto desta fase, representando 66,18%. Seguem-se os fragmentos de ânforas, com 20,09%. As categorias relacionadas sobretudo com serviço de mesa, a cerâmica cinzenta e a cerâmica de engobe vermelho constituem, respectivamente, 7,95% e 5,35%. Minoritária é a cerâmica manual, com 0,29%, e de outros artefactos de cerâmica, com 0,14%.

Nesta fase, a maioria dos grupos anfóricos estabelecidos e respectivas variantes encontram-se já representados. O grupo mais expressivo é o grupo 1D, com 30,93% do conjunto. Seguem-se os grupos 1A e 1B, ambos com 23,02% e o grupo 1C, com 7,92%. Os fragmentos que não permitiram uma classificação formal compõem os restantes 15,11%.

No grupo 1A, a variante mais bem representada é a variante 1Ab, com 15,11% do conjunto anfórico, seguida pela variante 1Ac, com 6,47%. As variantes 1Aa e 1Ad encontram-se mal representadas, com apenas 0,72% do conjunto.

As duas variantes do grupo 1B, 1Ba e 1Bb, estão bem representadas, correspondendo a 12,23% e a 10,79%, respectivamente.

O grupo 1C é o mais mal representado nesta fase, ainda que estejam presentes todas as suas variantes. A mais expressiva é a 1Ca, que compõe 5,76% do conjunto, seguida pela 1Cc, com 1,44% e pela 1Cb, com 0,72%.

A variante mais bem representada do grupo 1D é a 1Db, com 15,11%. Segue-se a 1Da, com 8,63% e a 1Dc, com 7,19%.

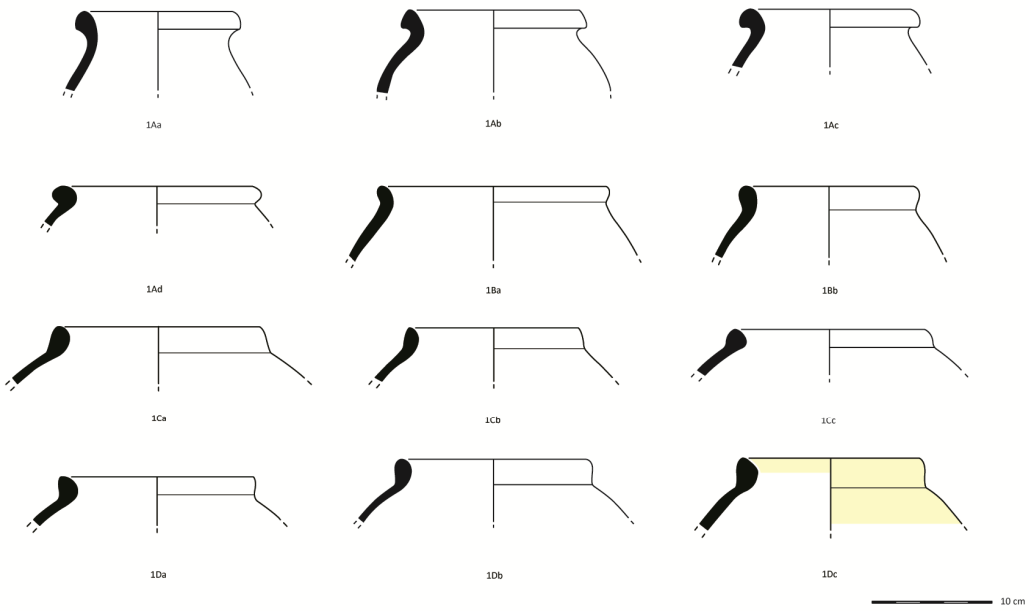


Fig. 138 – Ânforas da fase C.

No conjunto de cerâmica de engobe vermelho, todas as séries estabelecidas estão presentes. Entre estas, a série 1 é a mais expressiva, contando com 27,03% do conjunto, seguindo-se as 3 e 4, cada uma com 18,92%, e a 5 com 10,81%. As séries 2 e 6 constituem, cada qual, 5,4%. As 7 e 8 são as menos bem representadas, correspondendo cada uma delas a 2,7% do conjunto da cerâmica de engobe vermelho. Os materiais aos quais não foi possível atribuir uma classificação formal correspondem aos restantes 8,12%.

Entre as tigelas da série 1 da cerâmica de engobe vermelho, o grupo 1A é o mais bem representado, contando com 18,92%, estando apenas a variante 1Aa presente, com 10,81%. O grupo 1B e a sua única variante, 1Ba, contam com 8,11%.

Na série 2, identificaram-se, nesta fase, os grupos 2A (variante 2Aa) e 2B (variante 2Ba), que correspondem, cada um deles, a 2,70% do conjunto.

Os dois grupos identificados na série 3, grupos 3A e 3B, também constituem uma presença significativa entre os materiais desta fase. O primeiro tem pouca

expressividade, representado apenas a variante 3Ab, com 2,70%. O segundo, com a sua única variante, 3Ba, constitui 16,22%.

O único grupo da série 4 (variante 4Aa) traduz 18,92% do conjunto da cerâmica de engobe vermelho desta fase.

Situação semelhante ocorre com a série 5. Do único grupo desta série, apenas uma das variantes figura. Corresponde à variante 5Aa, que compõe 10,81%.

Dentro dos materiais passíveis de uma classificação da série 6, apenas o grupo 6B, concretamente a sua variante 6Bb, é reconhecível, constituindo 2,70% do conjunto.

As últimas duas séries da cerâmica de engobe vermelho estão presentes através de um único grupo e uma única variante (7Aa e 8Aa), que totalizam, cada um deles, 2,7%.

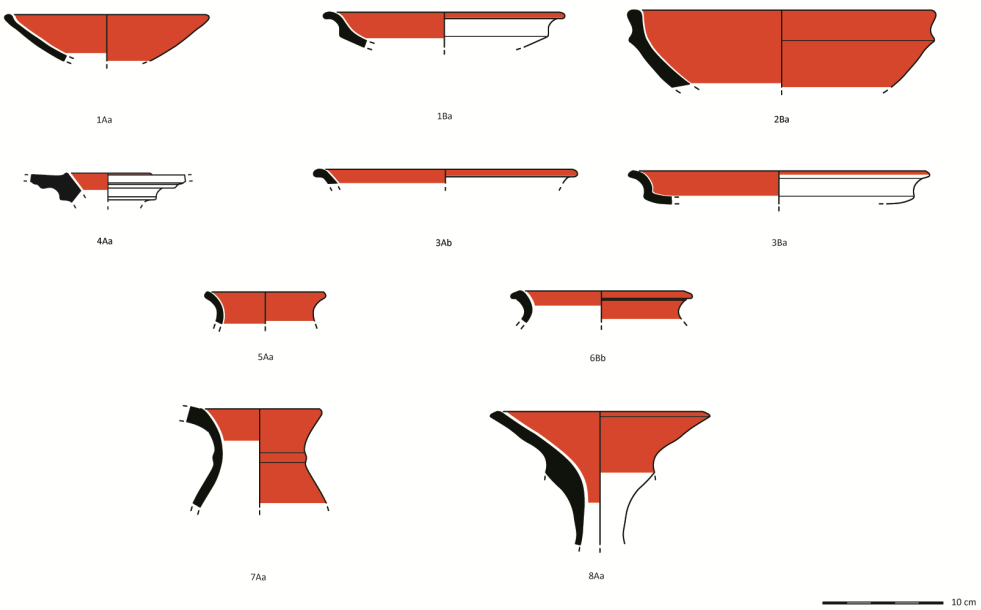


Fig. 139 – Cerâmica de engobe vermelho da fase C.

Tal como ocorre com a cerâmica de engobe vermelho, todas as séries estabelecidas para a cerâmica cinzenta ocorrem neste momento de ocupação da Rua dos Correeiros. As séries 1 e 3 são as mais expressivas em termos numéricos, com 45,45% e 40,01%, respectivamente. Segue-se a série 4, com 5,45% e a 2, com 3,64%. Os materiais que não permitiram uma classificação morfológica constituem os restantes 5,45%.

Na série 1, o grupo 1A é o mais significativo, com 43,63%. A variante 1Aa é a mais representativa, com 18,18%, seguindo-se a 1Ab, com 5,45%. A única variante do grupo 1B, a variante 1Ba, corresponde a 1,82% do conjunto.

O único grupo incluído na série 2 também está presente nesta fase. As suas duas variantes, 2Aa e 2Ab representam, cada uma, 1,82% do conjunto.

Da série 3, os primeiros dois grupos, 3A e 3B, estão representados, cada uma delas com uma variante. A 3Aa compõe 7,28% do conjunto e a 3Ba, mais numerosa, 14,55%.

A última série da cerâmica cinzenta, a 4, marca presença através de um único grupo e de uma única variante. Esta, 4Aa, constitui 5,45% dos materiais de cerâmica cinzenta desta fase.

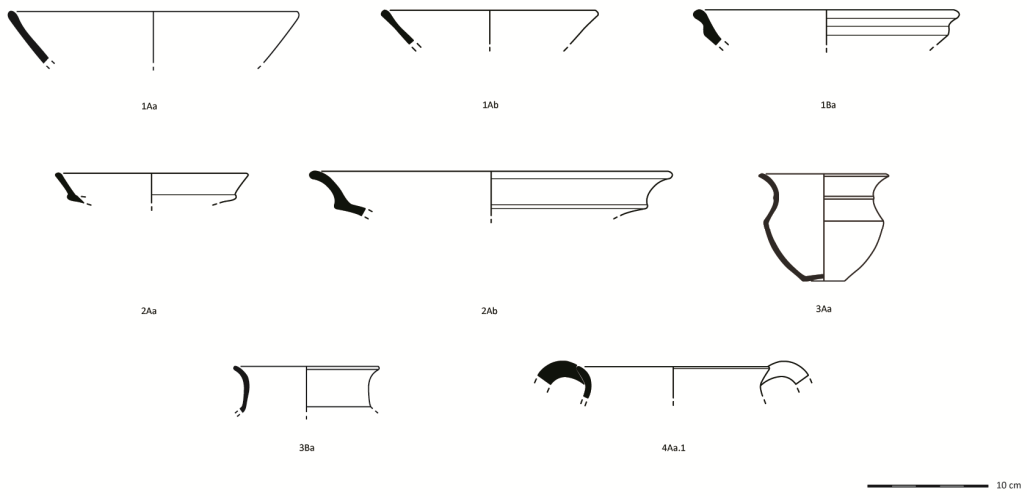


Fig. 140 – Cerâmica cinzenta da fase C.

A cerâmica comum representa a categoria mais diversificada. Das 14 séries estabelecidas, 12 existem nesta fase. As 1 e 10 são as mais expressivas a nível numérico, representando 41,10% e 44,55%, respectivamente. As restantes são pouco significativas. A série 5 compõe 1,72% do conjunto, seguida pela série 8, com 1,50%, pela série 7, com 1,49% e pela série 3, com 1,06%. Com representatividade inferior a um por cento encontra-se a série 4, com 0,85%, a série 11, com 0,64%, a série 14 com 0,43%, a série 2 com 0,42% e as séries 9 e 13, cada qual com 0,21%. Os materiais que

não possibilitaram uma classificação tipológica constituem os restantes 5,82% do conjunto.

Os dois grupos estabelecidos para a série 1 estão representados nesta fase. O grupo 1A destaca-se pela sua expressividade, somando 38,75% do conjunto. Ao nível das variantes, a 1Aa é a mais bem documentada, com 6,42%. Seguem-se as variantes 1Ae, com 1,28%, 1Ad, com 1,07%, 1Ac, com 0,64 e a variante 1Ab, com 0,21%. O grupo 1B é claramente minoritário, constituindo apenas 2,35%. Das três variantes existentes, a 1Bc é a mais bem representada, com 1,28%, seguida pela 1Bd, com 0,86% e 1Ba, com 0,21%.

Também na série 2 os dois grupos identificados se encontram presentes nesta fase, ainda que sejam pouco expressivos. Ambos estão representados por uma única variante, variante 2Aa e variante 2Bb, cada qual constituindo 0,21% do conjunto.

A série 3 mostrou-se através dos grupos 3A e 3B, que correspondem a 0,85% e a 0,21% do conjunto, respectivamente. O primeiro grupo é composto por duas variantes, 3Aa, que constitui 0,64%, e 3Ab, com 0,21%. A única variante do grupo 3B, variante 3Ba, representa 0,21%.

Os dois grupos da série 4, grupo 4A e grupo 4B, compõem 0,43% e 0,42% do conjunto, respectivamente. O primeiro apenas tem uma variante, que possui, naturalmente, o mesmo peso percentual. As duas variantes do grupo 4B constituem, cada, 0,21% do conjunto.

A série 5 está representada por todos os grupos estabelecidos. O mais expressivo é o grupo 5C, que soma 0,86% do conjunto, seguido pelos grupos 5A e 5B, cada qual com 0,43%. A única variante presente do grupo 5A, variante 5Ac, constitui 0,43%. As variantes dos restantes grupos, 5Ba e 5Ca constituem, respectivamente, 0,43% e 0,86% do conjunto desta fase.

A série 7 é composta por um único grupo, grupo 7A. Das suas seis variantes, cinco estão presentes nesta fase. As mais bem representadas são as variantes 7Ab e 7Ad, cada qual com 0,43%. As variantes 7Ac, 7Ae e 7Af compõem, individualmente, 0,21% do conjunto.

A série 8, sendo constituída por um único grupo e uma única variante, 8Aa, totaliza, como já foi referido, 1,50% do conjunto de cerâmica comum desta fase.

A série 9 fica evidenciada pela presença do grupo 9B, e pela sua única variante, 9Ba, que constitui 0,21%.

Cinco dos grupos que integram a série 10 estão representados nesta fase. Os mais expressivos numericamente são os 10B, com 20,79% e o 10A, com 15,2%. Segue-se o 10C, com 3% e os 10D e 10H, com 0,42% e 0,21%, respectivamente. A única variante do grupo 10A, a variante 10Aa, constitui 8,35%. Das três variantes presentes do grupo 10B, a 10Ba é a mais bem representada, com 17,15%. Segue-se a variante 10Bb, com 1,93% e a variante 10Bc, com 0,21%. As duas variantes do grupo 10C, 10Ca e 10Cb, correspondem, cada uma delas, a 1,50% do conjunto. Situação idêntica verifica-se no grupo 10D, cujas variantes, 10Da e 10Db, constituem 0,21%. O grupo 10H marca presença através da variante 10Ha, que constitui outros 0,21%.

Dos dois grupos da série 11, apenas o grupo 11A existe nesta fase. As suas duas variantes, 11Aa e 11Ab somam, respectivamente, 0,43% e 0,21% do conjunto.

As séries 13 e 14 estão representadas pelos seus únicos grupos, 13A e 14A, cada uma com uma variante. A 13Aa constitui 0,21% e a 14Aa 0,43% do conjunto.

A cerâmica manual é claramente minoritária no conjunto. Apenas se identificaram dois fragmentos, sendo um de forma indeterminada e o outro pertencente a um recipiente de tipo pote/panela.

Entre outros objectos cerâmicos, cabe apenas referir a presença, nesta fase, de um fragmento de uma representação coroplástica, de difícil classificação.

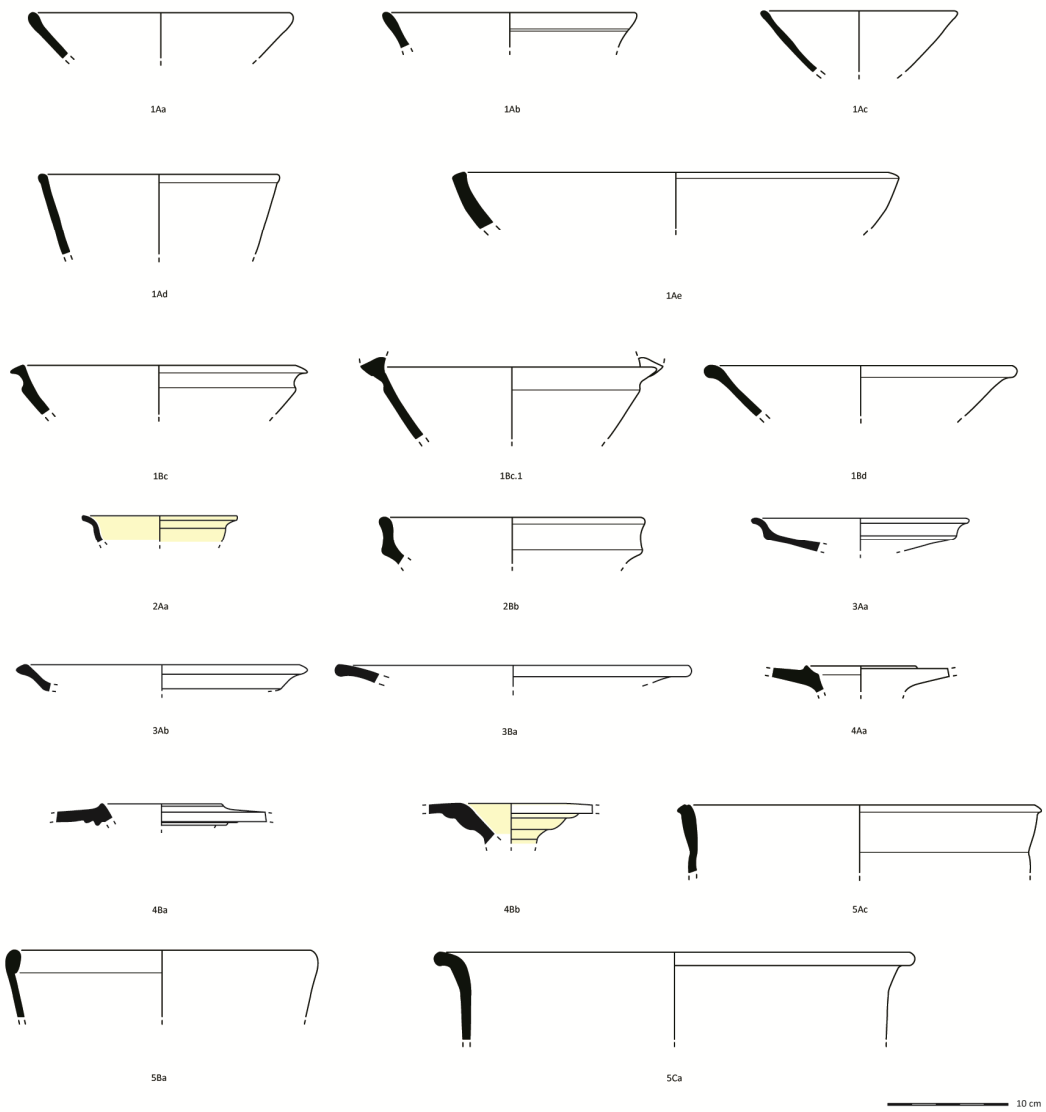


Fig. 141 – Cerâmica comum da fase C.

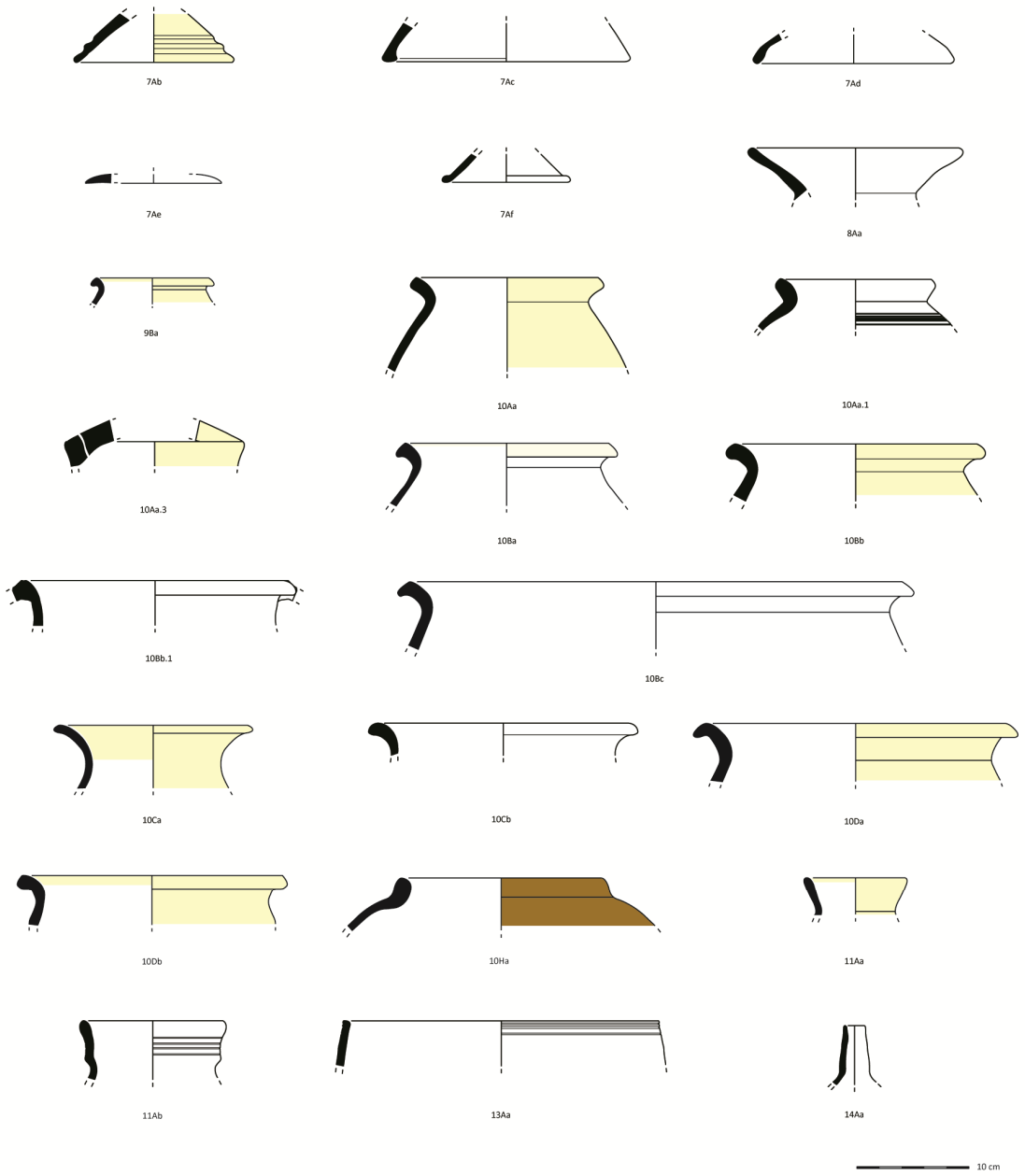


Fig. 142 – Cerâmica comum da fase C.

Fase D

A segunda fase de ocupação da Rua dos Correeiros está marcada, na área designada de compartimento 7, pelos níveis associados à estrutura interpretada como forno, denominados camadas 36, 44 e 38.

Compartimento 7 - camada 36/FF

48 NMI							
Ânforas	Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum	Manual	Outros art.		
2	1	6	39	0	0		
Ânforas		Eng. verm.	C. cinzenta				
1Ba	1Bb	6Bb	1A	1Ab	3Aa	3Ba	Ind.
1	1	1	1	1	1	2	1
C. comum							
1A	1Aa	1Ae	1Ba	1Bc	3Ac	8Aa	9Aa
12	1	2	1	2	1	1	1
10Aa	10Ba	10Da	10Ea	11Aa	Ind.		
3	3	2	1	1	8		

Compartimento 7 - camada 44

25 NMI						
Ânforas	C. grega	Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum	Manual	Outros art.
2	1	0	2	20	0	0
Ânforas		C. grega	C. cinzenta			
1Ca	Ind.	Taça *Cástulo*	1A			
1	1	1	2			
C. comum						
1A	5Ca	10	10Aa	10Ba	10Da	
3	3	1	8	4	1	

Compartimento 7 - camada 38

11 NMI					
Ânforas	Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum	Manual	Outros art.
0	1	1	9	0	0

Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum				
2Aa	1A	1A	1Ab	8Aa	10Ba	Ind.
1	1	1	1	1	4	2

Possivelmente também associado ao forno, na área do compartimento 4, destaca-se a camada 12G, que forneceu um abundante conjunto de materiais.

Compartimento 4 - camada 12 G

216 NMI					
Ânforas	Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum	Manual	Outros art.
85	2	7	121	0	1

Ânforas										
1Ab	1Ac	1Ba	1Bb	1Ca	1Cb	1Cc	1Da	1Db	1Dc	Ind.
22	14	5	2	4	2	1	11	11	3	10

Eng. verm.		C. cinzenta				
3Aa	4Aa	1Aa	2A	3	3Aa	4Ca
1	1	1	1	2	2	1

C. comum								
1A	1Aa	1Bc	3Aa	5	5Ca	8Aa	10	10Aa
7	3	1	1	1	4	2	45	9

10B	10Ba	10Bb	10Cb	10Da	11Aa	11Ba	Ind.
2	32	5	1	4	1	3	2

Outros art.
Cossoiro
1

Na área do compartimento 3, apenas um nível, pela sua posição estratigráfica, pode ser associado a esta fase. Foi designado por camada 43.

Compartimento 3 - camada 43

22 NMI					
Ânforas	Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum	Manual	Outros art.
5	0	1	16	0	0

Ânforas				C. cinzenta
1Aa	1Da	1Db	Ind.	1Aa
1	1	2	1	1

C. comum						
1A	1Aa	4Ba	10	10Aa	10Ba	Ind.
2	1	1	2	4	4	2

Esta segunda fase de ocupação é também marcada pela construção de três compartimentos, designados de compartimentos 1, 2 e 6. Nos dois primeiros, foi possível identificar os solos de ocupação, sobre os quais se identificou uma pequena sequência estratigráfica anterior ao momento do abandono total do sítio.

No compartimento 1, o piso de ocupação foi designado por camada 24. Sobre este, e associada à mesma fase, documentou-se a camada 22.

Compartimento 1 - camada 24

14 NMI					
Ânforas	Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum	Manual	Outros art.
2	0	3	8	1	0

Ânforas		C. cinzenta	
1Bb	1Dc	2	4Ca
1	1	1	2

C. comum							Manual
1A	1Ac	1Bb	1Bd	10A	10Ba	10Bd	Tigela
1	1	1	1	1	2	1	1

Compartimento 1 - camada 22

9 NMI					
Ânforas	Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum	Manual	Outros art.
2	0	0	7	0	0

Ânforas		C. comum				
1Ba	1Dc	1A	3Ca	8Aa	10	10Ba
1	1	1	1	1	1	3

No compartimento 2, o estrato de utilização foi designado por camada 40. Sobre este, dois estratos, níveis 25 e 23, sobrepõem-se, integrando a mesma fase.

Compartimento 2 - camada 40

8 NMI					
Ânforas	Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum	Manual	Outros art.
0	1	1	6	0	0

Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum			
4Aa	3Ba	1A	1Ae	10Ba	Ind.
1	1	1	1	1	3

Compartimento 2 - camada 25

6 NMI					
Ânforas	Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum	Manual	Outros art.
0	0	1	5	0	0

C. cinzenta	C. comum		
3	1A	10	10Cb
1	1	3	1

Compartimento 2 - camada 23

29 NMI					
Ânforas	Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum	Manual	Outros art.
7	1	3	18	0	0

Ânforas					
1Ba	1Cc	1Da	1Db	1Dc	Ind.
1	1	1	1	1	2

Eng. verm.	C. cinzenta	
4Aa	1A	1Ab
1	2	1

C. comum							
1Aa	1Ba	6Aa	10	10Aa	10Ca	10Cb	10Gc
3	1	1	5	3	2	2	1

A esta fase é ainda possível associar uma sequência de quatro estratos escavados no interior do compartimento 6, designados de camada 58, 57, 55 e 51.

Compartimento 6 - camada 58

18 NMI					
Ânforas	Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum	Manual	Outros art.
4	1	4	9	0	0

Ânforas			Eng. verm.	C. cinzenta	
1Ba	1Ca	1Db	4Aa	1A	3
2	1	1	1	3	1

C. comum				
1A	1Aa	1Bc	8Aa	Ind.
4	1	1	1	2

Compartimento 6 - camada 57

34 NMI					
Ânforas	Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum	Manual	Outros art.
6	1	3	24	0	0

Ânforas			Eng. verm.	C. cinzenta	
1Da	1Db	Ind.	3Aa	1A	3
3	2	1	1	1	2

C. comum						
1A	1Bd	5Ba	8Aa	10A	10Ba	Ind.
9	2	1	3	4	4	1

Compartimento 6 - camada 55

4 NMI					
Ânforas	Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum	Manual	Outros art.
1	0	1	2	0	0

Ânforas	C. cinzenta	C. comum	
1Cc	1Ab	8Aa	10Ba
1	1	1	1

Compartimento 6 - camada 51

33 NMI					
Ânforas	Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum	Manual	Outros art.
6	1	2	24	0	0

Ânforas				
1Ac	1Ba	1Ca	1Db	Ind.
1	1	1	2	1

Eng. verm.	C. cinzenta
5Ab	Ind.
1	2

C. comum					
1A	1Aa	1Ba	3Aa	3Ab	5Ba
4	1	1	1	1	1

8Aa	10Aa	10Ba	10Bb	10Fa	10Gb	Ind.
1	2	1	4	1	1	5

Esta fase integra 19,04% do conjunto total de cerâmica recolhido na área.

As categorias cerâmicas dominantes nesta fase são ainda a cerâmica comum, com 64,57% e as ânforas, com 25,58%. A cerâmica cinzenta mantém, aproximadamente, o mesmo peso percentual que na fase anterior, constituindo 7,34% do conjunto. A cerâmica de engobe vermelho é, por outro lado, menos expressiva, correspondendo a apenas 1,89%. A cerâmica manual permanece minoritária, 0,21%, e outros artefactos de cerâmica compõem 0,21% do espólio. O único fragmento de cerâmica grega surge nesta fase, constituindo outros 0,21%.

O conjunto anfórico desta fase é dominado pelos grupos 1A e 1D, que representam, respectivamente, 31,15% e 33,6%. Seguem-se os grupos 1B, com 12,30%, e 1C, com 9,84%. Os materiais que não foi possível enquadrar tipologicamente constituem os restantes 13,12%.

Dentro do grupo 1A, a variante 1Ab é a mais bem representada, contando com 18,03% do conjunto. Segue-se a variante 1Ac, com 12,30%. A variante 1Aa é minoritária, com apenas 0,82%.

As duas variantes do grupo 1B estão presentes nesta fase. A variante 1Ba é mais expressiva, correspondendo a 9,02%, seguindo-se a variante 1Bb, com 3,28%.

No grupo 1C, a variante 1Ca compõe 5,74% do conjunto. As variantes 1Cb e 1Cc correspondem, respectivamente, a 1,64% e a 2,46%.

O último grupo representado, o grupo 1D, é dominado pelas variantes 1Da e 1Db que constituem 13,11% e 15,57%, respectivamente. A variante 1Dc é minoritária, com 4,92%.

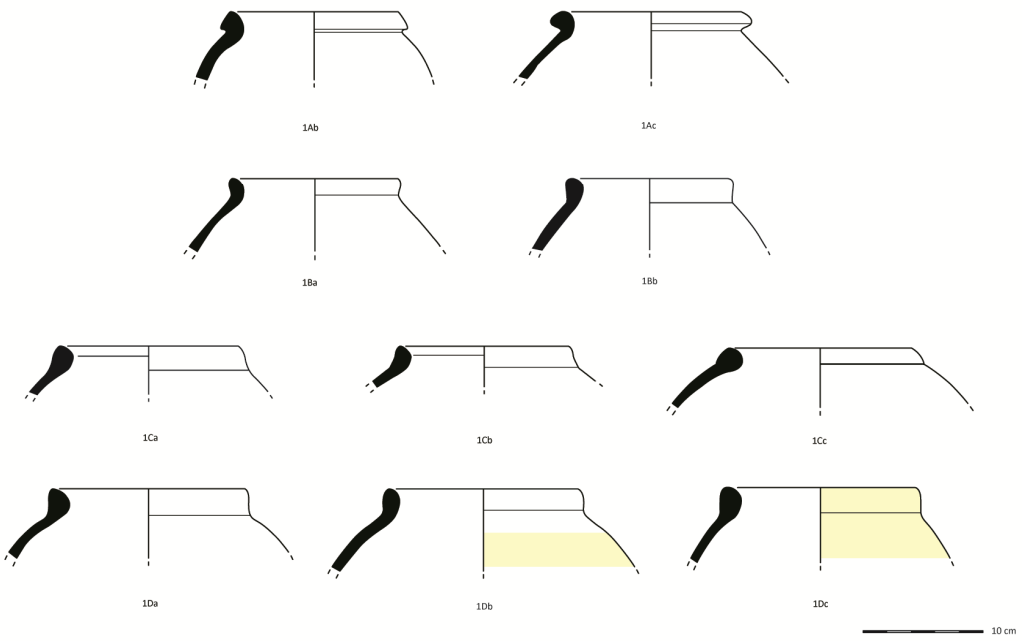


Fig. 143 – Ânforas da fase D.

A cerâmica de engobe vermelho é pouco expressiva no conjunto, estando representados cinco grupos, que apresentam uma distribuição bastante equilibrada. Cada grupo é constituído por uma única variante. Apenas o grupo 4A (variante 4Aa), se destaca pela sua expressividade, correspondendo a 44,44% do conjunto. Segue-se o grupo 3A (variante 3Aa), com 22,22% e os grupos 2A (variante 2Aa), 5A (variante 5Ab) e 6B (variante 6Bb), cada um deles com 11,11%.

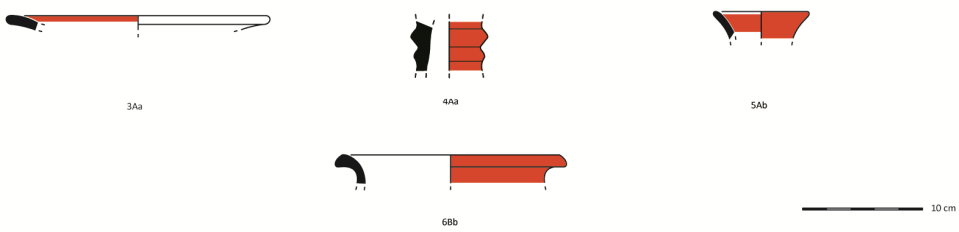


Fig. 144 – Cerâmica de engobe vermelho da fase D.

As quatro séries de cerâmica cinzenta estão presentes nesta fase.

A série 1 é a mais expressiva numericamente, com 42,85%. Segue-se a série 3, com 34,28%, a série 4, com 8,57%, e a série 2, com 5,72%. Os materiais que não permitiram um enquadramento tipológico correspondem aos restantes 8,57% do conjunto da cerâmica cinzenta.

Da série 1, apenas o grupo 1A está representado. A variante 1Ab soma 8,57% do conjunto, enquanto a variante 1Aa compõe 5,71%.

Dos materiais classificados no grupo 2A, não foi possível contabilizar nenhuma variante.

A série 3 está presente através de dois grupos, cada um deles com uma única variante. Tanto o grupo 3A (variante 3Aa) como o grupo 3B (variante 3Ba) representam, cada

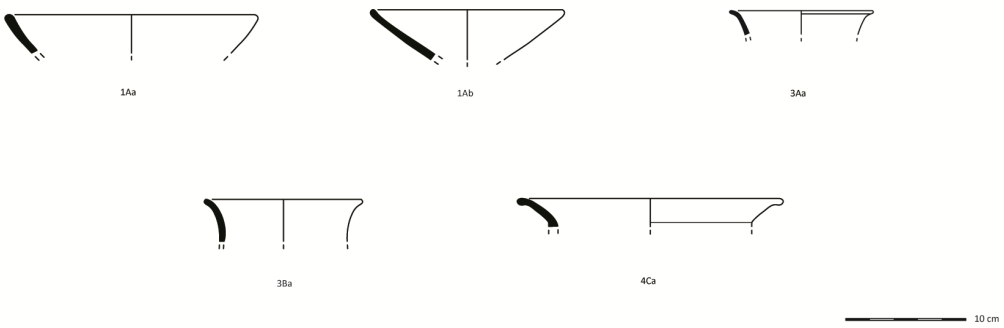


Fig. 145 – Cerâmica cinzenta da fase D.

qual, 8,57% do conjunto.

A série 4 está ilustrada por um único grupo (4C), representando a sua variante (4Ca) 8,57%.

A cerâmica comum figura com nove séries. Destas, a 10 é a mais expressiva em termos numéricos, com 58,11%, seguida pela 1, com 23,36%. A série 8 constitui 3,90% do conjunto, a série 5, 3,24%, a série 3, 1,61%, e a série 11, 0,64%. As séries 4, 6 e 9 estão representadas, cada uma delas, com 0,32%. Os materiais que não possibilitaram uma classificação morfológica constituem 8,12%.

Os dois grupos da série 1 estão presentes nesta fase. O grupo 1A é dominante, com 19,80%, somando o grupo 1B 3,56%. Dentro do primeiro, a variante 1Aa é a mais numerosa, com 3,25%, seguindo-se a variante 1Ae, com 0,97%. As variantes 1Ab e 1Ac compõem 0,32% do conjunto da cerâmica comum. No grupo 1B estão representadas as suas quatro variantes. A variante 1Ba corresponde a 0,97%, a 1Bb a 0,32%, a 1Bc a 1,30% e a 1Bd a 0,97.

A série 3 está também presente com os seus dois grupos, 3A e 3C. O primeiro, que corresponde a 1,29%, está ilustrado por três das suas variantes. A 3Aa é ligeiramente mais expressiva, contando com 0,65%, seguida pelas 3Ab e 3Ac, cada qual com 0,32%. O segundo grupo é constituído por uma única variante, 3Ca, que representa 0,32% do conjunto.

O único grupo da série 4 desta fase, grupo 4B, está presente numa única das suas variantes, 4Bb, que compõe 0,32% do conjunto.

A série 5 está representada pelos grupos 5B e 5C, cada qual com uma variante. O segundo (variante 5Ca) é o mais expressivo, com 2,27%, correspondendo o outro (variante 5Ba) a 0,65%.

O único grupo da série 6 que se identificou, o 6B, é constituído por uma única variante (6Ba), que totaliza 0,32% do conjunto.

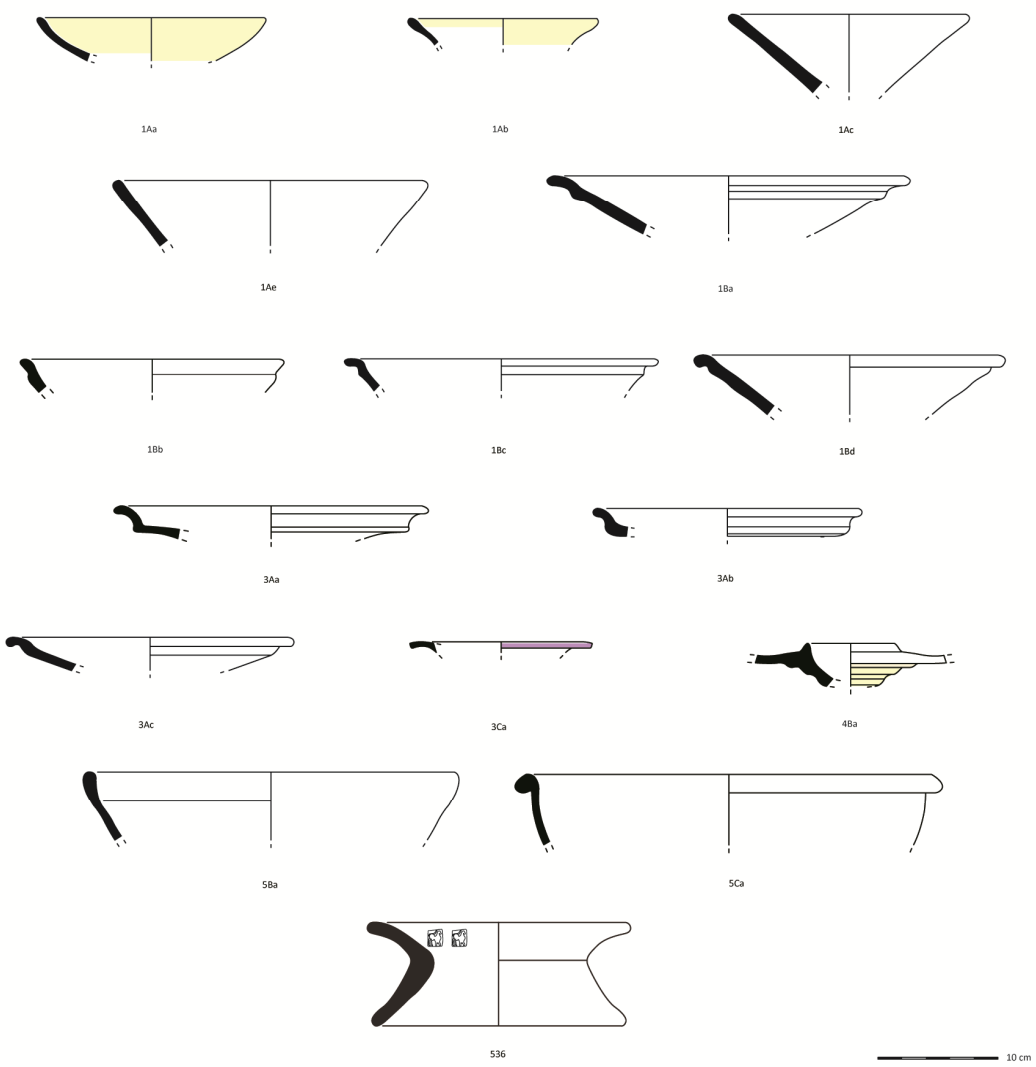


Fig. 146 – Cerâmica comum da fase D.

A série 8, sendo constituída por um único grupo e variante (8Aa), corresponde aos mesmos 3,90%.

Na série 9, apenas o grupo 9A está documentado, concretamente a sua variante 9Aa, que corresponde a 0,32% do conjunto.

A série 10, para além de mais numerosa, é também a mais diversificada formalmente. Apenas um dos grupos que a constitui não foi identificado nesta fase. O grupo 10A representa 11,04%, correspondendo a sua variante 10Aa a 8,12%. O grupo 10B é o mais expressivo numericamente, contando com 23,06%. Duas das suas variantes estão presentes nesta fase. A 10Ba é a mais expressiva, com 19,16%, correspondendo a

variante 10Bb a 3,25%. O grupo 10C está também representado por duas variantes, compondo a variante 10Ca 0,65% do conjunto e a variante 10Cb 1,30%. Apenas uma das variantes do grupo D está presente, a 10Da, que corresponde a 2,27%. Os grupos 10E e 10F, cada um composto por uma única variante, 10Ea e 10Fa, somam, individualmente, 0,32%. Por último, o grupo 10G representa 0,64% do conjunto. As 10Gb e 10Gc somam, cada uma delas, 0,32%.

A série 11 ilustra-se através dos grupos 11A e 11B, ambos com uma variante (variante 11Aa e 11Ba). Representam, cada, 0,32% do conjunto da cerâmica comum desta fase.

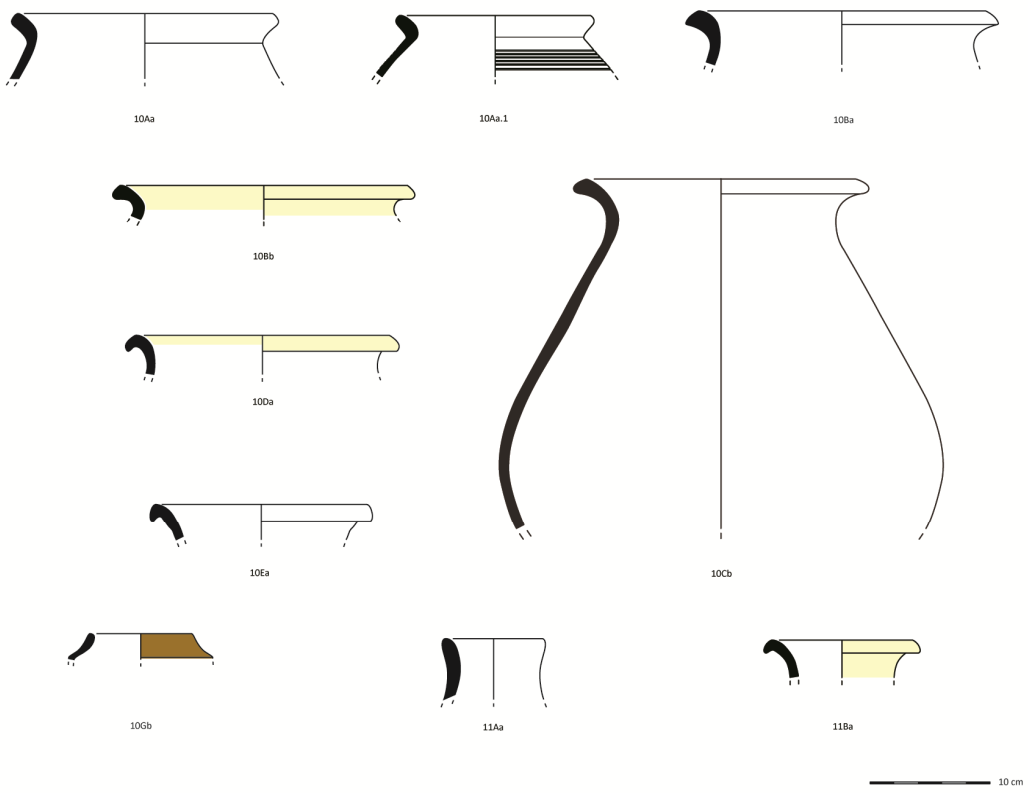


Fig. 147 – Cerâmica comum da fase D.

A cerâmica manual permanece claramente minoritária no conjunto, correspondendo o único fragmento classificável recolhido nestes contextos a um recipiente de tipo tigela ou taça.

Das restantes categorias cerâmicas, cabe destacar que o único fragmento de cerâmica grega exumado no decurso das escavações realizadas na Rua dos Correeiros é proveniente desta fase de ocupação. Recuperou-se ainda um cossoiro de cerâmica.

Fase E

Às realidades estratigráficas referidas anteriormente sobrepôs-se um vasto depósito que marca o momento de abandono final da ocupação sidérica, designado de camada 34/BB. Associado a este momento, definiu-se ainda um pequeno depósito, designado de camada 45. Por razões anteriormente referidas (*vide supra* 4.1.3.), optámos por incluir neste momento alguns materiais recolhidos nas cotas superiores do nível de areia que constitui o momento intermédio entre a ocupação sidérica e a posterior ocupação romana (camada AA).

Camada 34/BB

1249 NMI							
Ânforas	Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum	Manual	Outros art.		
202	34	100	907	2	4		
Ânforas							
1Aa	1Ab	1Ac	1Ad	1Ae	1Af	1Ba	1Bb
6	46	18	1	2	1	16	9
1Ca	1Cb	1Cc	1Da	1Db	1Dc	1Ea	Ind.
16	4	4	10	50	18	1	63
Eng. verm.							
1ª	1Aa	1Ba	1Ab	2Aa	2Ba	3Aa	
2	2	3	1	3	1	2	
3Ab	3Ba	4Aa	5Aa	5Ab	6Aa	6Bb	Ind.
1	3	7	2	1	1	2	3
C. cinzenta							
1A	1Aa	1Ab	1Ac	1Ca	2A	2Ab	3	3Aa
40	4	3	1	1	6	1	16	9
3Ab	3Ac	3Ba	3Ca	4Aa	4Ac	4Ca	Ind.	
1	2	9	1	2	1	2	1	

C. comum										
1A	1Aa	1Ab	1Ac	1Ae	1B	1Ba	1Bb	1Bc	1Bd	2Aa
206	28	1	4	5	2	7	6	18	3	1
2Ba	2Bb	2Bc	2Bd	3A	3Aa	3Ab	3Ac	3Ad	3Ba	3Ca
2	7	1	1	2	3	2	1	1	1	2
4B	5Aa	5Ac	5Ad	5Ba	5Ca	7A	7Aa	8Aa	9Aa	9Ac
1	1	6	3	1	25	1	2	20	3	1
9Ba	10	10Aa	10B	10Ba	10Bb	10Ca	10Cb	10Da	10Ea	10Fa
1	26	140	1	240	14	1	5	5	2	3
10Ga	10Gc	10Ha	10Hb	11Aa	11Ab	11Ba	12Aa	Ind.		
1	1	1	1	6	1	1	1	88		
Manual				Outros art.						
Pote e / ou panela				Corop.			Pendente			
2				3			1			

Camada 45

20 NMI					
Ânforas	Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum	Manual	Outros art.
1	1	1	17	0	0
Ânforas		Eng. verm.		C. cinzenta	
1Ac		Ind.		Ind.	
1		1		1	
C. comum					
1A	5Ab	9Aa	10Aa	10Ba	Ind.
3	1	1	4	7	1

Camada AA

20 NMI					
Ânforas	Eng. verm.	C. cinzenta	C. comum	Manual	Outros art.
18	0	6	36	0	0

Ânforas				
1Ab	1Bb	1Ca	1Db	Ind.
2	1	3	6	6

C. cinzenta					
1A	1Aa	2Ab	3	3Ab	3Ac
1	1	1	1	1	1

C. comum										
1A	1Ab	1Ac	5Ab	5Ba	5Ca	8Aa	10Aa	10Ba	10Cb	Ind.
8	1	1	1	1	1	2	5	14	1	1

Esta última fase é a mais bem representada, correspondendo a 53,05% do conjunto artefactual recuperado no sector.

A fase de abandono final do espaço sidérico permanece dominada, a nível artefactual, pela cerâmica comum, que constitui 72,23%. As ânforas são a segunda categoria cerâmica mais expressiva, com 16,63%. A cerâmica cinzenta permanece na margem dos valores das fases anteriores, com 8,05% e a cerâmica de engobe vermelho corresponde a 2,63%. A cerâmica manual permanece minoritária, com 0,15% e outros artefactos de cerâmica, constituem 0,30% do conjunto.

Nesta última fase, os grupos anfóricos dominantes são o grupo 1A e o grupo 1D que representam, respectivamente, 27,10% e 29,58% do conjunto. Segue-se o grupo 1C, com 9,51% e o grupo 1B, com 9,15%. O grupo 1E é minoritário, constituindo 0,35%. Os fragmentos de ânforas que não permitiram uma classificação morfológica correspondem a 24,31% do conjunto.

No grupo 1A, a variante 1Ab é a mais bem representada, com 16,90%. Segue-se a variante 1Ac, com 6,69% e a variante 1Aa, com 2,11%. As variantes 1Ad, 1Ae e 1Af são as menos expressivas, correspondendo, respectivamente, a 0,35% e a 0,70% e a 0,35% do conjunto.

As duas variantes do grupo 1B estão presentes. A 1Ba compõe 5,63% do conjunto e a 1Bb, 3,52%.

No grupo 1C, a variante 1Ca é a mais expressiva numericamente, constituindo 6,69% do conjunto anfórico, seguida pelas variantes 1Cb e 1Cc, cada uma com 1,41%.

O grupo 1D é dominado pela variante 1Db, que representa 19,72%. A variante 1Da compõe 3,52% do conjunto e a variante 1Dc outros 6,34%.

O grupo 1E, minoritário, mostrou-se através da sua única variante, 1Ea, constituindo 0,35% do conjunto anfórico desta fase.

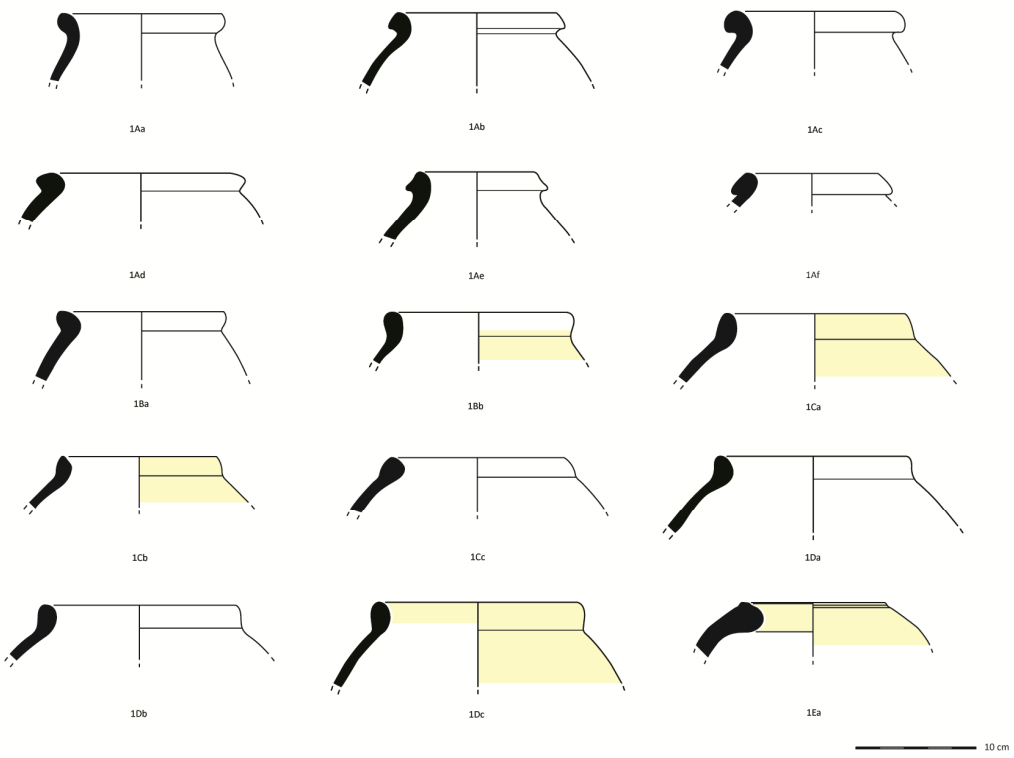


Fig. 148 – Ânforas da fase E.

A cerâmica de engobe vermelho está representada pelas suas primeiras seis séries. A série 1 é a mais expressiva numericamente, correspondendo a 22,85% do conjunto. Segue-se a série 4, com 20,00%, a 3, com 17,14% e a 2 com 11,43. As séries 5 e 6 são minoritárias, contabilizando, cada uma, 8,57%. Os materiais que não permitiram uma classificação tipológica correspondem aos restantes 11,44%.

Entre os grupos que integram a série 1, o grupo 1A é maioritário, com 14,28%, estando presentes suas duas variantes. A 1Aa compõe 5,71% e a 1Ab 2,86%. O grupo 1B e a respectiva variante, 1Ba, somam 8,57%.

Na série 2 contabilizam-se os grupos 2A e 2B. O primeiro, na sua variante 2Aa, compõe 8,57% do conjunto. A variante do grupo 2B (2Ba) corresponde a 2,86%.

Os dois grupos da série 3, grupo 3A e grupo 3B, estão presentes nesta fase, contabilizando ambos 8,57%. No grupo 3A, a variante 3Aa é composta por 5,71% e a variante 3Ab por 2,86%. O grupo 3B é constituído pela sua única variante, 3Ba, que corresponde, naturalmente, à mesma percentagem (8,57%).

A série 4, composta por um único grupo e variante, 4Aa, soma os mesmos 20,00%.

A série 5 também é ilustrada pelo seu único grupo, grupo 1A. Das suas duas variantes, a variante 5Aa é mais expressiva, com 5,71%, correspondendo a variante 5Ab a 2,86%.

A série 6 está evidenciada pelos grupos 6A e 6B, cada qual com uma variante. A variante 6Aa compõe 2,86% do conjunto e a variante 6Bb 5,71%.

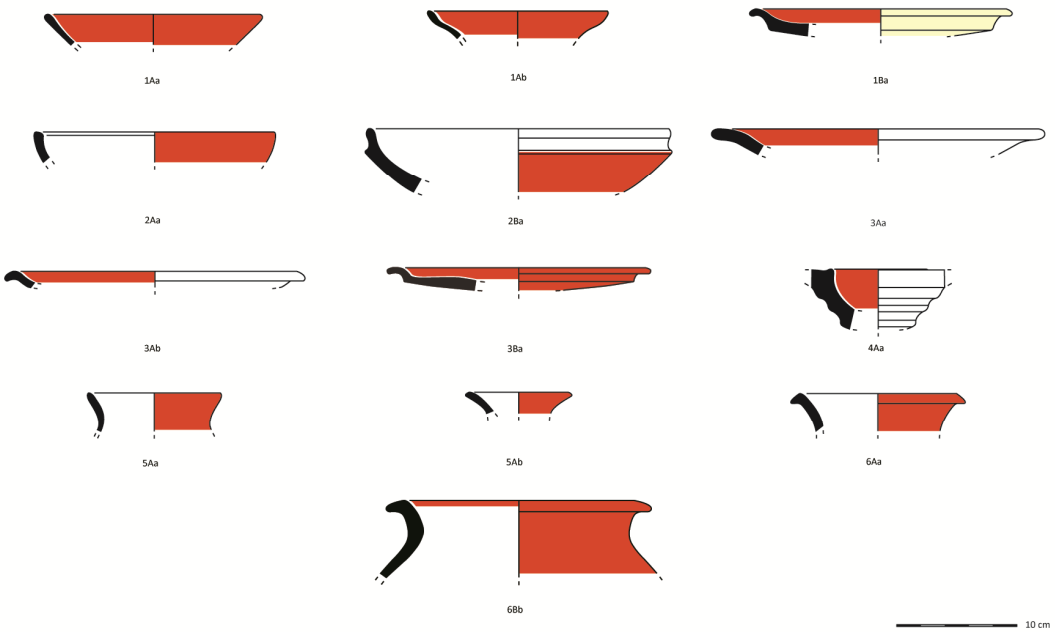


Fig. 149 – Cerâmica de engobe vermelho da fase E.

A cerâmica cinzenta desta última fase é dominada pelas séries 1 e 3 que correspondem, respectivamente, a 47,65% e a 38,31% do conjunto. As séries 2 e 4 são minoritárias, compondo a primeira 7,48% e a segunda 4,67%. Os exemplares que não possibilitaram um enquadramento tipológico constituem os restantes 1,87%.

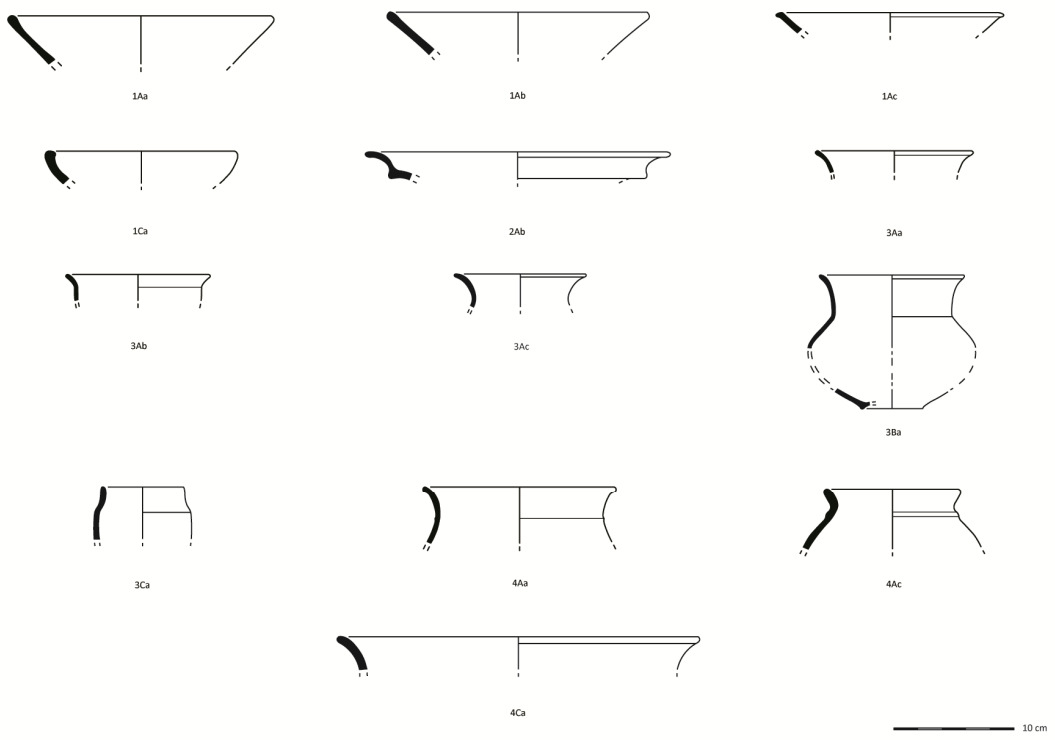


Fig. 150 – Cerâmica cinzenta da fase E.

Na série 1 encontram-se documentados os grupos 1A e 1C, sendo o primeiro maioritário, com 46,72%. As variantes presentes são a 1Aa, com 4,67%, a 1Ab, com 2,80% e a 1Ac, com 0,93%. O grupo 1C e a sua única variante, 1Ca, compõem 0,93% do conjunto.

O único grupo da série 2 está representado pela sua variante 2Ab, que corresponde a 1,87%.

Na série 3, o grupo 3A é o mais expressivo, constituindo 11,08%. As suas variantes 3Aa e 3Ab somam, respectivamente, 8,41% e a 1,87%. Os grupos 3B e 3C são compostos, cada qual, por uma única variante. A variante 3Ba integra 8,41% do conjunto e a variante 3Ca, 0,93%.

A última série, a 4, está ilustrada por dois grupos, 4A e 4C. Este último, e a sua respectiva variante, 4Ca, constitui 1,87%. O grupo 4A corresponde a 2,80% e exibe-se através das variantes 4Aa, que compõe 1,87%, e 4Ac, com 0,93%.

O conjunto da cerâmica comum permanece dominado pelas mesmas duas séries, a série 1, com 30,53% e a série 10, com 49,15%. A série 5 conta com 4,17% e a série 8 com 2,29%. Seguem-se as séries 2 e 3, cada uma com 1,24%, a série 11, com 0,83%, a série 9 com 0,62% e a série 7 com 0,31%. As séries 4 e 12 são as menos expressivas, constituindo, cada uma, 0,10% do conjunto. Os materiais que não permitiram uma classificação nos quadros tipológicos estabelecidos correspondem a 9,38%.

Na série 1, o grupo mais bem representado é o grupo 1A, que conta com 26,77%. A variante mais frequente, a 1Aa, constitui 2,92% do conjunto, seguindo-se as variantes 1Ae, com 0,52%, 1Ac, com 0,42% e 1Ab, com 0,31%. O grupo 1B, que corresponde a 3,76%, está presente através das suas quatro variantes. A mais expressiva é a variante 1Bc, com 1,88%, seguindo-se as variantes 1Ba, com 0,73%, 1Bb, com 0,63% e 1Bd, com 0,31%.

Ambos os grupos da série 2 estão também presentes nesta fase. O grupo 2A e a sua única variante, 2Aa, constituem 0,10% do conjunto. O grupo 2B, que conta com 1,14%, está documentado pela variante 2Ba, com 0,21%, 2Bb, com 0,73%, 2Bc e 2Bd, cada um com 0,10%.

A série 3 está representada por três grupos. O 3A é ligeiramente mais expressivo, com 0,93%, seguindo-se os 3B e 3C, com 0,10% e 0,21%, respectivamente. O grupo 3A conta com quatro variantes. A 3Aa compõe 0,31% do conjunto, a 3Ab, 0,21%, a 3Ac, 0,10% e a 3Ad com outros 0,10%. Os restantes grupos são constituídos por uma única variante, correspondendo a um peso percentual idêntico ao dos respectivos grupos.

A série 4 é minoritária. O único grupo identificável é o grupo 4B, que representa os mesmos 0,10%. O estado dos exemplares não permitiu a identificação de uma variante..

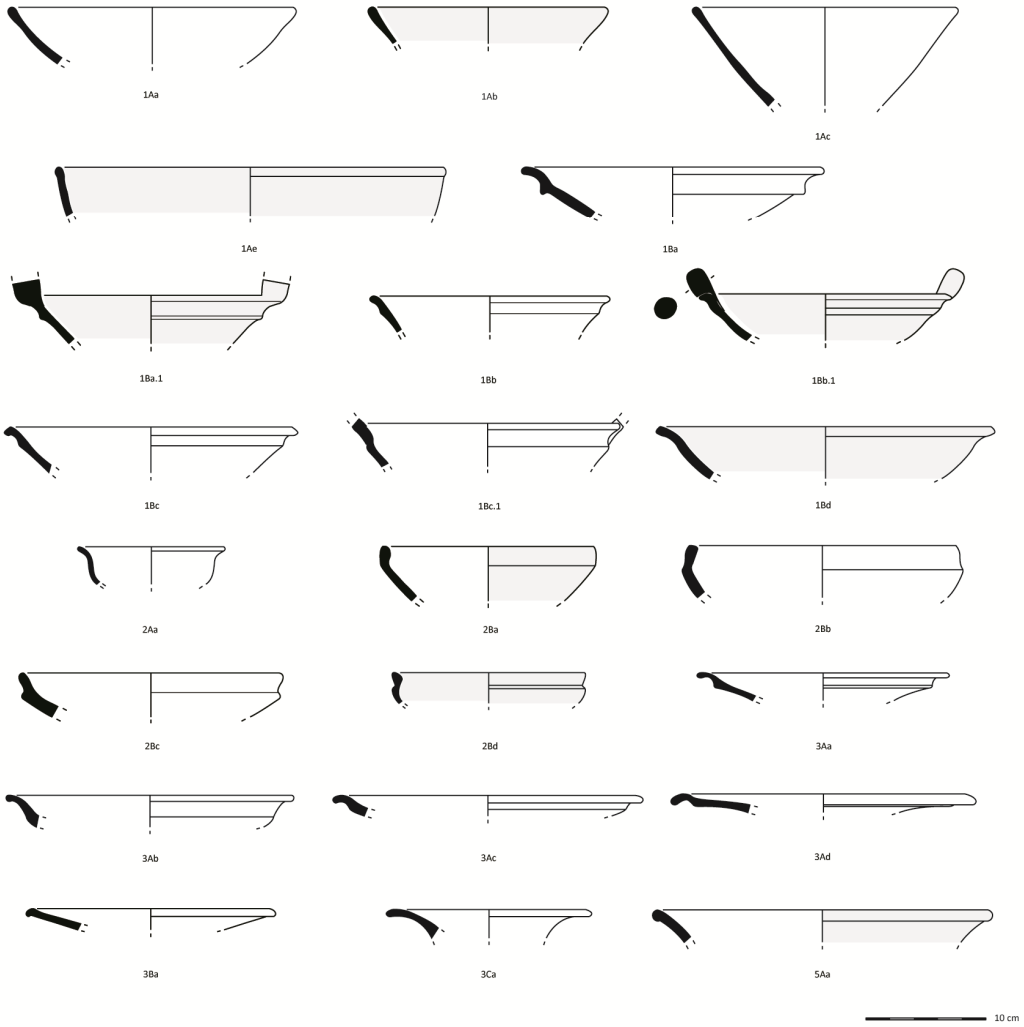


Fig. 151 – Cerâmica comum da fase E.

A série 5 documenta-se através de três grupos. O 5C é maioritário, constituindo 2,71% do conjunto. A sua única variante, 5Ca, apresenta o mesmo peso percentual. Segue-se o grupo 5A, com 1,25%. A sua variante 5Aa compõe 0,10% do conjunto, a variante 5Ab, 0,21%, a variante 5Ac, 0,63% e a variante 5Ad, 0,31%. O grupo 5B e sua variante 5Ba correspondem a 0,21%.

A série 7, que é composta por um único grupo, 7A, constitui 0,31%. A única variante presente nesta fase, variante 7Aa, conta com 0,21%.

A série 8, que corresponde não só a um único grupo mas também a uma única variante, representa 2,29% do conjunto.

Da série 9 estão presentes os dois grupos estabelecidos. O grupo 9A é ligeiramente mais expressivo, com 0,52%, somando a sua variante 9Aa 0,42% e a 9Ac 0,10%. O grupo 9B e sua variante 9Ba correspondem a 0,10%.

A série 10 encontra-se representada por todos os grupos identificados. O mais bem documentado é o 10B, com 28,75%. Das suas duas variantes presentes nesta fase, a 10Ba é claramente maioritária, contando com 27,19%, seguindo-se a 10Bb, com 1,46%. Segue-se o grupo 10A, cuja única variante, 10Aa, que conta com 15,52%. Os restantes grupos são pouco representativos. O grupo 10C totaliza 0,73%, constituindo a sua variante 10Ca, 0,10%, e a variante 10Cb, 0,63%. O grupo 10D compõe 0,52% do conjunto, tendo a sua única variante aqui presente, 10Da, o mesmo peso percentual. O grupo 10E, composto por uma única variante, 10Ea, soma 0,21% e o grupo 10F, que conta também apenas com a variante 10Fa, 0,31%. Os grupos 10G e 10H estão, cada um deles, documentados por 0,20%. O primeiro está representado por duas variantes, 10Ga e 10Gc, constituindo, cada uma, 0,10%. Situação idêntica ocorre com o grupo 10H somando as suas variantes 10Ha e 10Hb0,10%, cada.

Os dois grupos da série 11 também foram identificados neste momento. O 11A é mais expressivo, com 0,73%. Das suas duas variantes, a variante 11Aa constitui 0,63% e a variante 11Ab, 0,10%. O grupo 11B e sua única variante, 11Ba, contam com 0,10%.

A última série presente, a 12, é composta por um único grupo e variante, 12Aa, que constituem 0,10% do conjunto.

A cerâmica manual permanece claramente minoritária. Apenas dois fragmentos classificáveis foram recolhidos, sendo integráveis na categoria morfo-funcional de pote/panela.

Ao nível de outros artefactos cerâmicos, cabe destacar a presença de três vasos coroplásticos, representando barcos de tipo *hippos*, e um pendente.

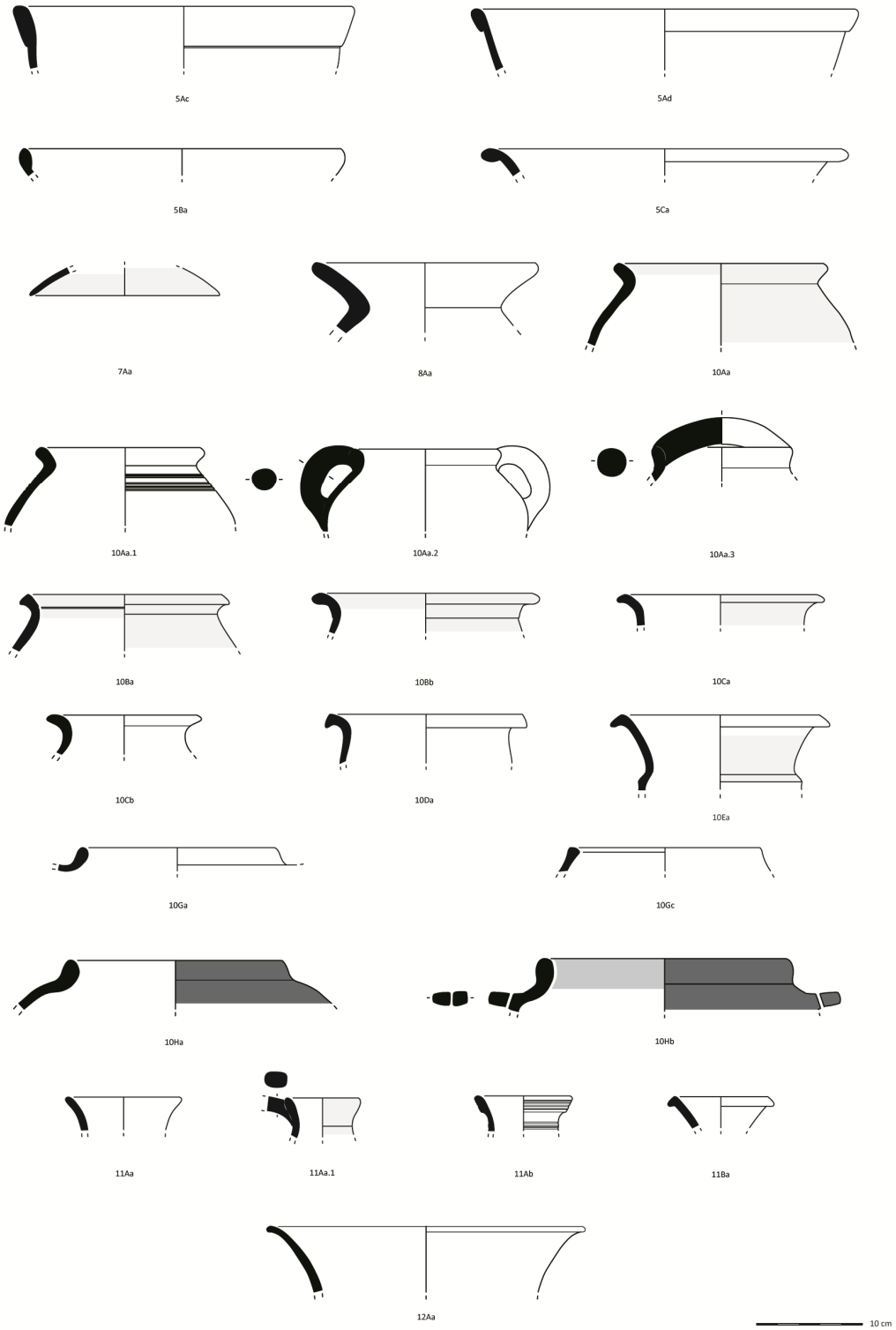


Fig. 152 – Cerâmica comum da fase E.

A principal conclusão que pode ser retirada desta análise global consiste na grande homogeneidade da cultura material ao longo das fases identificadas através da leitura estratigráfica do registo de escavação.

Apesar de serem distinguíveis diferentes momentos de ocupação, estes não traduzem uma expressão cronológica, o que indicia que a ocupação deste espaço foi consideravelmente curta no tempo. Associando estes dados aos já retirados da análise morfológica e comparativa dos materiais exumados, propõe-se que este espaço tenha sido ocupado apenas durante o século V a.C. e talvez inícios da centúria seguinte.

Por outro lado, a análise da distribuição das categorias cerâmicas nas diferentes fases, que mantêm sempre as mesmas características de fabrico, não sugere alterações ao nível da funcionalidade do sítio, independentemente da sua natureza. Apesar da identificação, na fase D, da estrutura interpretada como forno, a sua produção não gerou mudanças significativas ao nível da cultura material. Esta indicação permite considerar duas hipóteses. A primeira é a da referida estrutura não corresponder, efectivamente, a um forno de produção cerâmica. A segunda é a de o sítio localizado na actual Rua dos Correeiros ter sido sempre uma área relacionada com esta actividade, não se tendo, contudo, registado evidências específicas dessa produção na fase anterior, devido às pequenas dimensões da área escavada.

4.1.7. A ocupação sidérica da Rua dos Correeiros

A interpretação dos dados obtidos a partir da análise dos vestígios arqueológicos da Rua dos Correeiros deve ser, necessariamente, realizada com a consciência de que este é um espaço de carácter periférico em relação ao núcleo principal do povoado, que estaria localizado na colina do Castelo de São Jorge.

Este factor espacial, associado à sua localização concreta, numa área de ante-praia, e provavelmente nas proximidades de um braço de rio que se assume ter corrido na área da actual Baixa Pombalina, conferem ao local características que podem ser relacionadas com actividades comerciais, especificamente portuárias.

Infelizmente, os dados arquitectónicos não constituem indicadores claros da funcionalidade dos espaços. Com efeito, a maioria das estruturas detectadas são perfeitamente concordantes com uma ocupação de carácter habitacional. Contudo, em algumas zonas da Extremadura espanhola, como, por exemplo, em La Mata, arquitecturas semelhantes desempenharam funções comerciais, estando documentada a moagem e o armazenamento (Rodriguez Díaz, Ortiz Romero e Pavón Soldevilla, 2000).

A partir de um determinado momento da ocupação sidérica, a sua função «industrial» torna-se mais clara, com a construção de uma estrutura de combustão que se presume ser um forno cerâmico. De facto, e apesar das reservas que podem ser apontadas (*vide supra* 4.1.5.), uma produção de materiais cerâmicos no local parece ser uma das hipóteses mais prováveis. Algumas características do espólio artefactual recolhido encontram-se em consonância com esta proposta, concretamente a considerável quantidade de suportes cerâmicos, cuja expressividade só é comparável com outros centros produtores como são os casos, por exemplo, de Camposoto, em Cádis (Ramon Torres *et al.*, 2007) e Cerro del Villar, na costa de Málaga (Aubet *et al.*, 1999). A possibilidade deste espaço ter produzido também contentores anfóricos é corroborada não só pela expressiva percentagem destes materiais no conjunto, constituindo cerca de um quinto do espólio, e também pela sua frequência num dos contextos estratigráficos associados à estrutura do forno (camada 12 G). Dado que as características morfológicas e físicas dos materiais cerâmicos não sofrem grandes alterações ao longo da estratigrafia, admite-se que as mesmas funções de produção possam ter sido desempenhadas desde o início da ocupação do sítio, encontrando-se as evidências arqueológicas desta actividade em áreas não intervencionadas.

Tendo em consideração esta problemática, inerente à funcionalidade do espaço sidérico da Rua dos Correeiros, coloca-se a questão de o conjunto artefactual ser, ou não, comparável com outras realidades que não correspondiam a áreas produtoras, mas se constituíram como centros de consumo. Se a área tiver sido, efectivamente, um centro de produção de cerâmicas, a extrapolação dos dados quantitativos e morfológicos deve, portanto, ser feita com alguma cautela. Tratando-se de um centro de produção não especializado numa determinada categoria cerâmica, seria de esperar uma considerável diversidade morfológica entre a produção, facto que se encontra, efectivamente, atestado. As diversidades formais das várias categorias são consideráveis, identificando-

se, inclusive, materiais de carácter um pouco mais excepcional, particularmente na cerâmica de engobe vermelho e na cerâmica comum, para além das produções coroplásticas.

Uma outra possibilidade seria a de conceber este espaço como uma área multifuncional que, além de constituir um possível centro de produção oleira, poderia também desempenhar funções portuárias e, inclusive, também de habitação, a julgar pelas características dos restantes compartimentos identificados, tendo em consideração a sua associação a pequenas lareiras.

A cronologia desta ocupação, a julgar pelas características do conjunto cerâmico exumado, parece estar bem balizada em torno ao século V e inícios do século IV a.C. A completa ausência de materiais característicos da centúria anterior, bem sistematizados pelo estudo do espólio da Sé de Lisboa (Arruda, 1999-2000), suporta essa proposta cronológica. As ânforas do tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres, típicas desses momentos mais antigos, não estão documentadas entre os contentores de transporte da Rua dos Correeiros. O mesmo ocorre com algumas formas individualizantes de cerâmica cinzenta, concretamente os pequenos potes do tipo 3 da Sé de Lisboa e os pratos de bordo largo do tipo 2. A mesma situação aplica-se em relação aos pratos e taças carenadas de cerâmica de engobe vermelho. Na cerâmica comum e pintada, as ausências mais marcantes correspondem, sem dúvida, aos contentores de tipo *pithoi*.

Poderia assumir-se que, uma vez que a escavação da Rua dos Correeiros não atingiu o nível geológico, uma ocupação mais antiga poderia estar sob os vestígios pré-romanos identificados. Contudo, esta possibilidade não parece suportável, uma vez que entre os milhares de fragmentos recuperados não existe nenhum indício dessa ocupação anterior.

O conjunto cerâmico reflecte, a vários níveis, um carácter marcadamente mais tardio em relação aos espólios orientalizantes.

Os contentores anfóricos traduzem várias influências de protótipos meridionais e, quiçá, mesmo da Extremadura espanhola, que só se iniciam nos momentos finais do século VI a.C. O aparecimento de algumas características individualizantes das ânforas produzidas na foz do Estuário do Tejo, como é o caso das asas de secção oval com um sulco na sua

área mesial, assim como ao nível da morfologia e dimensão do bordo, parece ocorrer apenas em meados do 1º milénio a.C.

A cerâmica de engobe vermelho adquire, em algumas formas, características quase barrocas, que se intuem já na segunda metade do século VI a.C. (Arruda, 1999-2000), surgindo agora plenamente configuradas. A sua expressividade quantitativa parece ainda ser consideravelmente mais reduzida que em momentos anteriores, sendo provável que o seu desaparecimento ocorra em torno ao século IV ou III a.C.

Também entre a cerâmica cinzenta é possível observar uma clara evolução formal, particularmente ao nível dos pequenos potes da série 3 da Rua dos Correeiros e dos pratos carenados da série 2.

A cerâmica comum sofre, por outro lado, uma considerável expansão ao nível do repertório tipológico. Por um lado, inclui formas também produzidas em cerâmica de engobe vermelho e em cerâmica cinzenta. As tigelas de perfil carenado constituem também, provavelmente, influências dessas produções. Contudo, a aplicação de asas nesses recipientes (sub-variantes do grupo 1B de cerâmica comum) é uma característica limitada, até ao momento, a esta categoria, e, na foz do Estuário do Tejo, só se observa a partir do século V a.C. Outras formas, como os pratos carenados e as páteras de pé alto, constituem outras imitações claras das categorias especificamente relacionadas com o serviço de mesa. Uma idêntica proliferação formal é observável na série que engloba os recipientes designados por potes e/ou panelas. Enquanto algumas das variantes estabelecidas parecem consistir, claramente, em evoluções dos contentores de tipo *pithoi*, outras manifestam influências de áreas mais meridionais e mesmo da Extremadura espanhola, como é o caso dos vasos da sub-variante 10Aa.3.

Apesar destas evidências, a cronologia proposta para a ocupação da Idade do Ferro da Rua dos Correeiros baseia-se, também e sobretudo, nos três elementos exógenos do conjunto. A datação do fragmento de cerâmica grega e também dos dois contentores anfóricos é coincidente e aponta para um momento compreendido entre a segunda metade do século V e inícios do século IV a.C. A cronologia da fíbula anular hispânica, apesar de não se encontrar em associação contextual, também se enquadra na baliza proposta.

Tendo em conta estes dados, uma ocupação estendível até ao século III a.C., anteriormente proposta (AAVV, 1995, p. 12; Cardoso, 2004, p. 252 e p. 254), não parece, à luz destes dados, ser sustentável.

Uma última referência é necessária sobre a notável escassez de elementos importados. Os três fragmentos anteriormente referidos são os únicos materiais importados durante a Idade do Ferro, na Rua dos Correeiros, representando apenas 0,09% do conjunto artefactual. Apesar do carácter periférico do sítio exigir que a extrapolação destes dados seja efectuada com alguma cautela, parece reflectir uma considerável diminuição das importações para esta área, comparativamente com o que se verifica em momentos anteriores. Este indicador vai, de certa forma, ao encontro de uma leitura anteriormente proposta por A. M. Arruda, que defende uma progressiva desconectação da costa ocidental atlântica dos circuitos comerciais meridionais a partir de finais do século VI a.C. (Arruda, 1999-2000, 2005b).

4.2. Concelho da Amadora

Dentro dos limites do actual concelho da Amadora, prospecções e actividades arqueológicas de emergência realizadas desde a década de setenta do século passado permitiram o reconhecimento de uma rede de povoamento consideravelmente densa durante a Idade do Ferro.

As fases mais antigas destes trabalhos foram realizadas essencialmente por membros do Centro Cultural Roque Gameiro, destacando-se sobretudo as iniciativas de A. Gonzalez, responsável pela identificação da maioria dos sítios arqueológicos conhecidos até ao momento. Em datas mais recentes, estas actividades foram desenvolvidas pela Associação de Arqueologia da Amadora.

Infelizmente, as pressões urbanísticas a que está sujeita esta área dificultaram a leitura funcional dessas estações arqueológicas, uma vez que, na grande maioria dos casos, a sua descoberta surgiu em consequência da sua destruição.

Entre os sítios sidéricos identificados, Moinho da Atalaia Oeste e as Baútas merecem um especial destaque, não só pela relativa abundância dos materiais recolhidos, mas

também porque são os únicos onde foi possível realizar algumas observações de teor estratigráfico. O segundo é, inclusivamente, o único local do concelho que permitiu reconhecer estruturas arquitectónicas claramente relacionadas com a Idade do Ferro.



Fig. 153 – Localização dos sítios com ocupação pré-romana na Carta Arqueológica do Concelho da Amadora (segundo Miranda *et al*., 1999).

Os restantes sítios arqueológicos, concretamente Moinhos do Filipinho, Casal de Vila Chã Sul, Fiat – Alfragide e Alfragide Segundo Sul, são apresentados de uma forma mais resumida, uma vez que correspondem a locais onde apenas se realizaram prospecções ou sondagens de características muito sumárias, que não permitiram obter dados consistentes sobre a sua ocupação. Os espólios recolhidos foram contudo, analisados sob os mesmos parâmetros utilizados para os outros conjuntos.

4.2.1. Moinho da Atalaia Oeste

4.2.1.1. Enquadramento geográfico

A estação arqueológica actualmente conhecida como Moinho da Atalaia Oeste encontrava-se implantada numa plataforma inclinada, localizada no lado oeste da colina com idêntica designação (Moinho da Atalaia).

O sítio situa-se na freguesia da Reboleira, concelho da Amadora. As suas coordenadas UTM são: 29S MC 799 889 (Carta Militar de Portugal, Folha 431).

Apresenta uma altitude média de cerca de 170 metros (Fontes, 2004, p. 52). Ainda que não possua grandes condições naturais de defesa, o sítio tem boa visibilidade do território envolvente, particularmente do lado sul e oeste (Pinto e Parreira, 1978, p. 147). A condição agrícola dos seus solos integra-se nos tipos A e B. Nas proximidades da estação arqueológica, existem alguns cursos de água, nomeadamente a Ribeira da Falagueira e um seu afluente (Fontes, 2004, p. 52).

O substrato geológico da área integra-se no complexo basáltico de Lisboa, tendo-se observado, no decurso dos trabalhos arqueológicos realizados no sítio, que a zona superior desse substrato se encontrava bastante desagregada.

4.2.1.2. Síntese das intervenções arqueológicas

O sítio arqueológico de Moinho da Atalaia Oeste foi identificado em Junho de 1973, por E. Miranda. Era então conhecido como estação da Reboleira e tinha sido bastante afectado pelo alargamento da estrada de conexão entre a Amadora e Lisboa, a Estrada Nacional 117. Na sequência desses trabalhos, tornou-se visível a presença de materiais arqueológicos no talude este da referida estrada, materiais esses que despertaram a atenção do investigador, concretamente cerâmicas e fragmentos de fíbulas de bronze datáveis da Idade do Ferro.



Fig. 154 - Talude oeste do Moinho da Atalaia - 1973 (foto de A. Gonzalez).

Durante o mesmo ano, E. Miranda, acompanhado por A. Gonzalez, e outros membros do Centro Cultural Roque Gameiro, iniciaram trabalhos de prospecção no terreno, tendo detectado a presença de níveis arqueológicos e materiais de um largo espectro cronológico, concretamente o Calcolítico Final, Idade do Bronze e Idade do Ferro (Pinto e Parreira, 1978, p. 148).



Fig. 155 – Escavação do corte 1 (foto de A. Gonzalez).

Ainda no Verão de 1973, efectuaram-se alguns trabalhos

de escavação, concentrados nas plataformas que se tinham separado da elevação, em consequência do desequilíbrio estático causado pela construção da estrada. Estas áreas foram designadas por corte 1 e corte 2. Na primeira, foi possível observar a presença de um nível compacto, composto de pedras basálticas.

Em Julho de 1975, realiza-se a abertura de outros dois cortes perpendiculares ao talude, que foram designados por corte 3 e corte 4, cada qual com quatro metros de largura, sendo separados por uma banquete de um metro. Observou-se o prolongamento do nível pétreo anteriormente referido.

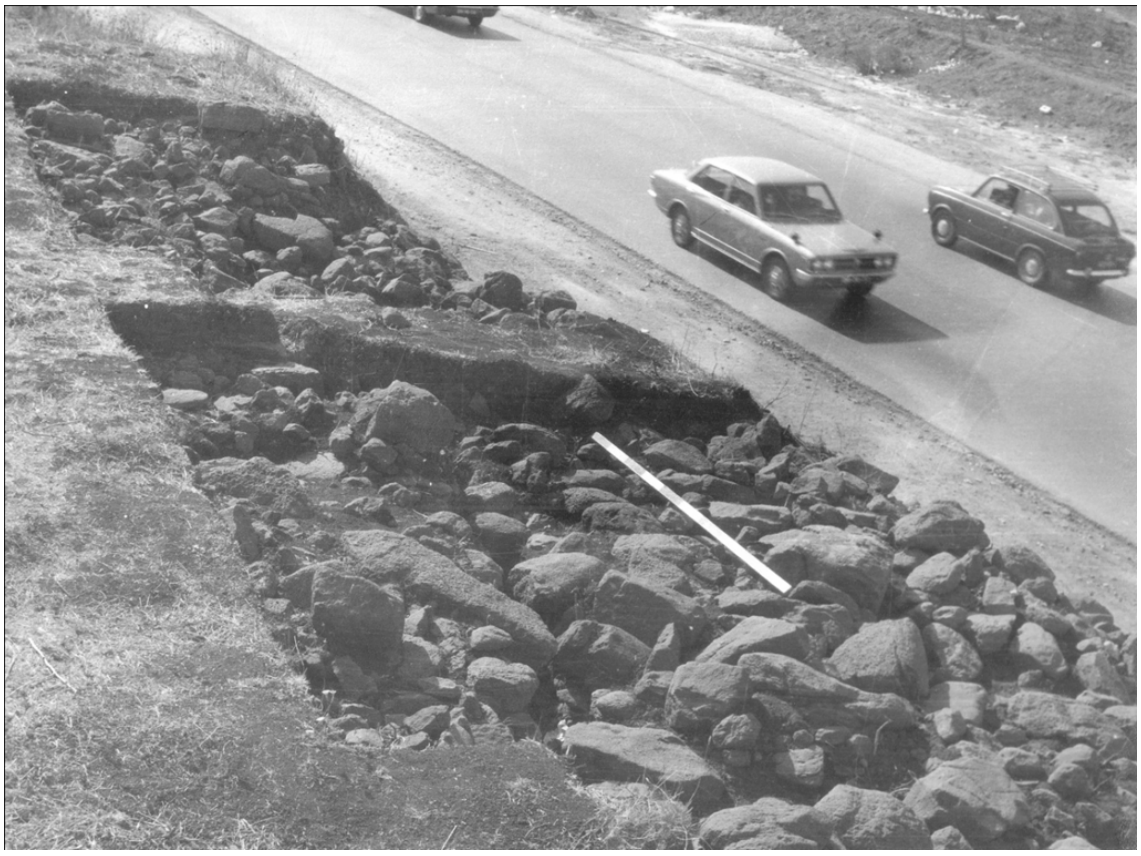


Fig. 156 – Final da escavação do corte 3 e corte 4 (foto de A. Gonzalez).

Entre Agosto e Outubro de 1980, e em Abril do ano seguinte, ocorrem as últimas intervenções arqueológicas realizadas na estação, dirigidas por J. Ludgero Gonçalves. Traduziram-se na abertura de seis quadrículas, de 5x5 metros, numa área contínua ao espaço intervencionado entre 1973 e 1975. Os trabalhos limitaram-se, sobretudo, à limpeza do terreno, à remoção do nível superficial e à definição do estrato de pedras basálticas, que continuou presente em todas as áreas abertas. À semelhança do que já

tinha sido observado anteriormente, o estrato superficial que cobria e por vezes se encontrava entre as pedras, continha materiais de vários períodos cronológicos, desde o Calcolítico Final até ao período contemporâneo, passando pelo Bronze Final e Idade do Ferro. No decurso desta intervenção foi, contudo, possível, em alguns quadrados, retirar uma camada de pedras de pequena dimensão, tendo-se observado entre elas a predominância de "cerâmica grosseira". Já em 1981, e de acordo com o caderno de campo, foram identificadas duas fossas de formato circular, escavadas no substrato rochoso, que se encontravam "entulhadas de pedras e continham cerâmicas de várias épocas, alguns pequenos carvões e ossos de animais" (Gonçalves, 1983, p. 38).

A primeira publicação científica sobre o sítio, da autoria de C. Pinto e R. Parreira, ocorreu em 1978, consistindo no estudo dos materiais arqueológicos recuperados durante as campanhas de 1973 e 1975. Infelizmente, este artigo pouco refere sobre as observações estratigráficas que foram realizadas no local durante as escavações. Especificamente sobre Moinho da Atalaia Oeste, destacam-se apenas três outros trabalhos. O primeiro é da autoria de S. Ponte, que estudou as fíbulas do sítio, juntamente com outras provenientes do mesmo concelho e de outros localizados nas imediações (Ponte, 1982-1983). Segue-se uma pequena notícia acerca do resultado das escavações realizadas na década de oitenta, da autoria de J. Ludgero Gonçalves (1983) e, por último, um pequeno estudo centrado nas materiais da Idade do Bronze, realizado por T. Fontes (2004).

A história deste sítio termina abruptamente em 1981, quando foi completamente destruído pela construção do Nó Radial da Buraca ou Nó dos Quatro Caminhos, sem que a última fase de escavação fosse concluída.

4.2.1.3. Estratigrafia

Como já foi referido anteriormente, a ocupação humana do Moinho da Atalaia Oeste encontrava-se dispersa numa pequena colina de topo aplanado, pouco destacada na paisagem. Os trabalhos arqueológicos realizados concentraram-se junto ao talude aberto pela Estrada Nacional 117.

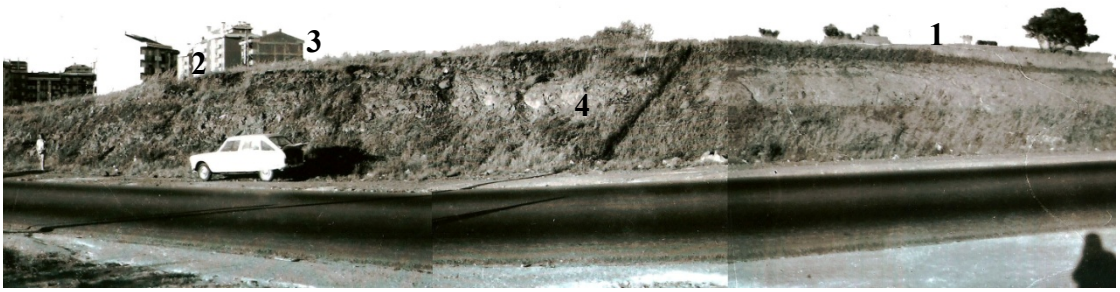


Fig. 157 – Talude oeste de Moinho da Atalaia (fotos e montagem de A. Gonzalez).

As duas primeiras áreas intervencionadas em 1973 correspondiam a duas pequenas plataformas localizadas junto ao talude que já se tinham, contudo, separado do substrato original e começavam a deslizar pela encosta. De facto, no decorrer destas intervenções, identificaram-se várias brechas na superfície do terreno que anunciavam novos deslizes.

Numa dessas plataformas, localizada na zona oeste do talude, e designada por corte 1 (fig. 157 – n.º 3), observou-se uma sequência estratigráfica composta por três níveis. Retirado o nível superficial, com cerca de 25 cm de espessura, identificou-se um estrato compacto, de elementos pétreos basálticos de pequena, média e grande dimensão. A este nível seguia-se um outro, sem pedras, onde se identificaram abundantes materiais cerâmicos em conexão, depositados sobre o substrato geológico, e correspondentes à ocupação do Bronze Final, estando associados a fauna mamalógica e a carvões. Estes materiais integraram a publicação de 1978, da autoria de C. Pinto e R. Parreira.

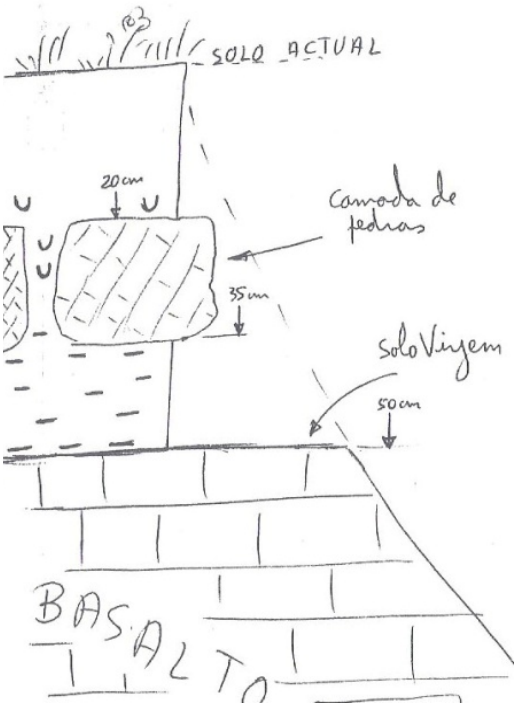


Fig. 158 – Esquema da estratigrafia observada no corte 1.



Fig. 159 – Corte 1 após o final dos trabalhos de escavação (foto de A. Gonzalez).

Na outra plataforma, concretamente numa zona bastante afectada pelo alargamento da estrada, detectou-se a existência de um nível com abundante fauna malacológica, associada a carvões que justificou, posteriormente, a abertura, na área, de uma pequena sondagem arqueológica, designada por corte 2 (fig. 157 – n.º 4).

Nesse contexto, e ainda na fase de prospecção, recolheram-se dois fragmentos de fíbulas, associados a fragmentos de potes e/ou panelas de cerâmica comum e cerâmica cinzenta. A escavação desta realidade colocou em evidência que a zona de concentração de conchas e carvões correspondia a um enchimento de uma vala, de formação antrópica, que cortava o substrato geológico. A fauna malacológica concentrava-se sobretudo no centro dessa depressão, parecendo estar delimitada por blocos pétreos afeiçoados de média dimensão. Ainda no interior da referida vala, e em torno à concentração de conchas, recolheu-se a grande maioria de fragmentos cerâmicos de cronologia sidérica, assim como alguns elementos de bronze e a conta de colar de pasta vítrea. Entre os primeiros, conta-se, por exemplo, o prato de cerâmica cinzenta (Est. 147

– n.º 73/181/11) e vários fragmentos de panelas decoradas com caneluras na zona superior da pança e de ânforas. Estes materiais foram incluídos na primeira publicação do sítio (Pinto e Parreira, 1978).

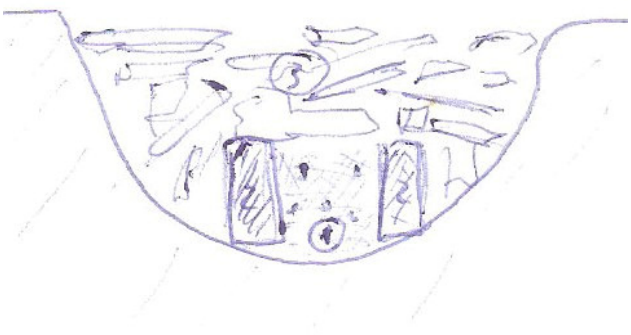


Fig. 160 – Desenho esquemático do corte da vala da Idade do Ferro.

Infelizmente, não foi possível observar as relações estratigráficas entre este contexto e as restantes evidências arqueológicas identificadas no sítio, concretamente o nível compacto de pedras basálticas, visível também nesta área. Como já se referiu anteriormente, o espaço onde se identificou a vala da Idade do Ferro localizava-se numa pequena plataforma que se tinha separado da restante colina e que se estava já a deslizar pelo talude. A sua superfície estava bastante afectada, não estando, infelizmente, conservada a sua relação com o nível formado pelas pedras basálticas.

Ainda durante os trabalhos de prospecção realizados durante 1973, identificou-se, na superfície da colina, uma área com uma particular concentração de cerâmica campaniforme (fig. 157 – n.º 2) e outra com uma abundante quantidade de materiais datáveis da Idade do Bronze (fig. 157 – n.º 1).

A campanha de escavação realizada em 1975 tinha como objectivo a caracterização e confirmação dos dados estratigráficos intuídos nas campanhas anteriores, assim como o salvamento de novas áreas que se começavam a descolar do talude. Os dois cortes que foram abertos (corte 3 e corte 4) foram implantados na zona da elevação onde se tinha detectado o nível formado pelos blocos de pedra basáltica. Infelizmente, durante esta campanha, só foi possível retirar o nível superficial e definir o referido estrato arqueológico, que apresentava já uma extensão considerável. Sobre e entre as pedras recolheram-se materiais de várias épocas cronológicas, de acordo com o relatório apresentado.

As intervenções realizadas entre 1980 e 1981 visavam a escavação integral dos contextos arqueológicos, uma vez que a destruição do sítio era iminente. Infelizmente, estes trabalhos apenas permitiram, mais uma vez, a remoção do estrato superficial e a

definição do nível pétreo. Quando se preparavam para o remover, a estação arqueológica foi subitamente destruída pelas obras do Nó Radial da Buraca.



Fig. 161 – Área aberta nas intervenções de 1980-1981.

4.2.1.4. Arquitectura e urbanismo

Tendo em consideração os dados anteriormente referidos, torna-se óbvio que a caracterização da ocupação humana do Moinho da Atalaia Oeste é bastante problemática.

Os materiais recolhidos durante as campanhas de prospecção e escavação no local são bastante heterogéneos, indiciando que o sítio ou áreas situadas nas suas imediações tiveram, pelo menos, ocupações integráveis no Calcolítico Final, no Bronze Final e na Idade do Ferro.

Sobre esta última, o único contexto efectivamente seguro e no qual, aliás, se recolheram a maioria dos materiais de cronologia sidérica, consiste na pequena vala escavada em 1973 por A. Gonzalez. A descrição do conteúdo do seu enchimento e o facto de este local ter fornecido vários dos exemplares de fíbulas recuperados, assim como a conta de colar de pasta vítrea, levanta a possibilidade de se tratar de algum tipo de depósito votivo, ainda que possa ter sido realizado em contexto habitacional.

Por outro lado, a ausência de relações estratigráficas entre esta realidade e outros níveis arqueológicos impede retirar conclusões sobre a datação dos vários contextos, particularmente do nível formado por uma abundante quantidade de blocos pétreos basálticos, que se estendia pela quase totalidade da área escavada.

Com efeito, o único local onde se retirou essa camada arqueológica corresponde ao designado corte 1. Sob esse nível de pedras, identificaram-se uma série de recipientes fracturados *in situ* datáveis do Bronze Final. Tal evidência resultou na proposta por A. Gonzalez de que estes níveis arqueológicos correspondessem a uma estrutura funerária do Bronze Final. A vala da Idade do Ferro corresponderia, portanto, a uma perturbação posterior. Com efeito, em algumas fotografias retiradas durante as escavações, o nível formado pelos blocos de pedras aparenta um formato tendencialmente circular. Esta proposta nunca foi, contudo, apresentada em meios científicos, resumindo-se a sua publicação a algumas notícias na imprensa periódica local.

Contudo, efectuaram-se algumas tentativas de leitura de estruturas e alinhamentos no nível constituído pelos blocos basálticos, que constituiriam espaços de habitat (Gonçalves, 1983; Fontes, 2004), sendo, contudo, sempre relacionados com a fase do Bronze Final. Em nossa opinião, os dados disponíveis não são suficientes para suportar essas propostas.



Fig. 162 – Última fase dos trabalhos arqueológicos (1980-1981).

Contudo, podem levantar-se agora algumas dúvidas sobre a funcionalidade do sítio, particularmente durante a Idade do Ferro. Apesar da ausência de dados de cariz arquitectónico, que pudessem assegurar a utilização habitacional do espaço, parece que a caracterização da estação como um sítio de carácter rural continua a parecer a mais apropriada, tendo em consideração os seus critérios de implantação geográfica e a cultura material identificada.

Deve ainda referir-se que, com grande probabilidade, o núcleo principal do sítio pré-romano ter-se-ia localizado na área que, já em 1973, tinha sido cortada pela Estrada Nacional 117. Com efeito, no outro lado desta via, foi possível identificar, numa zona que parecia corresponder à vertente oeste da colina original, alguns materiais de cronologia sidérica. Também na área este da colina de Moinho da Atalaia, escavações arqueológicas recentes permitiram a identificação de alguns materiais pré-romanos, não fornecendo, contudo e infelizmente, níveis arqueológicos conservados que permitissem uma melhor caracterização funcional do espaço (Encarnação, 2007).

4.2.1.5. O conjunto artefactual

No decurso das várias intervenções arqueológicas realizadas no Moinho da Atalaia foi possível recolher um conjunto de 588 exemplares classificáveis (485 NMI) que se integram numa cronologia sidérica.

Seguindo os mesmos critérios já aplicados para o conjunto da Rua dos Correeiros, estes materiais foram divididos, numa fase inicial, segundo critérios de ordem tecnológica. As cerâmicas são integralmente compostas por fragmentos de ânforas, de cerâmica cinzenta e de cerâmica comum. Os restantes espólios da Idade do Ferro consistem em alguns fragmentos de fíbulas de bronze e numa conta de colar de pasta vítrea.

Alguns destes materiais já foram alvo de publicações anteriores (Pinto e Parreira, 1978; Ponte, 1982-83). Contudo, pareceu-nos justificável a apresentação da totalidade do conjunto, pelo que algumas informações poderão estar repetidas.

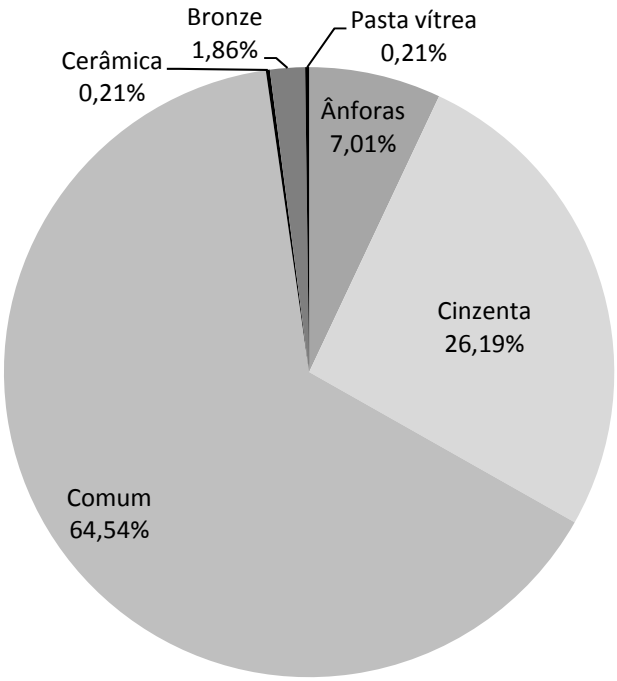


Fig. 163 – Distribuição dos artefactos de acordo com as várias categorias (base – NMI).

4.2.1.5.1. Questões metodológicas

A metodologia utilizada para a análise do conjunto é bastante semelhante à usada anteriormente, diferindo apenas em alguns pontos.

Os critérios de selecção empregados para tratar o conjunto de Moinho da Atalaia Oeste alteraram-se, dada a origem contextual dos artefactos. Enquanto na Rua dos Correeiros se optou por excluir os materiais que não foram recolhidos em contextos sidéricos, por não se poder assegurar a sua cronologia pré-romana, no Moinho da Atalaia Oeste estudaram-se todos os fragmentos atribuíveis à Idade do Ferro. Esta opção justifica-se, em primeiro lugar, pela inexistência de contextos estratigráficos selados atribuíveis a essa cronologia. Por outro lado, e dada a inexistência de uma ocupação romana no local, e não existindo, consequentemente, o risco de incluir materiais que pudessem perdurar durante esse período, foi possível estudar todo o conjunto artefactual atribuível à fase sidérica.

Os critérios de quantificação são idênticos aos utilizados no conjunto da Rua dos Correeiros (*vide supra* 4.1.6.1.2.). O único detalhe variável relaciona-se com o contexto no qual a contabilização dos elementos identificáveis da forma é efectuada. Enquanto na Rua dos Correeiros esta separação foi feita no quadro de cada estrato arqueológico, no Moinho da Atalaia Oeste, dada a inexistência desses contextos, a quantificação foi realizada com base na totalidade dos materiais.

A classificação tipológica dos espólios cerâmicos sidéricos recuperados no Moinho da Atalaia Oeste levantou alguns problemas conceptuais na organização desta dissertação. A grande maioria dos materiais estudados integra-se, sem dificuldade, nos quadros anteriormente estabelecidos para a Rua dos Correeiros. Para estes casos dispensamos, naturalmente, a repetição das características formais dos vasos, seus paralelos e parâmetros cronológicos, que podem ser facilmente consultados nos capítulos especificamente constituídos para esse propósito (*vide supra* 4.1.6.). Contudo, alguns fragmentos apresentam características que permitiriam adicionar novas variantes e sub-variantes ao repertório já estabelecido. Nestas circunstâncias, criou-se um capítulo diferenciado para a caracterização da nova morfologia. Em capítulos posteriores, é apresentado um quadro global que incorpora a totalidade dos materiais estudados no âmbito desta dissertação.

4.2.1.5.2. As ânforas

No Moinho da Atalaia Oeste, foi possível recuperar um conjunto de 56 fragmentos inventariáveis de ânforas, dos quais 28 permitiram uma representação gráfica. Entre os materiais passíveis de uma integração tipológica nos quadros anteriormente estabelecidos, contam-se 27 exemplares. O NMI foi estimado com base na totalidade dos elementos de bordo, que totalizam 34 NMI.

Entre os fragmentos inventariáveis, contam-se 22 fragmentos de asas e 34 fragmentos de bordo.

As ânforas correspondem a 7,01% do conjunto total de indivíduos sidéricos de Moinho da Atalaia Oeste. É a categoria cerâmica menos expressiva deste conjunto.

As características das pastas destes exemplares parecem correspondem ao grupo de fabrico I definido para a Rua dos Correeiros. Podem, efectivamente, ser provenientes do mesmo centro produtor, ainda que tal possibilidade tenha de ser comprovada por análises químicas e/ou petrográficas.

Formas

Dos 34 fragmentos de bordo (34 NMI) de ânforas recolhidos nos Moinho da Atalaia Oeste, sete (7 NMI) não possibilitaram um enquadramento formal. Estes últimos indivíduos de forma indeterminada compõem 20,59% do conjunto anfórico.

Os restantes puderam ser classificados, com alguma facilidade, de acordo com o quadro tipológico criado para a Rua dos Correeiros.

Série 1 – Ânforas

Grupo 1A

O grupo 1A, que integra ânforas com bordo pendente, está representado no conjunto com 10 exemplares (10 NMI), constituindo 29,41%.

Variante 1Ab

A variante mais bem representada deste grupo é a 1Ab, que conta com oito exemplares (8 NMI - 23,53%). Os diâmetros de bordo desta variante oscilam entre os 130 mm e os 180 mm. A espessura média da parede oscila entre os 4 mm e os 8 mm.

Variante 1Ac

A variante 1Ac está menos representada, com apenas 2 fragmentos (2 NMI – 5,88%). O diâmetro de bordo varia entre os 152 mm e os 220 mm. A espessura média da parede oscila entre os 7 mm e os 11 mm.

Grupo 1C

O grupo 1C, que engloba ânforas de bordo simples e de tendência reentrante, constitui o grupo menos representativo, com quatro exemplares (4 NMI), traduzindo 11,76% do conjunto.

Variante 1Ca

A variante 1Ca é a mais significativa, contando com três fragmentos (3 NMI – 8,82%). O diâmetro de bordo oscila entre os 136 mm e os 150 mm. A espessura média da parede é de 7 mm.

Variante 1Cc

A variante 1Cc está representada singularmente (1 NMI – 2,94%). O seu diâmetro de bordo é de 140 mm e a espessura média da parede é de 10 mm.

Grupo 1D

As ânforas de bordo simples e de tendência vertical, grupo 1D, constitui o grupo mais expressivo ao nível quantitativo. É composto por 12 exemplares (12 NMI), que representam 38,24% do conjunto anfórico.

Variante 1Da

A variante 1Da é a mais bem representada, incluindo dez fragmentos (10 NMI – 29,41%). O diâmetro de bordo varia entre os 98 mm e os 166 mm. A espessura média da parede oscila entre os 5 mm e os 9 mm.

Variante 1Dd

A variante 1Db engloba um único exemplar (1 NMI – 2,94%). O seu diâmetro de bordo é de 160 mm e a espessura média da peça é de 9 mm.

Variante 1Dc

A última variante do grupo, a variante 1Dc, está representada por dois exemplares (2 NMI – 5,88%). Os diâmetros de bordo centram-se nos 158 mm e a espessura média da parede é de 6 mm.

Fragmentos de forma indeterminada

Outros elementos de contentores anfóricos recolhidos nos Moinho da Atalaia Oeste consistem em fragmentos de asas. Entre estas, distinguem-se dois tipos de morfologia, as de secção circular e as de secção oval. As primeiras contam com 11 exemplares. Entre estes, um fragmento apresenta uma saliência na zona externa. Os fragmentos de asa de secção oval estão representados por outros 11 exemplares, dos quais apenas um não apresenta um sulco central na área externa. Estas características morfológicas são idênticas às já observadas para o conjunto anfórico da Rua dos Correeiros.

4.2.1.5.3. A cerâmica cinzenta

Entre o conjunto cerâmico recolhido nos Moinho da Atalaia Oeste, a cerâmica cinzenta conta com 160 fragmentos inventariáveis. Entre estes, 59 exemplares possibilitaram uma representação gráfica. Os materiais que puderam ser classificados tipologicamente totalizam 113 fragmentos. O NMI foi contabilizado com base na totalidade dos elementos de bordo, que somam 127 NMI.

No quadro dos fragmentos que foram seleccionados para inventariação, contam-se 127 fragmentos de bordos, um de asa, 30 de fundo e dois de parede, estes inventariados por permitirem uma classificação tipológica ou por apresentarem características decorativas.

A cerâmica cinzenta corresponde a 26,19% do conjunto total de indivíduos sidéricos de Moinho da Atalaia Oeste. É a segunda categoria cerâmica mais expressiva do conjunto.

As pastas dos exemplares parecem equivaler aos mesmos grupos de fabrico identificados na Rua dos Correeiros. O grupo de fabrico III é minoritário, contando com 26,77% (34 NMI) do conjunto da cerâmica cinzenta, sendo o II mais frequente, com 73,23% (93 NMI).

Formas

Dos 127 fragmentos de bordo (127 NMI) de cerâmica cinzenta recuperados no decurso das intervenções arqueológicas realizadas nos Moinho da Atalaia Oeste, 15 (15 NMI) não possibilitaram um enquadramento formal. Estes indivíduos de forma indeterminada compõem 11,81% do conjunto de cerâmica cinzenta.

Vários dos exemplares podem ser classificados, com alguma facilidade, de acordo com o quadro tipológico criado para a Rua dos Correeiros. Contudo, alguns fragmentos apresentam características diferentes que possibilitaram a adição de novos grupos e variantes aos quadros tipológicos já apresentados. Como já foi referido anteriormente, a apresentação de um quadro tipológico que englobe a totalidade dos materiais estudados será apresentado na parte final desta dissertação.

Série 1

A série 1 estabelecida previamente para a cerâmica cinzenta, que engloba, genericamente, tigelas, é a mais bem representada neste conjunto, contando com 71 exemplares (71 NMI – 57,48%).

Grupo 1A

O grupo 1A, que integra tigelas de perfil simples, é o único grupo da série representado nos Moinho da Atalaia. Está representado no conjunto da cerâmica cinzenta pelos mesmos 71 exemplares (71 NMI), constituindo 57,48%.

Variante 1Aa

A variante mais bem representada deste grupo é a 1Aa, que conta com 64 exemplares (64 NMI – 50,39%). Os diâmetros de bordo desta variante oscilam entre os 136 mm e os 210 mm. A espessura média da parede varia entre os 4 mm e os 5 mm.

Variante 1Ab

A variante 1Ab está representada por cinco fragmentos (5 NMI – 3,94%). Os seus diâmetros de bordo variam entre os 136 mm e os 180 mm. A espessura média da parede oscila entre os 3 mm e os 4 mm.

Variante 1Ac

A variante 1Ac é a menos significativa do grupo, contando com apenas dois exemplares (2 NMI – 3,15%). O diâmetro de bordo varia entre os 128 mm e os 210 mm. A espessura média da parede centra-se nos 3 mm.

Série 2

A série 2, que corresponde essencialmente a pratos, está representada no conjunto por cinco exemplares (5 NMI – 3,94%).

Grupo 2A

O grupo 2A, que engloba pratos de perfil carenado e parede horizontal, encontra-se fracamente representado, integrando apenas um fragmento (1 NMI – 0,79%).

Variante 2Ab

O referido fragmento pode ser incluído na variante 2Ab. O seu diâmetro de bordo é de 146 mm e a espessura média da parede é de 6 mm.

Grupo 2B

Os restantes exemplares incluídos na série 2 apresentam características que não são integráveis na divisão que foi proposta para o conjunto de cerâmica cinzenta da Rua dos Correeiros. A principal diferença relaciona-se com a inclinação da parede dos vasos no seguimento da carena. Enquanto os fragmentos da Rua dos Correeiros apresentam uma orientação tendencialmente horizontal nessa área, pelo menos um dos exemplares dos Moinho da Atalaia Oeste evidencia uma inclinação claramente diagonal.

Tendo em consideração estas características, a opção mais correcta foi a de acrescentar ao quadro tipológico da cerâmica cinzenta um novo grupo, grupo 2B, que integraria, assim, pratos de perfil carenado e de parede diagonal.

Este grupo está representado por quatro fragmentos (4 NMI – 3,15%).

Variante 2Ba

Esta nova variante inclui os exemplares que apresentam um bordo pendente.

Nos Moinho de Atalaia Oeste, esta variante está representada pelos mesmos quatro exemplares (4 NMI – 3,15%). Os seus diâmetros de bordo variam entre os 172 mm e os 194 mm. A espessura média da parede oscila entre os 4 mm e os 5 mm.

Julgamos que esta forma poderá estar presente na Quinta do Almaraz, tendo sido incluída no tipo 7 estabelecido para o conjunto de cerâmica cinzenta do sítio (Henriques, 2006, p. 127 – n.º 2).

Na margem direita do Tejo, em Freiria, recolheu-se um prato de perfil completo de cerâmica cinzenta que apresenta idênticas características morfológicas (Cardoso e Encarnação, 2000).

No Estuário do Sado, em Abul B, esta forma está presente na fase final da ocupação sidérica, datada em torno ao século VI e V a.C. (Mayet e Silva, 2000, p. 196 – n.º 4, p. 208 – n.º 100).

Série 3

A série 3, que engloba potes de pequena dimensão, é a segunda mais bem representada no repertório de cerâmica cinzenta dos Moinho da Atalaia. Integra 33 fragmentos (32 NMI – 25,20%). Destes, apenas três exemplares (3 NMI) não puderam ser classificados de acordo com as variantes previamente estabelecidas.

Grupo 3A

O grupo 3A, que é constituído por pequenos potes de corpo ovalado, está representado por 16 exemplares (15 NMI – 11,81%).

Variante 3Aa

A variante 3Aa é a variante mais bem documentada no grupo, contando com 13 exemplares (12 NMI – 9,45%). Os seus diâmetros de bordo variam entre os 98 mm e os 140 mm. A espessura média da parede oscila entre os 3 mm e os 4 mm.

Variante 3Ab

Na variante 3Ab incluíram-se apenas três fragmentos (3 NMI – 2,36%). Os seus diâmetros de bordo oscilam entre os 90 mm e os 130 mm. A espessura média da parede centra-se nos 3 mm.

Grupo 3B

O grupo 3B, que engloba pequenos potes de corpo elipsoidal, figura com 13 exemplares (13 NMI – 10,24%).

Variante 3Ba

A única variante deste grupo, variante 3Ba, conta com os mesmos 13 fragmentos (13 NMI – 10,24%). Os seus diâmetros de bordo variam entre os 78 mm e os 120 mm. A espessura média da parede é de 3 mm.

Grupo 3C

O grupo 3C, que corresponde a pequenos potes de bordo estreito, está representado singularmente no conjunto (1 NMI – 0,79%).

Variante 3Ca

O referido exemplar integra a variante 3Ca. O seu diâmetro de bordo é de 80 mm e a espessura média da parede é de 5 mm.

Série 4

A série 4, que reúne potes de média dimensão, é a mais mal representada no conjunto de cerâmica cinzenta dos Moinho da Atalaia Oeste. Corresponde a apenas um fragmento (1 NMI – 0,79%),

Grupo 4B

O fragmento da série 4 é integrável no grupo 4B, que incorpora potes de perfil carenado. Naturalmente apresenta a mesma expressividade numérica (1 NMI – 0,79%).

Variante 4Ba

O mesmo exemplar é integrável na variante 4Ba. O diâmetro de bordo deste exemplar é de 146 mm e a espessura média da parede é de 4 mm.

Série 5

A série 5 corresponde a uma forma que não foi identificada na Rua dos Correeiros. Integra vasos fechados, de colo estrangulado, designados geralmente como jarros.

A sua utilização estaria relacionada, presumivelmente, com o serviço de mesa, concretamente para servir líquidos.

Esta série encontra-se fracamente representada no conjunto, integrando apenas um exemplar (1 NMI – 0,79%).

Nesta série identificou-se apenas um grupo.

Grupo 5A

Este grupo engloba jarros de corpo tendencialmente globular, apresentando apenas uma asa, de secção circular. Esta termina na zona superior da pança, desconhecendo-se se arrancaria do bordo, o que contudo parece o mais provável.

Sendo o único grupo desta série, apresenta a mesma representatividade (1 NMI – 0,79%).

Variante 5Aa

A única variante deste grupo engloba vasos de bordo simples e exvertido, colo com perfil suave e troncocónico, que se separa do corpo através de um ressalto.

Corresponde ao mesmo exemplar anteriormente referido (1 NMI – 0,79%). O seu diâmetro de bordo é de 90 mm e a espessura média da parede é de 3 mm.

Apesar de os jarros de cerâmica cinzenta serem já bem conhecidos na zona do Estuário do Tejo, não foi possível identificar paralelos exactos para esta variante. Com efeito, os fragmentos de jarros recolhidos em São João da Praça, datáveis a partir do século III a.C., apresentam um bocal trilobado (Pimenta, Calado e Leitão, 2005b, p. 13-14)., característica que os diferencia do exemplar amadorense

Este fragmento de Moinho da Atalaia Oeste é, contudo, mais próximo, a nível morfológico, de um jarro também de cerâmica cinzenta recolhido em Outorela I, datável em torno a meados do 1º milénio a.C. (Cardoso, 1990). Este apresenta, no entanto, um diâmetro de bordo consideravelmente mais amplo, além de caneluras múltiplas no colo.

Fragmentos de forma indeterminada

Os restantes fragmentos de cerâmica cinzenta recuperados nos Moinho de Atalaia Oeste correspondem a fragmentos de asa e de fundo. Entre os primeiros, apenas um fragmento de asa foi identificado, apresentando uma secção circular. Os fragmentos de fundo são mais abundantes, totalizando 30 exemplares. Os dois tipos mais frequentes são os fundos de perfil plano e de perfil convexo, que podem ou não apresentar um pé destacado. Um único exemplar apresenta um pé anular.

4.2.1.5.4. A cerâmica comum

A cerâmica comum constitui a categoria cerâmica mais numerosa no conjunto artefactual recolhido nos Moinho da Atalaia Oeste. É representada por 365 fragmentos inventariáveis, dos quais 98 permitiram uma representação gráfica. Os fragmentos que possibilitaram uma integração tipológica totalizam 273 exemplares. O NMI foi contabilizado com base na totalidade dos elementos de bordo, que somam 313 NMI.

Entre os materiais inventariados, contabilizaram-se 313 fragmentos de bordos, 18 fragmentos de asa e 34 fragmentos de fundo.

A cerâmica comum corresponde a 64,54% do conjunto artefactual da Idade do Ferro de Moinho da Atalaia Oeste.

Tal como ocorreu nas outras categorias cerâmicas, foi possível observar também aqui a coincidência com três dos grupos de fabrico da Rua dos Correeiros. O grupo I é claramente maioritário, contando com 61,99% do conjunto (194 NMI), seguindo-se o III, com 27,15% (85 NMI) e, por último, o II, com apenas 10,86% (34 NMI).

Formas

Dos 313 fragmentos de bordo (313 NMI) de cerâmica comum recolhidos em Moinho da Atalaia Oeste, 40 (40 NMI) não possibilitaram uma classificação tipológica. Estes

materiais de forma indeterminada correspondem a 12,78% do conjunto de cerâmica comum.

Tal como ocorreu nas categorias anteriores, a maioria dos materiais estudados pode ser classificada consoante o quadro tipológico previamente estabelecido para o conjunto da Rua dos Correeiros. Contudo, e como já aconteceu na categoria anterior, alguns diferenciam-se daqueles que serviram de base à criação desse quadro tipológico, permitindo a criação de novos grupos e variantes.

Série 1

A série 1, que inclui os vasos genericamente designados por tigelas, constitui a segunda série mais bem representada deste conjunto, englobando 78 exemplares (78 NMI – 24,92%).

Grupo 1A

O grupo 1A, que corresponde a tigelas de perfil simples, está representado no conjunto da cerâmica comum por 76 fragmentos (76 NMI), constituindo 24,28%.

Variante 1Aa

A variante mais bem representada deste grupo é a variante 1Aa, na qual se contabilizaram 73 exemplares (73 NMI – 23,32%). Os seus diâmetros de bordo variam entre os 148 mm e os 206 mm. A espessura média da parede oscila entre os 5 mm e os 6 mm.

Variante 1Ac

A variante 1Ac conta com dois exemplares (2 NMI – 0,64%). Os diâmetros de bordo desta variante variam entre os 136 mm e os 214 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 4 mm e os 5 mm.

Variante 1Ad

A variante 1Ad está singularmente representada no conjunto (1 NMI – 0,32%). O seu diâmetro de bordo é de 204 mm e a espessura média da parede é de 7 mm.

Grupo 1B

O grupo 1B, que corresponde a tigelas de perfil convexo-côncavo, é pouco significativo no conjunto de cerâmica comum, integrando apenas dois exemplares (2 NMI). Constitui 0,64% do repertório dessa categoria.

Grupo 1Bb

A variante 1Bb conta com apenas um fragmento (1 NMI – 0,32%). O seu diâmetro de bordo é de 184 mm e a espessura média da parede é de 5 mm.

Grupo 1Bc

A variante 1Bc também está representada singularmente no conjunto (1 NMI – 0,32%). O seu diâmetro de bordo é de 266 mm e a espessura média da parede é de 5 mm.

Série 2

A série 2, que engloba taças, encontra-se fracamente representada no conjunto (1 NMI – 0,32%).

Grupo 2C

Este exemplar não se integra, contudo, no quadro tipológico previamente elaborado para a cerâmica comum da Rua dos Correeiros. A presença de um bordo horizontal no exemplar recolhido em Moinho da Atalaia Oeste permite a criação de um novo grupo nesta série, definido precisamente por essa característica, grupo 2C. Tem a mesma expressão quantitativa (1 NMI – 0,32%).

Variante 2Ca

A variante 2Ca inclui fragmentos de bordo destacado. O diâmetro de bordo do exemplar englobado nesta variante é de 148 mm e a espessura média da parede é de 5 mm.

Série 3

A série 3, que corresponde a pratos, também se encontra representada por um único exemplar (1 NMI – 0,32%).

Grupo 3A

O referido exemplar integra-se no grupo 3A, que engloba pratos de perfil carenado. Tem a mesma expressividade quantitativa (1 NMI – 0,32%).

Variante 3Ab

O fragmento pertence à variante 3Ab. O seu diâmetro de bordo é de 170 mm e a espessura média da parede é de 5 mm.

Série 5

A série 5, que integra grandes recipientes tipo bacia e/ou alguidar, está representado no conjunto de cerâmica comum por oito fragmentos (8 NMI – 2,56%).

Grupo 5A

No grupo 5A, constituído bacias e/ou alguidares de bordo exvertido, contabilizaram-se três exemplares (3 NMI – 0,96%).

Variante 5Ad

Todos os fragmentos referidos integram-se na variante 5Ad. Os seus diâmetros de bordo oscilam entre 210 mm e 260 mm. A espessura média da parede centra-se nos 9 mm.

Grupo 5C

O grupo 5C, que corresponde a bacias e/ou alguidares de bordo pendente, integra cinco vasos (5 NMI – 1,60%).

Variante 5Ca

Também estes materiais são englobáveis numa única variante, a variante 5Ca. Os seus diâmetros de bordo variam entre os 184 mm e os 316 mm. A espessura média da parede oscila entre os 6 mm e os 7 mm.

Série 7

A série 7, constituída por tampas, está representada singularmente no conjunto (1 NMI – 0,32%).

Grupo 7A

O referido exemplar é integrável no grupo 7A, que corresponde a tampas de perfil simples. É representado pelo mesmo fragmento (1 NMI – 0,32%).

Variante 7Ae

É possível ainda classificar o exemplar na variante 7Ae. O seu diâmetro é de 176 mm e a espessura média da parede é de 7 mm.

Série 9

A série 9, que engloba potes de pequena dimensão, integra dois exemplares (2 NMI – 0,64%).

Grupo 9A

Ambos os fragmentos pertencem ao mesmo grupo, grupo 9A, que reúne os vasos de perfil convexo - côncavo e bordo simples. Têm a mesma expressividade quantitativa (2 NMI – 0,64%).

Variante 9Aa

Os mesmos fragmentos são ainda classificáveis na variante 9Aa. O diâmetro de bordo do único fragmento que possibilitou uma representação gráfica é de 100 mm e a espessura média da parede é de 3 mm.

Série 10

A série 10, que corresponde a potes e/ou panelas de média dimensão, é a mais bem representada no conjunto de cerâmica comum de Moinho da Atalaia Oeste. Aqui contabilizam-se 178 fragmentos (178 NMI – 56,88%).

Grupo 10A

O grupo 10A, constituído por potes e/ou panelas de perfil convexo – côncavo e colo ligeiramente estrangulado, está representado por 92 fragmentos (92 NMI – 29,40%).

Variante 10Aa

Todos os exemplares se integram na única variante estabelecida para este grupo, variante 10Aa (92 NMI – 29,40%). Os seus diâmetros de bordo oscilam entre os 134 mm e os 200 mm. A espessura média da parede oscila entre os 5 mm e os 6 mm.

Sub-variante 10Aa.1

Entre estes materiais, cabe destacar ainda a presença de duas sub-variantes. A sub-variante 10Aa.1 caracteriza-se pela presença de várias caneluras na zona superior do colo. Está representada por quatro fragmentos (4 NMI – 1,28%).

Sub-variante 10Aa.2

A sub-variante 10Aa.2 é individualizada pela presença de asas externas. É constituída por um único exemplar (1 NMI – 0,32%).

Grupo 10B

O grupo 10B, que incorpora potes e/ou panelas de perfil convexo – concavo e bordo pendente, conta com 78 exemplares (78 NMI – 24,92%).

Variante 10Ba

A variante 10Ba é a variante mais bem representada do grupo, contando com 54 fragmentos (54 NMI – 17,25%). Os seus diâmetros de bordo variam entre os 140 mm e os 226 mm. A espessura média da parede está localizada entre os 6 mm e os 7 mm.

Variante 10Bb

A variante 10Bb está presente através de 24 exemplares (24 NMI - 7,67%). Os seus diâmetros de bordo oscilam entre os 150 mm e os 286 mm. A espessura média da parede varia entre os 6 mm e os 7 mm.

Grupo 10C

O grupo 10C, que corresponde a potes e/ou panelas de perfil convexo – concavo e bordo prolongado, conta com cinco exemplares (5 NMI).

Variante 10Ca

A variante 10Ca é representada por dois fragmentos (2 NMI – 0,64%). O diâmetro de bordo do único exemplar que permitiu uma representação gráfica é de 206 mm e a espessura média da parede é de 7 mm.

Variante 10Cb

A variante 10Cb conta com os restantes três exemplares (3 NMI – 0,96%). Os seus diâmetros de bordo variam entre os 164 mm e os 170 mm. A espessura média da parede centra-se nos 6 mm.

Grupo 10D

O grupo 10D, que integra potes e/ou panelas de colo pouco estrangulado, está representado singularmente no conjunto (1 NMI – 0,32%).

Variante 10Db

Este fragmento integra-se na variante 10Db. O seu diâmetro de bordo é de 178 mm e a espessura média da parede é de 6 mm.

Grupo 10G

O grupo 10G, que incorpora potes e/ou panelas de bordo reentrante, também se encontra representado por um único exemplar (1 NMI – 0,32%).

Variante 10Gb

O referido fragmento corresponde à variante 10Gb. O seu diâmetro de bordo é de 178 mm e a espessura média da parede é de 6 mm.

Grupo 10H

O último grupo da série 10 identificado em Moinho da Atalaia Oeste é o grupo 10H, que engloba potes e/ou panelas de grande dimensão.

Variante 10Hb

O referido fragmento integra-se na variante 10Hb. O seu diâmetro de bordo é de 180 mm e a espessura média da parede é de 5 mm.

Série 11

A série 11, que corresponde a jarros, está representada por quatro fragmentos (4 NMI – 1,28%).

Grupo 11A

O grupo 11A, que engloba jarros de perfil simples, é o único grupo presente, contando com quatro exemplares (4 NMI – 1,28%).

Variante 11Aa

A variante 11Aa está representada por três fragmentos (3 NMI – 0,96%).

Sub-variante 11Aa.2

Estes mesmos materiais inserem-se, contudo, numa sub-variante que não foi individualizada no quadro tipológico criado para a Rua dos Correeiros, uma vez que apresentam uma série de caneluras decorativas na superfície externa. A esta sub-variante atribuiu-se a designação 11Aa.2. Os seus diâmetros de bordo variam entre os 68 mm e os 94 mm. A espessura média da parede centra-se nos 6 mm.

Variante 11Ab

A variante 11Ab conta com um único exemplar (1 NMI – 0,32%). O seu diâmetro de bordo é de 104 mm e a espessura média da parede é de 5 mm.

Fragmentos de forma indeterminada

Outras peças inventariáveis de cerâmica comum provenientes da estação arqueológica amadorense consistem em exemplares de asa e de fundo. Recolheram-se 18 fragmentos de asas, cuja maioria apresenta uma secção circular. Outros escassos fragmentos evidenciam uma secção ovalada, dos quais apenas um apresenta um sulco na zona externa da secção. Ainda neste conjunto, cabe destacar a presença de uma única asa de secção bífida.

Os fundos de vasos totalizam 34 fragmentos. A maioria apresenta um perfil plano, ocasionalmente com um pé destacado. Seguem-se os fundos em ônfalo e os fundos anelares, menos expressivos quantitativamente. Fundos convexos, com pé destacado, também foram documentados no conjunto.

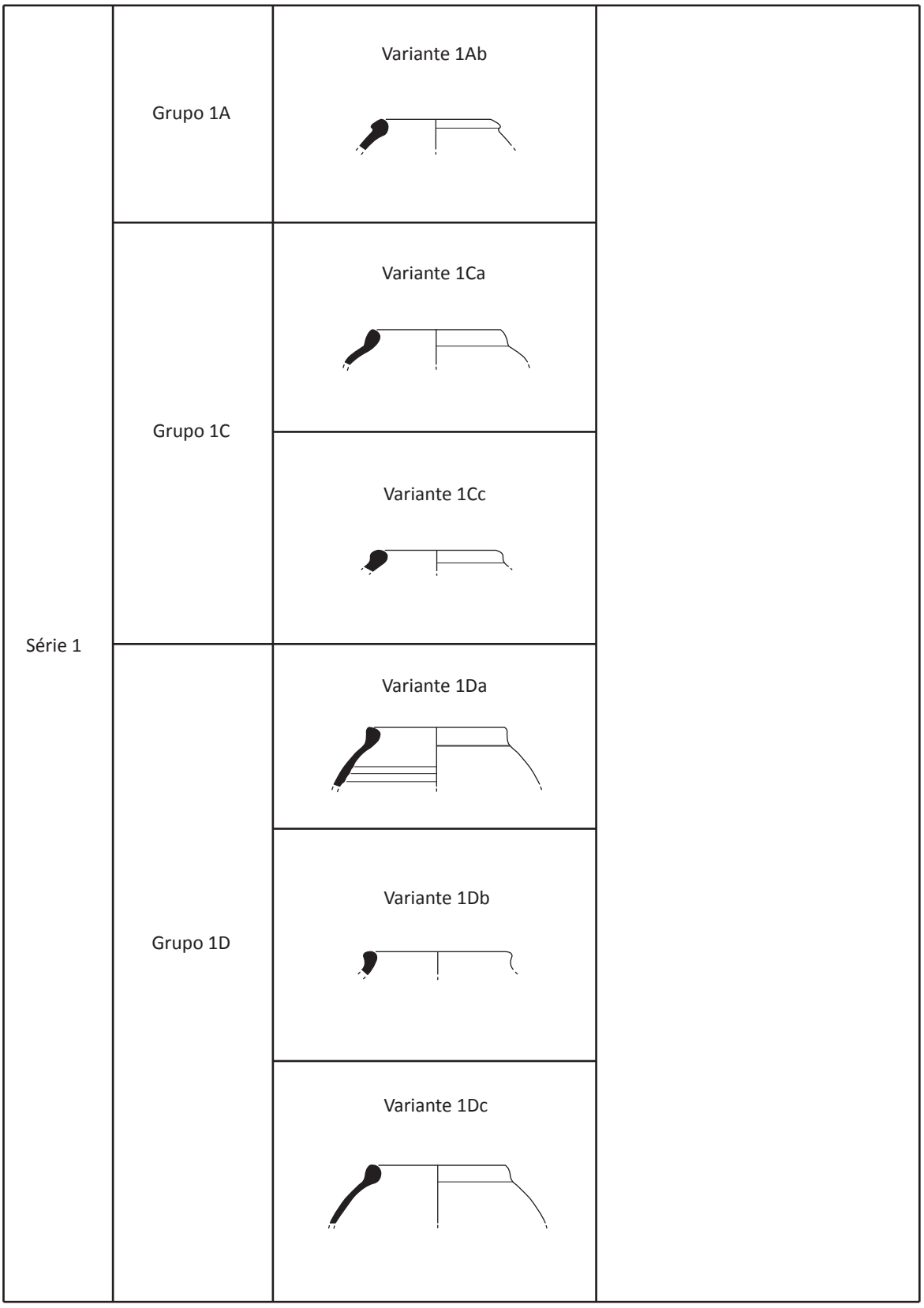


Fig. 164 – Quadro tipológico das ânforas do Moinho da Atalaia Oeste.

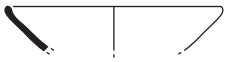
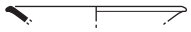
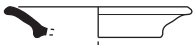
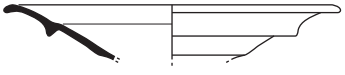
Série 1	Grupo 1A	Variante 1Aa 	
		Variante 1Ab 	
		Variante 1Ac 	
Série 2	Grupo 2A	Variante 2Ab 	
	Grupo 2B	Variante 2Ba 	

Fig. 165 – Quadro tipológico da cerâmica cinzenta do Moinho da Atalaia Oeste.

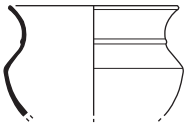
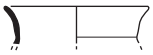
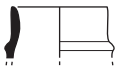
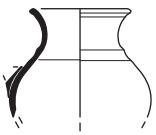
Série 3	Grupo 3A	Variante 3Aa 	
		Variante 3Ab 	
	Grupo 3B	Variante 3Ba 	
	Grupo 3C	Variante 3Ca 	
Série 4	Grupo 4B	Variante 4Ba 	
Série 5	Grupo 5Aa	Variante 5Aa 	

Fig. 166 – Quadro tipológico da cerâmica cinzenta do Moinho da Atalaia Oeste.

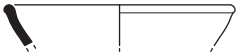
Série 1	Grupo 1A	Variante 1Aa 	
		Variante 1Ac 	
		Variante 1Ad 	
	Grupo 1B	Variante 1Bb 	
		Variante 1Bc 	
Série 2	Grupo 2C	Variante 2Ca 	
Série 3	Grupo 3A	Variante 3Ab 	

Fig. 167 – Quadro tipológico da cerâmica comum do Moinho da Atalaia Oeste.

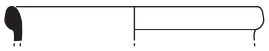
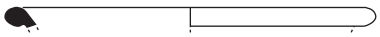
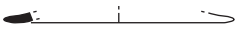
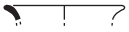
Série 5	Grupo 5A	Variante 5Ad 	
	Grupo 5C	Variante 5Ca 	
Série 7	Grupo 7A	Variante 7Ae 	
Série 9	Grupo 9A	Variante 9Aa 	

Fig. 168 – Quadro tipológico da cerâmica comum do Moinho da Atalaia Oeste.

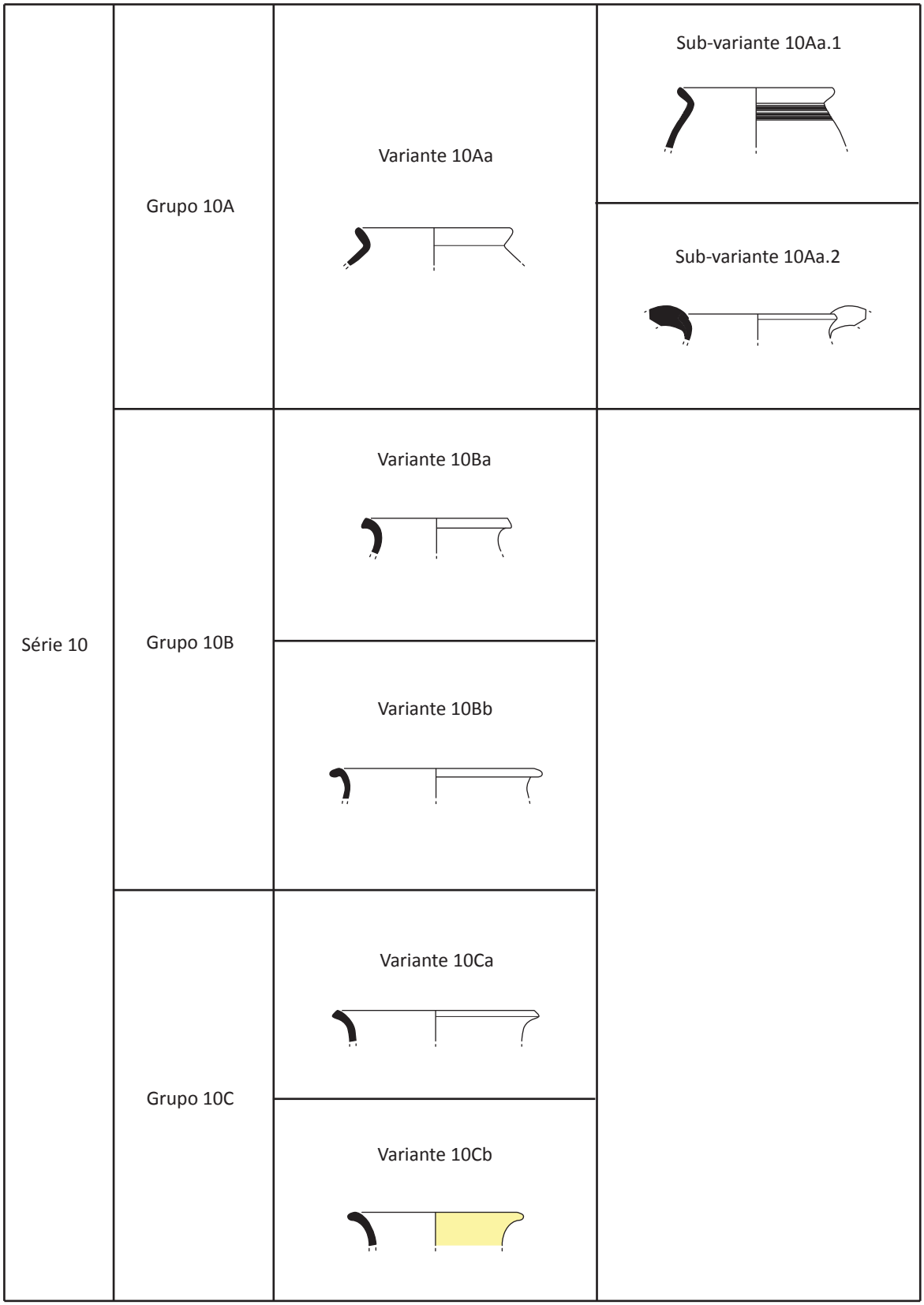


Fig. 169 – Quadro tipológico da cerâmica comum do Moinho da Atalaia Oeste.

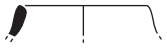
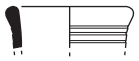
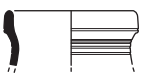
<table>
<tr><td rowspan="3">Série 10</td><td>Grupo 10D</td><td>Variante 10Db
  </td><td rowspan="3"></td></tr>
<tr><td>Grupo 10G</td><td>Variante 10Gb
  </td></tr>
<tr><td>Grupo 10H</td><td>Variante 10Hb
  </td></tr>
<tr><td rowspan="2">Série 11</td><td rowspan="2">Grupo 11A</td><td></td><td>Sub-variante 11Aa.1
  </td></tr>
<tr><td>Variante 11Ab
  </td><td></td></tr>
</table>

Fig. 170 – Quadro tipológico da cerâmica comum do Moinho da Atalaia Oeste.

4.2.1.5.5. Outros artefactos cerâmicos

Outros objectos cerâmicos são muito pouco expressivos. De facto, apenas um exemplar (1 NMI) é integrável nesta categoria, representando apenas 0,21% do conjunto.

Peso

No conjunto artefactual recolhido em Moinho da Atalaia Oeste, foi possível identificar uma peça que terá sido utilizada como peso. Corresponde a um fragmento de parede de um vaso de cerâmica comum que foi afeiçoado de forma a obter um pequeno objecto de formato circular. Tem uma altura máxima de 10 mm e a espessura média da parede é também de 10 mm. Desconhecemos a sua função específica, parecendo, contudo, pelas dimensões que pode adequar-se a uma rede de pesca.

4.2.1.5.6. Metais

Da estação arqueológica amadorense são provenientes oito fragmentos metálicos, todos eles de bronze (9 NMI). Correspondem a oito fíbulas e a dois indeterminados. Integram 1,86% do conjunto.

Estes materiais não são inéditos, tendo sido já estudados por Pinto e Parreira (1978) e Ponte (1982-83). Algumas destas fíbulas foram ainda incluídas no âmbito da realização da tese de doutoramento desta investigadora (2001), que incidiu sobre as fíbulas proto-históricas e romanas do território português.

Uma das fíbulas bem conservadas do sítio apresenta um aro circular, com cerca de 45 mm de diâmetro, sendo a sua secção de idêntica morfologia (Est. 163 - S.N. 1). O arco da fíbula é tendencialmente filiforme e tem uma secção semi-circular, englobando uma mola bilateral, de corda interior ao arco, com quatro voltas. Parte do fusilhão está ausente. A zona do descanso do pé é larga e liga-se ao aro por um fio metálico. É integrável no tipo 14a de Ponte, datável entre os finais do século V e o século IV a.C., considerando o reduzido número de voltas da mola (Ponte, 2001, vol. I, p. 236, vol. II, p. 151 – n.º 67).

O tipo 14 de S. Ponte está identificado em vários sítios do território actualmente português, concretamente na necrópole de Alcácer do Sal (Schüle, 1969; Ponte, 1985, 2001), na Azougada (Ponte, 2001), em Mileu, na Herdade da Chaminé, no Crasto e em Conímbriga (Ponte, 2001).

A outra fíbula completa recolhida nos Moinho da Atalaia Oeste apresenta também um aro circular, com cerca de 40 mm de diâmetro (Est. 163 - 51/339/22), cuja secção é circular. O arco é cintiforme, tendo uma secção semi-circular. Tal como o exemplar anterior, a mola é bilateral, de corda interior ao arco, também com quatro voltas. Corresponde ao tipo 15b de Ponte, balizado entre finais do século V e o século IV a.C., à semelhança da forma anterior (Ponte, 2001, vol. I, p. 241-242, vol. II, p. 152 – n.º 74).

Esta forma foi identificada em Castro de Santa Luzia (Pedro, Vaz e Adolfo, 1994), Alcácer do Sal (Ponte, 1985), Conímbriga (Ponte, 1979), na Herdade da Chaminé (Ponte, 2001) e em Outorela I (Cardoso e Carreira, 1993).

Para além dos exemplares completos, existem ainda seis outros fragmentos de fíbulas.

Destes, dois fragmentos não podem ser classificados com precisão, uma vez que apenas conservam parte do aro, que, em ambos casos, apresenta uma secção circular e uma mola com quatro (Est. 163 - 72/209/21) e seis (Est. 163 – 72/209/18) voltas. Dado o reduzido número de voltas, é possível que correspondam também a fragmentos de fíbulas do tipo 14 ou 15 de Ponte. Um outro fragmento, da parte superior do aro (Est. 163 – 72/209/20), poderia também ser integrado nos mesmos tipos formais.

Deve-se ainda salientar a presença de três arcos de fíbulas. Um deles enquadra-se no tipo filiforme (Est. 163 - 72/209/19a), sendo de secção circular, o que poderia possibilitar a sua classificação de acordo com o tipo 14 de Ponte (2001). Os outros dois arcos integram-se no tipo cintiforme (Est. 163 – 51/339/21 e 72/209/19b), apresentando a secção em forma de U, podendo corresponder ao tipo 15 de Ponte (2001).

Dois últimos fragmentos de bronze não permitiram uma aproximação tipológica (Est. 163 – S.N. 2 e 51/376/2).

4.2.1.5.7. Artefactos de pasta vítrea

Os objectos de pasta vítrea estão representados individualmente (1 NMI), compondo apenas 0,21% do conjunto.

Nos Moinho da Atalaia Oeste, foi possível recolher um objecto de adorno de pasta vítrea (Est. 163 – S.N.). Trata-se de uma conta de colar, de formato tendencialmente anular.

Apresenta uma coloração azul turqueza, tendo em quatro lados opostos, numa só fila, linhas brancas que contornam círculos azuis-escuros, que formam pequenos círculos ou "olhos". O exemplar tem 8,5 mm de diâmetro e a sua secção é semi-circular.

Contas de colar de semelhante tipologia foram identificadas em Freiria (AAVV, 1994), na Quinta de Almaraz (Barros, Cardoso e Sabrosa, 1993, p. 154-155) e em Santarém (AAVV, 2002, p. 161).

Infelizmente, a cronologia deste tipo de contas de pasta vítrea é muito ampla (Giammellaro, 2008), não permitindo precisar a datação da do Moinho da Atalaia Oeste. Contudo, o contexto de recolha possibilita apontar o século V para este exemplar

4.2.1.6. Discussão

O sítio arqueológico de Moinho da Atalaia Oeste é de difícil interpretação no contexto da ocupação da Idade do Ferro no Estuário do Tejo.

Tal como foi anteriormente discutido, a ausência de dados de cariz urbanístico claramente associáveis a esse período cronológico não permite assegurar a sua interpretação funcional.

A sua relação de proximidade com o núcleo de Lisboa, as condições inerentes à sua implantação e a própria reduzida dispersão dos achados consentem, efectivamente, que se considere a possibilidade de se tratar de um pequeno estabelecimento, de provável carácter rural, como já foi defendido por outros investigadores (Arruda, 1999-2000; Cardoso, 2004).

Contudo, o único contexto arqueológico sidérico identificado no decurso dos trabalhos realizados corresponde a uma pequena vala, cujo enchimento denota um aparente cuidado na deposição dos materiais. A referência a uma espécie de caixa formada por blocos pétreos, no interior da qual se identificaram consideráveis restos de fauna malacológica, e as próprias características da conservação do espólio associado (fíbulas, conta de cola de pasta vítrea, um prato de cerâmica cinzenta de perfil completo e outros vasos cerâmicos em bom estado de conservação), remete para um eventual contexto de cariz ritual.

Naturalmente que tal realidade pode ser, com efeito, enquadrável num espaço de habitação com funções rurais, mas também deixa em aberto a hipótese de uma funcionalidade de carácter cultual até ao momento não equacionável para este sítio arqueológico.

Entre o conjunto cerâmico analisado, cabe destacar a ausência de cerâmicas de engobe vermelho, que poderia indiciar uma cronologia mais tardia para a ocupação deste sítio. No entanto, a escassa representatividade desta categoria mesmo no conjunto da Rua dos Correeiros, e a menor dimensão do espólio dos Moinhos da Atalaia Oeste poderá indicar que se trata de uma inexistência que poderá relacionar-se com as condições da formação da amostra. Um outro factor a ter em consideração, e que poderá explicar esta ausência, relaciona-se com a acidez dos solos, que não permite a conservação de engobes ou aguadas em qualquer das categorias cerâmicas. Mesmo entre as produções de cerâmica cinzenta, as superfícies encontram-se, na maioria dos casos, de tal forma desgastadas que é difícil reconhecer a produção.

No grupo das cerâmicas cinzentas, um outro aspecto que importa realçar é a identificação de formas que não foram documentadas no sítio da Baixa Pombalina, em Lisboa. Este é um elemento que poderia, talvez, ser interpretado como um desfasamento cronológico entre os dois locais, podendo o sítio amadorense ter uma diacronia um pouco mais extensa, entrando já em momentos mais avançados do século IV a.C.

As restantes categorias, concretamente as ânforas e a cerâmica comum, encontram-se em plena consonância com o espólio lisboeta.

A cerâmica manual é também abundante no sítio arqueológico. Contudo, dada a inexistência de contextos estratigráficos passíveis de assegurar a sua contemporaneidade em relação aos restantes materiais sidéricos e a presença de outros horizontes culturais anteriores (Calcolítico e Idade do Bronze), não foi possível determinar qual a cronologia dos vários fragmentos dessa categoria, pelo que não foi incluída neste estudo. É, porém, muito provável que não só integre o espólio artefactual desta cronologia, mas que também corresponda a uma produção autónoma do local.

Recordamos que em todas as categorias cerâmicas, particularmente na cerâmica comum, os grupos de fabrico identificados são de tal forma semelhantes aos da Rua dos Correeiros que propor uma mesma origem se torna sustentável. Estas evidências permitem ainda verificar a existência de uma forte ligação do sítio do Moinho da Atalaia Oeste com *Olisipo*, podendo, inclusive, pensar-se numa dependência efectiva desse local.

A presença de artefactos de cariz mais excepcional é também consideravelmente notória no sítio amadorense, destacando-se, sobretudo, as fíbulas e a conta de colar de pasta vítrea. Isto demonstra, independentemente da sua interpretação funcional, uma certa capacidade aquisitiva desse núcleo que pode ser lida em função da sua proximidade com os grandes núcleos urbanos da foz do Estuário do Tejo.

4.2.2. Baútas

4.2.2.1. Enquadramento geográfico

A estação arqueológica de Baútas está implantada no topo da Serra com a mesma designação, num esporão rochoso e consideravelmente escarpado, sobranceiro à ribeira de Carenque. Esta linha de água delimita o sítio a norte e a este.

Localiza-se na freguesia da Mina, concelho da Amadora. As suas coordenadas UTM são: 29S MC 782 914 (Carta Militar de Portugal, Folha 416).

É um sítio consideravelmente destacado na paisagem, apresentando uma altitude média de 182 m, e domina um amplo território visual na área envolvente. Tem boas condições naturais de defesa, proporcionadas por um lapiás calcário de grandes dimensões. Nas suas imediações localizam-se bons recursos aquáticos, entre os quais se destacam a já referida ribeira de Carenque, a apenas 125 m da estação, e o rio Jamor (Miranda e Encarnação, 2010).



Fig. 171 – Vista geral do povoado das Baútas (segundo Encarnação e Costa, 2008).

A geologia da área ocupada é composta por calcário com rudistas e camadas com *neolobites vibraeyanus*, do Cenomaniano superior (*Ibidem*, p. 5).

Actualmente, a área corresponde a um bairro consideravelmente degradado, designado de Bairro das Baútas.

4.2.2.2. Síntese das intervenções arqueológicas

O povoado das Baútas foi descoberto por José Morais Arnaud e Teresa Júdice Gamito (1972). Tendo-se deslocado ao sítio, em 1971, observaram algumas áreas afectadas por

trabalhos recentes, que permitiram identificar uma estratigrafia conservada e recolher materiais pré-históricos (*Ibidem*). Os vestígios recolhidos nessa área permitiram antever unicamente uma ocupação do local durante o Neolítico e o Calcolítico. Não realizaram trabalhos arqueológicos, para além da recolha de materiais.

A área encontrava-se já bastante destruída, dada a sua utilização como pedreira desde finais do século XIX (Encarnação e Costa, 2008). Esta exploração foi intensificada a partir de 1940. Dada esta situação, o potencial arqueológico do sítio encontra-se consideravelmente diminuído, com a excepção de pequenas zonas localizadas protegidas por aterros, resultantes também eles da extracção do calcário (Miranda e Encarnação, 2010, p. 3).

Posteriormente, a área foi ocupada por um bairro ilegal, o Bairro das Baútas, cujo crescimento sem supervisão prolongou a destruição dos vestígios arqueológicos.

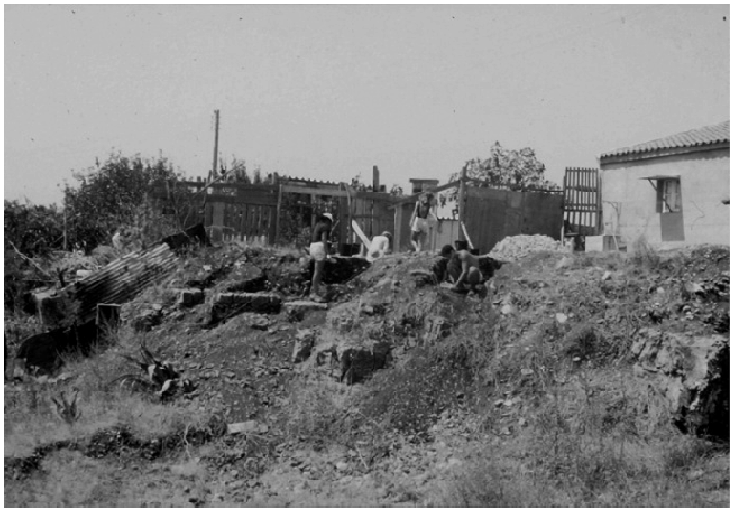


Fig. 172 – Zona das intervenções de 1989 e 1990 (corte 2).

Entre 1989 e 1990, foram realizadas escavações arqueológicas no local, não coincidindo com a zona prospectada por J. Arnaud e T. J. Gamito. Estas novas intervenções foram dirigidas por J. Miranda (*Ibidem*). As constantes pressões urbanísticas condicionaram a realização de pequenas intervenções de emergência, de forma a aferir cronologias e caracterizar a ocupação do sítio. As sondagens foram implantadas em áreas de pátio e de horta pertencentes a algumas habitações do bairro das Baútas (*Ibidem*). No primeiro ano, foi aberto o corte 2, onde se escavaram cerca de 17 m^2. Em 1990, abriram-se outros 19 m^2, e uma outra zona, designada de corte 4.

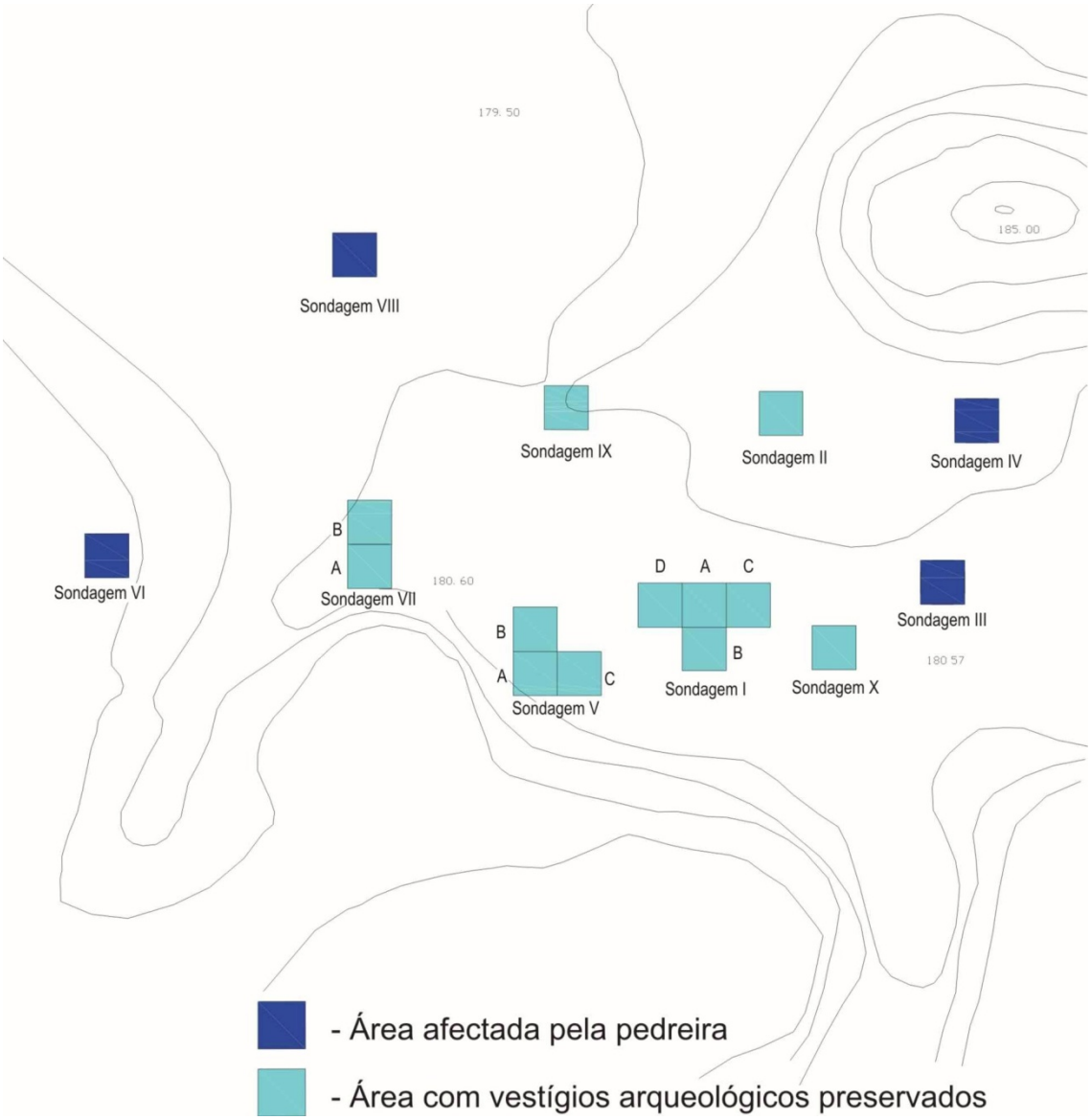


Fig. 173 – Campanha de 2007 – relação entre as sondagens realizadas e as áreas afectadas (segundo Encarnação e Costa, 2008).

Foi no decurso destas escavações que se identificou, pela primeira vez, a presença de materiais e níveis integráveis na Idade do Ferro.

Em 2007, realizaram-se novas intervenções arqueológicas no sítio, dirigidas por G. Encarnação e J. O. Costa, que visavam, mais uma vez, a minimização do impacto urbanístico e a caracterização das ocupações humanas do povoado. Consubstanciaram-se na implantação de 16 sondagens com 2 m x 2 m, espalhadas ao longo da área afectada pela pedreira. Estas intervenções permitiram, sobretudo, confirmar os

resultados obtidos em 1989 e 1990 e conhecer mais algumas especificidades urbanísticas da ocupação sidérica do local (Encarnação e Costa, 2008).

4.2.2.3. Estratigrafia

A caracterização estratigráfica das áreas intervencionadas em 1989 e 1990 é consideravelmente complexa.

Aterros resultantes dos trabalhos de extracção decorridos em torno a meados do século passado conduziram, em várias situações, a transferências de terras e depósitos estratigráficos invertidos, resultantes de destruições de potências conservadas em outras zonas.

Os níveis superiores da área designada por corte 2 eram, efectivamente, preenchidos por depósitos do Calcolítico, em situação de estratigrafia invertida (Miranda e Encarnação, 2010, p. 7).

A intervenção arqueológica de 1989 permitiu reconhecer uma sequência de quatro níveis estratigráficos (*Ibidem*).

O nível superficial (camada 0) era composto por aterros provenientes de outras áreas, depositados durante os trabalhos de extracção da pedreira.

O segundo estrato (camada 1) também se associa a estas actividades, contendo material de cronologia contemporânea.

A camada seguinte (camada 2) corresponde a um depósito proveniente de outra área, contendo abundantes materiais do período calcolítico e da Idade do Ferro. Muito provavelmente, é resultante da destruição de níveis arqueológicos de outro local da mesma estação arqueológica.

O nível sob esta realidade (camada 3) consiste num estrato de ocupação do período sidérico. Dividia-se em duas realidades. A mais recente (designada por camada 3a) é correspondente ao momento de abandono do sítio, e é marcada pelos derrubes associados a uma estrutura pétrea. Apresentava uma tonalidade negra e era composta por um sedimento fino. O nível interpretado como nível de ocupação (camada 3b) era composto por sedimentos de idênticas características, contendo, contudo, uma maior percentagem de fragmentos cerâmicos. Este estrato depositava-se, em grande parte da sua extensão, directamente sobre o substrato rochoso, tendo sido identificadas algumas pequenas lajes de calcário colocadas com a finalidade de regularizar a superfície.

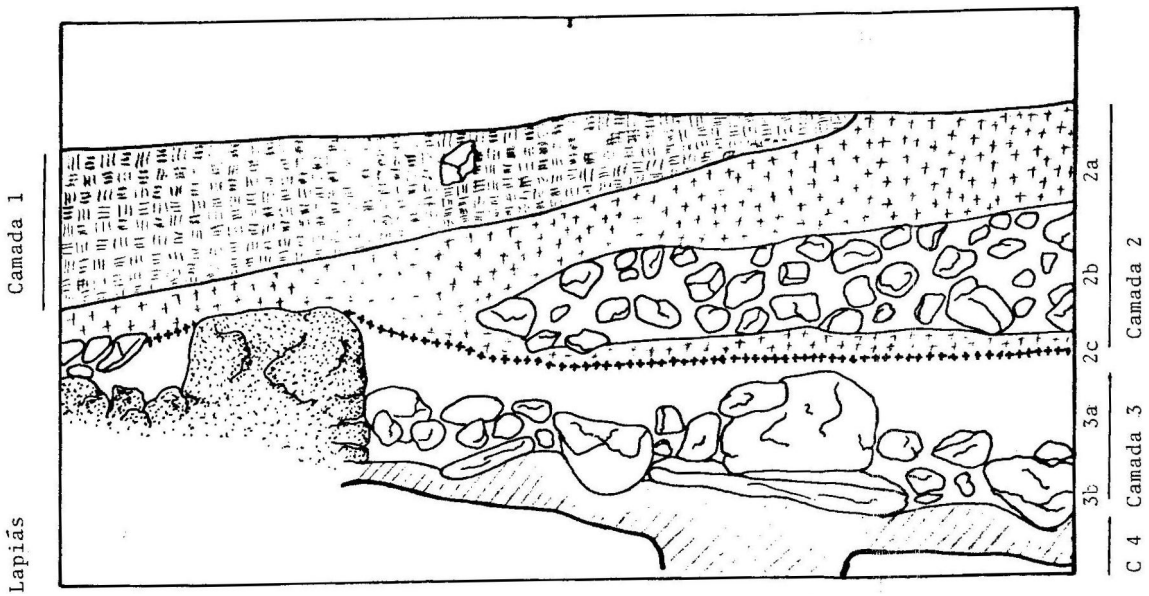


Fig. 174 – Corte este dos quadrados B29 e A29 (segundo Miranda e Encarnação, 2010).

A este momento de ocupação está associada uma estrutura pétrea, construída com lajes de calcário de diversos tamanhos. A sua orientação é Este-Oeste. Tem cerca de 0,70 m de largura e um total de 7,80 m de comprimento. A parede foi construída através de uma técnica específica, apresentando dois paramentos paralelos exteriores, de blocos sub-rectangulares de grandes dimensões, e um interior preenchido com pedras pequenas. Algumas lajes, identificadas junto à estrutura, indiciam a existência de um lajeado. Um pequeno alinhamento junto à parede norte da estrutura poderá corresponder a uma divisão interna do espaço. O prolongamento deste muro, em direcção a Oeste, foi destruído pela exploração da pedreira.

Nas fendas do lapiás, foi ainda possível detectar a existência de um outro sedimento, cuja formação parece remontar à ocupação mais antiga da estação arqueológica, a julgar pelos fragmentos cerâmicos atribuíveis ao Calcolítico e talvez também ao Neolítico.

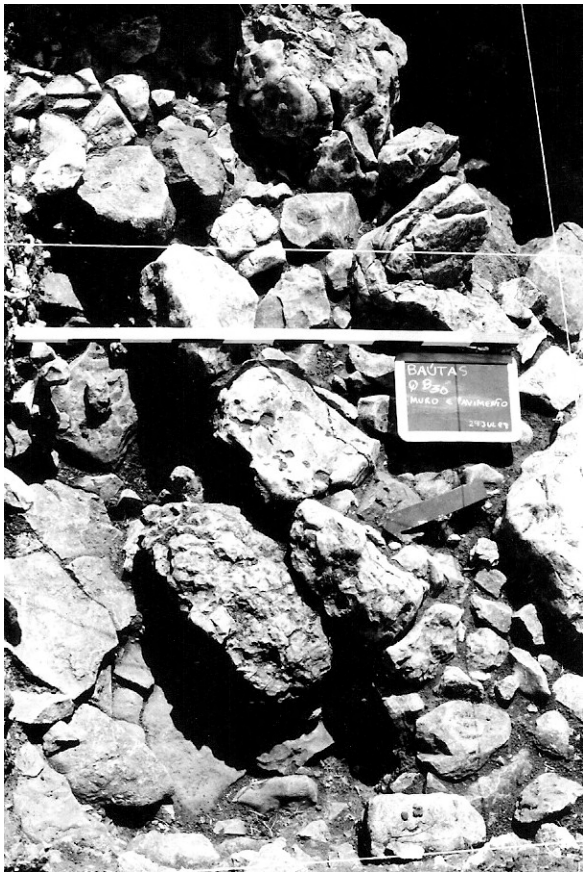


Fig. 175 – Pormenor da estrutura da Idade do Ferro e do possível lajeado associado (segundo Miranda e Encarnação, 2010).

As escavações arqueológicas realizadas em 2007 (Encarnação e Costa, 2008) confirmaram, em geral, esta mesma sequência estratigráfica, variando em apenas alguns pormenores. Os resultados finais da leitura sequencial nas diversas sondagens foram sintetizados em contextos.

As primeiras unidades estratigráficas, designadas por contexto 1, correspondem aos aterros directamente relacionados com a exploração da pedreira.

O contexto 2 parece corresponder à superfície original do terreno, anterior ao processo de extracção. Os materiais associados integram-se, sobretudo, numa cronologia sidérica surgindo, ocasionalmente, quer elementos pré-históricos quer do período contemporâneo.

Sob estas realidades surge o contexto 3, composto por um sedimento fino e frequentes inclusões de pedras boleadas e de pequena dimensão. Os materiais arqueológicos resumem-se quase exclusivamente ao período pré-romano, sendo raras algumas inclusões de artefactos calcolíticos.

O contexto 4 engloba as estruturas pétreas da Idade do Ferro. As escavações de 2007 permitiram identificar a existência de um muro paralelo àquele já reconhecido em 1989/1990.

O contexto 5 parece corresponder a processos de nivelamento da superfície do lapiás, tendo sido identificadas lajes de grandes dimensões que preenchem as depressões do afloramento. Este tipo de realidade também já tinha sido observado nas campanhas anteriores.

Os dois últimos contextos, 6 e 7, correspondem já aos vestígios da ocupação humana durante a Pré-História. O mais recente relaciona-se com o Calcolítico pleno, localizando apenas em algumas áreas, de cota, geralmente, mais baixa. O contexto 7 integra sedimentos identificados nos interstícios do substrato geológico, sugerindo os materiais recuperados uma presença do Neolítico no local.

4.2.2.4. Arquitectura e urbanismo

Como já foi referido anteriormente, as escavações arqueológicas efectuadas durante 1989 e 1990 permitiram identificar aqueles que são os únicos vestígios de urbanismo proto-histórico do concelho da Amadora.

Infelizmente, estes vestígios resumem-se a duas estruturas pétreas, paralelas entre si, que permitem intuir a existência de um compartimento de planta rectangular. A sua construção, realizada directamente sobre o substrato rochoso, utiliza fiadas de blocos calcários de média e grande dimensão, junto aos limites laterais, sendo o interior preenchido com pedra miúda. Também é referida a utilização de taipa da sua edificação.

Um ponto de interesse é, contudo, a associação de um pequeno lajeado a este muro.

Esta característica está bastante bem documentada ao longo da foz do Estuário do Tejo, tendo sido já identificada em Outorela I, em Oeiras (Cardoso, Rego e Magalhães, 1986) e também na "Sepultura do Rei Mouro", em Sintra (Serrão e Vicente, 1980).

De resto, não existem dados que permitam uma leitura mais abrangente, considerando os escassos vestígios documentados.



Fig. 176 – Planta das estruturas da Idade do Ferro do povoado das Baútas (segundo Encarnação e Costa, 2008).

4.2.2.5. O conjunto artefactual

As escavações arqueológicas realizadas no povoado das Baútas permitiram recolher um total de 257 fragmentos inventariáveis (200 NMI) que correspondem a uma ocupação da Idade do Ferro.

Tal como ocorreu nos casos anteriores, a divisão inicial do conjunto foi realizada com base em critérios de ordem tecnológica. Entre os fragmentos cerâmicos, reconheceram-se fragmentos de ânforas, cerâmica de engobe vermelho, cerâmica cinzenta e cerâmica comum. Um único fragmento corresponde a uma fíbula de bronze.

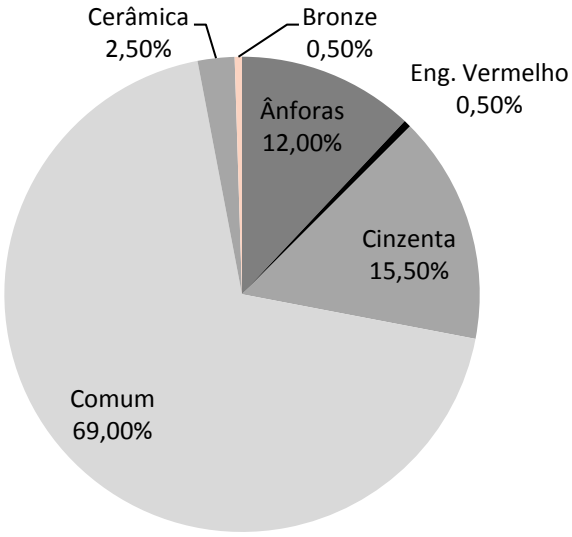


Fig. 177 – Distribuição dos artefactos de acordo com as várias categorias (base – NMI).

4.2.2.5.1. Questões metodológicas

Os princípios metodológicos utilizados na análise do conjunto recolhido no povoado das Baútas não diferem, praticamente, do caso anterior. Assim, apesar de existirem, efectivamente, contextos estratigráficos de proveniência específica, a ausência de uma ocupação romana no sítio permite tomar como amostra a totalidade dos artefactos de cronologia sidérica. Como tal, os critérios de quantificação foram os mesmos utilizados no Moinho da Atalaia Oeste.

Também aqui, a maioria dos materiais das Baútas são facilmente integráveis nos quadros tipológicos estabelecidos, seguindo-se, consequentemente, os mesmos parâmetros. Num único caso, um exemplar apresenta características que justificam a criação de uma nova variante ao repertório estabelecido.

4.2.2.5.2. As ânforas

O conjunto anfórico do povoado das Baútas é composto por 50 fragmentos inventariáveis, dos quais 15 possibilitaram uma representação gráfica, ainda que 16 exemplares tenham permitido uma integração tipológica. O NMI foi contabilizado com base na totalidade dos elementos de bordo, que totalizam 24 NMI.

No conjunto dos fragmentos inventariáveis, contam-se 26 asas e 24 bordos.

Entre a totalidade do conjunto artefactual do povoado das Baútas, as ânforas correspondem a 12,00%.

Tal como ocorre no Moinho da Atalaia Oeste, todos os exemplares são integráveis no grupo de fabrico I definido para as ânforas da Rua dos Correeiros.

Formas

Dos 24 elementos de bordo (24 NMI) de contentores anfóricos recuperados no povoado das Baútas, oito (8 NMI) não permitiram uma classificação formal. Estes fragmentos de forma indeterminada compõem 33,33% do conjunto anfórico.

Um outro fragmento (1 NMI), que infelizmente não permitiu uma representação gráfica, parece enquadrar-se ainda no tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres (1995), pelo que não foi inserido no quadro tipológico. A existência deste exemplar pode indicar alguma precocidade do início da ocupação sidérica da estação arqueológica, que poderá remontar ao século VI a.C.

Os restantes exemplares podem ser classificados, com alguma facilidade, de acordo com o quadro tipológico criado para a Rua dos Correeiros.

Série 1 – Ânforas

Grupo 1A

Este grupo engloba sete fragmentos (7 NMI). É o mais bem representado no conjunto anfórico, contando com 29,17%.

Variante 1Ab

Esta variante é a mais representativa do grupo 1A, com quatro fragmentos (4 NMI - 16,67%). Os diâmetros de bordo dos exemplares aqui enquadrados variam entre os 128 mm e os 162 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 8 mm e os 9 mm.

Variante 1Ac

A variante 1Ac está representada com dois exemplares (2 NMI – 8,33%). O diâmetro de bordo varia entre os 160 mm e os 162 mm. A espessura média da parede varia entre os 6 mm e os 7 mm.

Variante 1Ad

Esta última variante do grupo 1A conta com apenas um exemplar (1 NMI – 4,17%). O seu diâmetro de bordo é de 158 mm e a espessura média da parede é de 10 mm.

Grupo 1B

Entre o conjunto anfórico recuperado no povoado das Baútas, três exemplares (3 NMI) integram o grupo 1B, representando 12,50%.

Variante 1Ba

Um único exemplar é integrável nesta variante (1 NMI - 4,17%). O seu diâmetro de bordo é de 120 mm e a espessura média da parede é de 11 mm.

Variante 1Bb

Esta variante está representada por dois fragmentos (2 NMI – 8,33%). O diâmetro de bordo do único exemplar que permitiu uma representação gráfica é de 158 mm e a espessura média da parede é de 7 mm.

Grupo 1C

Este terceiro grupo do quadro tipológico está representado, no povoado das Baútas, por dois fragmentos (2 NMI), correspondendo a 8,33% do conjunto.

Variante 1Ca

Esta é a única variante do grupo 1C identificada no sítio. Conta com os mesmos dois fragmentos (2 NMI – 8,33%). Os seus diâmetros de bordo oscilam entre 128 mm e os 158 mm. A espessura média da parede varia entre os 5 mm e os 6 mm.

Grupo 1D

Este grupo está representado no conjunto por três exemplares (3 NMI). Integra 12,5% do conjunto.

Variante 1Da

Esta variante engloba dois fragmentos (2 NMI – 8,33%). O diâmetro de bordo varia entre os 148 mm e os 160 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 5 mm e os 6 mm.

Variante 1Dd

A variante 1Db está representada singularmente no conjunto (1 NMI – 4,17%). O seu diâmetro de bordo é de 160 mm e a espessura média da peça é de 9 mm.

Fragmentos de forma indeterminada

Para além dos elementos já referidos, foram ainda recolhidos no povoado das Baútas alguns fragmentos de asa. Tal como ocorre nos outros sítios já analisados, estes elementos dividem-se, sobretudo, em dois tipos morfológicos no que se refere à sua secção. As asas de secção circular são as menos frequentes, contando com nove fragmentos. As de secção oval são mais expressivas, com 17 exemplares, dos quais dez apresentam um sulco central na área externa.

4.2.2.5.3. A cerâmica de engobe vermelho

Esta categoria cerâmica está representada no conjunto artefactual de Baútas através de um único fragmento inventariável (1 NMI).

Representa 0,50% do espólio do sítio arqueológico, sendo a categoria cerâmica menos expressiva do conjunto.

As características da sua pasta permitem a sua integração no grupo I da cerâmica de engobe vermelho da Rua dos Correeiros.

Forma

O único fragmento deste tipo cerâmico enquadra-se, sem grande dificuldade, no quadro tipológico previamente estabelecido para a Rua dos Correeiros.

Série 1

Esta série integra recipientes genericamente designados como tigelas. Representa, naturalmente, a mesma expressão quantitativa (1 NMI – 0,50%).

Grupo 1B

O fragmento integra-se no grupo de tigelas de perfil carenado (1 NMI – 0,50%).

Variante 1Ba

Foi ainda possível classificar o exemplar na variante 1Ba (1 NMI – 0,50%). Apesar de o fragmento não conservar o bordo, é possível obter o diâmetro interno, que corresponde a 86 mm. A espessura média da parede é de 7 mm.

4.2.2.5.4. A cerâmica cinzenta

A cerâmica cinzenta é uma das categorias mais bem representadas neste sítio arqueológico, contando com 35 exemplares inventariáveis, dos quais 15 permitiram uma representação gráfica. Do conjunto total, 24 fragmentos possibilitaram uma classificação tipológica. O NMI foi contabilizado com base na totalidade dos elementos de bordo, que totalizam 31 NMI.

Entre os fragmentos inventariados, contam-se 31 fragmentos de bordos e quatro fragmentos de fundo.

A cerâmica cinzenta compõe 15,50% do conjunto total de indivíduos de cronologia sidérica do povoado das Baútas, sendo a segunda categoria cerâmica mais expressiva do conjunto.

As pastas são coincidentes com os grupos de fabrico da cerâmica cinzenta da Rua dos Correeiros, sendo o II maioritário, com 64,52% do conjunto (20 NMI), seguido pelo III que conta com 35,48% (11 NMI).

Formas

Entre o conjunto de 31 fragmentos de bordo (31 NMI) de cerâmica cinzenta, apenas dois exemplares não permitiram determinar uma integração tipológica, correspondendo a 9,68%.

Exceptuando um único caso, os exemplares do povoado das Baútas integram-se facilmente no quadro tipológico criado para a Rua dos Correeiros. Para a excepção referida, e à semelhança do que ocorreu no capítulo anterior, foi criada uma nova sub-variante.

Entre o conjunto de cerâmica cinzenta existem ainda três exemplares que, apesar de ser bem caracterizáveis a nível morfológico, não se enquadram nos esquemas tipológicos previamente traçados. Correspondem a três fragmentos de bordo de pequenos potes, cujos perfis se assemelham claramente a outros identificados quer na Sé de Lisboa (Arruda, 1999-2000; Arruda, Freitas e Vallejo Sánchez, 2000), onde são designados por tipo 3, quer na Alcáçova de Santarém, onde integram a forma 4 A (Arruda, 1999-2000). A cronologia destes vasos, como já foi discutido anteriormente (*vide supra* 4.1.6.5.), enquadra-se no século VI a.C. A sua presença no povoado das Baútas deve ser encarada como um outro indicador de uma relativa precocidade do início da ocupação da Idade do Ferro do sítio.

Série 1

A série 1 da cerâmica cinzenta, que corresponde a recipientes comummente designados por tigelas, constitui a série mais bem representada no conjunto, com 16 exemplares (16 NMI – 51,60%).

Grupo 1A

Este é o único grupo da série 1 representado no povoado das Baútas. Consequentemente, tem a mesma expressividade quantitativa (16 NMI) de 51,60%.

Variante 1Aa

Esta variante é a mais bem representada do grupo, contando com 15 fragmentos (15 NMI – 48,37%). Os seus diâmetros de bordo variam entre os 168 mm e os 196 mm. A espessura média da parede centra-se entre nos 5 mm.

Variante 1Ab

Apenas um único exemplar é enquadrável nesta variante (1 NMI – 3,23%). O seu diâmetro de bordo é de 160 mm e a espessura média da parede é de 4 mm.

Série 3

Esta terceira série de cerâmica cinzenta, que corresponde a potes de pequena dimensão, está bem representada no conjunto, contando com oito fragmentos (8 NMI – 25,81%).

Grupo 3A

Este grupo, sendo o menos expressivo da série 3, conta com apenas dois exemplares (2 NMI – 6,46%).

Variante 3Aa

Esta variante está representada singularmente no conjunto (1 NMI – 3,23%). O diâmetro de bordo do exemplar é de 118 mm e a espessura média da sua parede é de 3 mm.

Variante 3Ab

Esta segunda variante também conta com apenas um fragmento (1 NMI – 3,23%). O seu diâmetro de bordo é de 128 mm e a espessura média da parede é de 4 mm.

Grupo 3B

Este grupo é o mais bem representado da série 3, contando com seis exemplares (6 NMI – 19,35%).

Variante 3Ba

Sendo a única variante do grupo 3B, conta com os mesmos seis fragmentos (6 NMI – 19,35%). Os seus diâmetros de bordo variam entre os 108 mm e os 158 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 3 mm e os 4 mm.

Série 4

Esta quarta série da cerâmica cinzenta, composta por potes de média dimensão, está representada no conjunto por dois exemplares (2 NMI – 6,46%).

Grupo 4A

Um único fragmento (1 NMI – 3,23%) permite o seu enquadramento neste primeiro grupo da série 4, que engloba potes de perfil convexo – côncavo e bordo exvertido.

Variante 4Ad

Esta nova variante do grupo 4A caracteriza-se por incluir vasos com um pequeno lábio pendente na superfície externa.

Corresponde ao mesmo exemplar anteriormente referido (1 NMI – 3,23%). O seu diâmetro de bordo é de 110 mm e a espessura média da parede é de 4 mm.

Exemplares de perfil aproximado surgem, no Estuário do Tejo, na Alcáçova de Santarém, onde são classificados segundo a designação 6A (Arruda, 1999-2000, p. 200).

Grupo 4C

Este terceiro grupo da série 4, que integra potes de dimensões consideravelmente maiores, está representado também um por único exemplar (1 NMI – 3,23%).

Variante 4Ca

O fragmento anteriormente referido integra-se na variante 4Ca, tendo a mesma expressividade quantitativa (1 NMI – 3,23%). O seu diâmetro de bordo é de 172 mm e a espessura média da parede é de 4 mm.

Fragmentos de forma indeterminada

Entre o conjunto de cerâmica cinzenta do povoado das Baútas, foi possível ainda recolher quatro fragmentos de fundo. A nível morfológico, caracterizam-se por serem planos ou convexos, apresentando sempre um pé destacado. Dois exemplares integram os fundo anelares de pé consideravelmente alto.

4.2.2.5.5. A cerâmica comum

Tal como ocorreu nos sítios anteriormente analisados, a cerâmica comum constitui a categoria mais numerosa do conjunto artefactual. É composta por 166 fragmentos inventariáveis, dos quais 31 possibilitaram uma representação gráfica. Entre o conjunto total, 111 exemplares permitiram uma classificação tipológica. O NMI foi contabilizado com base na totalidade dos elementos de bordo, que somam 138 NMI.

Entre o conjunto inventariado, contam-se 138 fragmentos de bordos, 11 de asa e 17 de fundo.

Esta categoria cerâmica corresponde a 69,00% do espólio da Idade do Ferro desta estação arqueológica.

As pastas dos exemplares permitiram uma divisão em três grupos de fabrico. Os dois primeiros, I e III, são os mesmos detectados na cerâmica comum da Rua dos Correeiros. O primeiro é claramente maioritário, contando com 89,13% do conjunto (123 NMI), sendo o segundo pouco representativo, com apenas 2,17% (3 NMI).

O outro grupo de fabrico identificado (Bt A) parece ser exclusivo deste povoado, podendo presumir-se uma produção eminentemente local. As suas pastas são mediamente compactas e depuradas (entre 5% a 10% de elementos não plásticos). Na sua composição, foi possível identificar frequentes partículas de moscovite de muito pequena dimensão, ocasionais calcites e nódulos ferruginosos de média dimensão, raros quartzos, também de média dimensão e raras biotites de pequena dimensão. A sua tonalidade é castanha acinzentada (Munsell 5/3 10YR *brown*).

Representa 8,70% do conjunto de cerâmica comum do sítio (12 NMI).

Formas

Entre o conjunto de 138 fragmentos de bordo (138 NMI), 27 (27 NMI) não foram passíveis de um enquadramento tipológico. Estes materiais, de forma indeterminada, correspondem a 19,57% do conjunto de cerâmica comum.

A totalidade desta categoria pode ser integrada no quadro tipológico estabelecido para a Rua dos Correeiros.

Série 1

Esta primeira série integra recipientes comummente designados por tigelas. Corresponde à segunda série mais bem representada deste conjunto, incluindo 44 exemplares (44 NMI – 31,90%).

Grupo 1A

Este grupo da série 1 é o mais presente no povoado das Baútas. É composto por 42 exemplares (42 NMI), consistindo em 30,46% do conjunto.

Variante 1Aa

Esta variante é a mais expressiva, a nível quantitativo, do grupo 1A. Conta com 41 fragmentos (41 NMI – 29,74%). Os diâmetros de bordo oscilam entre os 164 mm e os 190 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 5 mm e os 6 mm.

Variante 1Ad

Esta segunda variante está singularmente representada no conjunto (1 NMI – 0,72%). O diâmetro de bordo do exemplar é de 194 mm e a espessura média da parede é de 7 mm.

Grupo 1B

Este segundo grupo é constituído por apenas dois fragmentos (2 NMI). Corresponde a 1,44% do conjunto.

Variante 1Ba

Esta variante mostra-se singularmente no conjunto (1 NMI – 0,72%). Infelizmente, o estado de conservação do exemplar não permitiu obter medições.

Variante 1Bd

Também um único fragmento pode ser integrado nesta variante (1 NMI – 0,72%). O seu diâmetro de bordo é de 160 mm e a espessura média da parede é de 6 mm.

Série 9

Esta série, que integra potes de pequena dimensão, está representada no conjunto por um único fragmento (1 NMI – 0,72%).

Grupo 9A

O referido exemplar é enquadrável no grupo 9A, que corresponde a pequenos potes de perfil convexo – côncavo e bordo simples. Tem a mesma expressividade quantitativa (1 NMI – 0,72%).

Variante 9Aa

Foi ainda possível classificar o fragmento na variante 9Aa. O seu diâmetro de bordo é de 120 mm e a espessura média da parede é de 4 mm.

Série 10

Esta série, que engloba potes e ou panelas de média dimensão, constitui a série com maior expressividade quantitativa, integrando 66 exemplares (66 NMI – 47,81%).

Grupo 10A

Este grupo, composto por potes e / ou panelas de perfil convexo – côncavo e colo ligeiramente estrangulado, está representado no conjunto com 16 fragmentos (16 NMI – 11,59%).

Variante 10Aa

Todos os exemplares referidos anteriormente são enquadráveis na única variante estabelecida para este grupo (16 NMI – 11,59%). Os seus diâmetros de bordo variam entre os 160 mm e os 180 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 7 mm e os 8 mm.

Grupo 10B

Este segundo grupo da série 10, que corresponde a potes e/ou panelas de perfil convexo –côncavo e bordo pendente, é um dos mais numerosos do conjunto, com 41 exemplares (41 NMI – 29,70%).

Variante 10Ba

Esta variante é, como já ocorreu nos casos anteriormente analisados, a de maior expressividade quantitativa, contando com 29 exemplares (29 NMI – 21,01%). Os seus diâmetros de bordo variam entre os 168 mm e os 226 mm. A espessura média da parede está centrada entre os 7 mm e os 8 mm.

Variante 10Bb

A variante 10Bb é representada por 11 exemplares (11 NMI - 7,97%). Os seus diâmetros de bordo oscilam entre os 144 mm e os 218 mm. A espessura média da parede centra-se nos 6 mm.

Variante 10Bc

Apenas um fragmento é enquadrável nesta variante (1 NMI – 0,72%). O seu diâmetro de bordo é de 270 mm e a espessura média da parede é de 6 mm.

Grupo 10C

Este terceiro grupo, que engloba potes e/ou panelas de perfil convexo – côncavo e bordo prolongado, está representado por sete exemplares (7 NMI). Correspondem a 5,07% do conjunto.

Variante 10Ca

Nesta variante, foram incluídos quatro fragmentos (4 NMI – 2,90%). O diâmetro de bordo do único fragmento que permitiu uma representação gráfica é de 168 mm e a espessura média da parede mede 6 mm.

Variante 10Cb

A variante 10Cb está representada por três exemplares (3 NMI – 2,17%). Os seus diâmetros de bordo variam entre os 190 mm e os 196 mm. A espessura média da parede oscila entre os 6 mm e os 8 mm.

Grupo 10H

Este grupo, que corresponde a potes e/ou panelas de grande dimensão, está representado por dois exemplares (2 NMI). Totaliza 1,45% do conjunto.

Variante 10Hc

Esta é a única variante do grupo 10H presente no povoado das Baútas. Integra os mesmos dois fragmentos (2 NMI – 1,45%). O diâmetro de bordo do único exemplar que possibilitou uma representação gráfica é de 180 mm e a espessura média da sua parede mede 8 mm.

Fragmentos de forma indeterminada

Entre o conjunto de cerâmica comum do povoado das Baútas, existem ainda outras peças inventariáveis, compostas por elementos de asa e de fundo.

Os primeiros somam 11 fragmentos, que se dividem em três morfologias. A mais frequente, com cinco exemplares, corresponde a asas de secção bífida, que são sobretudo características do período orientalizante. Seguem-se as asas de secção oval, com quatro fragmentos, e as asas de secção circular, com apenas dois.

Os fundos são um pouco mais abundantes, contando com 17 elementos. Os fundo de perfil plano são em maior número, sendo representados por 12 exemplares, vários dos quais apresentando um pé destacado. Fundos de perfil convexo, onde também são frequentes os pés destacados, correspondem aos restantes cinco fragmentos.

Este tipo de características, tanto ao nível das asas como dos fundos, já foram verificadas nos casos analisados anteriormente.

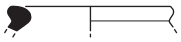
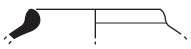
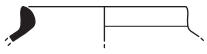
<table>
<tr><td rowspan="8">Série 1</td><td rowspan="3">Grupo 1A</td><td>Variante 1Ab
  </td><td rowspan="8"></td></tr>
<tr><td>Variante 1Ac
  </td></tr>
<tr><td>Variante 1Ad
  </td></tr>
<tr><td rowspan="2">Grupo 1B</td><td>Variante 1Ba
  </td></tr>
<tr><td>Variante 1Bb
  </td></tr>
<tr><td>Grupo 1C</td><td>Variante 1Ca
  </td></tr>
<tr><td rowspan="2">Grupo 1D</td><td>Variante 1Da
  </td></tr>
<tr><td>Variante 1Db
  </td></tr>
</table>

Fig. 178 – Quadro tipológico das ânforas das Baútas.

Série 1	Grupo 1B	Variante 1Ba 	

Fig. 179 – Quadro tipológico da cerâmica de engobe vermelho das Baútas.

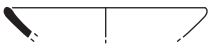
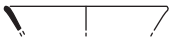
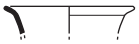
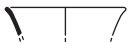
Série 1	Grupo 1A	Variante 1Aa 	
		Variante 1Ab 	
Série 3	Grupo 3A	Variante 3Aa 	
		Variante 3Ab 	
	Grupo 3B	Variante 3Ba 	
Série 4	Grupo 4A	Variante 4Ad 	
	Grupo 4C	Variante 4Ca 	

Fig. 180 – Quadro tipológico da cerâmica cinzenta das Baútas.

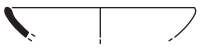
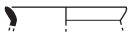
Série 1	Grupo 1A	Variante 1Aa 	
		Variante 1Ad 	
	Grupo 1B	Variante 1Bd 	
Série 9	Grupo 9A	Variante 9Aa 	

Fig. 181 – Quadro tipológico da cerâmica comum das Baútas.

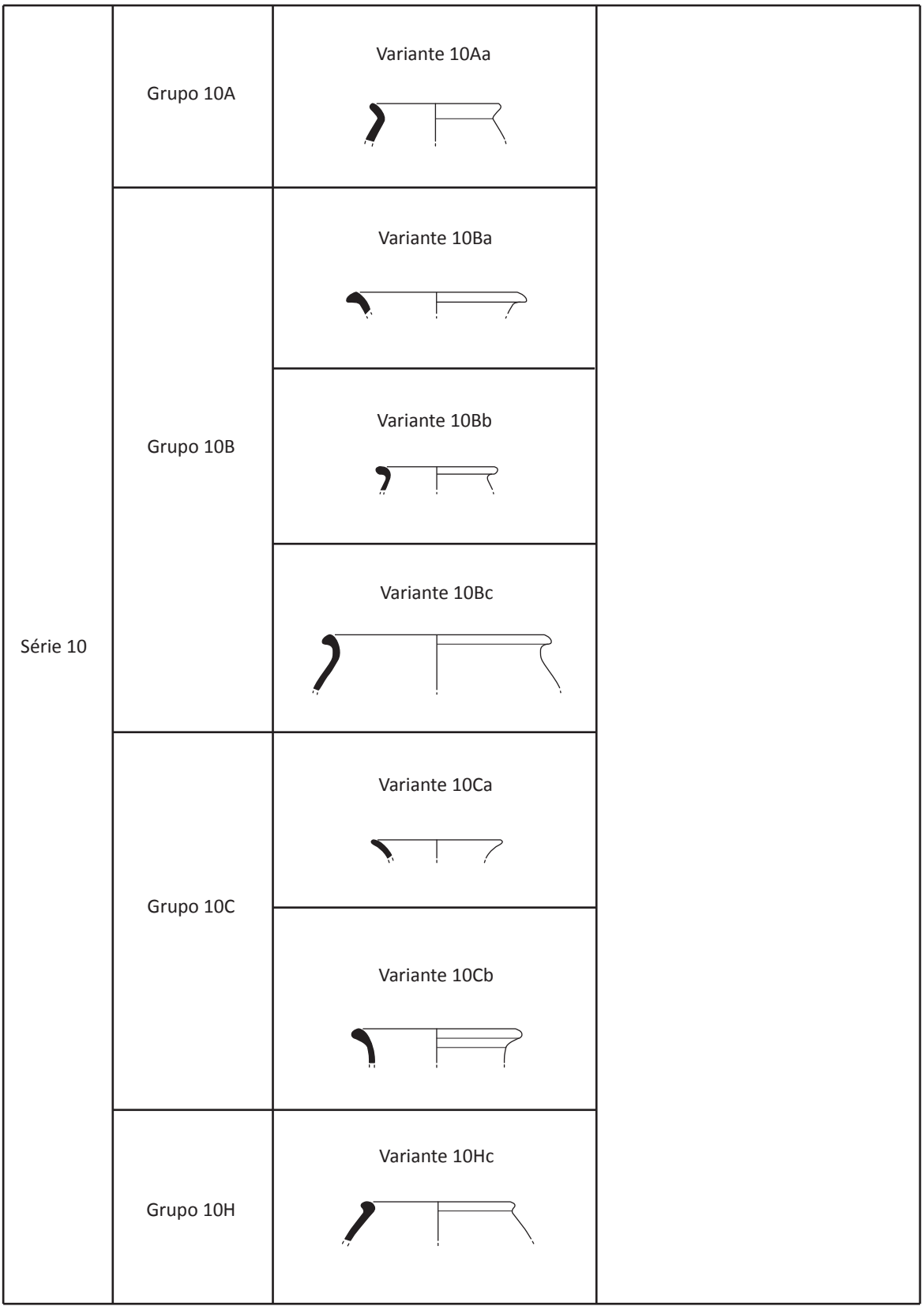


Fig. 182 – Quadro tipológico da cerâmica comum das Baútas.

4.2.2.5.6. Outros artefactos cerâmicos

No conjunto artefactual do povoado das Baútas existem também alguns objectos produzidos em cerâmica. Correspondem a cinco exemplares (5 NMI), que traduzem 2,50% do espólio.

Cossoiro

Um desses elementos corresponde a um cossoiro (Est. 172). Infelizmente, o exemplar está muito fragmentado, não permitindo obter uma descrição da sua morfologia ou quaisquer medições.

Peso

Os restantes quatro exemplares cerâmicos correspondem a fragmentos de pesos (Est. 172). As suas larguras oscilam entre os 90 e os 140 mm e a espessura média centra-se entre os 24 mm e os 25 mm. Não sabemos se foram usados em teares ou em redes de pesca.

4.2.1.5.7. Metais

Do sítio é ainda proveniente um pequeno fragmento de bronze (1 NMI), que corresponde a 0,50% do conjunto artefactual. Trata-se, muito provavelmente, do que resta de uma fíbula anular hispânica. Infelizmente, só está conservado parte do aro, não sendo possível precisar o diâmetro, nem caracterizar as duas voltas que se desenvolveriam na zona da mola. Com base nestes escassos elementos, não foi possível precisar a sua classificação tipológica.

4.2.2.6. Discussão

As condições de implantação desta estação arqueológica diferem do padrão típico do povoamento rural. O sítio localiza-se numa área destacada da paisagem, com boas condições de visibilidade para o território envolvente, inclusivamente para outras estações da Idade do Ferro, como é o caso dos Moinhos do Filipinho (*vide infra* 4.2.3.). Poderá corresponder a um núcleo de povoamento de maior importância, comparativamente com o caso anterior, ainda que não seja equiparável aos grandes povoados da foz do Estuário, como Lisboa e Almaraz.

Os materiais arqueológicos identificáveis como pertencentes à fase de ocupação sidérica são consideravelmente expressivos, apesar de menos diversificados e abundantes que em Moinhos da Atalaia Oeste.

Mais uma vez, o repertório formal é praticamente idêntico ao já documentado na Rua dos Correeiros. As únicas excepções relacionam-se com materiais que integram uma cronologia um pouco mais antiga que aquela que foi estabelecida para o sítio lisboeta. A ânfora do tipo 10.1.2.1. e os potes de corpo globular de cerâmica cinzenta são materiais que remetem claramente para um início de ocupação do sítio ainda durante o século VI a.C., ainda que, provavelmente, já em finais da centúria. Em relação ao restante conjunto cerâmico, apenas um único exemplar de cerâmica cinzenta não se integra plenamente nos repertórios previamente definidos, atestando assim a contemporaneidade entre as duas estações arqueológicas.

4.2.3. Outros sítios

No concelho da Amadora, existe ainda uma série de outras estações arqueológicas às quais é atribuída uma cronologia da Idade do Ferro. Infelizmente, trata-se de sítios apenas prospectados na sequência de construções que afectaram o seu potencial arqueológico. A recolha de alguns materiais permite, contudo, precisar, ainda que com algumas reservas, considerando a amostra disponível, a sua cronologia.

Uma dessas estações é designada por Moinhos do Filipinho. Localiza-se na Freguesia da Mina, na zona ocidental da Serra de Mira. Está implantado no topo de uma elevação,

com uma altitude média de 260 m, sobranceira à Ribeira de Carenque. Tem um declive médio a sul e uma ravina bem marcada, com vertentes escarpadas, a norte. O substrato geológico é formado por calcários e margas do "Belesiano" (Albiano-Cenomaniano).

As suas coordenadas UTM são: 29S MC 790 225 (Carta Militar de Portugal, Folha 416).

O sítio foi descoberto por A. Gonzalez, em 1965. Os únicos trabalhos arqueológicos realizados resumiram-se a campanhas de prospecção.

A estação arqueológica foi afectada pela construção de uma rede de saneamento básico e de urbanizações. A deslocação ao local, posterior à ocorrência destas obras, permitiu identificar uma sequência estratigráfica num corte resultante da abertura de uma vala. O primeiro nível, de espessura pouco considerável, contém lascas de sílex. Sob este, evidenciava-se um segundo, composto por um sedimento de cor castanha clara, seco e duro, de grão fino. Dele são provenientes lascas e utensílios de sílex, atribuíveis ao Paleolítico Médio, e cerâmicas do Neolítico e Idade do Ferro. Não se identificaram quaisquer estruturas.



Fig. 183 – Moinhos do Filipinho (foto da Associação de Arqueologia da Amadora).

Os artefactos de cronologia sidérica recuperados traduzem-se, exclusivamente, em fragmentos cerâmicos. Totalizam 11 exemplares de cerâmica cinzenta e de cerâmica comum, sendo esta claramente dominante (Est. 173).

A cerâmica cinzenta está representada por apenas três fragmentos (2 NMI). Os que permitiram uma classificação tipológica integram-se nas tigelas da variante 1Aa e nos potes de pequena dimensão da variante 3Ba, estabelecidas previamente para o conjunto da Rua dos Correeiros. O restante corresponde a um fundo plano com pé destacado. Todos os exemplares integram o grupo de fabrico II da cerâmica cinzenta da Rua dos Correeiros.

A cerâmica comum é composta por oito exemplares (5 NMI). Entre os fragmentos que permitiram uma classificação formal, reconheceram-se as bacias e/ou alguidares da variante 5Ca e os potes e/ou panelas das variantes 10Ba e 10Bb. As características das suas pastas são integráveis no grupo de fabrico I da cerâmica comum da Rua dos Correeiros.

Deve ainda referir-se a presença de um fragmento de bordo que parece muito similar aos contentores de tipo *pithos* do período orientalizante, elemento que poderá indicar que o início da ocupação sidérica do local tenha ocorrido ainda durante o século VI a.C.

Os restantes exemplares de cerâmica comum correspondem a um bordo de forma indeterminada, a um fundo plano de pé destacado e a uma asa de perfil bífido.

Apesar da existência de alguns indícios que apontam para um início de ocupação em torno ao século VI a.C., como é o caso do bordo de *pithos* e mesmo do fragmento de asa bífida, a presença dos pequenos potes da variante 3Ba de cerâmica cinzenta permitem atestar que a cronologia se estende, pelo menos, até ao século V a.C.

A proximidade de outros sítios com ocupação contemporânea é notável, encontrando-se a menos de 1000 m do povoado das Baútas e do Casal de Vila Chã Sul, que será caracterizado de seguida.

O Casal de Vila Chã Sul, localizado também na Freguesia da Mina, foi igualmente descoberto por António Gonzalez, em 1962. Situa-se no topo de um talude, com uma altitude média de 183 m. A cerca de 800 m a oeste corre a Ribeira de Carenque.

Geologicamente, a área é constituída por calcários e margas do cenomaniano superior. Tal como ocorreu na área do povoado das Baútas, esta zona também foi utilizada como uma pedreira.

As suas coordenadas UTM são: 29S MC 791 914 (Carta Militar de Portugal, Folha 416).



Fig. 184 – Casal de Vila Chã Sul (foto da Associação de Arqueologia da Amadora).

Os artefactos recolhidos no sítio permitem sugerir ocupações durante o Calcolítico, a Idade do Bronze e a Idade do Ferro.

Nos inícios do presente século, na sequência da construção de arruamentos em função da urbanização do Casal de Vila Chã, certos sectores da estação arqueológica foram destruídos. Numa tentativa de minimizar os dados, foi aberta, no sítio, uma pequena sondagem, de apenas 1 m x 1 m, que visava a caracterização cronológica da jazida. No decurso da escavação, foram identificadas três camadas. A primeira, superficial, continha abundantes materiais contemporâneos. O segundo nível forneceu já alguns materiais quer da Idade do Ferro quer de época pré-histórica. O último estrato arqueológico correspondia ao enchimento de uma pequena vala, do qual são provenientes apenas materiais do período sidérico.

Os materiais pré-romanos recolhidos são compostos por ânforas, cerâmica cinzenta e cerâmica comum (Est. 174 a 176).

Entre as primeiras (3 NMI), destaca-se a presença de um fragmento de bordo que pode ainda enquadrar-se nas produções do período orientalizante do tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres. Os outros dois exemplares anfóricos são integráveis no quadro tipológico estabelecido para a Rua dos Correeiros, concretamente nas variantes 1Ac e 1Ba. Recolheram-se ainda quatro fragmentos de asa, de secção circular e oval. Todas estas peças correspondem ao grupo de fabrico I das ânforas da Rua dos Correeiros.

A cerâmica cinzenta é constituída por nove exemplares (7 NMI). A série 1 está representada por quatro fragmentos, três integráveis na variante 1Aa e outro na variante 1Ac. Um pequeno fragmento de carena pode ainda ser classificável na variante 2Ba, identificada em Moinho da Atalaia Oeste. Outros exemplares correspondem a morfologias que não constam dos quadros tipológicos já estabelecidos. Apesar de ser tentador adicionar estas formas à seriação tipológica da cerâmica cinzenta, o facto de os fragmentos serem resultantes de recolhas de prospecção, e não sendo segura a sua cronologia, reprimiu essa intenção. Um desses exemplares corresponde a uma tigela de perfil ligeiramente carenado. Outro bordo parece corresponder a um tipo de prato de perfil simples, à semelhança da variante 3Ba de cerâmica comum da Rua dos Correeiros. O exemplar mais interessante consiste na produção de cerâmica cinzenta, de formas afins das páteras de pé alto, que, no sítio lisboeta, estão representadas quer em cerâmica de engobe vermelho quer em cerâmica comum. O conjunto de cerâmica cinzenta conta ainda com dois fundos, um de perfil plano e com pé destacado, o outro de pé anelar alto, e com um fragmento de bordo, de forma indeterminada, que não permitiu uma representação gráfica. Existem ainda outros cinco fragmentos de bordo que não permitiram uma classificação morfológica. As pastas dos exemplares correspondem aos grupos de fabrico II e III da Rua dos Correeiros.

A cerâmica comum conta com 23 fragmentos (19 NMI) recolhidos nas campanhas de prospecção. As tigelas da variante 1Aa estão representadas por nove exemplares. Taças da variante 2Bd contam com dois fragmentos. Os potes e/ou panelas materializam-se através de quatro exemplares integráveis na variante 10Aa, três na 10Ba, dois na 10Bb e um outro ainda na 10Ca. Recolheu-se ainda um fragmento de fundo plano, cuja morfologia faz lembrar os pratos mais tardios da cerâmica de engobe vermelho do

período orientalizante. No conjunto de cerâmica comum, existem ainda quatro elementos de bordo, cujo estado de fragmentação não possibilita um enquadramento tipológico. Recolheram-se também dois fragmentos de asa, um de secção circular e um outro de secção oval. Os materiais inserem-se no grupo de fabrico I da cerâmica comum da Rua dos Correeiros.

Tal como ocorre nos Moinhos do Filipinho, existem elementos que permitem colocar o início da ocupação sidérica desta estação num período avançado do século VI a.C., concretamente o fragmento de ânfora do tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres e o fragmento de fundo de cerâmica comum que reproduz perfis dos pratos de engobe vermelho dessa época. Os restantes fragmentos cerâmicos autorizam também atestar a continuidade dessa ocupação durante a centúria seguinte. Contudo, a existência de algumas formas de cerâmica cinzenta que não foram reconhecidas entre os conjuntos artefactuais previamente analisados poderá indiciar uma mais longa perduração deste sítio, podendo chegar até momentos avançados do século IV a.C. e, porventura, até mesmo à centúria seguinte.

Deve ainda referir-se que, nas imediações deste sítio, numa outra estação designada por Casal de Vila Chã Norte, foi recolhida uma fíbula de dupla mola. A análise dos materiais arqueológicos associados não permitiu, contudo, detectar outros indícios de uma ocupação proto-histórica, exceptuando alguns fragmentos amorfos de cerâmicas de pastas alaranjadas.

Outra estação arqueológica com ocupação sidérica é designa-se por Fiat – Alfragide, localizando-se entre as actuais freguesias de Alfragide e Venteira. Este sítio foi também descoberto por A. Gonzalez, em 1981, na sequência da abertura de valas para a construção da Estrada Nacional 117. Em anos posteriores, efectuaram-se pequenas sondagens no local, com vista a minimizar o impacto do prosseguimento da construção. Na área intervencionada não se detectaram, contudo, níveis conservados da Idade do Ferro, parecendo claro que o sítio tinha sido já completamente destruído pelas construções realizadas (Encarnação, 1999).

Localiza-se numa pequena elevação, no sopé Este da Serra de Carnaxide, e tem uma altitude média de 162 m. Não possui condições naturais de defesa. A área envolvente apresenta um bom potencial agrícola, sendo os solos de tipo A e B. Nas suas

imediações, corre uma linha de água, um afluente da Ribeira de Alcântara. A Ribeira de Algés e o Rio Jamor também se encontram bastante próximos, a 1750 m e a 2750 m, respectivamente. Geologicamente, a área insere-se no Complexo Vulcânico de Lisboa com intercalações vulcano-sedimentares do Neocretácico.

As suas coordenadas UTM são: 29S MC 802 803 (Carta Militar de Portugal, Folha 431).



Fig. 185 – Fiat - Alfragide (foto da Associação de Arqueologia da Amadora).

O conjunto artefactual reportável ao período síderico consiste em fragmentos de ânforas, cerâmica cinzenta e cerâmica comum, sendo todos estes materiais integráveis nos quadros tipológicos previamente estabelecidos (Est.177 e 178).

Entre o conjunto anfórico, destacam-se exemplares (4 NMI) da variante 1Ab, 1Ac, 1Db e 1Dc, cada um dos quais com um único fragmento. Existem ainda sete fragmentos de asa que pertencem a este tipo de recipientes, sendo três de secção circular e os outros quatro de secção oval. Destes últimos, três apresentam um sulco central na zona externa. As características das suas pastas integram-se no grupo de fabrico I das ânforas da Rua dos Correeiros.

A cerâmica cinzenta está representada por cinco fragmentos (5 NMI). Entre os materiais que permitiram um enquadramento tipológico, contam-se dois exemplares de tigelas de perfil hemisférico, integráveis na variante 1Aa e um outro na variante 1Ab, de parede mais recta. Um pequeno fragmento, que não permitiu uma representação gráfica, é contudo, claramente enquadrável nos pequenos potes da série 3. A variante 4Aa está também representada por um único exemplar. Este materiais integram-se no grupo II da cerâmica cinzenta da Rua dos Correeiros.

A cerâmica comum constitui a categoria mais expressiva ao nível quantitativo, com 35 exemplares (30 NMI). Destes, sete fragmentos integram-se nas tigelas de perfil hemisférico da variante 1Aa. Os potes e ou panelas estão mais bem representados. A variante 10Aa conta com sete exemplares, a 10Ba com cinco e a 10Bb com outros três. O conjunto de cerâmica comum conta ainda com oito elementos de bordo de forma indeterminada, três fragmentos de asa de secção circular e oval e dois fundos, um de perfil convexo e outro de pé anelar alto. Todos estes fragmentos enquadram-se no grupo de fabrico I da Rua dos Correeiros.

Este conjunto de materiais permite atestar, também aqui, uma ocupação pré-romana do sítio em meados do 1º milénio a.C.

Existe um último sítio no concelho da Amadora que merece algum destaque, apesar de os materiais recolhidos não permitirem uma adscrição cronológica tão precisa como nos casos anteriores.

Trata-se da estação arqueológica designada por Alfragide Segundo Sul, descoberta em inícios da década de noventa do século passado. Localiza-se na Freguesia de Alfragide, a sul do depósito de águas. Obras relacionadas com um projecto de urbanização permitiram identificar vestígios de uma ocupação pré-histórica e também da Idade do Ferro.

O sítio, localizado num declive com cerca de 136 m de altitude, está nas proximidades de uma boa rede hidrográfica, concretamente afluentes da Ribeira da Falagueira e da Ribeira de Algés, que se situam a menos de 1000 m de distância. As condições dos solos não são, ao contrário dos casos anteriores, muito favoráveis, sendo os terrenos integráveis nas classes C e D. A geologia da área é idêntica ao caso anterior, integrando-

se no Complexo Vulcânico de Lisboa com intercalações vulcano-sedimentares do Neocretácico.

As suas coordenadas UTM são: 29S MC 811 877 (Carta Militar de Portugal, Folha 431).

Em 2006, foram realizados trabalhos arqueológicos na zona, com vista à caracterização da estação e à minimização do impacto da construção de uma moradia na área. Traduziram-se na prospecção integral dos terrenos, análise dos cortes provocados pelas construções e na implantação de duas sondagens. Os resultados obtidos indicaram que os vestígios arqueológicos aí recolhidos eram, com grande probabilidade, resultantes do deslize de sedimentos da área mais elevada e aplanada, denominada de Moinhos de Alfragide (Encarnação, 2007b).



Fig. 186 – Moinhos de Alfragide (foto da Associação de Arqueologia da Amadora).

Esse local apresenta, ao invés da encosta, óptimas condições de visibilidade, inclusive para o Estuário do Tejo, e boas condições de defesa, sendo uma escolha natural para a implantação de comunidades humanas (Encarnação, 2007b).

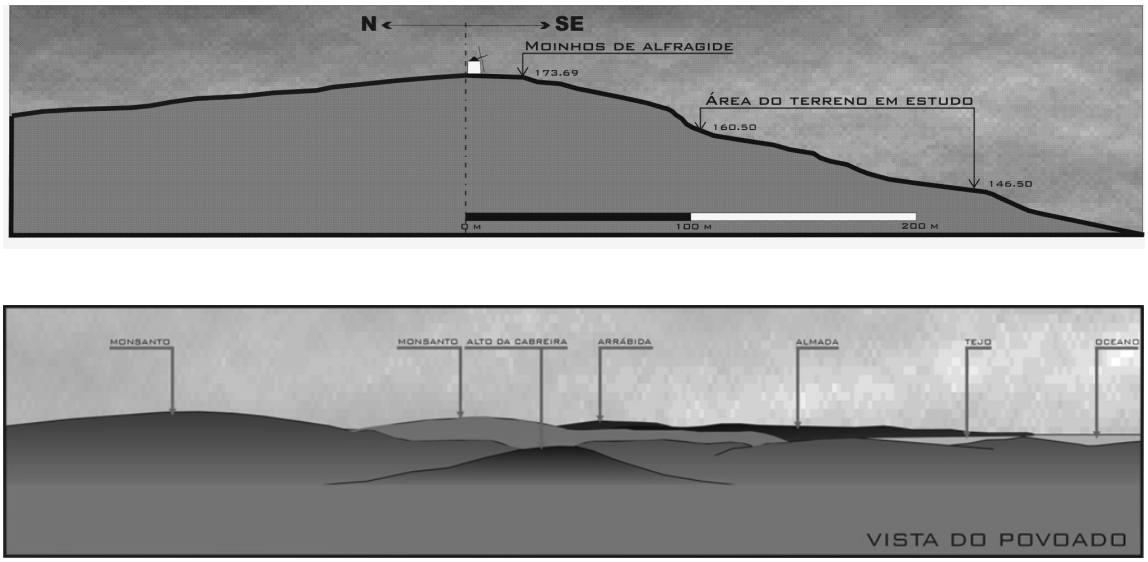


Fig. 187 – Esquema topográfico da área intervencionada e condições de visibilidade do sítio de Moinhos de Alfragide (segundo Encarnação, 2007b).

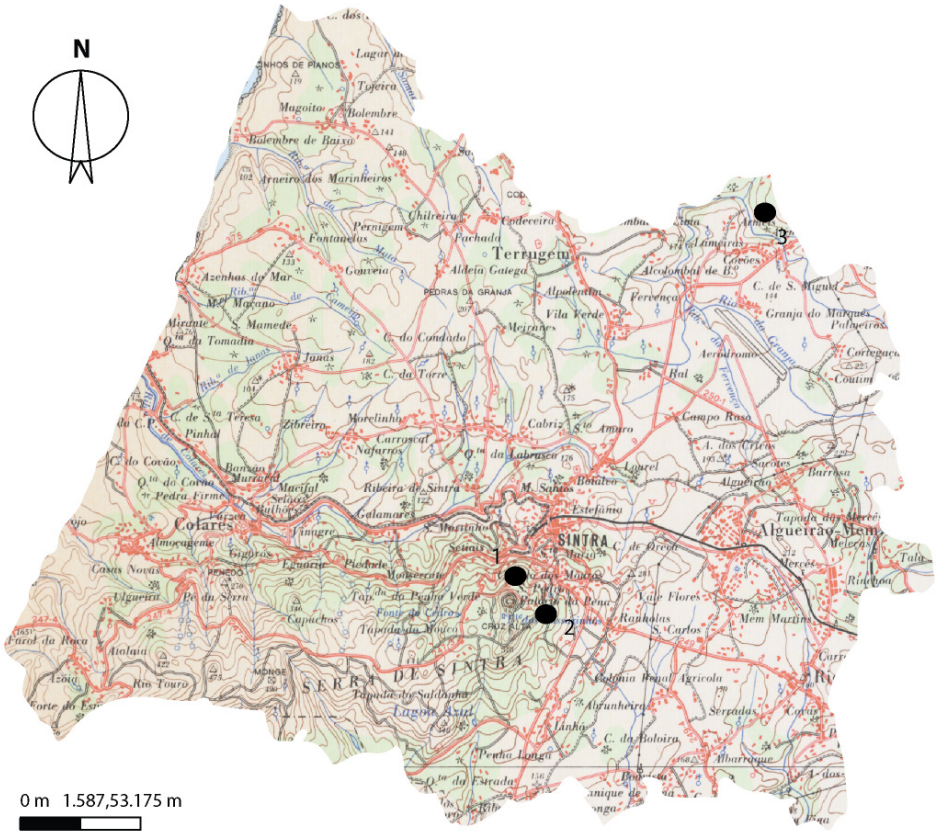
Os materiais arqueológicos recolhidos que são atribuíveis à Idade do Ferro não constituem, infelizmente, bons indicadores cronológicos. Correspondem a três fragmentos de bordo de cerâmica comum, todos enquadráveis nos potes e/ou panelas da variante 10Ba. Ainda que esta forma esteja bem documentada nos contextos de meados do 1º milénio a.C., nada impede que possa reportar-se quer a momentos anteriores quer a momentos mais recentes no âmbito da Proto-História.

4.3. Concelho de Sintra

A densidade de sítios datados do período pré-romano no actual concelho de Sintra é, comparativamente com o caso anterior, mais reduzida.

Quer na base de dados do IGESPAR (Endovélico), quer na do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas, estão referenciados mais de uma dezena de sítios com ocupação da Idade do Ferro. Contudo, uma análise mais aprofundada dos vestígios que neles foram recolhidos permitiu confirmar essa cronologia em apenas quatro deles.

De estes, destaca-se, sem dúvida, o povoado de Santa Eufémia, até porque foi o que, até ao momento, possibilitou reunir o espólio da Idade do Ferro mais vasto e diversificado.



1 - Castelo dos Mouros; 2 - Santa Eufémia; 3 - Sepultura do Rei Mouro

Fig. 188 – Localização dos sítios com ocupação pré-romana no Concelho de Sintra.

Ainda na Serra de Sintra, escavações realizadas no Castelo dos Mouros e na Capela de São Pedro, que parecem corresponder ao mesmo sítio arqueológico, deixaram recolher vestígios arqueológicos dessa cronologia, apesar de não serem provenientes de contextos estratigráficos primários (informação pessoal de Catarina Coelho, a quem agradecemos).

Um outro sítio do concelho de Sintra, concretamente da freguesia de Almargem do Bispo, designado por "Sepultura do Rei Mouro", parece integrar a rede de povoamento sidérico.

Tendo em consideração esta situação, o único local que apresentava uma relativa complexidade de dados que justificava a sua análise detalhada era o povoado de Santa Eufémia.

Os restantes sítios são descritos de forma mais sumária, atendendo não só às escassas informações disponíveis sobre a sua ocupação sidérica, mas também à menor expressividade em termos de espólio associado.

4.3.1. Santa Eufémia

4.3.1.1. Enquadramento geográfico

O povoado de Santa Eufémia localiza-se na freguesia de S. Pedro de Penaferrim, concelho de Sintra. Actualmente a área está ocupada pela Ermida de Santa Eufémia e respectivas estruturas anexas. O terreno desenvolve-se em socalcos, apresentando áreas com fortes declives. As suas coordenadas UTM são: X. 466.7 Y. 4293.6 (Carta Militar de Portugal, Folha 416).

Implanta-se num sítio bem destacado na paisagem, concretamente numa vertente inclinada do Monte de Santa Eufémia, possuindo uma altitude de cerca de 436 metros (Marques, 1982-1983, p. 59; Arruda, 1999-2000, p. 133). A extensão da área ocupada é ainda indeterminada. Contudo, a dispersão dos materiais permite estimar uma delimitação de cerca de 25 000 m2 (Marques, 1982-1983, p. 60).

Tem boas condições de defensabilidade natural, devido à presença de grandes penedos graníticos, mas a sua visibilidade está, em parte, condicionada pela sua integração na área este da Serra de Sintra, terreno naturalmente acidentado. A norte, sul e oeste existem várias elevações com maior altitude. Em contraposição, a este e sudeste os terrenos apresentam características mais aplanadas, permitindo um amplo domínio visual do espaço, que chega, inclusive ao Estuário do Tejo (Marques, 1982-1983, p. 60; Arruda, 1999-2000, p. 133; 2000, p. 6-60).

No entorno do Monte de Santa Eufémia, existem abundantes cursos de água e, a sul e sudeste, solos com boas potencialidades agrícolas (Marques, 1982-1983, p. 60).

Ao nível geológico, o povoado de Santa Eufémia localiza-se na disjunção do batólito granítico de Sintra com os calcários compactos e metamórficos de S. Pedro, formados no Jurássico Superior (*Ibidem*, p. 60).

4.3.1.2. Síntese das intervenções arqueológicas

A estação arqueológica de Santa Eufémia foi descoberta por Joaquim Fontes, em ano indeterminado, mas seguramente anterior a 1927. Nesta data, o sítio foi redescoberto por Félix Alves Pereira, que reconheceu a presença de materiais da Idade do Ferro e do período romano, tendo publicado alguns pequenos artigos sobre o sítio em periódicos nacionais. Em 1973, na sequência de trabalhos destinados à elaboração de uma carta arqueológica, Gustavo Marques efectuou várias visitas ao local, tendo então prospectado o terreno e realizado uma pequena sondagem (Marques e Andrade, 1974). A publicação destes trabalhos permitiu verificar que a ocupação se iniciou ainda na Pré-história, como testemunham alguns instrumentos líticos, e que perdurou durante a Idade do Ferro e época romana, concretamente durante o período republicano, este último reconhecido através de ânforas de procedência itálica.

Em 1984, Gustavo Marques regressa ao local que tinha, entretanto, sofrido algumas destruições, concretamente terraplanagens, o que lhe permitiu recolher um considerável conjunto cerâmico. Em 1994, o sítio foi novamente prospectado por V. Freitas, tendo os materiais resultantes desses trabalhos sido depositados no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas.

4.3.1.3. Estratigrafia

As únicas referências a uma estratigrafia observada no sítio resultaram dos trabalhos realizados por Gustavo Marques, em 1973. A prospecção do terreno permitiu identificar uma zona escavada artificialmente, que tinha sido utilizada em momentos anteriores

como pedreira. Nessa área foi possível ler um corte com cerca de 1,5 m de altura e 3,5 m de extensão, onde era visível a sobreposição de cinco estratos distintos. Curiosamente, os trabalhos de escavação incidiram em apenas um destes níveis, especificamente naquele directamente depositado sobre o substrato rochoso, o que definiu uma situação pouco comum, algo mesmo caricata, que pode ser caracterizada como uma «escavação em túnel», à semelhança das que os religiosos da ordem «Pères Blancs» fizeram em Cartago, nos finais do século XIX. A presunção de que esta camada, designada por camada A, corresponderia à ocupação mais antiga do local, contribuiu para a extracção do seu conteúdo (Marques, 1982-1983, p. 68).

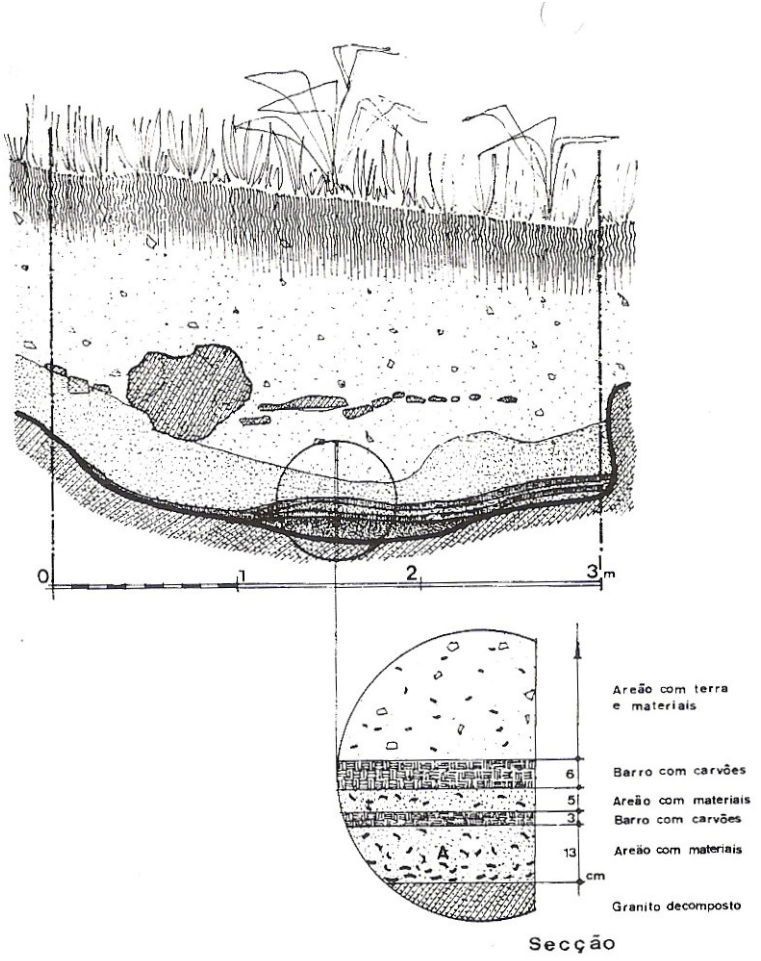


Fig. 189 – Corte escavado por Gustavo Marques em 1973 (Marques, 1982-83, p. 68).

4.3.1.4. Arquitectura e urbanismo

Infelizmente, não existem dados concretos que permitam aferir características arquitectónicas ou urbanísticas sobre a ocupação pré-romana do sítio.

Podem apenas referir-se alguns comentários feitos por G. Marques, que intuiu que existissem "muros de suporte escalonados e sensivelmente paralelos, constituindo plataformas que serviriam para a edificação das casas do povoado. Alguns muros transversais reforçam esta suposição" (Marques, 1982-1983, p. 60).

A interpretação do carácter funcional do povoado de Santa Eufémia no quadro da Idade do Ferro no Estuário do Tejo não é inteiramente consensual. Alguns investigadores sustêm que o sítio teria desempenhado uma função iminentemente agrícola e rural, à semelhança de Moinho da Atalaia, Freiria, Outorela I e Outorela II, apesar de apresentar dimensões e critérios de implantação diferenciados destes (Cardoso, 2004, p. 259-260). Outras interpretações defendem que este povoado poderia desempenhar o papel de "Lugar Central", tendo controlo a nível político e administrativo sobre outros núcleos de menor dimensão que se localizassem no território circundante (Arruda, 2000, p. 6-64).

Com efeito, as características de implantação geográfica do sítio permitem supor que não nos encontramos perante um sítio de *habitat* de características rurais, mas antes de um povoado que poderá ter estruturado a ocupação do espaço envolvente.

4.3.1.5. O conjunto artefactual

O conjunto artefactual recolhido no povoado de Santa Eufémia foi publicado por Gustavo Marques (1982-1983), apesar de as suas interpretações serem, em certa medida, questionáveis (Arruda, 2000, p. 6-61).

Ao nível do registo gráfico, as contribuições que o presente trabalho oferece são pouco significativas. Contudo, a análise dos fabricos das cerâmicas e a integração dos materiais sidéricos nos quadros tipológicos estabelecidos previamente justificaram a revisão deste conjunto de materiais, actualmente depositado no Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas.

No decurso dos vários trabalhos arqueológicos efectuados no sítio, recolheu-se um total de 162 exemplares inventariáveis (107 NMI) que datam da Idade do Ferro.

Os critérios utilizados no estudo deste conjunto de materiais são os mesmos utilizados anteriormente neste trabalho. A divisão inicial foi feita com base em parâmetros de ordem tecnológica. Entre os exemplares cerâmicos contam-se as categorias de ânforas, cerâmica de engobe vermelho, cerâmica cinzenta e cerâmica comum. Apenas um artefacto, concretamente uma conta de colar, foi produzido em pasta vítrea.

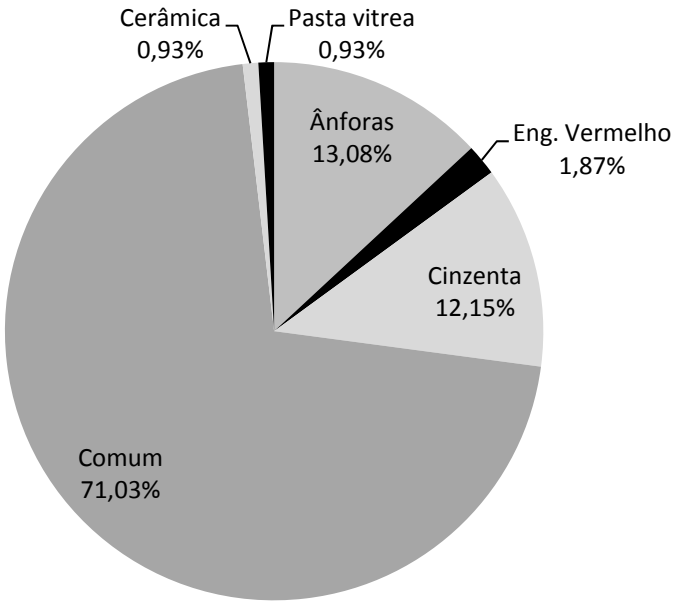


Fig. 190 – Distribuição dos artefactos de acordo com as várias categorias (base – NMI).

4.3.1.5.1. Questões metodológicas

O conjunto artefactual recuperado no povoado de Santa Eufémia apresenta características idênticas, ao nível contextual, do de Moinho da Atalaia Oeste, pelo que se utilizou os mesmos critérios de quantificação. A inexistência de uma origem estratigráfica para a grande maioria dos exemplares estudados implicou que a sua tivesse tido em consideração as características formais e as pastas cerâmicas. Contudo, o facto de este povoado ter fornecido alguns materiais de cronologia romana republicana obriga a considerar a possibilidade de contaminação do conjunto estudado por

cerâmicas mais recentes. Assim, a contabilização do NMI foi efectuada com base da totalidade do conjunto e não por contextos estratigráficos, devido, naturalmente, há inexistência dos mesmos.

Os exemplares recolhidos no povoado de Santa Eufémia foram quase integralmente enquadráveis no esboço tipológico estabelecido para a Rua dos Correeiros, com excepção de um único fragmento. Tal como ocorreu na análise do conjunto do Moinho da Atalaia Oeste, as características morfológicas das formas, assim como os paralelos tipológicos e respectivas cronologias podem ser consultadas nos capítulos especificamente elaborados com essa finalidade (*vide supra* 4.1.6.).

O método utilizado para individualizar grupos de fabrico foi também o mesmo utilizado nos conjuntos anteriores (*vide supra* 4.2.1.5.1. e 4.2.2.5.1.).

4.3.1.5.2. As ânforas

No decurso dos trabalhos arqueológicos realizados em Santa Eufémia, recolheram-se 49 fragmentos inventariáveis de contentores anfóricos, dos quais apenas nove possibilitaram uma representação gráfica. Do conjunto total, 12 fragmentos apresentavam um estado de conservação que permitiu a sua integração tipológica. O NMI foi estimado, mais uma vez, com base na totalidade dos elementos de bordo, que totalizam 14 NMI.

Entre os materiais inventariáveis, contam-se 35 fragmentos de asas e 14 fragmentos de bordo.

Os contentores anfóricos correspondem a 13,08% do conjunto sidérico do povoado de Santa Eufémia, constituindo a segunda categoria mais bem representada.

As características das suas pastas permitem a sua integração no grupo de fabrico I das ânforas da Rua dos Correeiros.

Formas

Dos 14 fragmentos de bordo (14 NMI) de ânforas recuperados no povoado de Santa Eufémia, dois (2 NMI) não permitiram uma classificação tipológica. Estes exemplares de forma indeterminada correspondem a 15,38% do conjunto anfórico.

Os restantes fragmentos integram-se facilmente no quadro tipológico estabelecido para a Rua dos Correeiros. A única excepção corresponde a um fragmento de bordo cujas características morfológicas apontam para uma forma mais antiga, integrável ainda no tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres (1995). A presença deste tipo indicia que a ocupação sidérica do povoado de Santa Eufémia poderá ter-se iniciado num momento anterior ao século V a.C., muito provavelmente na centúria anterior.

Série 1 – Ânforas

Grupo 1A

Este grupo, que corresponde aos contentores anfóricos com bordo pendente, conta com dois fragmentos (2 NMI), constituindo 15,38% do conjunto.

Variante 1Aa

Esta variante está representada por um único exemplar (1 NMI – 7,69%). O seu diâmetro de bordo é de 138 mm e a espessura média da parede é de 6 mm.

Variante 1Ab

A variante 1Ab também está representada singularmente (1 NMI – 7,69%). O diâmetro de bordo desta peça é de 110 mm e a espessura média da parede é de 7 mm.

Grupo 1C

Este grupo, que integra ânforas de bordo simples e de tendência reentrante, constitui o grupo mais bem representado, contando com quatro exemplares (4 NMI). Traduz 30,77% do conjunto.

Variante 1Ca

A variante 1Ca é a mais significativa deste grupo, contando com três fragmentos (3 NMI – 23,08%). O diâmetro de bordo dos exemplares oscila entre os 130 mm e os 140 mm. A espessura média da parede varia entre os 7 mm e os 8 mm.

Variante 1Cb

Esta variante está representada por um único fragmento (1 NMI – 7,69%). O seu diâmetro de bordo é de 160 mm e a espessura média da parede é de 5 mm.

Grupo 1D

Este grupo engloba ânforas de bordo simples e de tendência vertical e mostrou-se através de cinco exemplares (5 NMI), que constituem 38,46% do conjunto anfórico.

Variante 1Db

Esta variante conta dois exemplares (2 NMI – 15,38%). O diâmetro de bordo do único exemplar que permitiu uma representação gráfica é de 150 mm e a espessura média da parede é de 6 mm.

Variante 1Dc

Três fragmentos, dos quais apenas um foi representado graficamente (3 NMI – 23,08%), ilustram a variante 1Dc. O seu diâmetro de bordo é de 140 mm e a espessura média da peça é de 7 mm.

Fragmentos de forma indeterminada

Entre o conjunto de ânforas recuperado no povoado de Santa Eufémia, existem ainda uma série de fragmentos de asas. As suas características morfológicas são idênticas às já observadas nos casos anteriores. As asas de secção circular contam com 21 fragmentos. As asas de secção oval estão representadas por 14 exemplares, sendo que, entre estes, 11 apresentam um sulco na zona central externa.

4.3.1.5.3. A cerâmica de engobe vermelho

Entre o conjunto cerâmico recolhido no povoado de Santa Eufémia, dois exemplares inventariáveis integram a categoria de cerâmica de engobe vermelho, sendo ambos passíveis de uma classificação tipológica. Destes, apenas um apresentava um estado de conservação suficiente para permitir uma representação gráfica. O NMI foi quantificado com base na totalidade dos elementos de bordo, totalizando 2 NMI.

A cerâmica de engobe vermelho corresponde a 1,87% do conjunto cerâmico da Idade do Ferro deste sítio, sendo a categoria menos expressiva.

Integram-se no grupo de fabrico I da cerâmica de engobe vermelho da Rua dos Correeiros.

Formas

Os dois exemplares de cerâmica de engobe vermelho de Santa Eufémia exibem características morfológicas que permitem a sua integração no quadro tipológico da Rua dos Correeiros, estabelecido para esta categoria.

Série 3

A série 3, criada previamente para a cerâmica de engobe vermelho, engloba recipientes designados de pratos. Esta categoria é a única representada no conjunto deste sítio, tendo a mesma expressividade quantitativa (2 NMI – 1,87%).

Grupo 3A

O grupo 3A, que incorpora pratos de perfil simples, é o único grupo presente, contando com os mesmos dois exemplares (2 NMI – 1,87%).

Variante 3Aa

Ambos os exemplares são integráveis na variante 3Aa (2 NMI – 1,87%). O diâmetro de bordo do único fragmento que permitiu uma representação gráfica é de 230 mm e a espessura média da parede é de 7 mm.

4.3.1.5.4. A cerâmica cinzenta

A cerâmica cinzenta recuperada no povoado de Santa Eufémia totaliza 15 fragmentos inventariáveis, dos quais seis permitiram uma representação gráfica. No conjunto, nove exemplares possibilitaram um enquadramento tipológico. O NMI foi contabilizado com base na totalidade dos elementos de bordo, que totalizam 13 NMI.

O material inventariável desta categoria conta com 13 fragmentos de bordo e dois fragmentos de fundo.

A cerâmica cinzenta representa 12,15% do conjunto da Idade do Ferro do povoado de Santa Eufémia.

Integram o grupo de fabrico II (53,85% - 7 NMI) e III (46,15% - 6 NMI) da cerâmica cinzenta da Rua dos Correeiros.

Formas

Entre os 13 elementos de bordo (13 NMI) de cerâmica cinzenta deste conjunto, quatro (4 NMI) não permitiram uma integração tipológica. Estes fragmentos de forma indeterminada compõem 30,77% do conjunto de cerâmica cinzenta.

Os restantes exemplares são facilmente classificáveis no quadro tipológico de cerâmica cinzenta anteriormente criado para a Rua dos Correeiros.

Série 1

A série 1 do quadro tipológico da cerâmica cinzenta integra recipientes genericamente denominados como tigelas. Esta é a série que apresenta maior representatividade no conjunto, contando com sete fragmentos (7 NMI – 53,84%).

Grupo 1A

O grupo 1A, composto por tigelas de perfil simples, é o único grupo desta série em Santa Eufémia. Totaliza os mesmos sete exemplares (7 NMI), que constituem 53,84% do conjunto de cerâmica cinzenta.

Variante 1Aa

A variante 1Aa corresponde à variante mais bem representada do grupo, integrando cinco fragmentos (5 NMI – 38,46%). Os diâmetros de bordo são pouco variáveis, oscilando entre os 154 mm e os 158 mm. A espessura média da parede centra-se entre os 3 mm e os 5 mm.

Variante 1Ab

Esta segunda variante figura singularmente no conjunto (1 NMI – 7,69%). O diâmetro de bordo do exemplar é de 168 mm e a espessura média da sua parede é de 5 mm.

Variante 1Ac

Tal como ocorre no caso anterior, esta variante encontra-se presente através de um único exemplar (1 NMI – 7,69%). Infelizmente, o fragmento em questão está mal conservado, não possibilitando a sua medição.

Série 3

A série 3, que corresponde a potes de pequena dimensão, mostra-se através de um único fragmento (1 NMI – 7,69%).

Grupo 3B

O mesmo exemplar é integrável no grupo 3B, que corresponde aos potes de corpo elipsoidal (1 NMI – 7,69%).

Variante 3Ba

A única variante deste grupo, variante 3Ba, conta com o mesmo fragmento (1 NMI – 7,69%). O seu diâmetro de bordo é de 130 mm e a espessura média da parede é de 4 mm.

Série 4

A série 4, que reúne potes de média dimensão, está, como no caso anterior, representada singularmente (1 NMI – 7,69%),

Grupo 4A

O referido fragmento é integrável no grupo 4A, que corresponde a potes de perfil convexo–côncavo e bordo exvertido. Naturalmente apresenta a mesma expressividade numérica (1 NMI – 7,69%).

Variante 4Ac

O mesmo exemplar é integrável na variante 4Ac. O seu diâmetro de bordo é de 150 mm e a espessura média da parede é de 5 mm.

Fragmentos de forma indeterminada

Para além dos materiais anteriormente referidos, identificaram-se, entre o conjunto de cerâmica cinzenta de Santa Eufémia, dois fragmentos de fundo. Estes exibem características morfológicas já observáveis nos conjuntos anteriores, sendo um deles de fundo plano e o outro de pé anelar, de altura considerável.

4.3.1.5.5. A cerâmica comum

A cerâmica comum é a categoria mais expressiva do conjunto de materiais da Idade do Ferro de Santa Eufémia. Integra 88 fragmentos inventariáveis, dos quais 20 possibilitaram uma representação gráfica. No conjunto, 49 exemplares permitiram uma classificação tipológica. O NMI foi contabilizado com base na totalidade dos elementos de bordo, que totalizam 76 NMI.

Entre os materiais inventariados, contam-se 76 fragmentos de bordos, 11 fragmentos de asa e um fragmento de fundo.

Esta categoria cerâmica representa 71,03% do conjunto artefactual da Idade do Ferro do povoado de Santa Eufémia.

As características das suas pastas permitem a sua inclusão no grupo de fabrico I da cerâmica comum da Rua dos Correeiros.

Formas

Entre o conjunto de 76 elementos de bordo (76 NMI) de cerâmica comum de Santa Eufémia, 27 (27 NMI) não permitiram uma integração tipológica, correspondendo a 35,53%.

Os materiais passíveis de classificação integram, na sua totalidade, o quadro tipológico estabelecido para a Rua dos Correeiros.

Série 1

Esta série, que integra os recipientes designados por tigelas, está representada por 13 exemplares (13 NMI – 17,11%).

Grupo 1A

O grupo 1A, que engloba tigelas de perfil simples, é o grupo mais numeroso desta série, contando com 12 fragmentos (12 NMI). Constitui 15,79% do conjunto da cerâmica comum.

Variante 1Aa

Todos os fragmentos integrados no grupo 1A correspondem à variante 1Aa (12 NMI – 15,79%). O diâmetro de bordo oscila entre os 146 mm e os 202 mm. A espessura média da parede varia entre os 4 mm e os 5 mm.

Grupo 1B

O grupo 1B, que integra tigelas de perfil convexo - côncavo, está representado singularmente no conjunto (1 NMI), constituindo 1,32%.

Grupo 1Bd

O fragmento do grupo 1B corresponde à variante 1Bd, tendo a mesma expressividade quantitativa (1 NMI – 1,32%). O seu diâmetro de bordo é de 144 mm e a espessura média da parede é de 5 mm.

Série 5

A série 5, que corresponde a grandes recipientes de tipo bacia e/ou alguidar, está representado no conjunto de cerâmica comum por dois fragmentos (2 NMI – 2,64%).

Grupo 5A

O grupo 5A, composto por bacias e/ou alguidares de bordo exvertido, integra ambos os exemplares (2 NMI – 2,64%).

Variante 5Aa

A variante 5Aa mostrou-se singularmente (1 NMI – 1,32%). O diâmetro de bordo deste exemplar é de 288 mm e a espessura média da parede é de 7 mm.

Variante 5Ac

O outro fragmento do grupo 5A é integrável na variante 5Ac (1 NMI – 1,32%). O seu diâmetro de bordo é de 226 mm e a espessura média da parede é de 7 mm.

Série 7

A série 7, que engloba tampas, está representada por um único exemplar no conjunto de cerâmica comum (1 NMI – 1,32%).

Grupo 7A

O referido exemplar é integrável no grupo 7A, que engloba tampas de perfil simples. É representado pelo mesmo fragmento (1 NMI – 1,32%).

Variante 7Aa

O fragmento apresenta características que permitem a sua integração na variante 7Aa. O seu diâmetro é de 114 mm e a espessura média da parede 7 mm.

Série 8

Esta série corresponde a um tipo de vasos designados suportes. Nela se contabilizou um único exemplar (1 NMI – 1,32%).

Grupo 8A

O referido exemplar pertence ao grupo 8A, que integra suportes de perfil convexo - côncavo. Este grupo é representado pelo mesmo fragmento (1 NMI – 1,32%).

Variante 8Aa

O fragmento apresenta características que permitem a sua integração na variante 8Aa. O seu diâmetro é de 196 mm e a espessura média da parede é de 11 mm.

Série 10

Esta série engloba potes e/ou panelas de média dimensão. Constitui a série com maior representatividade no conjunto de cerâmica comum Santa Eufémia, contando com 32 exemplares (32 NMI – 42,11%).

Grupo 10A

O grupo 10A engloba potes e/ou panelas de perfil convexo – côncavo e colo ligeiramente estrangulado, tendo-se contando sete fragmentos (7 NMI – 9,21%).

Variante 10Aa

A totalidade dos vasos incluídos no grupo 10A pode incluir-se na única variante estabelecida para este grupo, 10Aa (7 NMI – 9,21%). Os seus diâmetros de bordo variam entre os 126 mm e os 156 mm. A espessura média da parede oscila entre os 5 mm e os 8 mm.

Grupo 10B

Este grupo é composto por potes e/ou panelas de perfil convexo – côncavo e bordo pendente. É o grupo mais numeroso da série, contabilizando 22 fragmentos (22 NMI – 28,95%).

Variante 10Ba

Nesta variante foram contados 12 exemplares (12 NMI – 15,79%). Os seus diâmetros de bordo variam entre os 150 mm e os 210 mm. A espessura média da parede está centrada entre os 6 mm e os 8 mm.

Variante 10Bb

A variante 10Bb mostrou-se com 10 exemplares (10 NMI – 13,16%). Os seus diâmetros de bordo oscilam entre os 126 mm e os 160 mm. A espessura média da parede centra-se nos 7 mm.

Grupo 10C

O grupo 10C corresponde a potes e/ou panelas de perfil convexo – côncavo e bordo prolongado. Está representado por dois fragmentos (2 NMI – 2,63%).

Variante 10Cb

Ambos os exemplares do grupo 10C são integráveis na variante 10Cb (2 NMI – 2,63%). Infelizmente, nenhum dos exemplares apresentava um estado de conservação que permitisse estabelecer medições.

Grupo 10F

Este grupo é composto por potes e/ou panelas de colo curto. Nele se integrou um único fragmento (1 NMI – 1,32%).

Variante 10Fa

Este fragmento integra-se na variante 10Fa. Tal como ocorreu no caso anterior, o exemplar não apresenta um estado de conservação suficiente que permitisse as necessárias medições.

Fragmentos de forma indeterminada

Entre o conjunto de cerâmica comum recuperado em Santa Eufémia, contam-se ainda alguns fragmentos de asa e fundo. As primeiras são mais numerosas, totalizando 11 exemplares. Destes, cinco apresentam uma secção circular, três uma secção oval e outras três uma secção bífida. É, no entanto, realçar que estas últimas podem indiciar uma anterioridade cronológica do povoado, uma vez que estes elementos são particularmente recorrentes durante o período orientalizante. Um único fragmento de fundo foi recuperado, caracterizando-se por apresentar uma base plana com um pé ligeiramente destacado.

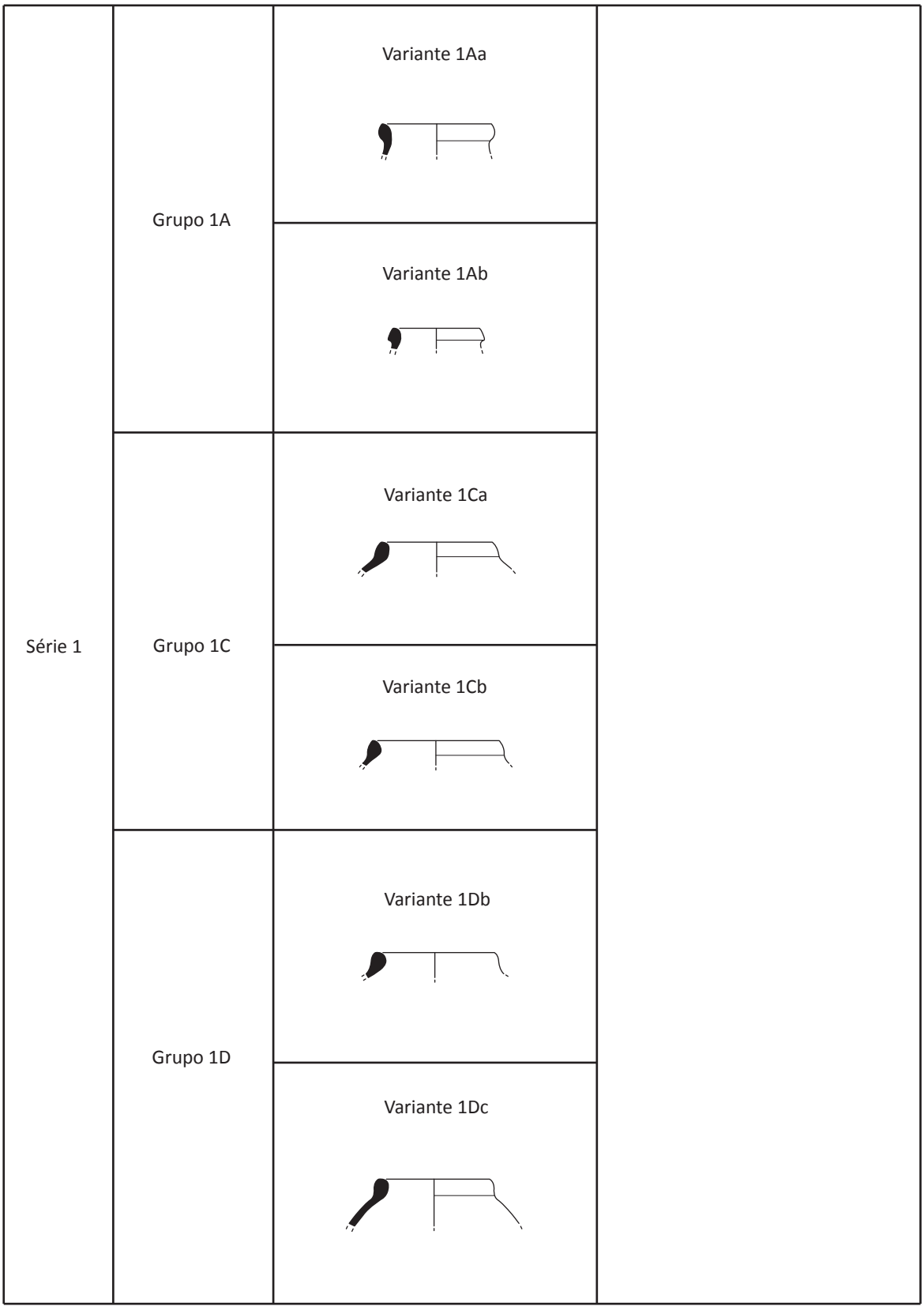


Fig. 191 – Quadro tipológico das ânforas de Santa Eufémia.

Série 3	Grupo 3A	Variante 3Aa 	

Fig. 192 – Quadro tipológico da cerâmica de engobe vermelho de Santa Eufémia.

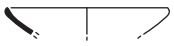
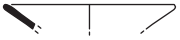
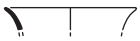
Série 1	Grupo 1A	Variante 1Aa 	
		Variante 1Ab 	
Série 3	Grupo 3B	Variante 3Ba 	
Série 4	Grupo 4A	Variante 4Ac 	

Fig. 193 – Quadro tipológico da cerâmica cinzenta de Santa Eufémia.

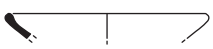
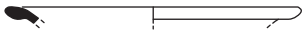
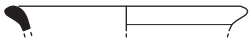
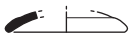
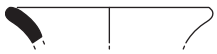
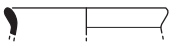
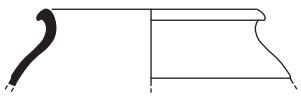
Série 1	Grupo 1A	Variante 1Aa 	
	Grupo 1B	Variante 1Bd 	
Série 5	Grupo 5A	Variante 5Aa 	
		Variante 5Ac 	
Série 7	Grupo 7A	Variante 7Aa 	
Série 8	Grupo 8A	Variante 8Aa 	
Série 10	Grupo 10A	Variante 10Aa 	
	Grupo 10B	Variante 10Ba 	
		Variante 10Bb 	

Fig. 194 – Quadro tipológico da cerâmica comum de Santa Eufémia.

4.3.1.5.6. Outros artefactos cerâmicos

Ao nível de outros objectos produzidos em cerâmica, cabe destacar apenas a presença de um exemplar classificável (1 NMI). Representa 0,93% do conjunto.

Cossoiro

Entre os materiais recolhidos, um exemplar pode ser classificado, com alguma facilidade, como cossoiro. Tem um diâmetro de 25 mm e 10 mm de altura. Apresenta um perfil cilíndrico, integrando a forma K2 de Berrocal Rangel (1994).

4.3.1.5.7. Artefactos de pasta vítrea

Tal como ocorre no caso anterior, os materiais de pasta vítrea estão representados singularmente (1 NMI), correspondendo a apenas 0,93% do conjunto.

Conta de colar

O exemplar anteriormente referido corresponde a um artefacto de adorno, concretamente a uma conta de colar.

Está fragmentado, apresentando um formato tubular. A sua coloração é verde-amarelada. O seu comprimento máximo é de 14 mm, e o seu diâmetro de 6 mm. A secção é circular.

Apesar de a cronologia indicada para esta peça se centrar em torno ao século IV a.C. (Marques, 1982-1983), este tipo de materiais ocorrem em períodos temporais bem mais latos (Giammelaro, 2008).

4.3.1.6. Discussão

O povoado de Santa Eufémia corresponde a um tipo de implantação que não se integra nos padrões típicos do povoamento rural como, aliás, já foi defendido por A. M. Arruda (1999-2000). Poderá, efectivamente, equivaler a um núcleo estruturante do território envolvente, que englobaria, sob o seu controlo directo, unidades de menores dimensões (*Ibidem*, p. 136).

Tal como ocorre no povoado das Baútas, no concelho da Amadora, sítio de características, de certa forma, similares, o início da ocupação parece ainda remontar ao século VI a.C., ainda que aos seus momentos finais, a julgar pela ânfora do tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres. Os restantes fragmentos cerâmicos correspondem a formas bem documentadas na Rua dos Correeiros, em Lisboa, várias das quais atestam a continuidade da ocupação do sítio do concelho de Sintra durante o século V a.C.

Quanto à ocupação nas centúrias posteriores, a indefinição acerca da continuidade da cultura material aqui analisada, ainda que muito provável, continua por definir. Não nos parece que a cronologia proposta por G. Marques para o sítio (1982-1983), centrada em torno ao século IV a.C., seja inquestionável, até porque a sua base está focada, sobretudo, na datação do elemento de adorno, a conta de colar de pasta vítrea, que pode ser consideravelmente mais lata do que o proposto.

Tal como ocorreu na análise dos conjuntos dos sítios do concelho da Amadora, a cerâmica manual recolhida em Santa Eufémia é desprovida de contexto estratigráfico, não sendo seguro se corresponde a materiais utilizados durante a Idade do Ferro ou se indicia uma ocupação do Bronze Final. Como tal, não foi incluída nesta análise.

A nível geral, os materiais recolhidos evidenciam, uma vez mais, uma notável familiaridade não só a nível morfológico mas também no que se refere aos fabricos, com os que foram estudados de outros sítios do Estuário do Tejo, concretamente Lisboa, e Moinhos da Atalaia.

A cultura material recolhida em Santa Eufémia evidencia, uma vez mais, intensas ligações com o núcleo de Lisboa, indiciando a existência de uma esfera de constantes contactos comerciais e mesmo da integração plena em idênticos esquemas culturais.

4.3.2. Outros sítios

No concelho Sintra, foram identificadas outras duas estações arqueológicas que proporcionaram a recolha de materiais claramente integráveis no período cronológico tratado neste trabalho.

Um deles localiza-se na freguesia de São Pedro de Penaferrim, na área oriental da Serra de Sintra. Corresponde, genericamente, ao cume actualmente ocupado pelo Castelo dos Mouros, apesar de outras nomenclaturas terem sido aplicadas a diferentes áreas de dispersão dos achados arqueológicos, geralmente localizadas em plataformas da mesma elevação (Capela de São Pedro, São Pedro de Canaferrim, Parque das Merendas).

A elevação, cuja altitude atinge 459 m, apresenta declives acentuados, marcados por um caos de blocos pétreos. O seu substrato geológico é de natureza granítica. A área no seu entorno, formada por plataformas calcárias, apresenta boas potencialidades agrícolas. Nas suas imediações encontram-se numerosas linhas de água, ainda que de pequena dimensão (Simões, 1999; Coelho, 2000).

Localiza-se na freguesia de São Pedro de Canaferrim. As suas coordenas (CSP) UTM são: 29 SMC 664 941 (Carta Militar de Portugal, Folha 416).

A ocupação humana desta área é densa e aparentemente contínua, documentando-se vestígios que remontam ao Neolítico Antigo (Simões, 1999). Os achados datáveis do Bronze Final foram também já analisados de forma mais aprofundada (Cardoso, 1997/1998).

Os primeiros trabalhos arqueológicos realizados na área, em 1976, foram da autoria do Centro Cultural Roque Gameiro (Cardoso, 1997/1998, p. 169).

Na zona da Capela de São Pedro de Canaferrim, efectuaram-se, em 1981, algumas intervenções de campo, dirigidas por J. L. de Matos, V. Serrão e J. C. Ribeiro.

Em 1993 e 1995, no Castelo dos Mouros, decorreram também escavações arqueológicas, coordenadas por Catarina Coelho e Teresa Simões.

Foi no decurso destes últimos trabalhos que se identificaram, de forma inequívoca, vestígios de uma ocupação do sítio em torno a meados do 1º milénio a.C. Correspondem

a um fragmento de cerâmica ática, que, infelizmente, não permite uma classificação formal, e um fragmento de um vaso de pasta vítrea (Cardoso, 2004, p. 263). Estes materiais são, contudo, provenientes de níveis medievais, não se tendo identificado uma estratigrafia conservada da Idade do Ferro (informação pessoal de Catarina Coelho, a quem agradecemos). A análise do espólio cerâmico depositado na reserva do Museu Arqueológico de São Miguel de Odrinhas permitiu ainda identificar um bordo de uma ânfora pré-romana, que se pode integrar na variante 1Ac (Est. 185), estabelecida no repertório formal da Rua dos Correeiros, correspondendo ainda ao respectivo grupo de fabrico I. A cronologia desta forma, que se presume iniciar-se em meados do 1º milénio a.C., está em consonância com o fragmento de cerâmica ática.

Entre os materiais de cronologia pré-romana provenientes das escavações na Capela de São Pedro de Canaferrim, foi possível identificar outros dois bordos de ânforas, integráveis nas variantes 1Ba e 1Da (também do grupo de fabrico I), cujos parâmetros cronológicos são idênticos ao caso anterior. Do conjunto anfórico fazem ainda parte quatro fragmentos de asas, apresentando dois uma secção circular e os restantes uma secção oval com um sulco central na zona externa da asa. No que se refere às restantes categorias cerâmicas, foi possível reconhecer um bordo da variante 10Ba de cerâmica comum (grupo de fabrico I) e um da variante 3Aa de cerâmica cinzenta (grupo de fabrico II), cuja cronologia também se inicia a partir do século V a.C. (Est. 185).

A outra estação arqueológica que evidencia uma ocupação durante a Idade do Ferro é designada por "Sepultura do Rei Mouro". A sua identificação aconteceu em 1953, no decurso de trabalhos de prospecção realizados em Negrais por E. C. Serrão e E. P. Vicente (1980).

O sítio localiza-se na freguesia da Almargem do Bispo, na zona sudeste da colina designada de "Monte da Pedranta", cuja altitude ronda os 260 m. O substrato geológico da área é caracterizado por calcários com rudistas e «camadas com *Neolobites vibrayeanus*» (Cretácico).

Os trabalhos de escavação, iniciados em 1956, permitiram por a descoberto um pequeno espaço edificado, datável do período da Idade do Ferro. Esta edificação, de planta rectangular, era dotada de um pavimento lajeado, sendo a sua dimensão total de 2 m x 2,5 m. Este espaço era dividido interna e longitudinalmente por um pequeno murete,

com cerca de 30 cm de espessura, construído sobre o lajeado. Os compartimentos internos eram ambos de diminutas dimensões (2,5 m x 0,70 m e 2,5 m x 1 m). Os muros externos foram construídos, sobretudo, com blocos pétreos de maiores dimensões. A entrada para o compartimento, situada a oeste, era servida por três degraus (Serrão e Vicente, 1980).

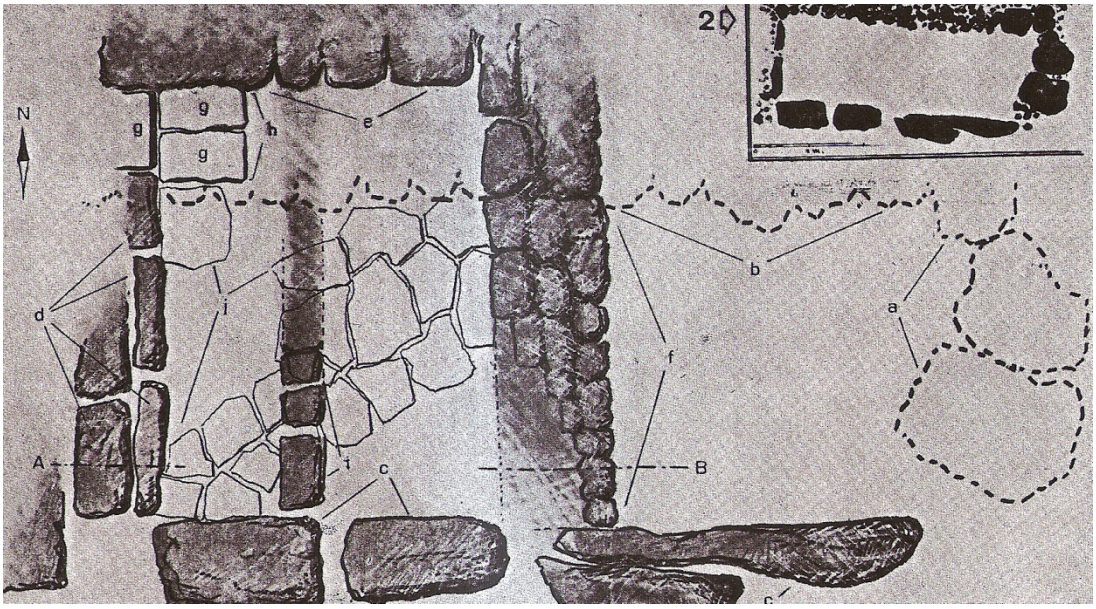


Fig. 195 – Planta da estrutura documentada na "Sepultura do Rei Mouro" (segundo Serrão e Vicente, 1980).

Os materiais recolhidos no decurso da intervenção não são abundantes, e, à excepção de um único fragmento, foram recolhidos no interior do compartimento oeste. Consistem em dois fragmentos de mó, cerâmica cinzenta, cerâmica manual e um cossoiro, que permitiram aos autores propor uma ocupação do espaço em torno à segunda metade do 1º milénio (Serrão e Vicente, 1980).

O conjunto de cerâmica cinzenta é composto por apenas três fragmentos classificáveis, dois bordos e uma parede. Todos são integráveis na série 3 da categoria, concretamente na variante 3Aa, correspondendo ao grupo de fabrico II.

Os restantes quatro fragmentos cerâmicos inventariáveis são todos de produção manual. O seu estado de conservação dificulta o reconhecimento de formas específicas, parecendo, contudo, que correspondem a tigelas e outros a outros recipientes de tipo

pote e/ou panela. Um dos fragmentos apresenta, sobre o bordo, uma decoração denteada.

Cabe ainda destacar a presença de um cossoiro, de perfil bitroncocónico, que integra a forma P3P1 de Berrrocal Rangel (1994).

Em ambos os locais, os dados obtidos da análise da cultura material permitem atestar a sua contemporaneidade em relação à fase de ocupação da Rua dos Correeiros, centrada entre o século V a.C. e inícios da centúria seguinte.

5. Leitura integrada dos dados

O que consideramos o contributo mais significativo deste trabalho consiste na sistematização da cultura material da área da foz do Estuário do Tejo nos meados do 1º milénio a.C.

O repertório formal das comunidades que habitaram nessa área geográfica reveste-se de características únicas, que permitem individualizá-lo no contexto de outras realidades peninsulares coevas, mesmo no âmbito da esfera orientalizante.

A conjugação dos dados recolhidos através do estudo artefactual dos diversos sítios arqueológicos permite, assim, propor um único quadro tipológico para o repertório cerâmico da área da foz do Estuário do Tejo dos meados do 1º milénio a.C., que é apresentado no final deste capítulo. A esmagadora maioria das formas encontra correspondência directa na divisão efectuada para a Rua dos Correeiros, sendo, contudo, de destacar contribuições dos outros conjuntos para o quadro formal da cerâmica cinzenta e, em menor grau, para o da cerâmica comum.

A análise comparativa entre os diversos sítios estudados é também um elemento essencial deste trabalho, embora enfrente uma série de obstáculos de ordem conceptual.

Em primeiro lugar, a própria natureza das intervenções arqueológicas realizadas é de tal forma heterogénea, que condiciona, incontornavelmente, a leitura dos dados. Mesmo até entre os sítios que foram alvo de escavações mais ou menos sistemáticas se nota evidentes discrepâncias. Enquanto a escavação na Rua dos Correeiros correspondeu a uma intervenção em área, o que permitiu obter um grande potencial de informação estratigráfica, urbanística e material, em outros sítios, como é o caso de Moinho da Atalaia Oeste e de Baútas, no concelho da Amadora, e Santa Eufémia, no concelho de Sintra, foram feitas intervenções de carácter mais ou menos sumário e, por vezes, de contornos pouco ortodoxos. Qualquer tentativa de proceder à comparação entre realidades tão diversas em termos de área escavada e de contextos arqueológicos esbarrou, assim, em dificuldades incontornáveis.

Porém, a análise comparativa dos espólios exumados tornou possível verificar alguns dados que pareceram relevantes para este estudo. Ainda que seja evidente que o tipo da amostra dos diversos sítios possui, pela sua natureza, um carácter marcadamente

heterogéneo, é claro que grande parte dos materiais partilha, entre si, um evidente ar de família. Os protótipos formais que compõem o espólio dos sítios dos concelhos de Amadora e Sintra são de facto, praticamente, idênticos aos identificados em Lisboa.

Mais notável ainda foi a constatação de que existe, nos diversos sítios, uma óbvia padronização nas características de fabrico das cerâmicas. Apesar de não ter sido possível, com base em análises meramente macroscópicas, comprovar uma mesma origem para a grande maioria das produções cerâmicas, o facto de determinadas formas corresponderem, geralmente em todos os sítios, a um mesmo fabrico concreto (variante 10Aa, e sub-variante 10Aa.1 – grupo de fabrico III) parece indicar a existência de centros de produção oleira comuns a todos eles. A expressividade quantitativa e a grande variedade dos protótipos formais registadas em Lisboa são factores que suportam a hipótese da localização desses centros nesse mesmo espaço urbano. Estes elementos, associados à própria dimensão estimada de *Olisipo* (Arruda, 1999-2000, p. 129), conferem-lhe uma certa capitalidade em relação ao território envolvente.

O estudo comparativo do espólio dos sítios analisados limitou-se aos locais em que foram efectuadas escavações arqueológicas (Rua dos Correeiros – Lisboa, Moinho da Atalaia Oeste e Baútas – Amadora e Santa Eufémia – Sintra), por serem os únicos que permitiram recolher uma quantidade de materiais suficientemente expressiva para permitir uma leitura integrada. Mesmo assim, há que ter em atenção que a composição dos conjuntos é, como já foi dito, consideravelmente heterogénea. Enquanto o conjunto da Rua dos Correeiros é muito numeroso, com um universo de quase 5000 exemplares, os restantes sítios ofereceram quantidades consideravelmente mais reduzidas de materiais, reunindo, para além dos recolhidos em trabalhos de escavação, também outros recuperados à superfície, em prospecções. Consequentemente, esta análise comparativa deve ser lida com as necessárias reservas.

Apesar destas limitações, foi curioso observar que a leitura geral da distribuição das diferentes categorias cerâmicas estabelecidas nos diversos sítios reflecte um panorama, em geral, bastante homogéneo.

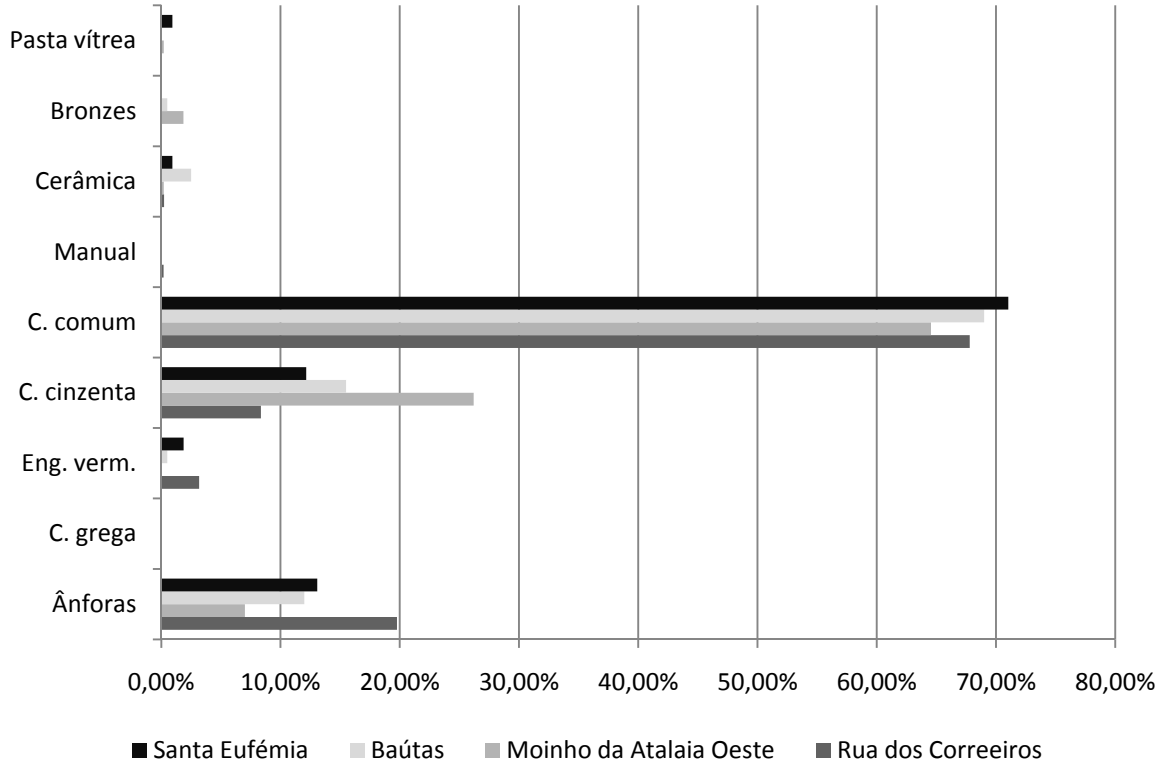


Fig. 196 – Distribuição das categorias cerâmicas por percentagens.

A cerâmica comum corresponde, sistematicamente, à categoria mais expressiva em todos os conjuntos analisados, geralmente constituindo dois terços da totalidade dos materiais.

Na distribuição das restantes categorias, existem algumas pequenas discrepâncias que podem ser relacionadas com o carácter funcional dos diferentes sítios e mesmo com as balizas cronológicas das respectivas ocupações.

Na Rua dos Correeiros, as ânforas constituem a segunda categoria mais numerosa da cultura material (quase um quinto do conjunto), sendo esta percentagem consideravelmente divergente em relação aos outros sítios. Tal situação poderá, provavelmente, justificar-se pelo hipotético carácter industrial desta área específica da cidade pré-romana de *Olisipo*, que pode estar relacionada com actividades portuárias ou com a produção oleira, que, neste caso, poderia também contemplar o fabrico destes contentores. Este tipo de material é menos abundante nos outros sítios estudados,

contando com 7,01% em Moinho da Atalaia Oeste, com 12,00% em Baútas e com 13,08% em Santa Eufémia.

A cerâmica cinzenta encontra-se mais bem representada nos sítios periféricos da área de Lisboa do que na Rua dos Correeiros. Em Moinho da Atalaia Oeste, esta categoria é numericamente bastante expressiva, constituindo 26,19% do conjunto. Em Baútas representa 15,50% e em Santa Eufémia, 12,15%. O carácter presumivelmente habitacional destes espaços poderá, porventura, justificar esta maior representatividade deste tipo de cerâmica, que integraria, por excelência, o serviço de mesa.

A cerâmica de engobe vermelho é, em todos os locais em que é identificada, claramente minoritária. A Rua dos Correeiros é o local onde surge de forma mais abundante, contando, ainda assim, apenas com 3,17% do conjunto. Nas Baútas, corresponde unicamente a 0,50% e em Santa Eufémia a 1,87%. No Moinho da Atalaia Oeste, este tipo cerâmico não está sequer representado. A interpretação destes dados poderá relacionar-se com uma questão essencialmente cronológica. Os meados do 1º milénio a.C. parecem corresponder à fase final da produção da cerâmica de engobe vermelho na área da foz do Estuário do Tejo, sendo, provavelmente, a sua reduzida expressividade nos sítios estudados, um reflexo desta situação. A sua ausência no Moinho da Atalaia Oeste poderá explicar-se pela presumível ocupação mais tardia do sítio, comparativamente aos restantes. As limitações impostas pelas circunstâncias da composição do próprio conjunto, aliada à escassa expressividade da cerâmica de engobe vermelho neste período, podem também justificar essa ausência.

Em relação à cerâmica manual, não existem, até ao momento, dados que permitam uma análise comparativa. Como já foi referido anteriormente, à excepção da Rua dos Correeiros, não foi possível individualizar, com segurança, os fragmentos de cerâmica manual claramente associados a uma cronologia sidérica. Contudo, é possível admitir que este tipo de materiais constitua parte integrante dos conjuntos artefactuais de Baútas, Moinhos da Atalaia Oeste e Santa Eufémia, como ficou evidenciado na "sepultura do Rei Mouro", em Sintra.

Os materiais de carácter excepcional são raros nos vários locais analisados. A cerâmica grega está presente, de forma exclusiva e, também, singular, no sítio da Baixa Pombalina. Objectos de pasta vítrea documentaram-se apenas em Moinho da Atalaia

Oeste e Santa Eufémia. Artefactos de bronze são também raros, registando-se apenas as fíbulas, todas de tipo anular hispânico, em Lisboa, Baútas e Moinhos da Atalaia Oeste. Deve destacar-se que neste último sítio este artefacto está representado por oito fragmentos, facto que poderá estar relacionado com um eventual carácter votivo do contexto de onde são provenientes.

Como já foi referido, ao nível das formas documentadas em cada categoria cerâmica, o repertório estabelecido para a Rua dos Correeiros engloba a quase totalidade dos materiais estudados no decurso deste trabalho. Existem apenas algumas excepções pontuais, que poderão, provavelmente, relacionar-se com uma cronologia um pouco mais tardia dos sítios em que foram identificadas.

O quadro tipológico estabelecido para as ânforas da Rua dos Correeiros integra toda a diversidade morfológica dos sítios analisados. A sua análise comparativa deve, no entanto, ser lida com as necessárias reservas, atendendo ao facto de alguns conjuntos serem compostos por um número bastante limitado de indivíduos.

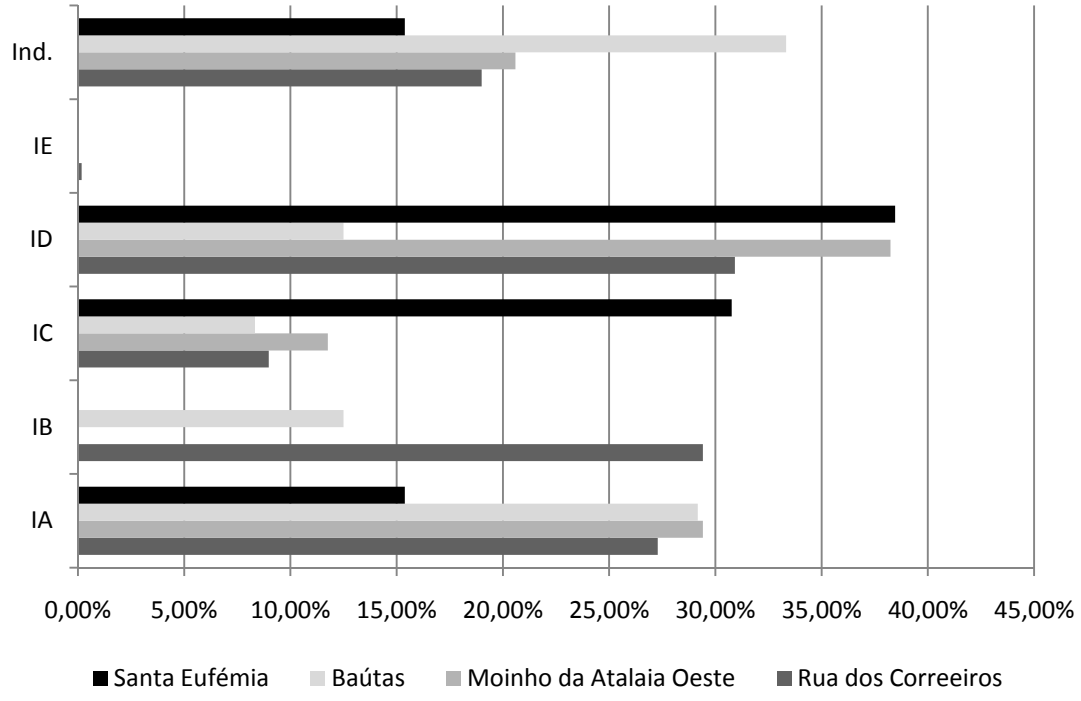


Fig. 197 – Distribuição dos grupos anfóricos por percentagens.

O grupo mais numeroso nos sítios analisados, com a excepção do povoado das Baútas, é o 1D, que corresponde a ânforas de bordo simples e de tendência vertical. A sua representatividade nos sítios ocorre numa frequência de cerca de um terço do conjunto. Nas Baútas, este grupo é menos expressivo, contando com apenas 12,50%.

O grupo 1A, que engloba ânforas de bordo pendente, também está bastante bem representado nos diversos sítios, integrando igualmente cerca de um terço dos materiais anfóricos. Apenas em Santa Eufémia, o seu número é mais reduzido, constituindo apenas 15,38%.

As ânforas de bordo simples e de tendência reentrante, grupo 1C, também formam parte integrante dos conjuntos artefactuais dos sítios aqui analisadas. Constituem 8,98% do espólio da Rua dos Correeiros, 11,76% do de Moinho da Atalaia Oeste e 8,33% do de Baútas. O povoado de Santa Eufémia apresenta uma maior percentagem destes materiais, que traduzem 30,77% do conjunto anfórico.

O grupo 1B, composto por ânforas de bordo simples e de tendência exvertida, só está presente na Rua dos Correeiros e no povoado das Baútas onde corresponde, respectivamente, a 29,41% e a 12,50% dos conjuntos.

A cerâmica de engobe vermelho é, como já foi referido anteriormente, bastante escassa. O exemplar do povoado das Baútas integra a série 1 (variante 1Ba), e os dois de Santa Eufémia pertencem à série 3. Estas séries são também, em termos numéricos, as mais expressivas na Rua dos Correeiros.

Os conjuntos de cerâmica cinzenta são os mais ricos no que concerne à sua diversidade morfológica inter-sítios.

Em todos eles, as tigelas da série 1 são os recipientes mais bem representados. À excepção da Rua dos Correeiros, esta forma constitui sempre mais de metade do conjunto de cerâmica cinzenta, sendo que no sítio lisboeta mostra também valores elevados (43,67%). A segunda forma mais representativa corresponde aos pequenos potes da série 3 da categoria. Está bem documentada quer no sítio lisboeta (36,73%) quer nos do concelho da Amadora (Moinho da Atalaia Oeste – 25,20%; Baútas – 25,81%). Em Santa Eufémia, estes recipientes são menos expressivos a nível quantitativo, constituindo apenas 7,69%. A série 4, composta por recipientes de tipo

pote, também integra todos os conjuntos estudados, sendo, geralmente, relativamente rara. Na Rua dos Correeiros, Baútas e Santa Eufémia constitui, respectivamente, 6,53%, 6,46% e 7,69% dos conjuntos. No Moinho da Atalaia Oeste, a sua presença é diminuta, representando apenas 0,79%. Os pratos da série 2 estão documentados em apenas dois dos sítios estudados, concretamente na Rua dos Correeiros (6,94%) e em Moinho da Atalaia Oeste (3,94%). Os recipientes designados por jarros, que compõem a série 5, só figuram neste último sítio amadorense (0,79%).

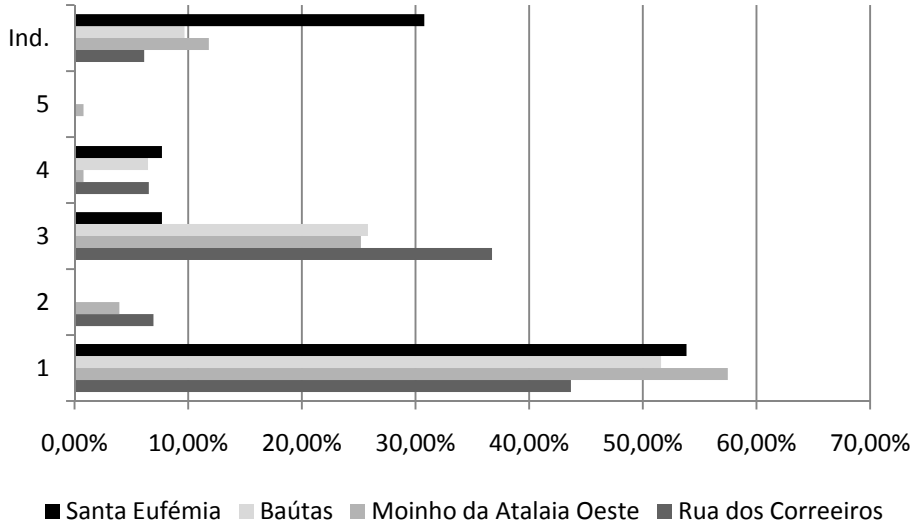


Fig. 198 – Distribuição das séries de cerâmica cinzenta por percentagens.

Como já foi referido em capítulos anteriores, a cerâmica cinzenta é a única categoria em que surgem materiais que não são integráveis nos quadros tipológicos criados para a Rua dos Correeiros (variantes 2Ba, variante 4Ad, variante 5Aa), sendo esses fragmentos provenientes das estações do concelho da Amadora. Este alargamento do repertório formal poderá relacionar-se com uma diacronia de ocupação mais ampla desses sítios, que poderá atingir momentos mais tardios do século IV a.C., contrariamente ao que é possível defender para a Rua dos Correeiros, onde não existem dados que permitam alargar a ocupação para além dos inícios dessa mesma centúria.

A cerâmica comum, apesar de ser a categoria mais abundante dos conjuntos, é também a mais diferenciada ao nível formal.

O sítio que apresenta a maior diversidade morfológica é a Rua dos Correeiros, talvez porque se trata da escavação que proporcionou um maior conjunto artefactual. Os materiais dos sítios dos concelhos da Amadora e de Sintra são, a nível formal, consideravelmente mais limitados.

A distribuição das formas mais representadas é, contudo, bastante regular. Os recipientes com maior expressão quantitativa correspondem sistematicamente aos potes e/ou panelas da série 10, que constituem quase metade do conjunto artefactual. Apenas em Moinho da Atalaia Oeste esta categoria é mais significativa, chegando aos 56,88%. O único outro tipo morfo-funcional que é transversal a todos os sítios analisados integra as tigelas da série 1, cujas percentagens oscilam entre os 17,11% e os 31,90%, constituindo, assim, um componente considerável dos conjuntos.

As restantes séries da cerâmica comum apresentam uma distribuição mais desigual. As taças da série 2 só constam dos conjuntos da Rua dos Correeiros e do Moinho da Atalaia Oeste, onde figuram de forma pouco expressiva, contando com 0,91% e 0,32%, respectivamente. Situação idêntica ocorre com os pratos da série 3, que, em ambos os locais, surge também em números reduzidos (1,96% na Rua dos Correeiros e 0,32% em Moinhos da Atalaia Oeste) e com os jarros da série 11 (0,81% e 1,28%, respectivamente). Os alguidares da série 5 surgem, para além de nos dois sítios já indicados, também em Santa Eufémia, variando, neste caso, a sua expressão quantitativa entre os 2,56% e os 3,07%. As tampas da série 7 também fazem parte dos conjuntos das três estações arqueológicas, sendo de frequência bastante mais reduzida, que varia entre os 0,32% e os 1,32%. Os pequenos potes que integram a série 9 estão presentes na Rua dos Correeiros, no Moinho da Atalaia Oeste e no povoado das Baútas. É uma forma pouco representada, contando com valores que oscilam apenas entre os 0,60% e os 0,72%. Os suportes da série 8 só estão documentados na Rua dos Correeiros, com 2,77%, e em Santa Eufémia, com 1,32%. As páteras da série 4, os almofarizes da série 6, os recipientes da série 12 e 13 e os unguentários da série 14 só estão presentes no sítio lisboeta, sendo representados por percentagens sempre inferiores a 0,30%.

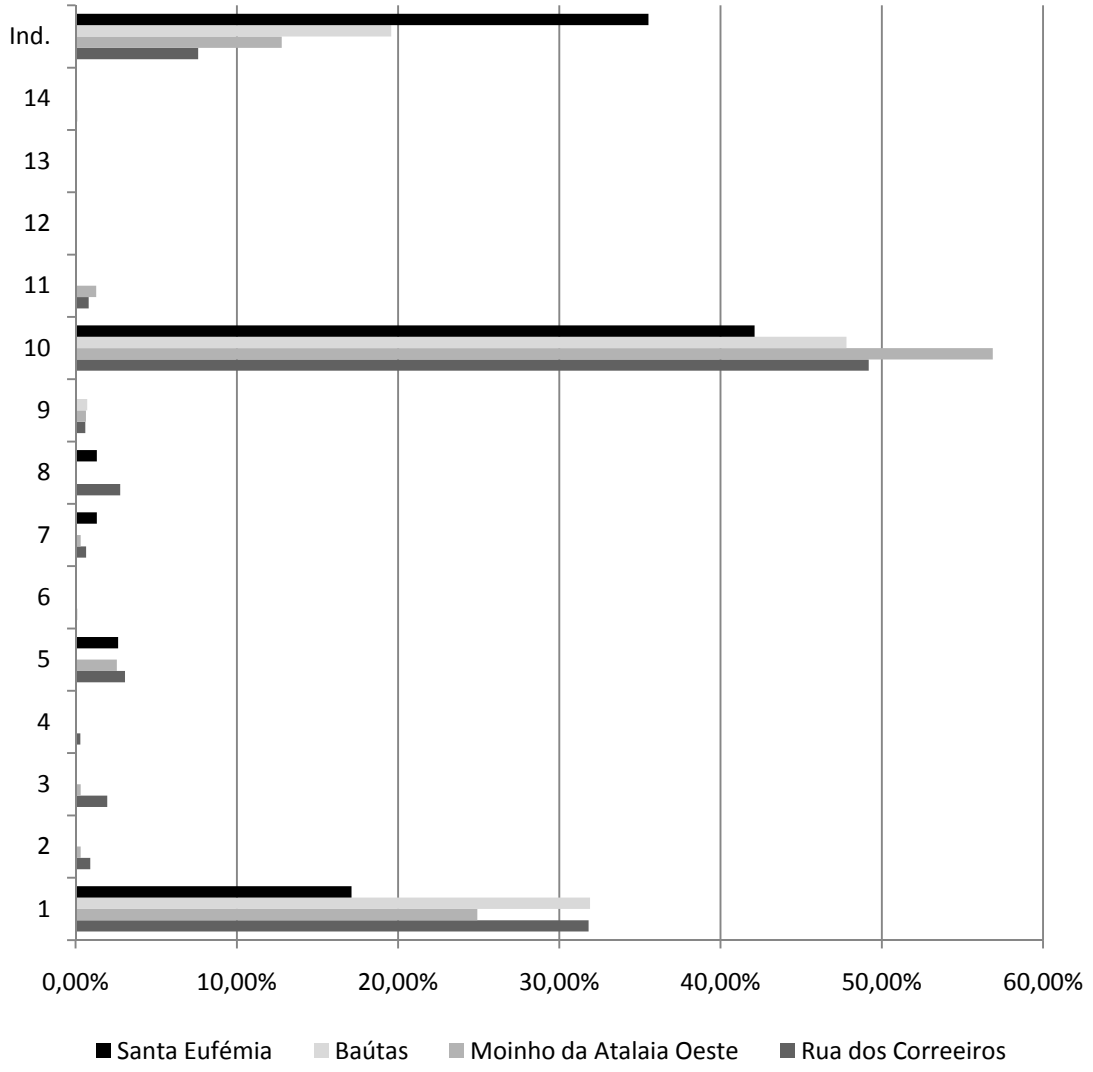


Fig. 199 – Distribuição das séries de cerâmica comum por percentagens.

É natural que as formas com menor expressividade quantitativa apresentem uma distribuição desigual entre as estações arqueológicas estudadas. Como já foi referido anteriormente, os conjuntos são numericamente muito heterogéneos, factor que deve constituir a principal justificação desta distribuição.

Esta análise comparativa dos conjuntos cerâmicos manifesta, acima de tudo, uma clara ligação entre os sítios estudados. Como se pode ver na Fig. 199, as formas mais abundantes são sempre as mesmas em todos os sítios, com expressões percentuais bastante semelhantes. Esta realidade reflecte, seguramente, práticas muito similares no quotidiano.

Por outro lado, a homogeneidade das características das pastas permite também considerar que todos estes núcleos formam parte de uma mesma esfera comercial, presumindo-se que o principal centro produtor destes materiais se localizasse na área urbana de Lisboa. Temos consciência que esta argumentação não está plenamente baseada em dados concretos. A análise que se efectuou nos diferentes grupos de cada categoria cerâmica teve um carácter meramente macroscópico. Contudo, o reconhecimento de idênticas variações nos fabricos, como se manifesta no caso da cerâmica comum, onde os vasos da sub-variante 10Aa.1 apresentam as mesmas características individualizantes ao nível da pasta, nos sítios onde foram identificados, é um argumento que sustenta essa proposta. Naturalmente que, dada a proximidade geográfica das estações, se pode também equacionar a possibilidade do fabrico local de peças com características de fabrico muito similares e até indistinguíveis macroscopicamente.

De qualquer forma, a proximidade formal entre os vários conjuntos é muito elevada, permitindo considerar que todos estes espaços integram uma mesma esfera cultural. Esta proposta é também aplicável aos restantes sítios identificáveis no concelho da Amadora (Moinhos do Filipinho, Casal de Vila Chã Sul, Fiat – Alfragide) e no concelho de Sintra (Castelo dos Mouros). O único local que apresenta um registo arqueológico consideravelmente diverso é o da "Sepultura do Rei Mouro". O espólio aqui recolhido, apesar de ser pouco numeroso, é integralmente composto por cerâmica manual, exceptuando os três vasos de cerâmica cinzenta. Esta realidade poderá justificar-se pela maior distanciação em relação ao que se presume ser o núcleo originário destas produções. Recordamos que o sítio se localiza numa área bastante a norte do concelho de Sintra.

A análise da diferenciação funcional entre os diversos sítios está, por outro lado, bastante limitada pela ausência de dados de cariz urbanístico nos vários casos estudados. Apenas os modelos de implantação são sugestivos.

Nenhuma das estações arqueológicas aqui tratadas se localiza em zonas baixas, exceptuado o caso da Rua dos Correeiros, em Lisboa. No entanto, e como já foi referido anteriormente, recordamos que este sítio faz parte de um núcleo de maiores dimensões, que se desenvolveu na colina do Castelo de São Jorge.

No actual concelho da Amadora, os sítios arqueológicos com ocupação durante a Idade do Ferro localizam-se sempre em zonas relativamente destacadas na paisagem, que permitem uma considerável visibilidades entre si. Contudo, as ocupações de Moinhos do Filipinho, Baútas e talvez também Moinhos de Alfragide incidiram em locais estratégicos ao nível da defensibilidade natural e do controlo da área envolvente, podendo ter constituído, dentro da zona periférica de Lisboa, povoados de segunda importância, que estruturavam e controlavam sítios menores, como seria o caso de Moinho da Atalaia Oeste, Vila Chã Sul e Fiat-Alfragide.

Recordamos que, quer nos Moinhos do Filipinho quer no povoado das Baútas, existem indícios que permitem colocar o início da ocupação da Idade do Ferro ainda no século VI a.C., embora em momentos já avançados dessa centúria. Apesar de essa cronologia ser também aplicável a Casal de Vila Chã Sul, os restantes núcleos (Moinho da Atalaia Oeste e Fiat - Alfragide) não proporcionaram, até ao momento, materiais que permitam recuar a cronologia para trás do século V a.C.

Situação semelhante ocorre no concelho de Sintra. O povoado de Santa Eufémia, que constituiria um desses povoados estruturantes da paisagem, a julgar pelo seu modelo de implantação, também evidencia um espólio que permite colocar o início da ocupação em finais do século VI a.C. O mesmo cenário seria expectável para o núcleo do Castelo dos Mouros. No entanto, neste local, não foram recolhidas evidências que remetam para um período anterior ao século V a.C. Recordamos, contudo, que o espólio recuperado da Idade do Ferro é ainda muito escasso, podendo futuros trabalhos trazer à luz novas evidências. A estação arqueológica da "Sepultura do Rei Mouro" parece corresponder, por outro lado, a um núcleo menor, sendo directamente dependente de um desses outros locais.

Apesar desta aparente hierarquia, a função agrícola dos vários estabelecimentos está atestada, por exemplo, pela presença de fragmentos de mós na grande maioria dos sítios analisados. Infelizmente, a ausência de dados estratigráficos não permite assegurar, com absoluta certeza, se correspondem a evidências integráveis na Idade do Ferro ou se são testemunhos das ocupações mais antigas que existem na maioria dos locais estudados. Apenas na "Sepultura do Rei Mouro", onde não foi documentada outra cronologia que não a do 1º milénio a.C., se pode estabelecer essa relação.

O registo artefactual também poderia, por outro lado, reflectir este sistema de organização entre os diversos sítios. Contudo, apenas com amostras significativas, que implicam, necessariamente, escavações sistemáticas e em extensão, se poderia visualizar alguma diferenciação, que teria que ser, naturalmente, atenuada, considerando a distância geográfica dos diversos núcleos em relação aos sítios estratégicos da foz do Tejo. Naturalmente que registos polínicos poderiam também trazer dados para abordar com mais segurança esta temática, registos que, contudo, não estão também disponíveis para nenhum dos sítios.

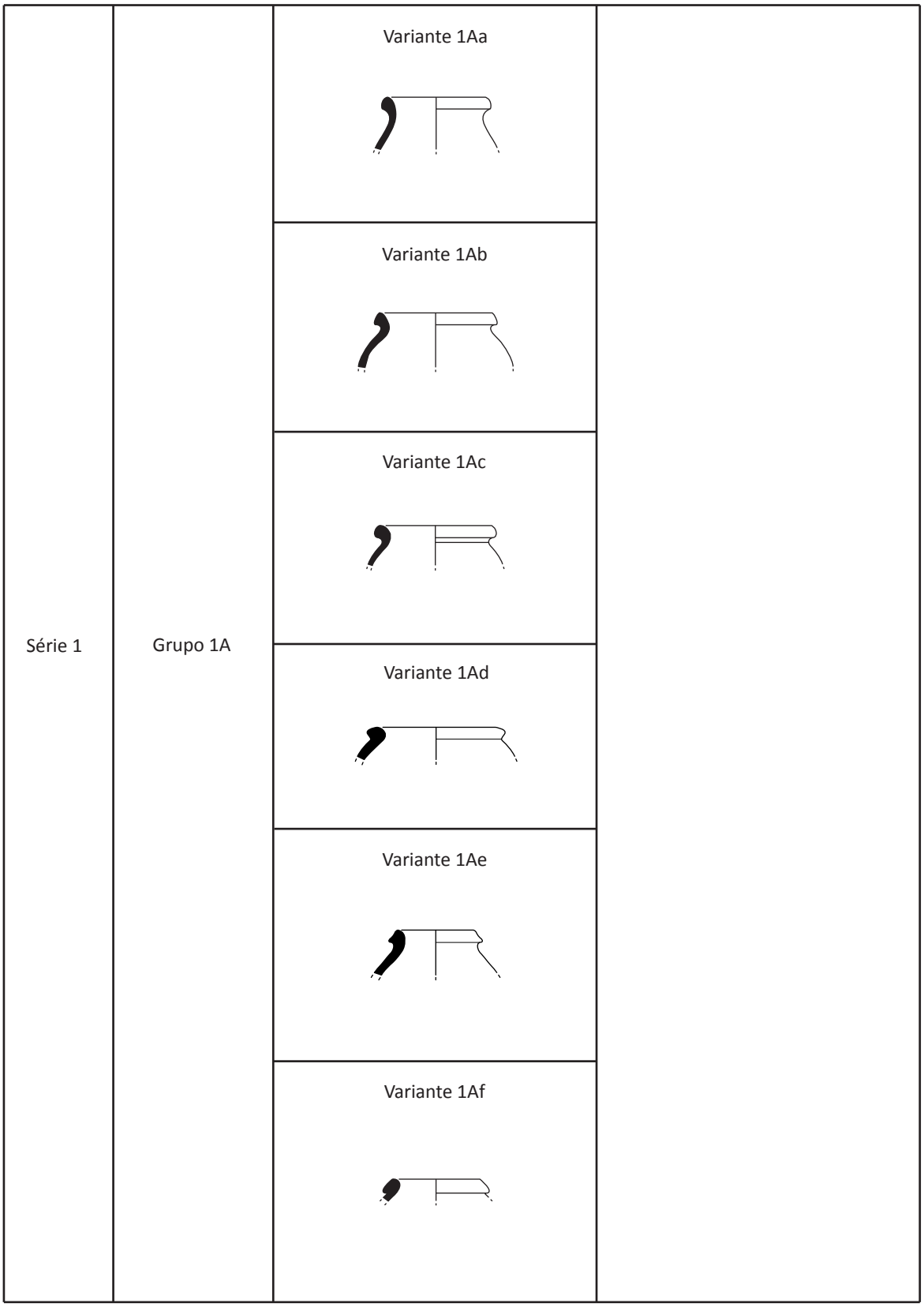


Fig. 200 – Quadro tipológico estabelecido para as ânforas da foz do Estuário do Tejo.

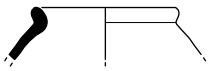
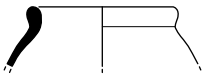
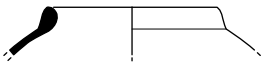
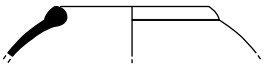
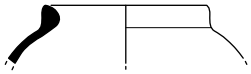
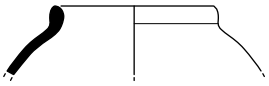
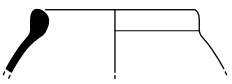
Série 1	Grupo 1B	Variante 1Ba 	
		Variante 1Bb 	
	Grupo 1C	Variante 1Ca 	
		Variante 1Cb 	
		Variante 1Cc 	
	Grupo 1D	Variante 1Da 	
		Variante 1Db 	
		Variante 1Dc 	
	Grupo 1E	Variante 1Ea 	

Fig. 201 – Quadro tipológico estabelecido para as ânforas da foz do Estuário do Tejo.

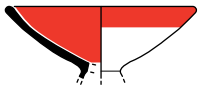
Série 1	Grupo 1A	Variante 1Aa 	
		Variante 1Ab 	
	Grupo 1B	Variante 1Ba 	
Série 2	Grupo 2A	Variante 2Aa 	
	Grupo 2B	Variante 2Ba 	
	Grupo 2C	Variante 2Ca 	
Série 3	Grupo 3A	Variante 3Aa 	
		Variante 3Ab 	
	Grupo 3B	Variante 3Ba 	

Fig. 202 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica de engobe vermelho da foz do Estuário do Tejo.

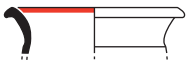
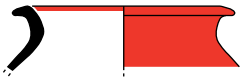
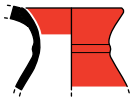
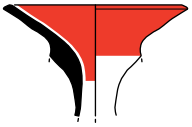
Série 4	Grupo 4A	Variante 4Aa 	
Série 5	Grupo 5A	Variante 5Aa 	
		Variante 5Ab 	
Série 6	Grupo 6A	Variante 6Aa 	
	Grupo 6B	Variante 6Ba 	
		Variante 6Bb 	
Série 7	Grupo 7A	Variante 7Aa 	
Série 8	Grupo 8A	Variante 8Aa 	

Fig. 203 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica de engobe vermelho da foz do Estuário do Tejo.

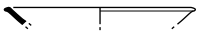
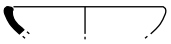
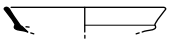
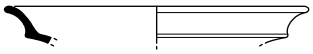
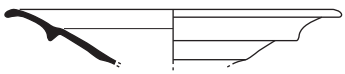
Série 1	Grupo 1A	Variante 1Aa 	
		Variante 1Ab 	
		Variante 1Ac 	
	Grupo 1B	Variante 1Ba 	
	Grupo 1C	Variante 1Ca 	
Série 2	Grupo 2A	Variante 2Aa 	
		Variante 2Ab 	
	Grupo 2B	Variante 2Ba 	

Fig. 204 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica cinzenta da foz do Estuário do Tejo.

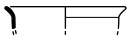
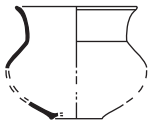
<table>
<tr><td rowspan="4">Série 3</td><td rowspan="3">Grupo 3A</td><td>Variante 3Aa
  </td><td rowspan="4"></td></tr>
<tr><td>Variante 3Ab
  </td></tr>
<tr><td>Variante 3Ac
  </td></tr>
<tr><td>Grupo 3B</td><td>Variante 3Ba
  </td></tr>
<tr><td>Grupo 3C</td><td>Variante 3Ca
  </td></tr>
</table>

Fig. 205 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica cinzenta da foz do Estuário do Tejo.

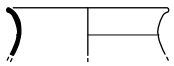
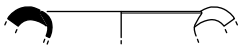
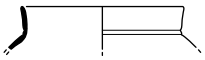
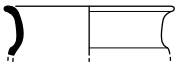
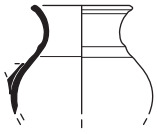
<table>
<tr><td rowspan="5">Série 4</td><td rowspan="3">Grupo 4A</td><td>Variante 4Aa
  </td><td>Sub-variante 4Aa.1
  </td></tr>
<tr><td>Variante 4Ab
  </td><td rowspan="4"></td></tr>
<tr><td>Variante 4Ac
  </td></tr>
<tr><td>Variante 4Ad
  </td></tr>
<tr><td>Grupo 4B</td><td>Variante 4Ba
  </td></tr>
<tr><td>Grupo 4C</td><td>Variante 4Ca
  </td></tr>
<tr><td>Série 5</td><td>Grupo 5A</td><td>Variante 5Aa
  </td><td></td></tr>
</table>

Fig. 206 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica cinzenta da foz do Estuário do Tejo.

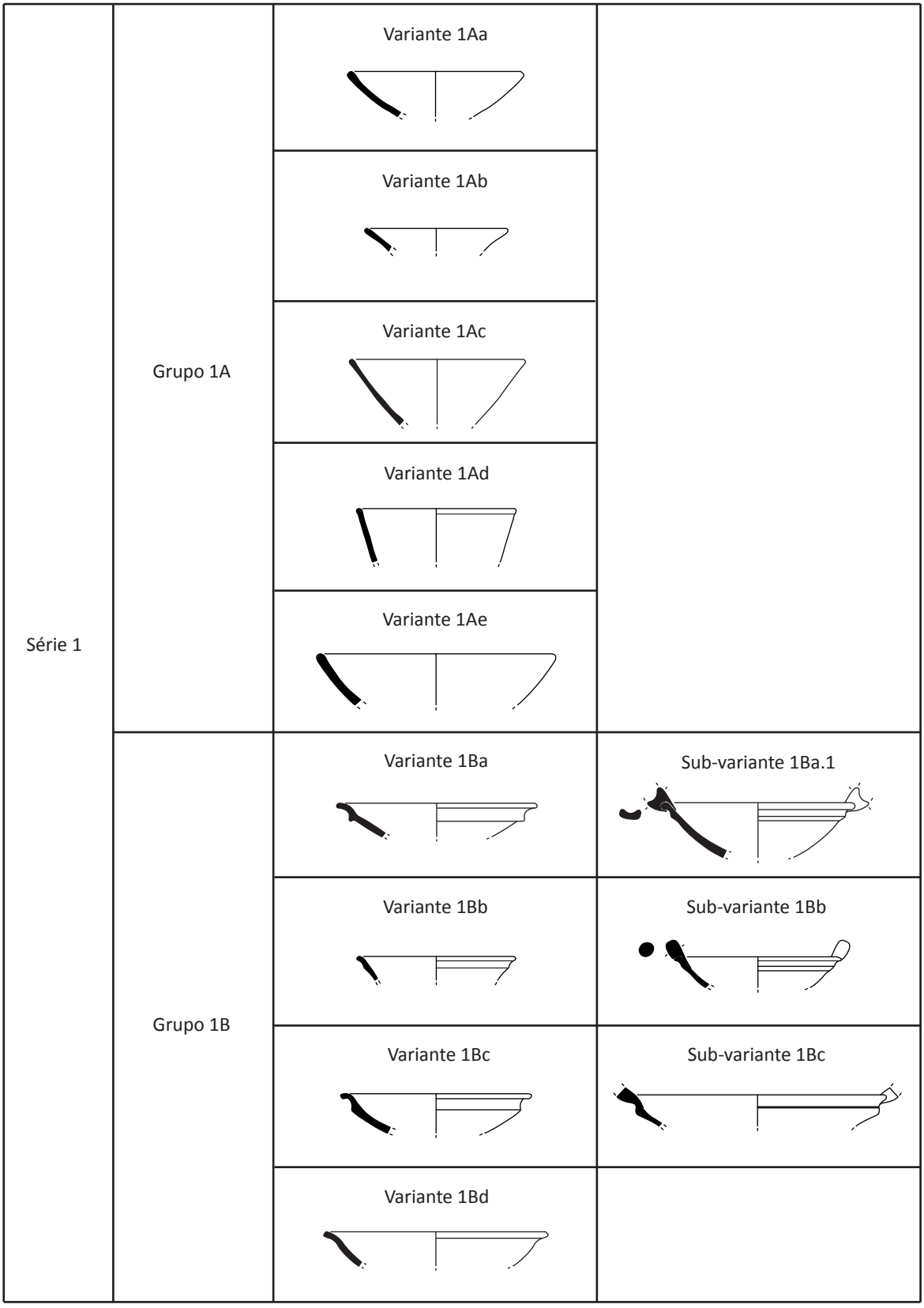


Fig. 207 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica comum da foz do Estuário do Tejo.

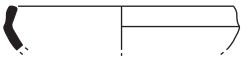
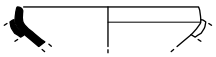
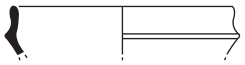
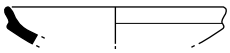
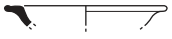
<table>
<tr><td rowspan="6">Série 2</td><td>Grupo 2A</td><td>Variante 2Aa
  </td><td></td></tr>
<tr><td rowspan="4">Grupo 2B</td><td>Variante 2Ba
  </td><td>Sub-variante 2Ba
  </td></tr>
<tr><td>Variante 2Bb
  </td><td rowspan="3"></td></tr>
<tr><td>Variante 2Bc
  </td></tr>
<tr><td>Variante 2Bd
  </td></tr>
<tr><td>Grupo 2C</td><td>Variante 2Ca
  </td></tr>
</table>

Fig. 208 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica comum da foz do Estuário do Tejo.

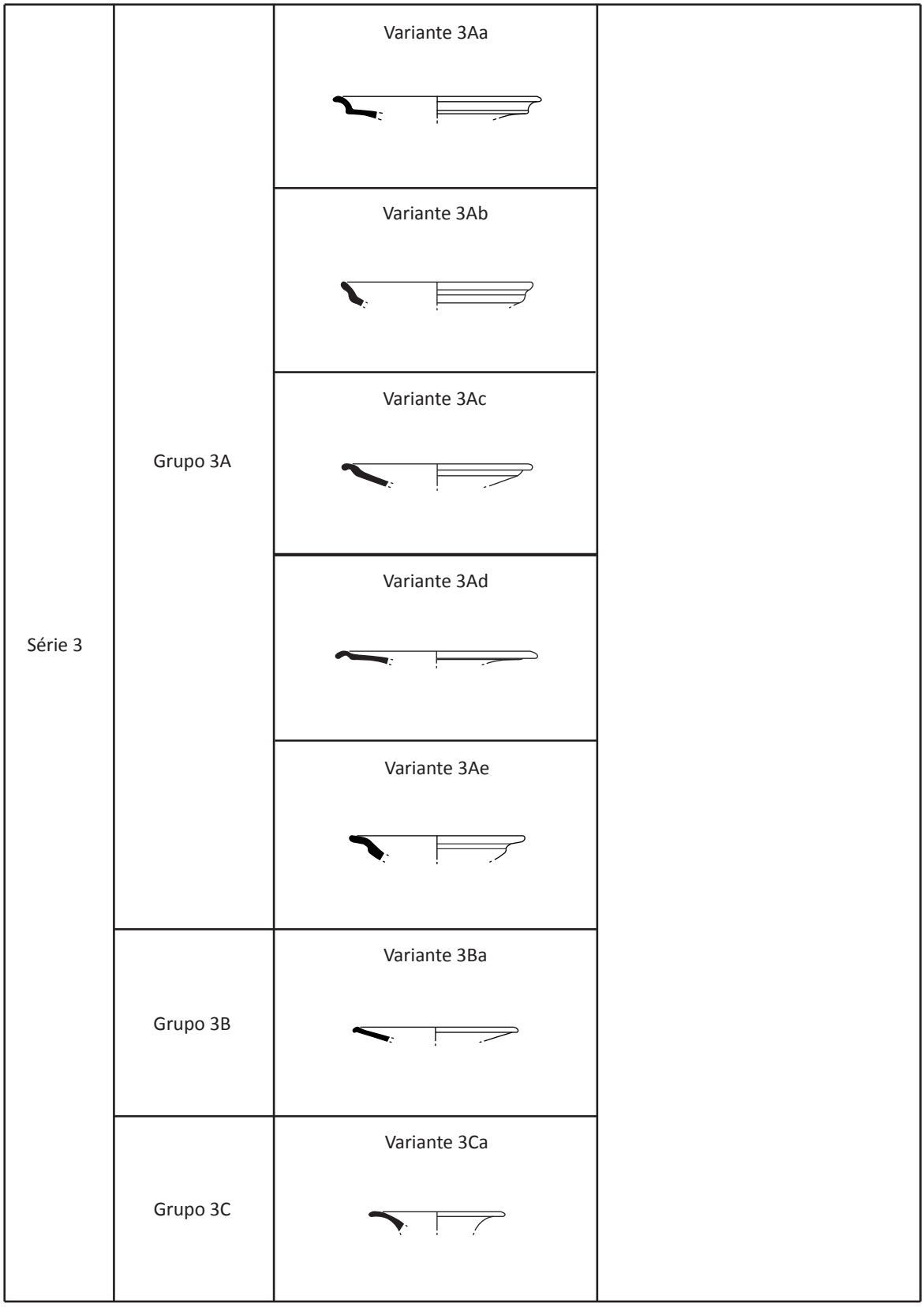


Fig. 209 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica comum da foz do Estuário do Tejo.

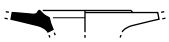
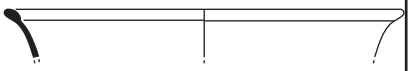
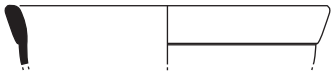
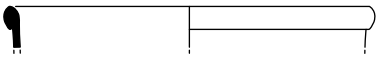
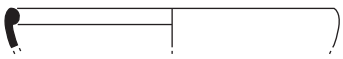
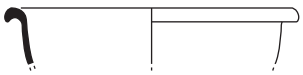
Série 4	Grupo 4A	Variante 4Aa 	
	Grupo 4B	Variante 4Ba 	
		Variante 4Bb 	
Série 5	Grupo 5A	Variante 5Aa 	
		Variante 5Ab 	
		Variante 5Ac 	
		Variante 5Ad 	
	Grupo 5B	Variante 5Ba 	
	Grupo 5C	Variante 5Ca 	

Fig. 210 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica comum da foz do Estuário do Tejo.

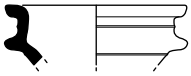
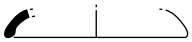
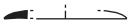
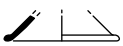
Série 6	Grupo 6A	Variante 6Aa 	
	Grupo 6B	Variante 6Ba 	
Série 7	Grupo 7A	Variante 7Aa 	
		Variante 7Ab 	
		Variante 7Ac 	
		Variante 7Ad 	
		Variante 7Ae 	
		Variante 7Af 	

Fig. 211 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica comum da foz do Estuário do Tejo.

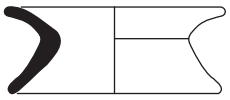
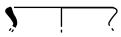
Série 8	Grupo 8A	Variante 8Aa 	
Série 9	Grupo 9A	Variante 9Aa 	
		Variante 9Ab 	
		Variante 9Ac 	
	Grupo 9B	Variante 9Ba 	

Fig. 212 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica comum da foz do Estuário do Tejo.

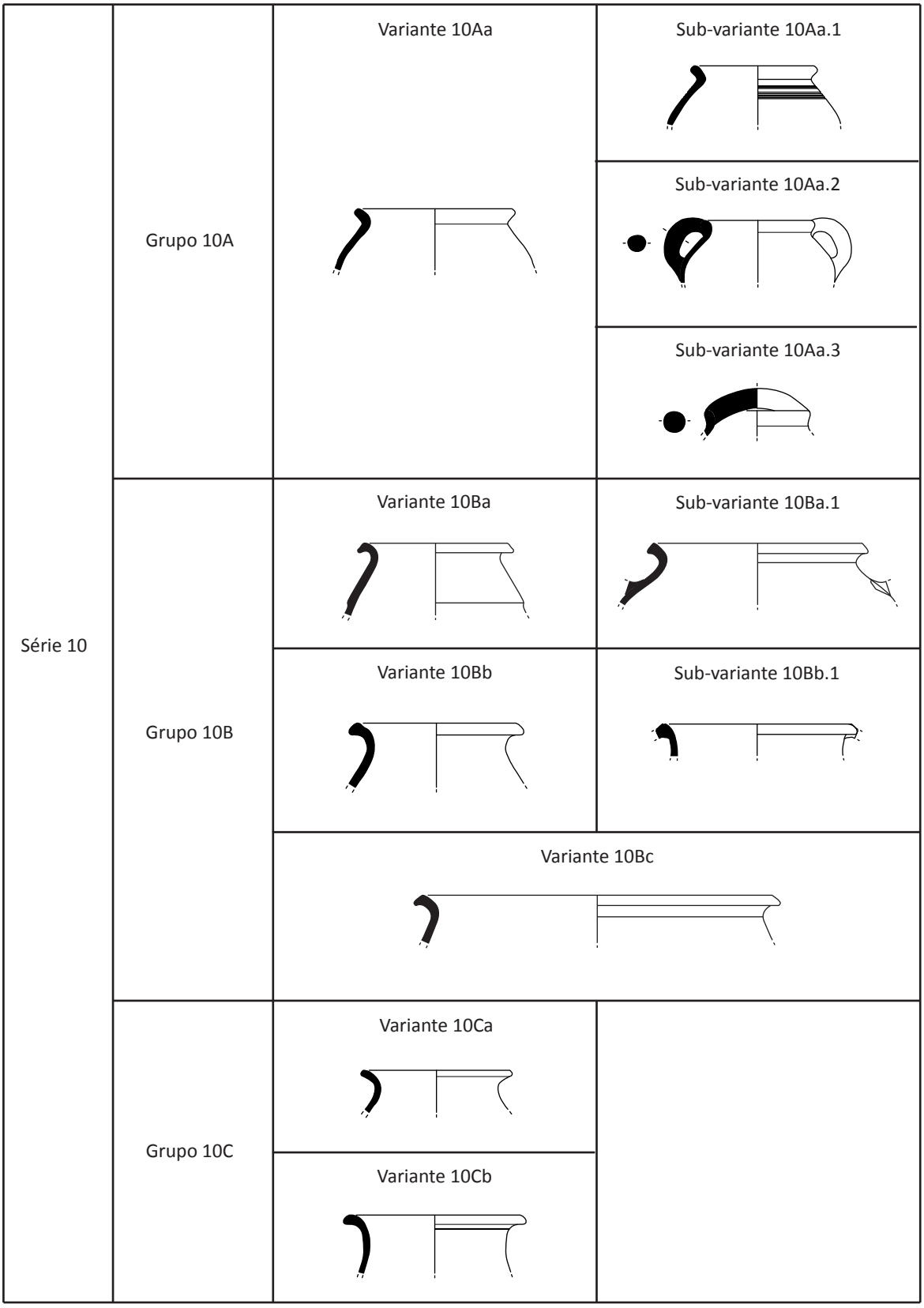


Fig. 213 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica comum da foz do Estuário do Tejo.

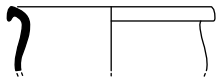
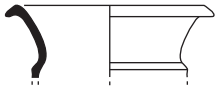
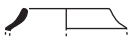
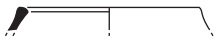
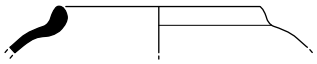
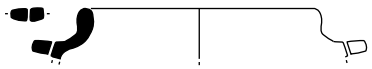
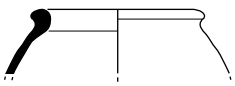
Série 10	Grupo 10D	Variante 10Da 	
		Variante 10Db 	
	Grupo 10E	Variante 10Ea 	
	Grupo 10F	Variante 10Fa 	
	Grupo 10G	Variante 10Ga 	
		Variante 10Gb 	
		Variante 10Gc 	
	Grupo 10H	Variante 10Ha 	
		Variante 10Hb 	
		Variante 10Hc 	

Fig. 214 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica comum da foz do Estuário do Tejo.

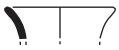
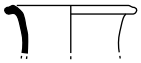
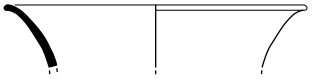
<table>
<tr><td rowspan="3">Série 11</td><td rowspan="2">Grupo 11A</td><td>Variante 11Aa
  </td><td>Sub-variante 11Aa.1
  </td></tr>
<tr><td>Sub-variante 11Aa.2
  </td></tr>
<tr><td>Variante 11Ab
  </td><td rowspan="2"></td></tr>
<tr><td>Grupo 11B</td><td>Variante 11Ba
  </td></tr>
<tr><td>Série 12</td><td>Grupo 12A</td><td>Variante 12Aa
  </td><td></td></tr>
<tr><td>Série 13</td><td>Grupo 13A</td><td>Variante 13Aa
  </td><td></td></tr>
<tr><td>Série 14</td><td>Grupo 14A</td><td>Variante 14Aa
  </td><td></td></tr>
</table>

Fig. 215 – Quadro tipológico estabelecido para a cerâmica comum da foz do Estuário do Tejo.

6. O Estuário do Tejo durante a segunda metade do 1º milénio a.C.

A chegada de populações fenícias à Península Ibérica, nos inícios do 1º milénio a.C., foi um acontecimento que produziu alterações radicais em todas as comunidades autóctones com as quais esses grupos humanos próximo orientais entraram em contacto. Ainda que os moldes exactos em que se formatou essa convivência não estejam ainda definitivamente esclarecidos, a verdade é que o elemento oriental foi o que prevaleceu em termos culturais, sobretudo nas áreas da fachada litoral peninsular onde essas comunidades se instalaram.

De facto, é possível verificar uma clara homogeneidade, pelo menos ao nível da cultura material, durante a fase inicial da Idade do Ferro, em praticamente todo o território afectado pelo processo da "colonização fenícia". Existe uma clara analogia entre os espólios artefactuais cerâmicos dos Estuários do Mondego, Tejo e Sado, os do sul peninsular e mesmo os da actual Extremadura espanhola, entre os séculos VIII a VI a.C., que se verifica ao nível das ânforas, da cerâmica comum, da de engobe vermelho, da cinzenta e da pintada em bandas.

Durante este período inicial, as ânforas resumem-se, quase exclusivamente, ao que é genericamente designado por "ânforas de saco" (tipos 10.1.1.1. e 10.1.2.1. de Ramon Torres), a cerâmica de engobe vermelho e a cerâmica cinzenta são quase sempre caracterizadas pela presença do mesmo tipo de pratos, taças e tigelas, e os materiais pintados em bandas restringem-se, de forma quase exclusiva, aos recipientes de tipo *pithoi* e às "urnas Cruz del Negro". Considerando a distância geográfica entre as várias áreas, a manutenção de tal homogeneidade, durante quase trezentos anos, deve-se, seguramente, à existência de uma rede intensa de contactos entre os vários pólos da matriz cultural "oriental".

Não deve esquecer-se que a colonização fenícia, tanto a da costa como a do interior peninsular, não aconteceu "ao sabor do vento", parecendo ter obedecido a objectivos muito concretos (Arruda, 2005a e b), que implicavam a exploração dos recursos desses territórios de forma a suprir as necessidades de áreas nevrálgicas do Mediterrâneo Oriental. Essa exploração deverá ter sido consideravelmente intensa, exigindo o transporte constante não só de mercadorias, mas também de pessoas e ideias, em todo o Ocidente.

Contudo, a partir de um momento específico, centrado, seguramente, em torno aos finais do século VI a.C., assiste-se, em várias áreas peninsulares, a um fenómeno de intensa regionalização, que se manifesta, pelo menos na sua vertente mais explícita, na cultura material, mas também no abandono de alguns sítios (por exemplo: Cerro del Villar, Abul A) e em mudanças, por vezes radicais, nos planos urbanísticos (Castro Marim).

A partir de finais do século VI a.C., quer a área de Cádis, quer a zona da Extremadura espanhola e a própria fachada ocidental da costa portuguesa, parecem divergir claramente nos respectivos repertórios formais cerâmicos. Este fenómeno parece estar também intimamente relacionado com alterações nos modelos de povoamento, nas estratégias económicas e na esfera de contactos comerciais que se verificam nessas mesmas áreas.

No caso concreto do Estuário do Tejo, o estudo que foi realizado neste trabalho, associado aos elementos que já estavam disponíveis, permitiu verificar dados, aferir cronologias, procurar simetrias e dissemelhanças, apurar estratégias e, por fim, definir padrões comportamentais ao nível da estratégia de povoamento e das esferas de contactos regionais e inter-regionais.

Assim, parece evidente que, durante os primeiros séculos do 1º milénio a.C., os núcleos ocupados localizavam-se ao longo das margens do estuário. Lisboa, Almaraz e Santarém constituem os casos mais paradigmáticos desta realidade, mas os recentes trabalhos publicados por J. Pimenta e H. Mendes a propósito de Vila Franca de Xira (no prelo) permitem alargar o quadro inicial e incluir no grupo sítios como Santa Sofia, Quinta da Marquesa II, Quinta da Carapinha I. Também Porto de Sabugueiro, em Muge, e Chões de Alpompé estiveram ocupados a partir de momentos antigos da Idade do Ferro. Apenas o Castro do Amaral (Vila Franca de Xira) parece destoar desta situação litoral, registando-se, neste caso, alguma interioridade. A cultura material de todos os sítios do estuário do Tejo reveste-se de uma grande homogeneidade, nesta primeira fase orientalizante.

A grande maioria destes sítios não sobreviveu para lá dos meados do milénio. Com excepção dos grandes povoados da foz (Lisboa e Almaraz) e do fundo do estuário

(Santarém), e ainda do Porto do Sabugueiro e dos Chões, nenhum dos restantes parece ultrapassar o século V a.C.

È justamente a partir de meados do 1º milénio a.C. que se verificam modificações estruturais que podem ser lidas em vários níveis, concretamente na estratégia de povoamento e também na cultura material.

Na área mais a montante, a Alcáçova de Santarém, os Chões de Alpompé e o Porto do Sabugueiro forneceram espólios que permitiram atestar uma continuidade de ocupação entre os séculos VII/VI a.C. até ao período romano. No caso do núcleo escalabitano, a ocupação é ainda anterior, sendo um dos locais do estuário que forneceu, até à data, evidências materiais da mais antiga presença orientalizante em Portugal, corroboradas por datações radiométricas. Deve também referir-se que nesta região o *hinterland* parece estar desocupado ao longo de toda a diacronia sidérica.

Nos conjuntos artefactuais mais tardios destes sítios, sobretudo dos de Santarém e de Porto de Sabugueiro, estão ausentes os elementos que caracterizam a cultura material da foz do estuário, como é o caso dos pequenos potes de cerâmica cinzenta da série 3, dos pratos carenados de engobe vermelho do grupo 3B e as panelas da sub-variante 10Aa.1 de cerâmica comum. Também a inexistência, até ao momento, dos engobes brancos quer nas ânforas quer na cerâmica comum deve ser devidamente valorizada.

Ainda que seja necessário tomar em consideração o facto de grande parte dos dados existentes para o curso médio resultarem, essencialmente, de trabalhos de prospecção, parece possível defender que também aqui se verificam as mesmas ausências assinaladas para a região anteriormente analisada. Nem os engobes brancos cobrem as ânforas ou a cerâmica, nem certas formas de cerâmica cinzenta, comum e de engobe vermelho fazem parte do conteúdo dos inventários.

A maior parte dos sítios do concelho de Vila Franca de Xira parece ter sido abandonada no decurso do século VI a.C., prolongando-se apenas o Castro do Amaral e o Casal da Mó, este fundado aparentemente neste mesmo momento, mas há indícios que nenhum deles sobreviveu para além dos finais do século V a.C.

Na foz do Estuário a situação é bem diversa das anteriores. Na margem norte, o único local que até ao momento forneceu evidências de uma ocupação durante a fase

orientalizante é Lisboa. Todos os outros sítios, localizados nos concelhos de Oeiras, Amadora, Sintra e Cascais, apenas têm materiais que permitem atestar o início da sua ocupação em momentos avançados do século VI a.C. e, sobretudo, durante a centúria seguinte. Apenas no Casal de Vila Chã Norte (Amadora), se recolheu uma fíbula de dupla mola, o que poderia atestar uma ocupação mais arcaica, que pode, contudo, pode datar-se do Bronze Final época da qual se recolheram, no sítio, alguns materiais (Miranda *et al.*, 1999).

De acordo com os dados disponíveis, os meados do 1º milénio a.C. na foz do Estuário do Tejo parecem, assim, ter constituído uma fase de metamorfose ao nível da ocupação sidérica. Os sítios da região de Lisboa, especialmente os analisados com maior profundidade neste trabalho, mostram evidências de intensos contactos com o núcleo olisiponense, podendo, sem grande dificuldade, propor-se uma efectiva dependência dos primeiros em relação ao último.

A estratégica de exploração do território, focada, durante os primeiros séculos da presença fenícia, nas margens do estuário, altera-se a partir do século VI a.C., quando se observa uma intensificação da ocupação da região mais próxima da foz do rio, como, aliás, já foi observado por J. L. Cardoso (1990, p. 129).

Relacionar este fenómeno com a crise do século VI a.C. parece ser incontornável. Durante a fase orientalizante, a exploração dos minérios do Estuário do Tejo e da região central do território actualmente português, concretamente das Beiras, às quais este permitia aceder foi, certamente, um dos principais factores que justificaram o interesse das populações orientais por área geográfica e pode explicar uma ocupação que privilegiou as áreas ribeirinhas (Arruda, 1999-2000, 2003, 2005a). A partir dos finais do século VI a.C., a situação alterou-se, de forma radical, em todo o território mediterrâneo e atlântico afectado pela colonização fenícia. A conjugação de factores de instabilidade interna, associada à queda de Tiro e à saturação dos mercados do Mediterrâneo Oriental pela introdução de grandes quantidades de minério, concretamente de prata, durante as centúrias anteriores, forçaram as colónias do Ocidente a reestruturar, de forma independente, as suas estratégias económicas, o que originou transformações profundas no tipo de povoamento e até nos repertórios artefactuais.

O caso mais notável verificou-se no sul do território peninsular, onde a metrópole de *Gadir* conseguiu, em pouco tempo, reorientar a sua economia para a produção, aparentemente em grande escala, de preparados piscícolas que se tornaram no produto "de marca" dessa área meridional. A presença dos contentores ocidentais que transportavam esses produtos em Corinto e Olímpia (Maniatis *et al.*, 1984), assim como as referências dos textos clássicos à existência de estes preparados nos mercados grego e cartaginês são claros indicadores da rápida adaptação de Cádis a uma nova realidade comercial. Estas alterações são claramente visíveis ao nível do registo arqueológico, reflectindo-se não só na modificação da cultura material, mas também em novas estratégias de ocupação do território e reestruturação das redes comerciais.

Também na zona da Extremadura espanhola, a emergência de um novo sistema de organização territorial, este marcado por complexos monumentais, ocorreu também entre finais do século VI e o século V a.C., sendo o palácio-santuário de Canho Roano o seu melhor representante (Celestino Pérez, 1995). "A partir de la crisis tartésica, detectada hacia mediados del siglo VI, la periferia conformada por gran parte de Extremadura y el alto Guadalquivir parecen tomar la iniciativa económica y comercial del momento, basando su rápido desarrollo en el control de la tierra, lo que impulsará aún más el poder de las elites dominantes mediante el control de los excedentes agrícolas y ganaderos, así como por el dominio de las nuevas rutas comerciales creadas para el desarrollo económico y la interrelación entre esa antigua periferia" (*Ibidem*, p. 81). Também aqui, durante o século V a.C., os espólios assumiram características muito individualizantes que permitem a sua clara distinção face a outras zonas peninsulares.

Os meados do 1º milénio a.C. foram, assim, o momento áureo da "regionalização" das diferentes áreas previamente tocadas pelos influxos orientalizantes.

Os dados recolhidos no decurso desta dissertação permitem defender que uma situação muito semelhante ocorreu também no Estuário do Tejo a partir de finais do século VI a.C.

É muito provável que os factores que estiveram na origem da crise do século VI a.C. no mundo colonial fenício se tenham reflectido num progressivo abandono da exploração dos metais em áreas mais longínquas (Arruda, 2005b, p. 83). A manutenção de uma rede de contactos permanente entre o Estuário do Tejo e o sul do território peninsular

deixou, seguramente, de se tornar rentável a partir do momento em que os recursos metalíferos perderam relevância nos circuitos comerciais. Não podemos esquecer que a navegação na costa ocidental do território português não era uma tarefa fácil, mesmo tomando em consideração os novos dados que as análises de ^{13}C e ^{14}C e os estudos dos fenómenos de reservatório oceânico proporcionaram (Soares, 2004). De facto, ainda que o sistema de ventos, a agitação marítima e as condições de nebulosidade não fossem os que já se presumiu (Arruda, 1999-2000, p. 28-29), a verdade é que ainda assim, o recorte da costa condicionava também o tipo de navegação praticada. E esse recorte é grande na costa ocidental, o que, associado ao tipo de embarcações, obrigaria a uma navegação de cabotagem larga (Arruda e Vilaça, 2006, p. 35-36), que só seria rentável em função dos recursos obtidos. Tal situação terá conduzido a um progressivo isolamento da região, como se constata, a partir do século V a.C., não só na escassez de materiais importados, mas também nas características próprias que a cultura material deste território vai adquirindo.

Não negamos, contudo, a existência de contactos pontuais com outras áreas peninsulares e mesmo mediterrâneas, como evidencia a presença de uma ânfora centro-mediterrânea e de outra, presumivelmente, da área do Guadalquivir, na Rua dos Correeiros, e ainda dos fragmentos de cerâmica grega descobertos em Lisboa, Almaraz, Santarém e Castelo dos Mouros. Não é improvável que estas importações tenham, contudo, passado pelo porto de Cádis.

Também com a área da Extremadura espanhola, é possível defender a manutenção de redes mais ou menos constantes de intercâmbio, a julgar pela morfologia de algumas cerâmicas (sub-variante 10Aa.3), que se mantiveram na continuidade dos momentos anteriores (Arruda, 2005a, p. 297-298). Outro indício desta ligação é a presença, quer em Lisboa quer na Extremadura espanhola, de decorações incisas representando "estrelas de cinco pontas". Alguns dos materiais actualmente expostos no núcleo museológico do Castelo de São Jorge, provenientes das escavações da Praça Nova, exibem essas marcas, centrando-se a sua cronologia em torno ao século V a.C., de acordo com as legendas que acompanham as peças. Símbolos idênticos foram identificados na necrópole de Medellín (Almagro Gorbea, 2008, p. 764-765) e nos edifícios de Cancho Roano (Maluquer de Motes, 1981, fig. 21B) e La Mata (Rodríguez Días, 2004, fig. Ct. 136) e também no Alentejo, concretamente na Malhada das Taliscas

4 (Calado e Mataloto, 2008). Abul, no estuário do Sado, ofereceu também um fragmento cerâmico onde está inciso um destes motivos (Mayet e Silva, 2000, p. 210, fig. 79).

Apesar deste contactos com a Extremadura, cuja intensidade não podemos precisar, os conjuntos artefactuais das duas áreas permanecem, no geral, claramente distintos, ao nível das ânforas e da cerâmica comum, por exemplo.

A total ausência de materiais de origem gaditana nos conjuntos estudados é uma evidência clara do esmorecimento dos contactos comerciais da região do estuário do Tejo com essa área do sul da Península Ibérica. Ainda que se possa admitir que algumas ânforas do tipo Mañá Pascual A4 recolhidas nas escavações urbanas de Lisboa possam ter essa origem, a sua quantidade não é comparável com o registo do período imediatamente anterior, durante o qual ânforas de produção gaditana, do tipo 10.1.2.1. de Ramon Torres, são bastante mais frequentes.

Tal alteração nas redes comerciais deve ter resultado, tal como em outras áreas da Península Ibérica, na exigência de uma profunda reestruturação das estratégias económicas. Em relação à foz do Estuário do Tejo, essa reestruturação parece ter passado por um novo modelo de ocupação do território, que se traduziu no desenvolvimento de um sistema de povoamento periférico de carácter essencialmente rural, em áreas com bom potencial agrícola, que podia, contudo, apresentar alguma complexidade e hierarquização, com núcleos de povoamento, secundários em relação a Lisboa, mas que, no entanto, organizavam a rede de sítios menores na sua área mais próxima. Estas zonas mais periféricas, localizadas não só nos concelhos de Sintra e da Amadora, mas também, provavelmente, em Oeiras e Cascais, integrariam uma mesma esfera cultural, um provável território político e, simultaneamente, um mercado para os produtos manufacturados no núcleo olisiponense, a julgar pelas características da cultura material identificada. Como já foi proposto por A. M. Arruda, os povoados primários reuniriam as actividades comerciais e as "indústrias" transformadoras, sendo o local de residência das elites político-administrativas que dominavam, a vários níveis, a região envolvente (Arruda, 1999-2000; 2005b). A própria existência de uma produção anfórica própria na área de Lisboa "(…) implica necesariamente una formación social compleja, capaz de generar, estructurar y controlar unos excedentes agrícolas

importantes y, paralelamente, es necesario dotarse de un sistema de intercambio avanzado (…)" (Guerrero, 1991, p. 73).

Curioso é, contudo, observar que, na sequência destas alterações, o século V a.C. parece ter sido um período de grande vitalidade económica em Lisboa, a avaliar pelo incremento da área ocupada, que agora se estendia até às zonas mais baixas da cidade, de que é exemplo a da Rua dos Correeiros e, possivelmente, também as da Rua Augusta e da Rua dos Douradores.

Em oposição, a zona do curso médio do estuário parece ter sofrido uma forte retracção ao nível da rede de povoamento, provavelmente derivada de uma quebra no interesse da exploração das áreas mais interiores. No espaço envolvente de Santarém, é possível que se tenha processado uma reorganização similar à que ocorreu na foz, tendo em consideração os dados dos Chões de Alpompé e do Porto do Sabugueiro, ainda que nesta última área sejam mais escassos os sítios com vestígios de uma ocupação sidérica.

Mais problemática é a leitura da margem sul do rio Tejo. Os sítios de menor dimensão identificados em torno à Quinta do Almaraz, nomeadamente Quinta da Torre, Rua Manuel Febrero (Cova da Piedade), Quinta do Facho e grutas de São Paulo, não permitem uma boa caracterização cronológica que possibilite atestar a sua contemporaneidade face ao processo que se verifica na outra margem do rio.

Um outro aspecto relevante consiste na efectiva relação que existiu entre os dois grandes núcleos da foz do Estuário, Lisboa e a Quinta do Almaraz. A inter-visibilidade entre os dois é total, e a suas estratégias de implantação fazem pensar num desígnio original de efectivo controle da desembocadura do rio. Apesar de corresponderem a dois sítios arqueológicos distintos, cabe levantar a possibilidade de se ter tratado, durante a Idade do Ferro, de uma mesma entidade urbana. É de assinalar que a coincidência entre a cultura material é praticamente total, acreditando que a futura análise comparativa entre estes sítios poderá demonstrar a existência de centros de produção únicos, como já foi intuído por A. M. Arruda para a cerâmica de engobe vermelho (1999-2000, p. 223).

Outro aspecto que cabe discutir são os conceitos que foram utilizados para estudar esta Idade do Ferro da segunda metade do 1º milénio a.C., uma vez que, neste caso concreto, as designações que foram adoptadas têm implícito um claro significado cultural e

mesmo étnico. A cultura material dos meados deste momento denota, claramente, um forte substrato de matriz oriental, independentemente das contribuições que as populações indígenas certamente aduziram, e cuja origem se pode facilmente rastrear no decurso dos séculos VIII, VII e VI a.C. Rotular categoricamente a realidade que se segue a essa fase orientalizante é, contudo, uma questão problemática.

A investigação desenvolvida sobre a Idade do Ferro do centro e sul do território actualmente português deu origem a uma série de conceitos que se aplicavam a realidades arqueológicas heterogéneas, e lhes atribuíam conteúdos étnicos específicos. A clássica divisão entre I Idade do Ferro e II Idade do Ferro dividia, *grosso modo*, o período orientalizante, marcado por contactos comerciais e mesmo pela presença de populações de origem oriental, do período posterior (séc. V a III a.C.), onde as realidades se afiguravam bem mais diversas, pressupondo-se a existência de grupos humanos de distintas origens, sendo que as mais marcantes teriam matrizes "púnica" e "continental" (Beirão, Gomes e Monteiro, 1979; contra Arruda, 1993; Arruda, Guerra e Fabião, 1995; Fabião, 1998; Arruda, 1999-2000).

Nenhuma destas designações parece aplicável à segunda metade do 1º milénio a.C. no Estuário do Tejo. Por um lado, porque os elementos de matriz "continental" estão claramente ausentes do território em análise. Por outro, porque "púnico" é um conceito que, em nossa opinião, é aplicável apenas às comunidades do Mediterrâneo Central, que, a partir do século VI a.C., estão directamente sob a influência de Cartago. Mesmo no território peninsular, à excepção do extremo oriental da Andaluzia e das ilhas Baleares, essa designação não deveria ser aplicado a momentos anteriores à presença bárcida, uma vez que tem conotações de cariz político e cultural.

A extrapolação do termo "pós-orientalizante" é também de difícil aplicação à área estudada, uma vez que se encontra intimamente relacionado com a realidade da Extremadura espanhola do século V a.C. e sua área de influência.

Se parece evidente que o "conservadorismo orientalizante" proposto por A. M. Arruda (1993, 1999-2000, 2005b) se manifesta na continuidade das produções de cerâmica cinzenta, da cerâmica de engobe vermelho, ainda que menos frequente, e nas restantes categorias cerâmicas, onde as diversas formas identificadas evoluem, claramente, de protótipos anteriores, tudo indica que a matriz cultural e étnica das populações que

habitaram o território estudado nesta dissertação não sofre alterações até aos inícios da época romana.

Para concluir, resta dizer que a ocupação dos meados do 1º milénio a.C., no Estuário do Tejo, se caracterizou por um modelo algo complexo de estruturação do território, com uma hierarquização aparentemente bem definida e, acima de tudo, através de uma identidade muito particular que permite a sua individualização das restantes esferas culturais que se seguiram ao período orientalizante no território peninsular.

7. Bibliografia

AAVV (1994) – *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

AAVV (1995) – *Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros*. Lisboa: Fundação Millennium BCP.

AAVV (2002) - *De Scallabis a Santarém*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

AAVV (2006) - *Vasos Gregos em Portugal. Aquém das colunas de Hércules*. Lisboa: Instituto Português dos Museus e Museu Nacional de Arqueologia.

AAVV (2007) – *Roteiro. Cripta Arqueológica do Castelo de Alcácer do Sal*. Lisboa: IGESPAR.

AAVV (2008) – *Castelo de São Jorge. Núcleo Museológico*. Lisboa: EGEAC.

Alarcão, J. (1975) – Lá céramique commune locale et régionale. *Fouilles de Conimbriga*. Paris: Editions de Boccard.

Alarcão, J. (1987) – *Portugal romano*. 4ª Edição revista. Lisboa: Verbo.

Almagro Basch, M. (1949) – Cerámica griega gris de los siglos VI-V a.C. en Ampurias. *Rivista di Studi Liguri*. Bordighera, 15, p. 62-122.

Almagro Basch, M. (1966) – *Las estelas decoradas del Suroeste peninsular*. Madrid: CSIC e Universidad de Madrid (*Bibliotheca Praehistorica Hispana*, 8).

Almagro-Gorbea, M. (1977) – *El Bronce Final y el Periodo Orientalizante en Extremadura*. Madrid: CSIC e Universidade de Valência.

Almagro-Gorbea, M. (1999) – El território de Medellín en época protohistórica. *In* Gorges, J. G. e Rodríguez Martín, F. G. (ed.), *Économie et territoire en Lusitanie romaine*. *Collection de la Casa de Velázquez*. Madrid, 65, p. 17-38.

Almagro-Gorbea, M. (dir.), *La necrópolis de Medellín. II. Estudio de los Hallazgos*. Madrid: Real Academia de la Historia.

Almagro-Gorbea, M., Mederos, A. e Torres, M. (2008) – Cerámica de barniz rojo. *In* Almagro-Gorbea (dir.), *La necrópolis de Medellín. II. Estudio de los Hallazgos*. Madrid: Real Academia de la Historia, p. 593-622.

Almagro-Gorbea, M. e Torres Ortiz, M. (2009a) – La colonización de la costa atlântica de Portugal: Fenícios o tartesios? *Acta Paleohispanica. Paleohispanica*. Zaragoza, 9, p. 113-142.

Almagro-Gorbea, M. e Torres Ortiz, M. (2009b) – Los escarabeos fenicios de Portugal. Un estado de la cuestión. *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 17, p. 521-554.

Amaro, C. (1993) – Vestígios materiais orientalizantes do Claustro da Sé de Lisboa. *Estudos Orientais*. Lisboa, IV, p. 183-192.

Andrade, G. M. (1973) – Estações arqueológicas do Amaral ou das ou Curvaceiras (Alenquer). *Boletim da Sociedade de Geografia*. Lisboa, série 91, p. 143.

Antunes, A. S. (2005) – *Castro da Azougada – conjunto cerâmico. Em torno da Idade do Ferro Pós-Orientalizante da margem esquerda do Baixo Guadiana.* Dissertação de mestrado em Pré-História e Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 3 volumes. Edição policopiada.

Aranegui, C. (1975) – La cerámica gris monócroma. Puntualizaciones sobre su estúdio. *Papeles del Laboratório de Arqueología de Valencia*. Valência, 11, p. 333-379.

Arcelin, P. e Tuffreau-Libre, M., dir. (1998) – *La quantification dês céramiques. Conditions et protocole. Actes de la table ronde du Centre Archéologique Européen du Mont Beauvray (Glux-en-Glenne, 7-9 avril 1998)*. Bibracte, 2.

Arnaud, J. M. e Gamito, T. J. (1972) – O povoado fortificado neo - e eneolítico da Serra das Baútas (Carenque, Belas). *O Arqueólogo Português*. Lisboa, série III, 6, p. 119-161.

Arruda, A. M. (1993) – A ocupação da Idade do Ferro da Alcáçova de Santarém no contexto da expansão fenícia para a fachada atlântica peninsular. *Estudos Orientais*. Lisboa, IV, p. 193-214.

Arruda, A. M. (1999-2000) – *Los Fenicios en Portugal. Fenicios y mundo indígena en el centro y sur de Portugal (siglos VIII-VI a.C.)*. Barcelona: Publicaciones del Laboratorio de Arqueología de la Universidad Pompeu Fabra (*Cuadernos de Arqueología Mediterránea*, n.º 5-6).

Arruda, A. M. (2000) – *Fenícios e mundo indígena no centro e sul de Portugal (séc. VIII a VI a.C.)*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 3 volumes. Edição policopiada.

Arruda, A. M. (2001) – Importações púnicas no Algarve: cronologias e significado. In *actas do colóquio internacional "Os Púnicos no Extremo Ocidente" (Lisboa, 2000)*. Lisboa: Universidade Aberta, p. 69-98.

Arruda, A. M. (2005a) – Orientalizante e pós-orientalizante no sudoeste peninsular: geografia e cronologias. *Anejos de Archivo Español de Arqueologia. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Mérida, vol. I, p. 277-303.

Arruda, A. M. (2005b) – O 1º milénio a.n.e. no Centro e no Sul de Portugal: leituras possíveis no início de um novo século. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, série IV, 3, p. 9-156.

Arruda, A. M. (2006) – Cerâmicas gregas encontradas em Portugal. In AAVV, *Vasos Gregos em Portugal. Aquém das colunas de Hércules*. Lisboa: Instituto Português dos Museus e Museu Nacional de Arqueologia, p. 135-140.

Arruda, A. M. (no prelo a) – A Alcáçova de Santarém e os fenícios no estuário do Tejo.

Arruda, A. M., Barros, P. e Lopes, V. (1998) – Cerâmicas áticas de Mértola. *Conimbriga*. Coimbra, 37, p. 121-149.

Arruda, A. M., Ferreira, M., Sousa, E., Lourenço, P., Lima, J. e Carvalho, A. (no prelo) – Contributos para o conhecimento da Idade do Ferro de Alcácer do Sal: os dados da Rua do Rato.

Arruda, A. M. e Freitas, V. (2008) – O Castelo de Castro Marim durante os séculos VI e V a.n.e. *In* Jiménez Ávila (ed.), *Sidereum Ana I. El rio Guadiana en época post-orientalizante*. (*Anejos de Archivo Español de Arqueología*, XLVI). Mérida: Junta de Extremadura, Consorcio de Mérida e CSIC, p. 429-446.

Arruda, A. M., Freitas, V. e Vallejo Sánchez, J. (2000) – As cerâmicas cinzentas da Sé de Lisboa. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, 3 – n.º 2, p. 25-59.

Arruda, A., Guerra, A. e Fabião, C. (1995) – O que é a II Idade do Ferro? *Trabalhos de Antropologia e Etnologia*. Porto, 35-2, p. 237-257.

Arruda, A. M., Viegas, C. e Bargão, P. (2010) – A cerâmica comum de produção local de Monte Molião. *Xelb*. Silves, 10, p. 285-304.

Arruda, A. M. e Vilaça, R. (2006) – O mar greco-romano antes de gregos e romanos: perspectivas a partir do Ocidente Peninsular. In Oliveira, F., Thiercy, P. e Vilaça, R. (coord.s) *Mar Greco-Latino*. Coimbra: Universidade, p. 31-58.

Aubet, M. E. (1975) – *La necrópolis de Setefilla, Lora del Río, Sevilla.* Barcelona: Universidad.

Aubet, M. E. (1976) – La cerámica púnica de Setefilla. *Studia Archaeologica*. Valladolid, 42, p. 19-65.

Aubet, M. E., Carmona, P., Curià, E., Delgado, A., Fernández Cantos, A. e Párraga, M. (1999) – *Cerro del Villar. I. El asentamiento fenício en la desembocadura del rio Guadalhorce y su interacción com el hinterland*. Sevilha: Junta de Andalucía.

Aubet Semmler, M. E., Remedios Serna, M., Escacena, J. L. e Ruiz Delgado, M. (1983) – *La Mesa de Setefilla. Lora del Rio (Sevilla). Campaña de 1979*. Madrid: Ministerio de Cultura (*Excavaciones Arqueologicas en España*, 122).

Balfet, H., Fauvet-Berthelot, M. F. e Monzón, S. (1983) – *Pour la normalization de la déscription des poteries*. Paris: Musée de L´Homme, Laboratoire d´Ethnologie, Département de Technologie Comparée.

Bandera, M. L. de la, Chaves, F., Oria, M., Ferrer, E., García, E. e Mancebo, J. (1993) – Montemolín. Evolución del asentamiento durante el Bronce Final y el Período Orientalizante (Campañas de 1980 y 1981). *Anales de Arqueología Cordobesa*. Córdova, 4, p. 15-48.

Barros, L. (1998) – *Introdução à Pré e Proto-História de Almada*. Almada: Câmara Municipal, Museu Municipal e Núcleo de Arqueologia e História.

Barros, L., Cardoso, J. L. e Sabrosa, A. (1993) – Fenícios na margem sul do Tejo. Economia e integração cultural do povoado de Almaraz – Almada. *Estudos Orientais*. Lisboa, IV, p. 143-181.

Barros, L. e Henriques, F. (2002) – Almaraz, primeiro espaço urbano em Almada. *3º Encontro de Arqueologia Urbana. Actas.* Almada: Câmara Municipal e Divisão de Museus.

Barros, L., Sabrosa, A. e Santos, V. (1994) – Almada. *Informação Arqueológica*. Lisboa, 9, p. 135-136.

Barros, L. e Santo, P. E. (1997) – Gruta Artificial de S. Paulo. In *I Encontro de Arqueologia da Costa Sudoeste. Homenagem a Georges Zbyszewski*. *Setúbal Arqueológica*, Setúbal, 11-12, p. 217-220.

Barros, L. e Soares, A. M. (2004) – Cronologia absoluta para a ocupação orientalizante da Quinta do Almaraz, no estuário do Tejo (Almada, Portugal). *O Arqueólogo Português*. Lisboa, série IV, 22, p. 333-352.

Barros, P. (2005) – Cerâmicas áticas no Circuito do Estreito do Extremo-Ocidente Peninsular: Quinta da Queimada, Ilhéu Rosário, Faro e Tavira. In *El Período Orientalizante. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental. Anejos de Archivo Español de Arqueología.* Mérida: CSIC, vol. II, p. 931-945.

Bechtold, B. e Docter, R. (2010) – Transport amphorae from Punic Carthage: an overview. In *Motya and the Phoenician ceramic repertoire between the Levant and the West. 9th-6th Century B.C.* Roma, p. 85-116.

Beirão, C. M., Gomes, M. V. e Monteiro, J. P. (1979) – *As estelas epigrafadas da I Idade do Ferro do Sul de Portugal*. Setúbal: Museu de Arqueologia e Etnografia do Distrito de Setúbal.

Belén, M., Anglada, R., Escacena, J. L., Jiménez, Lineros, R. e Rodríguez, I. (1997) – *Arqueología en Carmona (Sevilla). Excavaciones en la Casa-Palacio del Marqués de Saltillo*. Sevilha: Junta de Andalucía, Consejería de Cultura.

Belén, M., Fernández-Miranda, M. e Garrido, J. P. (1977) – *Los Origenes de Huelva. Excavaciones en Los Cabezos de San Pedro y La Esperanza. Huelva Arqueológica*. Huelva, vol. III.

Belén, M. e Pereira, J. (1985) – Cerámicas a torno con decoración pintada en Andalucía. *Huelva Arqueológica*. Huelva, 7, p. 307-360.

Bernal Casasola, D. e Lorenzo Martínez, L. (2004) – La tipologia de los hornos béticos en el s. III d.C. Novedades del taller de los Matagallares (Salobreña, Granada). In *Actas del Congreso Internacional Figlinae Baeticae. Tallares alfareros y producciones cerâmicas en la Bética romana (ss. II a.C. – VII d.C.)*. BAR int. ser. Oxford, p. 489-506.

Berrocal Rangel, L. (1994) – *El altar prerromano del Castrejón de Capote. Ensayo etno-arqueológico de un ritual céltico en el Suroeste peninsular.* Madrid: Universidad Autónoma.

Berrocal Rangel, L. (2003) – El instrumental textil en Cancho Roano: consideraciones sobre sus fusayolas, pesas y telares. In Celestino Pérez (ed.) *Cancho Roano IX: Los materiales arqueológicos II.* Mérida: Instituto de Arqueología de Mérida / CSIC e Junta de Extremadura, p. 211-297.

Blázquez, J. M. (1955) – Los carros votivos de Mérida y Almorchín. Su significación religiosa. *Zephyrus*. Salamanca, 6, p. 41-60.

Bugalhão, J. (2001) – *A indústria romana de transformação e conserva de peixe em Olisipo. Núcleo Arqueológico da Rua dos Correeiros*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (*Trabalhos de* Arqueologia, 15).

Bugalhão, Jacinta, Gomes, S., Sousa, M. J., Folgado, D., González Trituré, A., Moreno-garcía, M., Dias, M. I., Prudêncio, M. I. (2008) – Produção e consumo de cerâmica islâmica em Lisboa: conclusões de um projecto de investigação. *Arqueologia Medieva*l. Porto: Edições Afrontamento. 10, p. 113-134.

Cabrera, P. (1987) – Consideraciones en torno a la cerámica ática de fines del siglo V en Extremadura. *Oretum*. Ciudad Real, III, p. 215-221.

Cabrera, P. (1997) – La presencia grega en Andalucia (siglos VI al IV a.C.). In Fernández Jurado, J., Rufete Tomico, P. e Gacía Sanz, C. (eds.), *La Andalucia Ibero-Turdetana (Siglos VI-IV a.C.) (Huelva, 1994)*. *Huelva Arqueológica*. Huelva, XIV, p. 33-59.

Calado, M. (2008) – *Olisipo pré-romana. Um ponto da situação*. Lisboa: Apenas.

Calado, M. e Mataloto, R. (2008) – O post-orientalizante da margem direita do Regolfo de Alqueva (Alentejo Central). In Jiménez Ávila (ed.), *Sidereum Ana I. El rio Guadiana en época post-orientalizante* (*Anejos de Archivo Español de Arqueología*, XLVI). Mérida: Junta de Extremadura, Consorcio de Mérida e CSIC, p. 185-217.

Campos Carrasco, J. M., Vera Reina, M. e Moreno Menayo, M. T. (1988) – *Protohistoria de la ciudad de Sevilla*. *Monografías de Arqueología Andaluza, 1*. Sevilha: Junta de Andalucía e Dirección General de Bienes Culturales.

Cardoso, G. (1991) – *Carta Arqueológica do Concelho de Cascais*. Cascais: Câmara Municipal.

Cardoso, G. e Encarnação, J. (1993) – Sondagem no Espigão das Ruivas. *Al-madan*. Almada, IIa série, 2, p. 150.

Cardoso, G. e Encarnação, J. (1995) – 10ª Campanha na *villa* romana de Freiria (Cascais). *Al-madan*. Almada, IIa série, 4, p. 167.

Cardoso, G. e Encarnação, J. (1996) – 12ª Campanha na *villa* romana de Freiria (S. Domingos de Rana, Cascais). *Al-madan*. Almada, IIa série, 5, p. 197.

Cardoso, G. e Encarnação, J. (1998) – *Villa* romana de Freiria. Campanhas de 1997 e 1998. *Al-madan*. Almada, IIa série, 7, p. 181-182.

Cardoso, G. e Encarnação, J. (2000) – Notas sobre a ocupação proto-histórica na *Villa* Romana de Freiria. *Revista de Guimarães*. Guimarães, n.º especial, p. 741-757.

Cardoso, J. L. (1994) – Comentário ao sítio arqueológico de Outorela (Oeiras). In AAVV, *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia, p. 206.

Cardoso, J. L. (1994b) – Do Paleolítico ao Romano. Investigação arqueológica na área de Lisboa. Os últimos 10 anos: 1984-1993. *Al-madan*. Almada, IIa série, 7, p. 181-182.

Cardoso, J. L. (1995) – O Bronze Final e a Idade do Ferro na Região de Lisboa: um ensaio. *Conimbriga*. Coimbra, XXXIV, p. 33-74.

Cardoso, J. L. (1996) – A Idade do Ferro no concelho de Almada. Estação da Quinta da Torre. *Al-madan*. Almada, IIa série, 5, p. 200.

Cardoso, J. L. (1996b) – Base de subsistência em povoados do Bronze Final e da Idade do Ferro do território português. O testemunho dos grandes mamíferos. In Alarcão, J. (coord.), *De Ulisses a Viriato*. Lisboa: Instituto Português dos Museus.

Cardoso, J. L. (1997-1998) – O povoado do Bronze Final do Castelo dos Mouros (Sintra). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 7, p. 189-217.

Cardoso, J. L. (2000) – Fenícios e indígenas em Rocha Branca, Abul, Alcácer do Sal, Almaraz e Santarém. Estudo comparado dos mamíferos. *Actas del VI Congreso Internacional de Estudios Fenicios y Punicos (Cádiz, 1995)*. Cádiz: Universidad, p. 319-327.

Cardoso, J. L. (2004) – *A Baixa Estremadura dos Finais do IV milénio a.C. até à chegada dos romanos: um ensaio de história regional*. Oeiras: Câmara Municipal (*Estudos Arqueológicos de Oeiras*, 12).

Cardoso, J. L. e Carreira, J. R. (1993) – Le Bronze Final et le début de l´ Âge du Fer dans la région riveraine de l´estuaire du Tage. *Mediterrâneo*. Lisboa, 2, p. 193-206.

Cardoso, J. L. e Carreira, J. R. (1997-1998) – A ocupação de época púnica da Quinta da Torre (Almada). *Estudos Arqueológicos de Oeiras*. Oeiras, 7, p. 189-217.

Cardoso, J. L., Rego, M. e Magalhães, I. (1986) – Jazida da Idade do Ferro da Outorela. *Informação Arqueológica*. Lisboa, 7, p. 51-52.

Caro Bellido, A. (1989) – *Ceramica gris a torno tartesia*. Cádis: Universidade.

Celestino Pérez, S. (1995) – El período orientalizante en Extremadura. *Extremadura Arqueológica*. Cáceres, IV, p. 67-90.

Celestino Pérez, S. (ed.) (1996) – *El palacio-santuario de Cancho Roano V-VI-VII. Los sectores oeste, sur y este*. Badajoz: Junta de Extremadura e B. Gil de Santa Cruz.

Celestino Pérez, S. e Jiménez Ávila, J. (1993) - *El palacio-santuario de Cancho Roano IV. El sector norte.* Badajoz: Junta de Extremadura e B. Gil de Santa Cruz.

Coelho, C. (2000) – A ocupação islâmica do Castelo dos Mouros (Sintra): interpretação comparada. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, vol. 3, 1, p. 207-225.

Correia, V. H. (1988-1989) – A estação da Idade do Ferro do Porto das Lages (Ourique, Beja). *Portugália*. Nova Série. Porto, 9-10, p. 81-92.

Correia, V. H. (1993) – Os materiais pré-romanos de Conímbriga e a presença fenícia no baixo vale do Mondego. *Estudos Orientais*. Lisboa, IV, p. 229-283.

Cuadrado, E. (1953) – Materiales ibéricos: cerámica roja de procedência incierta. *Zephyrus*. Salamanca, IV, p. 265-310.

Cuadrado, E. (1957) – La fíbula anular hispánica y sus problemas. *Zephyrus*. Salamanca, VIII, p. 5-76.

Cuadrado, E. (1962) – Cerámica Astitana de Barniz Rojo. In *VII Congreso Nacional de Arqueología*. Zaragoça, p. 385-408.

Cuadrado, E. (1969) – Origen y desarrollo de la cerâmica de barniz rojo en el mundo tartéssico. In *Tartessos y sus problemas. V Symposium Internacional de Prehistoria Peninsular (Jerez de la Frontera, 1968)*. Barcelona, p. 257-290.

Daveau, S. (1994) – A foz do Tejo, palco da história de Lisboa. In *Lisboa Subterrânea*. Lisboa: Museu Nacional de Arqueologia.

Davis, S. (2006) – *Faunal remains from Alcáçova de Santarém, Portugal*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia e Ministério da Cultura (*Trabalhos de Arqueologia*, 43).

Domínguez, A. J. e Sanchéz, C. (2001) – *Greek pottery from the Iberian Peninsula: Archaic and Classical periods*. Köln: Brill.

Diogo, A. M. D. (1993) – Ânforas pré-romanas dos Chões de Alpompé (Santarém). *Estudos Orientais*. Lisboa, IV, p. 215-227.

Encarnação, G. (1999) – Relatório dos trabalhos arqueológicos efectuados entre Maio e Junho de 1999.

Encarnação, G. (2007) – Moinho da Atalaia Este. Relatório dos trabalhos arqueológicos realizados entre Maio e Julho de 2007.

Encarnação, G. (2007b) – Alfragide Segundo Sul. Relatório dos trabalhos arqueológicos realizados em Junho e Julho de 2006. *Relatórios*. Amadora, 7, p. 3-31.

Encarnação, G. e Costa, J. O. (2008) – Intervenção Arqueológica no Povoado das Baútas (Amadora). Relatório dos trabalhos arqueológicos realizados em 2007.

Enríquez Navascués, J. (1991) – Los restos de la necrópolis de la desembocadura del rio Aljucén dentro del contexto orientalizante extremeño. In *I Jornadas de Prehistoria y Arqueología en Extremadura (1986-1990). Extremadura Arqueológica*. Mérida / Cáceres, II, p. 175-183.

Enríquez Navascués, J., Valdés Fernández, F., Pavón Soldevila, I., Rodríguez Díaz, A. e López del Álamo, P. (1998) – La estratigrafia del «Sector Puerta de Carros – 2» (SPC – 2) de Badajoz y el contexto poblacional del «Valle Medio del Guadiana» en la Edad del Hierro. In Rodríguez Díaz, A. (ed.), *Extremadura Protohistórica: Paleoambiente, Economia y Poblamiento.* Cáceres, p. 157-199.

Escacena Carraco, J. L., Fernández Flores, A. e Rodríguez Azogue, A. (2007) – Sobre El Carambolo: un *hippos* sagrado del Santuario IV y su contexto arqueológico. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid, 80, p. 5-28.

Estrela, S. (2010) – *Os níveis fundacionais da Idade do Ferro de Mesas do Castelinho (Almodôvar). Os contextos arqueológicos na (re)construção do povoado*. Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 volumes. Edição policopiada.

Fabião, C. (1998) – *O Mundo Indígena e a sua Romanização na área céltica do território hoje português*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 3 volumes. Edição policopiada.

Fernandes, R. M. R. (1985) – Ulisses em Lisboa. *Euphrosyne*. Lisboa, nova série, 13, p. 139-161.

Ferreira, M., Jorge, A. e Ramos, R. (2000) – Zara – Rua Augusta (Lisboa). Relatório final da escavação de salvamento arqueológico.

Filipe, V, Calado, M. e Leitão, M. (no prelo) – Evidências orientalizantes na área urbana de Lisboa: o caso dos edifícios na envolvente da Mãe de Água do Chafariz d´El Rei.

Florido, C. (1984) – Ánforas prerromanas sudibéricas. *Habis*. Sevilha, 15, p. 419-436.

Fontes, T. (2004) – Estudo de 145 artefactos cerâmicos da Idade do Bronze do Moinho de Atalaia Oeste (Reboleira) e a problemática das ocupações da Idade do Bronze na área circundante. *ARQA. Património em Revista*. Amadora, 1, p. 52–61.

Freitas, V. (2005) – *As cerâmicas de engobe vermelho do Castelo de Castro Marim. Produção, consumo e comércio na Idade do Ferro Orientalizante Peninsular.* Dissertação de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 volumes. Edição policopiada.

Garrido, J. P. e Orta, E. M. (1978) – *Excavaciones en la necrópolis de «la Joya». Huelva. II (3.ª, 4.ª. e 5.ª campañas).* Madrid: Ministerio de Cultura (*Excavaciones Arqueologicas en España*, 96).

Giammelaro, A. S. (2008) – *I vetri della Sicilia Punica*. Roma: Bonsignori Editore.

Gibson, C., Correia, V. e Burgess, C. (1998) – Alto do Castelinho da Serra (Montemor-o-Novo, Évora, Portugal). A preliminary reporto n the excavacions at the Late Bronze Age to Medieval Site, 1990-1993. *Journal of Iberian Archaeology*. Porto, 0, p. 189-244.

Gomes, E. (2008) – *Os ex-votos proto-históricos do Castelo de Alcácer do Sal*. Tese de mestrado apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2 volumes. Edição policopiada.

Gonçalves, V. (2008) – *As ocupações pré-históricas das Furnas do Poço Velho (Cascais)*. Cascais: Câmara Municipal.

Gracia Alonso, F. (2003) - Las cerámicas áticas del Palacio-Santuario de Cancho Roano. In Celestino Pérez, S. (ed.), *Cancho Roano VIII. Los materiales arqueológicos I*. Mérida: CSIC e Junta de Extremadura, p. 21-194.

Guerra, A. (1998) – *Nomes pré-romanos de povos e lugares do Ocidente Peninsular*. Dissertação de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. Edição policopiada.

Guerrero, V. M. (1991) – El palacio-santuario de Cancho Roano (Badajoz) y la comercializacion de ánforas fenícias indígenas. *Rivista di Studi Fenici*. Roma, vol. XIX, 1, p. 49-81.

Henriques, S. (2006) – *A cerâmica cinzenta da Idade do Ferro da Quinta do Almaraz (Almada, Cacilhas)*. Dissertação de mestrado em Pré-História e Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 1 volume. Edição policopiada.

Hernández Carretero, A. M. (1996) – *Estudio de las relaciones culturales durante la II Edad del Hierro en la cuenca media del Guadiana: la ceramica gris*. Cáceres: Fundicot-Extremadura e Consejeria de Cultura y Patrimonio de la Junta de Extremadura.

Jiménez Ávila, J. e Ortega Blanco, J. (2004) – *La cerâmica griega en Extremadura*. Mérida: Museo Nacional de Arte Romano.

Jiménez Ávila, J. e Ortega Blanco, J. (2008) – El poblamiento en llano del Guadiana Medio durante el período post-orientalizante. *In* Jiménez Ávila (ed.), *Sidereum Ana I. El rio Guadiana en época post-orientalizante*. *Anejos de Archivo Español de Arqueología,* XLVI. Mérida: Junta de Extremadura, Consorcio de Mérida e CSIC, p. 251-281.

Jiménez Ávila, J., Ortega Blanco, J. e López-Guerra, A. (2007) – El Poblado de "El Chaparral" (Aljucén) y el asentamiento del Hierro Antiguo en la Comarca de Mérida. In *Excavaciones Arqueológicas em Mérida. Memoria 2002*. Mérida, 8, p. 457-485.

Jodin, A. (1966) – *Mogador, comptoir phénicien du Maroc Atlantique.* Tanger (*Études et Travaux d´Archéologie Marocaine*, vol. II). Tanger.

Kahanov, Y. (2004) – Boat models from Tomb N.1. *In* Mazar, E., *The Phoenician Family Tomb N.1 at the Northern Cemetery of Achziv (10th – 6th centuries BCE)*. Barcelona: Universidade Pompeu Fabra (*Cuadernos de Arqueología Mediterránea,* n.º 10).

Lamboglia, N. (1952) – Per una classificazione preliminare dell cerâmica campana. In *Atti del I Congreso Internazionale di Studi Liguri (Bordiguera, 1950)*. Bordiguera: Instituto Internazionale di Studi Liguri, p. 139-206.

Lautensach, H. (1987) – As características fundamentais da geomorfologia. In Ribeiro, O., Lautensach, H. e Daveau, S., *Geografia de Portugal: I. A posição geográfica de Portugal*. Lisboa: Edições João Sá da Costa, p. 5-165.

Leeuwaarden, W. e Janssen, C. R. (1985) – A preliminary palynological study of peat deposit near an oppidum in the lower Tagus valley. In *Actas da I Reunião do Quaternário Ibérico*. Lisboa. 2, p. 225-235.

López Pardo, F. (1996) – Informe preliminar sobre el estúdio del material cerâmico de la factoría fenícia de Essaouira (antiga Mogador). *Homenaje al Profesor Manuel Fernández-Miranda. Complutum Extra*. Madrid, 6, vol. I, p. 359-367.

Lorrio, A. J. (1988-1989) – Cerámica gris orientalizante de la necrópolis de Medellín (Badajoz). *Zephyrus*. Salamanca, XLI-XLII, p. 283-314.

Gonçalves, J. L. (1983) – Moinho da Atalaia. *Informação Arqueológica*. Lisboa, 3, p. 36-39.

Maass-Lindemann, G. (1982) – Toscanos. Die westphönizische Niederlassung na der Mündung dês Río Vélez. Grabungskampagne 1971 und die importdatierte wetphönikische Grabkeramik dês 7./6.Jhs. v. Chr. Berlim (*Madrider Forschungen*, 6).

Maass-Lindemann, G. (1983) – Chorreras 1980. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg, 24, p. 76-103.

Maass-Lindemann, G. (1986) – Vasos fenícios de los siglos VIII-VI en España. Su procedência y posición dentro del mundo fenício occidental. In Olmo, G. e Aubet, M. E., *Los fenícios en la Peninsula Ibérica*. Barcelona, p. 227-239.

Maass-Lindemann, G. (1990) – Orientalische Importe vom Morro de Mezquitilla. *Madrider Mitteilungen*. Heidelberg, 31, p. 169-177.

Maass-Lindemann, G. (1997) – La primera fase de la colonización fenícia en España según los hallazgos del Morro de Mezquitilla. In Aubet, M. E. (coord.) – *Los fenícios en Málaga*. Málaga: Universidad, p. 63-86.

Maia, M. (1986) – Neves II e a «Facies» Cultural de Neves-Corvo. *Arquivo de Beja*, 2-3, p. 23-42.

Maier, J. (1992) – La necropolis de "La Cruz del Negro" (Carmona, Sevilla): excavaciones de 1900 a 1905. *Cuadernos de Prehistoria y Arqueología.* Madrid, 19, p. 95-141.

Maluquer de Motes, J. (1981) – *El santuaio protohistorico de Zalameade la Serena*. Barcelona.

Maluquer de Motes, J. (1982-1985) – En torno al comercio protohistórico terrestre y marítimo griego en el Sudeste. *VI Congreso Internacional de Arqueología Submarina*. Cartagena/Madrid, p. 475-482.

Maluquer de Motes, J. (1986) – La dualidad comercial fenicia y griega en Occidente. *Aula Orientalis*. Barcelona, 4, p. 203-210.

Mañá, J. M. (1951) – Sobre tipologia de ánforas púnicas. In *VI Congreso Arqueológico del Sudeste Español*. Cartagena, p. 203-210.

Mancebo Dávalos, J. (1996) – La cerámica de barniz o engobe rojo de la Cuenca Baja del Guadalquivir. *Tabona*. La Laguna, IX, p. 353-378.

Maniatis, Y., Jones, R. E., Whitbread, I. K., Kostikas, A., Simopoulos, A., Karakalos, C., Williams, C. K. (1984) – Punic amphoras found at Corinth, Greece: an investigation of their origin and technology. *Journal of Field Archaeology*. Boston, 11-2, p. 205-222.

Marques, G. (1982-83) – Aspectos da proto-história do território português. II – Povoado de Santa Eufémia (Sintra). *Sintria*. Sintra, 1/2, p. 59-88.

Marques, G. e Andrade, G. M. (1974) – Aspectos da Proto-História do território português. In *Actas do III Congresso Nacional de Arqueologia*. Porto, p. 125-148.

Martín Córdoba, E., Ramírez Sánchez, J., Recio Ruiz, A. e Moreno Aragües, A. (2005) – Nuevos yacimientos fenícios en la costa de Vélez – Málaga. *Ballix*. Málaga, 3, p. 7-46.

Mataloto, R. (2000) – *Um "monte" da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa – ruralidade e povoamento no Iº milénio a.C. do Alentejo Central.* Dissertação de mestrado em Pré-História e Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 volumes. Edição policopiada.

Mataloto, R. (2004) - *Um "monte" da Idade do Ferro na Herdade da Sapatoa – ruralidade e povoamento no Iº milénio a.C. do Alentejo Central.* In *Trabalhos de* Arqueologia, 37. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia.

Mataloto, R., Langley, M. e Boaventura, R. (2008) – A necrópole sidérica de Torre de Palma (Monforte, Portugal). *In* Jiménez Ávila (ed.), *Sidereum Ana I. El rio Guadiana en época post-orientalizante*. Mérida: Junta de Extremadura, Consorcio de Mérida e CSIC, p. 283-303 (*Anejos de Archivo Español de Arqueología*, XLVI).

Mayet, F. e Silva, C. T. (2005) – *Abul. Fenícios e Romanos no vale do Sado.* Setúbal: MAEDS e Assembleia Distrital.

Miguez, J. (2010) – *As fíbulas do Sudoeste da Península Ibérica enquanto marcadores étnicos: o caso de Mesas do Castelinho.* Dissertação de mestrado em Pré-História e Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 volumes. Edição policopiada.

Miranda, J. e Encarnação, G. (2010) – Baútas – Povoado. Trabalhos arqueológicos de emergência efectuados em 1989 e 1990. *Relatórios*. Amadora, 8, p. 3-23.

Miranda, J., Encarnação, G., Viegas, J. C., Rocha, E. e Gonzalez, A. (1999) – *Carta Arqueológica do Concelho da Amadora. Do Paleolítico ao Romano*. Amadora: Câmara Municipal.

Molina, F., Mendoza, A., Saéz, L., Arteaga, O., Aguayo, P. e Roca, M. (1983) – Nuevas aportaciones para el estudio del origen de la cultura ibérica en la alta Andalucía. La campaña de 1980 en el Cerro de los Infantes. *XVI Congreso Nacional de Arqueología, Murcia-Cartagena 1982*. Saragoça: Secretaría General de los congresos Arqueológicos Nacionales, p. 689-707.

Muñoz Vicente, A. (1987) – Las ânforas prerromanas de Cádiz (informe preliminar). *Anuário Arqueológico de Andalucía – 1985*. Sevilha, II, p. 471-478.

Muñoz Vicente, A., Frutos Reyes, G., Berriatúa Hernández, N. (1988) – Contribuición a los origenes y difusión comercial de la industria pesquera y conservera gaditana a través de las recientes aportaciones de las factorías de salazones de la Bahía de Cádiz. *Actas del I Congreso Internacional El Estrecho de Gibraltar (Ceuta, 1987)*. Madrid, I, p. 487-508.

Negueruela, I. (1979-1980) – Sobre la cerámica de engobe rojo en España. *Habis*. Sevilha, X-XI, p. 335-359.

Nigro, L. (ed.) (2007) – *Mozia – XII. Zona D. La "Casa del sacello domestico", il "Basamento meridionale" e il Sondaggio stratigrafico I*. Roma: Università degli Studi di Roma «La Sapienza».

Niveau de Villeday y Mariñas, A. M. (2003) – *Las Cerámicas Gaditanas "Tipo Kuass". Bases para el análisis de la Bahía de Cádiz en época púnica*. Cádiz: Universidad.

Oliveira, C. (2006) – *A cerâmica manual do Castelo de Castro Marim (século IX a III a.n.e.)*. Dissertação de mestrado em Pré-História e Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 volumes. Edição policopiada.

Pascual, R. (1974) – Sobre tipologia de ánforas púnicas. *Informació Arqueologica*. Barcelona, p. 1-9.

Pavón Soldevila, I., Rodríguez Díaz, A. e Enríquez Navascués, J. (1998) – El poblamiento protohistórico en el Tajo médio: excavaciones de urgência en el Risco y Aliseda (Cáceres). In Rodríguez Díaz, A. (ed.), *Extremadura Protohistórica: Paleoambiente, Economia y Poblamiento.* Cáceres, p. 121-156.

Pedro, I., Vaz, J. L. I. e Adolfo, J. (1994) – *Roteiro Arqueológico da região de turismo Dão Lafões*. Viseu.

Pellicer Catalán, M. (1968) – Las primitivas cerámicas a torno pintadas hispanas. *Archivo Español de Arqueología*. Madrid, 41, p. 60-90.

Pellicer Catalán, M. (1978) – Tipología y cronologia de las ânforas preromanas del Guadalquivir según el Cerro Macareno (Sevilla). *Habis*. Sevilha, 9, p. 365-400.

Pellicer Catalán, M., Escacena Carrasco, J. L. e Bendala Galán, M. (1983) – *El Cerro Macareno*. *Excavaciones Arqueologicas en España.* Madrid: Ministério de Cultura.

Perdigones Moreno, L. e Muñoz Vicente, A. (1990) – Excavaciones arqueológicas de urgencia en los hornos púnicos de Torre Alta, San Fernando, Cádiz. *Anuario Arqueológico de Andalucía*. Sevilha, III, p. 106-112.

Pereira, A. R. (2003) – Geografia física e Ambiente – Diversidade do Meio Físico e Recursos Naturais. *Atlas da Área Metropolitana de Lisboa*. Lisboa, p. 47-65.

Pereira, I. (1993) – Figueira da Foz. Santa Olaia. *Estudos Orientais*. Lisboa, IV, p. 285-304.

Pereira, I. (1997) – Santa Olaia et le commerce atlantique. In *Itineraires Lusitaniennes*, p. 209-253. Paris: Editions de Boccard.

Pereira, I. (2009) – As actividades metalúrgicas na I.ª e II.ª Idade do Ferro em Santa Olaia, Figueira da Foz. *Conímbriga*. Coimbra, XLVIII, p. 61-79.

Pereira. M. A. H. (1975) – Objectos egípcios do Porto do Sabugueiro (Muge). *Conimbriga*. Coimbra, 14, p. 173-175.

Pereira, T. (2008) – *Os artefactos metálicos do Castelo de Castro Marim na Idade do Ferro e em Época Romana*. Dissertação de mestrado em Pré-História e Arqueologia, apresentada à Faculdade de Letras da Universidade de Lisboa. 2 volumes. Edição policopiada.

Pimenta, J. (2005) – *As ânforas romanas do Castelo de São Jorge (Lisboa)*. Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (*Trabalhos de Arqueologia*, 41).

Pimenta, J., Calado, M. e Leitão, M. (2005a) – Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa: as ânforas da sondagem n.º 2 da Rua de São João da Praça. *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, vol. 8, 2, p. 313-334.

Pimenta, J., Calado, M. e Leitão, M. (2005b) – Novos dados sobre a ocupação pré-romana da cidade de Lisboa. A intervenção da Rua de São João da Praça. *http://www.exofficinahispana.org/Articulos%20y%20Comunicaciones/BO0081.pdf*

Pimenta, J. e Mendes, H. (2008) – Descoberta do povoado pré-romano de Porto do Sabugueiro (Muge). *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, vol. 11, 2, p. 171-194.

Pimenta, J. e Mendes, H. (no prelo) – Novos dados sobre a presença "fenícia" no Vale do Tejo. As recentes descobertas na área de Vila Franca de Xira.

Pinto, C. V. e Parreira, R. (1978) – Contribuição para o estudo do Bronze Final e do Ferro Inicial a norte do Estuário do Tejo. In *Actas das III Jornadas da Associação dos Arqueólogos Portugueses* (1977). Lisboa, p. 147-163.

Pinto, I. V. (2003) – *A cerâmica comum das Villae romanas de São Cucufate (Beja)*. Lisboa: Universidade Lusíada.

Ponsich, M. (1968) – Alfarerias de época fenícia y púnica en Kuass (Arcila, Marruecos). *Papeles del Laboratorio de Arqueologia de Valencia*. Valencia, 4, p. 3-25.

Ponte, S. (1979) – Les fibules. In Alarcão, J. e Etienne, R., *Fouilles de Conimbriga*. *VII. Trouvailles Diverses.* Paris: Editions de Boccard, p. 109-126.

Ponte, S. (1982-1983) – Algumas fíbulas dos concelhos de Sintra, Cascais, Amadora e Alenquer. *Sintria*. Sintra, 1/2, p. 107-116.

Ponte, S. (1985) – Algumas fíbulas de Alcácer do Sal. *O Arqueólogo Português*. Lisboa, série IV, 3, p. 137-154.

Ponte, S. (2001) – *Corpus Signorum das fíbulas proto-históricas e romanas de Portugal.* Tese de doutoramento apresentada à Faculdade de Letras da Universidade do Porto. 2 volumes. Edição policopiada.

Ramon Torres, J. (1995) - *Las ânforas fenício-púnicas del Mediterráneo central e occidental*. Barcelona: Universitat.

Ramon Torres, J., Sáez Espligares, A., Sáez Romero, A. e Muñoz Vicente, A. (2007) – *El taller alfarero tardoarcaico de Camposoto* (San Fernando, Cádiz). Sevilha: Junta de Andalucía.

Ribera Lacomba, A. (1982) – *Las anforas prerromanas valencianas (fenícias, ibéricas y púnicas)*. Valência: Diputación.

Rocha, A. dos S. (1908) – Memórias e explorações arqueológicas II. Estações pré-romanas da Idade do Ferro nas vizinhanças da Figueira. *Portugália*. Porto, 2, p. 302-356.

Rodero, A. (1981) – Tharros VII. Ánforas de la campaña de 1980. *Rivista di Studi Fenici*. Roma, IX, p. 57-67.

Rodríguez Díaz, A. ed. (2004) – *El edifício protohistórico de «La Mata» (Campanario, Badajoz) y su estúdio territorial*. Cáceres.

Rodríguez Díaz, A. e Ortiz Romero, P. (1998) – La Mata de Campanario (Badajoz): un nuevo ejemplo de «Arquitectura de Prestigio» en la cuenca media del Guadiana. In Rodríguez Díaz, A. (ed.), *Extremadura Protohistórica: Paleoambiente, Economia y Poblamiento.* Cáceres, p. 201-246.

Rodriguez Díaz, A., Ortiz Romero, P. e Pavón Soldevilla, I. (2000) – El complejo arqueológico de la Mata (Campanario, Badajoz) en el contexto socioeconómico del postorientalizante extremeño. In *Ibers. Agricultors, artesans i comerciants. III Reunión sobre Economía en el Mon Ibéric. Saguntum – Extra*. Valencia, 3, p. 101-107.

Rodríguez Díaz, A. e Pavón Soldevila, I. (1999) – *El poblado protohistórico de Aliseda (Cáceres). Campaña de 1995.* Cáceres: Ayuntamiento de Aliseda.

Roos, A. M. (1982) – Acerca de la antigua cerámica gris a torno de la Península Ibérica. *Ampúrias*. Barcelona, 44, p. 43-70.

Rouillard, P., Gailledrat, E. e Sala Sellés, F. (2007) – *L´établissement protohistorique de La Fonteta (fin VIIIe – fin VIe siècle av. J.-C.)*. Madrid: Casa de Velázquez.

Rufete Tomico, P. (1988-89) – Las ceramicas com engobe rojo de Huelva. *Huelva Arqueologica*, vol. X-XI, 3, p. 10-40.

Rufete Tomico, P. (2002) – El Final de Tartessos y el período turdetano en Huelva. *Huelva Arqueológica*. Huelva. 17.

Ruiz Mata, D. (1993) – Los fenícios de época arcaica – siglos VIII/VII a.C. – en la bahia de Cadiz. Estado de la cuestion. *Estudos Orientais*. Lisboa, IV, p. 23-72.

Ruiz Mata, D. (1997) – Fenicios, Tartesios y Turdetanos. In Fernández Jurado, J., Rufete Tomico, P. e García Sanz, C. (eds.), *La Andalucía Ibero-turdetana (Siglos VI-IV a.C.)*. *Huelva Arqueológica*. Huelva, XIV, p. 33-59.

Ruiz Mata, D. e Pérez Pérez, C. (1995) – *El poblado fenício del Castillo de Doña Blanca (El Puerto de Santa María, Cádiz)*. Cádiz: Biblioteca de Temas Portuenses.

Sabrosa, A. e Raposo, J. (1993) – Arqueologia em Almada: a acção do Centro de Arqueologia. In *Actas das Ias Jornadas de Estudos sobre o concelho de Almada*. Almada: Câmara Municipal e Divisão de Museus, p. 33-37.

Sanchéz, C. (1992) – Las copas tipo Cástulo en la Península Ibérica. *Trabajos de Prehistoria*. Madrid, 42, p. 327-333.

Schubart, H. (1976) – Westphonizische teller. *Rivista di Studi Fenici*. Roma, IV, p. 179-196.

Schubart, H. e Maass-Lindemann, G. (2007) – *Toscanos 1967-1984*. Berlim: Walter de Gruyter & Co.

Schüle, W. (1969) – *Die Meseta-Kulturen. Der Iberischen Halbinsel*. Berlim: Walter de Gruyter y C&. Berlim (*Madrider Forschungen*, 3).

Serrão, E. C. e Vicente, E. P. (1980) – A sepultura do Rei Mouro (uma estação da Idade do Ferro) – Negrais (Sintra). *Arqueologia*. Porto, 1, p. 28-35.

Silva, C. T. e Soares, J. (1984) – Na procura das origens de Setúbal. *Al-madan*. Almada, Ia série, 3, p. 2-6.

Silva, C. T., Soares, J., Beirão, C. M., Dias, L. F., Coelho-Soares, A. (1980-1981) – Escavações arqueológicas no Castelo de Alcácer do Sal (campanha de 1979). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal, 6-7, p. 149-218.

Simões, T. (1999) – *O sítio neolítico de São Pedro de Canaferrim, Sintra: contribuições para o estudo da Península de Lisboa.* Lisboa: Instituto Português de Arqueologia (*Trabalhos de Arqueologia*, 12).

Soares, A. M. (2004) – *Variabilidade do «upwelling» costeiro durante o holocénico nas margens atlânticas ocidental e meridional da Península Ibérica*. Dissertação de Doutoramento apresentada na Faculdade de Ciências do Mar e do Ambiente da Universidade do Algarve. Edição policopiada.

Soares, J. (1996) – Museu de Arqueologia e Etnografia do distrito de Setúbal. Intervenções arqueológicas/1996. *Al-madan*. Almada, IIa série, 5, p. 196.

Soares, J. e Silva, C. T. (1979) – Cerâmica pré-romana de Miróbriga (Santiago do Cacém). *Setúbal Arqueológica*. Setúbal, V, p. 159-184.

Soares, J. e Silva, C. T. (1986) – Ocupação pré-romana de Setúbal: Escavações arqueológicas na Travessa dos Apóstolos. *Trabalhos de Arqueologia (Actas do I Encontro Nacional de Arqueologia Urbana)*. Lisboa, 3, p. 87-101.

Sousa, E. (2009) – *A cerâmica de tipo Kuass no Algarve: os casos de Castro Marim e Faro.* Lisboa: Centro de Arqueologia da Universidade de Lisboa.

Sousa, E. e Arruda, A. M. (2010) – A gaditanização do Algarve. *Mainake.* Málaga, 32 (II), p. 951-974.

Tarradell, M. (1958) – Notas acerca de la primera época de los fenícios en Marruecos. *Tamuda*. Rabat, VI, p. 71-88.

Tarradell, M. (1960) – Nuevos datos sobre la cerámica prerromana de barniz rojo. *Hesperis-Tamuda*. Rabat, I-2, p. 235-252.

Torres Ortíz, M. (2002) – *Tartessos*. Madrid: Real Academia de la Historia.

Torres Ortíz, M. (2005) – Una colonización tartésica en el interfluvio Tajo-Sado durante la Primera Edad del Hierro? *Revista Portuguesa de Arqueologia*. Lisboa, vol. 8, 2, p. 193-213).

Torres Ortíz, M. (2008a) – Urnas o *pithoi* de tipo «Loring». *In* Almagro-gorbea (dir.), *La necrópolis de Medellín. II. Estudio de los Hallazgos*. Madrid: Real Academia de la Historia, p. 655-657.

Torres Ortíz, M. (2008b) – Vasos «a chardón». *In* Almagro-gorbea (dir.), *La necrópolis de Medellín. II. Estudio de los Hallazgos*. Madrid: Real Academia de la Historia, p. 658-662.

Trías, G. (1967) – *Cerámicas griegas de la Península Ibérica*. Valência.

Vallejo Sánchez, J. I. (2005a) – Las cerâmicas grises orientalizantes de la Península Ibérica. *Anejos de Archivo Español de Arqueologia. Actas del III Simposio Internacional de Arqueología de Mérida: Protohistoria del Mediterráneo Occidental*. Mérida, II, p. 1149-1172.

Vallejo Sánchez, J. I. (2005b) – Fenicios e indígenas en el Suroeste de la Península Ibérica: la cerâmica gris orientalizante del Castillo de Doña Blanca. *Atti del V Congresso Internazionale di Studi Fenici e Punici*. Palermo: Università degli Studi di Palermo, p. 1161-1170.

Vigie, B. (1980) – Les representations de bateaux dans le bassin mediterraneen aux temps protohistoriques. In *Navigation et gens de mer en Mediterranee de la Préhistoire à nos jours*. Paris: Centre National de la Recherche Scientifique, p. 17-32.

Villada Paredes, F., Ramon Torres, J. e Suárez Padilla, J. (2010) – *El asentamiento protohistórico de Ceuta. Indígenas y fenícios en la orilla norteafricana del Estrecho de Gibraltar.* Ceuta: Archivo General de Ceuta.

Villar, F. (2000) – *Indoeuropeus y no indoeuropeus en la Hispania Prerromana*. Salamanca: Universidad.

Vuillemot, G. (1965) – Le nécropole punique du Phare dans l´ile de Rachgoun (Oran). *Libyca*. Argel, III, p. 7-76.

Zbyszewski, G., Pereira, O. V. e Santos, M. C. (1968) – Acerca do campo fortificado de "Chões" de Alpompé (Santarém). *O Arqueólogo Português*. Lisboa, 3ª série, 2, p. 49-57.

Estampas

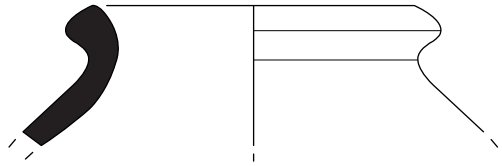
Legenda

Castanho

Violáceo

Vermelho

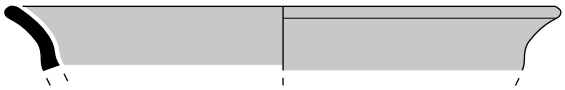
Branco



2427



2383



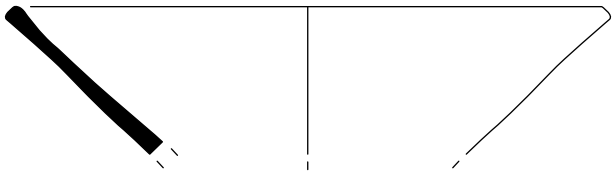
2351



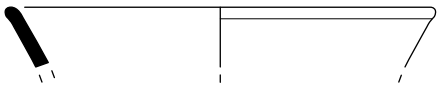
2316



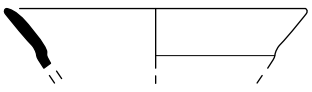
2344



2343



2346



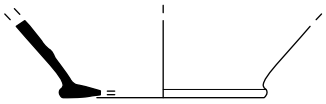
2425



2426

10 cm

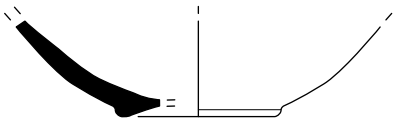
Est. 1 - Rua dos Correeiros - sector 1NE Área 1 - camada 8/120 e 120: ânforas da variante 1Ac (2427) e 1Cc (2383); cerâmica de engobe vermelho da variante 2Ca (2351); cerâmica cinzenta da variante 1Aa (2316, 2344), 1Ab (2343, 2346), 3Aa (2425) e 3Ba (2426).



2347



2348



2349



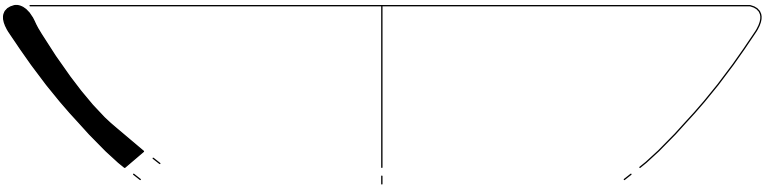
2370



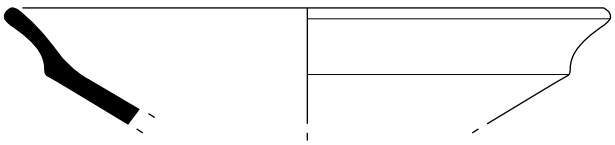
2367



2294



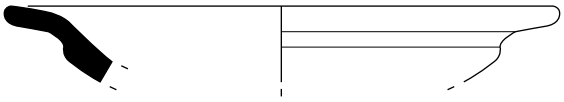
2376



2291

10 cm

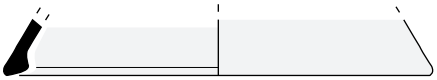
Est. 2 - Rua dos Correeiros - sector 1NE Área 1 - camada 8/120 e 120: fundos de cerâmica cinzenta (2347, 2348, 2349); cerâmica comum da variante 1Aa (2370), 1Ab (2367, 2294), 1Ae (2376) e 1Bc (2291).



2377



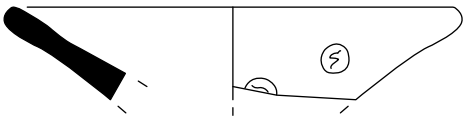
2374



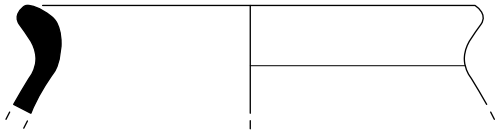
2365



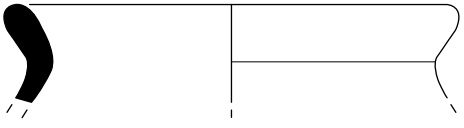
2366



2393



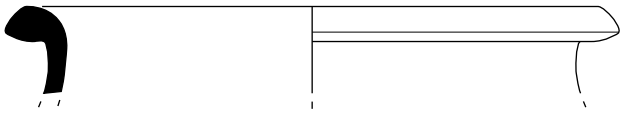
2323



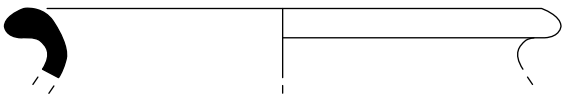
2361

10 cm

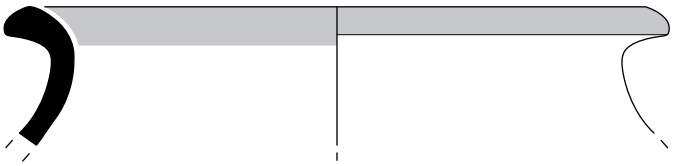
Est. 3 - Rua dos Correeiros - sector 1NE Área 1 - camada 8/120 e 120: cerâmica comum da variante 3Ae (2377), 3Ba (2374), 7Ac (2365), 7Ad (2366), 8Aa (2393) e 10Aa (2323, 2361).



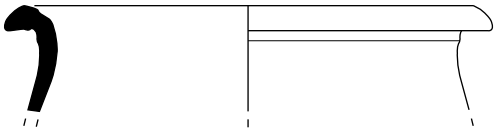
2299



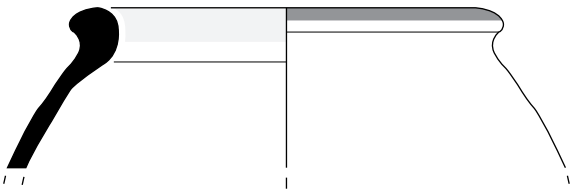
2300



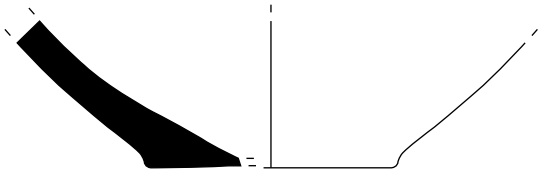
2290



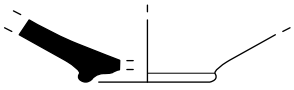
2379



2327



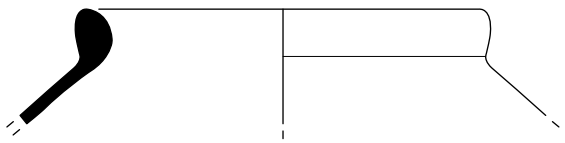
2292



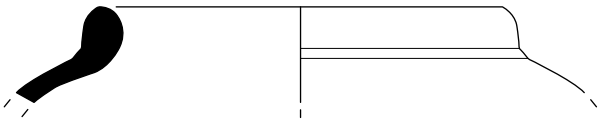
2319

10 cm

Est. 4 - Rua dos Correeiros - sector 1NE Área 1 - camada 8/120 e 120: cerâmica comum da variante 10Bb (2299, 2300), 10Cb (2290), 10Da (2379), 10Hc (2327) e fragmentos de fundo (2292, 2319).



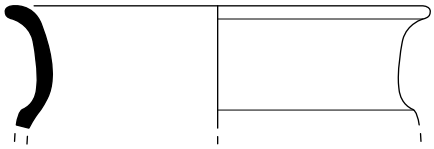
2463



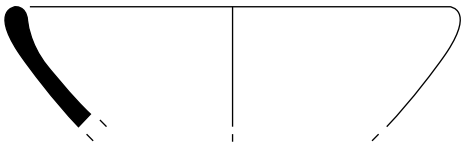
2417



2438



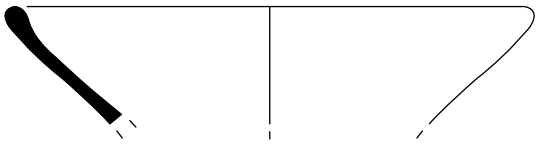
2829



2409



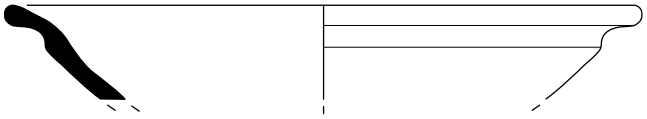
2412



2410



2459



2458



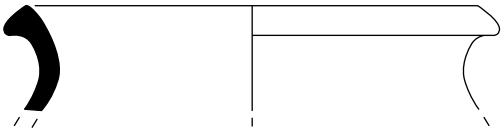
2406

10 cm

Est. 5 - Rua dos Correeiros - sector 1NE Área 4 - camada 110: ânforas da variante 1Bb (2463) e 1Db (2417); cerâmica cinzenta da variante 3Ba (2438) e 4Ba (2829); cerâmica comum da variante 1Aa (2409, 2412, 2410), 1Ab (2459), 1Bc (2458) e 8Aa (2406).



2460



2413



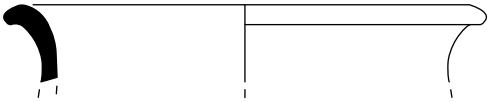
2416



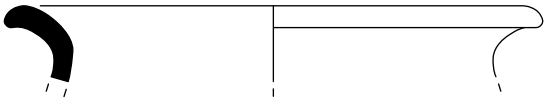
2415



2462



2414



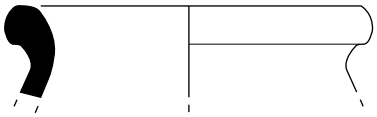
2461



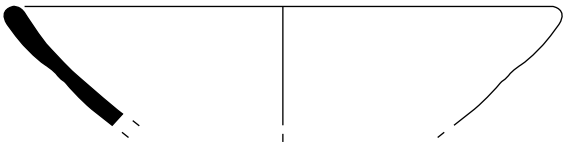
2418

10 cm

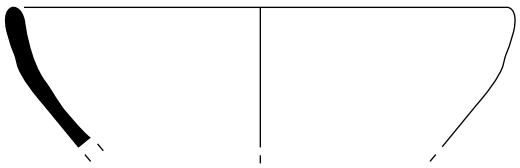
Est. 6 - Rua dos Correeiros - sector 1NE Área 4 - camada 110: cerâmica comum da variante 10Aa (2460), 10Ba (2413, 2416), 10Bb (2415), 10Cb (2462, 2414, 2461) e fragmento de fundo (2418).



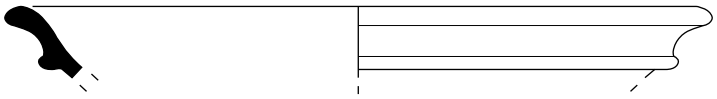
2480



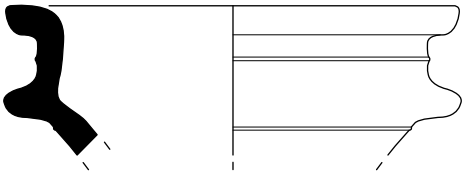
2576



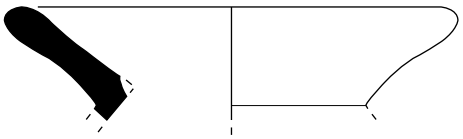
2574



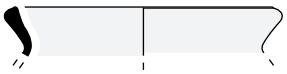
2577



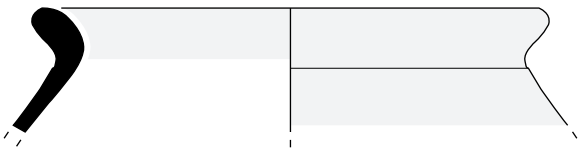
2592



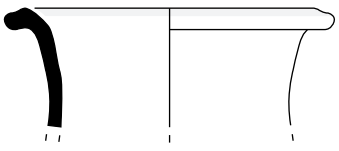
2475



2583



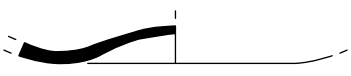
2579



2581



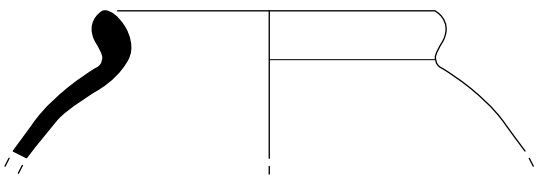
2569



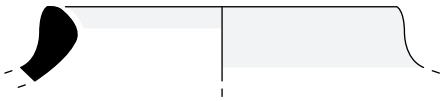
2568

10 cm

Est. 7 - Rua dos Correeiros - sector 1NE Área 2 - camada 60/121: ânfora da variante 1Aa (2480); cerâmica comum da variante 1Aa (2576, 2574), 1Ba (2577), 6Ba (2592), 8Aa (2475), 9Ab (2583), 10Aa (2579), 11Ba (2581) e fragmentos de fundo (2569, 2568).



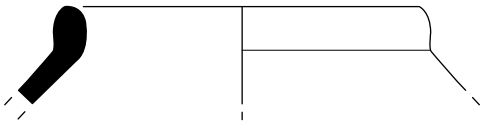
1945



2142



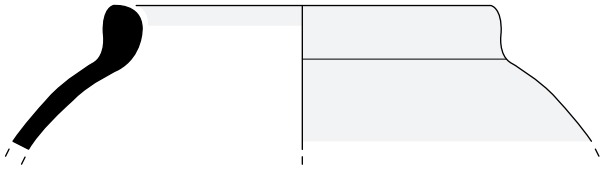
2141



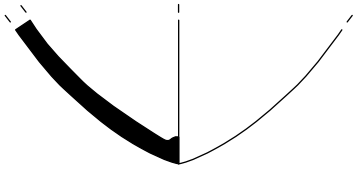
2143



1944



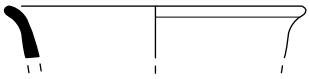
1946



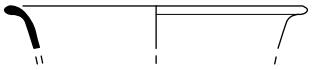
2181

10 cm

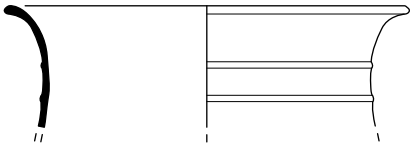
Est. 8 - Rua dos Correeiros - sector 1NE Área 2 - camada 65/124: ânforas da variante 1Ba (1945), 1Cb (2142), 1Da (2141), 1Db (2143, 1944), 1Dc (1946) e fragmento de fundo (2181).



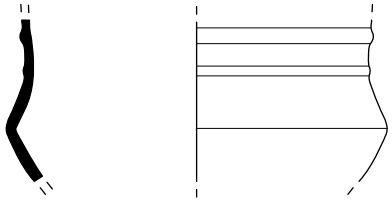
2132



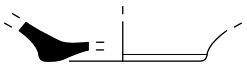
2134



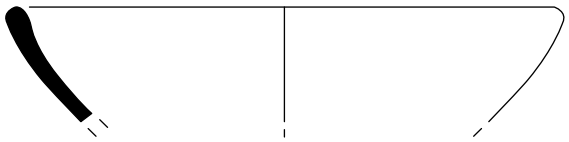
2133



2139



2140



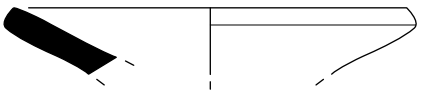
1959



2167



2168



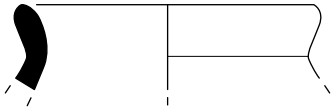
1958



2086



2185



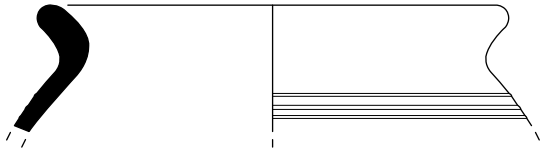
2154

10 cm

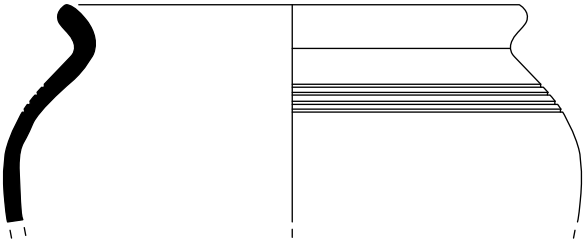
Est. 9 - Rua dos Correeiros - sector 1NE Área 2 - camada 65/124: cerâmica cinzenta da variante 3Aa (2132), 3Ba (2134), 4Aa (2133) e fragmento de fundo (2140); cerâmica comum da variante 1Aa (1959, 2167, 2168), 8Aa (1958, 2086, 2185) e 9Aa (2154).



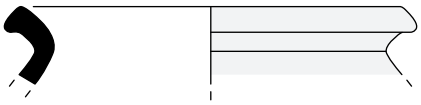
2147



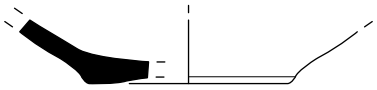
1956



2145



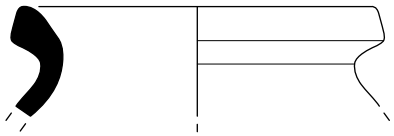
2159



2173

10 cm

Est. 10 - Rua dos Correeiros - sector 1NE Área 2 - camada 65/124: cerâmica comum da variante 10Aa (2147), da sub-variante 10Aa.1 (1956, 2145), da variante 10Ba (2159) e fragmento de fundo (2173).



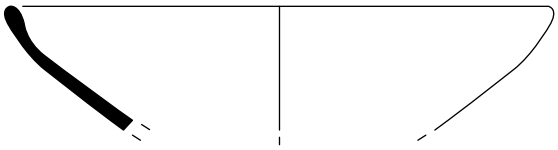
2218



2241



2240



2212



2211



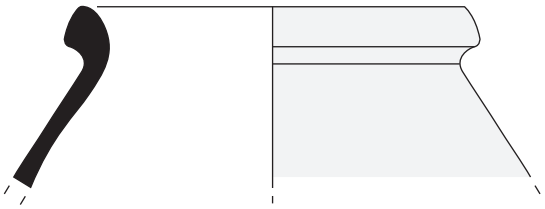
2238



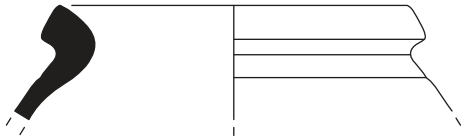
2229

10 cm

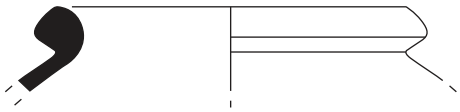
Est. 11 - Rua dos Correeiros - sector 1NE Área 2 - camada 64: ânfora da variante 1Ab (2218); cerâmica cinzenta da variante 1Aa (2241) e 1Ab (2240); cerâmica comum da variante 1Aa (2212, 2211), 8Aa (2238) e fragmento de fundo (2229).



4777



2482



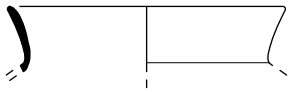
2088



2063



2245



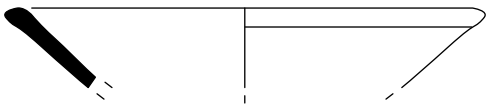
2040



2093



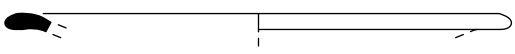
2066



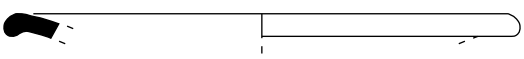
2248



2069



2045

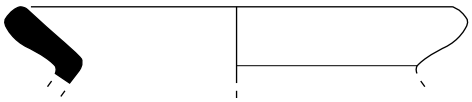


2051



10 cm

Est. 12 - Rua dos Correeiros - sector 1NE Área 2 - camada 67/123: ânforas da variante 1Ab (4777, 2482), 1Ac (2088) e 1Bb (2063); cerâmica cinzenta da variante 1Aa (2245) e 3Ba (2040); cerâmica comum da variante 1Aa (2093, 2066, 2248, 2069) e 3Ba (2045, 2051).



1986



2086



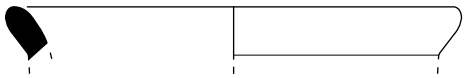
2059



2071



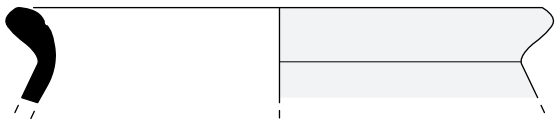
2052



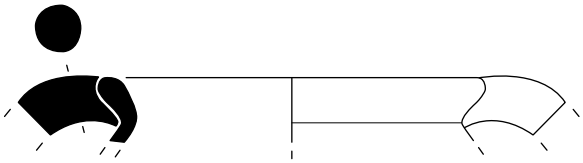
2062



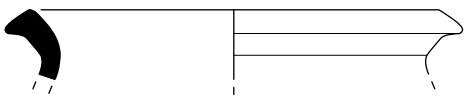
2056



2083



2061



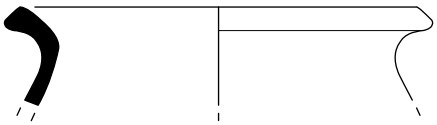
2049



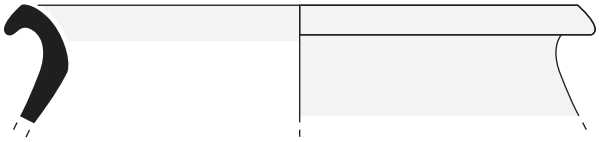
2050

10 cm

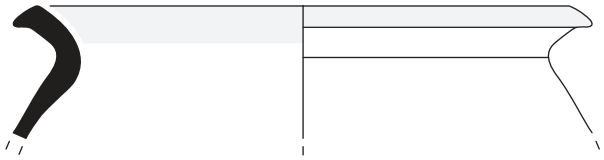
Est. 13 - Rua dos Correeiros - sector 1NE Área 2 - camada 67/123: cerâmica comum da variante 8Aa (1986, 2086, 2059), 9Aa (2071), 9Ac (2052), 10Aa (2062, 2056, 2083), sub-variante 10Aa.2 (2061) e variante 10Ba (2049, 2050).



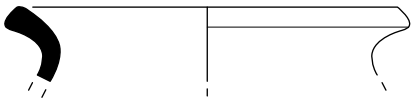
2048



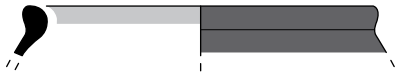
2091



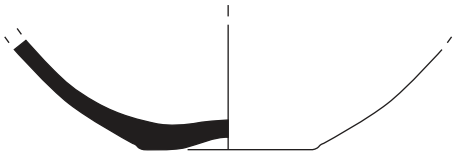
2484



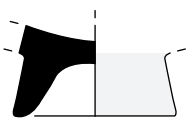
2027



1978



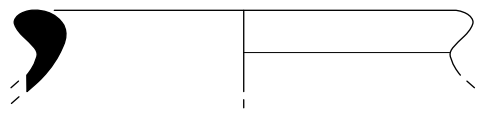
2096



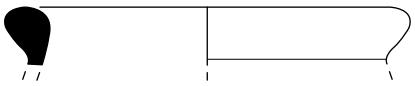
2073

10 cm

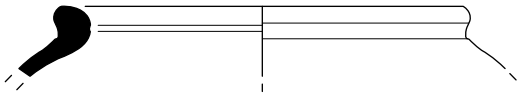
Est. 14 - Rua dos Correeiros - sector 1NE Área 2 - camada 67/123: cerâmica comum da variante 10Ba (2048, 2091, 2484), 10Cb (2027), 10Fa (1978) e fragmentos de fundo (2096, 2073).



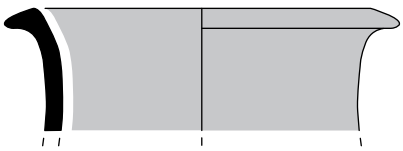
1985



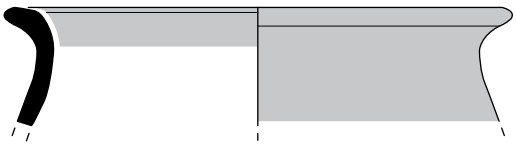
1991



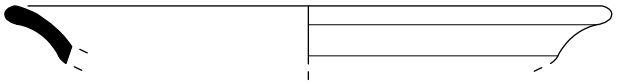
1977



1987



1988



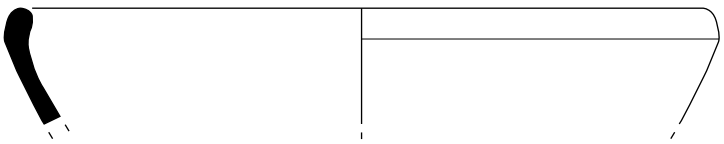
1981



1980



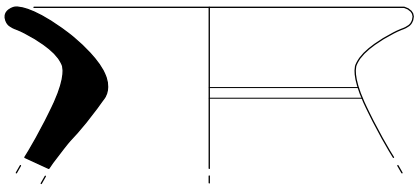
2122



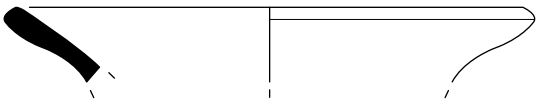
2121

10 cm

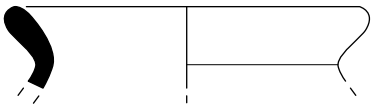
Est. 15 - Rua dos Correeiros - sector 1NE Área 2 - camada 67/123: ânforas da variante 1Ad (1985), 1Bb (1991, 1977); cerâmica de engobe vermelho da variante 6Aa (1987) e 6Ba (1988); cerâmica cinzenta da variante 2Ab (1981); cerâmica comum da variante 1Aa (1980, 2122) e 5Ba (2121).



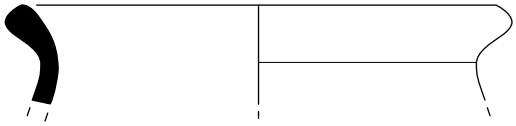
2114



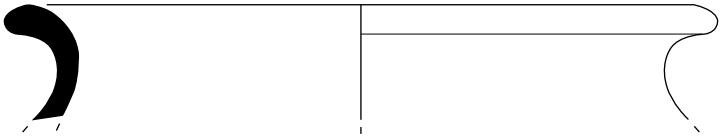
2021



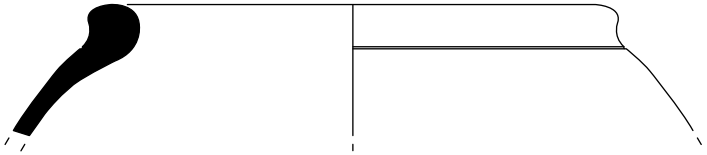
1992



2111



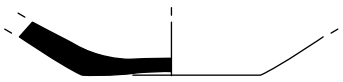
2110



2112



2026



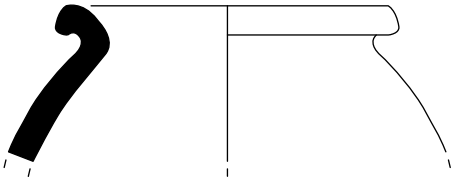
1996



2109

10 cm

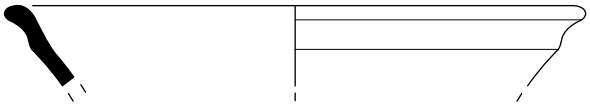
Est. 16 - Rua dos Correeiros - sector 1NE Área 2 - camada 67/123: cerâmica comum da variante 8Aa (2114, 2021), 10Aa (1992, 2111), 10Cb (2110), 10Hc (2112), fragmento de arranque de asa (2026), fragmento de fundo (1996) e cossoiro (2109).



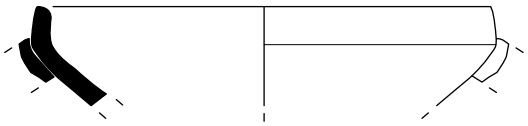
2516



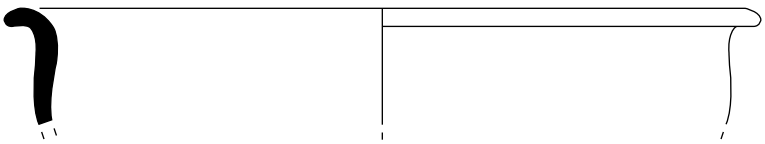
5625



2518



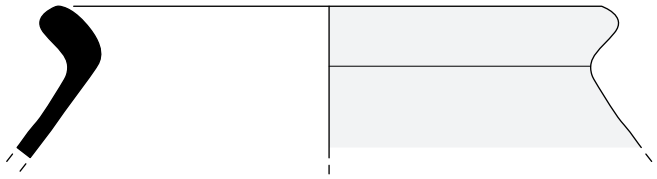
2527



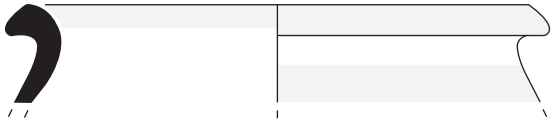
2528

10 cm

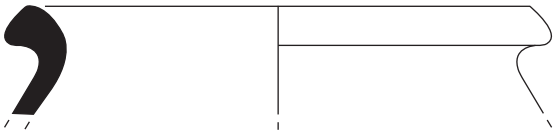
Est. 17 - Rua dos Correeiros - sector 2NE - camada 17=18: ânfora da variante 1Ac (2516); cerâmica cinzenta da variante 1Ab (5625); cerâmica comum da variante 1Bb (2518), sub-variante 2Ba.1 (2527) e variante 5Ca (2528).



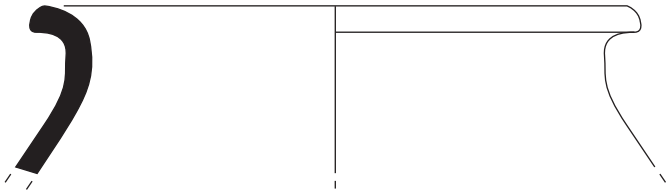
2517



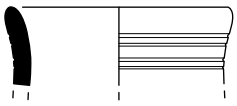
6170



6172

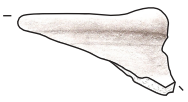


6176



2526

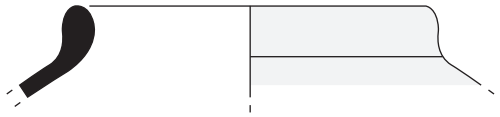




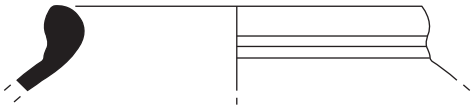
5495

10 cm

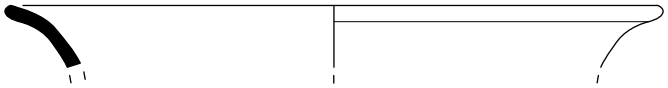
Est. 18 - Rua dos Correeiros - sector 2NE - camada 17=18: cerâmica comum da variante 10Aa (2517), 10Ba (6170, 6172), 10Bb (6176) e 11Ab (2526); fragmento de vaso coroplástico (5495).



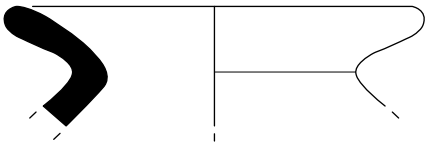
6095



7258



2519



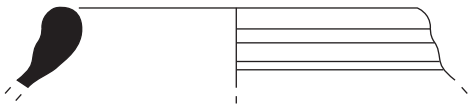
2520

10 cm

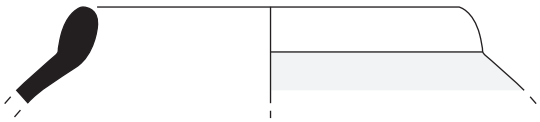
Est. 19 - Rua dos Correeiros - sector 2NE - camada 19: ânforas da variante 1Db (6095, 7258); cerâmica cinzenta da variante 2Ab (2519); cerâmica comum da variante 8Aa (2520).



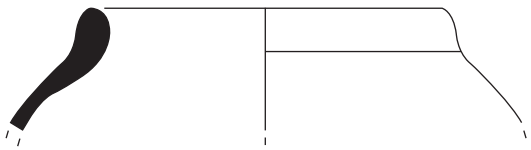
2258



5524



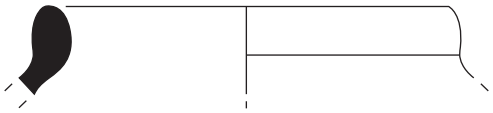
5525



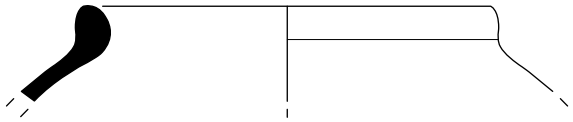
4786



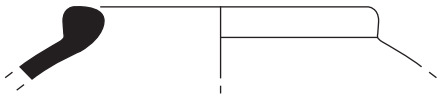
6321



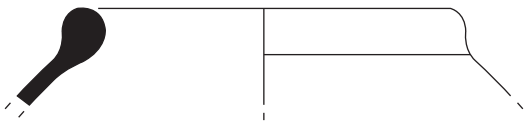
5520



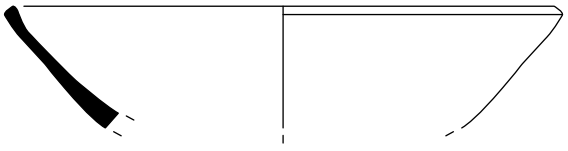
2257



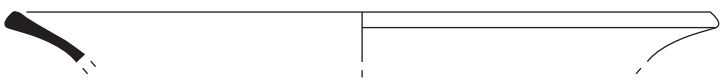
6322



6526



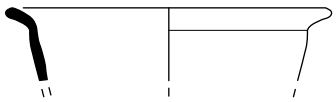
2254



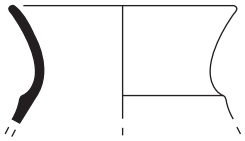
4787

10 cm

Est. 20 - Rua dos Correeiros - camada AA: ânforas da variante 1Bb (2258), 1Ca (5524, 5525 e 4786) e 1Db (6321, 5520, 2257, 6322 e 6526); cerâmica cinzenta da variante 1Aa (2254) e 2Ab (4787).



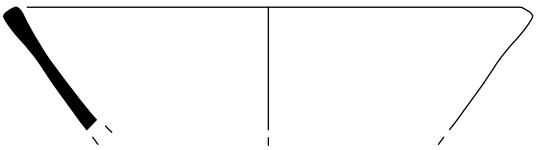
SN A3



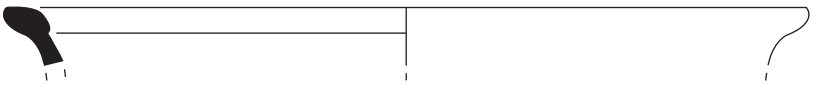
4788



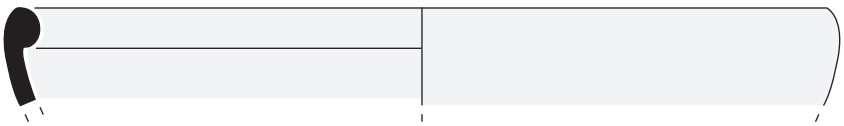
2266



2265



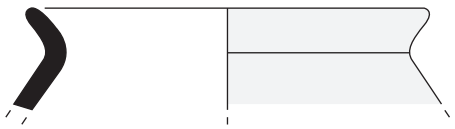
5535



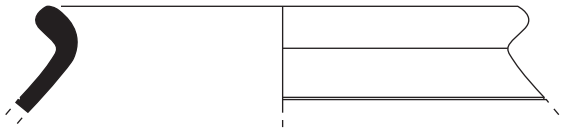
6332

10 cm

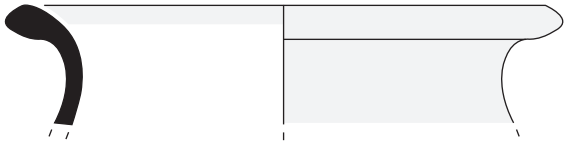
Est. 21 - Rua dos Correeiros - camada AA: cerâmica cinzenta da variante 3Ab (SN A3) e 3Ac (4788); cerâmica comum da variante 1Ab (2266), 1Ac (2265), 5Ab (5535) e 5Ba (6332).



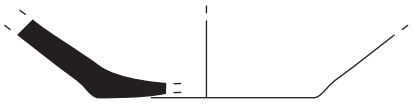
5536



6328



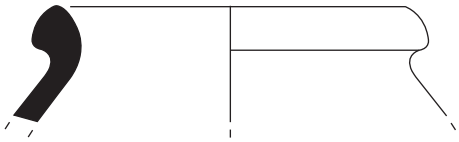
6326



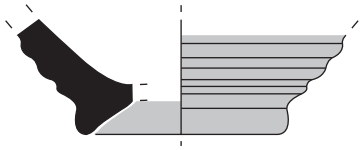
5532

10 cm

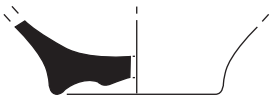
Est. 22 - Rua dos Correeiros - camada AA: cerâmica comum da variante 10Aa (5536), sub-variante 10Aa.1 (6328), variante 10Cb (6326) e fragmento de fundo (5532).



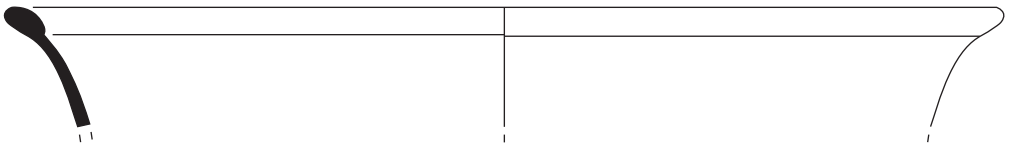
7024



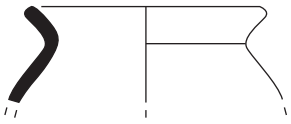
7033



7034



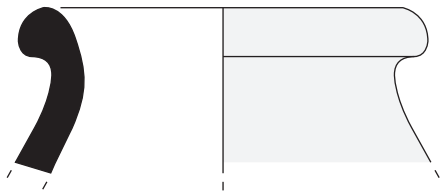
7032



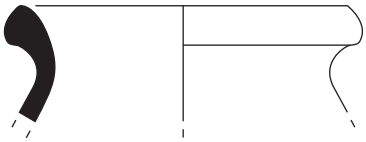
6654

10 cm

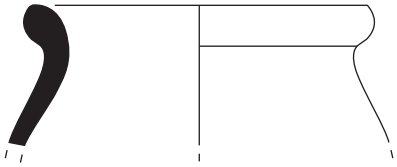
Est. 23 - Rua dos Correeiros - camada 45: ânfora da variante 1Ac (7024); fragmento de fundo de cerâmica de engobe vermelho (7033); fragmento de fundo de cerâmica cinzenta (7034); cerâmica comum da variante 5Ab (7032) e 9Aa (6654).



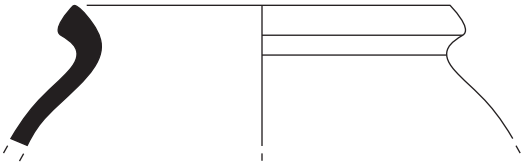
5871



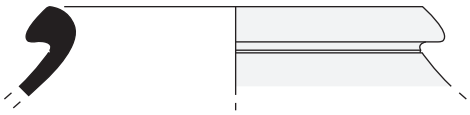
4989



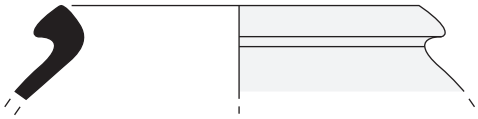
4830



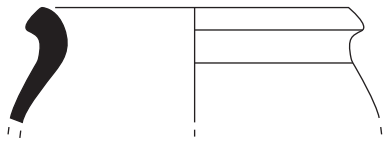
5873



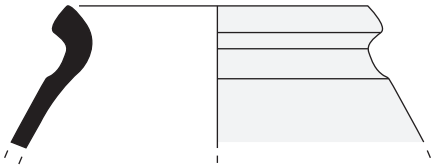
5279



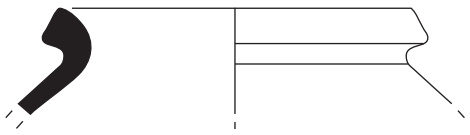
5282



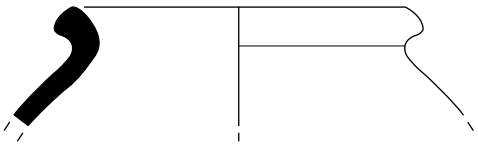
5866



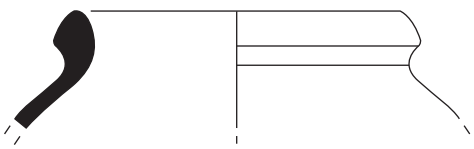
4997



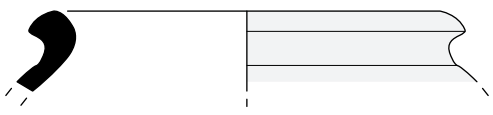
5001



4398



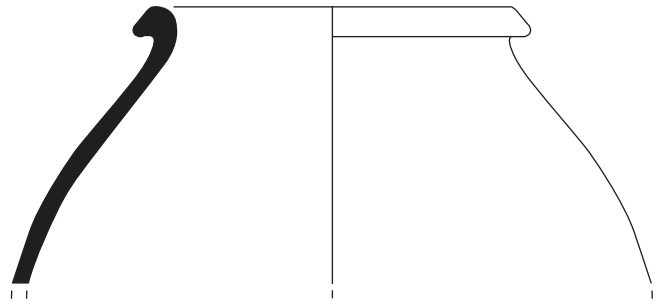
4911



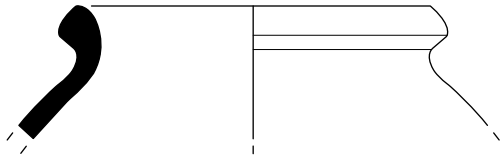
256

10 cm

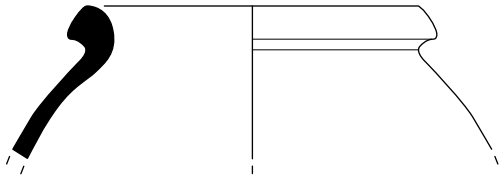
Est. 24 - Rua dos Correeiros - camada BB: ânforas da variante 1Aa (5871, 4989, 4830) e 1Ab (5873, 5279, 5282, 5866, 4997, 5001, 4398, 4911, 256).



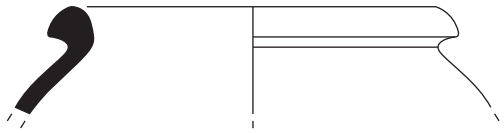
1200



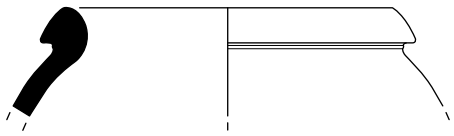
1409



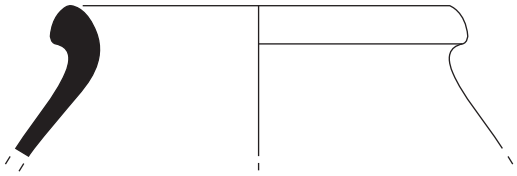
4399



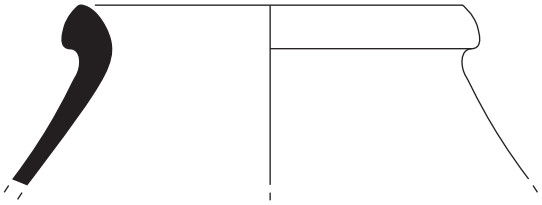
5982



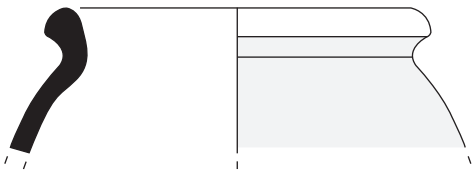
4350



6023



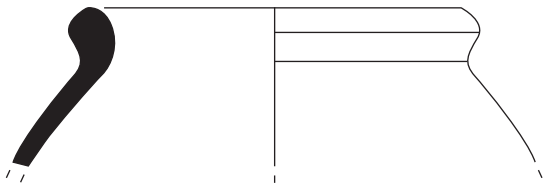
5874



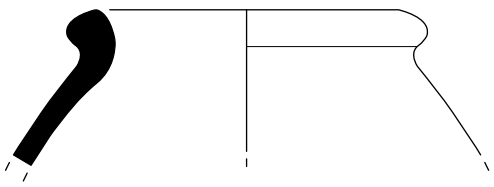
4992

10 cm

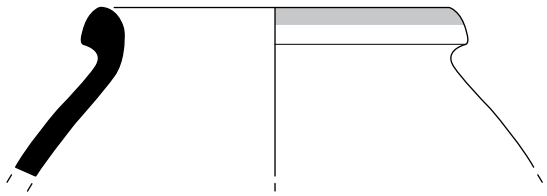
Est. 25 - Rua dos Correeiros - camada BB: ânforas da variante 1Ab (1200, 1409, 4399, 5982, 4350) e 1Ac (6023, 5874, 4992).



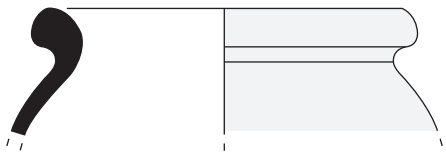
5976



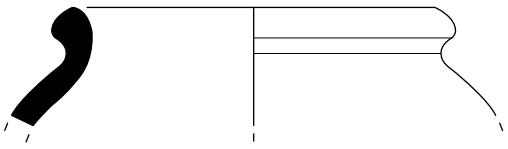
4351



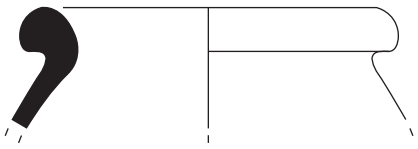
2609



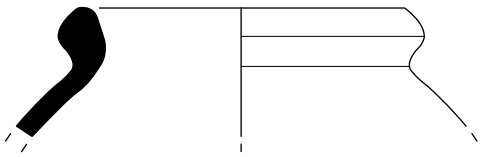
4605



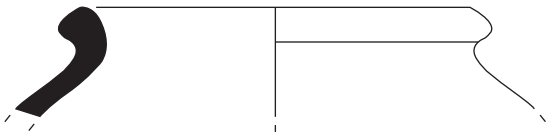
4376



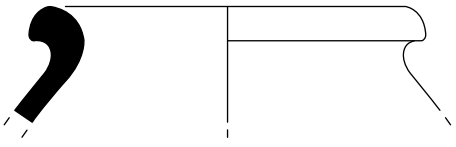
4611



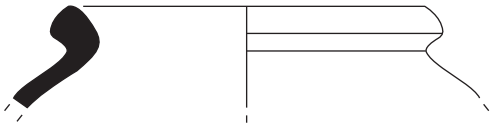
4359



6575



4394

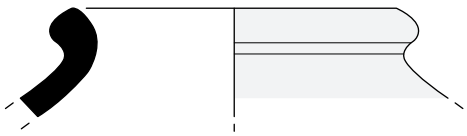


6937

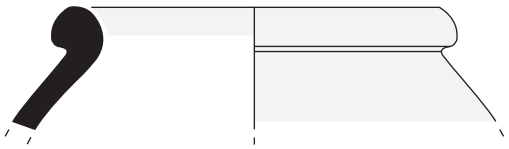


10 cm

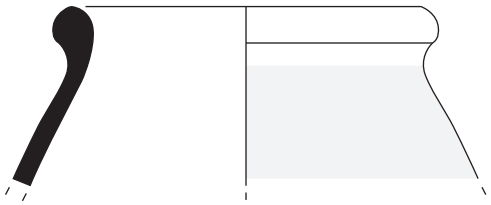
Est. 26 - Rua dos Correeiros - camada BB: ânforas da variante 1Ac.



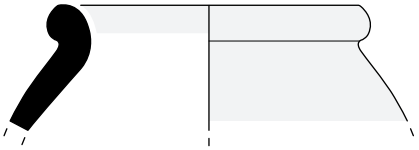
4397



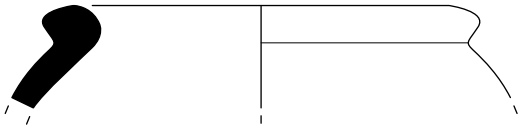
6529



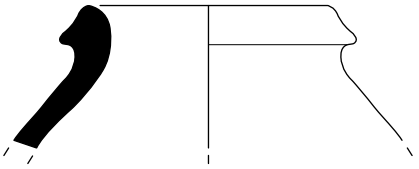
5343



4345



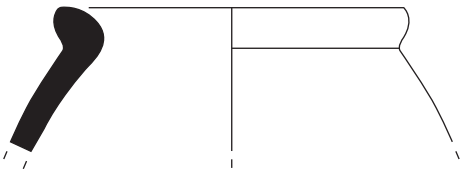
1255



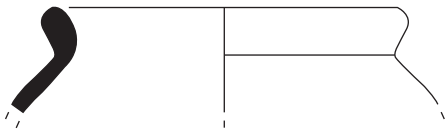
1898



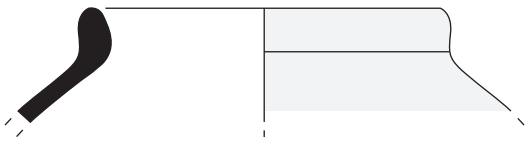
5280



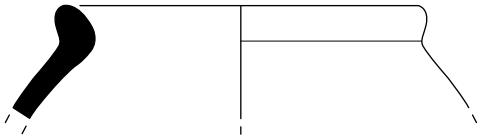
4829



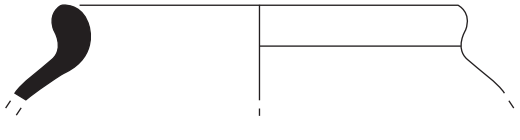
4837



5345



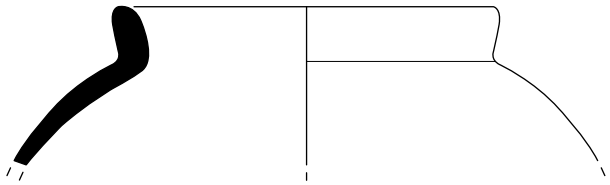
259



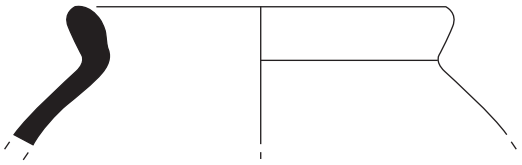
5957

10 cm

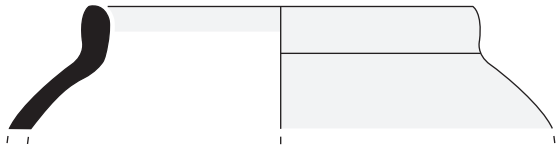
Est. 27 - Rua dos Correeiros - camada BB: ânforas da variante 1Ac (4397, 6529, 5343, 4345), 1Ad (1255), 1Ae (1898), 1Af (5280) e 1Ba (4829, 4837, 5345, 259, 5957).



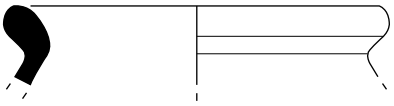
1225



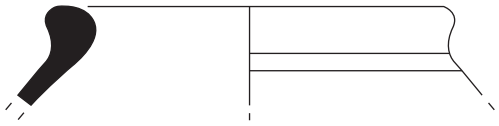
5341



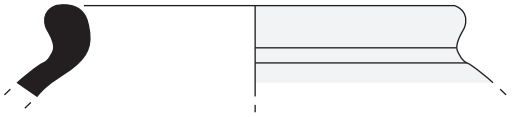
6344



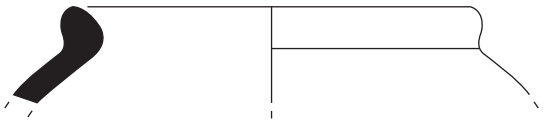
1227



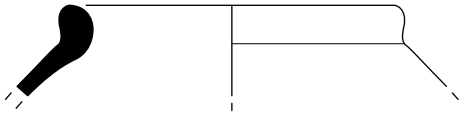
4795



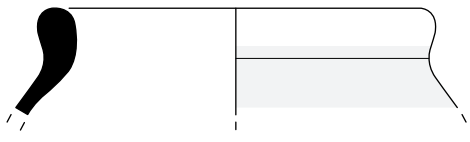
6234



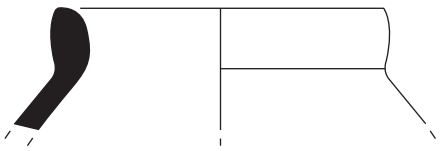
6233



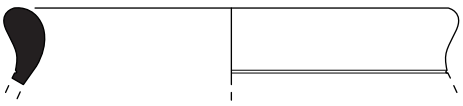
628



1220



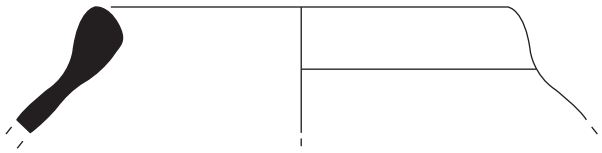
5668



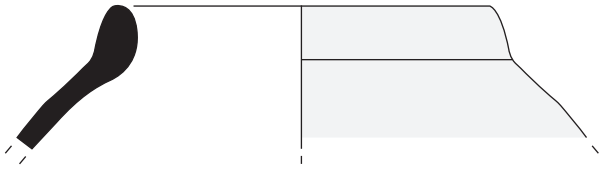
S.N. Y

10 cm

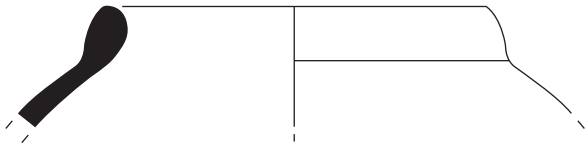
Est. 28 - Rua dos Correeiros - camada BB: ânforas da variante 1Ba (1225, 5341, 6344, 1227) e 1Bb (4795, 6234, 6233, 628, 1220, 5668, S.N. Y).



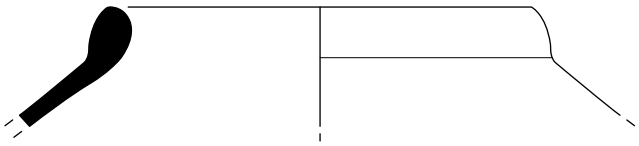
5910



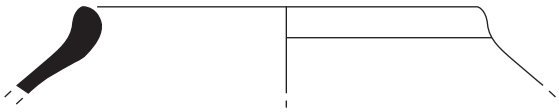
4655



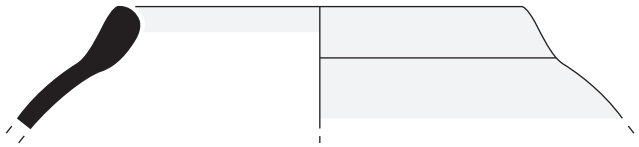
4682



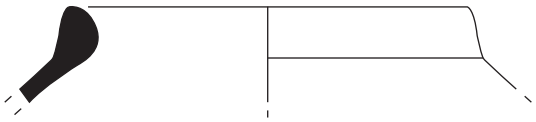
4381



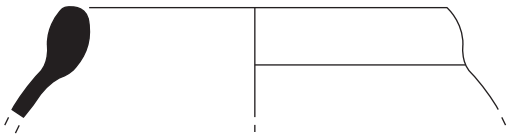
6447



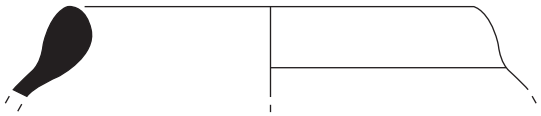
6947



5281



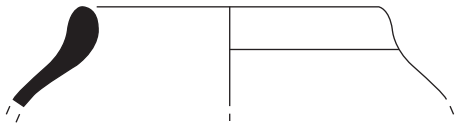
5009



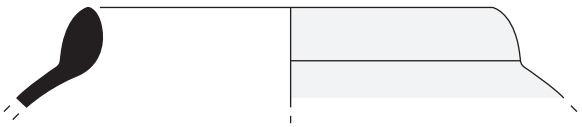
5975



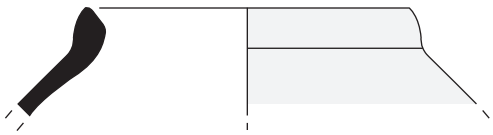
6935



5956



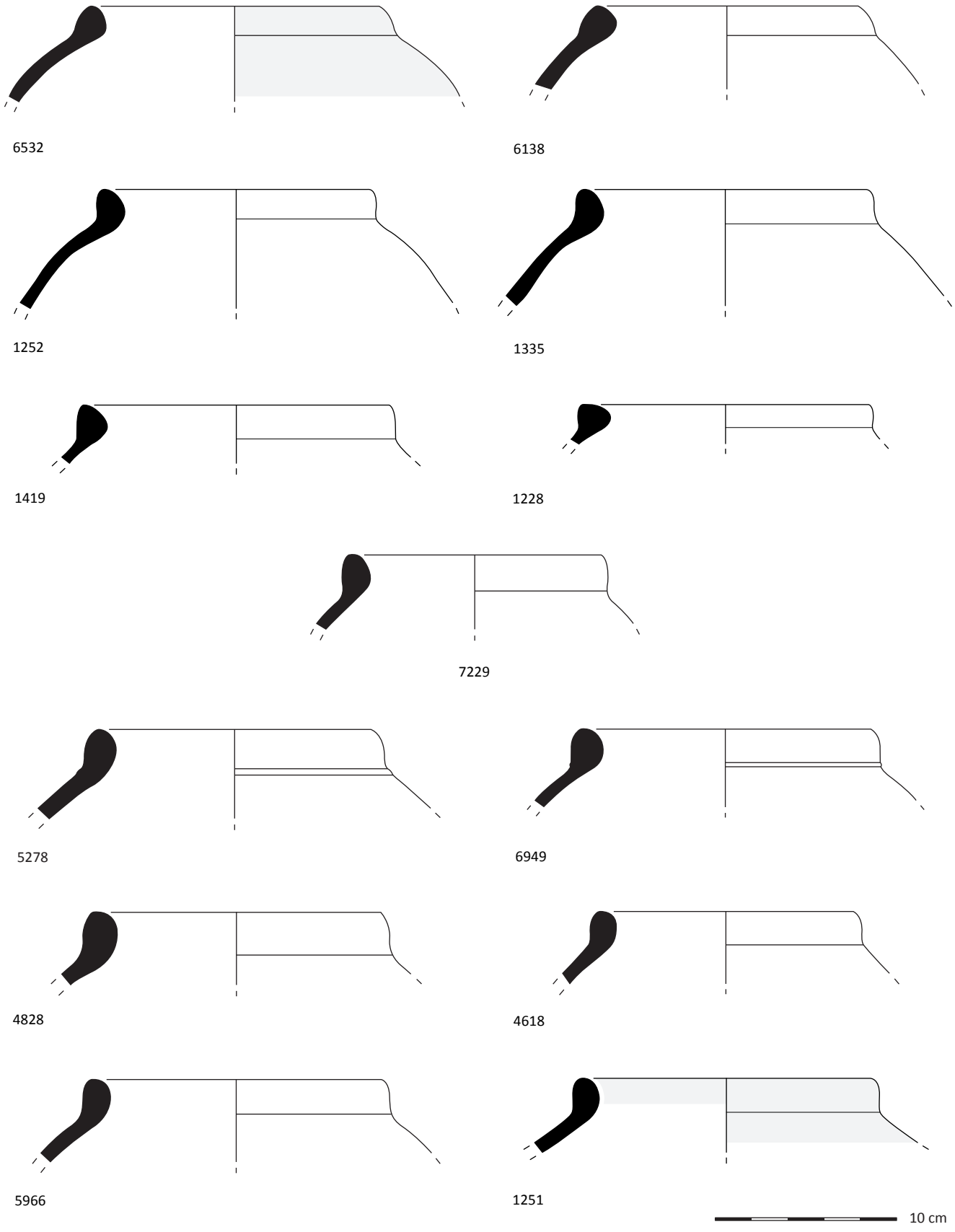
4715



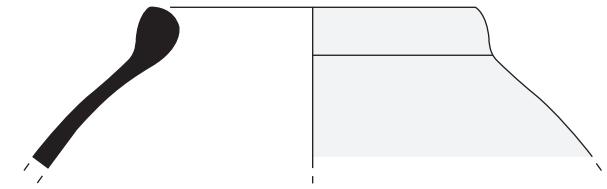
4669

10 cm

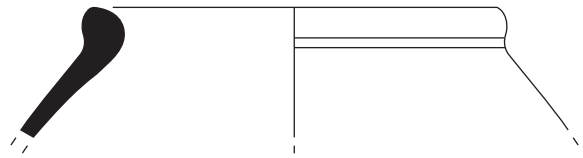
Est. 29 - Rua dos Correeiros - camada BB: ânforas da variante 1Ca (4655, 4682, 4381, 6447, 6947, 5281, 5009, 5975, 6935, 5956) e 1Cb (4715, 4669).



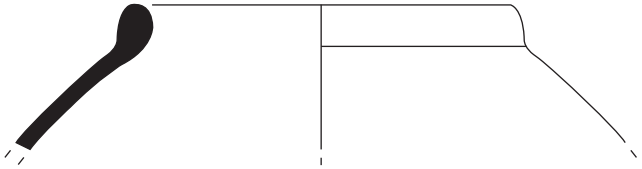
Est. 30 - Rua dos Correeiros - camada BB: ânforas da variante 1Cc (6532, 6138), 1Da (1252, 1335, 1419, 1228 e 7229) e 1Db (5278, 6949, 4828, 4618, 5966, 1251).



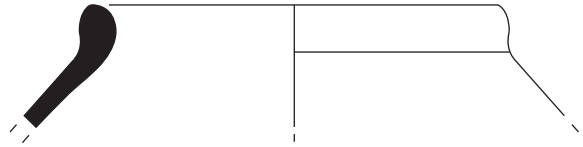
5000



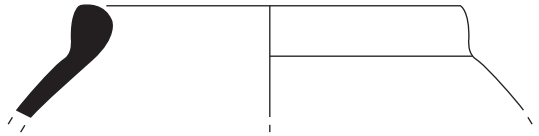
4602



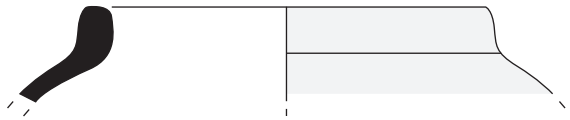
6083



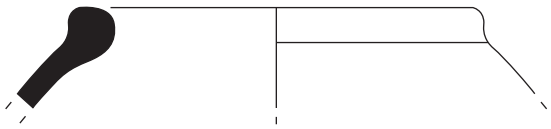
4672



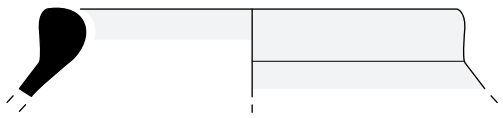
6130



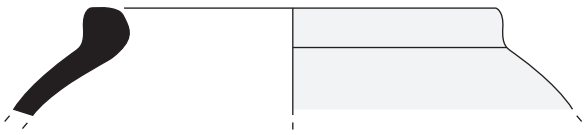
5978



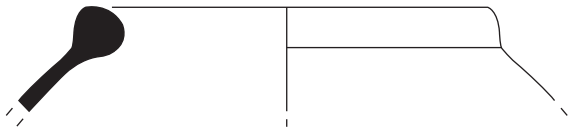
4922



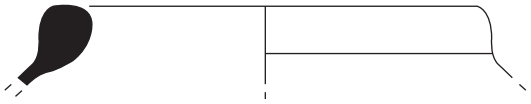
1334



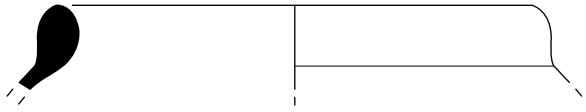
6769



4695

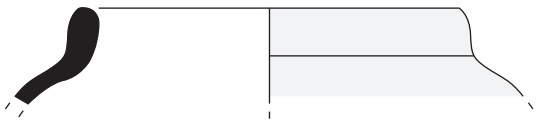


6231

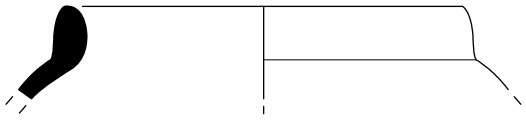


1420

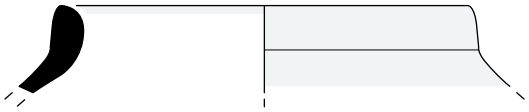
Est. 31 - Rua dos Correeiros - camada BB: ânforas da variante 1Db.



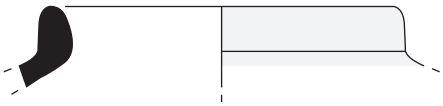
6530



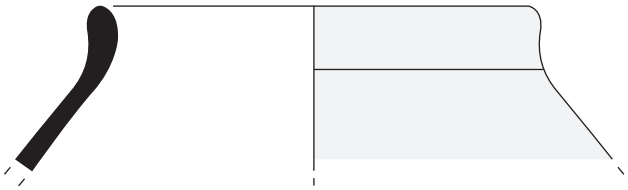
2610



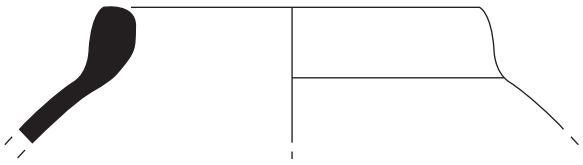
4344



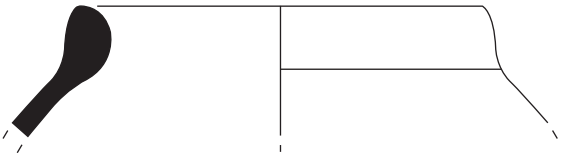
6989



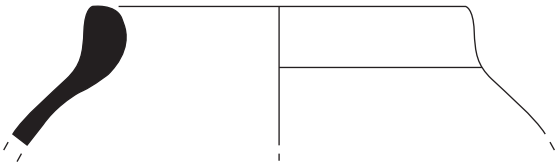
4613



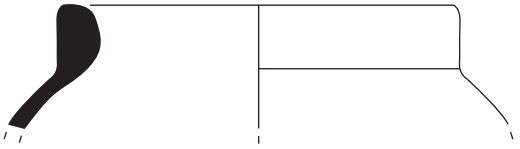
4991



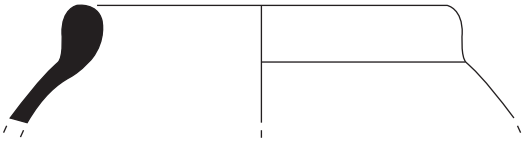
4993



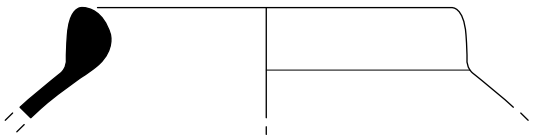
4842



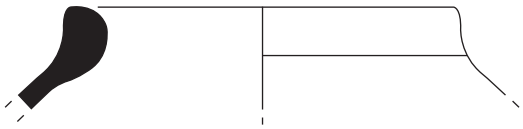
6917



6568



4383

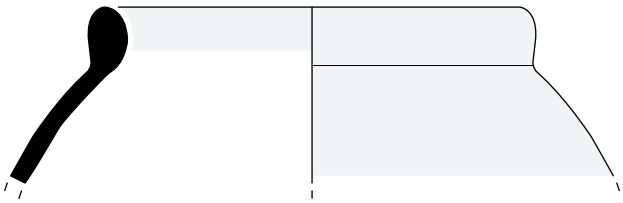


4718

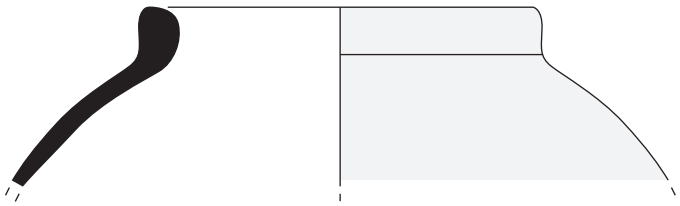


10 cm

Est. 32 - Rua dos Correeiros - camada BB: ânforas da variante 1Db (6530, 2610, 4344, 6989, 4613) e 1Dc (4991, 4993, 4842, 6917, 6568, 4383, 4718).



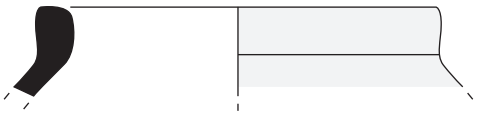
1262



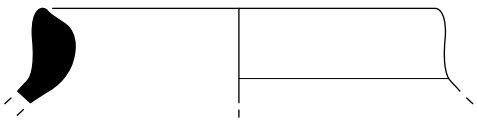
4686



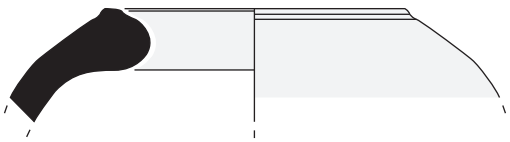
6946



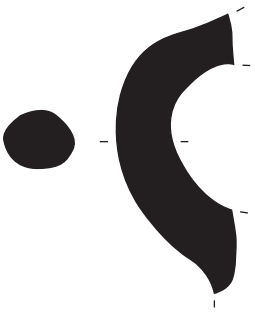
6232



1258



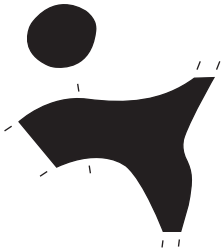
4921



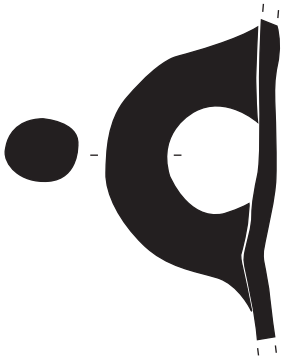
1223



5223



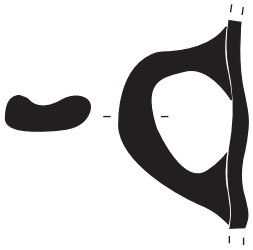
4623



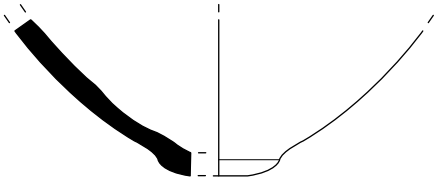
4651

10 cm

Est. 33 - Rua dos Correeiros - camada BB: ânforas da variante 1Dc (1262, 4686, 6946, 6232, 1258), 1Ea (4921) e fragmentos de asa (1223, 5223, 4623, 4651).



4649



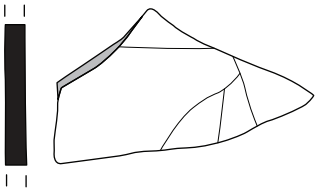
635



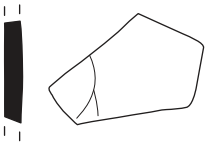
5275



4701



6281



6394

10 cm

Est. 34 - Rua dos Correeiros - camada BB: fragmento de asa de ânfora (4649), fragmentos de fundo (635, 5275, 4701) e fragmentos de parede (6281 e 6394).



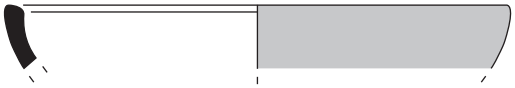
4622



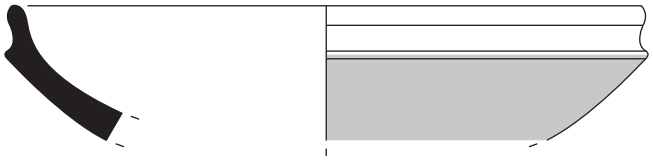
5819



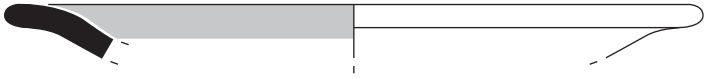
2731



6228



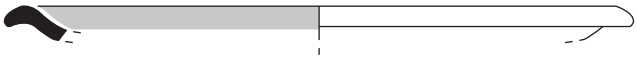
4708



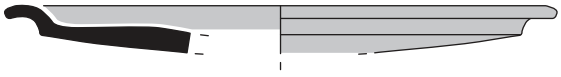
6419



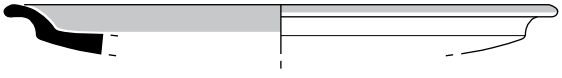
1411



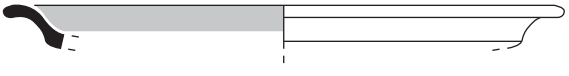
6085



1306



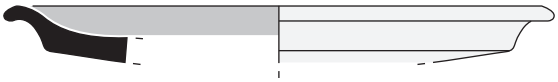
1897



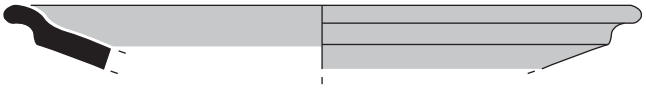
6895

10 cm

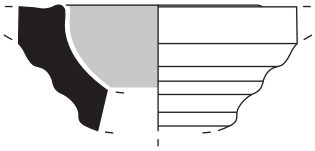
Est. 35 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica de engobe vermelho da variante 1Aa (4622, 5819), 1Ab (2731), 2Aa (6228), 2Ba (4708), 3Aa (6419, 1411), 3Ab (6085) e 3Ba (1306, 1897, 6895).



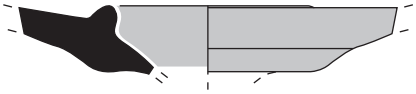
5868



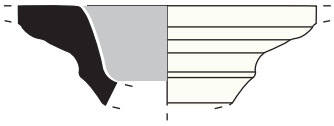
6896



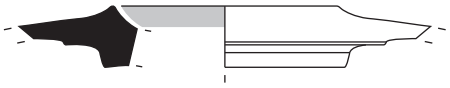
5042



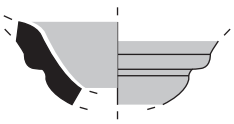
5693



6544



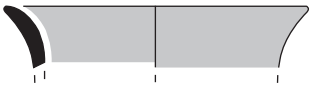
6269



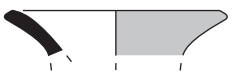
5032



6229



5015



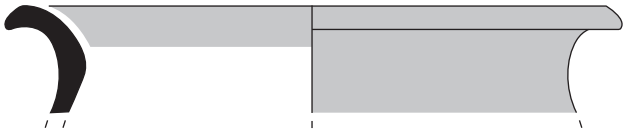
6371



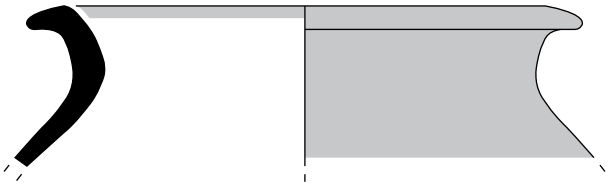
5394

10 cm

Est. 36 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica de engobe vermelho da variante 1Ba (5868, 6896), 4Aa (5042, 5693, 6544, 6269, 5032), 5Aa (6229, 5015), 5Ab (6371) e 6Aa (5394).



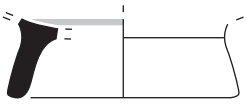
6904



1233



4685



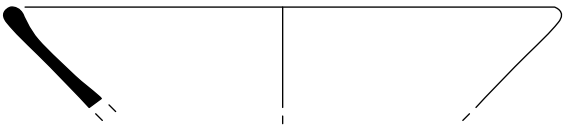
4721



6417

10 cm

Est. 37 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica de engobe vermelho da variante 6Bb (6904, 1233) e fragmentos de fundo (4685, 4721, 6417).



1279



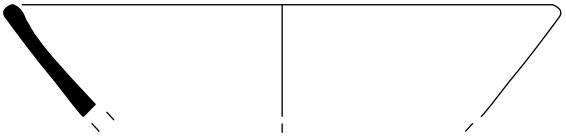
1276



1285



2535



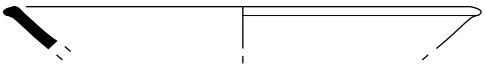
264



6215



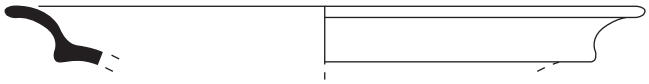
4610



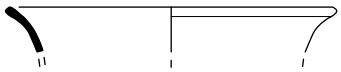
1241



S.N. A2



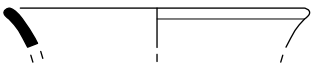
4930



1284



4395



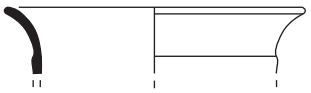
1890



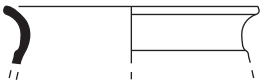
4439

10 cm

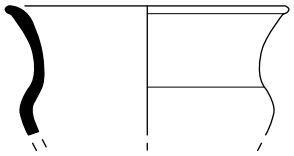
Est. 38 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica cinzenta da variante 1Aa (1279, 1276, 1285, 2535), 1Ab (264, 6215, 4610), 1Ac (1241), 1Ca (S.N. A2), 2Ab (4930) e 3Aa (1284, 4395, 1890, 4439).



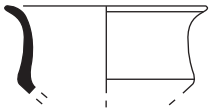
6600



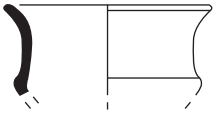
4720



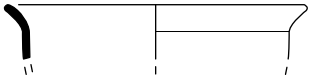
1292



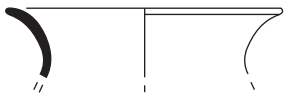
7289



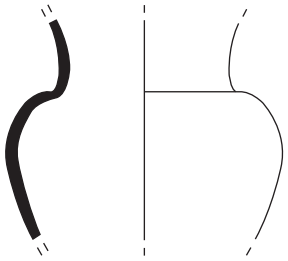
6801



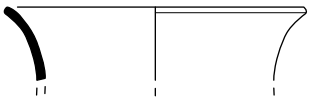
2530



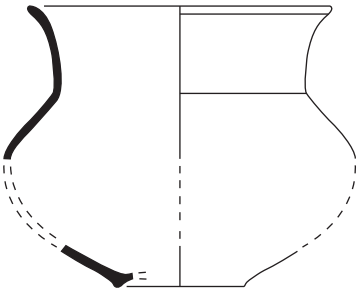
5359



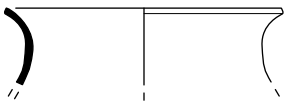
6802



1333



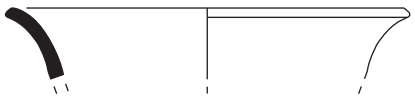
4804



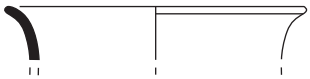
4393

10 cm

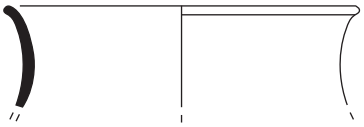
Est. 39 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica cinzenta da variante 3Aa (6600, 4720, 1292, 7289, 6801), 3Ab (2530), 3Ac (5359, 6802) e 3Ba (1333, 4393, 4804).



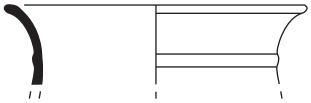
4707



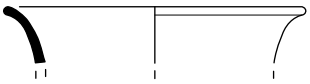
5360



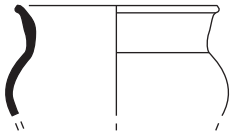
5403



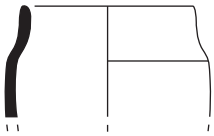
6601



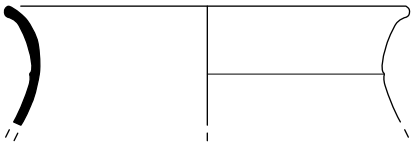
2534



5401



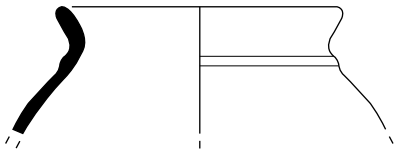
7288



2611



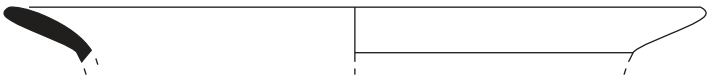
5402



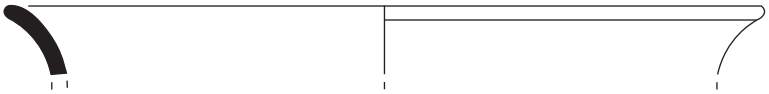
2533

10 cm

Est. 40 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica cinzenta da variante 3Ba (4707, 5360, 5403, 6601, 2534, 5401), 3Ca (7288), 4Aa (2611, 5402) e 4Ac (2533).



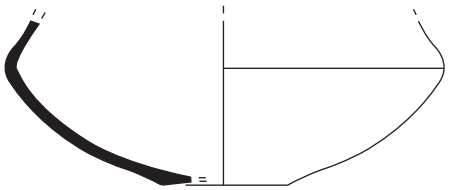
1238



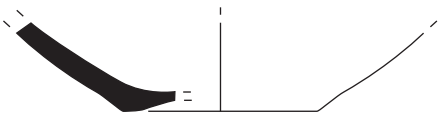
6214



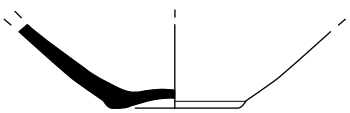
5389



4923



5683



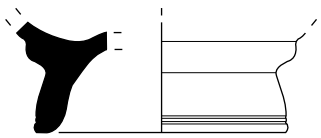
1280



7295



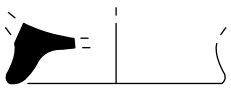
4706



2532



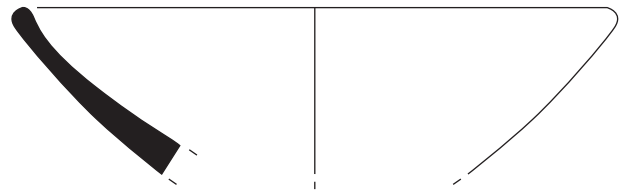
5860



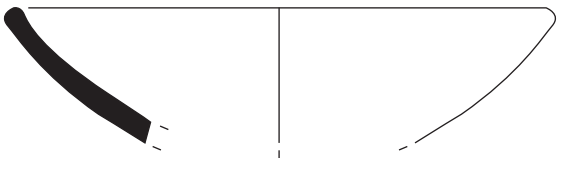
1277

10 cm

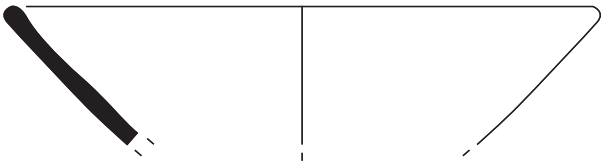
Est. 41 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica cinzenta da variante 4Ca (1238, 6214), 3Ca (7288), 4Aa (2611, 5402), 4Ac (2533), fragmentos de asa (5389) e de fundo (4923, 5683, 1280, 7295, 4706, 2532, 5860, 1277).



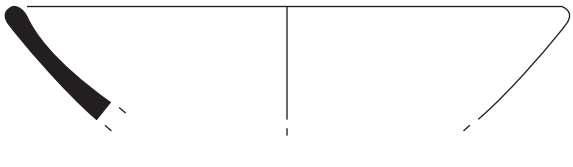
5344



6440



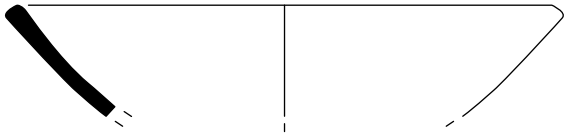
5897



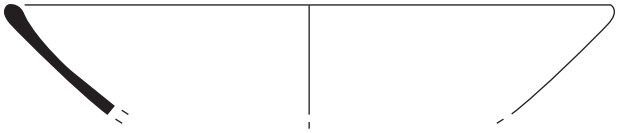
6286



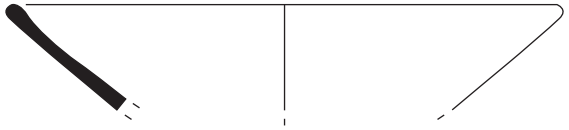
5892



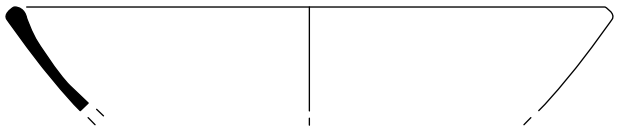
1865



6220



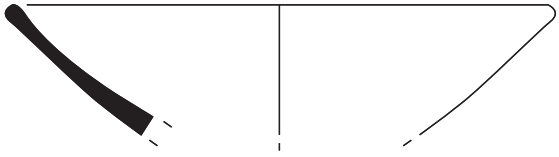
6365



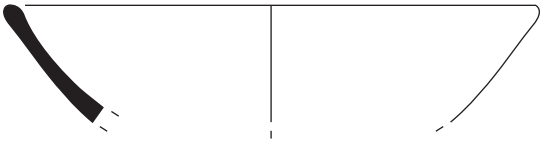
1410



1247



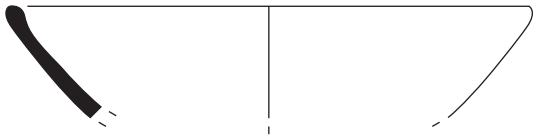
5800



5003

10 cm

Est. 42 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica comum da variante 1Aa.



5283



5043



1316



1332



1317



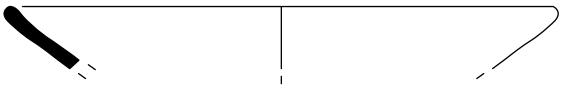
4377



631



1331



626



2604



6225

10 cm

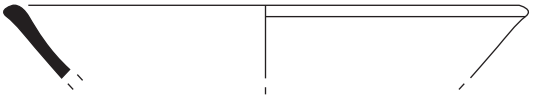
Est. 43 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica comum da variante 1Aa.



5808



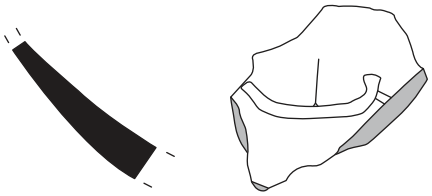
4612



5798



1912



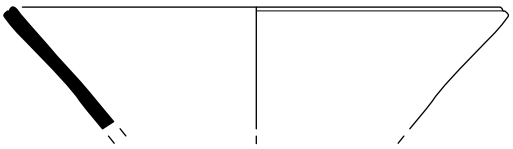
2831



2603



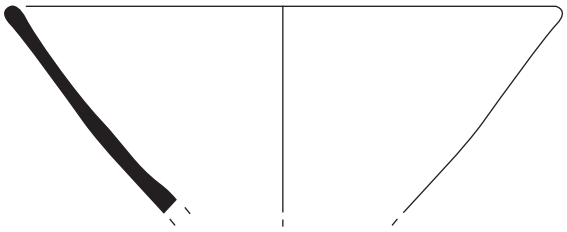
6087



258



4614



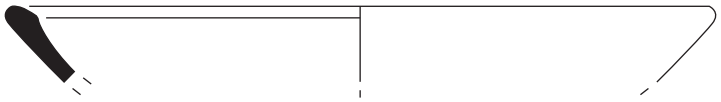
5044

10 cm

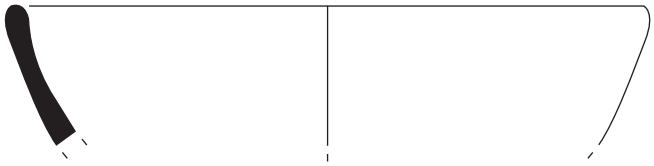
Est. 44 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica comum da variante 1Aa (5808, 4612, 5798, 1912, 2831), 1Ab (2603) e 1Ac (6087, 258, 4614, 5044).



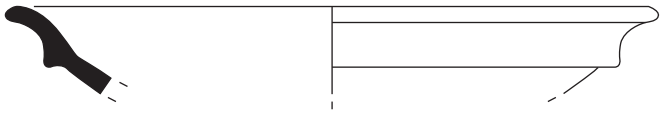
4688



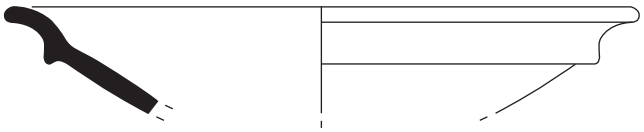
4609



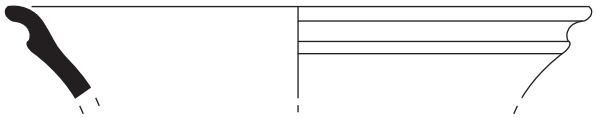
6587



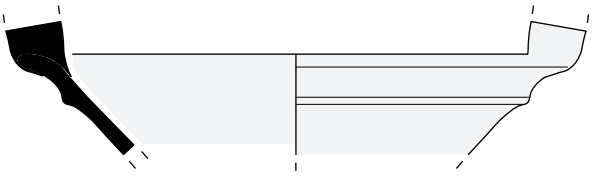
5368



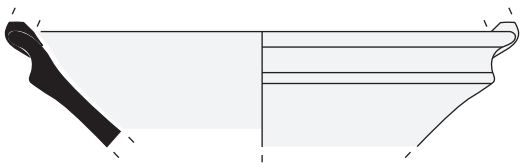
6366



5906



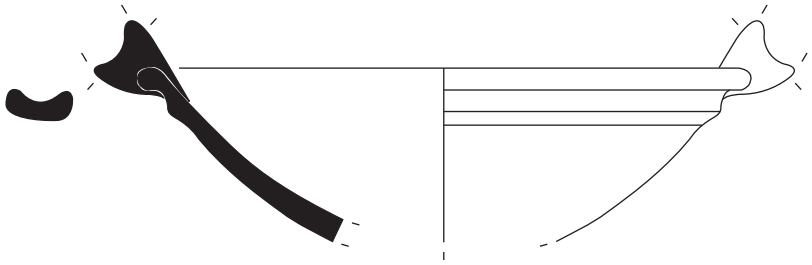
261



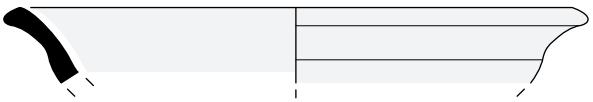
6349

10 cm

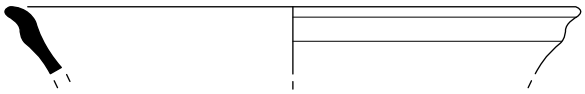
Est. 45 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica comum da variante 1Ae (4688, 4609, 6587), 1Ba (5368, 6366, 5906) e sub-variante 1Ba.1 (261, 6349).



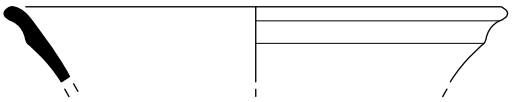
4716



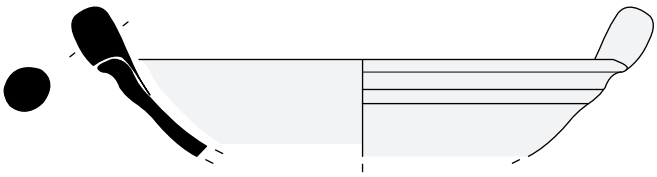
4391



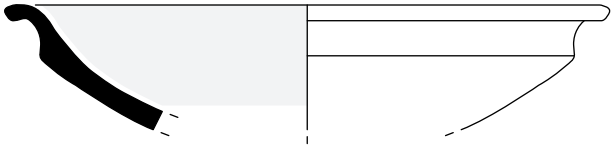
1330



1265



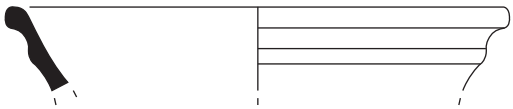
1310



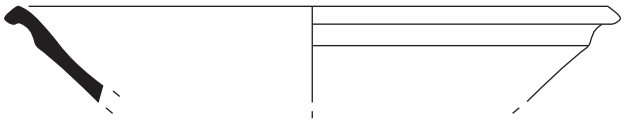
2512



4946



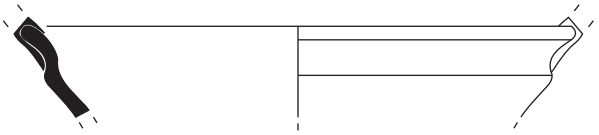
5472



6898



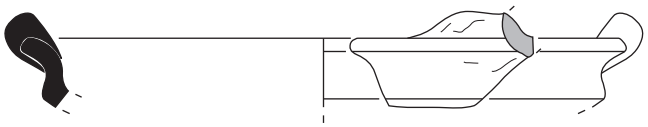
6961



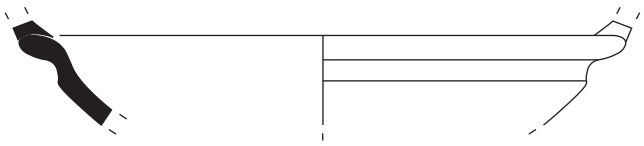
6086



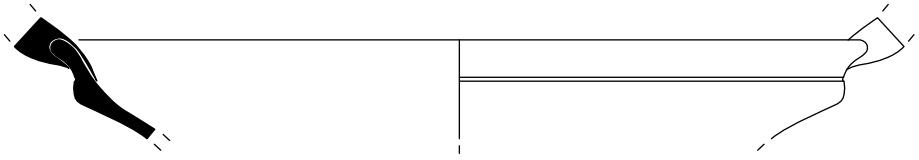
Est. 46 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica comum da sub-variante 1Ba (4716), variante 1Bb (4391, 1330, 1265), sub-variante 1Bb.1 (1310), variante 1Bc (2512, 4946, 5472, 6898, 6961) e sub-variante 1Bc.1 (6086).



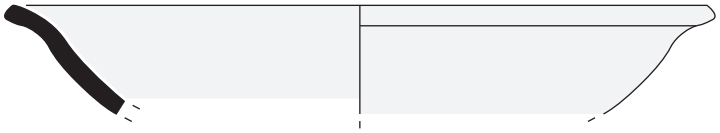
6283



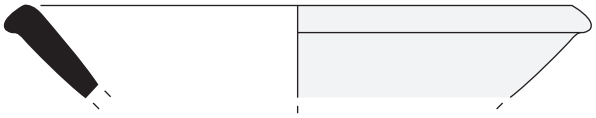
5355



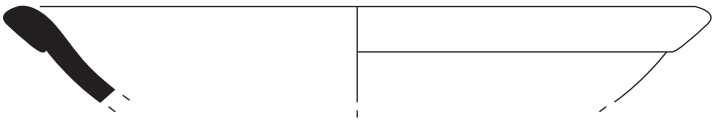
2700



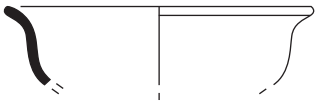
5992



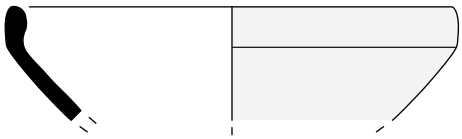
4723



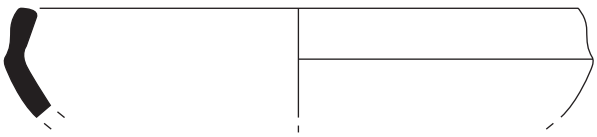
5996



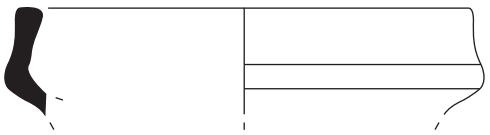
6865



2329

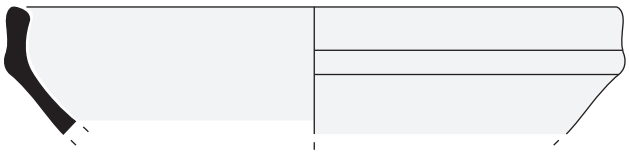


4699

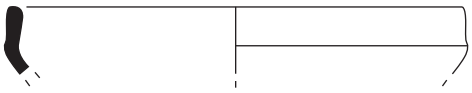


4934

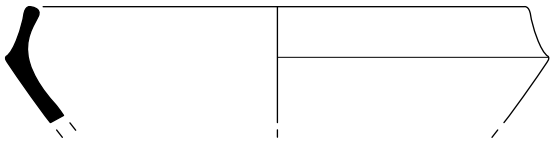
Est. 47 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica comum da sub-variante 1Bc.1 (6283, 5355, 2700), variante 1Bd (5992, 4723, 5996), 2Aa (6865), 2Ba (2329) e 2Bb (4699, 4934).



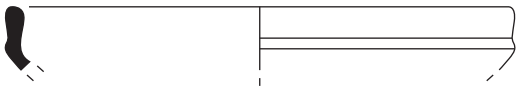
5037



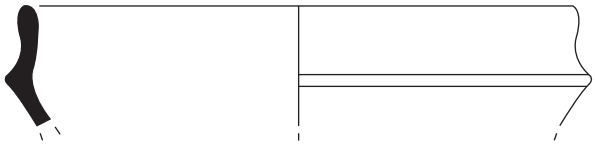
6230



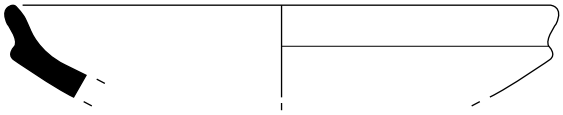
2540



4937



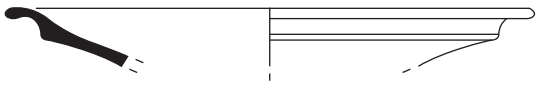
6226



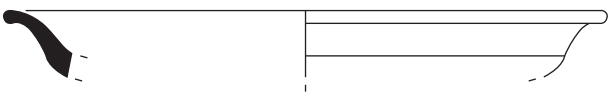
2729



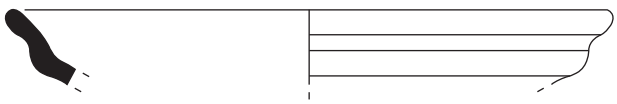
4932



5052



4717



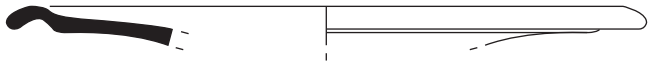
6985



5815

10 cm

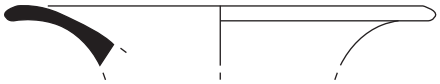
Est. 48 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica comum da variante 2Bb (5037, 6230, 2540, 4937, 6226), 2Bc (2729), 2Bd (4932), 3Aa (5052), 3Ab (4717, 6985) e 3Ac (5815).



6084



1243



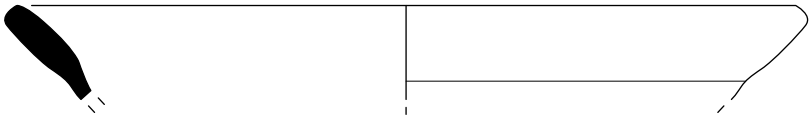
6967



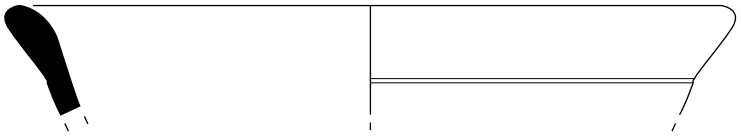
6847



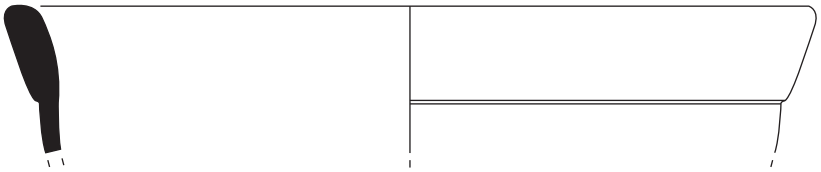
4690



622



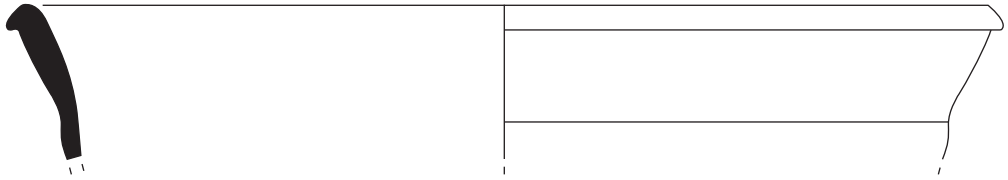
2513



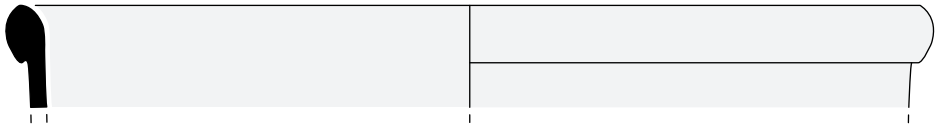
6451

10 cm

Est. 49 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica comum da variante 3Ad (6084), 3Ba (1243), 3Ca (6967, 6847), 5Aa (4690) e 5Ac (622, 2513, 6451).



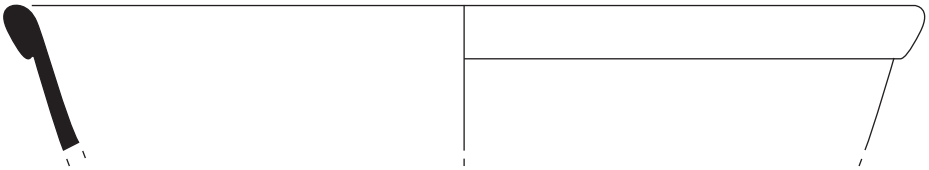
5020



4392



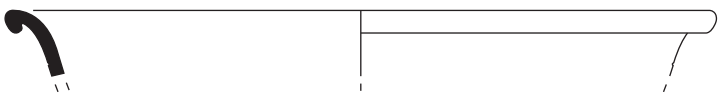
5991



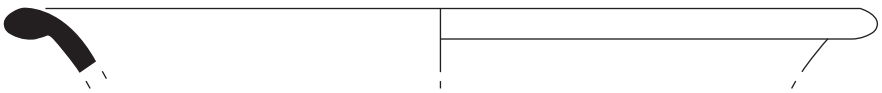
6284



2738



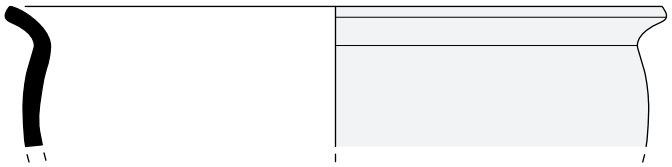
5689



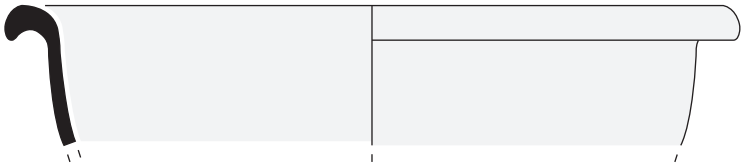
4658

10 cm

Est. 50 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica comum da variante 5Ac (5020), 5Ad (4392, 5991, 6284), 5Ba (2738) e 5Ca (5689, 4658).



4353



4689



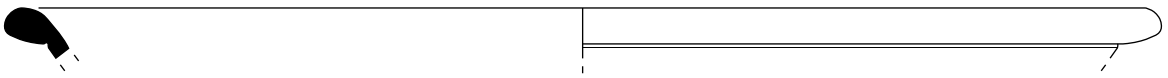
6425



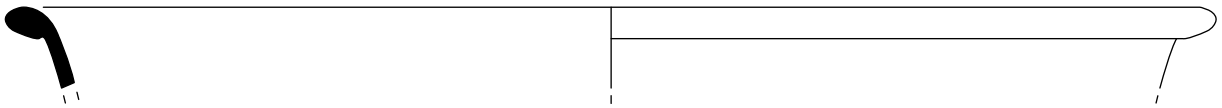
5468



5482

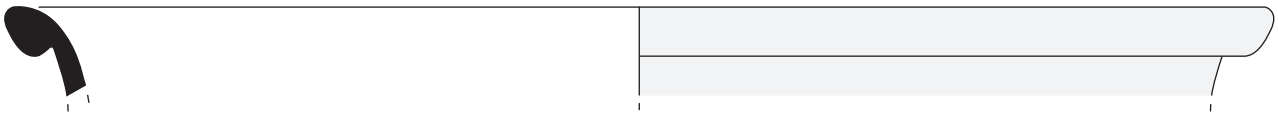


2746

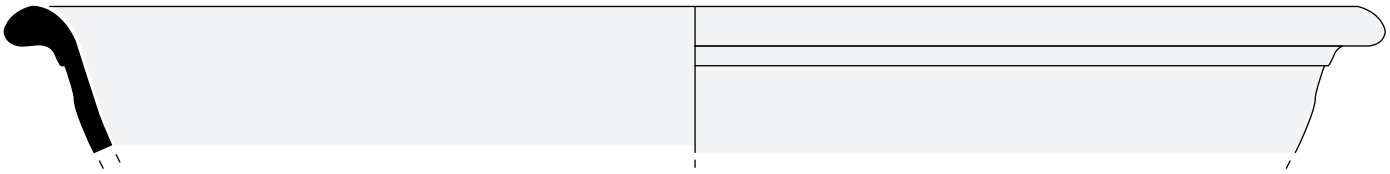


2599

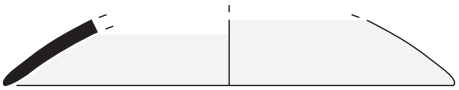
Est. 51 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica comum da variante 5Ca.



5871



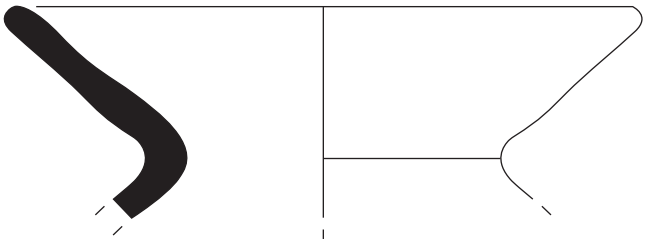
2699



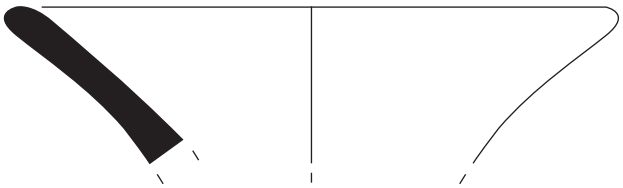
5292



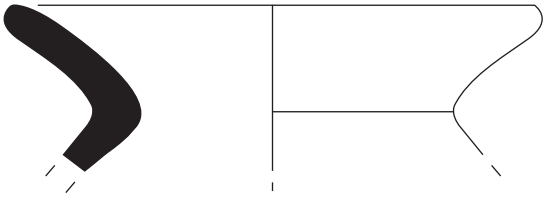
1860



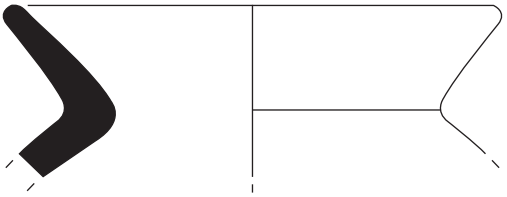
5035



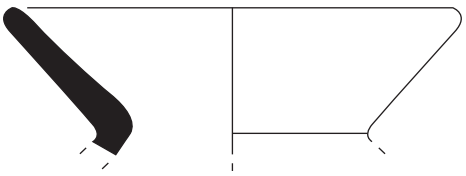
4714



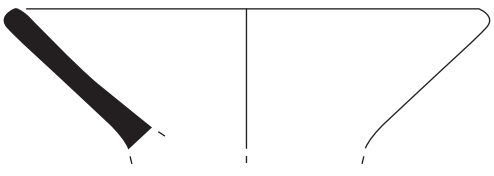
5053



4653



4654



6590

10 cm

Est. 52 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica comum da variante 5Ca (5871, 2699), 7Aa (5292, 1860) e 8Aa (5035, 4714, 5053, 4653, 4654, 6590).



1273



1831

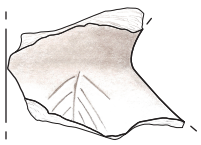


6915

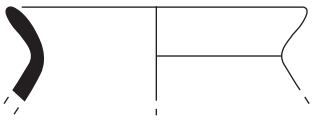


4620

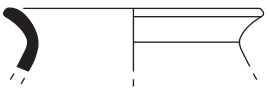




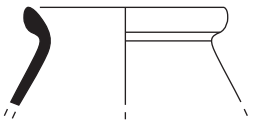
5415



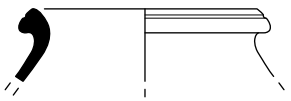
5215



6428



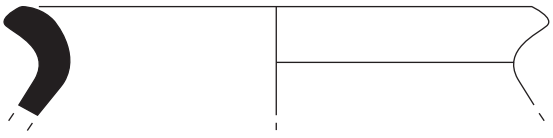
6072



612



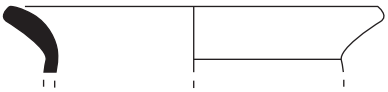
1393



6007

10 cm

Est. 53 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica comum da variante 8Aa (1273, 1831, 6915, 4620), 9Aa (5215, 6428), 9Ac (6072), 9Ba (612), 10Aa (1393, 6007).



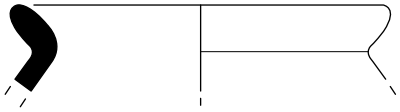
5483



1405



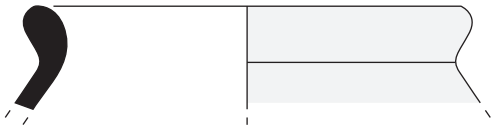
640



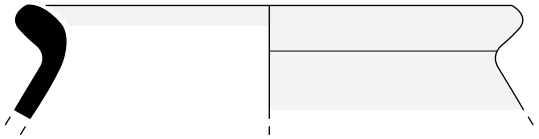
1391



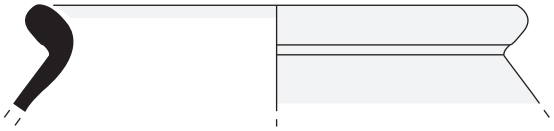
614



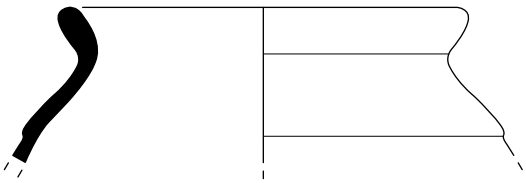
6063



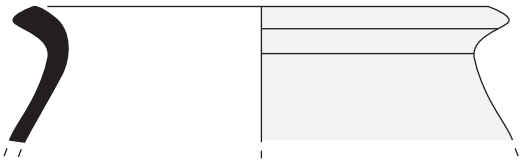
4379



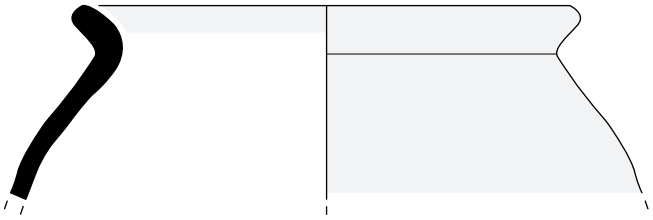
5021



1212



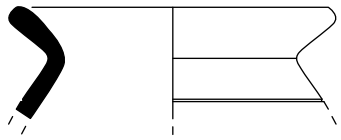
6255



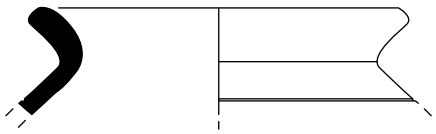
4357

10 cm

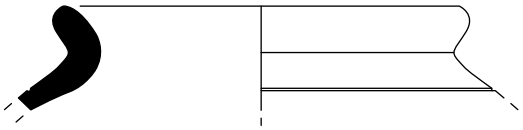
Est. 54 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica comum da variante 10Aa.



1399



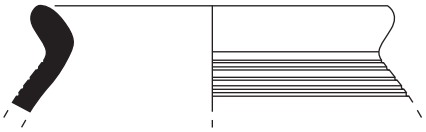
1392



1336



1394



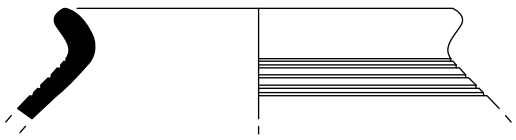
S.N. A



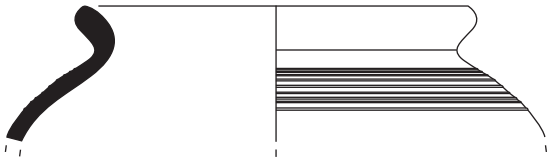
5856



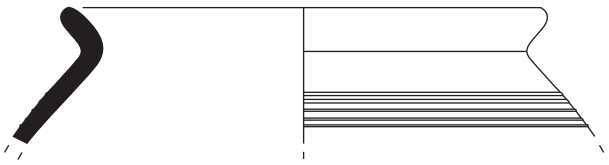
4722



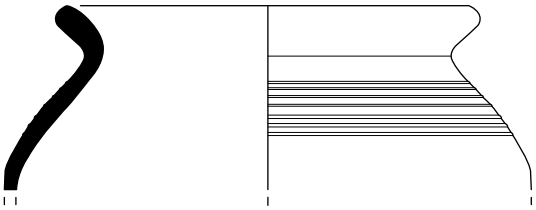
1395



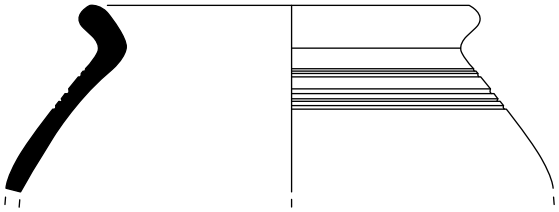
5855



5987



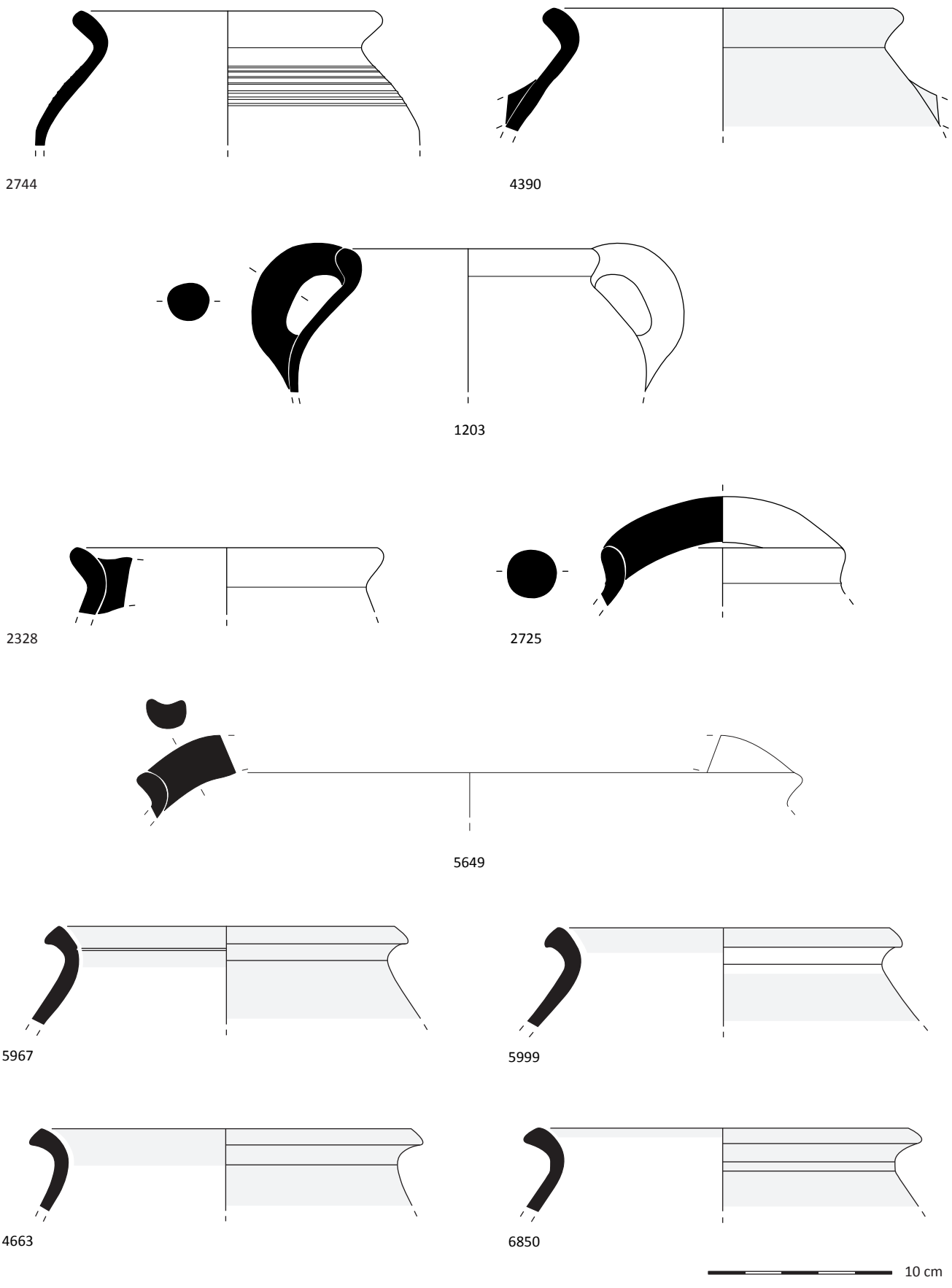
1594



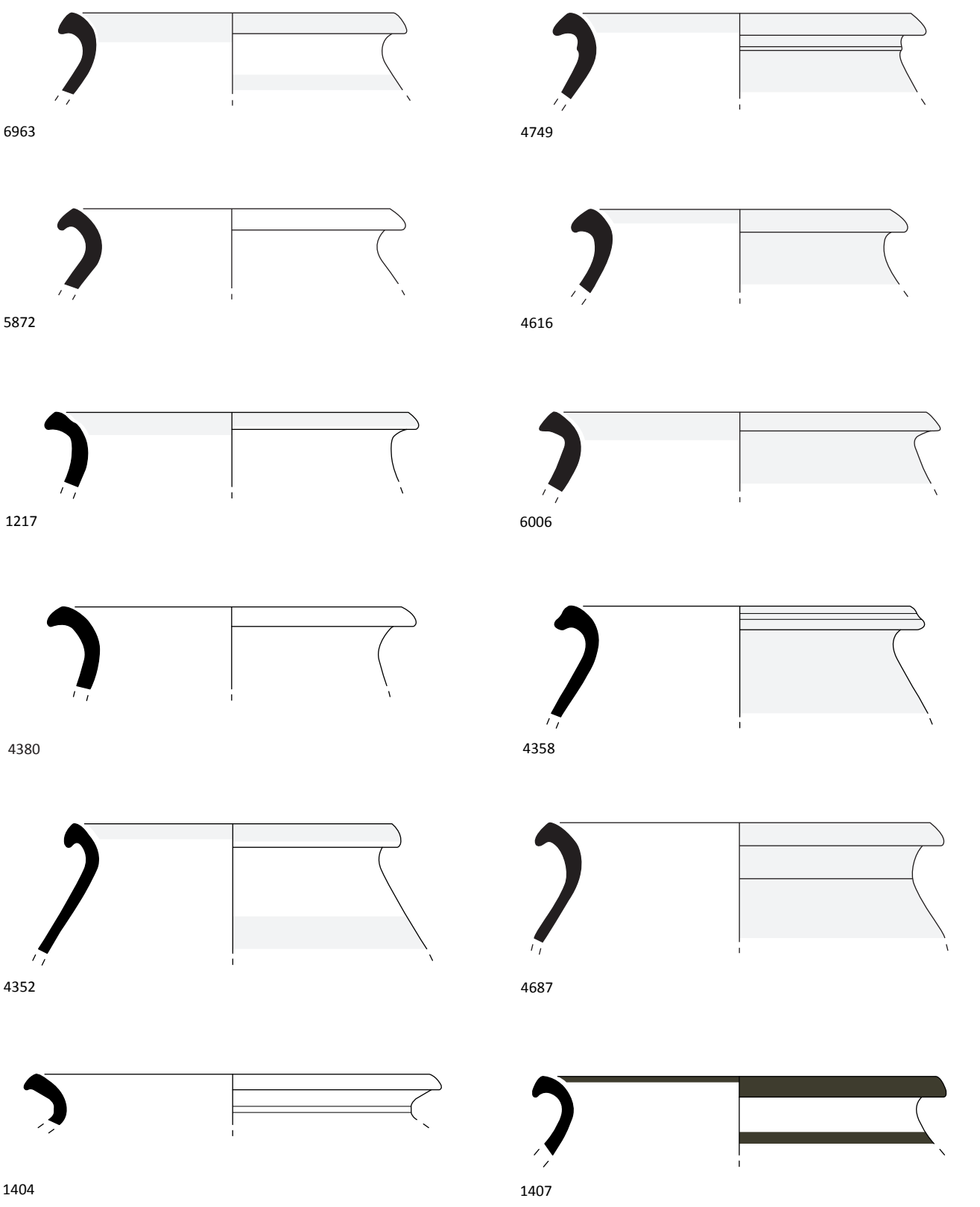
2743

10 cm

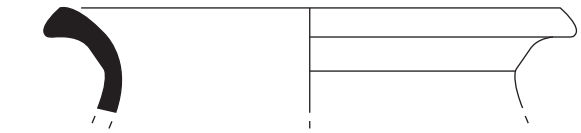
Est. 55 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica comum da sub-variante 10Aa.1.



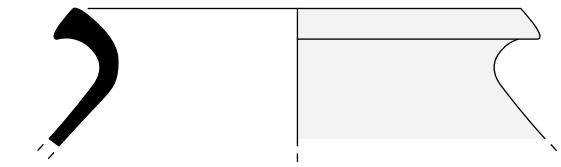
Est. 56 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica comum da sub-variante 10Aa.1 (2744), 10Aa.2 (4390, 1203), 10Aa.3 (2328, 2725, 5649) e variante 10Ba (5967, 5999, 4663, 6850).



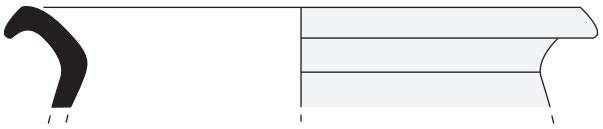
Est. 57 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica comum da variante 10Ba.



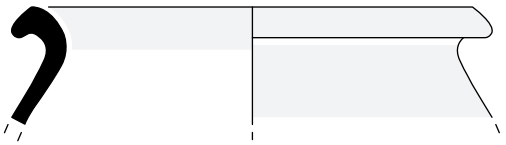
6062



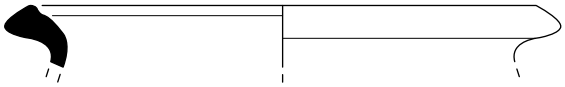
1268



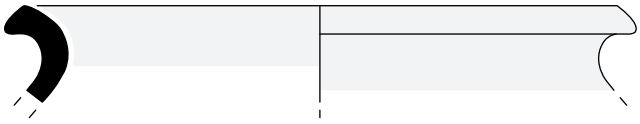
6550



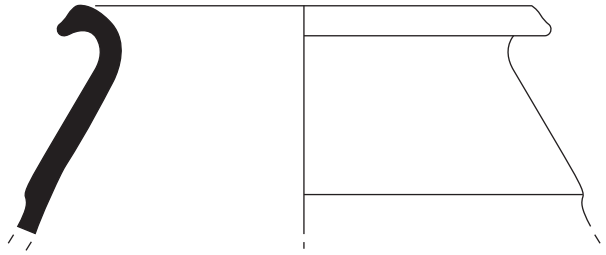
4329



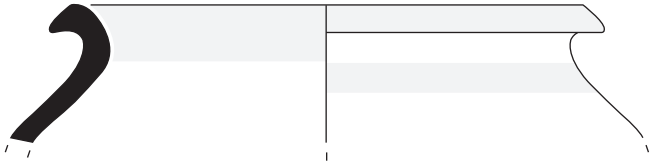
1339



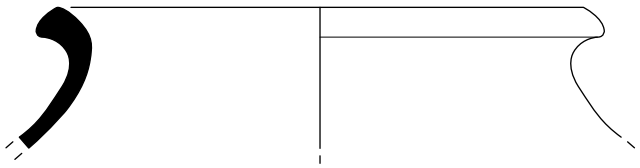
1269



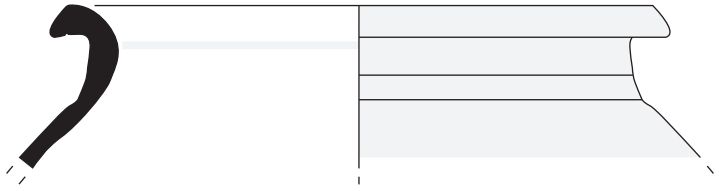
6356



6577



4384



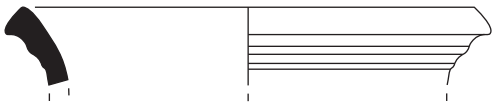
4987

10 cm

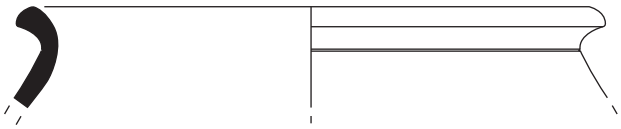
Est. 58 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica comum da variante 10Ba.



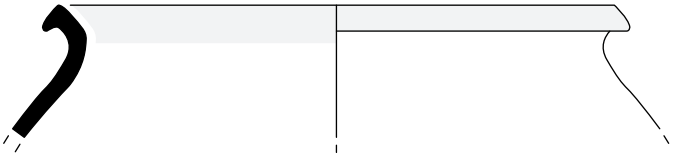
5006



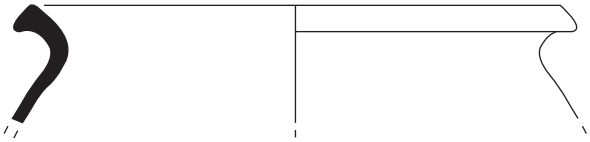
5347



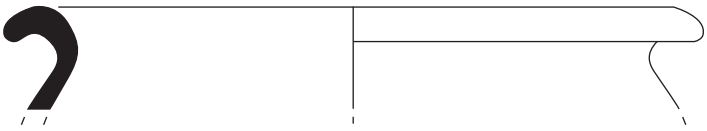
5701



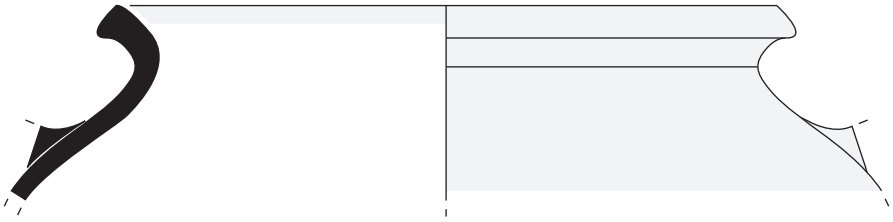
4396



6082



6853

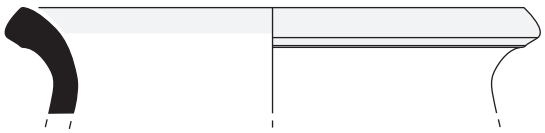


5969

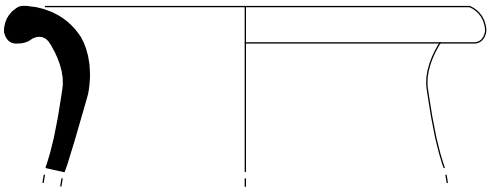
Est. 59 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica comum da variante 10Ba (5006, 5347, 5701, 4396, 6082, 6853) e sub-variante 10Ba.1 (5969).



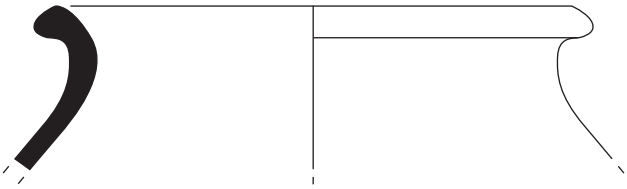
6008



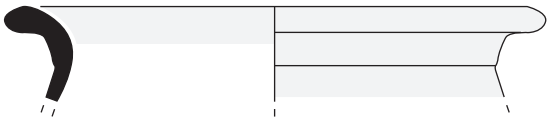
6955



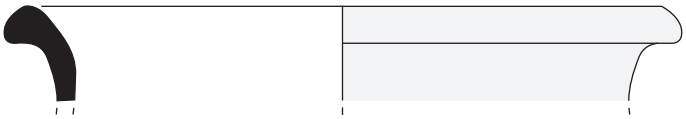
4347



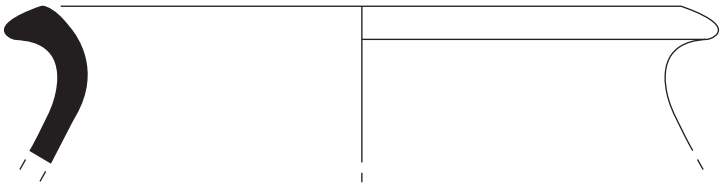
S.N. B



6579



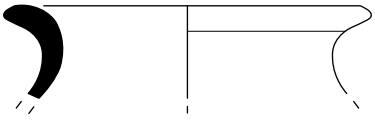
6287



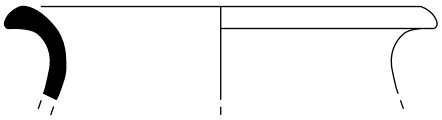
4834



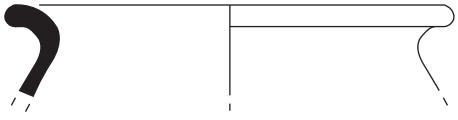
5348



1414



4354

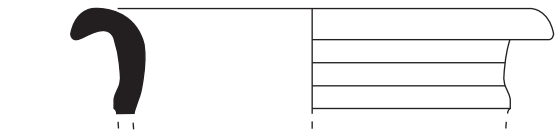


6846

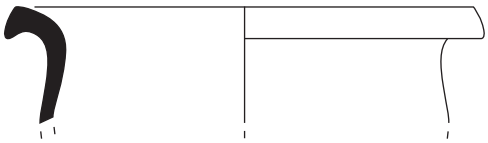


10 cm

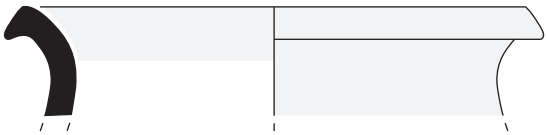
Est. 60 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica comum da variante 10Bb (6008, 6955, 4347, S.N B, 6579, 6287, 4834), 10Ca (5348) e 10Cb (1414, 4354, 6846).



5694



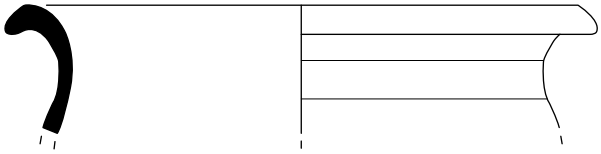
6002



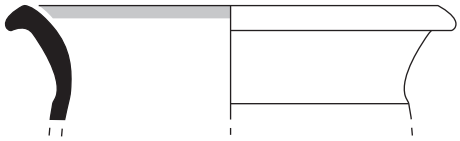
6811



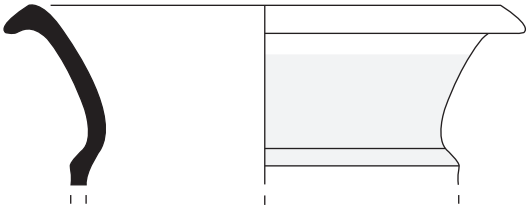
4619



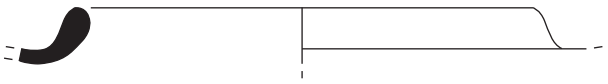
4378



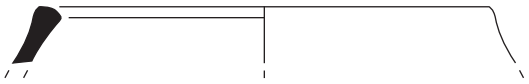
4719



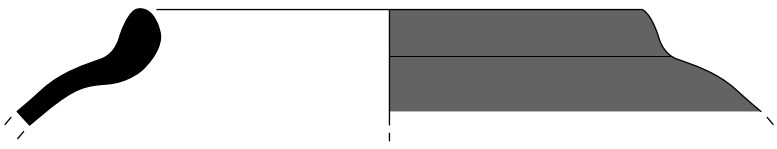
4675



4601



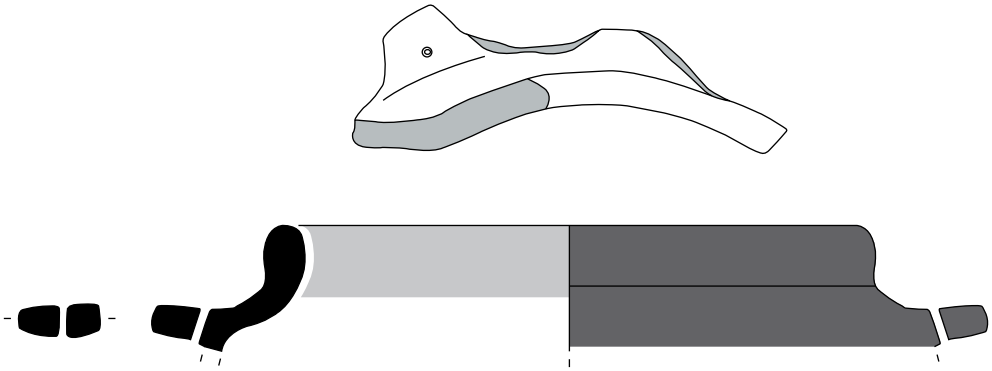
5363



4360

10 cm

Est. 61 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica comum da variante 10Da (5694, 6002, 6811, 4619, 4378), 10Ea (4719, 4675), 10Ga (4601), 10Gc (5363) e 10Ha (4360).



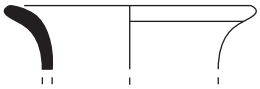
2515



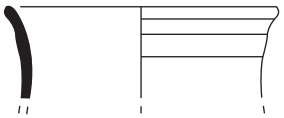
5014



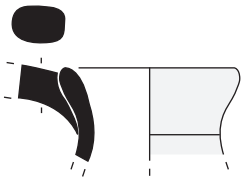
4845



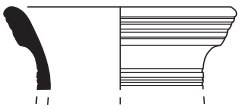
6593



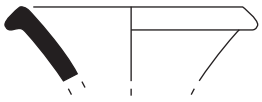
5407



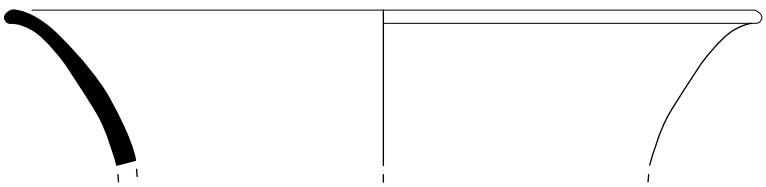
6202



6893



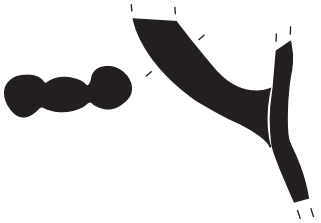
6581



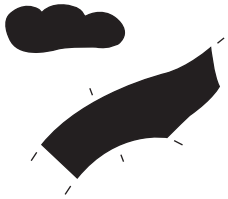
1836

10 cm

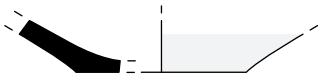
Est. 62 - Rua dos Correeiros - camada BB: cerâmica comum da variante 10Hb (2515), 11Aa (5014, 4845, 6593, 5407), sub-variante 11Aa.1 (6202), variante 11Ab (6893), 11Ba (6581) e 12Aa (1836).



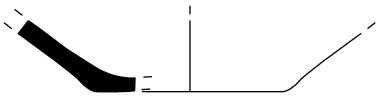
4806



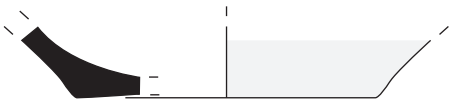
4650



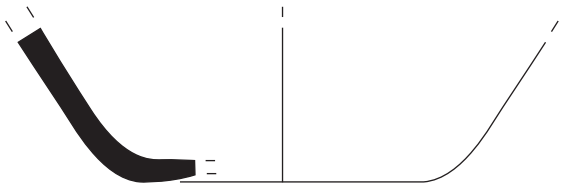
1230



1322



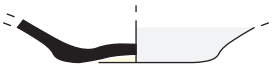
5473



4826



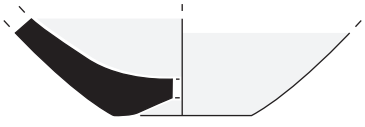
4606



5019



1204



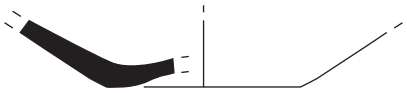
6203

10 cm

Est. 63 - Rua dos Correeiros - camada BB: fragmentos de asa de cerâmica comum (4806, 4650) e de fundo (1230, 1322, 5473, 4826, 4606, 5019, 1204 e 6203).



2543



4608



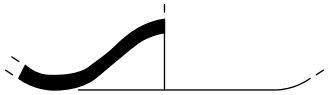
1401



6928



6386



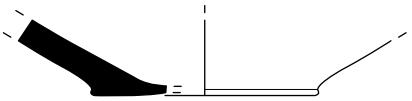
613



1400



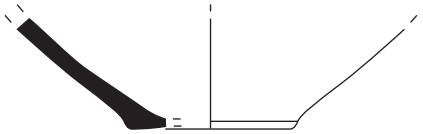
6076



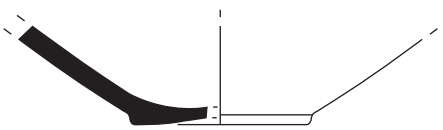
1263



1315



6459



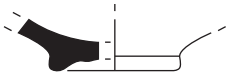
6923

10 cm

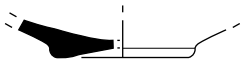
Est. 64 - Rua dos Correeiros - camada BB: fragmentos de fundo de cerâmica comum (2543, 4608, 1401, 6928, 6386, 613, 1400, 6076, 1263, 1315, 6459, 6923).



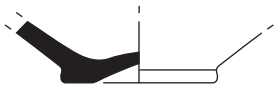
6445



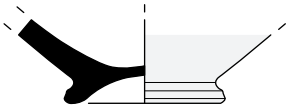
4607



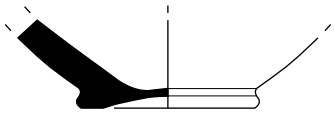
1852



6819



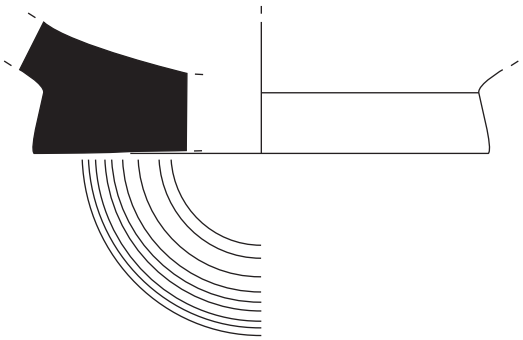
2607



2740



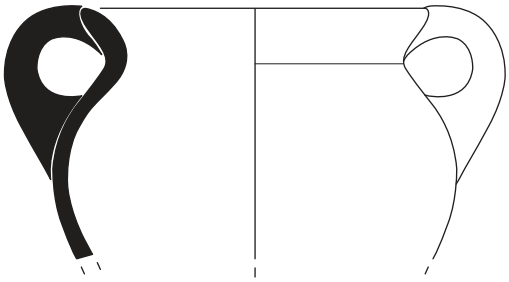
5051



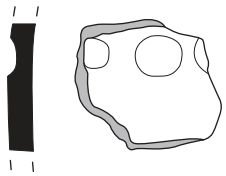
6543

10 cm

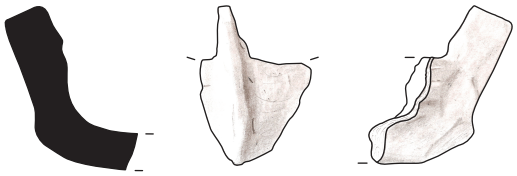
Est. 65 - Rua dos Correeiros - camada BB: fragmentos de fundo de cerâmica comum (2543, 4608, 1401, 6928, 6386, 613, 1400, 6076, 1263, 1315, 6459, 6923).



6905



6280



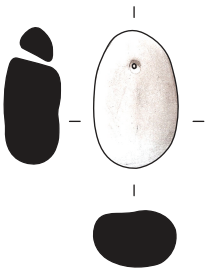
5416



4621



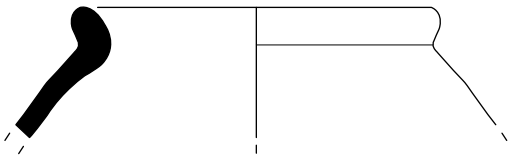
6421



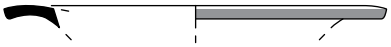
6367

10 cm

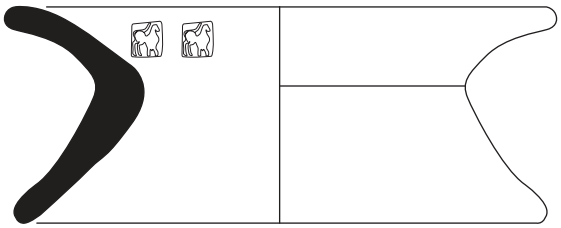
Est. 66 - Rua dos Correeiros - camada BB: pote e / ou panela (6905) e fragmento de parede de cerâmica manual; vasos coroplásticos (5416, 4621 e 6421) e pendente de cerâmica (6367).



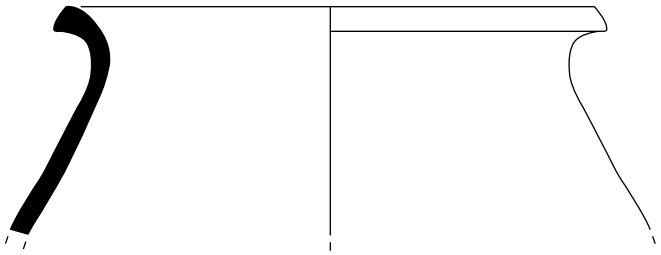
1434



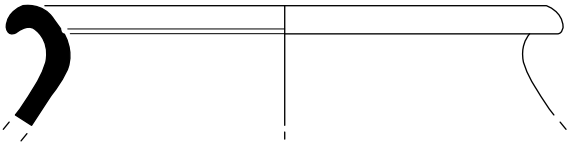
1242



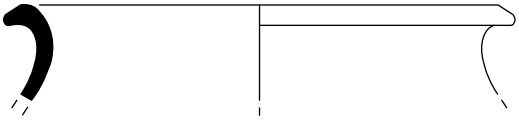
536



1213



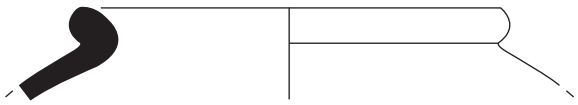
1211



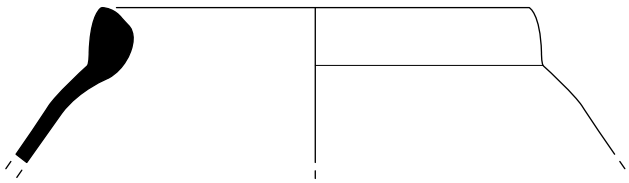
1435

10 cm

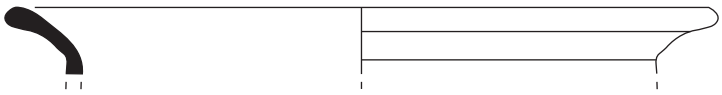
Est. 67 - Rua dos Correeiros - camada 22: ânfora da variante 1Ba (1434); cerâmica comum da variante 3Ca (1242), 8Aa (536) e 10Ba (1213, 1211, 1435).



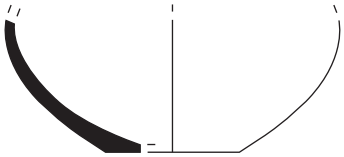
5544



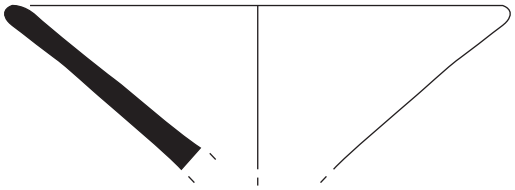
1229



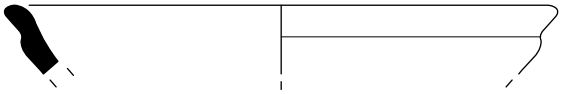
5539



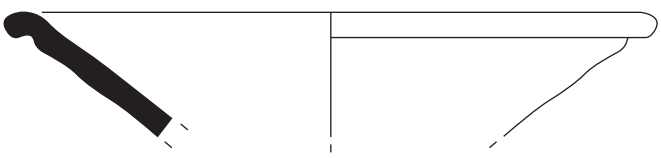
5548



5542



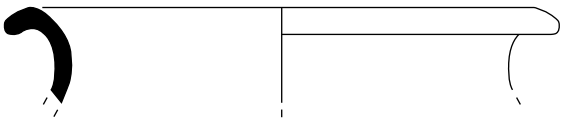
1436



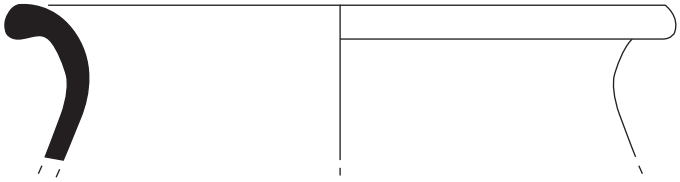
5546

10 cm

Est. 68 - Rua dos Correeiros - camada 24: ânforas da variante 1Bb (5544) e 1Dc (1229); cerâmica cinzenta da variante 4Ca (5539) e fragmento de fundo (5548); cerâmica comum da variante 1Ac (5542), 1Bb (1436) e 1Bd (5546).



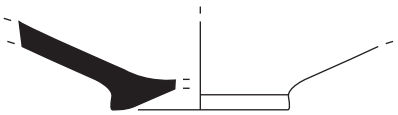
1437



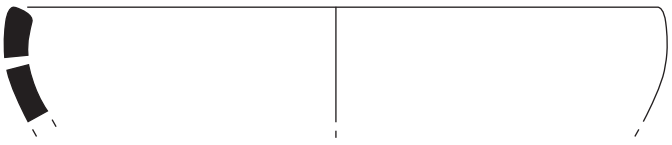
5545



5552



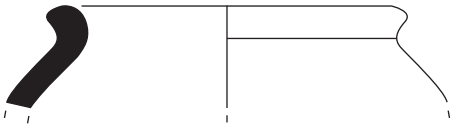
5547



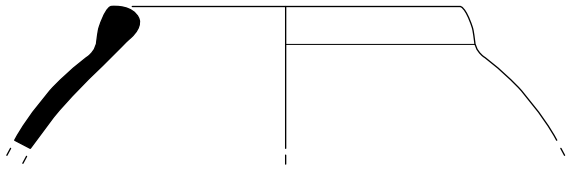
5551

10 cm

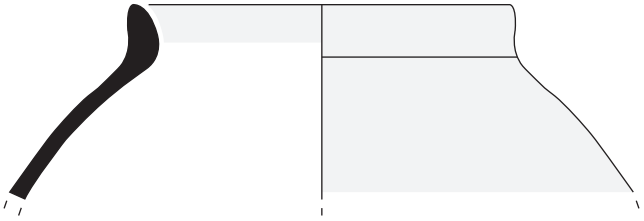
Est. 69 - Rua dos Correeiros - camada 24: cerâmica comum da variante 10Ba (1437), 10Bb (5545) e fragmentos de fundo (5552, 5547); tigela de cerâmica manual (5551).



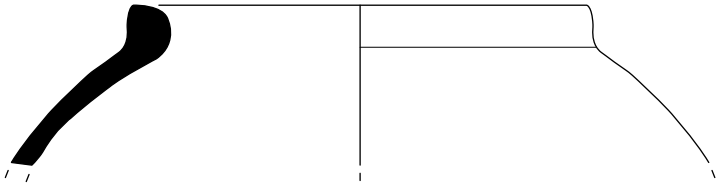
5607



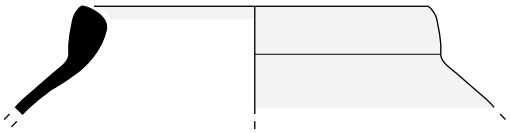
1222



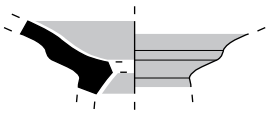
5606



1218



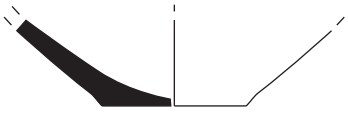
1248



1236



4527



4530

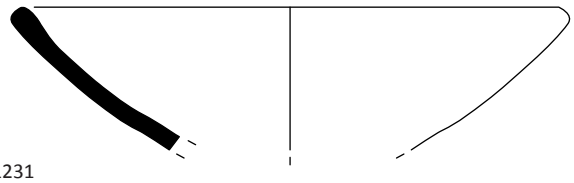


5612

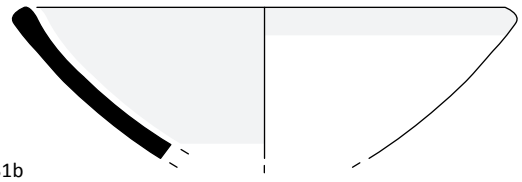


10 cm

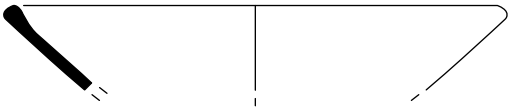
Est. 70 - Rua dos Correeiros - camada CC: ânforas da variante 1Ba (5607), 1Cc (1222), 1Da (5606), 1Db (1218) e 1Dc (1248); cerâmica de engobe vermelho da variante 4Aa (1236); cerâmica cinzenta da variante 1Ab (4527) e fragmentos de fundo (4530, 5612).



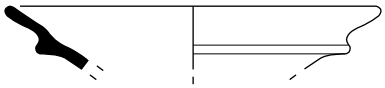
1231



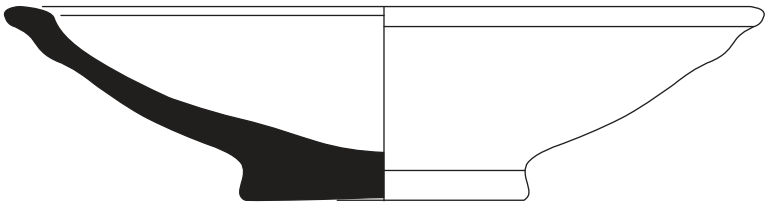
1231b



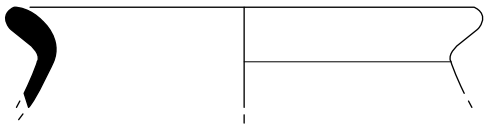
1246



1847



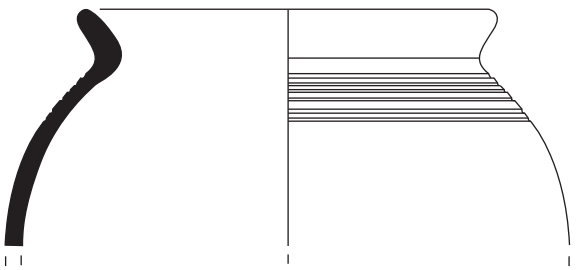
1201



1206



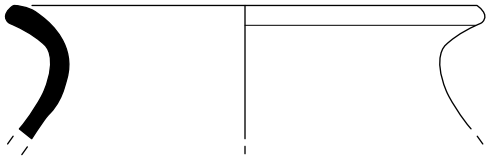
4531



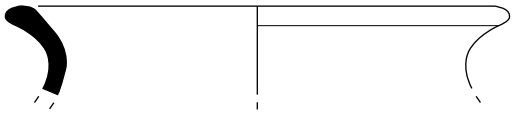
5610

10 cm

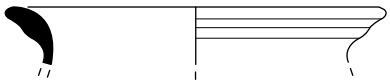
Est. 71 - Rua dos Correeiros - camada CC: cerâmica comum da variante 1Aa (1231, 1231b, 1246), 1Ba (1847), 6Aa (1201), 10Aa (1206, 4531) e sub-variante 10Aa.1 (5610).



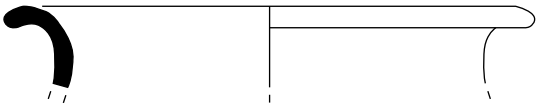
1216



1845



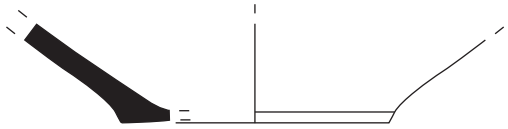
1244



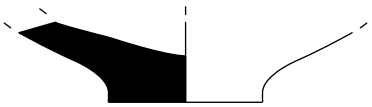
1835



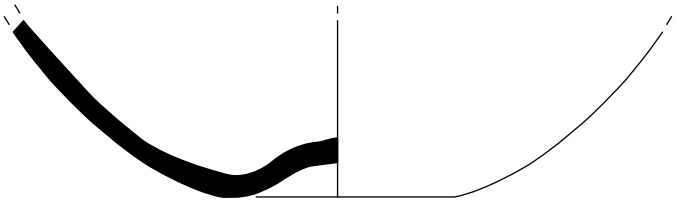
1848



5609



1209



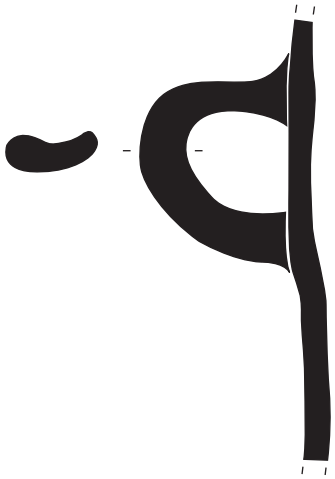
1208



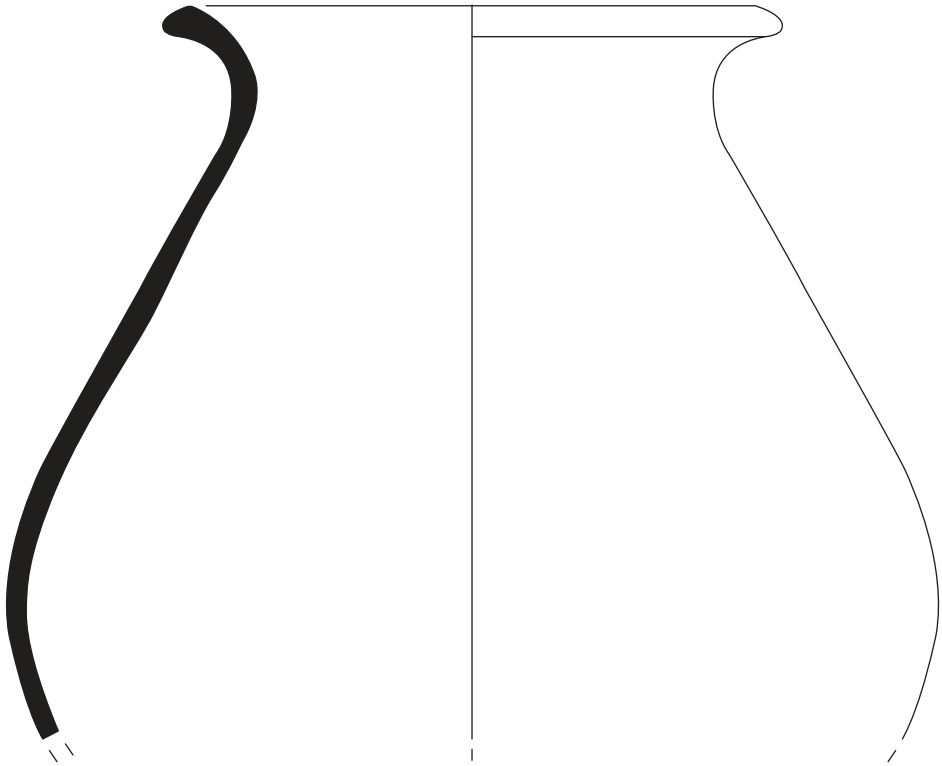
4532

10 cm

Est. 72 - Rua dos Correeiros - camada CC: cerâmica comum da variante 10Ca (1216, 1845), 10Cb (1244, 1835), 10Gc (1848) e fragmentos de fundo (5609, 1209, 1208, 4532).



1221



1210

10 cm

Est. 73 - Rua dos Correeiros - camada 25: fragmento de asa de ânfora (1221); cerâmica comum da variante 10Cb (1210).



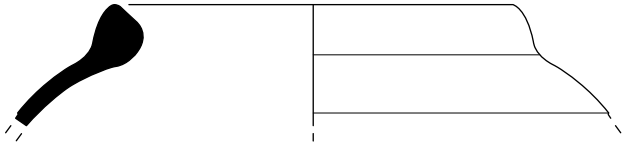
5241

10 cm

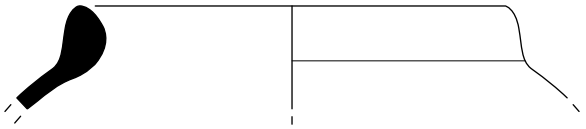
Est. 74 - Rua dos Correeiros - camada 40: cerâmica cinzenta da variante 3Ba (5241).



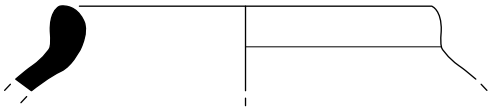
4443



4415



4425



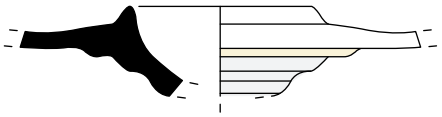
4429



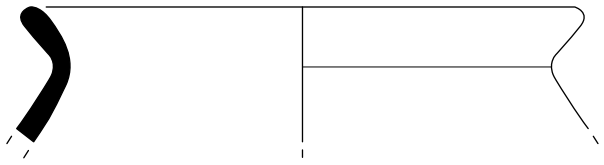
4440



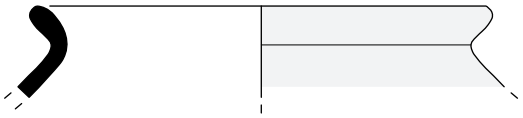
4438



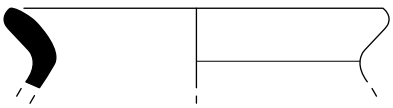
4411



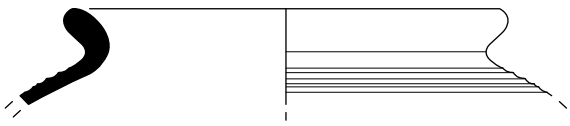
4428



4448



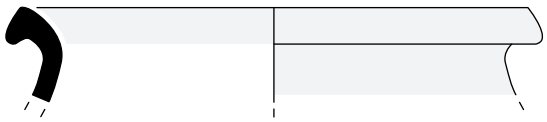
4422



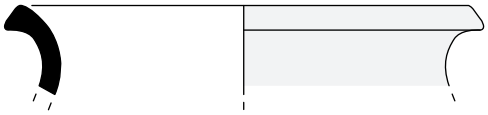
4419

10 cm

Est. 75 - Rua dos Correeiros - camada 43: ânforas da variante 1Aa (4443), 1Da (4415) e 1Db (4425, 4429); cerâmica cinzenta da variante 1Aa (4440); cerâmica comum da variante 1Aa (4438), 4Ba (4411), 10Aa (4428, 4448, 4422) e sub-variante 10Aa.1 (4419).



4442



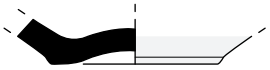
4412



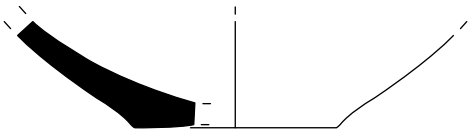
4421



4445



4444



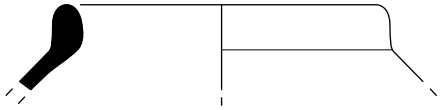
2909

10 cm

Est. 76 - Rua dos Correeiros - camada 43: cerâmica comum da variante 10Ba (4442, 4412, 4421, 4445) e fragmentos de fundo (4444, 2909).



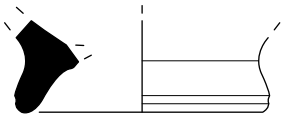
4424



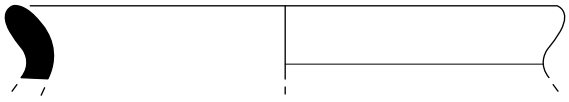
4423



4441



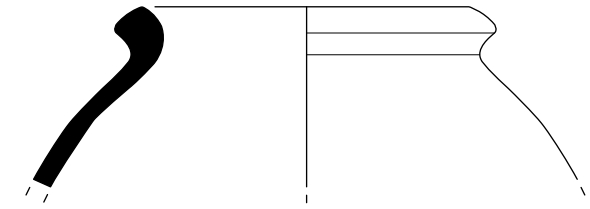
4420



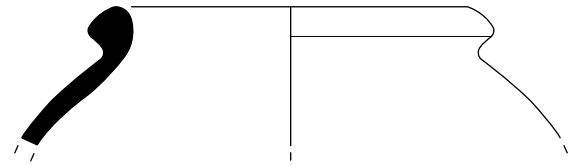
4416

10 cm

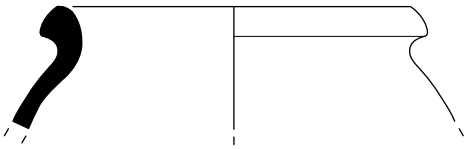
Est. 77 - Rua dos Correeiros - camada 46: ânforas da variante 1Ca (4424) e 1Db (4423); fragmentos de fundo de cerâmica cinzenta (4441, 4420); cerâmica comum da variante 10Aa (4416).



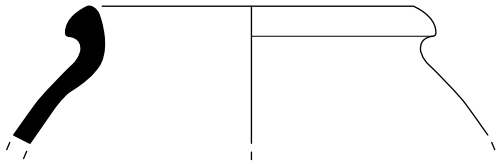
S.N. D



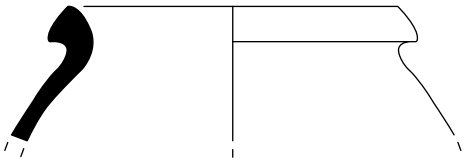
1542



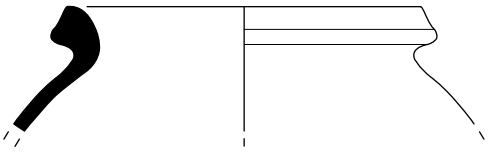
1664



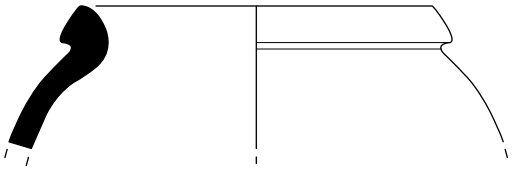
1502



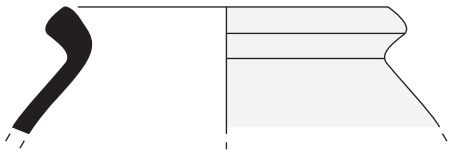
1531



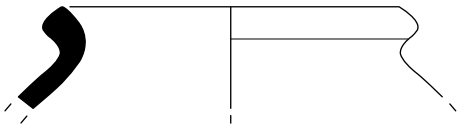
1543



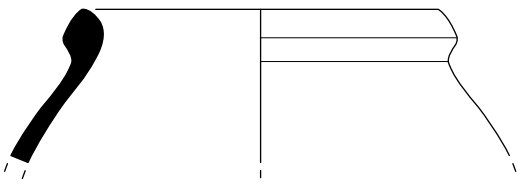
1508



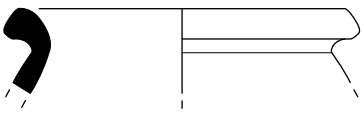
5831



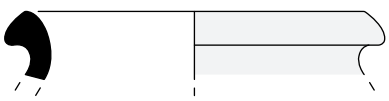
1665



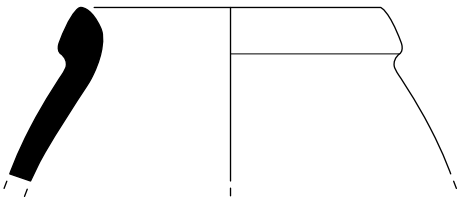
1520



1540



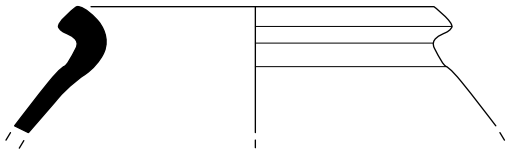
1723



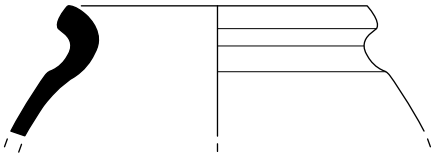
1545

10 cm

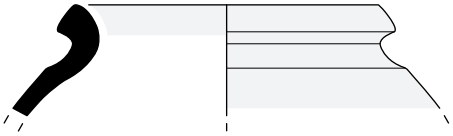
Est. 78 - Rua dos Correeiros -camada 12G: ânforas da variante 1Ab.



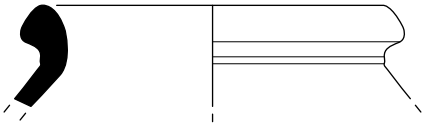
1532



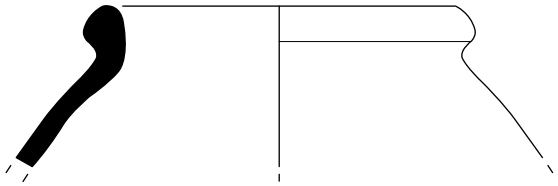
1509



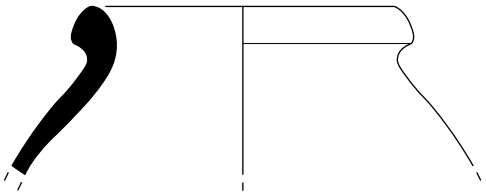
1523



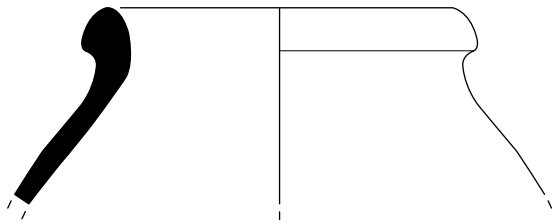
1533



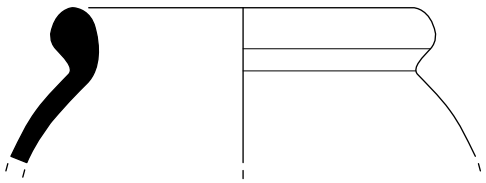
1544



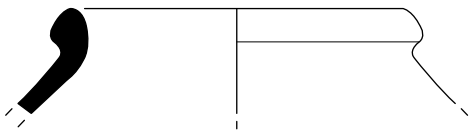
1546



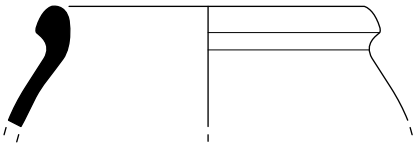
1514



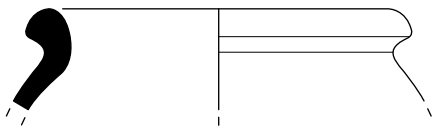
1536



1526



4343



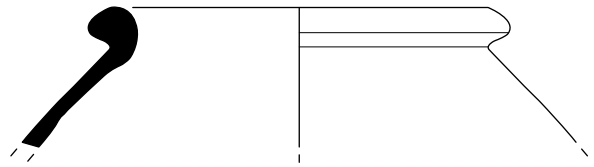
1515



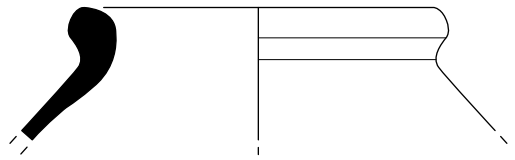
1597

10 cm

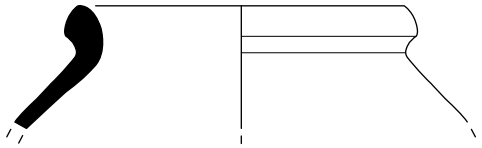
Est. 79 - Rua dos Correeiros - camada 12G: ânforas da variante 1Ab (1532, 1509, 1523, 1533) e 1Ac (1544, 1546, 1514, 1536, 1526, 4343, 1515, 1597).



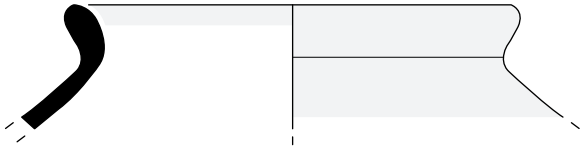
1537



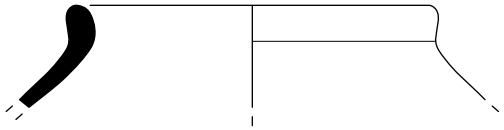
1535



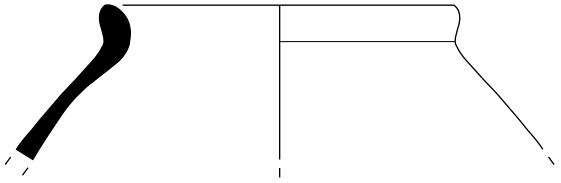
1501



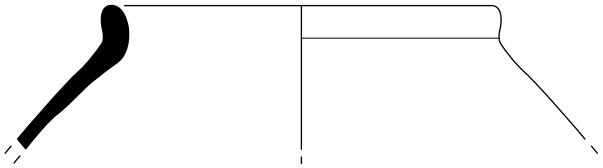
1667



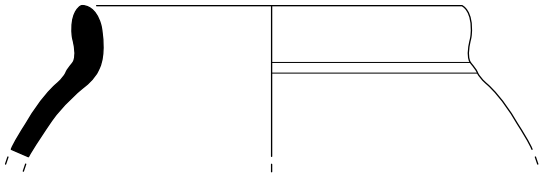
1558



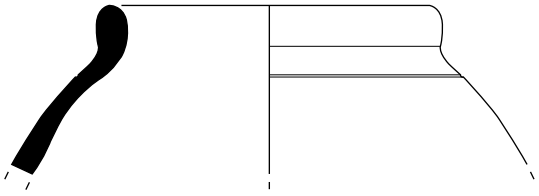
1556



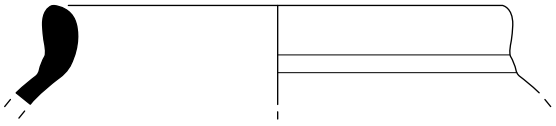
1524



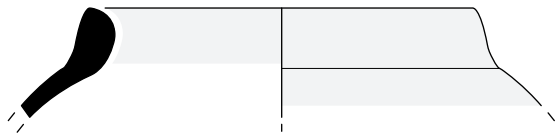
1569



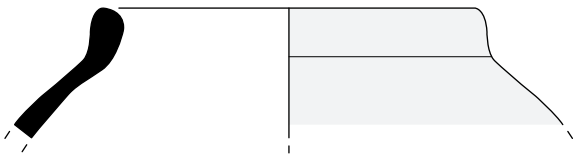
1567



1554

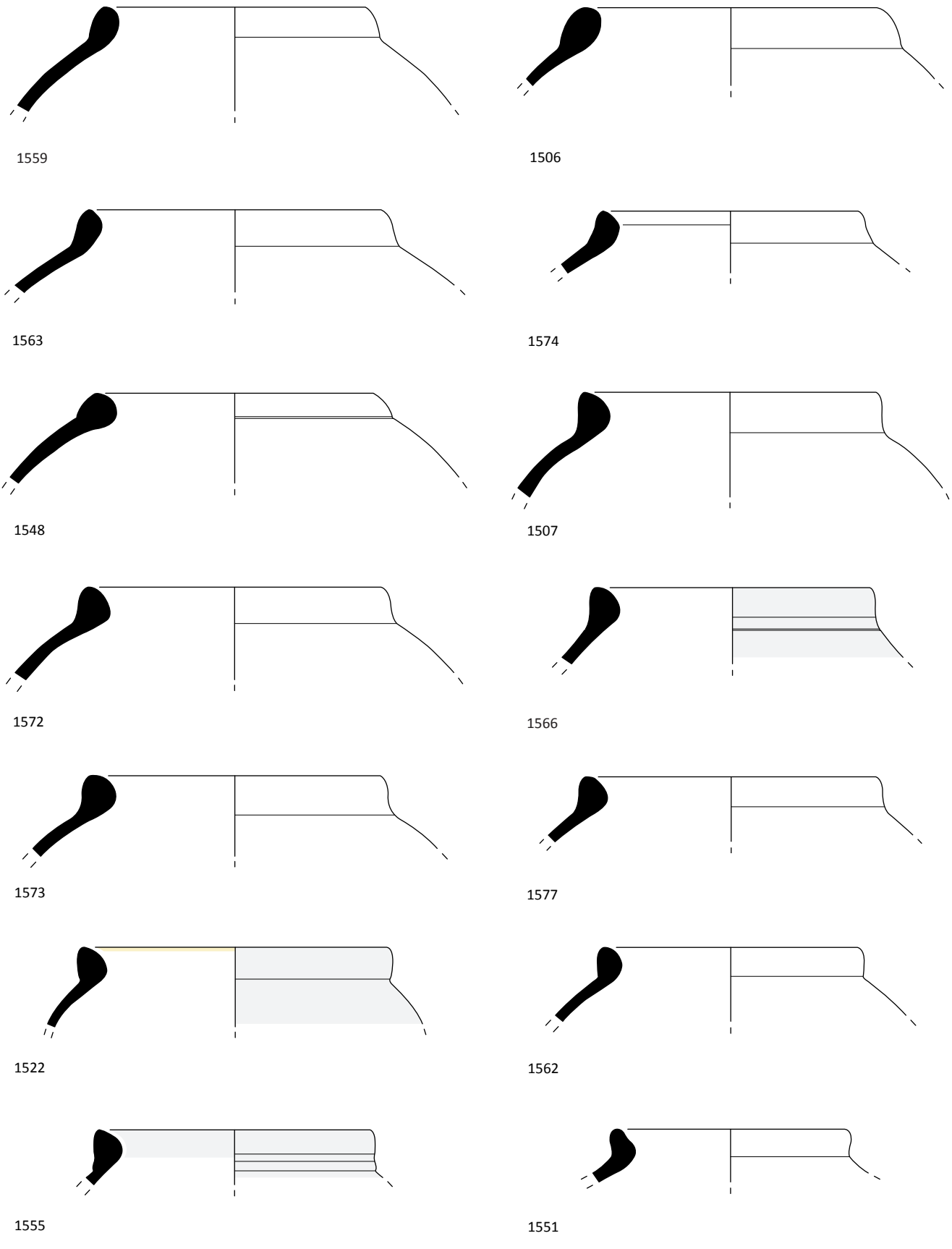


1539

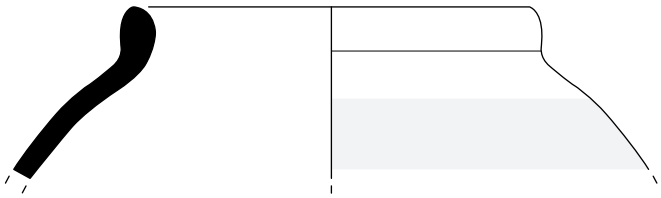


1504

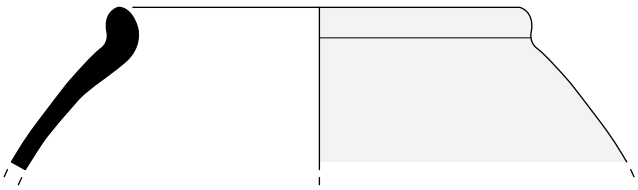
Est. 80 - Rua dos Correeiros - camada 12G: ânforas da variante 1Ac (1537, 1535, 1501), 1Ba (1667, 1558, 1556, 1524, 1569), 1Bb (1567, 1554) e 1Ca (1539, 1504).



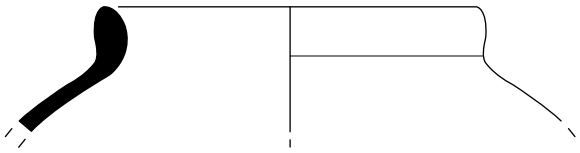
Est. 81 - Rua dos Correeiros - camada 12G: ânforas da variante 1Ca (1559, 1506), 1Cb (1563, 1574), 1Cc (1548) e 1Da (1507, 1572, 1566, 1573, 1577, 1522, 1562, 1555, 1551).



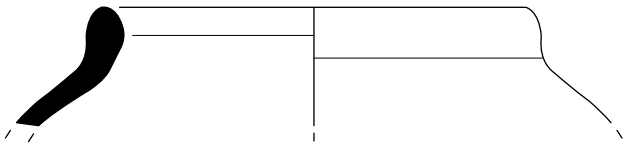
1519



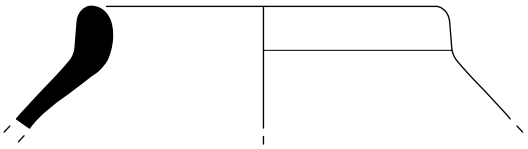
1525



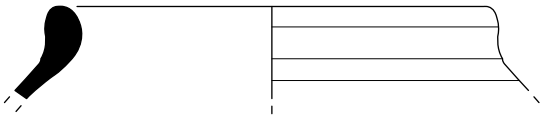
1518



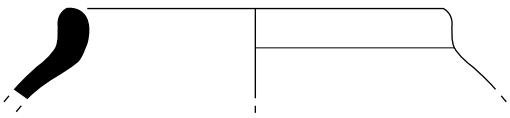
1511



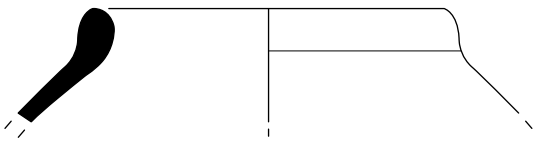
1553



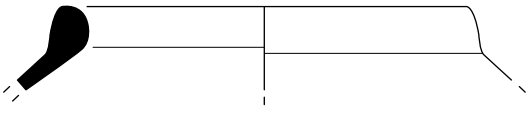
1505



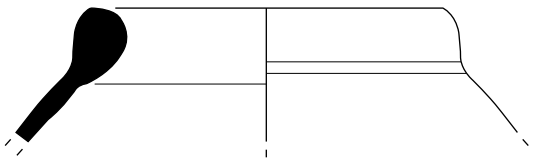
1565



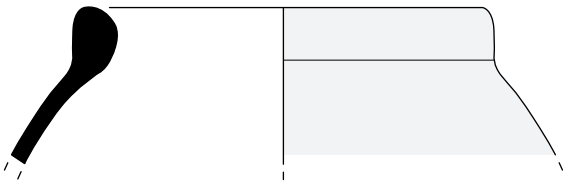
1570



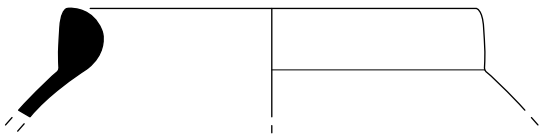
1538



1576

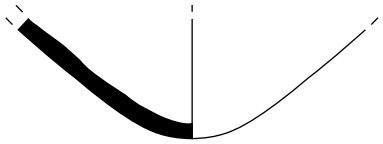


1571

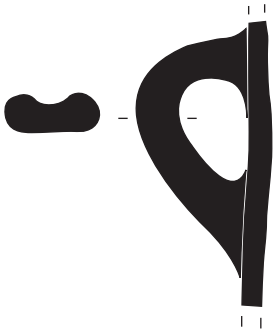


1510

Est. 82 - Rua dos Correeiros - camada 12G: ânforas da variante 1Db (1519, 1525, 1518, 1511, 1553, 1505, 1565, 1570, 1538) e 1Dc (1576, 1571, 1510).



1580



5146



5145



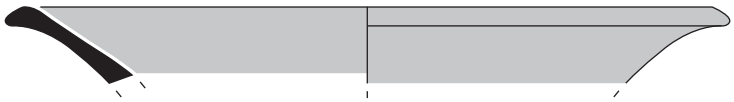
5147



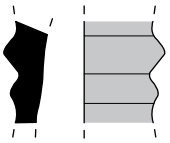
5057

10 cm

Est. 83 - Rua dos Correeiros - camada 12G: fundos e asas de ânforas.



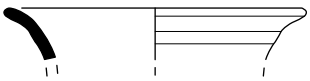
5851



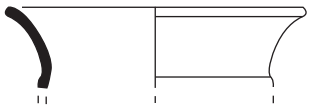
1626



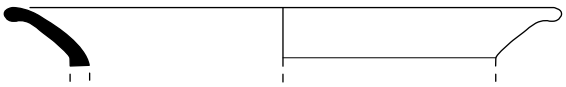
1585



1583



5838



1586



1584

10 cm

Est. 84 - Rua dos Correeiros - camada 12G: cerâmica de engobe vermelho da variante 3Aa (5851) e 4Aa (1626); cerâmica cinzenta da variante 1Aa (1585), 3Aa (1583, 5838), 4Ca (1586) e fragmento de fundo (1584).



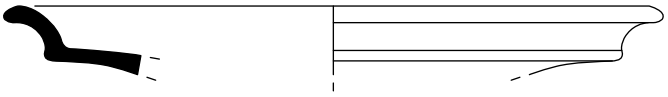
1624



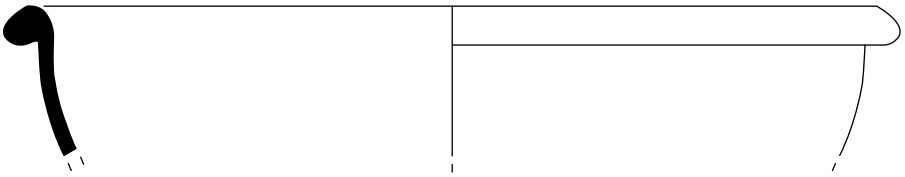
1609



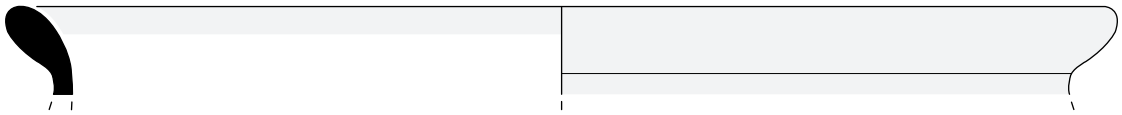
1623



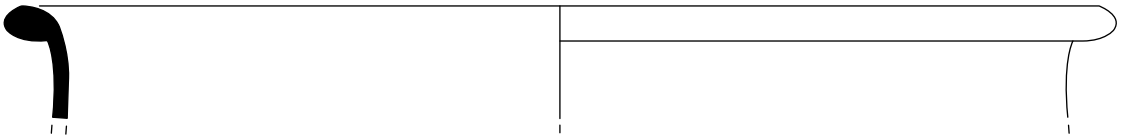
1613



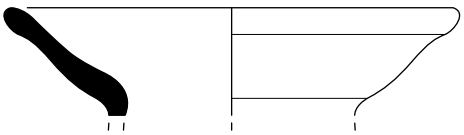
1670



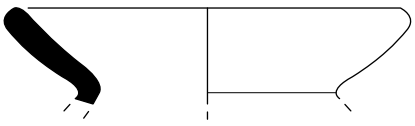
1672



1669



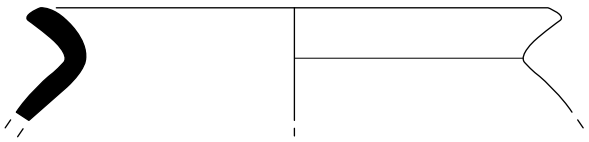
1620



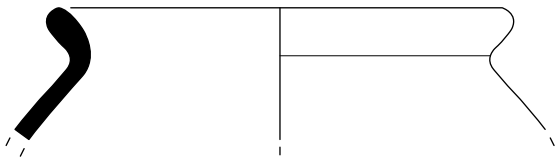
1621

10 cm

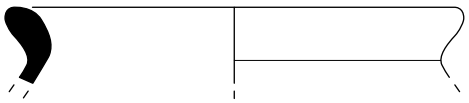
Est. 85 - Rua dos Correeiros - camada 12G: cerâmica comum da variante 1Aa (1624, 1609, 1623), 3Aa (1613), 5Ca (1670, 1672, 1669) e 8Aa (1620, 1621).



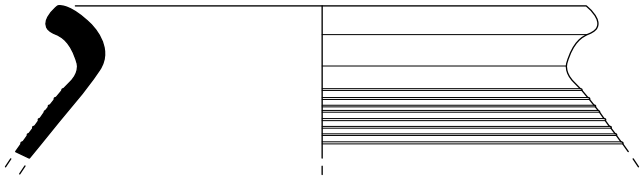
1678



1517



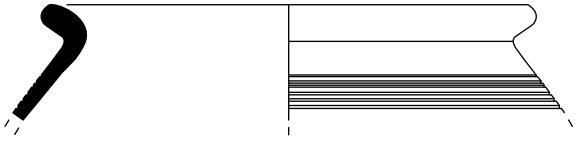
1564



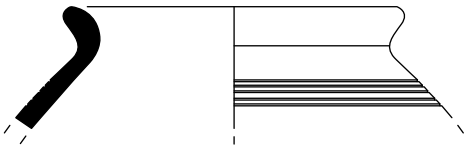
1594



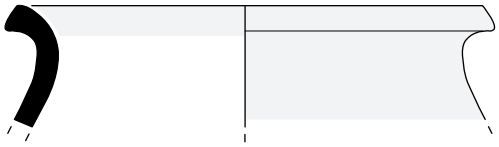
1599



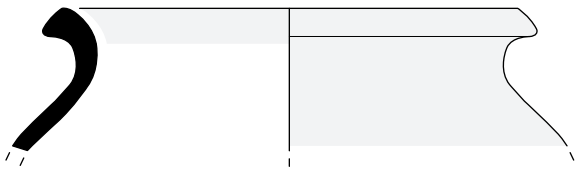
1598



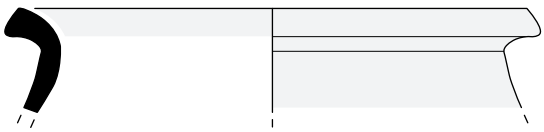
1605



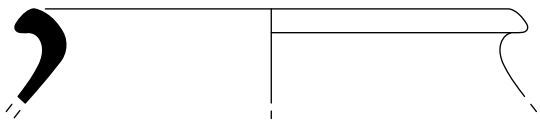
1683



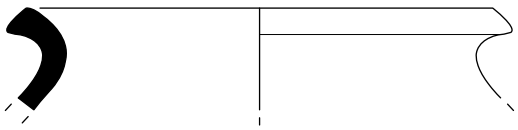
1698



1675

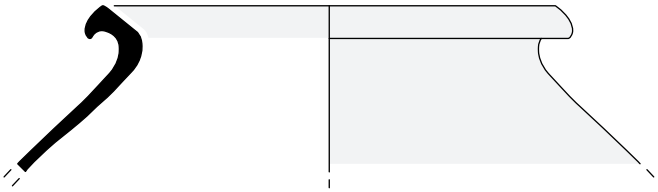


1697

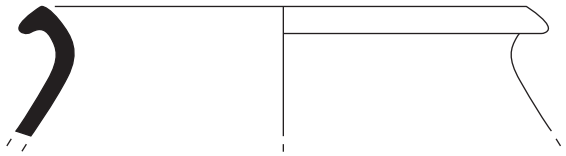


1652

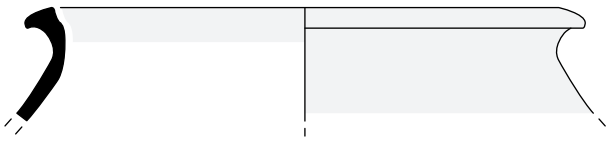
Est. 86 - Rua dos Correeiros - camada 12G: cerâmica comum da variante 10Aa (1678, 1517, 1564), sub-variante 10Aa.1 (1594, 1599, 1598, 1605) e variante 10Ba (1683, 1698, 1675, 1697, 1652).



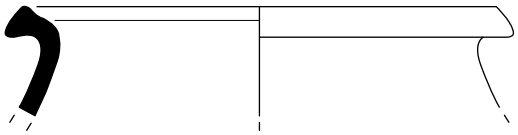
1645



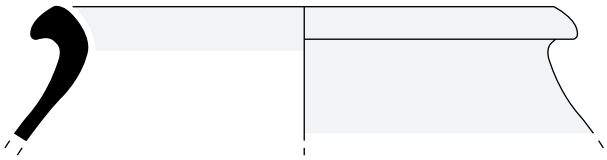
5842



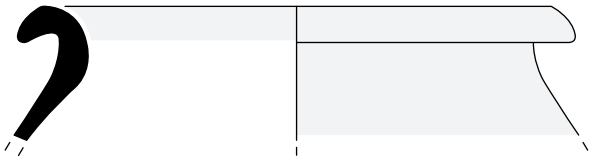
1638



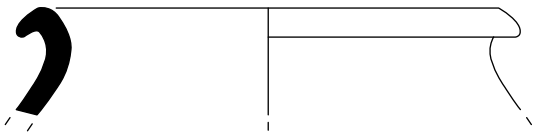
1680



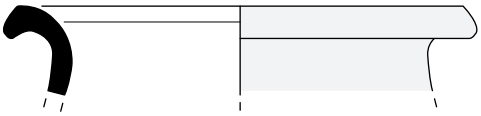
1676



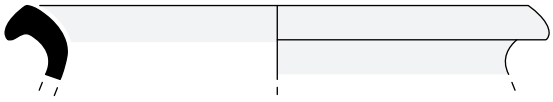
1642



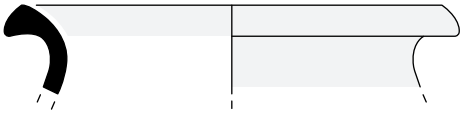
1674



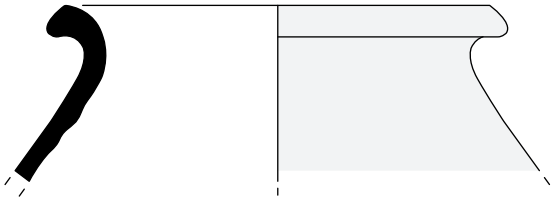
1711



1688



1700



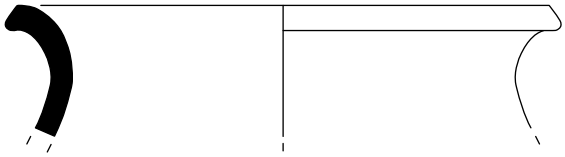
1633



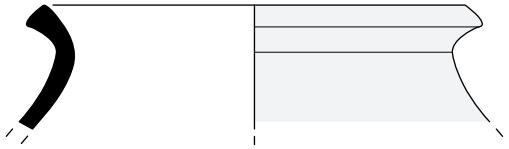
1706



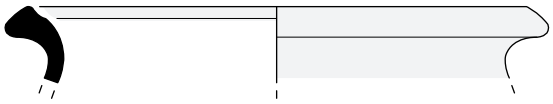
Est. 87 - Rua dos Correeiros - camada 12G: cerâmica comum da variante 10Ba.



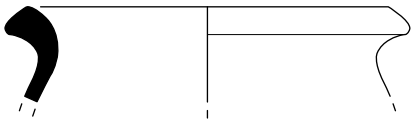
1679



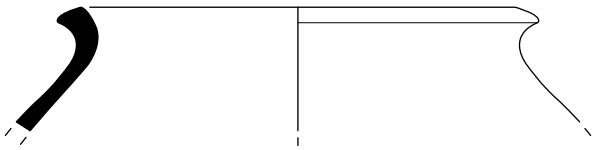
2747



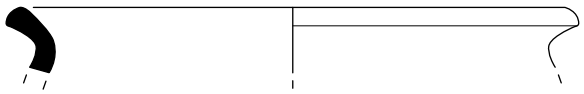
1709



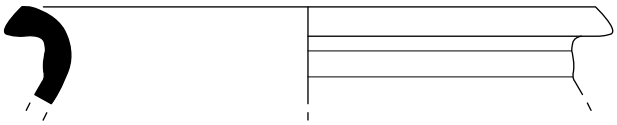
1682



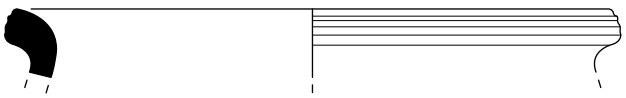
1656



1693



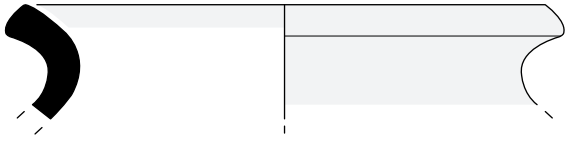
1661



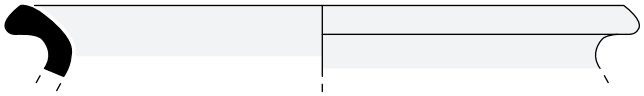
1603



1712



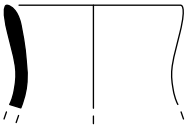
1632



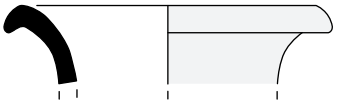
1677

10 cm

Est. 88 - Rua dos Correeiros - camada 12G: cerâmica comum da variante 10Ba (1679, 2747, 1709, 1682, 1696, 1693, 1661, 1603) e 10 Bb (1712, 1632, 1677).



1629



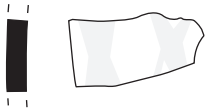
1695



1691



5836



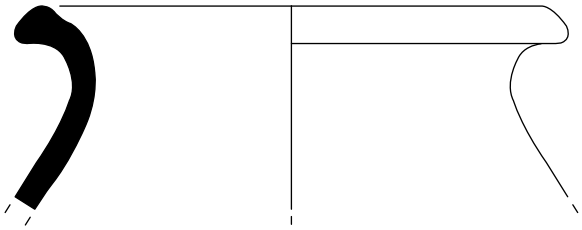
5853



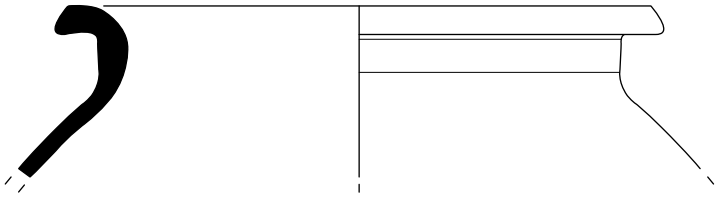
1612

10 cm

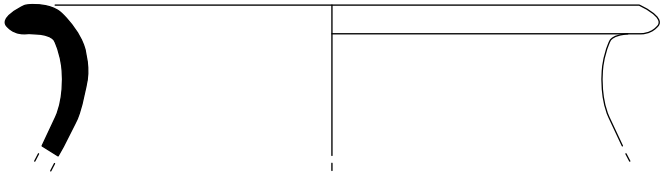
Est. 89 - Rua dos Correeiros - camada 12G: cerâmica comum da variante 11Aa (1629), 11Ba (1695), fragmentos de fundo (1691, 5836) e fragmentos de parede com decoração pintada (5853); cossoiro de cerâmica (1612).



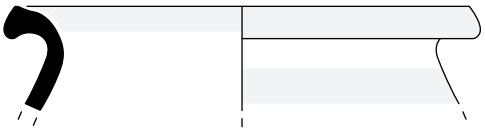
1660



1659



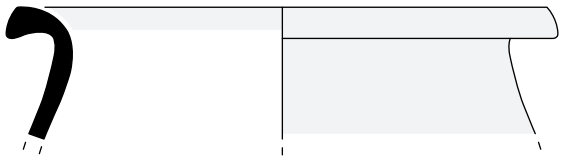
1673



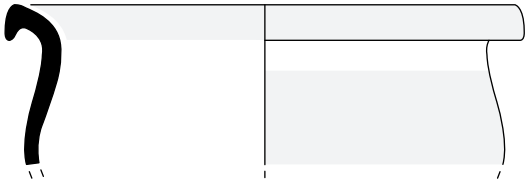
1641



1708



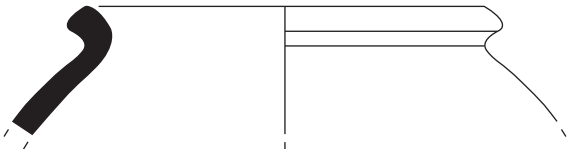
1636



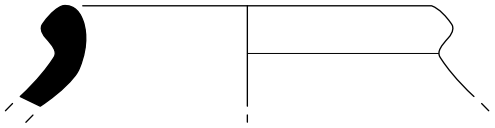
1640

10 cm

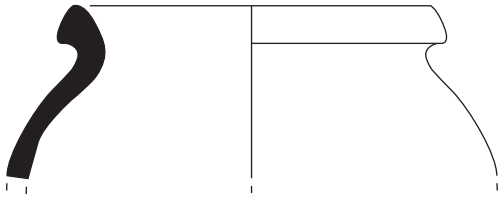
Est. 90 - Rua dos Correeiros - camada 12G: cerâmica comum da variante 10Bb (1660, 1659), 10Cb (1673) e 10Da (1641, 1708, 1636, 1640).



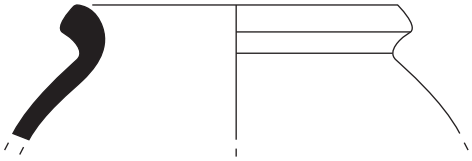
4966



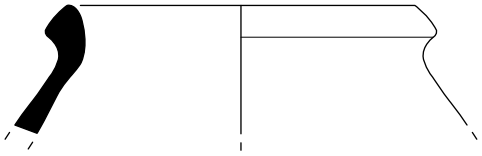
2688



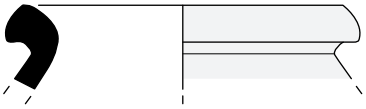
6994



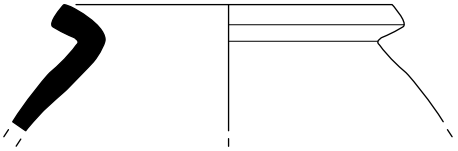
5596



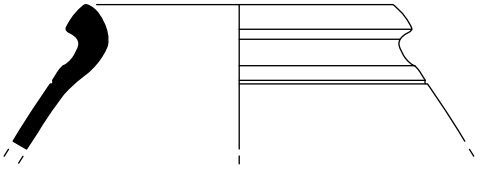
2697



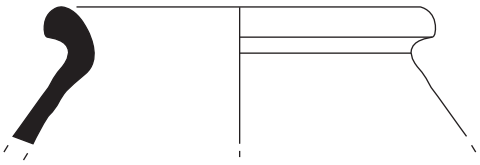
2660



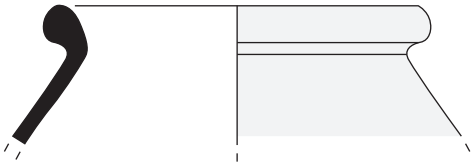
2253



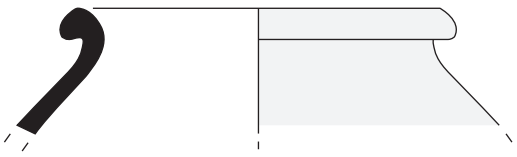
2256



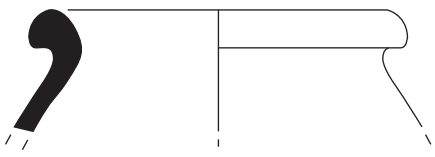
5603



5602

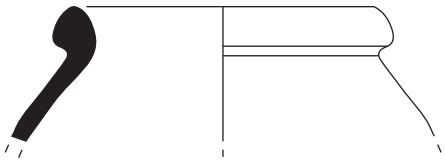


4901

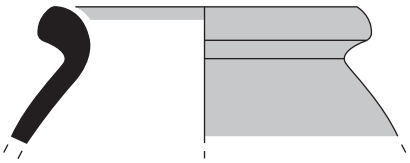


5598

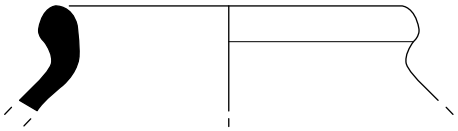
Est. 91 - Rua dos Correeiros - camada DD: ânforas da variante 1Ab (4966, 2688, 6994, 5596, 2697, 2660, 2253), sub-variante 1Ab.1 (2256) e variante 1Ac (5603, 5602, 4901, 5598).



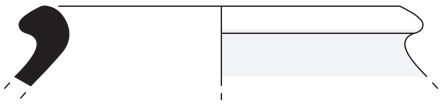
5597



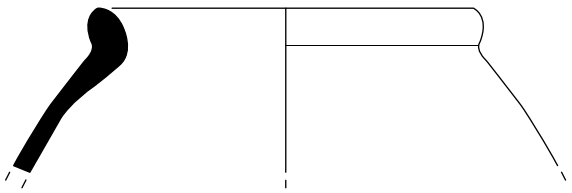
5580



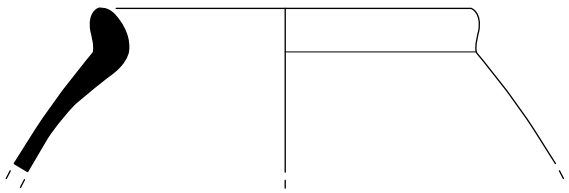
2672



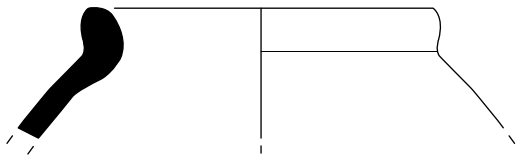
7098



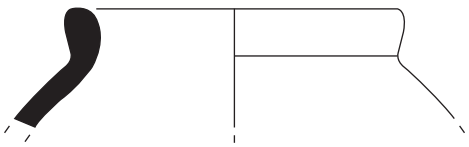
2655



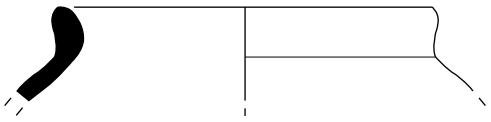
2661



2677



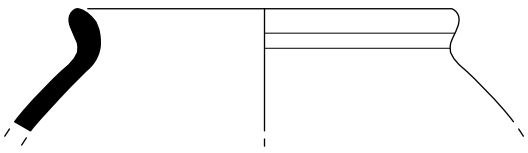
7086



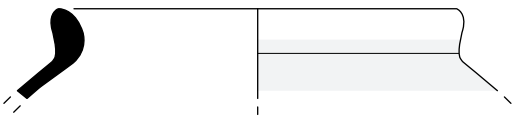
2684



2208



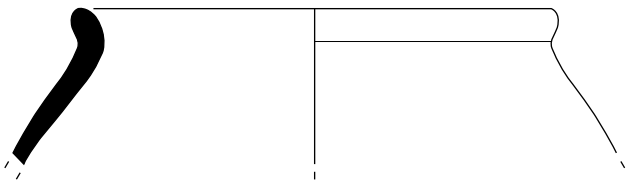
2206



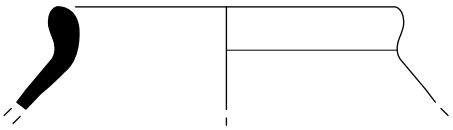
2681

10 cm

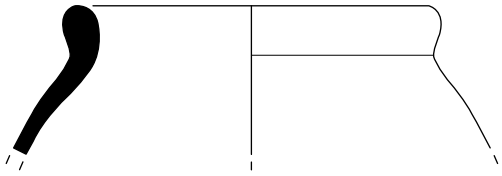
Est. 92 - Rua dos Correeiros - camada DD: ânforas da variante 1Ac (5597, 5580, 2672, 7098) e 1Ba (2655, 2661, 2677, 7086, 2684, 2208, 2206, 2681).



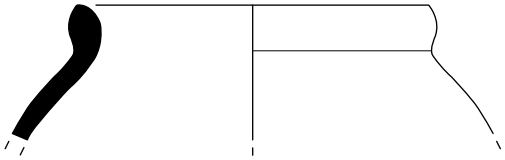
2673



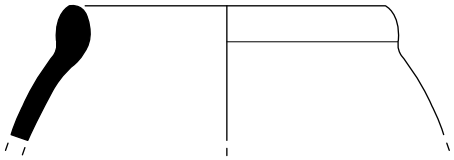
1423



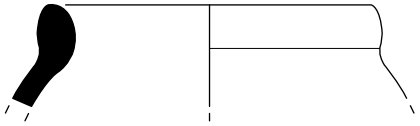
2205



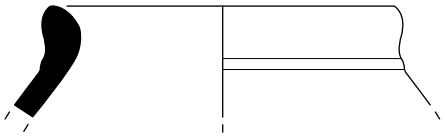
2207



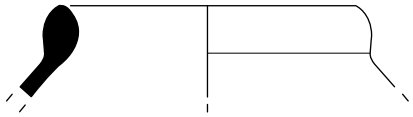
2670



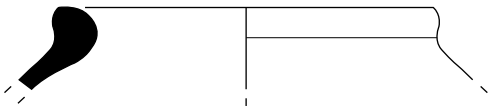
2692



1219



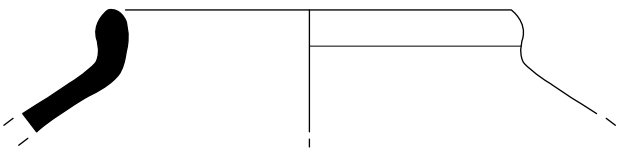
2663



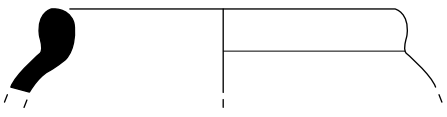
2698



2693



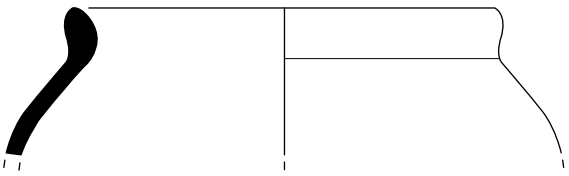
2658



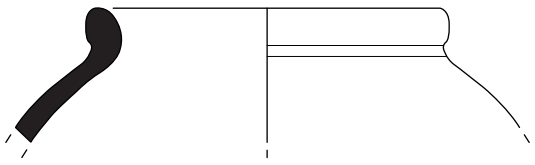
2657

10 cm

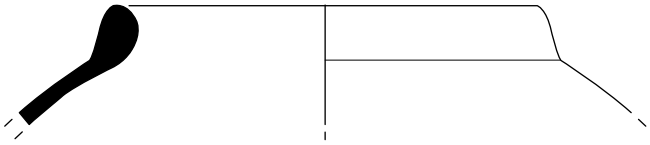
Est. 93 - Rua dos Correeiros - camada DD: ânforas da variante 1Ba (2673, 1423) e 1Bb (2205, 2207, 2670, 2692, 1219, 2663, 2698, 2693, 2658, 2657).



1729



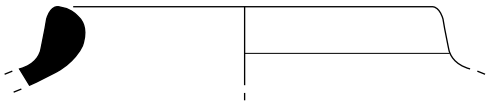
1727



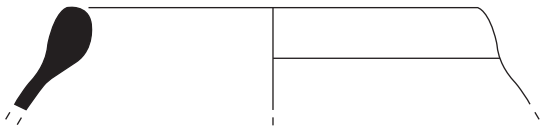
2686



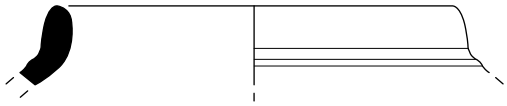
2687



2685



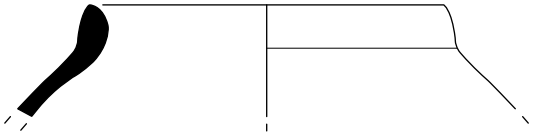
7263



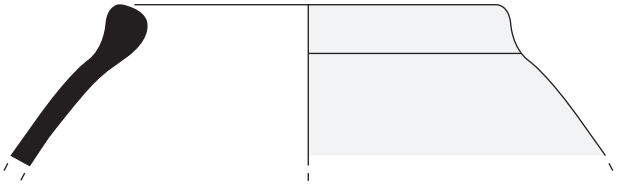
1732



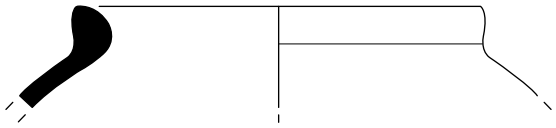
1256



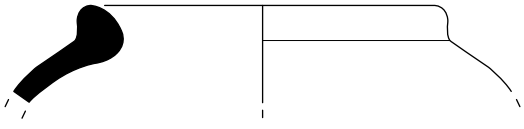
2678



7264



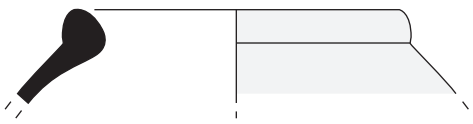
1253



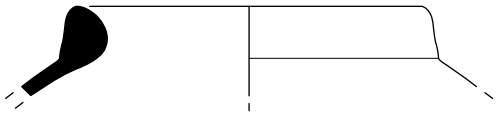
2676

10 cm

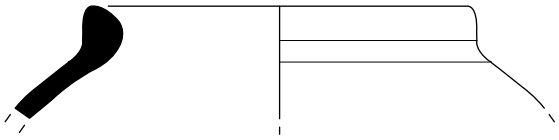
Est. 94 - Rua dos Correeiros - camada DD: ânforas da variante 1Bb (1729, 1727), 1Ca (2686, 2687, 2685, 7263, 1732, 1256), 1Cb (2678), 1Cc (7264) e 1Da (1253, 2676).



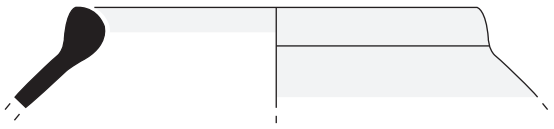
5585



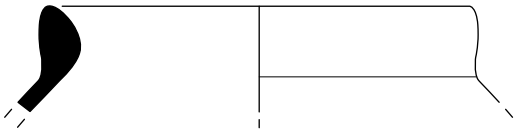
2714



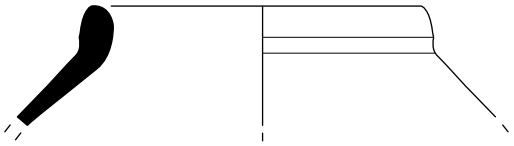
2679



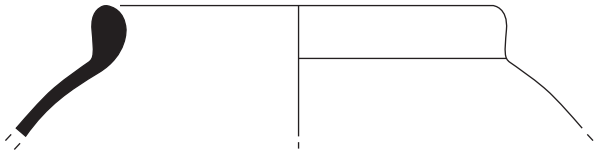
7195



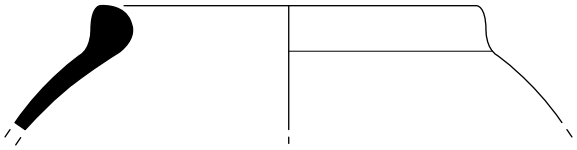
2656



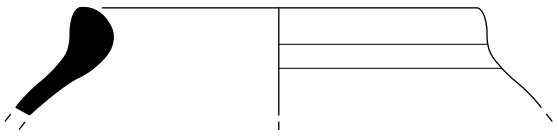
2680



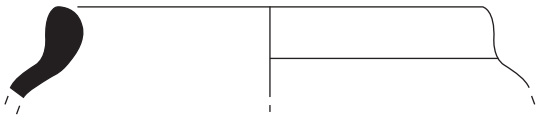
5564



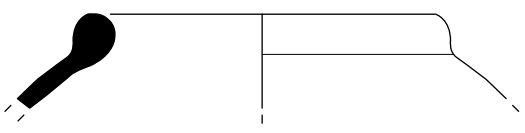
2662



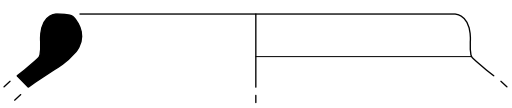
2716



5579



2682



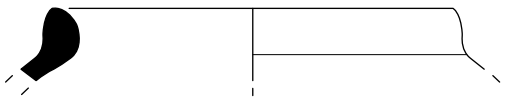
2668

10 cm

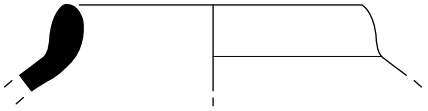
Est. 95 - Rua dos Correeiros - camada DD: ânforas da variante 1Da (5585, 2714, 2679, 7195, 2656) e 1Db (2680, 5564, 2662, 2716, 5579, 2682, 2668).



2674



2703



2659



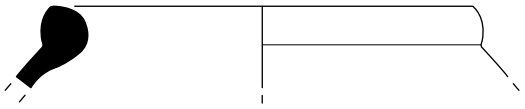
2666



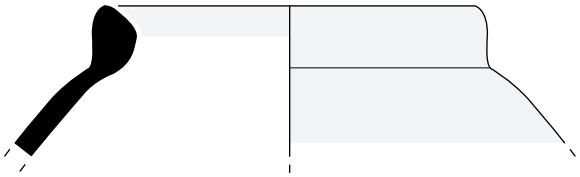
1261



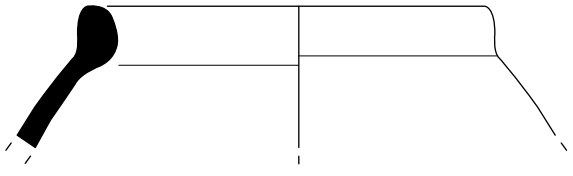
1257



2717



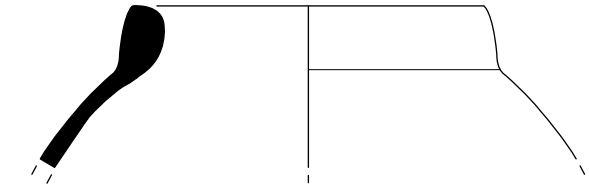
2713



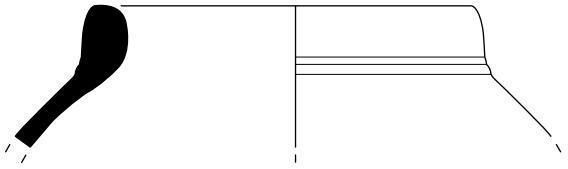
2715

10 cm

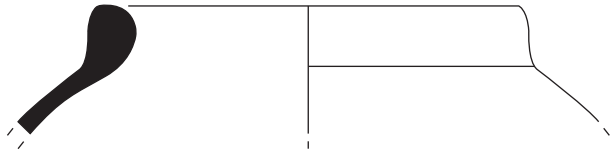
Est. 96 - Rua dos Correeiros - camada DD: ânforas da variante 1Db (2674, 2703, 2659, 2666, 1261, 1257, 2717) e 1Dc (2713, 2715).



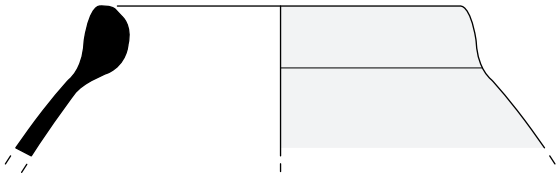
2695



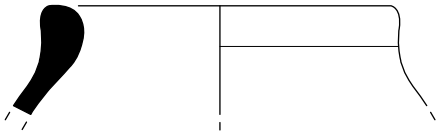
2683



5563



2671



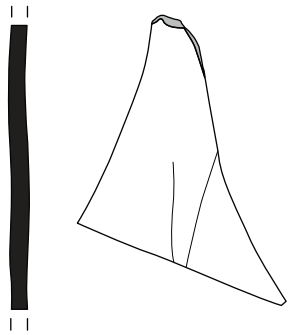
2690



2665



4967



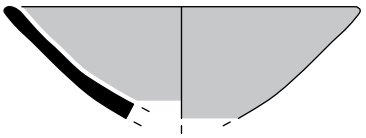
5426

10 cm

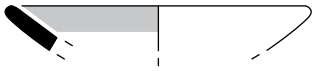
Est. 97 - Rua dos Correeiros - camada DD: ânforas da variante 1Dc (2695, 2683, 5563, 2671, 2690, 2665), fragmento de fundo (4967) e fragmento de parede (5426).



1939



4315



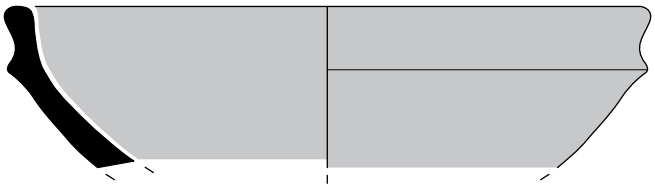
4310



S.N. C



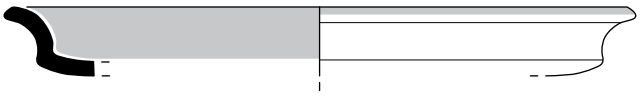
4303



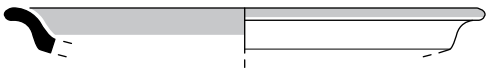
2209



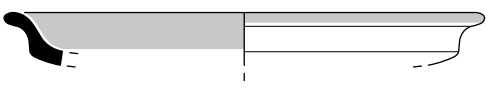
1932



2541



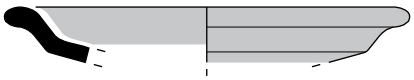
4299



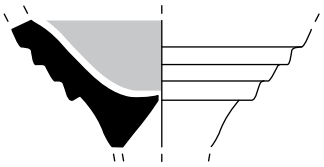
4307

10 cm

Est. 98 - Rua dos Correeiros - camada DD: cerâmica de engobe vermelho da variante 1Aa (1939, 4315, 4310, S.N. C), 1Ba (4303), 2Ba (2209), 3Ab (1932) e 3Ba (2541, 4299, 4307).



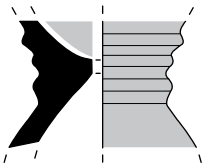
1421



235



2830



1726



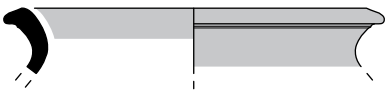
4302



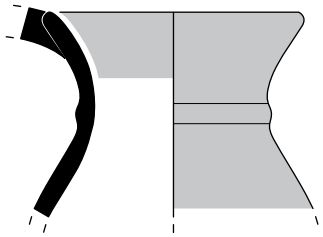
4331



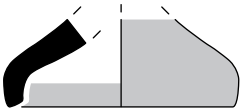
4314



1776



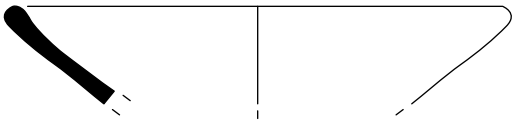
1308



4308

10 cm

Est. 99 - Rua dos Correeiros - camada DD: cerâmica de engobe vermelho da variante 1Ba (1421), 4Aa (235, 2830, 1726), 5Aa (4302, 4331, 4314), 6Bb (1776), 7Aa (1308) e fragmento de fundo (4308).



1286



1867



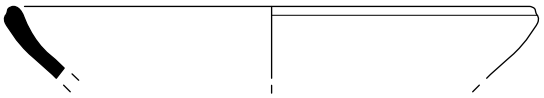
6317



1295



1737



1425



1303



2741



1893



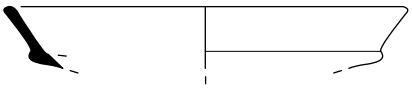
1278

10 cm

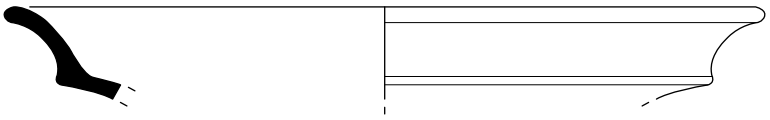
Est. 100 - Rua dos Correeiros - camada DD: cerâmica cinzenta da variante 1Aa (1286, 1867, 6317, 1295, 1737, 1425, 1303, 2741) e 1Ab (1893, 1278).



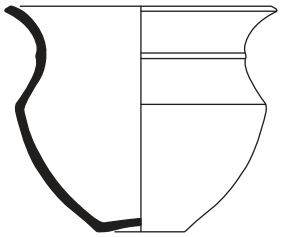
2737



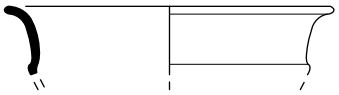
1155



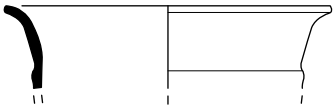
1582



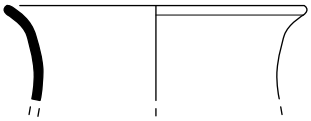
1280



1288



1740



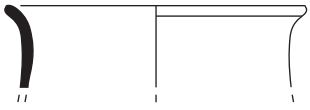
2203



5420



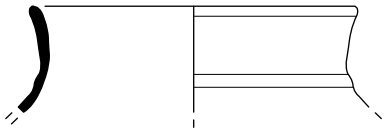
1276



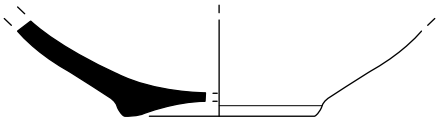
5419

10 cm

Est. 101 - Rua dos Correeiros - camada DD: cerâmica cinzenta da variante 1Ba (2737), 2Aa (1155), 2Ab (1582), 3Aa (1280, 1288, 1740) e 3Ba (2203, 5420, 1276, 5419).



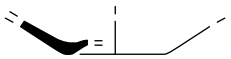
1298



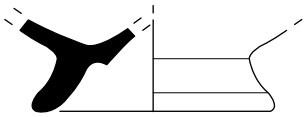
1449



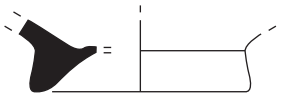
1744



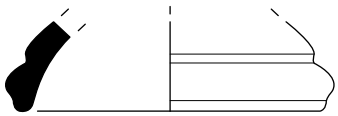
1281



1271



7082



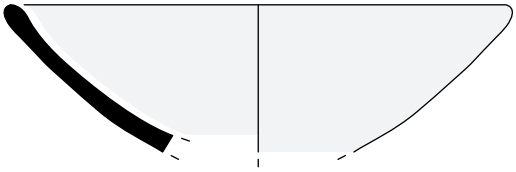
1296

10 cm

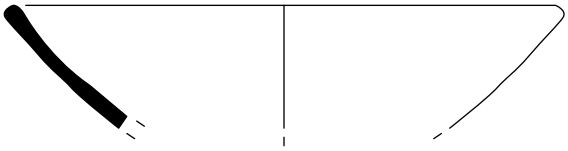
Est. 102 - Rua dos Correeiros - camada DD: cerâmica cinzenta da variante 4Aa (1298) e fragmentos de fundo (1449, 1744, 1281, 1271, 7082, 1296).



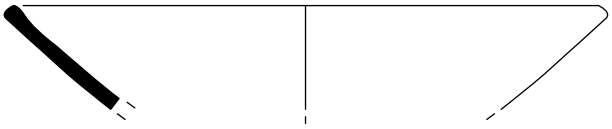
1318



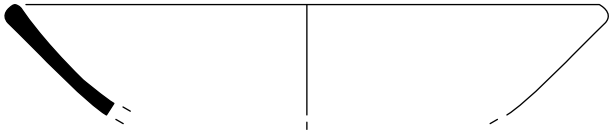
1326



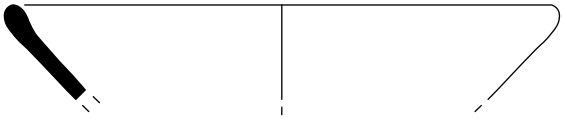
1327



1302



1324



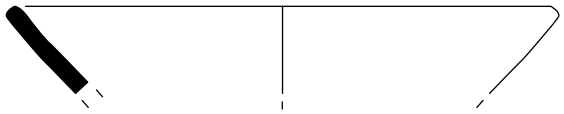
1270



1321



1790



1786



1788



2539



1301

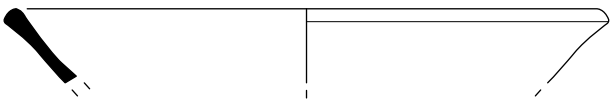


10 cm

Est. 103 - Rua dos Correeiros - camada DD: cerâmica comum da variante 1Aa (1318, 1326, 1327, 1302, 1324, 1270, 1321, 1790, 1786, 1788, 2539, 1301).



5315



1910



2732



1328



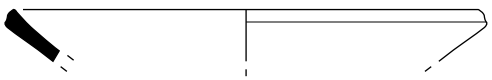
1785



1319



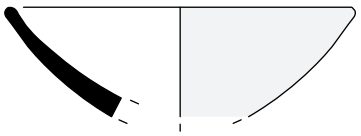
2734



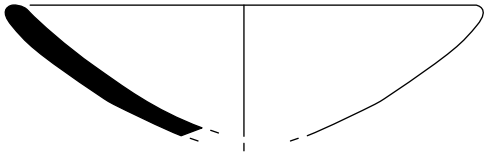
2742



1879



1784



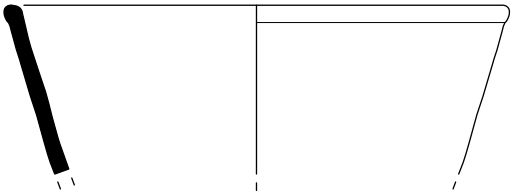
1320

10 cm

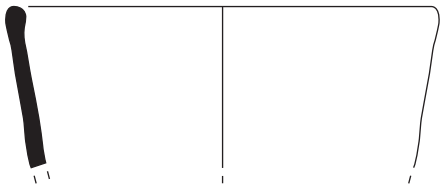
Est. 104 - Rua dos Correeiros - camada DD: cerâmica comum da variante 1Aa (5315, 1910, 2732, 1328, 1785, 1319, 2734, 2742, 1879, 1784, 1320).



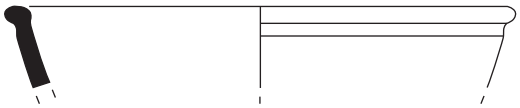
1738



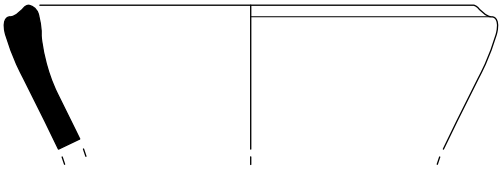
2753



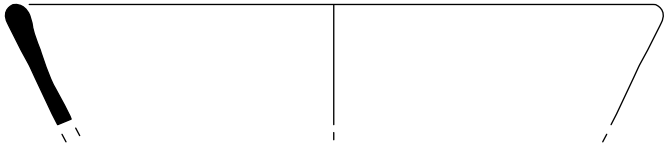
7233



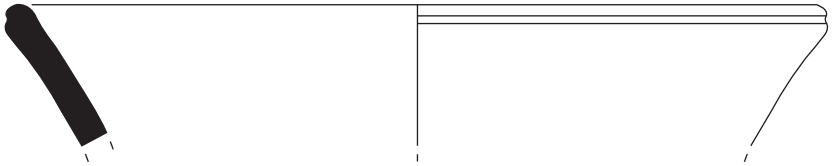
7212



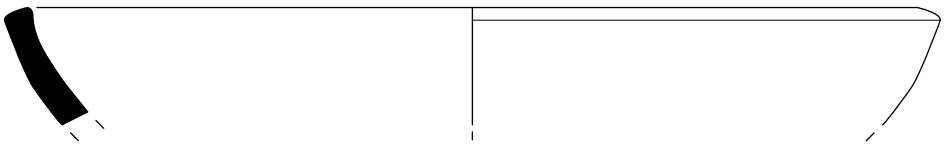
2757



1403



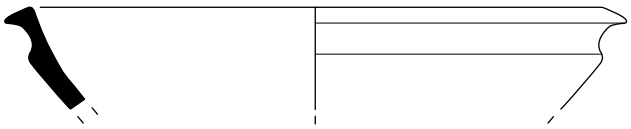
6760



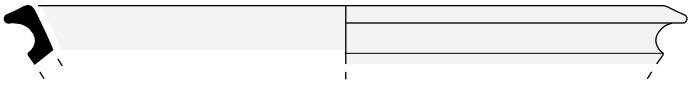
2736

10 cm

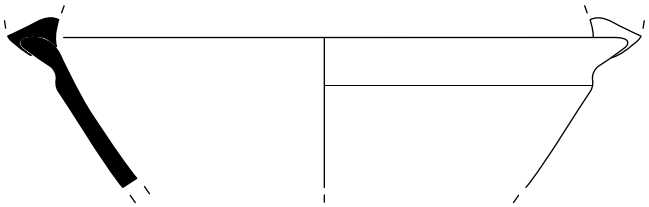
Est. 105 - Rua dos Correeiros - camada DD: cerâmica comum da variante 1Ac (1738), 1Ad (2753, 7233, 7212, 2757) e 1Ae (1403, 6760, 2736).



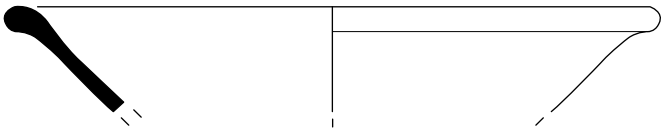
1264



2537



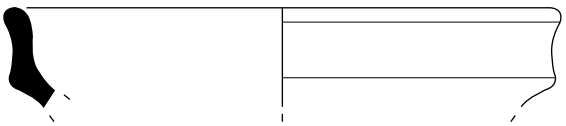
1329



1791



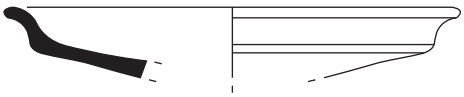
5214



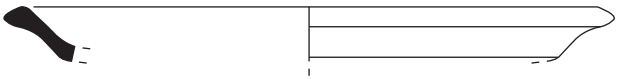
2730

10 cm

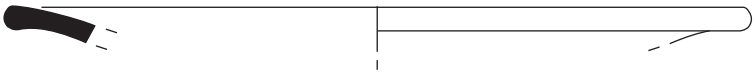
Est. 106 - Rua dos Correeiros - camada DD: cerâmica comum da variante 1Bc (1264, 2537), sub-variante 1Bc.1 (1329), variante 1Bd (1791), 2Aa (5214) e 2Bb (2730).



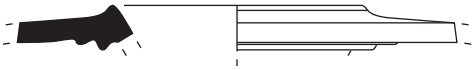
6773



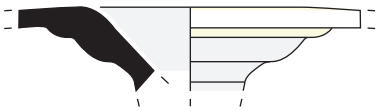
6762



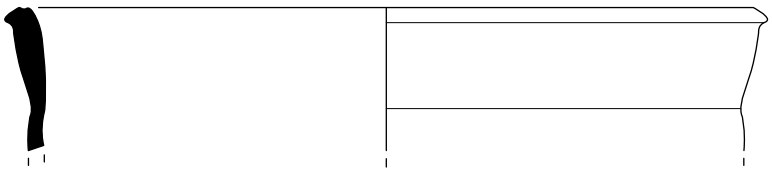
4894



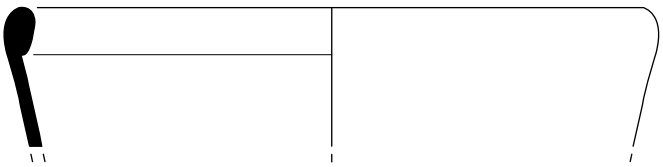
5213



7215



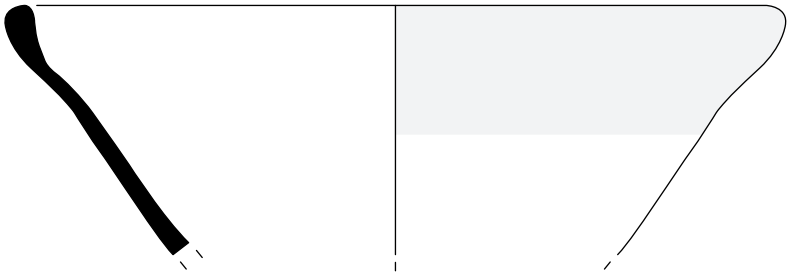
2754



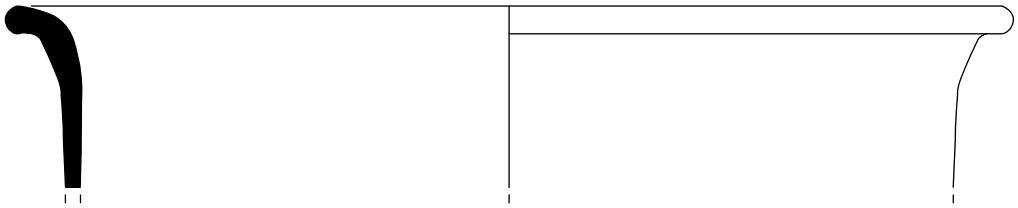
1422

10 cm

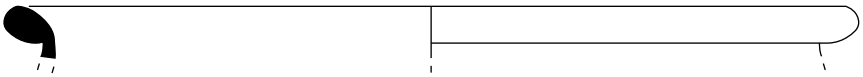
Est. 107 - Rua dos Correeiros - camada DD: cerâmica comum da variante 3Aa (6773), 3Ab (6762), 3Ba (4894), 4Ba (5213), 4Bb (7215), 5Ac (2754) e 5Ba (1422).



2759



2750



2745



2735



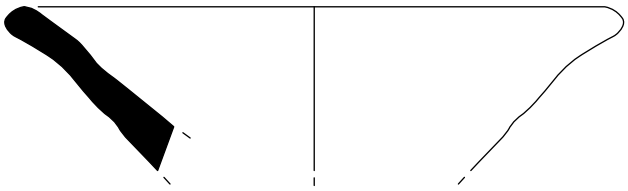
7213



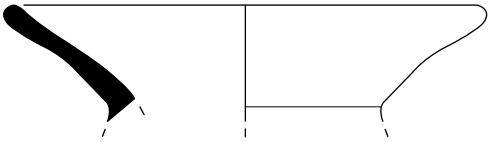
1431

10 cm

Est. 108 - Rua dos Correeiros - camada DD: cerâmica comum da variante 5Ba (2759), 5Ca (2750, 2745), 7Ad (2735), 7Ae (7213) e 7Af (1431).



2720



2760



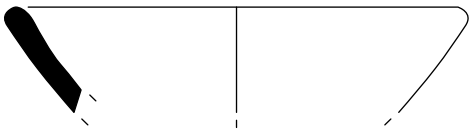
2718



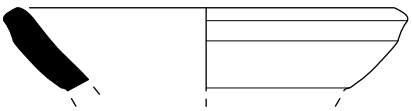
2719



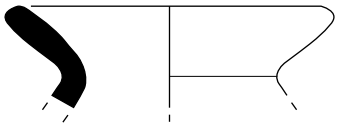
2525



2536



1920



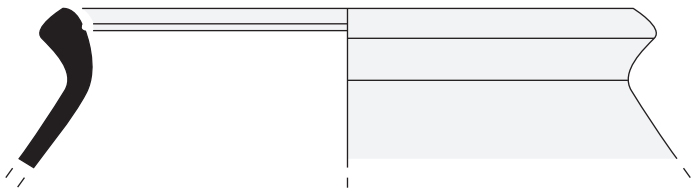
2721



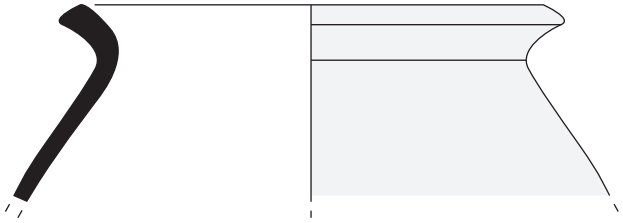
4861

10 cm

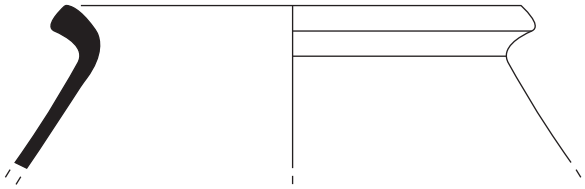
Est. 109 - Rua dos Correeiros - camada DD: cerâmica comum da variante 8Aa (2720, 2760, 2718, 2719, 2525, 2536, 1920, 2721, 4861) e 9Ba (4861).



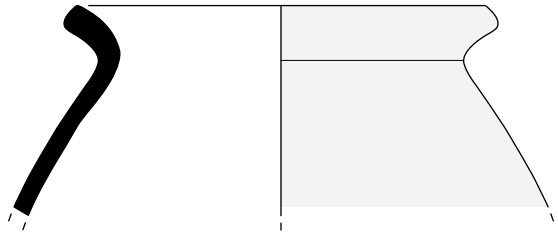
4858



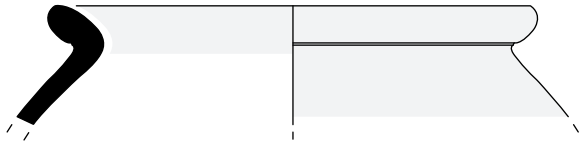
4903



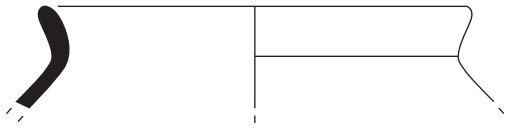
4857



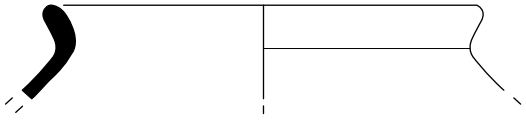
4332



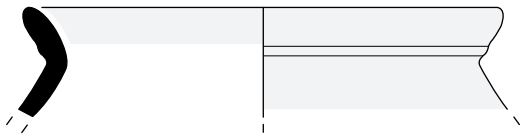
S. N. F



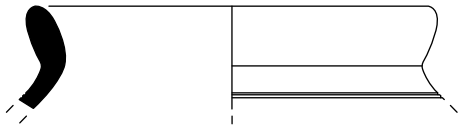
6736



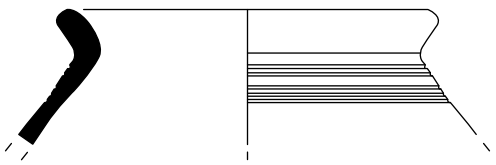
2330



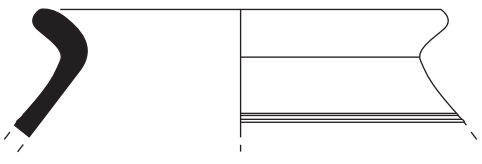
1754



1747



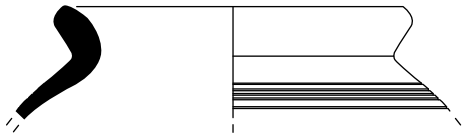
2331



5562

10 cm

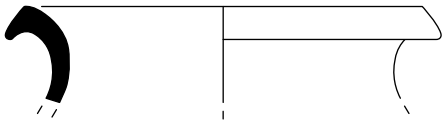
Est. 110 - Rua dos Correeiros - camada DD: cerâmica comum da variante 10Aa (4858, 4903, 4857, 4332, S.N. F, 6736, 2330, 1754) e sub-variante 10Aa.1 (1747, 2331, 5562).



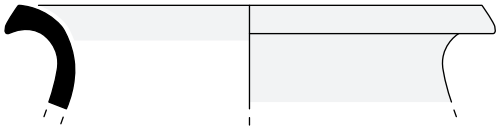
2332



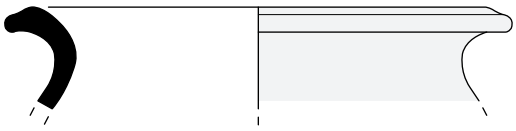
2724



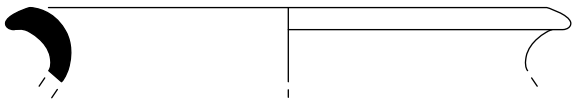
1755



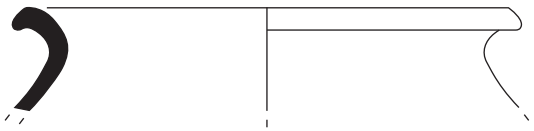
1758



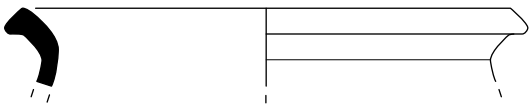
4327



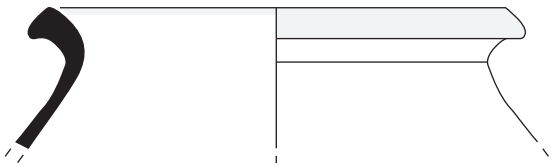
1909



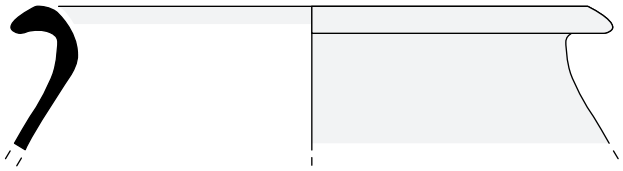
6730



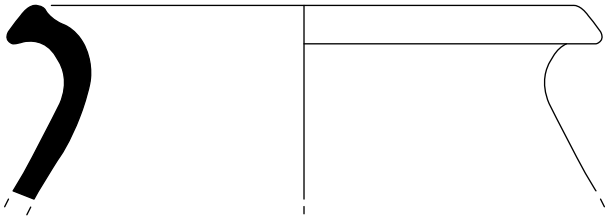
1765



6993

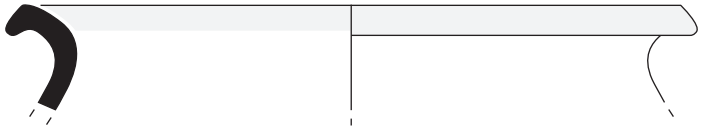


1772

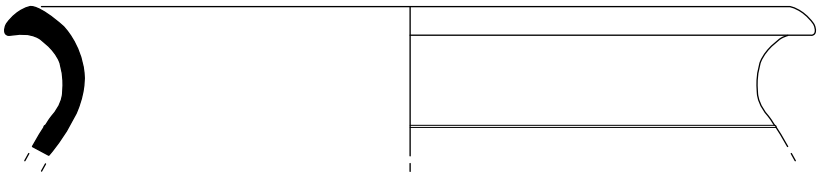


1752

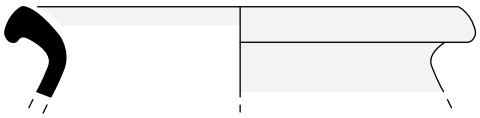
Est. 111 - Rua dos Correeiros - camada DD: cerâmica comum da sub-variante 10Aa.1 (2332), sub-variante 10Aa.3 (2724) e variante 10Ba (1755, 1758, 4327, 1909, 6730, 1765, 6993, 1772, 1752).



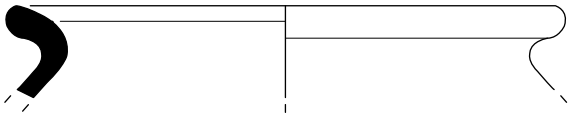
6041



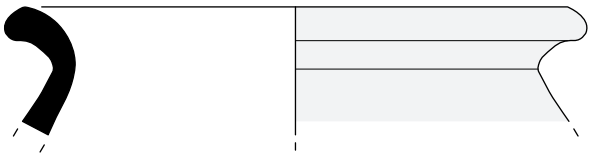
2748



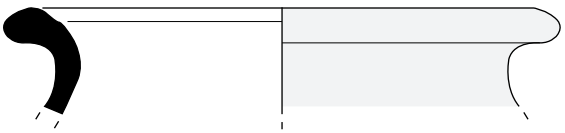
4330



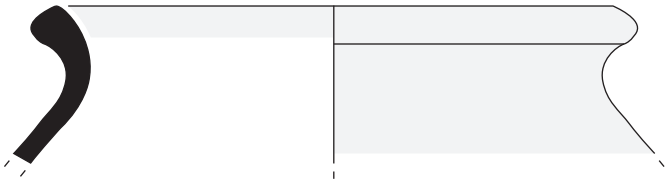
2288



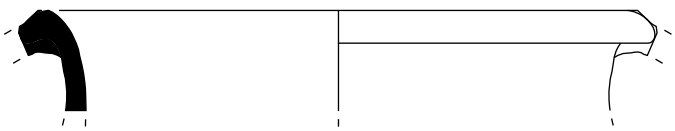
2749



2696



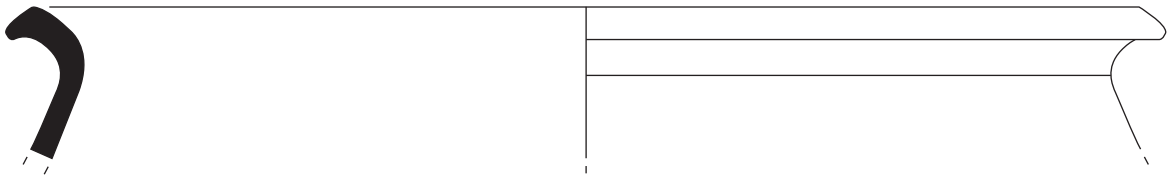
7108



1904

10 cm

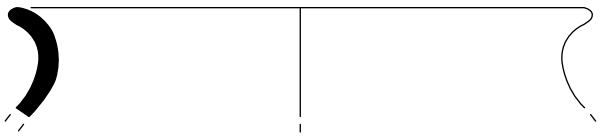
Est. 112 - Rua dos Correeiros - camada DD: cerâmica comum da sub-variante 10Ba (6041, 2748), 10Bb (4330, 2288, 2749, 2696, 7108) e sub-variante 10Bb.1 (1904).



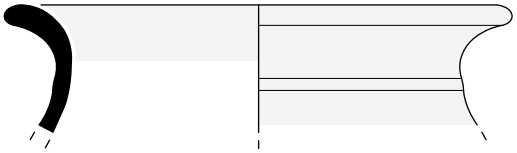
6731



2751



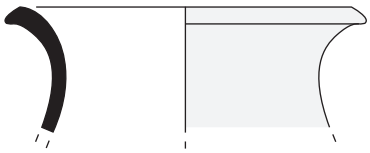
1297



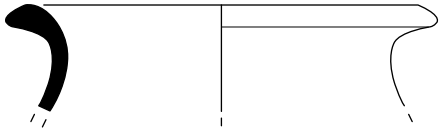
2758



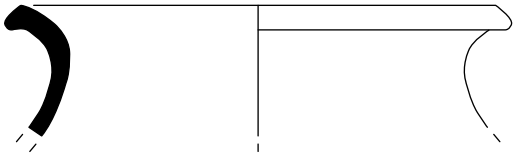
4902



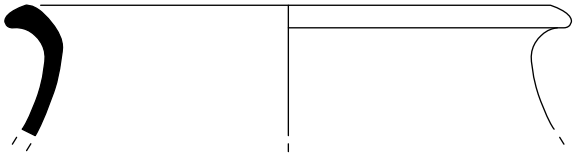
4906



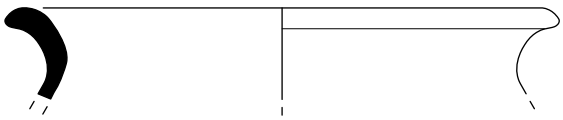
1764



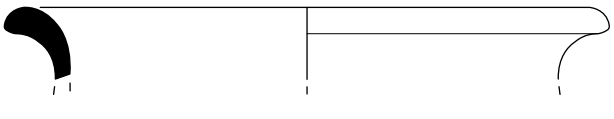
1767



1771



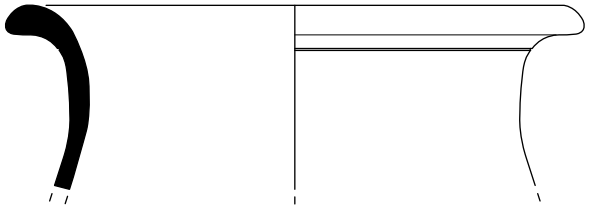
1756



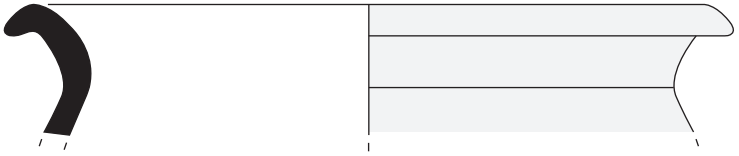
1899

10 cm

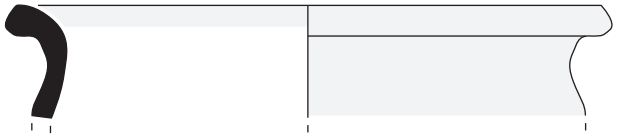
Est. 113 - Rua dos Correeiros - camada DD: cerâmica comum da variante 10Bc (6731), 10Ca (2751, 1297, 2758, 4902) e 10Cb (4906, 1764, 1767, 1771, 1756, 1899).



1424



7107



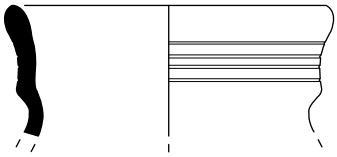
6046



5583



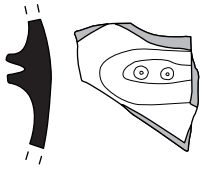
7209



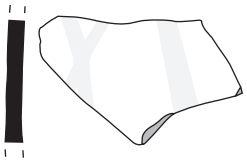
2289

10 cm

Est. 114 - Rua dos Correeiros - camada DD: cerâmica comum da variante 10Cb (1424), 10Da (7107), 10Db (6046), 10Ha (5583), 11Aa (7209) e 11Ab (2289).



2727



7216



1418



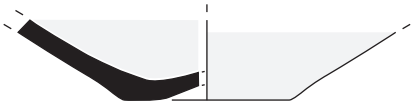
1927



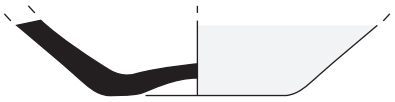
5325



1325



7268



5324



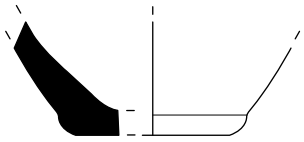
1402



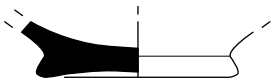
1338

10 cm

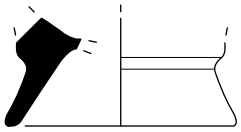
Est. 115 - Rua dos Correeiros - camada DD: fragmentos de parede (2727, 7216, 1418, 1927) e de fundo (5325, 1325, 7268, 5324, 1402, 1338) de cerâmica comum.



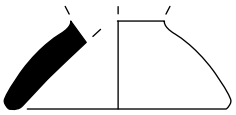
1779



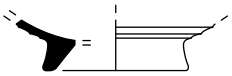
1415



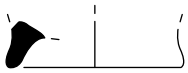
2722



1921



2598



1299



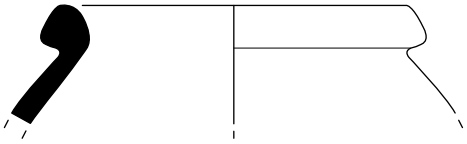
1312



1778

10 cm

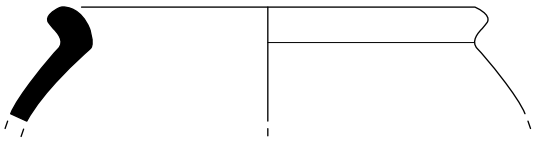
Est. 116 - Rua dos Correeiros - camada DD: fragmentos de fundo de cerâmica comum (1779, 1415, 2722, 1921, 2598, 1299, 1312, 1778).



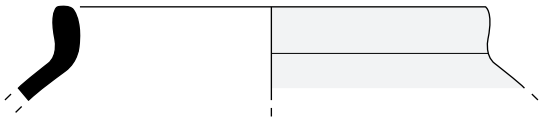
1464



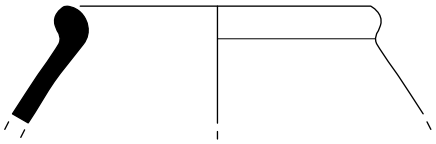
1462



1494



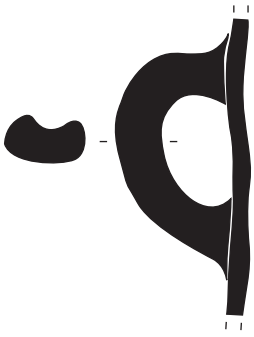
1463



1459



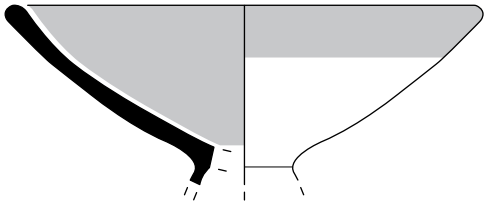
1460



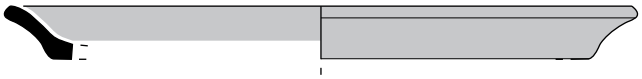
6999

10 cm

Est. 117 - Rua dos Correeiros - camada EE: ânforas da variante 1Ac (1464), 1Ad (1462), 1Ba (1494 e 1463), 1Bb (1459), 1Db (1460) e fragmento de asa (6999).



1458



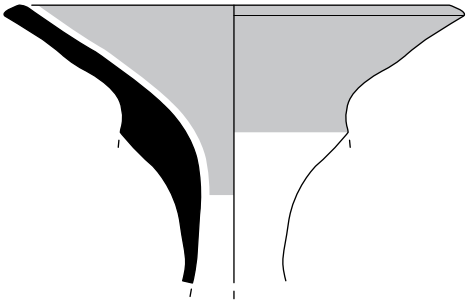
1473



4319



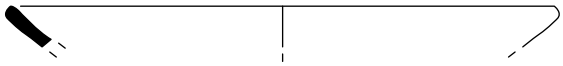
4318



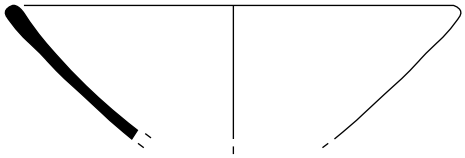
1800

10 cm

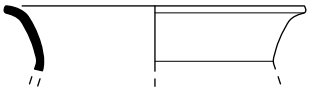
Est. 118 - Rua dos Correeiros - camada EE: cerâmica de engobe vermelho da variante 1Aa (1458), 3Ba (1473), 3Bb (4319), 5Aa (4318) e 8Aa (1800).



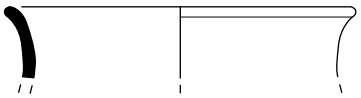
1448



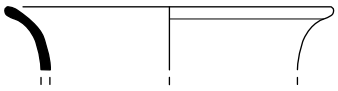
S.N. A1



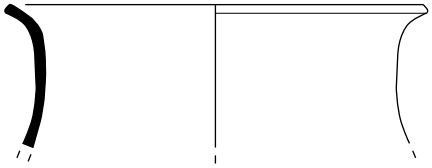
1444



1442



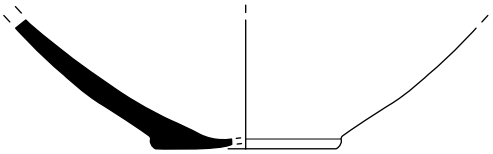
1440



2706



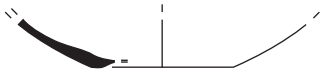
1441



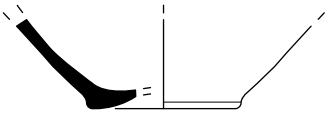
1438



6096



6098



1439



2705

10 cm

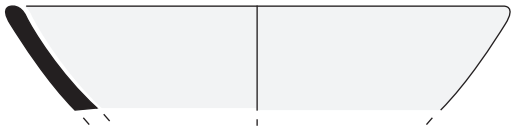
Est. 119 - Rua dos Correeiros - camada EE: cerâmica cinzenta da variante 1Aa (1448), 1Ab (S.N. a1), 3Aa (1444), 3Ba (1442 e 1440), 4Aa (2706), sub-variante 4Aa.1 (1441) e fragmentos de fundo (1438, 6096, 6098, 1439 e 2705).



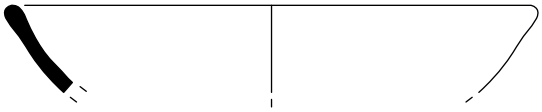
1452



1467



6111



1466



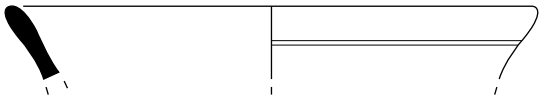
1469



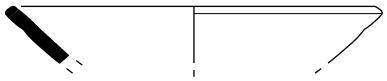
1470



1823



1468

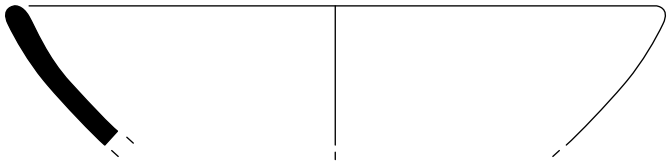


2708

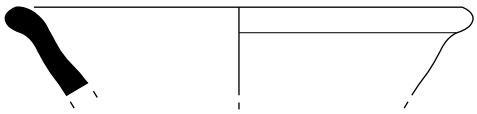


1809

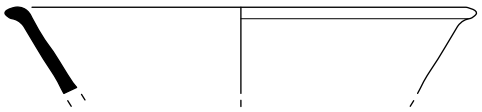
Est. 120 - Rua dos Correeiros - camada EE: cerâmica comum da variante 1Aa (1452, 1467, 6111, 1466, 1469, 1470, 1823), 1Ab (1468), 1Ac (2708) e 1Ad (1809).



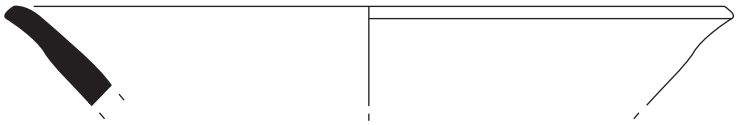
1480



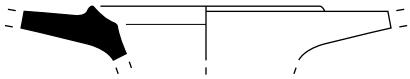
1819



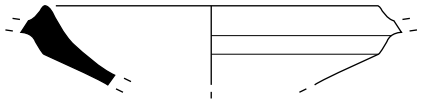
1816



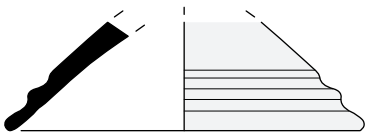
5887



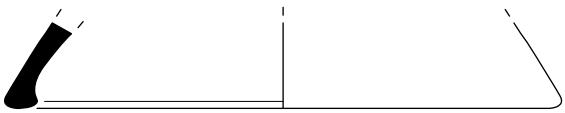
1804



1805



1465



1493



1820

10 cm

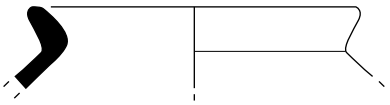
Est. 121 - Rua dos Correeiros - camada EE: cerâmica comum da variante 1Ae (1480), 1Bd (1819, 1816 e 5887), 4Aa (1804 e 1805), 7Ab (1465), 7Ac (1493) e 7Ad (1820).



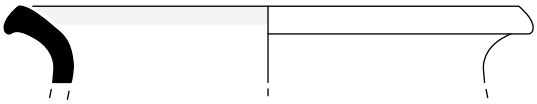
2709



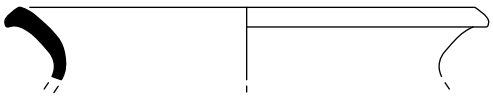
1484



1476



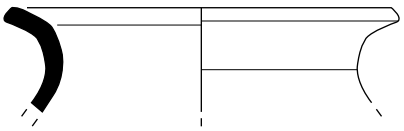
1490



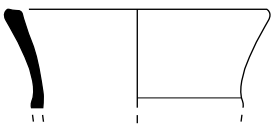
1489



2710



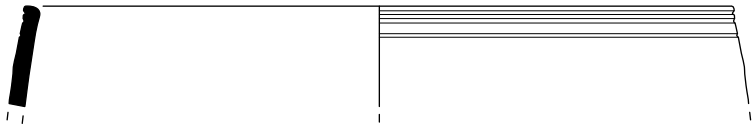
1807



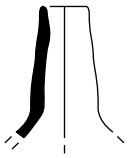
1822

10 cm

Est. 122 - Rua dos Correeiros - camada EE: cerâmica comum da variante 8Aa (2709), 10Aa (1484 e 1476), 10Ba (1490 e 1489), 10Ca (2710 e 1807) e 11Aa (1822).



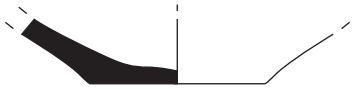
1817



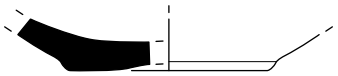
1486



2788



6742



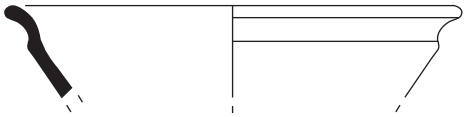
1492



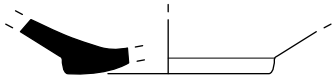
1451

10 cm

Est. 123 - Rua dos Correeiros - camada EE: cerâmica comum da variante 13Aa (1817), 14Aa (1486 e 2788) e fragmentos de fundo (6742, 1492 e 1451).



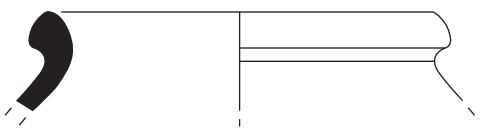
7234



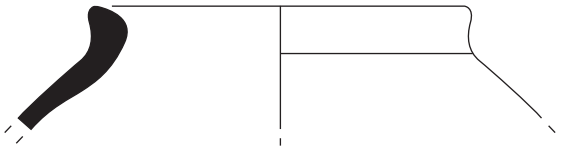
1314

10 cm

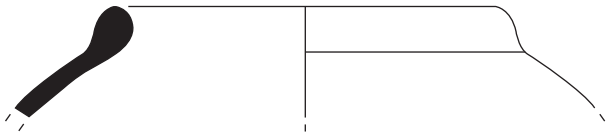
Est. 124 - Rua dos Correeiros - camada 12: cerâmica comum da variante 1Bc (7234); - camada 32: fundo de cerâmica comum (1314).



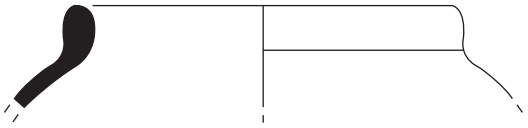
4496



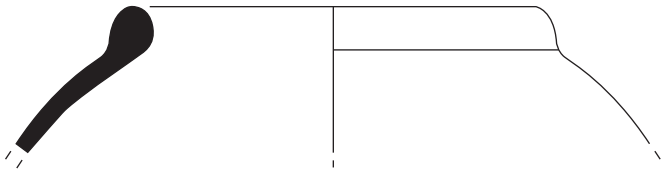
4472



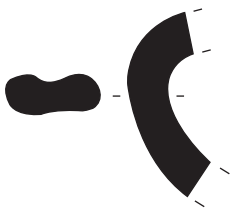
4471



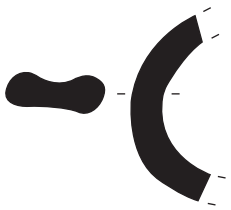
4476



4495



4488



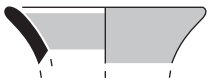
4501



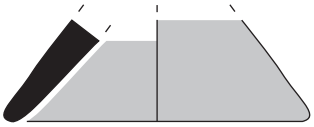
4510

10 cm

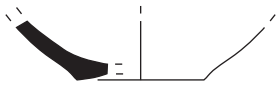
Est. 125 - Rua dos Correeiros - camada 51: ânforas da variante 1Ac (4496), 1Ba (4472), 1Ca (4471), 1Db (4476 e 4495) e fragmentos de asa (4488, 4501 e 4510).



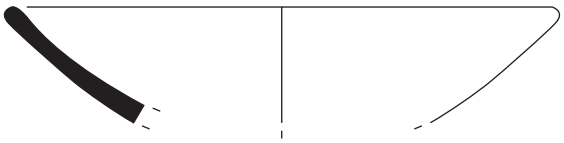
4512



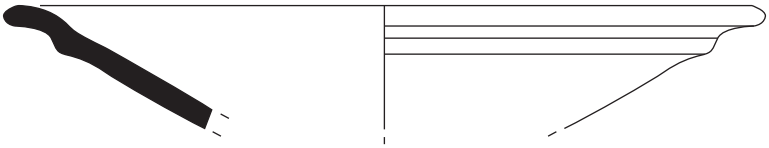
4502



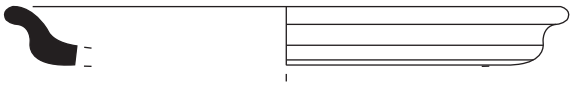
4504



4470



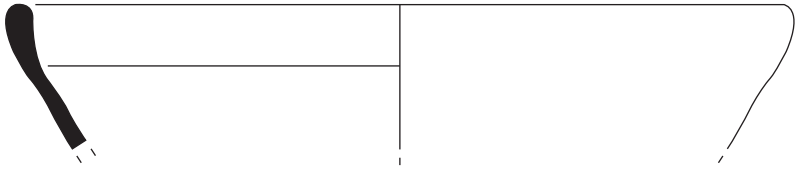
4490



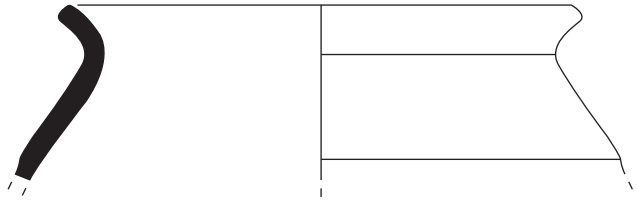
4475

10 cm

Est. 126 - Rua dos Correeiros - camada 51: cerâmica de engobe vermelho da variante 5Ab (4512) e fragmento de fundo (4502); fragmento de fundo de cerâmica cinzenta (4504); cerâmica comum da variante 1Aa (4470), 1Ba (4490) e 3Ab (4475).



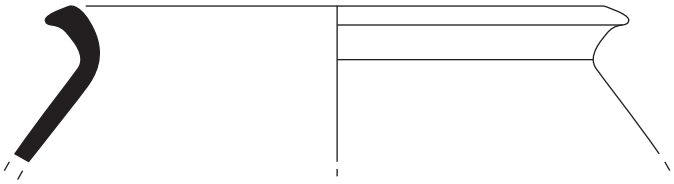
4477



4492



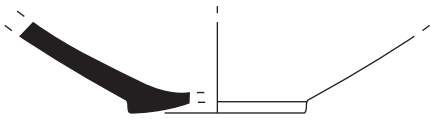
4511



4489



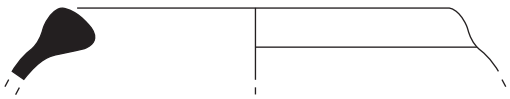
4507



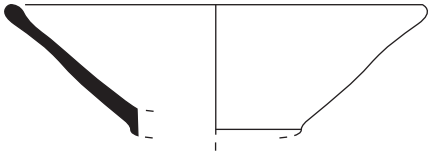
4503

10 cm

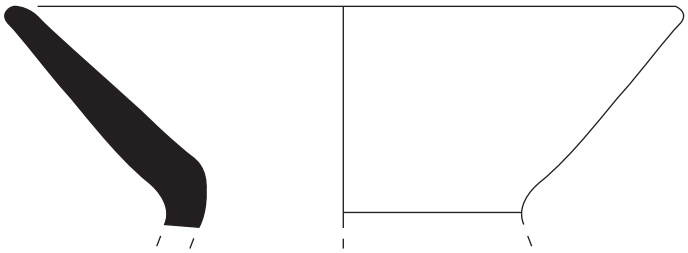
Est. 127 - Rua dos Correeiros - camada 51: cerâmica comum da variante 5Ba (4477), 10Aa (4492), sub-variante 10Aa.1 (4511), variante 10Ba (4489), 10Gb (4507) e fragmento de fundo (4503).



5456



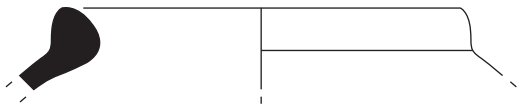
5457



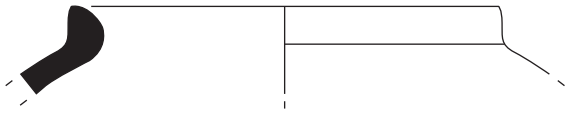
5455

10 cm

Est. 128 - Rua dos Correeiros - camada 55: ânfora da variante 1Cc (5456); cerâmica cinzenta da variante 1Ab (5457); cerâmica comum da variante 8Aa (5455).



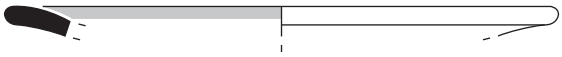
5759



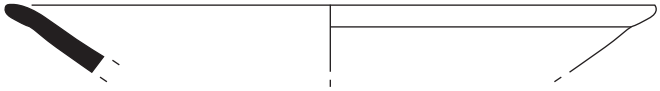
5762



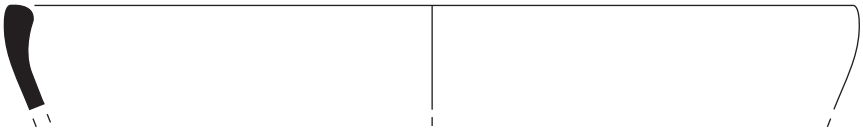
5760



5767



5747



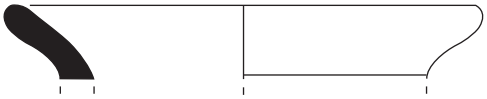
5731

10 cm

Est. 129 - Rua dos Correeiros - camada 57: ânforas da variante 1Da (5759, 5762 e 5760); cerâmica de engobe vermelho da variante 3Aa (5767); cerâmica comum da variante 1Bd (5747) e 5Ba (5731).



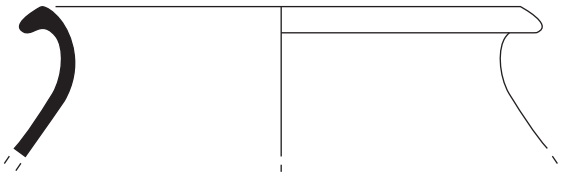
5756



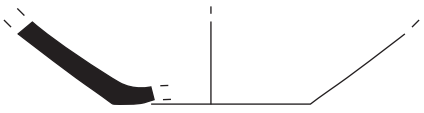
5754



5755



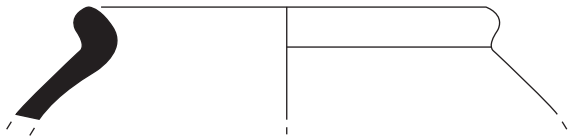
5769



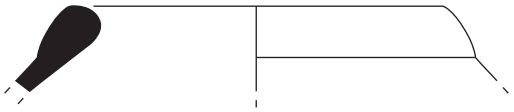
5751

10 cm

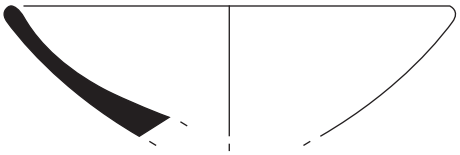
Est. 130 - Rua dos Correeiros - camada 57: cerâmica comum da variante 8Aa (5756, 5754 e 5755), 10Ba (5769) e fragmento de fundo (5751).



6714



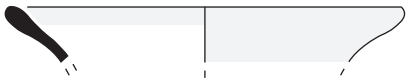
6715



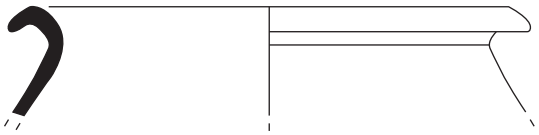
6716

10 cm

Est. 131 - Rua dos Correeiros - camada 58: ânforas da variante 1Ba (6714) e 1Ca (6715); cerâmica comum da variante 1Aa (6716).



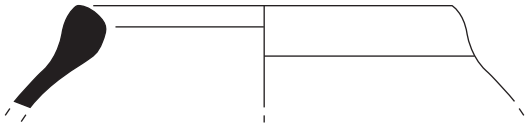
5779



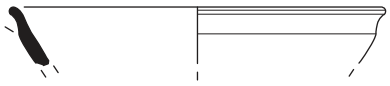
5772

10 cm

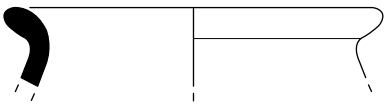
Est. 132 - Rua dos Correeiros - camada 38: cerâmica comum da variante 1Ab (5779) e 10Ba (5772).



7010



2812



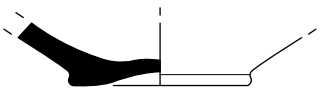
4408



4410



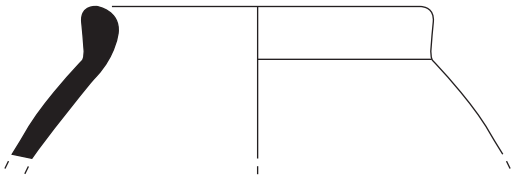
4407



4405

10 cm

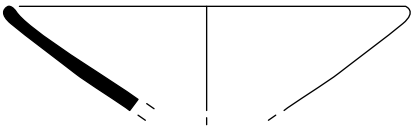
Est. 133 - Rua dos Correeiros - camada 44: ânfora da variante 1Ca (7010); cerâmica grega (2812); cerâmica comum da variante 10Aa (4408), 10Ba (4410), 10Da (4407) e fragmento de fundo (4405).



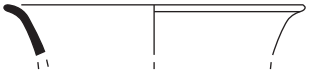
6666



6690



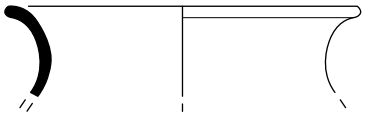
4339



4526



4341



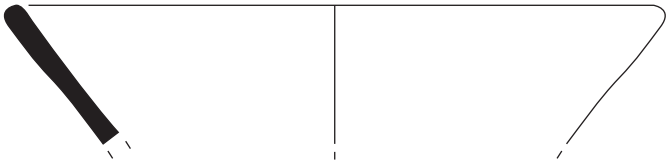
4320

10 cm

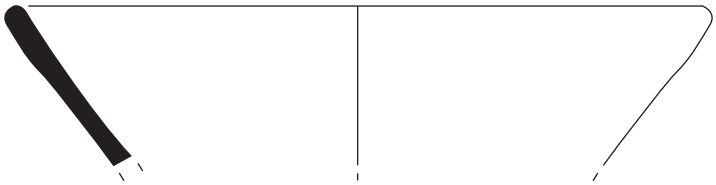
Est. 134 - Rua dos Correeiros - camada FF: ânforas da variante 1Bb (6666); cerâmica de engobe vermelho da variante 6Bb (6690); cerâmica cinzenta da variante 1Ab (4339), 3Aa (4526) e 3Ba (4341, 4320).



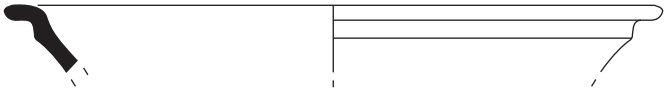
6688



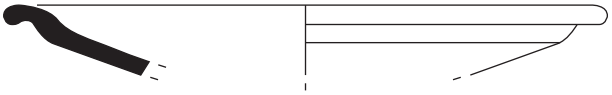
4520



6708



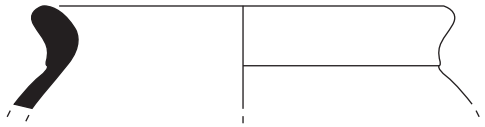
6699



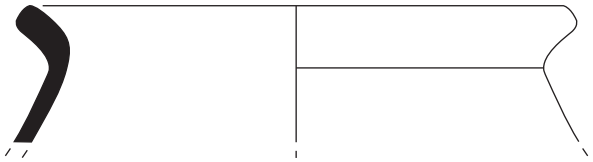
6706

10 cm

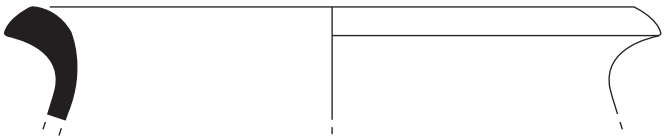
Est. 135 - Rua dos Correeiros - camada FF: cerâmica comum da variante 1Aa (6688), 1Ae (4520 e 6708), 1Bc (6699) e 3Ac (6706).



6667



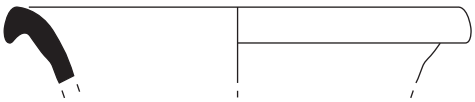
6669



6673



4521



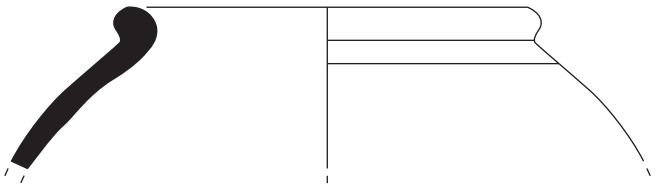
6670



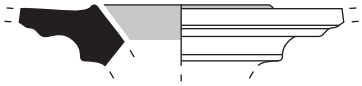
6703

10 cm

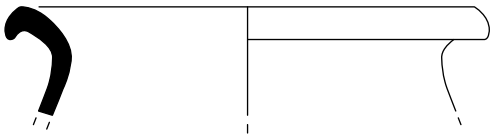
Est. 136 - Rua dos Correeiros - camada FF: cerâmica comum da variante 10Aa (6667 e 6669), 10Ba (6673), 10Da (4521), 10Ea (6670) e 11Aa (6703).



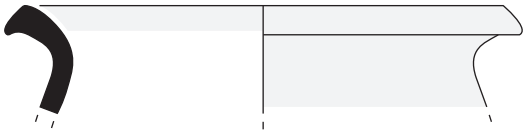
6781



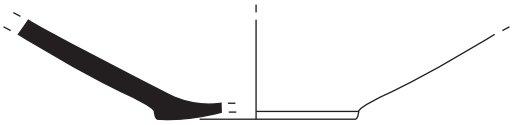
4778



4447



6185



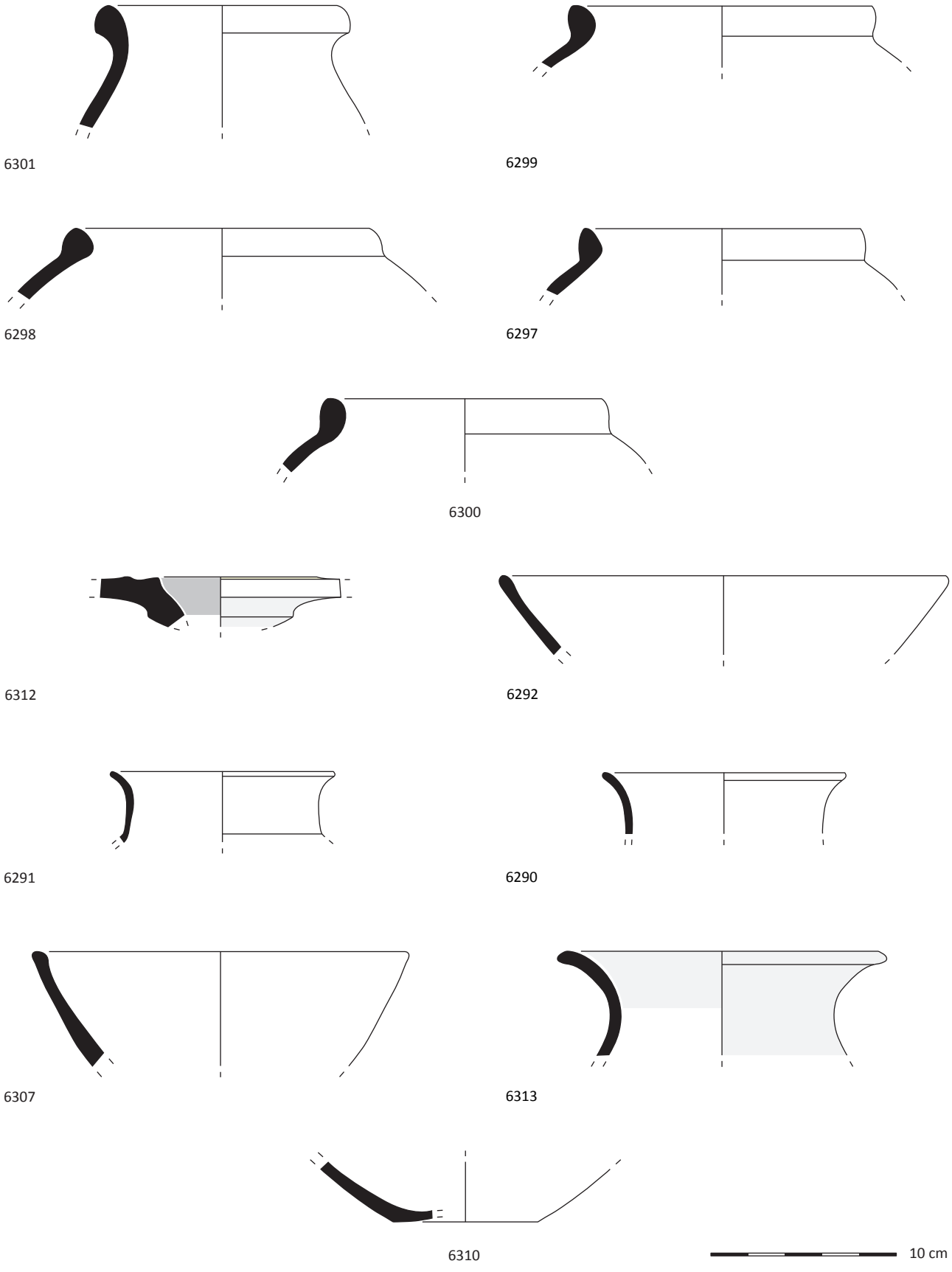
6995



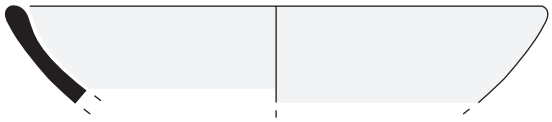
4446

10 cm

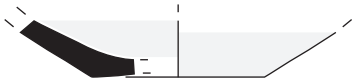
Est. 137 - Rua dos Correeiros - camada GG: ânforas da variante 1Bb (6781); cerâmica de engobe vermelho da variante 4Aa (4778); cerâmica comum da variante 10Ba (4447 e 6185) e fragmentos de fundo (6995 e 4446).



Est. 138 - Rua dos Correeiros - camada 68: ânforas da variante 1Aa (6301), 1Bb (6299), 1Cc (6298), 1Da (6297) e 1Db (6300); cerâmica de engobe vermelho da variante 4Aa (6312); cerâmica cinzenta da variante 1Aa (6292) e 3Ba (6291 e 6290); cerâmica comum da forma 1Ac (6307), 10Ca (6313) e fragmento de fundo (6310).



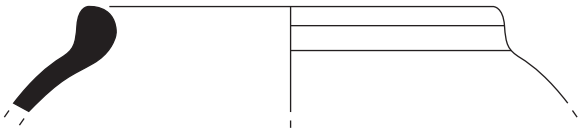
4962



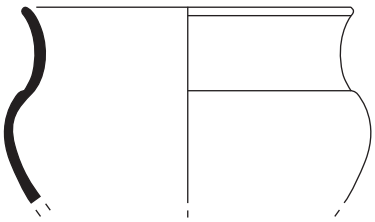
4961

10 cm

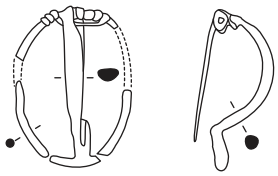
Est. 139 - Rua dos Correeiros - camada 69: cerâmica comum da variante 1Aa (4962) e fragmento de fundo (4961).



5914



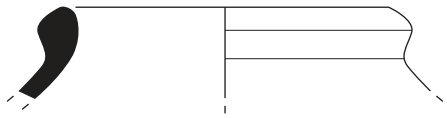
5920



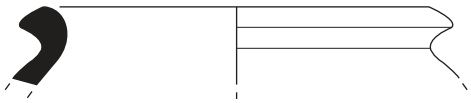
234

10 cm

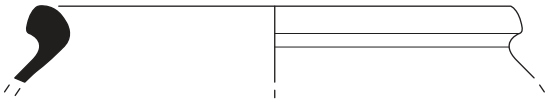
Est. 140 - Rua dos Correeiros - camada 70: ânfora da variante 1Db (5914); cerâmica cinzenta da variante 3Ba (5920). Fíbula de bronze proveniente de um contexto secundário (234).



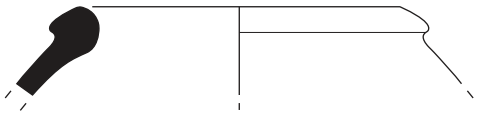
8/28/41 C



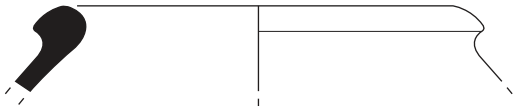
36/333/15 RA 358



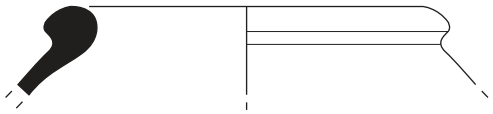
48/384/46



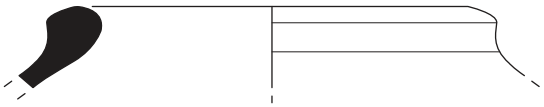
37/290/23



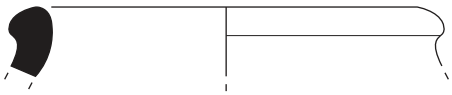
46/287/58



8/28/41 B



71/867/42



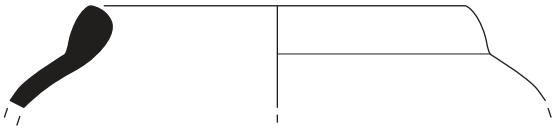
38/319/34



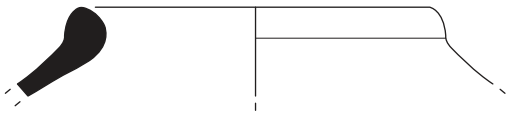
71/867/16

10 cm

Est. 141 - Moinho da Atalaia Oeste: ânforas da variante 1Ab (8/28/41 C, 36/333/15 RA 358, 48/384/46, 37/290/23, 46/287/58, 8/28/41B, 71/867/42) e 1Ac (38/319/34, 71/867/16).



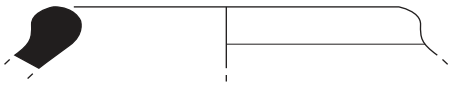
10/110/3



48/384/65



48/384/52



7/34/10 A



7/34/10 C



7/34/10 B



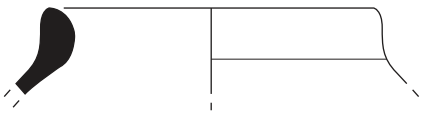
10/41/2 B



50/716/6



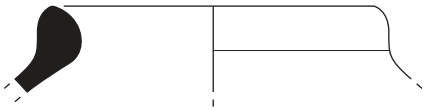
51/378/36



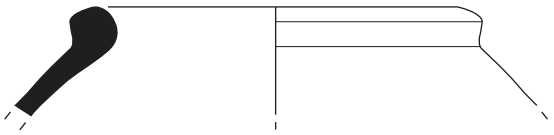
8/31/15 A

10 cm

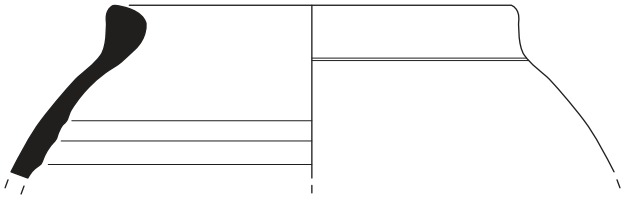
Est. 142 - Moinho da Atalaia Oeste: ânforas da variante 1Ca (10/110/3, 48/384/65, 48/384/52), 1Cc (7/34/10 A) e 1Da (7/34/10 C, 7/34/10 B, 10/41/2 B, 50/716/6, 51/378/36, 8/31/15 A).



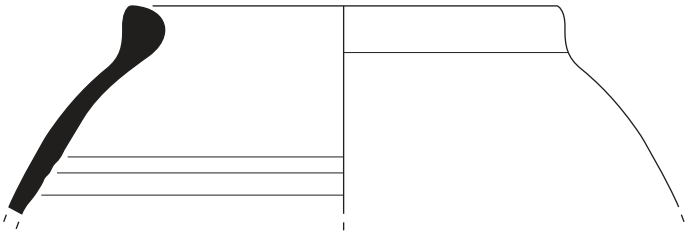
10/41/2 378



8/28/41 A



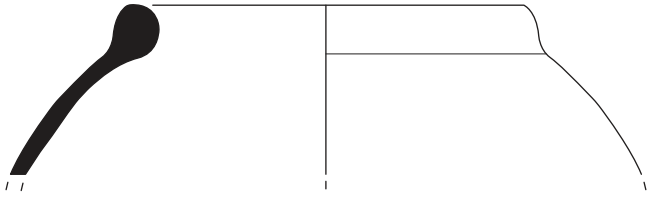
49/714/3 A



67



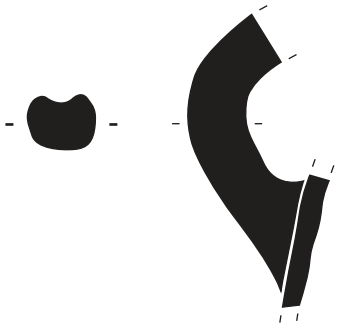
11/43/25 C



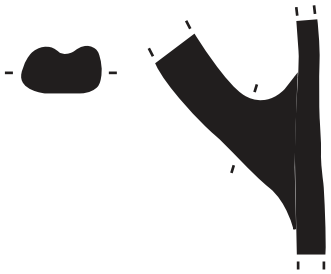
49/714/3 B

10 cm

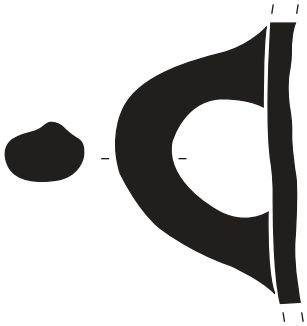
Est. 143 - Moinho da Atalaia Oeste: ânforas da variante 1Da (10/41/2 378, 8/20/41 A, 49/714/3 A, 67), 1Db (11/43/25 C) e 1Dc (49/714/3 B).



9/39/17 A



48/384/41



76/169/18

10 cm

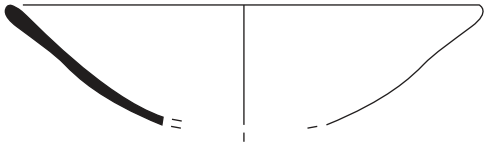
Est. 144 - Moinho da Atalaia Oeste: asas de ânforas (9/39/17 A, 48/384/41, 76/169/18).



9/100/49 A



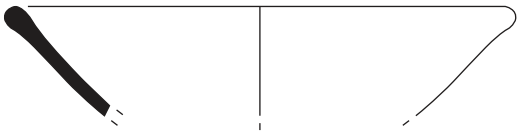
48/379/18



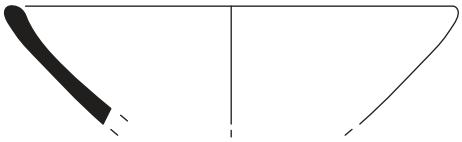
65/212/1



10/110/36



47/276/59



36/333/2 RA 376



8/32/7



48/384/58



15/64/23



53/465/17



10/110/40 C



36/333/6 RA 351



10/114/52 B



10/114/52 C



53/465/18 A



8/37/1 B

10 cm

Est. 145 - Moinho da Atalaia Oeste: cerâmica cinzenta da variante 1Aa.



10/114/52 A



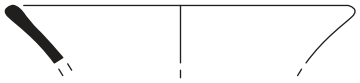
47/276/17 A



48/384/57



19/363/12



10/114/52 D



47/276/20 A



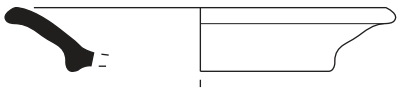
47/276/17 B



47/276/20 C



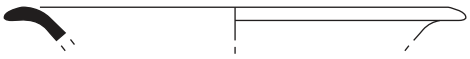
56/802/10 A



36/333/10 353

10 cm

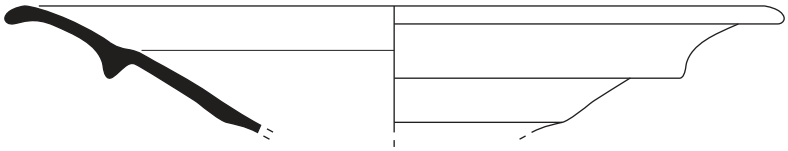
Est. 146 - Moinho da Atalaia Oeste: cerâmica cinzenta da variante 1Ab (10/114/52 A, 47/276/17 A, 48/384/57, 19/363/12 e 10/114/52 D), 1Ac (47/276/20 A, 47/276/17 B, 47/276/20 C e 56/802/10 A) e 2Ab (36/333/10 353).



11/43/6



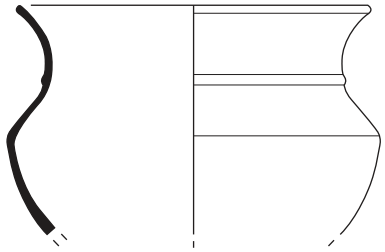
36/333/17



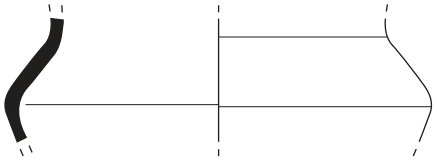
73/181/1

10 cm

Est. 147 - Moinho da Atalaia Oeste: cerâmica cinzenta da variante 2Ba.



61



47/276/15



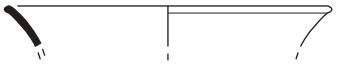
19/267/29



56/802/10 B



19/267/45



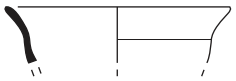
51/785/27



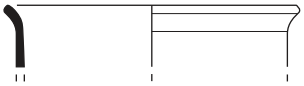
9/39/16 A

10 cm

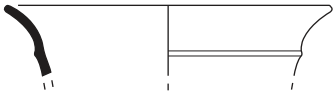
Est. 148 - Moinho da Atalaia Oeste: cerâmica cinzenta da variante 3Aa.



47/276/20 B



8/31/15 C



36/333/18 RA 344



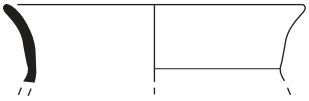
10/114/52 E



36/705/24 A



10/114/52 F



36/705/24 B

10 cm

Est. 149 - Moinho da Atalaia Oeste: cerâmica cinzenta da variante 3Ab (47/276/20 B, 8/31/15 C e 36/333/18 RA 344) e 3Ba (10/114/52 E, 36/705/24 A, 10/114/52 F e 36/705/24 B).



48/384/63



51/785/25



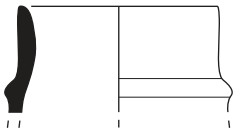
51/785/28



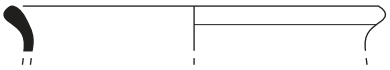
51/785/29



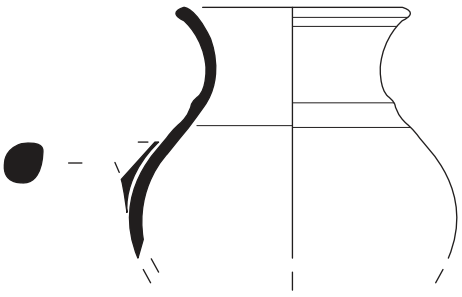
8/37/1 A



9/100/48 A



9/100/08 C



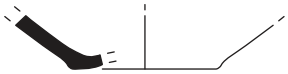
S.N.

10 cm

Est. 150 - Moinho da Atalaia Oeste: cerâmica cinzenta da variante 3Ba (48/384/63, 51/785/25, 51/785/28, 51/785/29, 8/37/1 A), 3Ca (9/100/48 A), 4Ba (9/100/08 C) e 5Aa (S.N.).



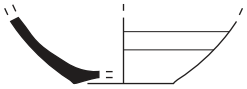
51/378/40



56/802/1 A



8/31/19



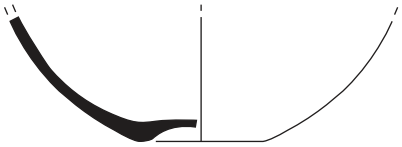
11/56/22



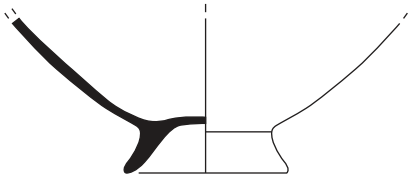
10/114/50 A



64/417/1



47/276/21



62

Est. 151 - Moinho da Atalaia Oeste: fundos de cerâmica cinzenta.



7/34/10 G



9/100/49 H



9/100/49 C



38/324/9



10/110/40 A



8/31/15 B



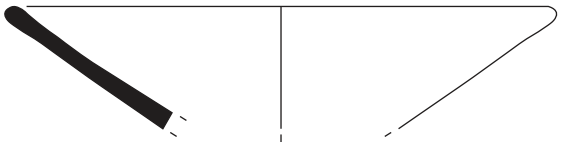
11/56/23 A



48/384/45



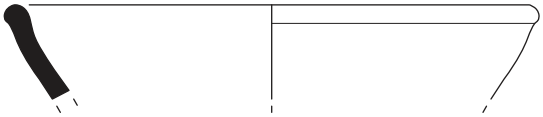
38/319/1



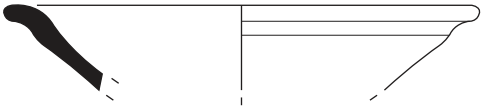
11/43/25 A

10 cm

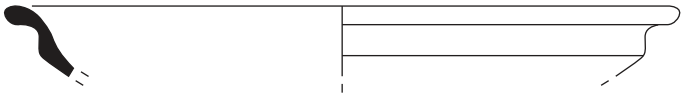
Est. 152 - Moinho da Atalaia Oeste: cerâmica comum da variante 1Aa (7/34/10 G, 9/100/49 H, 9/100/49 C, 38/324/9, 10/110/40 A, 8/31/15 B, 11/56/23 A, 48/384/45) e variante 1Ac (38/319/1, 11/43/25 A).



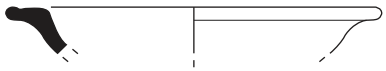
48/384/24



10/41/2 RA 373



71/867/34



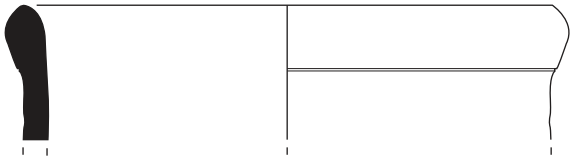
9/39/13 A



10/110/40 B

10 cm

Est. 153 - Moinho da Atalaia Oeste: cerâmica comum da variante 1Ad (48/384/24), 1Bb (10/41/2 RA 373), 1Bc (71/867/34), 2Ca (9/39/13 A) e 3Ab (10/110/40 B).



7/34/10 E



9/100/49 K



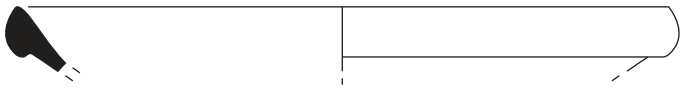
11/116/32



7/34/10 I



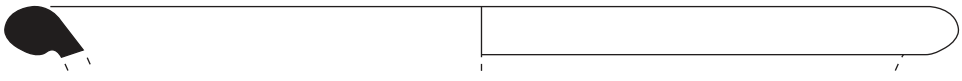
9/100/08 D



9/100/08 A



7/34/10 D



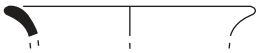
9/100/08 B

10 cm

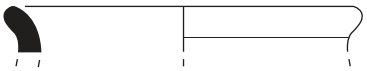
Est. 154 - Moinho da Atalaia Oeste: cerâmica comum da variante 5Ad (7/34/10 E, 9/100/49 K e 11/116/32) e 5Ca (7/34/101, 9/100/08 D, 9/100/08 A, 7/34/10 D, 9/100/08 B).



7/34/10 F



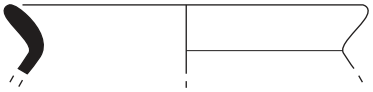
19/363/16



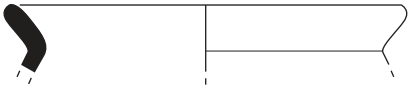
7/34/10 H



9/100/49 G



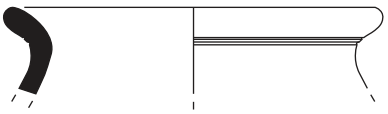
8/37/1 C



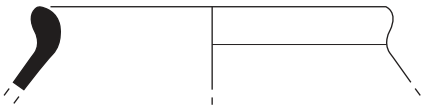
8/28/41 D



8/38/15



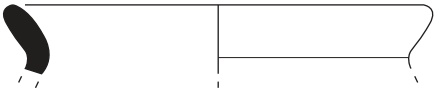
10/103/21 B



40/327/27



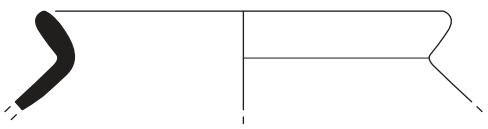
53/464/10



9/100/49 D



9/100/49 F

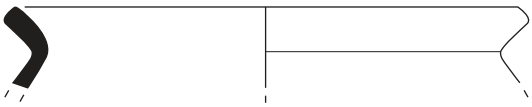


10/110/1

Est. 155 - Moinho da Atalaia Oeste: cerâmica comum da variante 7Ae (7/34/10 F), 9Aa (19/363/16) e 10Aa (7/34/10 H, 9/100/49 G, 8/37/1, 8/28/41 D, 8/38/15, 10/103/21 B, 40/327/27, 53/464/10, 9/100/49 D, 9/100/49 F e 10/110/1).



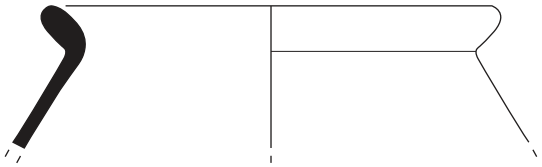
71/867/25



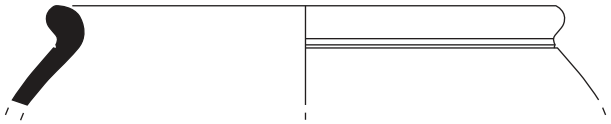
36/333/4 RA 363



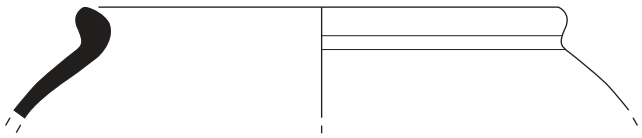
36/333/16 RA 362



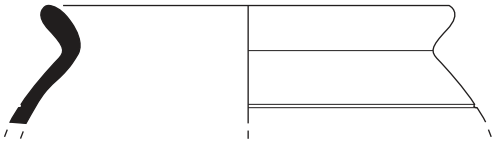
46/287/4



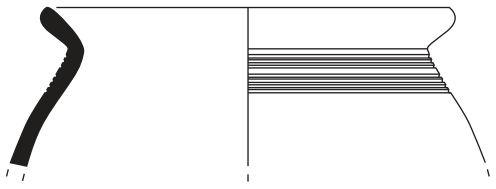
8/75/2 A



9/100/49 L



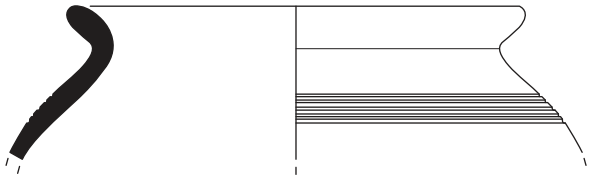
46/287/30



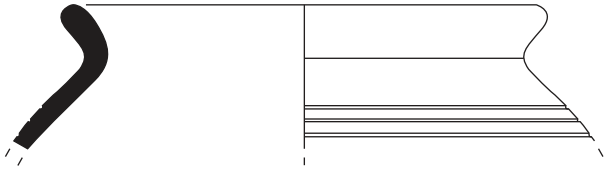
69

10 cm

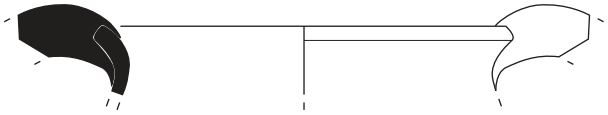
Est. 156 - Moinho da Atalaia Oeste: cerâmica comum da variante 10Aa (71/867/25, 36/333/4 RA 363, 36/333/16 RA 362, 46/287/4, 8/75/2 A, 9/100/49 L) e sub-variante 10Aa.1 (46/287/30, 69).



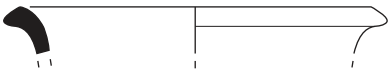
10/110/23



46/412/15 RA 403



8/28/38



40/321/28



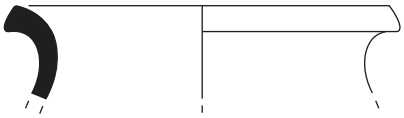
9/100/8 G



9/100/8 E



9/100/8 F



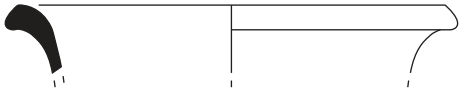
38/324/34



19/267/39



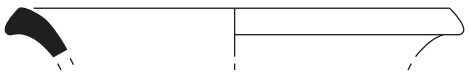
9/100/49 I



11/56/23 B



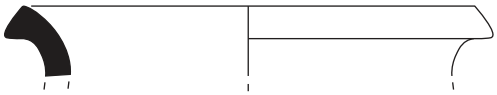
Est. 157 - Moinho da Atalaia Oeste: cerâmica comum da sub-variante 10Aa.1 (10/110/23, 46/412/15 RA 403), sub-variante 10Aa.2 (8/28/38), variante 10Ba (40/321/28, 9/100/8 G, 9/100/8 E, 9/100/8 F, 38/324/34, 19/267/39, 9/100/49 I, 11/56/23 B).



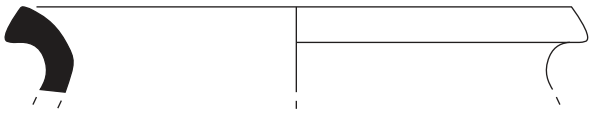
9/100/49 J



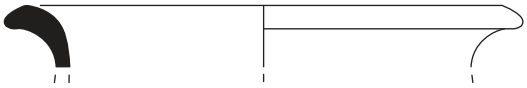
9/100/49 E



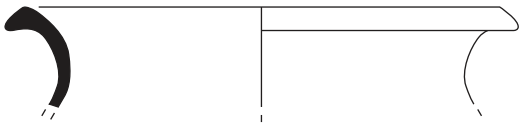
36/706/33



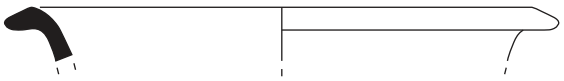
36/333/1 RA 365



71/867/32



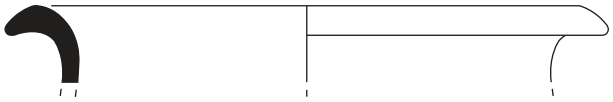
19/267/34



11/43/25 B



71/867/27

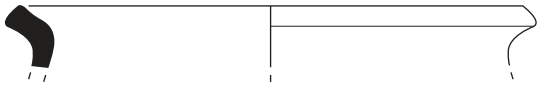


8/75/2 D

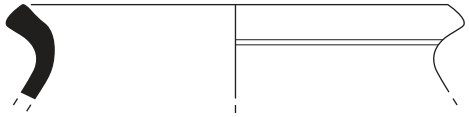


8/31/10 A

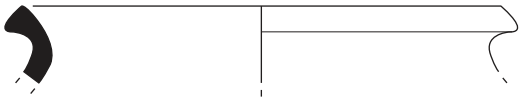
Est. 158 - Moinho da Atalaia Oeste: cerâmica comum da variante 10Ba.



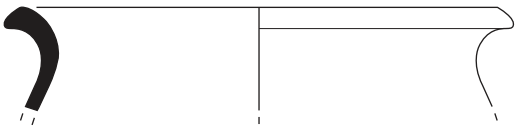
38/319/35



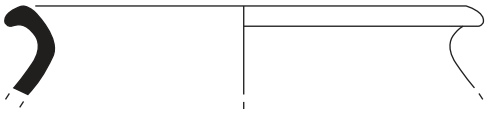
38/319/28



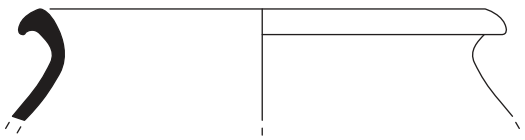
10/41/2 RA 359



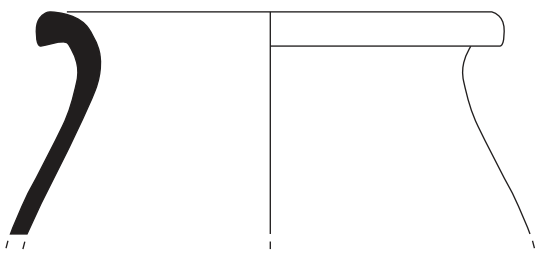
36/333/3



8/75/2 B



48/384/43



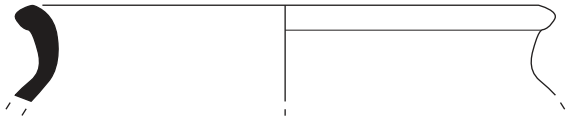
36/705/25

10 cm

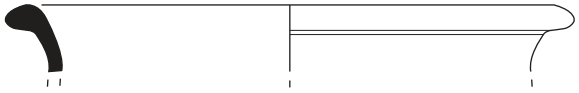
Est. 159 - Moinho da Atalaia Oeste: cerâmica comum da sub-variante 10Ba.



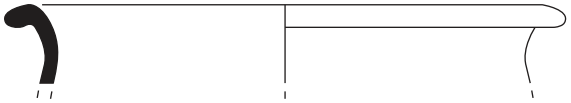
36/706/34



36/333/13 RA 371



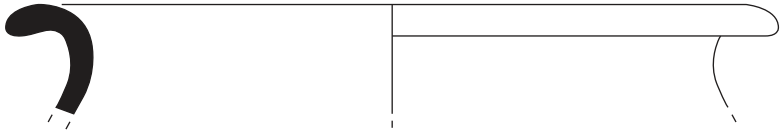
8/75/2 C



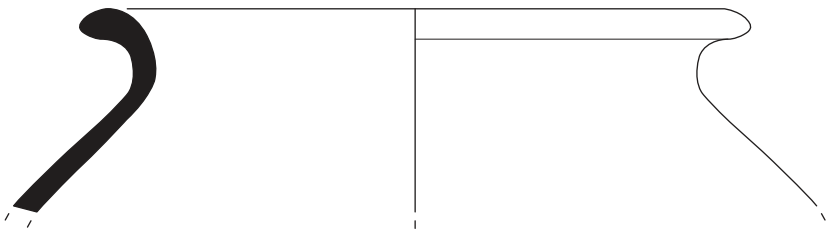
10/41/2 A



76/169/17



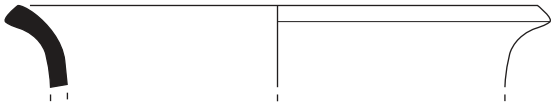
36/333/14 RA 360



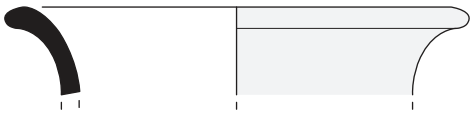
50/716/1

10 cm

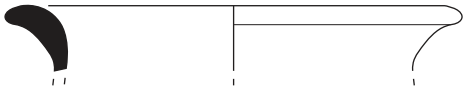
Est. 160 - Moinho da Atalaia Oeste: cerâmica comum da sub-variante 10Bb.



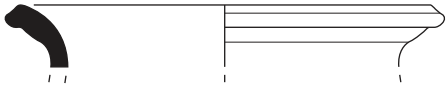
11/43/1



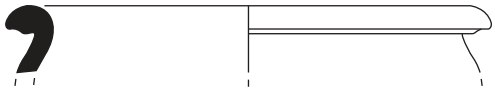
53/464/11



71/867/33



9/100/49 B



10/103/21 A



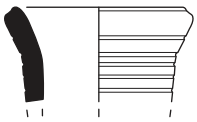
11/56/28



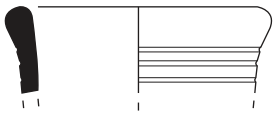
71/867/22

10 cm

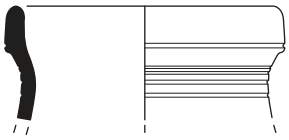
Est. 161 - Moinho da Atalaia Oeste: cerâmica comum da sub-variante 10Ca (11/43/1), 10Cb (53/464/11, 71/867/33, 9/100/49 B), 10Db (10/103/21 A), 10Gb (11/56/28) e 10Hb (71/867/22).



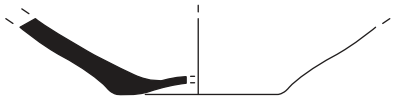
61/778/2



79/879/13



50/716/5



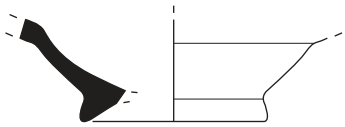
50/716/2 B



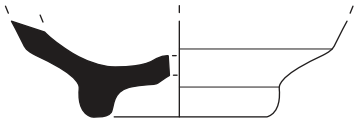
97/283/2



56/802/8



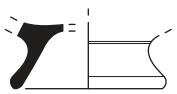
38/324/35



10/110/38



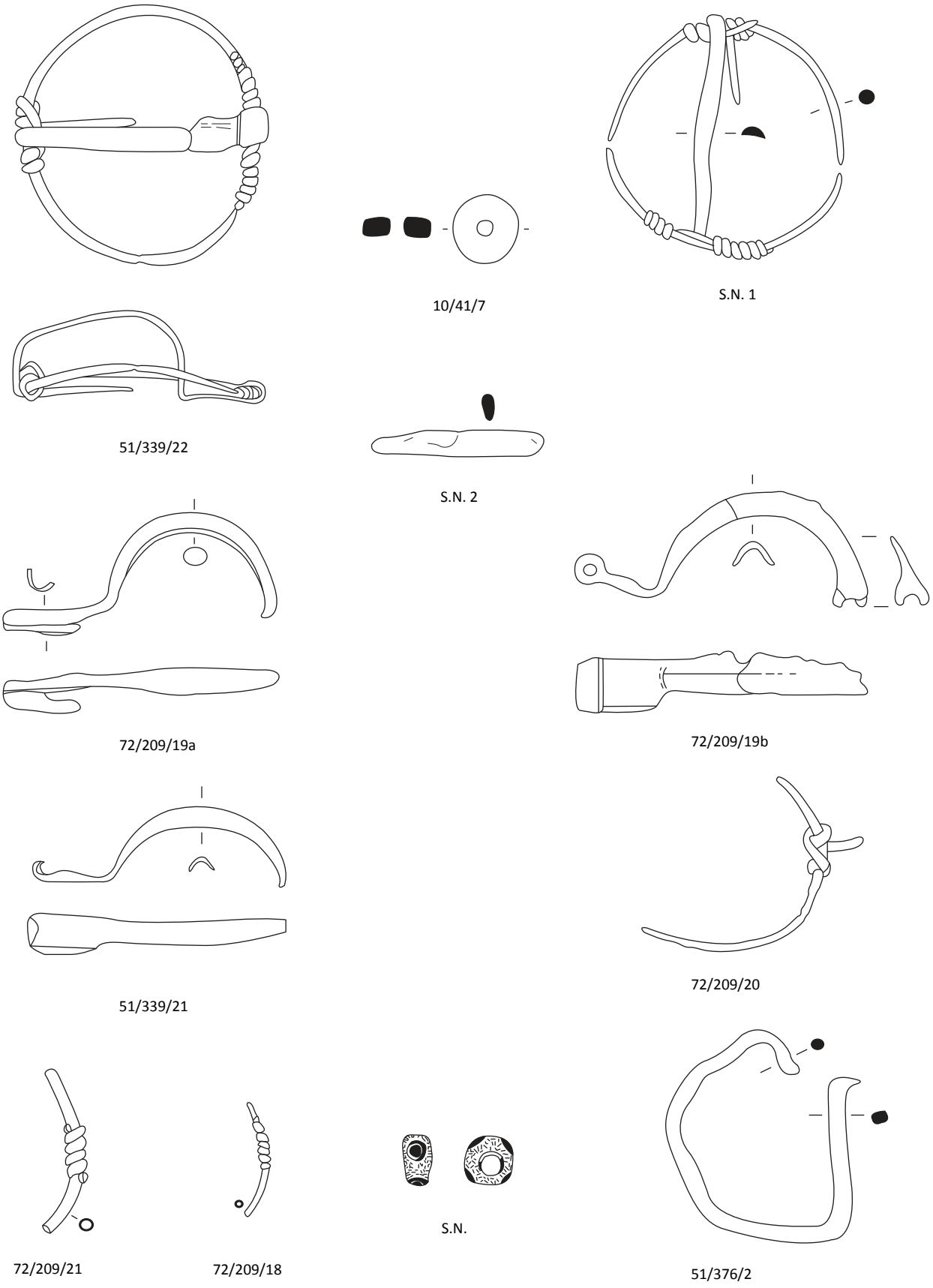
71/867/43



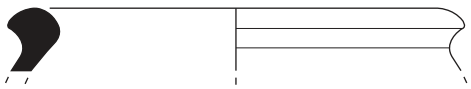
50/716/2 A

10 cm

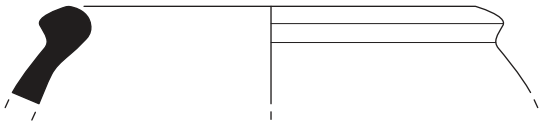
Est. 162 - Moinho da Atalaia Oeste: cerâmica comum da sub-variante 11Aa.2 (61/778/2, 79/879/13), 11Ab (50/716/5) e fragmentos de fundo (50/716/2 B, 97/283/2, 56/802/8, 38/324/35, 10/110/38, 71/867/43, 50/716/2 A).



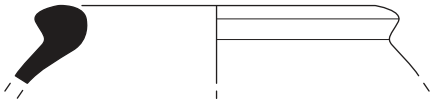
Est. 163 - Moinho da Atalaia Oeste: fragmentos de fíbulas (51/339/22, S.N. 1, 72/209/19a, 72/209/19b, 51/339/21, 72/209/20, 72/209/21, 72/209/18), fragmentos indeterminados (S.N. 2 e 51/376/2), peso (10/41/7) e conta de colar de pasta vítrea (S.N.) (segundo Pinto e Parreira, 1978 e Ponte, 1982-1983, modificado).



25/675/34



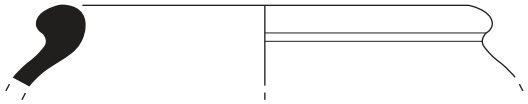
28/671/5



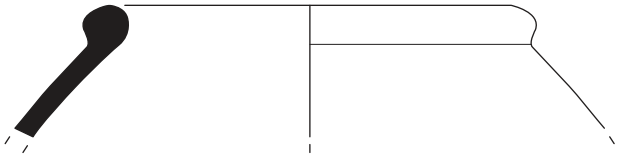
29/626/9



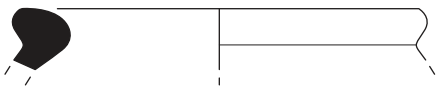
21/354/9



21/677/31



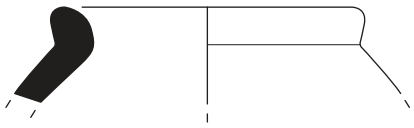
29/617/35



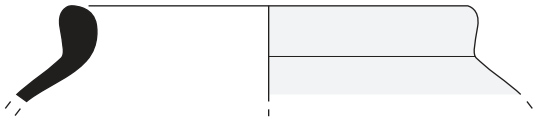
280/1605/28

10 cm

Est. 164 - Baútas: ânforas da variante 1Ab (25/675/34, 28/671/5, 29/626/9 e 21/354/9), 1Ac (21/677/31 e 29/617/35) e 1Ad (280/1605/28).



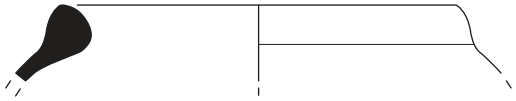
274/1573/28



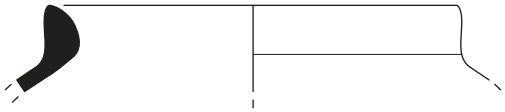
23/622/5



24/672/19



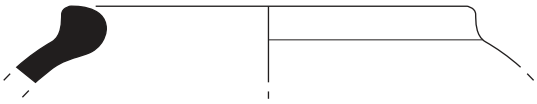
28/648/29



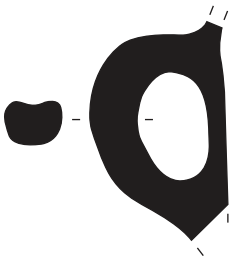
281/1610/33



29/624/31



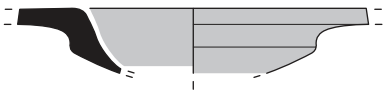
21/365/11



23/622/3

10 cm

Est. 165 - Baútas: ânforas da variante 1Ba (274/1573/28), 1Bb (23/622/5), 1Ca (24/672/19 e 28/648/29), 1Da (281/1610/33 e 29/624/31), 1Db (21/365/11) e fragmento de asa (23/622/3).



279/1595/9



280/1605/21



23/433/36



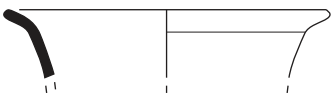
22/679/4



29/698/24



27/651/41



21/356/37

10 cm

Est. 166 - Baútas: cerâmica de engobe vermelho da variante 1Ba (279/1595/9) e cerâmica cinzenta da variante 1Aa (280/1605/21, 23/43336 e 22/679/4), 1Ab (29/698/24), 3Aa (27/651/421) e 3Ab (21/356/37).



23/433/36 B



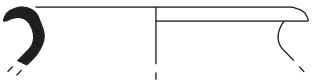
27/651/27



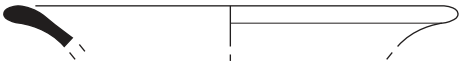
27/651/40



28/649/14



21/677/33



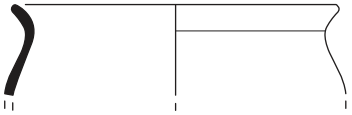
25/629/40



274/1573/31



25/628/14



26/655/3

10 cm

Est. 167 - Baútas: cerâmica cinzenta da variante 3Ba (23/433/36 B, 27/651/27/, 27/651/40 e 28/649/14), 4Ad (21/677/33), 4Ca (25/629/40) e pequenos potes (274/1573/31, 25/628/14 e 26/655/3).



23/623/11



30/421/37



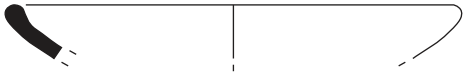
276/1581/25



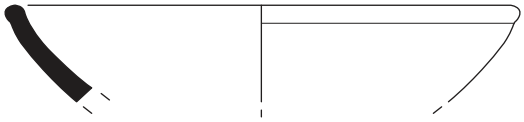
21/354/29



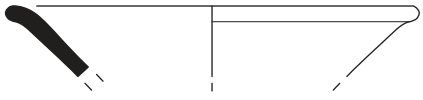
274/1573/27



21/365/38



280/1601/7



282/1614/25

10 cm

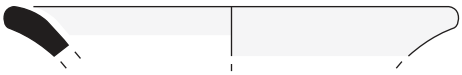
Est. 168 - Baútas: cerâmica comum da variante 1Aa (23/623/11, 30/421/37, 276/1581/25, 21/354/29, 274/1573/27 e 21/365/38), 1Ad (280/1601/7) e 1Bd (282/1614/25).



21/677/21



25/629/36



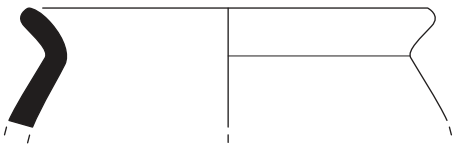
25/629/38



25/673/48



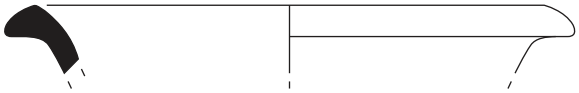
29/624/32



27/651/21



21/354/6



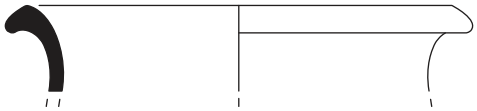
25/634/27

10 cm

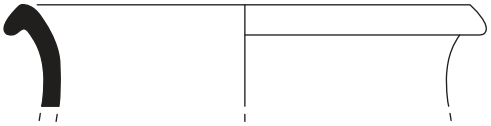
Est. 169 - Baútas: cerâmica comum da variante 9Aa (21/677/21), 10Aa (25/629/36, 25/629/38, 25/673/48, 29/624/32 e 27/651/21) e 10Ba (21/354/6 e 25/634/27).



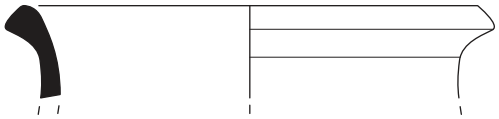
29/316/20



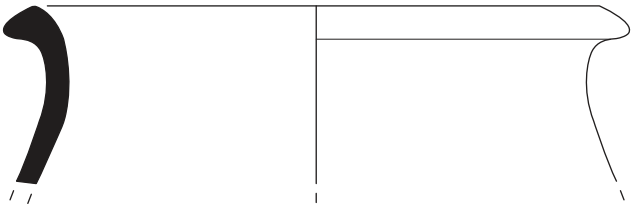
26/272/43



276/1581/10



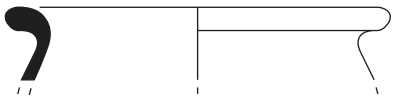
276/1581/7



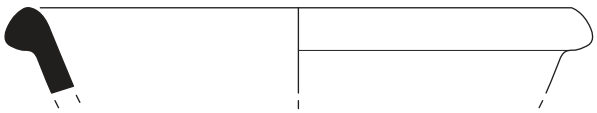
29/626/4



21/672/28



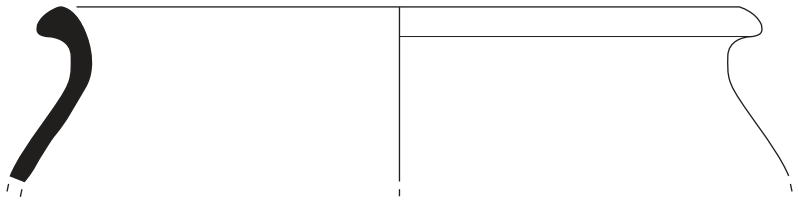
21/677/24



26/467/3A

10 cm

Est. 170 - Baútas: cerâmica comum da variante 10Ba (29/316/20, 26/272/43, 276/1581/10, 276/1581/7 e 29/626/4) e 10Bb (21/672/28, 21/677/24 e 21/677/24).



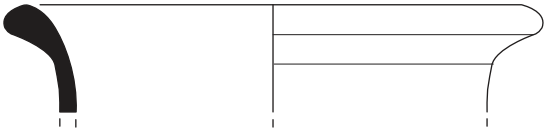
23/622/2



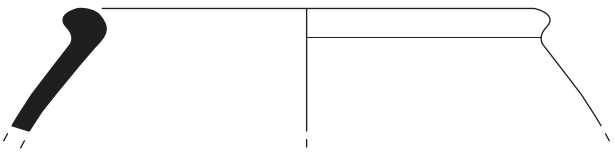
28/671/4



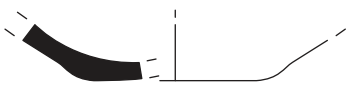
29/697/52



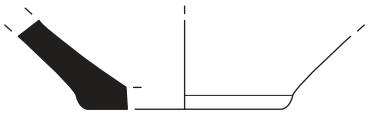
280/1601/74



282/1615/9



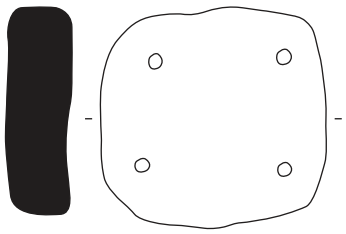
280/1601/19



276/1581/9

10 cm

Est. 171 - Baútas: cerâmica comum da variante 10Bc (23/622/2), 10Ca (28/671/4), 10Cb (29/697/52 e 280/1601/74), 10Hc (282/1615/9) e fragmentos de fundo (280/1601/19 e 276/1581/9).



23/622/10

10 cm

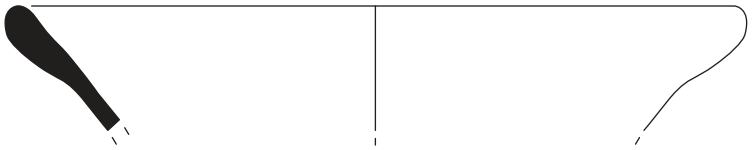
Est. 172 - Baútas: pesos de cerâmica (23/622/10).



82/893/16



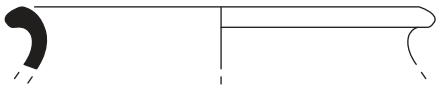
82/895/4



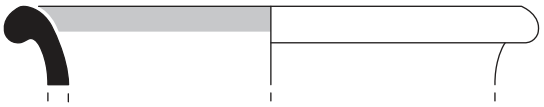
82/893/35



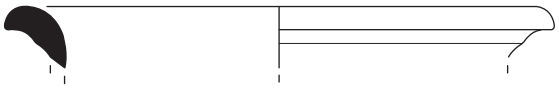
82/893/19



36/705/22



82/893/37



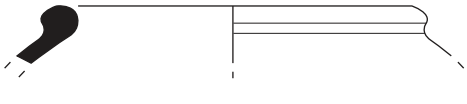
82/893/32

10 cm

Est. 173 - Moinhos do Filipinho: cerâmica cinzenta da variante 1Aa (82/893/16) e 3Ba (82/895/4); cerâmica comum da variante 5Ac (82/893/35), 10Ba (82/893/19), 10Bb (36/705/22 e 82/893/37) e fragmento de *pithos* (82/893/32).



6/88/18



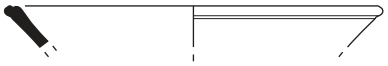
6/88/20 A



6/88/20 B



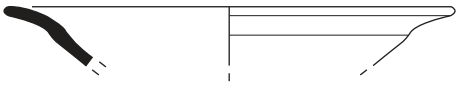
6/88/15 A



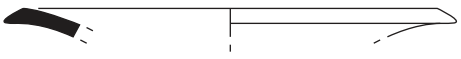
6/88/15 B



6/88/16



6/88/17 A



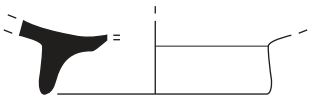
6/88/15



6/88/17 B



6/88/19



7/89/6

10 cm

Est. 174 - Casal de Vila Chã Sul: ânfora do tipo 10.1.2.1. (6/88/18) e ânfora da variante 1Ac (6/88/20 A) e 1Ba (6/88/20 B); cerâmica cinzenta da variante 1Aa (6/88/15 A), 1Ac (6/88/15 B), 3Ba (6/88/16), formas indeterminadas (6/88/17 A, 6/88/15 e 6/88/17 B) e fragmentos de fundo (6/88/19 e 7/89/6).



3520 - 6/88/20



1869 - 6/88/15



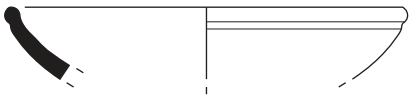
1870 - 6/88/15



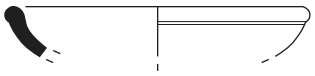
6/88/20 C



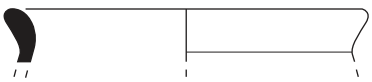
6/88/15 C



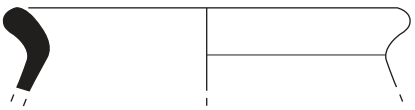
3515 - 6/88/20



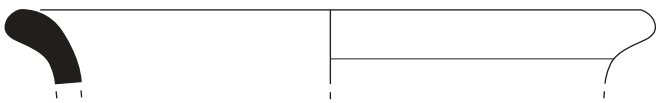
1845 - 6/88/20



1865 - 7/89/4



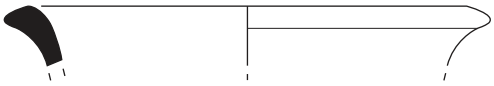
6/88/20 D



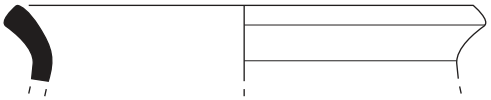
3508 - 6/88/20

10 cm

Est. 175 - Casal de Vila Chã Sul: cerâmica comum da variante 1Aa (3520 - 6/88/20, 1869 - 6/88/15, 1870 - 6/88/15, 6/88/20 C, 6/88/15 C), 2Bd (3515 - 6/88/20 e 1845 - 6/88/20) e 10Aa (1865 - 7/89/4, 6/88/20 D e 3508 - 6/88/20).



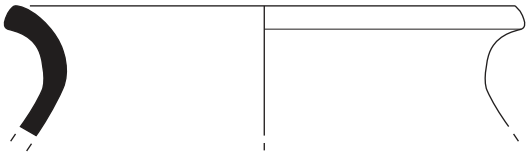
1840 - 6/88/20



3511 - 6/88/20



3512 - 6/88/20



6/88/20 E



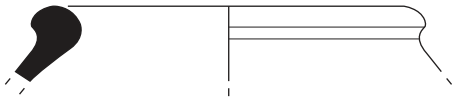
6/88/17 F

10 cm

Est. 176 - Casal de Vila Chã Sul: cerâmica comum da variante 10Ba (1840 - 6/88/20 e 3511 - 6/88/20), 10Bb (3512 - 6/88/20), 10Ca (6/88/20 E) e fragmento de fundo (6/88/17 F).



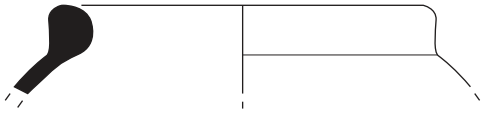
162/250/12



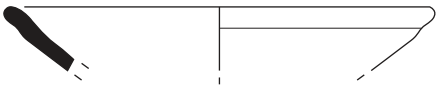
20/247/13a



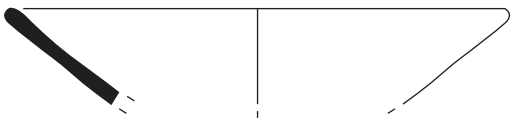
20/247/13b



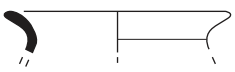
40/350/17



35/270/3



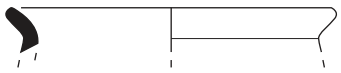
40/350/23



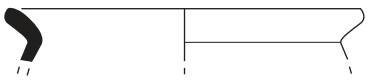
35/270/1

10 cm

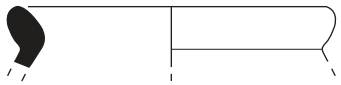
Est. 177 - Fiat - Alfragide: ânfora da variante 1Ab (162/250/12), 1Ac (20/247/13a), 1Db (20/247/13b) e 1Dc (40/350/17); cerâmica cinzenta da variante 1Aa (35/270/3), 1Ab (40/350/23) e 4Aa (35/270/1).



41/394/11



40/350/28



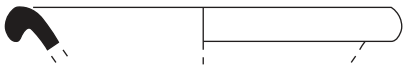
20/247/13 A



20/247/13 B



40/350/27



20/247/14



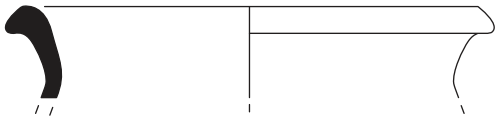
40/350/60



40/350/20

10 cm

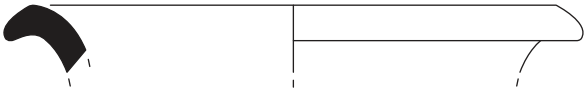
Est. 178 - Fiat - Alfragide: cerâmica comum da variante 10Aa (41/394/11, 40/350/28, 20/247/13 A, 20/247/13 B), 10Ba (40/350/27 e 20/274/14), 10Bb (40/350/60) e fragmento de fundo (40/350/20).



230/1507/28



235/1535/28



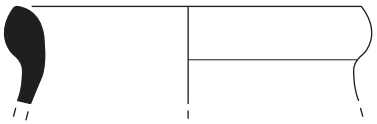
230/1507/29

10 cm

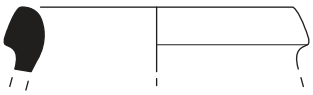
Est. 179 - Alfragide Segundo Sul: cerâmica comum da variante 10Ba.



SE/BF/73/206



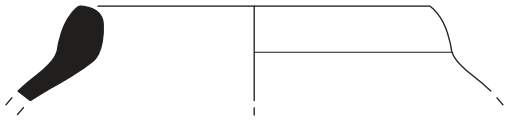
SE/R/94/76



SE/R/94/57



SE/BF/73/138



SE/BF/73/123



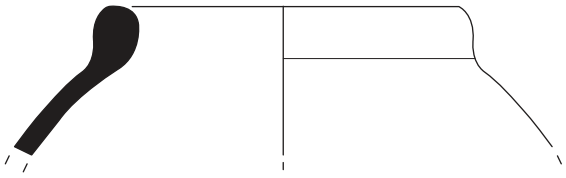
SE/R/94/88



SE/R/94/78



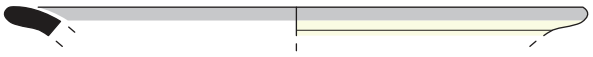
SE/R/94/119



SE/BF/73/121

10 cm

Est. 180 - Santa Eufémia: ânfora do tipo R1 (SE/BF/73/206), ânfora da variante 1Aa (SE/R/94/76), 1Ab (SE/R/94/57), 1Ca (SE/BF/73/138, SE/BF/73/123 e SE/R/94/88), 1Cb (SE/R/94/78), 1Db (SE/R/94/119) e 1Dc (SE/BF/73/121).



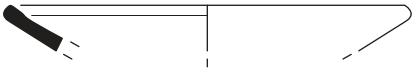
SE/BF/73/243



SE/R/94/37



SE/BF/73/295



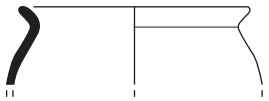
SE/BF/73/144



SE/BF/73/141



SE/BF/73/261



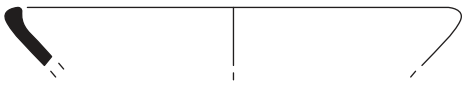
SE/BF/73/260

10 cm

Est. 181 - Santa Eufémia: cerâmica de engobe vermelho da variante 3Aa (SE/BF/73/243); cerâmica cinzenta da variante 1Aa (SE/R/94/37, SE/BF/73/295 e SE/BF/73/144), 1Ab (SE/BF/73/141), 3Ba (SE/BF/73/261) e 4Ac (SE/BF/73/260).



SE/R/94/126



SE/BF/73/240



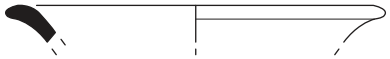
SE/BF/73/239



SE/BF/73/242



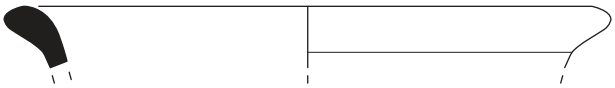
SE/BF/73/237



SE/BF/73/208



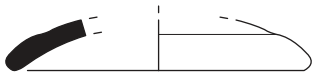
SE/R/94/17



SE/R/94/16

10 cm

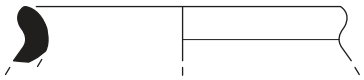
Est. 182 - Santa Eufémia: cerâmica comum da variante 1Aa (SE/R/94/126, SE/BF/73/240, SE/BF/73/239, SE/BF/73/242 e SE/BF/73/237), 1Bd (SE/BF/73/208), 5Aa (SE/R/94/17) e 5Ac (SE/R/94/16).



SE/BF/73/39



SE/R/94/95



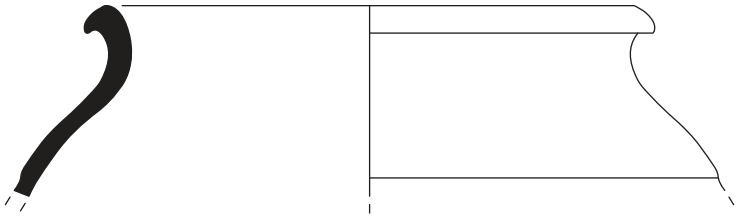
SE/BF/85/6



SE/R/94/148



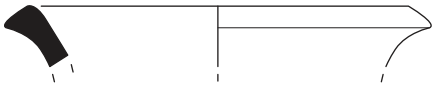
SE/BF/73/42



SE/BF/73/122

10 cm

Est. 183 - Santa Eufémia: cerâmica comum da variante 7Aa (SE/BF/73/39), 8Aa (SE/R/94/95), 10Aa (SE/BF/85/6, SE/R/94/148 e SE/BF/73/42) e 10Ba (SE/BF/73/122).



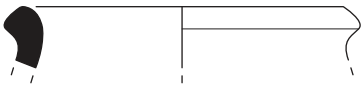
SE/R/94/157



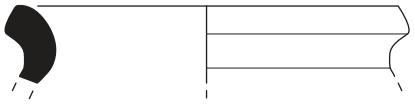
SE/R/94/7



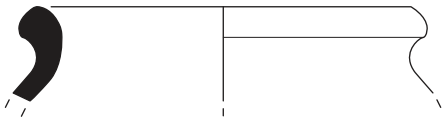
SE/R/94/84



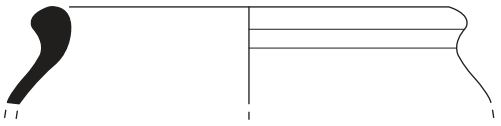
SE/R/94/141



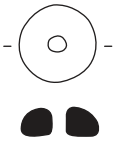
SE/R/94/138



SE/BF/73/126



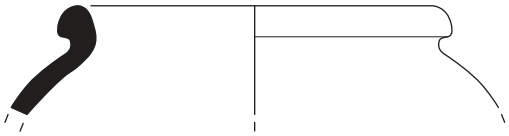
SE/R/94/108



SE/R/94/155

10 cm

Est. 184 - Santa Eufémia: cerâmica comum da variante 10Ba (SE/R/94/157 e SE/R/94/7), 10Bb (SE/R/94/84, SE/R/94/141, SE/R/94/138, SE/BF/73/126 e SE/R/94/108) e cossoiro (SE/R/94/155).



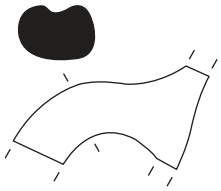
CM/SW/BF/86/7



CSP/BF/81/86



CSP/BF/81/87



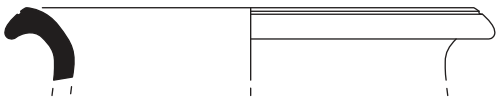
CSP/BF/81/90



CSP/BF/81/94



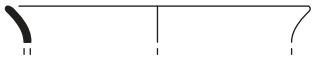
CSP/BF/81/92



CSP/BF/81/100

10 cm

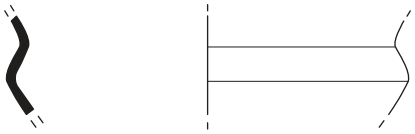
Est. 185 - Castelo dos Mouros: ânfora da variante 1Ac (CM/SW/BF/86/7); Capela de São Pedro: ânforas das variantes 1Ba (CSP/BF/81/86) e 1Da (CSP/BF/81/87) e fragmentos de asas (CSP/BF/81/90 e CSP/BF/81/94), cerâmica cinzenta da variante 3Aa (CSP/BF/81/92) e cerâmica comum da variante 10Ba (CSP/BF/81/100).



RM/BF/82/83



RM/BF/82/84



RM/BF/82/101



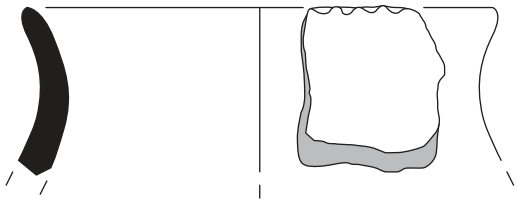
RM/BF/82/11



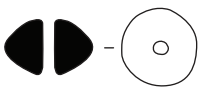
RM/BF/82/22



RM/BF/82/3



RM/BF/82/2



RM/BF/82/1

10 cm

Est. 186 - Sepultura do Rei Mouro: cerâmica cinzenta da variante 3Aa (RM/BF/82/83, RM/BF/82/84 e RM/BF/82/101), cerâmica manual (RM/BF/82/11, RM/BF/82/22, RM/BF/82/3, RM/BF/82/2) e cossoiro (RM/BF/82/1).











Est. 187 - Rua dos Correeiros - fotografia de materiais (ânfora da variante 1Ba, cerâmica comum da sub-variante 10Aa.1, suporte da variante 8Aa e vasos coroplásticos).

Base de dados

Catálogo das formas ilustradas

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
2383	1 NE	Área 1	8/120	Ânfora	1Cc	Bordo	I	001	152	-	31	6
2427	1 NE	Área 1	8/120	Ânfora	1Ac	Bordo	I	001	126	-	55	10
2425	1 NE	Área 1	8/120	C. cinzenta	3Aa	Bordo	II	001	118	-	23	4
2316	1 NE	Área 1	120	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	001	214	-	34	5
2426	1 NE	Área 1	8/120	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	001	118	-	29	4
2344	1 NE	Área 1	8/120	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	001	176	-	33	5
2343	1 NE	Área 1	8/120	C. cinzenta	1Ab	Bordo	II	001	232	-	58	5
2346	1 NE	Área 1	8/120	C. cinzenta	1Ab	Bordo	III	001	168	-	23	5
2351	1 NE	Área 1	8/120	C. eng. verm.	2Ca	Bordo	I	001	216	-	26	5
2349	1 NE	Área 1	8/120	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	002	60	-	37	7
2348	1 NE	Área 1	8/120	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	002	70	-	18	5
2347	1 NE	Área 1	8/120	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	002	-	80	30	4
2370	1 NE	Área 1	8/120	C. comum	1Aa	Bordo	II	002	182	-	28	6
2291	1 NE	Área 1	120	C. comum	1Bc	Bordo	I	002	188	-	62	8
2294	1 NE	Área 1	8/120	C. comum	1Ab	Bordo	I	002	212	-	31	6
2376	1 NE	Área 1	8/120	C. comum	1Ae	Bordo	III	002	298	-	64	7
2367	1 NE	Área 1	8/120	C. comum	1Ab	Bordo	I	002	204	-	24	4
2366	1 NE	Área 1	8/120	C. comum	7Ad	Bordo	I	003	176	-	20	5
2377	1 NE	Área 1	8/120	C. comum	3Ae	Bordo	II	003	216	-	31	10
2365	1 NE	Área 1	8/120	C. comum	7Ac	Bordo	I	003	166	-	22	4
2393	1 NE	Área 1	8/120	C. comum	8Aa	Bordo	I	003	172	-	36	9
2361	1 NE	Área 1	8/120	C. comum	10Aa	Bordo	III	003	168	-	39	7
2374	1 NE	Área 1	8/120	C. comum	3Ba	Bordo	II	003	230	-	15	5
2323	1 NE	Área 1	120	C. comum	10Aa	Bordo	III	003	178	-	43	7
2379	1 NE	Área 1	8/120	C. comum	10Da	Bordo	I	004	180	-	42	6
2292	1 NE	Área 1	120	C. comum	Ind.	Fundo	I	004	-	96	58	12
2327	1 NE	Área 1	8/120	C. comum	10Hc	Bordo	I	004	150	-	64	7
2299	1 NE	Área 1	120	C. comum	10Bb	Bordo	I	004	228	-	34	6
2300	1 NE	Área 1	120	C. comum	10Bb	Bordo	I	004	204	-	27	7
2319	1 NE	Área 1	120	C. comum	Ind.	Fundo	I	004	-	50	24	7
2290	1 NE	Área 1	120	C. comum	10Cb	Bordo	II	004	244	-	55	8
2463	1 NE	Área 4	110	Ânfora	1Bb	Bordo	I	005	160	-	45	4
2417	1 NE	Área 4	110	Ânfora	1Db	Bordo	I	005	160	-	34	7
2438	1 NE	Área 4	110	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	005	116	-	31	4
2829	1 NE	Área 4	110	C. cinzenta	4Ba	Bordo	II	005	160	-	49	6
2409	1 NE	Área 4	110	C. comum	1Aa	Bordo	I	005	170	-	47	6
2412	1 NE	Área 4	110	C. comum	1Aa	Bordo	I	005	194	-	32	6
2410	1 NE	Área 4	110	C. comum	1Aa	Bordo	I	005	204	-	46	4
2459	1 NE	Área 4	110	C. comum	1Ab	Bordo	I	005	176	-	28	5
2406	1 NE	Área 4	110	C. comum	8Aa	Bordo	I	005	168	-	34	8

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
2458	1 NE	Área 4	110	C. comum	1Bc	Bordo	I	005	246	-	37	7
2415	1 NE	Área 4	110	C. comum	10Bb	Bordo	I	006	216	-	34	7
2462	1 NE	Área 4	110	C. comum	10Cb	Bordo	I	006	200	-	32	
2416	1 NE	Área 4	110	C. comum	10Ba	Bordo	IV	006	198	-	27	5
2418	1 NE	Área 4	110	C. comum	Ind.	Fundo	I	006	-	50	21	5
2413	1 NE	Área 4	110	C. comum	10Ba	Bordo	II	006	178	-	41	7
2461	1 NE	Área 4	110	C. comum	10Cb	Bordo	I	006	198	-	30	7
2414	1 NE	Área 4	110	C. comum	10Cb	Bordo	I	006	176	-	30	7
2460	1 NE	Área 4	110	C. comum	10Aa	Bordo	I	006	198	-	33	9
2480	1 NE	Área 2	60=121	Ânfora	1Aa	Bordo	II	007	140	-	37	8
2574	1 NE	Área 2	60=121	C. comum	1Aa	Bordo	II	007	198	-	55	5
2581	1 NE	Área 2	60=121	C. comum	11Ba	Bordo	III	007	116	-	46	4
2583	1 NE	Área 2	60=121	C. comum	9Ab	Bordo	I	007	102	-	19	4
2577	1 NE	Área 2	60=121	C. comum	1Ba	Bordo	I	007	268	-	29	6
2569	1 NE	Área 2	60=121	C. comum	Ind.	Fundo	I	007	-	94	20	7
2576	1 NE	Área 2	60=121	C. comum	1Aa	Bordo	I	007	214	-	47	6
2475	1 NE	Área 2	60=121	C. comum	8Aa	Bordo	I	007	170	-	44	11
2579	1 NE	Área 2	60=121	C. comum	10Aa	Bordo	III	007	196	-	48	5
2592	1 NE	Área 2	60=121	C. comum	6Ba	Bordo	I	007	176	-	16	11
2568	1 NE	Área 2	60=121	C. comum	Ind.	Fundo	I	007	-	98	15	5
1945	1 NE	Área 2	65=124	Ânfora	1Ba	Bordo	I	008	132	-	58	6
2143	1 NE	Área 2	65=124	Ânfora	1Db	Bordo	I	008	140	-	38	8
1944	1 NE	Área 2	65=124	Ânfora	1Db	Bordo	I	008	158	-	31	8
1946	1 NE	Área 2	65=124	Ânfora	1Dc	Bordo	I	008	150	-	57	7
2141	1 NE	Área 2	65=124	Ânfora	1Da	Bordo	I	008	160	-	36	5
2142	1 NE	Área 2	65=124	Ânfora	1Cb	Bordo	I	008	140	-	29	8
2181	1 NE	Área 2	65=124	Ânfora	Ind.	Fundo	I	008	-	-	57	7
2139	1 NE	Área 2	65=124	C. cinzenta	4Ba	Bojo	III	009	-	-	63	4
2140	1 NE	Área 2	65=124	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	009	-	60	15	6
2134	1 NE	Área 2	65=124	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	009	118	-	17	2
2132	1 NE	Área 2	65=124	C. cinzenta	3Aa	Bordo	II	009	116	-	20	5
2133	1 NE	Área 2	65=124	C. cinzenta	4Aa	Bordo	III	009	156	-	48	3
1959	1 NE	Área 2	65=124	C. comum	1Aa	Bordo	I	009	212	-	45	5
2167	1 NE	Área 2	65=124	C. comum	1Aa	Bordo	II	009	204	-	43	5
2086	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	8Aa	Bordo	I	009	166	-	28	10
1958	1 NE	Área 2	65=124	C. comum	8Aa	Bordo	I	009	156	-	26	10
2154	1 NE	Área 2	65=124	C. comum	9Aa	Bordo	I	009	118	-	33	8
2168	1 NE	Área 2	65=124	C. comum	1Aa	Bordo	I	009	204	-	33	6
2185	1 NE	Área 2	65=124	C. comum	8Aa	Bordo	I	009	172	-	28	9
2147	1 NE	Área 2	65=124	C. comum	10Aa	Bordo	III	010	174	-	30	7

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
1956	1 NE	Área 2	65=124	C. comum	10Aa.1	Bordo	III	010	178	-	50	7
2159	1 NE	Área 2	65=124	C. comum	10Ba	Bordo	I	010	150	-	31	7
2173	1 NE	Área 2	65=124	C. comum	Ind.	Fundo	I	010	-	82	25	7
2145	1 NE	Área 2	65=124	C. comum	10Aa.1	Bordo	III	010	180	-	86	6
2218	1 NE	Área 2	64	Ânfora	1Ab	Bordo	I	011	140	-	43	7
2240	1 NE	Área 2	64	C. cinzenta	1Ab	Bordo	II	011	214	-	26	4
2241	1 NE	Área 2	64	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	011	146	-	23	3
2212	1 NE	Área 2	64	C. comum	1Aa	Bordo	I	011	214	-	49	5
2211	1 NE	Área 2	64	C. comum	1Aa	Bordo	I	011	208	-	35	6
2238	1 NE	Área 2	64	C. comum	8Aa	Bordo	I	011	146	-	19	6
2229	1 NE	Área 2	64	C. comum	Ind.	Fundo	I	011	-	60	20	6
2482	1 NE	Área 2	67=123	Ânfora	1Ab	Bordo	I	012	138	-	45	6
2063	1 NE	Área 2	67=123	Ânfora	1Bb	Bordo	I	012	146	-	32	7
2088	1 NE	Área 2	67=123	Ânfora	1Ac	Bordo	I	012	140	-	33	5
4777	3 SE	K15/16	67=123	Ânfora	1Ab	Bordo	I	012	152	-	71	7
2245	1 NE	Área 2	67=123	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	012	194	-	27	6
2040	1 NE	Área 2	67=123	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	012	104	-	25	3
2051	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	3Ba	Bordo	I	012	194	-	10	6
2093	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	1Aa	Bordo	I	012	204	-	49	6
2069	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	1Aa	Bordo	I	012	176	-	20	5
2045	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	3Ba	Bordo	I	012	190	-	7	5
2248	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	1Aa	Bordo	I	012	184	-	31	6
2066	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	1Aa	Bordo	I	012	216	-	32	6
2052	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	9Ac	Bordo	I	013	112	-	18	7
2062	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	10Aa	Bordo	I	013	174	-	21	9
1986	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	8Aa	Bordo	I	013	172	-	31	9
2059	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	8Aa	Bordo	I	013	170	-	27	10
2083	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	10Aa	Bordo	I	013	206	-	38	5
2071	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	9Aa	Bordo	I	013	118	-	10	4
2056	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	10Aa	Bordo	III	013	180	-	22	6
2061	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	10Aa.2	Bordo/asa	III	013	148	-	25	5
2049	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	10Ba	Bordo	I	013	160	-	27	6
2050	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	10Ba	Bordo	I	013	182	-	20	5
2086	1 NE	Área 2	65=124	C. comum	8Aa	Bordo	I	013	164	-	30	8
2484	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	10Ba	Bordo	I	014	210	-	52	5
2048	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	10Ba	Bordo	I	014	158	-	39	5
2096	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	Ind.	Fundo	I	014	-	68	43	6
1978	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	10Fa	Bordo	I	014	138	-	20	4
2027	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	10Cb	Bordo	I	014	150	-	29	5
2073	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	Ind.	Fundo	I	014	-	64	36	6

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
2091	1 NE	Área 2	67=123	C. comum	10Ba	Bordo	II	014	220	-	47	6
1991	1 NE	Área 2	76=125	Ânfora	1Bb	Bordo	II	015	144	-	23	5
1977	1 NE	Área 2	76=125	Ânfora	1Bb	Bordo	III	015	160	-	27	5
1985	1 NE	Área 2	76=125	Ânfora	1Ad	Bordo	I	015	170	-	32	5
1981	1 NE	Área 2	76=125	C. cinzenta	2Ab	Bordo	II	015	230	-	23	6
2121	1 NE	Área 2	76=125	C. comum	5Ba	Bordo	II	015	270	-	45	6
1980	1 NE	Área 2	76=125	C. comum	1Aa	Bordo	I	015	216	-	27	6
2122	1 NE	Área 2	76=125	C. comum	1Aa	Bordo	I	015	202	-	22	7
1987	1 NE	Área 2	76=125	C. eng. verm.	6Aa	Bordo	I	015	134	-	48	6
1988	1 NE	Área 2	76=125	C. eng. verm.	6Ba	Bordo	I	015	192	-	47	7
2110	1 NE	Área 2	76=125	C. comum	10Cb	Bordo	I	016	264	-	45	9
2112	1 NE	Área 2	76=125	C. comum	10Hc	Bordo	I	016	194	-	51	5
1992	1 NE	Área 2	76=125	C. comum	10Aa	Bordo	III	016	136	-	32	5
2114	1 NE	Área 2	76=125	C. comum	8Aa	Bordo	I	016	154	-	64	9
1996	1 NE	Área 2	76=125	C. comum	Ind.	Fundo	I	016	-	70	21	9
2021	1 NE	Área 2	76=125	C. comum	8Aa	Bordo	I	016	200	-	30	6
2111	1 NE	Área 2	76=125	C. comum	10Aa	Bordo	I	016	188	-	39	
2026	1 NE	Área 2	76=125	C. comum	Ind.	Asa	IV	016	-	-	52	5
2109	1 NE	Área 2	76=125	Cerâmica	Cossoiro	P. comp.	I	016	-	-	28	-
2516	2 NE	M 14	17=18	Ânfora	1Ac	Bordo	I	017	128	-	61	10
5625	2 NE	M 14	17=18	C. cinzenta	1Ab	Bordo	II	017	214	-	28	4
2527	2 NE	M 14	17=18	C. comum	2Ba.1	Bordo/asa	III	017	180	-	39	7
2528	2 NE	M 14	17=18	C. comum	5Ca	Bordo	III	017	286	-	46	7
2518	2 NE	M 14	17=18	C. comum	1Bb	Bordo	IV	017	222	-	31	6
2517	2 NE	M 14	17=18	C. comum	10Aa	Bordo	I	018	214	-	60	7
2526	2 NE	M 14	17=18	C. comum	11Ab	Bordo	III	018	86	-	31	7
6170	2 NE	M 14	17=18	C. comum	10Ba	Bordo	I	018	200	-	38	9
6172	2 NE	M 14	17=18	C. comum	10Ba	Bordo	I	018	200	-	42	8
6176	2 NE	M 14	17=18	C. comum	10Bb	Bordo	I	018	232	-	66	8
5495	2 NE	M 14	17=18	Cerâmica	Ind.	P. incomp.	I	018	-	-	35	19
6095	2 NE	M 14	19	Ânfora	1Db	Bordo	I	019	140	-	36	5
7258	2 NE	M 14	19	Ânfora	1Db	Bordo	I	019	146	-	33	6
2519	2 NE	M 14	19	C. cinzenta	2Ab	Bordo	II	019	256	-	24	5
2520	2 NE	M 14	19	C. comum	8Aa	Bordo	II	019	156	-	47	11
2257	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	AA 7 E	Ânfora	1Db	Bordo	I	020	160	-	37	6
2258	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	AA 7 E	Ânfora	1Bb	Bordo	I	020	142	-	36	7
4786	3 SE	Comp. 3 Norte	AA 10 A	Ânfora	1Ca	Bordo	I	020	138	-	48	5
5520	3 SE	K15/K16	AA 65	Ânfora	1Db	Bordo	I	020	160	-	34	7
5524	3 SE	K15/K16	AA 65	Ânfora	1Ca	Bordo	I	020	144	-	31	5
5525	3 SE	K15/K16	AA 65	Ânfora	1Ca	Bordo	I	020	150	-	37	7

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
6321	3 SE	K15/K16	AA 64	Ânfora	1Db	Bordo	I	020	160	-	37	6
6322	3 SE	K15/K16	AA 64	Ânfora	1Db	Bordo	I	020	117	-	27	6
6526	3 NE	O/N 18	AA 28	Ânfora	1Db	Bordo	I	020	148	-	37	6
2254	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	AA 7 E	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	020	214	-	48	5
4787	3 SE	Comp. 3 Norte	AA 10 A	C. cinzenta	2Ab	Bordo	II	020	276	-	20	3
S.N. A3	3 SE	Comp. 8	AA 15	C. cinzenta	3Ab	Bordo	III	021	124	-	29	4
4788	3 SE	Comp. 3 Norte	AA 10 A	C. cinzenta	3Ac	Bordo	II	021	90	-	44	3
2265	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	AA 7 E	C. comum	1Ac	Bordo	I	021	200	-	48	5
2266	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	AA 7 E	C. comum	1Ab	Bordo	II	021	250	-	24	7
5535	3 SE	K15/K16	AA 65	C. comum	5Ab	Bordo	I	021	314	-	23	6
6332	3 SE	K15/K16	AA 64	C. comum	5Ba	Bordo	I	021	318	-	36	6
5532	3 SE	K15/K16	AA 65	C. comum	Ind.	Fundo	I	022	-	88	30	7
5536	3 SE	K15/K16	AA 65	C. comum	10Aa	Bordo	I	022	156	-	40	8
6326	3 SE	K15/K16	AA 64	C. comum	10Cb	Bordo	I	022	204	-	47	6
6328	3 SE	K15/K16	AA 64	C. comum	10Aa.1	Bordo	I	022	188	-	41	7
7024	3 Este	L18	45	Ânfora	1Ac	Bordo	I	023	144	-	45	8
7034	3 Este	L18	45	C. cinzenta	Ind.	Fundo	III	023	-	68 ?	29	6
6654	3 Este	L18	45	C. comum	9Aa	Bordo	I	023	90	-	38	5
7032	3 Este	L18	45	C. comum	5Ab	Bordo	I	023	394	-	47	5
7033	3 Este	L18	45	C. eng. verm.	Ind.	Fundo	I	023	-	80 ?	45	10
256	3 SE	Comp. 8	BB 18	Ânfora	1Ab	Bordo	I	024	152	-	31	7
4398	3 Este	QO/N18	BB 34	Ânfora	1Ab	Bordo	I	024	130	-	47	7
4830	3 SE	3 SE	BB 18	Ânfora	1Aa	Bordo	I	024	132	-	55	8
4911	3 NE	O/N 18	BB 34	Ânfora	1Ab	Bordo	I	024	130	-	46	6
4989	3 SE	3 SE	BB 18	Ânfora	1Aa	Bordo	I	024	130	-	46	7
4997	3 SE	3 SE	BB 18	Ânfora	1Ab	Bordo	I	024	118	-	55	6
5001	3 SE	3 SE	BB 18	Ânfora	1Ab	Bordo	I	024	140	-	41	7
5279	3 SE	3 SE	BB 18	Ânfora	1Ab	Bordo	I	024	148	-	35	5
5282	3 SE	3 SE	BB 18	Ânfora	1Ab	Bordo	I	024	142	-	37	6
5866	3 SE	3 SE	BB 12 E	Ânfora	1Ab	Bordo	I	024	122	-	45	5
5873	3 SE	3 SE	BB 12 E	Ânfora	1Ab	Bordo	I	024	148	-	55	7
5871	3 SE	3 SE	BB 12 E	Ânfora	1Aa	Bordo	I	024	142	-	65	13
1409	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	Ânfora	1Ab	Bordo	I	025	140	-	52	8
4350	3 Este	QO/N18	BB 34	Ânfora	1Ab	Bordo	I	025	130	-	43	8
4399	3 Este	QO/N18	BB 34	Ânfora	1Ab	Bordo	I	025	130	-	60	6
4992	3 SE	3 SE	BB 18	Ânfora	1Ac	Bordo	I	025	136	-	57	7
5874	3 SE	3 SE	BB 12 E	Ânfora	1Ac	Bordo	I	025	150	-	71	6
5982	3 Este	O17	BB 34	Ânfora	1Ab	Bordo	I	025	142	-	42	6
6023	3 SE	3 SE	BB 12 E	Ânfora	1Ac	Bordo	I	025	150	-	59	7
1200	3 NE	O18/O19/O20	BB 21	Ânfora	1Ab	Bordo	I	025	141	-	108	6

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
4351	3 Este	QO/N18	BB 34	Ânfora	1Ac	Bordo	I	026	120	-	61	8
4376	3 Este	QO/N18	BB 34	Ânfora	1Ac	Bordo	I	026	144	-	46	9
2609	3 SE	Comp. 3	BB 11	Ânfora	1Ac	Bordo	I	026	138	-	67	8
4359	3 Este	QO/N18	BB 34	Ânfora	1Ac	Bordo	I	026	130	-	50	8
4394	3 Este	QO/N18	BB 34	Ânfora	1Ac	Bordo	I	026	140	-	45	8
4605	3 Este	L17	BB 34	Ânfora	1Ac	Bordo	I	026	140	-	50	6
4611	3 Este	L17	BB 34	Ânfora	1Ac	Bordo	I	026	130	-	47	7
5976	3 Este	O17	BB 34	Ânfora	1Ac	Bordo	I	026	144	-	62	8
6575	3 Este	L17	BB 34	Ânfora	1Ac	Bordo	I	026	154	-	43	7
6937	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 29	Ânfora	1Ac	Bordo	I	026	142	-	40	6
1898	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	Ânfora	1Ae	Bordo	I	027	96	-	56	10
259	3 SE	Comp. 8	BB 18	Ânfora	1Ba	Bordo	I	027	138	-	45	7
1255	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	Ânfora	1Ad	Bordo	I	027	154	-	40	9
4345	3 Este	QO/N18	BB 34	Ânfora	1Ac	Bordo	I	027	120	-	49	11
4397	3 Este	QO/N18	BB 34	Ânfora	1Ac	Bordo	I	027	126	-	42	10
4829	3 SE	3 SE	BB 18	Ânfora	1Ba	Bordo	II	027	136	-	56	10
4837	3 SE	3 SE	BB 18	Ânfora	1Ba	Bordo	I	027	136	-	41	6
5280	3 SE	3 SE	BB 18	Ânfora	1Af	Bordo	I	027	110	-	27	7
5343	3 Este	M 18	BB 34	Ânfora	1Ac	Bordo	I	027	140	-	70	7
5345	3 Este	M 18	BB 34	Ânfora	1Ba	Bordo	I	027	140	-	45	6
5957	3 Este	O17	BB 34	Ânfora	1Ba	Bordo	I	027	156	-	37	6
6529	3 Este	L18	BB 34	Ânfora	1Ac	Bordo	I	027	146	-	48	9
1227	3 NE	O18/O19/O20	BB 21	Ânfora	1Ba	Bordo	I	028	146	-	32	6
1225	3 NE	O18/O19/O20	BB 21	Ânfora	1Ba	Bordo	I	028	148	-	62	7
1220	3 NE	O18/O19/O20	BB 21	Ânfora	1Bb	Bordo	I	028	146	-	42	6
628	3 SE	Comp. 3	BB 11	Ânfora	1Bb	Bordo	I	028	130	-	36	6
S.N. Y	3 SE	Comp. 8	BB 18	Ânfora	1Bb	Bordo	I	028	170	-	30	7
4795	3 Este	M 19	BB 34	Ânfora	1Bb	Bordo	I	028	152	-	39	7
5341	3 NE	O/N 18	BB 34	Ânfora	1Ba	Bordo	I	028	146	-	54	7
5668	3 Este	N18	BB 34	Ânfora	1Bb	Bordo	I	028	130	-	47	8
6233	3 Este	M17	BB 34	Ânfora	1Bb	Bordo	I	028	160	-	37	9
6234	3 Este	M17	BB 34	Ânfora	1Bb	Bordo	I	028	158	-	35	9
6344	3 Este	M19	BB 34	Ânfora	1Ba	Bordo	I	028	150	-	43	7
4381	3 Este	QO/N18	BB 34	Ânfora	1Ca	Bordo	I	029	168	-	47	6
4655	3 NE	O18	BB 34	Ânfora	1Ca	Bordo	I	029	148	-	56	8
4669	3 NE	O18	BB 34	Ânfora	1Cb	Bordo	I	029	128	-	42	6
4682	3 NE	O18	BB 34	Ânfora	1Ca	Bordo	I	029	150	-	47	7
4715	3 Este	N17	BB 34	Ânfora	1Cb	Bordo	I	029	160	-	39	6
5009	3 SE	3 SE	BB 18	Ânfora	1Ca	Bordo	I	029	150	-	43	6
5281	3 SE	3 SE	BB 18	Ânfora	1Ca	Bordo	I	029	158	-	37	6

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
5910	3 SE	3 SE cont.	BB 12 C	Ânfora	1Ca	Bordo	I	029	162	-	50	8
5956	3 Este	O17	BB 34	Ânfora	1Ca	Bordo	I	029	120	-	39	5
5975	3 Este	O17	BB 34	Ânfora	1Ca	Bordo	I	029	160	-	35	6
6447	3 SE	K15/K16	BB 34	Ânfora	1Ca	Bordo	I	029	160	-	34	5
6935	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 29	Ânfora	1Ca	Bordo	I	029	152	-	35	8
6947	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 29	Ânfora	1Ca	Bordo	I	029	160	-	47	6
1228	3 NE	O18/O19/O20	BB 21	Ânfora	1Da	Bordo	I	030	158	-	22	5
1419	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	Ânfora	1Da	Bordo	I	030	168	-	32	5
1252	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	Ânfora	1Da	Bordo	I	030	146	-	65	6
1335	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	Ânfora	1Da	Bordo	I	030	158	-	63	8
1251	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	Ânfora	1Db	Bordo	I	030	160	-	40	7
4618	3 Este	L17	BB 34	Ânfora	1Db	Bordo	I	030	140	-	39	7
4828	3 SE	3 SE	BB 18	Ânfora	1Db	Bordo	I	030	158	-	40	7
5278	3 SE	3 SE	BB 18	Ânfora	1Db	Bordo	I	030	148	-	48	8
5966	3 Este	O17	BB 34	Ânfora	1Db	Bordo	I	030	160	-	45	7
6138	3 Este	O17	BB 34	Ânfora	1Cc	Bordo	I	030	144	-	45	8
6532	3 Este	L18	BB 34	Ânfora	1Cc	Bordo	I	030	160	-	52	7
6949	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 29	Ânfora	1Db	Bordo	I	030	158	-	42	6
7229	3 SE	Comp. 8	BB 12 E	Ânfora	1Da	Bordo	I	030	140	-	41	6
1420	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	Ânfora	1Db	Bordo	I	031	188	-	38	5
1334	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	Ânfora	1Db	Bordo	II	031	162	-	35	6
4602	3 Este	L17	BB 34	Ânfora	1Db	Bordo	I	031	160	-	51	6
4672	3 NE	O18	BB 34	Ânfora	1Db	Bordo	I	031	162	-	48	7
4695	3 NE	O18	BB 34	Ânfora	1Db	Bordo	I	031	158	-	40	5
4922	3 Este	M17	BB 34	Ânfora	1Db	Bordo	I	031	156	-	40	8
5000	3 SE	3 SE	BB 18	Ânfora	1Db	Bordo	I	031	128	-	63	6
5978	3 Este	O17	BB 34	Ânfora	1Db	Bordo	I	031	146	-	36	7
6083	3 Este	L17	BB 34	Ânfora	1Db	Bordo	I	031	150	-	56	6
6130	3 NE	O18	BB 34	Ânfora	1Db	Bordo	I	031	150	-	44	7
6231	3 Este	M17	BB 34	Ânfora	1Db	Bordo	I	031	168	-	31	4
6769	3 Este	L18	BB 60	Ânfora	1Db	Bordo	I	031	160	-	42	8
4383	3 Este	QO/N18	BB 34	Ânfora	1Dc	Bordo	I	032	148	-	43	5
2610	3 SE	Comp. 3	BB 11	Ânfora	1Db	Bordo	I	032	160	-	36	7
4344	3 Este	QO/N18	BB 34	Ânfora	1Db	Bordo	I	032	162	-	34	6
4613	3 Este	L17	BB 34	Ânfora	1Db	Bordo	I	032	170	-	65	7
4718	3 Este	N17	BB 34	Ânfora	1Dc	Bordo	I	032	150	-	40	8
4842	3 SE	3 SE	BB 18	Ânfora	1Dc	Bordo	I	032	150	-	55	7
4991	3 SE	3 SE	BB 18	Ânfora	1Dc	Bordo	I	032	150	-	53	7
4993	3 SE	3 SE	BB 18	Ânfora	1Dc	Bordo	I	032	160	-	51	8
6530	3 Este	L18	BB 34	Ânfora	1Db	Bordo	I	032	150	-	38	6

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
6568	3 Este	L17	BB 34	Ânfora	1Dc	Bordo	I	032	146	-	46	6
6917	3 Este	N18	BB 34	Ânfora	1Dc	Bordo	I	032	154	-	48	5
6989	3 NE	O18/O19/O20	BB 21	Ânfora	1Db	Bordo	I	032	140	-	32	8
1258	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	Ânfora	1Dc	Bordo	I	033	156	-	37	7
1262	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	Ânfora	1Dc	Bordo	I	033	168	-	70	7
4623	3 Este	L17	BB 34	Ânfora	Ind.	Asa	I	033	-	-	61	7
4651	3 NE	O18	BB 34	Ânfora	Ind.	Asa	I	033	-	-	126	8
4686	3 NE	O18	BB 34	Ânfora	1Dc	Bordo	I	033	152	-	71	7
4921	3 SE	3 SE	BB 12 F	Ânfora	1Ea	Bordo	III	033	120	-	44	18
5223	3 Este	N18	BB 34	Ânfora	Ind.	Asa	I	033	-	-	119	7
6232	3 Este	M17	BB 34	Ânfora	1Dc	Bordo	I	033	156	-	35	8
1223	3 NE	O18/O19/O20	BB 21	Ânfora	Ind.	Asa	I	033	-	-	111	23
6946	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 29	Ânfora	1Dc	Bordo	I	033	140	-	34	5
635	3 SE	Comp. 3	BB 11	Ânfora	Ind.	Fundo	I	034	-	24	61	7
4649	3 NE	O18	BB 34	Ânfora	Ind.	Asa	I	034	-	-	82	6
4701	3 NE	O18	BB 34	Ânfora	Ind.	Fundo	I	034	-	8	21	6
5275	3 SE	3 SE	BB 18	Ânfora	Ind.	Fundo	I	034	-	-	39	8
6281	3 Este	M17	BB 34	Ânfora	Ind.	Bojo	I	034	-	-	55	8
6394	3 Este	M 18	BB 34	Ânfora	Ind.	Bojo	I	034	-	-	41	7
1897	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 29	C. eng. verm.	3Ba	Bordo	I	035	214	-	18	5
1411	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. eng. verm.	3Aa	Bordo	I	035	230	-	22	5
2731	3 SE	3 SE	BB 18	C. eng. verm.	1Ab	Bordo	I	035	148	-	22	4
4622	3 Este	L17	BB 34	C. eng. verm.	1Aa	Bordo	I	035	178	-	25	4
4708	3 NE	O18	BB 34	C. eng. verm.	2Ba	Bordo	I	035	250	-	53	11
5819	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. eng. verm.	1Aa	Bordo	I	035	162	-	32	6
6085	3 Este	L17	BB 34	C. eng. verm.	3Ab	Bordo	I	035	234	-	14	5
6228	3 Este	M17	BB 34	C. eng. verm.	2Aa	Bordo	I	035	200	-	25	6
6419	3 Este	M 18	BB 34	C. eng. verm.	3Aa	Bordo	I	035	270	-	21	8
6895	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. eng. verm.	3Ba	Bordo	I	035	212	-	17	5
1306	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 29	C. eng. verm.	3Ba	Bordo	I	035	210	-	20	7
5015	3 SE	3 SE	BB 18	C. eng. verm.	5Aa	Bordo	I	036	118	-	24	6
5032	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. eng. verm.	4Aa	Fundo	I	036	-	-	32	8
5042	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. eng. verm.	4Aa	Bordo	I	036	80	-	50	11
5394	3 Este	M 18	BB 34	C. eng. verm.	6Aa	Bordo	I	036	130	-	32	7
5693	3 Este	N18	BB 34	C. eng. verm.	4Aa	Bordo	I	036	80	-	27	5
5868	3 SE	3 SE	BB 12 E	C. eng. verm.	1Ba	Bordo	I	036	208	-	22	8
6229	3 Este	M17	BB 34	C. eng. verm.	5Aa	Bordo	I	036	110	-	32	5
6269	3 Este	M17	BB 34	C. eng. verm.	4Aa	Bordo	I	036	90	-	24	15
6371	3 Este	M19	BB 34	C. eng. verm.	5Ab	Bordo	I	036	82	-	17	4
6544	3 Este	L18	BB 34	C. eng. verm.	4Aa	Bordo	I	036	70	-	38	9

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
6896	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. eng. verm.	1Ba	Bordo	I	036	244	-	25	8
1233	3 NE	O18/O19/O20	BB 21	C. eng. verm.	6Bb	Bordo	I	037	192	-	64	7
4685	3 NE	O18	BB 34	C. eng. verm.	Ind.	Fundo	II	037	-	48	25	9
4721	3 Este	N17	BB 34	C. eng. verm.	Ind.	Fundo	I	037	-	84	30	4
6417	3 Este	M 18	BB 34	C. eng. verm.	Ind.	Fundo	I	037	-	60	30	9
6904	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. eng. verm.	6Bb	Bordo	I	037	230	-	43	7
1241	3 NE	O18/O19/O20	BB 21	C. cinzenta	1Ac	Bordo	III	038	180	-	17	4
S.N. A2	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 29	C. cinzenta	1Ca	Bordo	III	038	153	-	27	6
2535	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	038	174	-	17	3
1285	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	038	172	-	23	5
1284	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. cinzenta	3Aa	Bordo	II	038	126	-	17	2
1276	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	038	176	-	33	4
1890	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. cinzenta	3Aa	Bordo	II	038	120	-	15	4
264	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. cinzenta	1Ab	Bordo	III	038	214	-	43	5
1279	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	038	214	-	40	5
4395	3 Este	QO/N18	BB 34	C. cinzenta	3Aa	Bordo	II	038	120	-	16	3
4439	3 Este	L 19	BB 42	C. cinzenta	3Aa	Bordo	III	038	106	-	17	5
4610	3 Este	L17	BB 34	C. cinzenta	1Ab	Bordo	II	038	158	-	19	4
4930	3 Este	M17	BB 34	C. cinzenta	2Ab	Bordo	II	038	248	-	23	5
6215	3 Este	M17	BB 34	C. cinzenta	1Ab	Bordo	II	038	214	-	34	5
1292	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. cinzenta	3Aa	Bordo	III	039	110	-	51	3
2530	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. cinzenta	3Ab	Bordo	III	039	138	-	21	3
1333	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	039	118	-	28	3
4393	3 Este	QO/N18	BB 34	C. cinzenta	3Ba	Bordo	I	039	108	-	30	2
4720	3 Este	N17	BB 34	C. cinzenta	3Aa	Bordo	III	039	100	-	22	3
4804	3 Este	M 19	BB 34	C. cinzenta	3Ba	P. completo	II	039	117	48	111	3
5359	3 Este	M 18	BB 34	C. cinzenta	3Ac	Bordo	II	039	108	-	27	4
6600	3 Este	L17	BB 34	C. cinzenta	3Aa	Bordo	II	039	116	-	27	3
6801	3 Este	L18	BB 60	C. cinzenta	3Aa	Bordo	II	039	80	-	35	4
6802	3 Este	L18	BB 60	C. cinzenta	3Ac	Bojo	II	039	-	-	86	4
7289	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 29	C. cinzenta	3Aa	Bordo	II	039	80	-	34	3
2533	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. cinzenta	4Ac	Bordo	II	040	234	-	45	7
2611	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. cinzenta	4Aa	Bordo	II	040	158	-	47	4
2534	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. cinzenta	3Ba	Bordo	III	040	116	-	23	4
4707	3 NE	O18	BB 34	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	040	154	-	27	5
5360	3 Este	M 18	BB 34	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	040	118	-	21	4
5401	3 Este	M 18	BB 34	C. cinzenta	3Ba	Bordo	III	040	80	-	43	3
5402	3 Este	M 18	BB 34	C. cinzenta	4Aa	Bordo	II	040	106	-	36	4
5403	3 Este	M 18	BB 34	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	040	140	-	40	4
6601	3 Este	L17	BB 34	C. cinzenta	3Ba	Bordo	III	040	118	-	31	3

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
7288	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 29	C. cinzenta	3Ca	Bordo	II	040	68	-	44	4
2532	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	041	-	100	43	6
1238	3 NE	O18/O19/O20	BB 21	C. cinzenta	4Ca	Bordo	II	041	274	-	21	5
1277	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	041	-	82	24	8
1280	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	041	-	50	33	6
4706	3 NE	O18	BB 34	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	041	-	60	18	5
4923	3 Este	M17	BB 34	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	041	-	50	65	5
5389	3 Este	M 18	BB 34	C. cinzenta	Ind.	Asa	III	041	-	-	-	-
5683	3 Este	N18	BB 34	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	041	-	78	35	8
5860	3 SE	3 SE	BB 12 E	C. cinzenta	Ind.	Fundo	III	041	-	50	11	3
6214	3 Este	M17	BB 34	C. cinzenta	4Ca	Bordo	II	041	300	-	27	6
7295	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 29	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	041	-	80	16	4
1410	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	1Aa	Bordo	I	042	234	-	41	4
1247	3 NE	O18/O19/O20	BB 21	C. comum	1Aa	Bordo	I	042	210	-	38	5
1865	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	1Aa	Bordo	II	042	210	-	43	5
5003	3 SE	3 SE	BB 18	C. comum	1Aa	Bordo	I	042	208	-	46	5
5344	3 Este	M 18	BB 34	C. comum	1Aa	Bordo	I	042	232	-	65	9
5800	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	1Aa	Bordo	I	042	210	-	51	6
5892	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	1Aa	Bordo	I	042	234	-	46	5
5897	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	1Aa	Bordo	I	042	228	-	55	6
6220	3 Este	M17	BB 34	C. comum	1Aa	Bordo	I	042	240	-	43	3
6286	3 Este	M17	BB 34	C. comum	1Aa	Bordo	I	042	216	-	45	7
6365	3 Este	M19	BB 34	C. comum	1Aa	Bordo	I	042	216	-	43	5
6440	3 SE	K15/K16	BB 34	C. comum	1Aa	Bordo	I	042	210	-	53	9
1317	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	1Aa	Bordo	I	043	214	-	31	5
2604	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. comum	1Aa	Bordo	I	043	194	-	26	
1331	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	1Aa	Bordo	I	043	182	-	29	5
1316	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	1Aa	Bordo	I	043	194	-	30	6
1332	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	1Aa	Bordo	II	043	216	-	33	6
4377	3 Este	QO/N18	BB 34	C. comum	1Aa	Bordo	I	043	210	-	28	6
626	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. comum	1Aa	Bordo	I	043	214	-	25	5
631	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. comum	1Aa	Bordo	I	043	214	-	33	6
5043	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. comum	1Aa	Bordo	I	043	214	-	38	5
5283	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 29	C. comum	1Aa	Bordo	I	043	206	-	44	6
6225	3 Este	M17	BB 34	C. comum	1Aa	Bordo	I	043	244	-	34	7
0258	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	1Ac	Bordo	I	044	194	-	49	5
1912	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	1Aa	Bordo	I	044	150	-	20	4
2603	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. comum	1Ab	Bordo	I	044	194	-	30	4
4612	3 Este	L17	BB 34	C. comum	1Aa	Bordo	I	044	174	-	40	6
4614	3 Este	L17	BB 34	C. comum	1Ac	Bordo	I	044	198	-	37	6

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
5044	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. comum	1Ac	Bordo	I	044	216	-	81	6
5798	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	1Aa	Bordo	I	044	198	-	28	5
5808	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	1Aa	Bordo	I	044	190	-	34	5
6087	3 Este	L17	BB 34	C. comum	1Ac	Bordo	I	044	190	-	35	5
2831	3 Este	L 17	BB 34	C. comum	1A	Bojo com	I	044	-	-	65	12
261	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	1Ba.1	Bordo/asa	I	045	216	-	40	5
4609	3 Este	L17	BB 34	C. comum	1Ae	Bordo	I	045	276	-	30	7
4688	3 NE	O18	BB 34	C. comum	1Ae	Bordo	I	045	320	-	40	5
5368	3 Este	M 18	BB 34	C. comum	1Ba	Bordo	I	045	250	-	34	7
5906	3 SE	3 SE cont.	BB 12 C	C. comum	1Ba	Bordo	I	045	228	-	36	6
6349	3 Este	M19	BB 34	C. comum	1Ba.1	Bordo/asa	I	045	198	-	50	7
6366	3 Este	M19	BB 34	C. comum	1Ba	Bordo	I	045	244	-	42	7
6587	3 Este	L17	BB 34	C. comum	1Ae	Bordo	I	045	250	-	55	8
2512	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. comum	1Bc	Bordo	I	046	232	-	48	8
1265	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	1Bb	Bordo	I	046	192	-	29	5
1310	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	1Bb.1	Bordo/asa	I	046	198	-	38	5
1330	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	1Bb	Bordo	I	046	226	-	27	5
4391	3 Este	QO/N18	BB 34	C. comum	1Bb	Bordo	I	046	218	-	30	8
4716	3 Este	N17	BB 34	C. comum	1Ba.1	Bordo/asa	I	046	232	-	88	8
4946	3 Este	M17	BB 34	C. comum	1Bc	Bordo	I	046	238	-	29	5
5472	3 Este	M 18	BB 34	C. comum	1Bc	Bordo	I	046	194	-	33	6
6086	3 Este	L17	BB 34	C. comum	1Bc.1	Bordo/asa	I	046	216	-	35	5
6898	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	1Bc	Bordo	I	046	234	-	38	5
6961	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 29	C. comum	1Bc	Bordo	I	046	216	-	21	5
2700	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	1Bc	Bordo	II	047	318	-	38	5
2329	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	2Ba	Bordo	IV	047	172	-	45	6
4699	3 NE	O18	BB 34	C. comum	2Bb	Bordo	I	047	220	-	43	8
4723	3 Este	N17	BB 34	C. comum	1Bd	Bordo	I	047	216	-	36	8
4934	3 Este	M17	BB 34	C. comum	2Bb	Bordo	I	047	178	-	42	7
5355	3 Este	M 18	BB 34	C. comum	1Bc.1	Bordo/asa	I	047	230	-	41	7
5992	3 Este	O17	BB 34	C. comum	1Bd	Bordo	I	047	274	-	42	7
5996	3 Este	O17	BB 34	C. comum	1Bd	Bordo	I	047	266	-	37	8
6283	3 Este	M17	BB 34	C. comum	1Bc.1	Bordo/asa	I	047	234	-	37	7
6865	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	2Aa	Bordo	I	047	120	-	31	3
2729	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	2Bc	Bordo	III	048	214	-	37	10
2540	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	2Bb	Bordo	I	048	196	-	46	6
4717	3 Este	N17	BB 34	C. comum	3Ab	Bordo	I	048	234	-	27	6
4932	3 Este	M17	BB 34	C. comum	2Bd	Bordo	I	048	160	-	25	3
4937	3 Este	M17	BB 34	C. comum	2Bb	Bordo	I	048	198	-	24	5
5037	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. comum	2Bb	Bordo	I	048	240	-	50	6

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
5052	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. comum	3Aa	Bordo	I	048	204	-	23	4
5815	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	3Ac	Bordo	I	048	244	-	18	7
6226	3 Este	M17	BB 34	C. comum	2Bb	Bordo	I	048	220	-	47	6
6230	3 Este	M17	BB 34	C. comum	2Bb	Bordo	I	048	180	-	27	4
6985	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 29	C. comum	3Ab	Bordo	I	048	236	-	29	6
1243	3 NE	O18/O19/O20	BB 21	C. comum	3Ba	Bordo	I	049	196	-	18	5
0622	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. comum	5Ac	Bordo	I	049	308	-	37	6
2513	3 SE	3 SE	BB 12 C	C. comum	5Ac	Bordo	I	049	278	-	43	8
4690	3 NE	O18	BB 34	C. comum	5Aa	Bordo	I	049	276	-	26	7
6084	3 Este	L17	BB 34	C. comum	3Ad	Bordo	I	049	236	-	16	5
6451	3 SE	K15/K16	BB 34	C. comum	5Ac	Bordo	I	049	316	-	57	7
6847	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	3Ca	Bordo	I	049	142	-	18	5
6967	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 29	C. comum	3Ca	Bordo	I	049	150	-	23	4
2738	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	5Ba	Bordo	I	050	296	-	25	6
4392	3 Este	QO/N18	BB 34	C. comum	5Ad	Bordo	I	050	360	-	40	6
4658	3 NE	O18	BB 34	C. comum	5Ca	Bordo	I	050	332	-	25	8
5020	3 SE	3 SE	BB 18	C. comum	5Ac	Bordo	I	050	381	-	61	6
5689	3 Este	N18	BB 34	C. comum	5Ca	Bordo	I	050	278	-	26	5
5991	3 Este	O17	BB 34	C. comum	5Ad	Bordo	I	050	314	-	31	7
6284	3 Este	M17	BB 34	C. comum	5Ad	Bordo	I	050	280	-	58	6
2746	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	5Ca	Bordo	I	051	444	-	20	7
2599	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. comum	5Ca	Bordo	I	051	470	-	32	5
4353	3 Este	QO/N18	BB 34	C. comum	5Ca	Bordo	I	051	258	-	55	6
4689	3 NE	O18	BB 34	C. comum	5Ca	Bordo	I	051	276	-	55	5
5468	3 Este	M 18	BB 34	C. comum	5Ca	Bordo	I	051	400	-	24	8
5482	3 Este	M 18	BB 34	C. comum	5Ca	Bordo	I	051	440	-	21	7
6425	3 SE	K15/K16	BB 34	C. comum	5Ca	Bordo	I	051	350	-	35	7
1860	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	7Aa	Bordo	II	052	184	-	24	5
2699	3 SE	3 SE	BB 18	C. comum	5Ca	Bordo	I	052	525	-	57	9
4653	3 NE	O18	BB 34	C. comum	8Aa	Bordo	I	052	190	-	68	12
4654	3 NE	O18	BB 34	C. comum	8Aa	Bordo	I	052	174	-	58	10
4714	3 Este	N17	BB 34	C. comum	8Aa	Bordo	I	052	172	-	47	10
5035	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. comum	8Aa	Bordo	I	052	188	-	62	8
5053	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. comum	8Aa	Bordo	I	052	154	-	49	9
5292	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 29	C. comum	7Aa	Bordo	I	052	178	-	26	5
5871	3 SE	3 SE	BB 12 E	C. comum	5Ca	Bordo	I	052	298	-	35	8
6590	3 Este	L17	BB 34	C. comum	8Aa	Bordo	I	052	184	-	55	8
1831	3 NE	O18/O19/O20	BB 21	C. comum	8Aa	Bordo	I	053	190	-	31	8
1393	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	10Aa	Bordo	III	053	192	-	43	7
612	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. comum	9Ba	Bordo	I	053	88	-	28	4

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
1273	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	8Aa	Bordo	I	053	182	-	38	8
4620	3 Este	L17	BB 34	C. comum	8Aa	Bordo	I	053	166	-	31	11
5215	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	9Aa	Bordo	I	053	117	-	36	6
5415	3 Este	M 18	BB 34	C. comum	8Aa	Bojo	I	053	-	-	50	8
6007	3 Este	O17	BB 34	C. comum	10Aa	Bordo	I	053	200	-	43	9
6072	3 Este	L17	BB 34	C. comum	9Ac	Bordo	I	053	78	-	38	4
6428	3 SE	K15/K16	BB 34	C. comum	9Aa	Bordo	I	053	100	-	24	4
6915	3 Este	N18	BB 34	C. comum	8Aa	Bordo	I	053	186	-	34	10
1212	3 NE	O18/O19/O20	BB 21	C. comum	10Aa	Bordo	I	054	154	-	61	6
1405	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	10Aa	Bordo	III	054	150	-	32	4
4379	3 Este	QO/N18	BB 34	C. comum	10Aa	Bordo	I	054	192	-	44	7
1391	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	10Aa	Bordo	III	054	146	-	34	8
640	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	10Aa	Bordo	III	054	136	-	29	7
614	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. comum	10Aa	Bordo	III	054	124	-	29	5
4357	3 Este	QO/N18	BB 34	C. comum	10Aa	Bordo	I	054	194	-	76	7
5021	3 SE	3 SE	BB 18	C. comum	10Aa	Bordo	I	054	190	-	42	7
5483	3 Este	M 18	BB 34	C. comum	10Aa	Bordo	I	054	146	-	26	5
6063	3 Este	L17	BB 34	C. comum	10Aa	Bordo	I	054	168	-	40	7
6255	3 Este	M17	BB 34	C. comum	10Aa	Bordo	I	054	180	-	53	6
2743	3 SE	3 SE	BB 18	C. comum	10Aa.1	Bordo	III	055	160	-	73	6
1399	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	10Aa.1	Bordo	III	055	124	-	44	7
1392	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	10Aa.1	Bordo	III	055	144	-	42	6
1395	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	10Aa.1	Bordo	III	055	154	-	43	7
1336	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	10Aa.1	Bordo	III	055	156	-	41	8
1394	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	10Aa.1	Bordo	III	055	134	-	42	5
4722	3 Este	N17	BB 34	C. comum	10Aa.1	Bordo	I	055	160	-	37	3
5855	3 SE	3 SE	BB 12 E	C. comum	10Aa.1	Bordo	I	055	152	-	54	6
5856	3 SE	3 SE	BB 12 E	C. comum	10Aa.1	Bordo	I	055	148	-	45	6
5987	3 Este	O17	BB 34	C. comum	10Aa.1	Bordo	I	055	186	-	53	7
1594	3 SE	3 SE	BB 34	C. comum	10Aa.1	Bordo	III	055	210	-	60	6
1203	3 NE	O18/O19/O20	BB 21	C. comum	10Aa.2	Bordo/asa	III	056	134	-	78	5
2725	3 SE	3 SE	BB 18	C. comum	10Aa.3	Bordo/asa	I	056	144	-	60	7
2744	3 SE	3 SE	BB 18	C. comum	10Aa.1	Bordo	III	056	158	-	72	6
4390	3 Este	QO/N18	BB 34	C. comum	10Aa.2	Bordo/asa	I	056	184	-	67	7
2328	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	10Aa.3	Bordo/asa	I	056	162	-	31	8
4663	3 NE	O18	BB 34	C. comum	10Ba	Bordo	I	056	200	-	44	7
5649	3 Este	N18	BB 34	C. comum	10Aa.3	Bordo e asa	I	056	164	-	45	7
5967	3 Este	O17	BB 34	C. comum	10Ba	Bordo	I	056	182	-	53	7
5999	3 Este	O17	BB 34	C. comum	10Ba	Bordo	I	056	180	-	53	7
6850	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	10Ba	Bordo	I	056	200	-	45	6

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
1217	3 NE	O18/O19/O20	BB 21	C. comum	10Ba	Bordo	II	057	188	-	39	8
1404	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	10Ba	Bordo	I	057	208	-	26	7
1407	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	10Ba	Bordo	I	057	208	-	42	6
4352	3 Este	QO/N18	BB 34	C. comum	10Ba	Bordo	I	057	168	-	68	5
4380	3 Este	QO/N18	BB 34	C. comum	10Ba	Bordo	I	057	180	-	44	8
4358	3 Este	QO/N18	BB 34	C. comum	10Ba	Bordo	I	057	182	-	59	6
4616	3 Este	L17	BB 34	C. comum	10Ba	Bordo	I	057	160	-	43	7
4687	3 NE	O18	BB 34	C. comum	10Ba	Bordo	I	057	200	-	63	5
4749	3 Este	N17	BB 34	C. comum	10Ba	Bordo	I	057	182	-	45	7
5872	3 SE	3 SE	BB 12 E	C. comum	10Ba	Bordo	I	057	168	-	42	7
6006	3 Este	O17	BB 34	C. comum	10Ba	Bordo	I	057	198	-	42	9
6963	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 29	C. comum	10Ba	Bordo	I	057	172	-	42	6
4329	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	10Ba	Bordo	I	058	174	-	42	6
1268	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	10Ba	Bordo	I	058	178	-	59	5
1269	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	10Ba	Bordo	I	058	234	-	38	8
1339	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	10Ba	Bordo	I	058	200	-	24	6
4384	3 Este	QO/N18	BB 34	C. comum	10Ba	Bordo	II	058	208	-	55	6
4987	3 SE	3 SE	BB 18	C. comum	10Ba	Bordo	I	058	230	-	63	6
6062	3 Este	L17	BB 34	C. comum	10Ba	Bordo	I	058	198	-	41	6
6356	3 Este	M19	BB 34	C. comum	10Ba	Bordo	I	058	180	-	90	9
6550	3 Este	L18	BB 34	C. comum	10Ba	Bordo	I	058	220	-	39	9
6577	3 Este	L17	BB 34	C. comum	10Ba	Bordo	I	058	204	-	54	8
4396	3 Este	QO/N18	BB 34	C. comum	10Ba	Bordo	I	059	218	-	52	6
5006	3 SE	3 SE	BB 18	C. comum	10Ba	Bordo	I	059	204	-	20	6
5347	3 Este	M 18	BB 34	C. comum	10Ba	Bordo	I	059	188	-	31	7
5701	3 Este	O17	BB 34	C. comum	10Ba	Bordo	I	059	220	-	40	7
5969	3 Este	O17	BB 34	C. comum	10Ba.1	Bordo/asa	I	059	260	-	76	8
6082	3 Este	L17	BB 34	C. comum	10Ba	Bordo	I	059	210	-	46	4
6853	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	10Ba	Bordo	I	059	250	-	40	7
1414	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	10Cb	Bordo	I	060	140	-	37	6
4347	3 Este	QO/N18	BB 34	C. comum	10Bb	Bordo	I	060	180	-	65	8
4354	3 Este	QO/N18	BB 34	C. comum	10Cb	Bordo	I	060	158	-	36	6
S. N. B	3 Este	QO/N18	BB 34	C. comum	10Bb	Bordo	I	060	202	-	64	7
4834	3 SE	3 SE	BB 18	C. comum	10Bb	Bordo	I	060	190	-	46	7
5348	3 Este	M 18	BB 34	C. comum	10Ca	Bordo	I	060	180	-	28	6
6008	3 Este	O17	BB 34	C. comum	10Bb	Bordo	I	060	190	-	37	10
6287	3 Este	M17	BB 34	C. comum	10Bb	Bordo	I	060	252	-	37	7
6579	3 Este	L17	BB 34	C. comum	10Bb	Bordo	I	060	200	-	38	6
6846	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	10Cb	Bordo	I	060	170	-	36	5
6955	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 29	C. comum	10Bb	Bordo	I	060	200	-	41	9

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
4378	3 Este	QO/N18	BB 34	C. comum	10Da	Bordo	I	061	220	-	51	5
4360	3 Este	QO/N18	BB 34	C. comum	10Ha	Bordo	I	061	200	-	46	7
4601	3 Este	L17	BB 34	C. comum	10Ga	Bordo	I	061	180	-	21	5
4619	3 Este	L17	BB 34	C. comum	10Da	Bordo	I	061	200	-	33	7
4675	3 NE	O18	BB 34	C. comum	10Ea	Bordo	I	061	183	-	69	6
4719	3 Este	N17	BB 34	C. comum	10Ea	Bordo	I	061	162	-	45	6
5363	3 Este	M 18	BB 34	C. comum	10Gc	Bordo	I	061	188	-	22	6
5694	3 Este	N18	BB 34	C. comum	10Da	Bordo	I	061	170	-	42	9
6002	3 Este	O17	BB 34	C. comum	10Da	Bordo	I	061	182	-	45	6
6811	3 Este	M18	BB 34	C. comum	10Da	Bordo	I	061	200	-	43	10
2515	3 SE	3 SE	BB 12 F	C. comum	10Hb	Bordo e asa	II	062	230	-	50	6
1836	3 NE	O18/O19/O20	BB 21	C. comum	12Aa	Bordo	II	062	292	-	62	7
4845	3 SE	3 SE	BB 18	C. comum	11Aa	Bordo	I	062	100	-	31	6
5014	3 SE	3 SE	BB 18	C. comum	11Aa	Bordo	I	062	104	-	30	6
5407	3 Este	M 18	BB 34	C. comum	11Aa	Bordo	I	062	105	-	36	5
6202	3 Este	M17	BB 34	C. comum	11Aa.1	Bordo/asa	I	062	70	-	37	6
6581	3 Este	L17	BB 34	C. comum	11Ba	Bordo	I	062	90	-	29	7
6593	3 Este	L17	BB 34	C. comum	11Aa	Bordo	I	062	96	-	25	5
6893	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	11Ab	Bordo	I	062	86	-	32	5
1204	3 NE	O18/O19/O20	BB 21	C. comum	Ind.	Fundo	III	063	-	74	19	6
1322	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	Ind.	Fundo	IV	063	-	76	28	6
1230	3 NE	O18/O19/O20	BB 21	C. comum	Ind.	Fundo	II	063	-	66	21	
4606	3 Este	L17	BB 34	C. comum	Ind.	Fundo	I	063	-	68	15	4
4650	3 NE	O18	BB 34	C. comum	Ind.	Asa	I	063	-	-	37	20
4806	3 SE	3 SE	BB 18	C. comum	Ind.	Asa	I	063	-	-	72	7
4826	3 SE	3 SE	BB 18	C. comum	Ind.	Fundo	I	063	-	84	46	8
5019	3 SE	3 SE	BB 18	C. comum	Ind.	Fundo	I	063	-	46	17	4
5473	3 Este	M 18	BB 34	C. comum	Ind.	Fundo	I	063	-	90	21	6
6203	3 Este	M17	BB 34	C. comum	Ind.	Fundo	I	063	-	54	38	9
1401	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	Ind.	Fundo	III	064	-	94	16	4
1400	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	Ind.	Fundo	I	064	-	52	17	7
2543	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	Ind.	Fundo	I	064	-	60	19	8
1315	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	Ind.	Fundo	II	064	-	80	31	7
613	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. comum	Ind.	Fundo	IV	064	-	92	28	5
1263	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 7 F	C. comum	Ind.	Fundo	I	064	-	88	30	10
4608	3 Este	L17	BB 34	C. comum	Ind.	Fundo	I	064	-	78	26	6
6076	3 Este	L17	BB 34	C. comum	Ind.	Fundo	I	064	-	60	27	7
6386	3 NE	O18/O19/O20	BB 21	C. comum	Ind.	Fundo	I	064	-	90	26	4
6459	3 SE	K15/K16	BB 34	C. comum	Ind.	Fundo	I	064	-	62	43	6
6923	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 29	C. comum	Ind.	Fundo	I	064	-	68	38	7

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
6928	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	BB 29	C. comum	Ind.	Fundo	I	064	-	82	20	5
1852	3 NE	O18/O19/O20	BB 21	C. comum	Ind.	Fundo	I	065	-	52	15	5
2740	3 SE	Comp. 8	BB 18	C. comum	Ind.	Fundo	II	065	-	70	34	11
2607	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. comum	Ind.	Fundo	I	065	-	60	33	8
4607	3 Este	L17	BB 34	C. comum	Ind.	Fundo	I	065	-	50	20	6
5051	3 SE	Comp. 3	BB 11	C. comum	Ind.	Fundo	I	065	-	35	50	6
6445	3 SE	K15/K16	BB 34	C. comum	Ind.	Fundo	I	065	-	66	37	6
6543	3 Este	L18	BB 34	C. comum	Ind.	Fundo	I	065	-	180	51	20
6819	3 Este	M18	BB 34	C. comum	Ind.	Fundo	I	065	-	58	24	7
4621	3 Este	L17	BB 34	Cerâmica	Hippos		I	066	-	-	43	9
5416	3 Este	M 18	BB 34	Cerâmica	Hippos		I	066	-	-	55	17
6367	3 Este	M19	BB 34	Cerâmica	Pendente		I	066	-	-	55	-
6421	3 Este	M 18	BB 34	Cerâmica	Hippos		I	066	-	-	32	7
6280	3 Este	M17	BB 34	Manual	Ind.	Bojo	I	066	-	-	51	9
6905	3 SE	Comp. 8	BB 18	Manual	Pote/pane	Bordo	I	066	130	-	100	6
1434	3 NE	O18/O19/O20	22	Ânfora	1Ba	Bordo	I	067	140	-	51	8
1211	3 NE	O18/O19/O20	22	C. comum	10Ba	Bordo	III	067	206	-	47	8
1213	3 NE	O18/O19/O20	22	C. comum	10Ba	Bordo/asa	I	067	208	-	90	7
1242	3 NE	O18/O19/O20	22	C. comum	3Ca	Bordo	I	067	138	-	9	4
1435	3 NE	O18/O19/O20	22	C. comum	10Ba	Bordo	I	067	188	-	37	6
0536	3 NE	O18/O19/O20	22	C. comum	8Aa	P. comp.	I	067	210	204	86	10
1229	3 NE	O18/O19/O20	24	Ânfora	1Dc	Bordo	I	068	168	-	61	6
5544	3 NE	O20	24	Ânfora	1Bb	Bordo	I	068	168	-	36	8
5539	3 NE	O20	24	C. cinzenta	4Ca	Bordo	II	068	272	-	26	5
5548	3 NE	O20	24	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	068	-	54	51	5
1436	3 NE	O18/O19/O20	24	C. comum	1Bb	Bordo	II	068	216	-	27	8
5542	3 NE	O20	24	C. comum	1Ac	Bordo	I	068	194	-	63	9
5546	3 NE	O20	24	C. comum	1Bd	Bordo	I	068	244	-	49	9
1437	3 NE	O18/O19/O20	24	C. comum	10Ba	Bordo	I	069	200	-	37	6
5545	3 NE	O20	24	C. comum	10Bb	Bordo	I	069	258	-	61	7
5547	3 NE	O20	24	C. comum	Ind.	Fundo	II	069	-	70	35	8
5552	3 NE	O20	24	C. comum	Ind.	Fundo	I	069	-	68	26	7
5551	3 NE	O20	24	Manual	Tigela	Bordo	I	069	256	-	45	8
1248	3 NE	O18/O19/O20	CC 23	Ânfora	1Dc	Bordo	I	070	138	-	43	4
1218	3 NE	O18/O19/O20	CC 23	Ânfora	1Db	Bordo	I	070	178	-	63	8
1222	3 NE	O18/O19/O20	CC 23	Ânfora	1Cc	Bordo	I	070	140	-	56	8
5606	3 Este	M19	CC 47	Ânfora	1Da	Bordo	I	070	150	-	76	6
5607	3 Este	M19	CC 47	Ânfora	1Ba	Bordo	I	070	130	-	40	9
4527	3 Este	M19	CC 48	C. cinzenta	1Ab	Bordo	III	070	156	-	22	4
4530	3 Este	M19	CC 48	C. cinzenta	Ind.	Fundo	III	070	-	58	33	6

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
5612	3 Este	M19	CC 47	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	070	-	56	21	6
1236	3 NE	O18/O19/O20	CC 23	C. eng. verm.	4Aa	Fundo	I	070	-	-	28	7
1847	3 NE	O18/O19/O20	CC 23	C. comum	1Ba	Bordo	I	071	144	-	25	3
1206	3 NE	O18/O19/O20	CC 23	C. comum	10Aa	Bordo	III	071	182	-	39	5
1246	3 NE	O18/O19/O20	CC 23	C. comum	1Aa	Bordo	I	071	192	-	33	4
1231a	3 NE	O18/O19/O20	CC 23	C. comum	1Aa	Bordo	I	071	214	-	57	6
1231b	3 NE	O18/O19/O20	CC 23	C. comum	1Aa	Bordo	I	071	190	-	59	6
4531	3 Este	M19	CC 48	C. comum	10Aa	Bordo	I	071	160	-	25	6
5610	3 Este	M19	CC 47	C. comum	10Aa.1	Bordo	I	071	160	-	92	7
1201	3 NE	O18/O19/O20	CC 23	C. comum	6Aa	P. comp.	I	071	288	110	82	11
1835	3 NE	O18/O19/O20	CC 23	C. comum	10Cb	Bordo	I	072	196	-	33	5
1845	3 NE	O18/O19/O20	CC 23	C. comum	10Ca	Bordo	I	072	190	-	35	6
1848	3 NE	O18/O19/O20	CC 23	C. comum	10Gc	Bordo	I	072	220	-	29	4
1244	3 NE	O18/O19/O20	CC 23	C. comum	10Cb	Bordo	I	072	144	-	23	3
1209	3 NE	O18/O19/O20	CC 23	C. comum	Ind.	Fundo	I	072	-	60	31	11
1216	3 NE	O18/O19/O20	CC 23	C. comum	10Ca	Bordo	I	072	182	-	53	7
1208	3 NE	O18/O19/O20	CC 23	C. comum	Ind.	Fundo	III	072	-	50	70	7
4532	3 Este	M19	CC 48	C. comum	Ind.	Fundo	I	072	-	74	19	5
5609	3 Este	M19	CC 47	C. comum	Ind.	Fundo	I	072	-	80	29	6
1221	3 NE	O18/O19/O20	25	Ânfora	Ind.	Asa	I	073	-	-	174	9
1210	3 NE	O18/O19/O20	25	C. comum	10Cb	Bordo	I	073	150	-	194	6
5241	3 Este	N18	40	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	074	118	-	34	3
4425	3 Este	L 19	43	Ânfora	1Db	Bordo	I	075	170	-	41	6
4429	3 Este	L 19	43	Ânfora	1Db	Bordo	I	075	146	-	33	8
4415	3 Este	L 19	43	Ânfora	1Da	Bordo	I	075	158	-	47	6
4443	3 Este	L 19	43	Ânfora	1Aa	Bordo	I	075	142	-	35	7
4440	3 Este	L 19	43	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	075	158	-	18	4
4428	3 Este	L 19	43	C. comum	10Aa	Bordo	III	075	216	-	53	8
4422	3 Este	L 19	43	C. comum	10Aa	Bordo	I	075	146	-	31	6
4419	3 Este	L 19	43	C. comum	10Aa.1	Bordo	III	075	170	-	38	5
4411	3 Este	L 19	43	C. comum	4Ba	Bordo	I	075	72	-	35	8
4438	3 Este	L 19	43	C. comum	1Aa	Bordo	I	075	216	-	23	5
4448	3 Este	L 19	43	C. comum	10Aa	Bordo	I	075	180	-	36	6
4421	3 Este	L 19	43	C. comum	10Ba	Bordo	I	076	178	-	26	6
2909	3 Este	L 19	43	C. comum	Ind.	Fundo	I	076	-	80	42	9
4412	3 Este	L 19	43	C. comum	10Ba	Bordo	I	076	176	-	36	7
4444	3 Este	L 19	43	C. comum	Ind.	Fundo	I	076	-	66	17	9
4445	3 Este	L 19	43	C. comum	10Ba	Bordo	I	076	180	-	25	7
4442	3 Este	L 19	43	C. comum	10Ba	Bordo	I	076	200	-	37	7
4423	3 Este	L 19	46	Ânfora	1Db	Bordo	I	077	124	-	34	6

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
4424	3 Este	L 19	46	Ânfora	1Ca	Bordo	I	077	140	-	29	5
4420	3 Este	L 19	46	C. cinzenta	Ind.	Fundo	III	077	-	96	36	9
4441	3 Este	L 19	46	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	077	-	70	13	5
4416	3 Este	L 19	46	C. comum	10Aa	Bordo	III	077	216	-	29	9
1665	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ab	Bordo	I	078	134	-	40	7
1664	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ab	Bordo	I	078	140	-	48	5
1723	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ab	Bordo	II	078	136	-	27	7
1545	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ab	Bordo	I	078	120	-	68	10
1542	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ab	Bordo	I	078	140	-	55	8
1540	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ab	Bordo	III	078	130	-	34	7
1543	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ab	Bordo	III	078	140	-	50	5
1531	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ab	Bordo	I	078	130	-	53	6
1502	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ab	Bordo	I	078	130	-	54	7
1520	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ab	Bordo	I	078	142	-	60	6
S.N. D	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ab	Bordo	I	078	130	-	71	7
1508	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ab	Bordo	I	078	140	-	56	8
5831	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ab	Bordo	I	078	128	-	55	6
1597	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ac	Bordo	III	079	132	-	30	7
1544	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ac	Bordo	I	079	140	-	65	7
1546	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ac	Bordo	I	079	120	-	66	8
1532	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ab	Bordo	I	079	142	-	50	6
1509	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ab	Bordo	I	079	120	-	51	6
1514	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ac	Bordo	I	079	138	-	77	8
1526	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ac	Bordo	I	079	132	-	41	7
1523	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ab	Bordo	I	079	120	-	44	6
1536	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ac	Bordo	I	079	136	-	61	7
1515	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ac	Bordo	I	079	136	-	40	7
1533	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ab	Bordo	I	079	136	-	40	8
4343	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ac	Bordo	I	079	124	-	47	5
1567	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Bb	Bordo	I	080	130	-	66	8
1556	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ba	Bordo	I	080	140	-	60	6
1667	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ba	Bordo	I	080	174	-	48	6
1554	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Bb	Bordo	I	080	178	-	39	6
1558	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ba	Bordo	I	080	140	-	40	6
1569	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ba	Bordo	I	080	150	-	60	8
1501	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ac	Bordo	I	080	128	-	48	6
1504	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ca	Bordo	I	080	150	-	50	6
1535	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ac	Bordo	I	080	140	-	52	6
1539	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ca	Bordo	II	080	152	-	48	6
1524	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ba	Bordo	I	080	150	-	57	6

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
1537	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ac	Bordo	I	080	148	-	55	5
1577	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Da	Bordo	I	081	160	-	35	5
1563	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Cb	Bordo	I	081	160	-	45	5
1574	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Cb	Bordo	I	081	140	-	33	7
1559	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ca	Bordo	I	081	142	-	57	5
1551	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Da	Bordo	I	081	126	-	29	6
1562	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Da	Bordo	III	081	138	-	45	5
1548	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Cc	Bordo	I	081	150	-	49	7
1572	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Da	Bordo	I	081	158	-	50	6
1573	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Da	Bordo	I	081	158	-	49	6
1566	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Da	Bordo	I	081	150	-	41	6
1555	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Da	Bordo	I	081	148	-	30	5
1522	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Da	Bordo	I	081	164	-	43	4
1507	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Da	Bordo	I	081	160	-	57	6
1506	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Ca	Bordo	I	081	162	-	42	5
1565	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Db	Bordo	I	082	150	-	35	7
1576	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Dc	Bordo	I	082	140	-	52	7
1571	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Dc	Bordo	II	082	160	-	62	6
1553	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Db	Bordo	I	082	140	-	48	6
1570	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Db	Bordo	I	082	140	-	45	7
1525	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Db	Bordo	I	082	160	-	64	6
1518	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Db	Bordo	I	082	150	-	49	6
1519	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Db	Bordo	I	082	158	-	68	8
1505	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Db	Bordo	I	082	174	-	36	6
1538	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Db	Bordo	I	082	160	-	32	5
1511	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Db	Bordo	I	082	168	-	46	8
1510	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	1Dc	Bordo	I	082	162	-	43	5
1580	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	Ind.	Fundo	I	083	-	38	48	7
5057	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	Ind.	Asa	I	083	-	-	112	9
5145	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	Ind.	Asa	I	083	-	-	109	6
5146	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	Ind.	Asa	I	083	-	-	111	7
5147	3 SE	3 SE	12 G	Ânfora	Ind.	Asa	I	083	-	-	83	8
1583	3 SE	3 SE	12 G	C. cinzenta	3Aa	Bordo	II	084	116	-	21	4
1586	3 SE	3 SE	12 G	C. cinzenta	4Ca	Bordo	II	084	214	-	24	5
1585	3 SE	3 SE	12 G	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	084	204	-	31	6
1584	3 SE	3 SE	12 G	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	084	-	50	18	4
5838	3 SE	3 SE	12 G	C. cinzenta	3Aa	Bordo	II	084	116	-	32	3
1626	3 SE	3 SE	12 G	C. eng. verm.	4Aa	Fundo	I	084	-	-	40	8
5851	3 SE	3 SE	12 G	C. eng. verm.	3Aa	Bordo	I	084	270	-	30	7
1670	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	5Ca	Bordo	IV	085	340	-	60	5

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
1672	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	5Ca	Bordo	I	085	426	-	35	7
1669	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	5Ca	Bordo	IV	085	426	-	44	5
1624	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	1Aa	Bordo	I	085	216	-	46	7
1623	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	1Aa	Bordo	I	085	214	-	31	5
1609	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	1Aa	Bordo	I	085	194	-	38	6
1621	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	8Aa	Bordo	I	085	152	-	37	8
1620	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	8Aa	Bordo	I	085	174	-	43	7
1613	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	3Aa	Bordo	I	085	249	-	27	6
1683	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	I	086	180	-	48	8
1675	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	I	086	198	-	40	8
1652	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	I	086	184	-	40	7
1678	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Aa	Bordo	I	086	200	-	45	8
1564	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Aa	Bordo	II	086	176	-	30	6
1697	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	I	086	188	-	37	5
1698	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	I	086	180	-	56	6
1517	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Aa	Bordo	I	086	176	-	52	6
1598	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Aa.1	Bordo	III	086	188	-	45	5
1594	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Aa.1	Bordo	III	086	210	-	60	6
1599	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Aa.1	Bordo	III	086	158	-	50	5
1605	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Aa.1	Bordo	III	086	130	-	47	7
1676	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	I	087	196	-	53	5
1674	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	I	087	184	-	42	8
1680	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	I	087	188	-	43	6
1711	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	I	087	176	-	35	8
1700	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	I	087	168	-	35	6
1706	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	I	087	220	-	32	5
1688	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	I	087	198	-	28	6
1645	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	I	087	180	-	66	5
1638	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	I	087	200	-	45	6
1642	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	I	087	202	-	53	6
1633	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	I	087	168	-	70	8
5842	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	I	087	190	-	51	6
1656	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	IV	088	170	-	48	6
2747	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	I	088	166	-	49	6
1677	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Bb	Bordo	I	088	240	-	28	8
1682	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	I	088	144	-	37	5
1661	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	I	088	226	-	37	7
1679	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	I	088	210	-	52	8
1712	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Bb	Bordo	I	088	148	-	29	8
1709	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	I	088	196	-	29	6

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
1693	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	I	088	216	-	26	8
1603	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Ba	Bordo	III	088	234	-	26	9
1632	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Bb	Bordo	I	088	206	-	45	10
1695	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	11Ba	Bordo	I	089	118	-	31	7
1691	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	Ind.	Fundo	I	089	-	60	21	7
1629	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	11Aa	Bordo	I	089	70	-	41	5
5836	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	Ind.	Fundo	I	089	-	70	27	6
5853	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	Ind.	Bojo	I	089	-	-	28	7
1612	3 SE	3 SE	12 G	Cerâmica	Cossoiro	P. comp.	I	089	-	-	19	-
1660	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Bb	Bordo	IV	090	200	-	80	10
1659	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Bb	Bordo	I	090	230	-	68	6
1673	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Cb	Bordo	II	090	244	-	58	8
1708	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Da	Bordo	I	090	184	-	28	6
1636	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Da	Bordo	I	090	210	-	52	7
1641	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Da	Bordo	I	090	180	-	41	7
1640	3 SE	3 SE	12 G	C. comum	10Da	Bordo	I	090	198	-	63	7
2660	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ab	Bordo	I	091	126	-	33	7
2256	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ab	Bordo	I	091	120	-	57	6
2697	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ab	Bordo	I	091	140	-	50	7
2253	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ab	Bordo	I	091	128	-	50	9
2688	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ab	Bordo	I	091	148	-	39	9
4901	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ac	Bordo	I	091	144	-	49	6
4966	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ab	Bordo	I	091	158	-	50	10
5596	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ab	Bordo	I	091	126	-	53	7
5598	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ac	Bordo	I	091	134	-	47	7
5602	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ac	Bordo	I	091	142	-	54	5
5603	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ac	Bordo	I	091	142	-	53	6
6994	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ab	Bordo	I	091	140	-	68	8
2684	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ba	Bordo	I	092	148	-	32	6
2672	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ac	Bordo	I	092	140	-	42	8
2655	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ba	Bordo	I	092	150	-	65	6
2677	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ba	Bordo	I	092	136	-	51	9
2681	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ba	Bordo	I	092	160	-	35	5
2661	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ba	Bordo	I	092	148	-	64	6
2208	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ba	Bordo	I	092	140	-	33	5
2206	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ba	Bordo	I	092	148	-	48	7
5580	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ac	Bordo	I	092	120	-	53	7
5597	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ac	Bordo	I	092	120	-	53	6
7086	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ba	Bordo	I	092	130	-	46	8
7098	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ac	Bordo	I	092	142	-	31	7

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
2698	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Bb	Bordo	I	093	148	-	32	6
2673	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ba	Bordo	I	093	180	-	60	6
2663	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Bb	Bordo	I	093	118	-	36	5
2670	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Bb	Bordo	I	093	124	-	52	7
2693	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Bb	Bordo	I	093	160	-	33	8
2658	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Bb	Bordo	I	093	160	-	48	8
2692	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Bb	Bordo	I	093	124	-	40	8
2657	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Bb	Bordo	II	093	138	-	33	8
1423	3 SE	Comp. 8	DD 20	Ânfora	1Ba	Bordo	I	093	134	-	40	6
2205	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Bb	Bordo	I	093	140	-	58	5
2207	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Bb	Bordo	I	093	140	-	53	7
1219	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Bb	Bordo	I	093	136	-	44	8
2685	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ca	Bordo	I	094	150	-	31	7
2686	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ca	Bordo	I	094	170	-	42	6
2678	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Cb	Bordo	I	094	140	-	43	5
2676	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Da	Bordo	I	094	140	-	37	8
2687	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ca	Bordo	I	094	148	-	35	6
1727	3 SE	3SE cont	DD 12 H	Ânfora	1Bb	Bordo	I	094	138	-	53	8
1729	3 SE	3SE cont	DD 12 H	Ânfora	1Bb	Bordo	I	094	166	-	58	6
1732	3 SE	3SE cont	DD 12 H	Ânfora	1Ca	Bordo	I	094	158	-	31	7
1253	3 SE	Comp. 8	DD 20	Ânfora	1Da	Bordo	I	094	160	-	40	7
1256	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	Ânfora	1Ca	Bordo	I	094	140	-	35	8
7263	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Ca	Bordo	I	094	164	-	41	5
7264	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	Ânfora	1Cc	Bordo	I	094	150	-	64	8
2714	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Da	Bordo	I	095	136	-	35	5
2682	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Db	Bordo	I	095	138	-	37	7
2656	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Da	Bordo	I	095	166	-	42	6
2680	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Db	Bordo	I	095	134	-	47	7
2668	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Db	Bordo	I	095	158	-	29	6
2662	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Db	Bordo	I	095	148	-	49	6
2679	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Da	Bordo	I	095	148	-	45	8
2716	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Db	Bordo	I	095	156	-	42	6
5564	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Db	Bordo	I	095	152	-	51	5
5579	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Db	Bordo	I	095	166	-	35	7
5585	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Da	Bordo	I	095	128	-	37	5
7195	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Da	Bordo	I	095	160	-	40	7
2674	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Db	Bordo	I	096	158	-	28	8
2713	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Dc	Bordo	I	096	146	-	60	8
2715	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Dc	Bordo	I	096	168	-	56	8
2659	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Db	Bordo	I	096	118	-	39	8

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
2703	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Db	Bordo	I	096	158	-	29	7
2717	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	Ânfora	1Db	Bordo	I	096	164	-	32	7
1261	3 SE	Comp. 8	DD 20	Ânfora	1Db	Bordo	I	096	162	-	34	7
1257	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	Ânfora	1Db	Bordo	I	096	168	-	31	6
2666	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Db	Bordo	I	096	118	-	30	6
2671	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Dc	Bordo	I	097	146	-	60	6
2683	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Dc	Bordo	I	097	158	-	56	6
2690	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Dc	Bordo	I	097	136	-	42	7
2695	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Dc	Bordo	I	097	140	-	66	6
2665	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Dc	Bordo	I	097	140	-	31	7
4967	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	Ind.	Fundo	I	097	-	-	27	8
5426	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	Ind.	Bojo	I	097	-	-	113	7
5563	3 SE	3 SE	DD 20	Ânfora	1Dc	Bordo	I	097	168	-	50	6
1932	3 SE	Comp. 8	DD 20	C. eng. verm.	3Ab	Bordo	I	098	210	-	12	5
2541	3 SE	3 SE	DD 20	C. eng. verm.	3Ba	Bordo	I	098	242	-	27	6
1939	3 SE	Comp. 8	DD 20	C. eng. verm.	1Aa	Bordo	I	098	164	-	38	4
4315	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. eng. verm.	1Aa	Bordo	I	098	136	-	43	6
4303	3 SE	3 SE	DD 20	C. eng. verm.	1Ba	Bordo	I	098	192	-	28	5
4307	3 SE	3 SE	DD 20	C. eng. verm.	3Ba	Bordo	I	098	183	-	21	6
4299	3 SE	3 SE	DD 20	C. eng. verm.	3Ba	Bordo	I	098	184	-	18	6
4310	3 SE	3 SE	DD 20	C. eng. verm.	1Aa	Bordo	I	098	116	-	18	6
2209	3 SE	3 SE	DD 20	C. eng. verm.	2Ba	Bordo	I	098	246	-	63	9
S.N. C	3 SE	3 SE	DD 20	C. eng. verm.	1Aa	Bordo	II	098	186	-	37	6
1421	3 SE	Comp. 8	DD 20	C. eng. verm.	1Ba	Bordo	I	099	150	-	22	6
1726	3 SE	3 SE	DD 20	C. eng. verm.	4Aa	Fundo	I	099	-	-	52	8
1776	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. eng. verm.	6Bb	Bordo	I	099	136	-	26	5
2830	3 SE	3 SE	DD 20	C. eng. verm.	4Aa	Bojo	II	099	-	-	53	11
235	3 SE	3 SE	DD 20	C. eng. verm.	4Aa	Fundo	I	099	-	-	50	10
4331	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. eng. verm.	5Aa	Bordo	I	099	108	-	25	4
4302	3 SE	3 SE	DD 20	C. eng. verm.	5Aa	Bordo	II	099	96	-	26	5
4308	3 SE	3 SE	DD 20	C. eng. verm.	Ind.	Fundo	I	099	-	88	34	9
4314	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. eng. verm.	5Aa	Bordo	I	099	108	-	27	5
1308	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. eng. verm.	7Aa	Bordo/asa	I	099	100	-	83	7
1867	3 SE	Comp. 8	DD 20	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	100	200	-	33	6
2741	3 SE	3 SE	DD 20	C. cinzenta	1Aa	Bordo	III	100	136	-	21	4
1425	3 SE	Comp. 8	DD 20	C. cinzenta	1Aa	Bordo	I	100	204	-	29	5
1737	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	100	214	-	18	5
1295	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. cinzenta	1Aa	Bordo	III	100	214	-	21	6
1893	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. cinzenta	1Ab	Bordo	II	100	244	-	32	5
1278	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. cinzenta	1Ab	Bordo	II	100	176	-	28	3

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
1303	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	100	174	-	27	4
1286	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. cinzenta	1Aa	Bordo	III	100	192	-	39	6
6317	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	100	216	-	33	4
1288	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. cinzenta	3Aa	Bordo	III	101	128	-	27	3
1155	3 SE	3 SE	DD 20	C. cinzenta	2Aa	Bordo	II	101	156	-	24	3
1740	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. cinzenta	3Aa	Bordo	II	101	130	-	32	4
1276	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	101	128	-	32	4
2203	3 SE	3 SE	DD 20	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	101	118	-	37	3
2737	3 SE	3 SE	DD 20	C. cinzenta	1Ba	Bordo	I	101	210	-	29	6
1582	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. cinzenta	2Ab	Bordo	II	101	294	-	36	6
5419	3 SE	3 SE	DD 20	C. cinzenta	3Ba	Bordo	III	101	118	-	32	4
5420	3 SE	3 SE	DD 20	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	101	120	-	28	3
1280	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. cinzenta	3Aa	P. comp.	II	101	102	33	90	4
1744	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. cinzenta	Ind.	Fundo	III	102	-	48	17	4
1449	3 SE	3 SE	DD 20	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	102	-	76	38	8
1271	3 SE	Comp. 8	DD 20	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	102	-	92	36	6
1298	3 SE	Comp. 8	DD 20	C. cinzenta	4Aa	Bordo	II	102	128	-	42	3
1296	3 SE	Comp. 8	DD 20	C. cinzenta	Ind.	Fundo	III	102	-	198	35	9
1281	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	102	-	40	13	3
7082	3 SE	3 SE	DD 20	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	102	-	82 ?	29	7
1318	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	1Aa	Bordo	I	103	210	-	60	6
1786	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. comum	1Aa	Bordo	I	103	218	-	76	6
1790	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. comum	1Aa	Bordo	I	103	212	-	31	5
1324	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	1Aa	Bordo	I	103	230	-	43	5
1788	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. comum	1Aa	Bordo	I	103	194	-	31	6
1321	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	1Aa	Bordo	I	103	216	-	34	5
2539	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	1Aa	Bordo	I	103	194	-	38	5
1326	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	1Aa	Bordo	I	103	196	-	58	6
1327	3 SE	Comp. 8	DD 20	C. comum	1Aa	Bordo	I	103	216	-	49	6
1270	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	1Aa	Bordo	IV	103	212	-	37	6
1302	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	1Aa	Bordo	I	103	230	-	42	6
1301	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	1Aa	Bordo	I	103	196	-	37	4
2734	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	1Aa	Bordo	I	104	194	-	29	5
2742	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	1Aa	Bordo	I	104	184	-	21	5
1910	3 SE	Comp. 8	DD 20	C. comum	1Aa	Bordo	I	104	230	-	29	4
1785	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. comum	1Aa	Bordo	I	104	194	-	37	5
1784	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. comum	1Aa	Bordo	I	104	134	-	43	7
1879	3 SE	Comp. 8	DD 20	C. comum	1Aa	Bordo	I	104	148	-	40	6
1320	3 SE	Comp. 8	DD 20	C. comum	1Aa	Bordo	I	104	186	-	51	7
1328	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	1Aa	Bordo	IV	104	224	-	22	5

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
2732	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	1Aa	Bordo	I	104	220	-	31	6
1319	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	1Aa	Bordo	I	104	188	-	33	6
5315	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	1Aa	Bordo	I	104	242	-	37	5
2753	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	1Ad	Bordo	I	105	196	-	67	6
1403	3 SE	Comp. 8	DD 20	C. comum	1Ae	Bordo	III	105	260	-	48	5
2736	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	1Ae	Bordo	III	105	350	-	46	10
1738	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. comum	1Ac	Bordo	I	105	156	-	50	5
2757	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	1Ad	Bordo	I	105	180	-	56	9
6760	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	1Ae	Bordo	I	105	318	-	55	12
7212	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	1Ad	Bordo	I	105	194	-	33	6
7233	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	1Ad	Bordo	I	105	170	-	64	5
2537	3 SE	Comp. 8	DD 20	C. comum	1Bc	Bordo	II	106	252	-	23	9
2730	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	2Bb	Bordo	II	106	214	-	39	7
1791	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. comum	1Bd	Bordo	I	106	250	-	42	5
1329	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	1Bc.1	Bordo/asa	I	106	238	-	68	6
1264	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	1Bc	Bordo	I	106	228	-	40	7
5214	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	2Aa	Bordo	I	106	128	-	22	4
2754	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	5Ac	Bordo	I	107	290	-	57	7
1422	3 SE	Comp. 8	DD 20	C. comum	5Ba	Bordo	I	107	248	-	55	5
4894	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	3Ba	Bordo	I	107	216	-	14	5
5213	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	4Ba	Bordo	I	107	100	-	20	6
6762	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	3Ab	Bordo	I	107	228	-	21	5
6773	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	3Aa	Bordo	I	107	174	-	28	5
7215	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	4Bb	Bordo	I	107	80	-	34	7
2735	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	7Ad	Bordo	II	108	174	-	26	4
2745	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	5Ca	Bordo	II	108	330	-	21	5
2750	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	5Ca	Bordo	I	108	390	-	71	7
1431	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	7Af	Bordo	I	108	110	-	24	5
2759	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	5Ba	Bordo	I	108	296	-	98	7
7213	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	7Ae	Bordo	I	108	120	-	8	7
2721	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	8Aa	Bordo	I	109	122	-	39	9
2718	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	8Aa	Bordo	II	109	182	-	47	7
2719	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	8Aa	Bordo	I	109	156	-	42	10
2760	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	8Aa	Bordo	I	109	184	-	46	7
1920	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	8Aa	Bordo	I	109	150	-	33	11
2720	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	8Aa	Bordo	I	109	230	-	64	12
2536	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	8Aa	Bordo	I	109	176	-	42	8
2525	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	8Aa	Bordo	I	109	152	-	35	11
4861	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	9Ba	Bordo	I	109	99	-	46	7
2330	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Aa	Bordo	III	110	170	-	36	5

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
2331	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Aa.1	Bordo	III	110	142	-	53	6
1754	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. comum	10Aa	Bordo	I	110	188	-	43	7
1747	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. comum	10Aa.1	Bordo	III	110	154	40	40	6
S.N. F	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Aa	Bordo	I	110	198	-	47	7
4332	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Aa	Bordo	I	110	160	-	83	6
4857	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Aa	Bordo	I	110	180	-	64	5
4858	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Ba	Bordo	I	110	168	-	47	6
4903	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Aa	Bordo	II	110	180	-	76	5
5562	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Aa.1	Bordo	I	110	158	-	50	7
6736	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	10Aa	Bordo	I	110	166	-	40	5
2332	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Aa.1	Bordo	III	111	134	-	44	5
1909	3 SE	Comp. 8	DD 20	C. comum	10Ba	Bordo	I	111	204	-	29	8
1752	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. comum	10Ba	Bordo	I	111	216	-	34	9
1765	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. comum	10Ba	Bordo	II	111	200	-	31	6
1755	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. comum	10Ba	Bordo	I	111	156	-	38	6
1772	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. comum	10Ba	Bordo	I	111	216	-	57	4
4327	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Ba	Bordo	I	111	180	-	41	6
2724	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Aa.3	Bordo	III	111	130	-	35	6
1758	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. comum	10Ba	Bordo	I	111	184	-	41	7
6730	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	10Ba	Bordo	I	111	190	-	40	6
6993	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Ba	Bordo	I	111	180	-	55	5
1904	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	10Bb.1	Bordo/asa	I	112	238	-	40	7
2696	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Bb	Bordo	I	112	200	-	43	7
2749	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Bb	Bordo	I	112	214	-	50	9
2748	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Ba	Bordo	I	112	300	-	59	8
2288	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Bb	Bordo	III	112	212	-	36	7
4330	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Bb	Bordo	I	112	172	-	36	6
6041	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Ba	Bordo	I	112	260	-	42	8
7108	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Bb	Bordo	I	112	220	-	61	8
2751	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	10Ca	Bordo	I	113	174	-	26	4
1899	3 SE	Comp. 8	DD 20	C. comum	10Cb	Bordo	I	113	226	-	28	6
1767	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. comum	10Cb	Bordo	II	113	188	-	52	6
1756	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. comum	10Cb	Bordo	I	113	206	-	36	5
1764	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. comum	10Cb	Bordo	I	113	156	42	42	5
1771	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. comum	10Cb	Bordo	I	113	206	-	51	5
2758	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	10Ca	Bordo	IV	113	194	-	50	6
1297	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	10Ca	Bordo	I	113	228	-	43	6
4902	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Ca	Bordo	I	113	168	-	52	6
4906	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Cb	Bordo	I	113	130	-	50	5
6731	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	10Bc	Bordo	I	113	440	-	60	8

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
2289	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	11Ab	Bordo	III	114	126	-	52	5
1424	3 SE	Comp. 8	DD 20	C. comum	10Cb	Bordo	II	114	214	-	72	6
5583	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Ha	Bordo	I	114	178	-	47	6
6046	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Db	Bordo	I	114	230	-	44	7
7107	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	10Da	Bordo	I	114	266	-	52	9
7209	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	11Aa	Bordo	I	114	88	-	33	5
1402	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	Ind.	Fundo	III	115	-	72	35	8
1325	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	Ind.	Fundo	I	115	-	56	18	8
1338	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	Ind.	Fundo	I	115	-	80	19	8
2727	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	Ind.	Bojo	I	115	-	-	51	5
1418	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	Ind.	Bojo	I	115				
1927	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	Ind.	Bojo	I	115				
5324	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	Ind.	Fundo	I	115	-	70	30	7
5325	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	Ind.	Fundo	I	115	-	68	32	6
7216	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	Ind.	Bojo	I	115	-	-	51	6
7268	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	Ind.	Fundo	I	115	-	66	31	7
1415	3 SE	Comp. 8	DD 20	C. comum	Ind.	Fundo	I	116	-	74	22	6
1921	3 SE	Comp. 8	DD 20	C. comum	Ind.	Fundo	I	116	86	-	35	10
2598	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	Ind.	Fundo	I	116	-	156	20	3
1779	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. comum	Ind.	Fundo	I	116	-	60	45	9
1778	3 SE	3SE cont	DD 12 H	C. comum	Ind.	Fundo	III	116	-	50	18	3
1312	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	Ind.	Fundo	I	116	-	66	11	5
2722	3 SE	3 SE	DD 20	C. comum	Ind.	Fundo	I	116	-	90	43	7
1299	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	DD 30	C. comum	Ind.	Fundo	I	116				
1460	3 SE	3 SE	EE 12 I	Ânfora	1Db	Bordo	I	117	160	-	30	7
1463	3 SE	3 SE	EE 12 I	Ânfora	1Ba	Bordo	I	117	168	-	37	6
1464	3 SE	3 SE	EE 12 I	Ânfora	1Ac	Bordo	I	117	140	-	46	8
1459	3 SE	3 SE	EE 12 I	Ânfora	1Bb	Bordo	I	117	120	-	47	7
1462	3 SE	3 SE	EE 12 I	Ânfora	1Ad	Bordo	I	117	158	-	32	5
1494	3 SE	3 SE	EE 12 I	Ânfora	1Ba	Bordo	I	117	164	-	45	7
6999	3 SE	3 SE	EE 12 I	Ânfora	Ind.	Asa	I	117	-	-	116	7
1473	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. eng. verm.	3Ba	Bordo	I	118	244	-	21	5
1800	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. eng. verm.	8Aa	Bordo	I	118	170	-	109	8
1458	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. eng. verm.	1Aa	Bordo	I	118	156	-	71	5
4319	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	EE 31	C. eng. verm.	1Ba	Bordo	I	118	225	-	24	7
4318	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	EE 31	C. eng. verm.	5Aa	Bordo	I	118	99	-	27	4
2706	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	EE 31	C. cinzenta	4Aa	Bordo	II	119	138	-	57	3
1444	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. cinzenta	3Aa	Bordo	II	119	118	-	26	3
1441	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. cinzenta	4Aa.1	Bordo/asa	III	119	140	-	31	4
1442	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	119	136	-	28	5

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
1440	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. cinzenta	3Ba	Bordo	III	119	138	-	25	4
1448	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	119	216	-	16	5
1438	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	119	-	70	51	8
1439	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	119	-	54	35	4
S.N. A1	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. cinzenta	1Ab	Bordo	II	119	174		51	4
2705	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	EE 31	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	119	-	30	16	4
6096	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	EE 31	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	119	-	58	20	5
6098	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	EE 31	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	119	-	56	19	4
2708	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	EE 31	C. comum	1Ac	Bordo	I	120	142	-	23	5
1452	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	1Aa	Bordo	I	120	216	-	31	4
1467	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	1Aa	Bordo	I	120	204	-	32	5
1823	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	1Aa	Bordo	I	120	124	-	28	6
1468	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	1Ab	Bordo	I	120	206	-	20	6
1469	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	1Aa	Bordo	III	120	212	-	32	7
1809	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	1Ad	Bordo	I	120	156	-	30	5
1470	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	1Aa	Bordo	I	120	194	-	31	5
1466	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	1Aa	Bordo	I	120	204	-	35	5
6111	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	EE 31	C. comum	1Aa	Bordo	I	120	196	-	41	6
1820	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	7Ad	Bordo	I	121	178	-	27	7
1804	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	4Aa	Bordo	I	121	90	-	21	6
1819	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	1Bd	Bordo	I	121	176	-	35	8
1493	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	7Ac	Bordo	III	121	212	-	33	7
1816	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	1Bd	Bordo	I	121	180	-	34	5
1805	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	4Aa	Bordo	I	121	130	-	32	5
1465	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	7Ab	Bordo	I	121	138	-	42	8
1480	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	1Ae	Bordo	III	121	254	-	55	8
5887	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	EE 31	C. comum	1Bd	Bordo	I	121	280	-	39	11
2709	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	EE 31	C. comum	8Aa	Bordo	I	122	142	-	30	7
2710	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	EE 31	C. comum	10Ca	Bordo	II	122	188	-	38	5
1822	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	11Aa	Bordo	I	122	102	-	39	4
1807	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	10Ca	Bordo	I	122	150	-	41	6
1484	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	10Aa	Bordo	I	122	148	-	37	5
1476	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	10Aa	Bordo	III	122	130	-	32	6
1490	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	10Ba	Bordo	I	122	196	-	30	8
1489	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	10Ba	Bordo	I	122	180	-	29	4
2788	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	EE 31	C. comum	14Aa	Bordo	I	123	-	-	26	5
1451	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	Ind.	Fundo	I	123	-	70	11	6
1492	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	Ind.	Fundo	I	123	-	78	20	9
1817	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	13Aa	Bordo	I	123	280	-	40	6
1486	3 SE	3 SE	EE 12 I	C. comum	14Aa	Bordo	I	123	18	-	52	4

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
6742	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	EE 31	C. comum	Ind.	Fundo	I	123	-	70	26	8
1314	3 SE	Lig. SE - Comp. 8	32	C. comum	Ind.	Fundo	I	124	-	80	22	7
7234	3 SE	Comp.3 Norte	12	C. comum	1Bc	Bordo	I	124	176	-	36	5
4471	3 Este	O17	51	Ânfora	1Ca	Bordo	I	125	150	-	43	7
4472	3 Este	O17	51	Ânfora	1Ba	Bordo	I	125	148	-	48	8
4476	3 Este	O17	51	Ânfora	1Db	Bordo	I	125	144	-	40	6
4488	3 Este	O17	51	Ânfora	Ind.	Asa	I	125	-	-	72	15
4495	3 Este	O17	51	Ânfora	1Db	Bordo	I	125	160	-	56	6
4496	3 Este	O17	51	Ânfora	1Ac	Bordo	I	125	152	-	34	8
4501	3 Este	O17	51	Ânfora	Ind.	Asa	I	125	-	-	73	12
4510	3 Este	O17	51	Ânfora	Ind.	Asa	I	125	-	-	55	6
4504	3 Este	O17	51	C. cinzenta	Ind.	Fundo	III	126	-	50	23	6
4470	3 Este	O17	51	C. comum	1Aa	Bordo	I	126	212	-	45	7
4475	3 Este	O17	51	C. comum	3Ab	Bordo	I	126	216	-	23	7
4490	3 Este	O17	51	C. comum	1Ba	Bordo	I	126	290	-	48	9
4502	3 Este	O17	51	C. eng. verm.	Ind.	Fundo	I	126	-	118	38	10
4512	3 Este	O17	51	C. eng. verm.	5Ab	Bordo	I	126	78	-	22	5
4477	3 Este	O17	51	C. comum	5Ba	Bordo	I	127	302	-	57	6
4489	3 Este	O17	51	C. comum	10Ba	Bordo	I	127	210	-	61	7
4492	3 Este	O17	51	C. comum	10Aa	Bordo	I	127	200	-	69	8
4503	3 Este	O17	51	C. comum	Ind.	Fundo	I	127	-	68	35	7
4507	3 Este	O17	51	C. comum	10Gb	Bordo	I	127	86	-	21	4
4511	3 Este	O17	51	C. comum	10Aa.1	Bordo	I	127	136	-	37	4
5456	3 NE	O 18	55	Ânfora	1Cc	Bordo	I	128	152	-	28	6
5457	3 NE	O 18	55	C. cinzenta	1Ab	Bordo	II	128	162	-	52	6
5455	3 NE	O 18	55	C. comum	8Aa	Bordo	I	128	196	-	66	10
5759	3 Este	O17	57	Ânfora	1Da	Bordo	I	129	156	-	31	8
5760	3 Este	O17	57	Ânfora	1Da	Bordo		129	158	-	70	7
5762	3 Este	O17	57	Ânfora	1Da	Bordo	I	129	168	-	34	9
5731	3 Este	O17	57	C. comum	5Ba	Bordo	I	129	334	-	41	6
5747	3 Este	O17	57	C. comum	1Bd	Bordo	I	129	256	-	26	7
5767	3 Este	O17	57	C. eng. verm.	3Aa	Bordo	I	129	212	-	12	6
5751	3 Este	O17	57	C. comum	Ind.	Fundo	I	130	-	78	32	7
5754	3 Este	O17	57	C. comum	8Aa	Bordo	I	130	182	-	28	10
5755	3 Este	O17	57	C. comum	8Aa	Bordo	I	130	158	-	26	8
5756	3 Este	O17	57	C. comum	8Aa	Bordo	I	130	174	-	31	10
5769	3 Este	O17	57	C. comum	10Ba	Bordo	I	130	190	-	59	5
6714	3 Este	O17	58	Ânfora	1Ba	Bordo	I	131	160	-	44	7
6715	3 Este	O17	58	Ânfora	1Ca	Bordo	I	131	144	-	33	7
6716	3 Este	O17	58	C. comum	1Aa	Bordo	I	131	164	-	52	7

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
5772	3 Este	N18	38	C. comum	10Ba	Bordo	I	132	188	-	43	5
5779	3 Este	N18	38	C. comum	1Ab	Bordo	I	132	156	-	22	3
7010	3 Este	L17	44	Ânfora	1Ca	Bordo	I	133	150	-	40	6
2812	3 SE	L 17	44	Ática	Cástulo	Bordo		133	139	-	22	5
4408	3 SE	L 17	44	C. comum	10Aa	Bordo	I	133	144	-	31	7
4410	3 SE	L 17	44	C. comum	10Ba	Bordo	I	133	220	-	37	7
4407	3 SE	L 17	44	C. comum	10Da	Bordo	I	133	170	-	34	7
4405	3 SE	L 17	44	C. comum	Ind.	Fundo	I	133	-	70	25	8
6666	3 Este	N18	FF 39	Ânfora	1Bb	Bordo	I	134	130	-	62	9
4341	3 NE	N18	FF 39	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	134	128	-	35	5
4320	3 NE	N18	FF 39	C. cinzenta	3Ba	Bordo	I	134	138	-	35	4
4339	3 NE	N18	FF 39	C. cinzenta	1Ab	Bordo	II	134	156	-	41	5
4526	3 Este	N17	FF 36	C. cinzenta	3Aa	Bordo	II	134	116	-	9	3
6690	3 Este	N18	FF 39	C. eng. verm.	6Bb	Bordo	I	134	180	-	23	6
4520	3 Este	N17	FF 36	C. comum	1Ae	Bordo	I	135	252	-	55	7
6688	3 Este	N18	FF 39	C. comum	1Aa	Bordo	I	135	186	-	35	5
6699	3 Este	N18	FF 39	C. comum	1Bc	Bordo	I	135	252	-	26	6
6706	3 Este	N17	FF 36	C. comum	3Ac	Bordo	I	135	230	-	26	6
6708	3 Este	N17	FF 36	C. comum	1Ae	Bordo	I	135	270	-	63	7
4521	3 Este	N17	FF 36	C. comum	10Da	Bordo	I	136	210	-	32	6
6667	3 Este	N18	FF 39	C. comum	10Aa	Bordo	I	136	160	-	40	6
6669	3 Este	N18	FF 39	C. comum	10Aa	Bordo	I	136	210	-	54	7
6670	3 Este	N18	FF 39	C. comum	10Ea	Bordo	I	136	176	-	29	7
6673	3 Este	N18	FF 39	C. comum	10Ba	Bordo	I	136	240	-	44	7
6703	3 Este	N17	FF 36	C. comum	11Aa	Bordo	I	136	80	-	49	9
6781	3 Este	M18	GG 35	Ânfora	1Bb	Bordo	I	137	158	-	63	9
4446	3 SE	L17	GG 45	C. comum	Ind.	Fundo	I	137	-	70	21	8
4447	3 SE	L17	GG 45	C. comum	10Ba	Bordo	I	137	182	-	42	6
6185	3 Este	L18	GG 61	C. comum	10Ba	Bordo	I	137	190	-	42	8
6995	3 Este	M18	GG 35	C. comum	Ind.	Fundo	I	137	-	78	39	7
4778	3 Este	N17	GG 37	C. eng. verm.	4Aa	Bordo	I	137	70	-	24	12
6297	3 Este	L18	68	Ânfora	1Da	Bordo	I	138	150	-	35	6
6298	3 Este	L18	68	Ânfora	1Cc	Bordo	I	138	158	-	38	7
6299	3 Este	L18	68	Ânfora	1Bb	Bordo	I	138	160	-	32	5
6300	3 Este	L18	68	Ânfora	1Db	Bordo	I	138	146	-	39	6
6301	3 Este	L18	68	Ânfora	1Aa	Bordo	I	138	124	-	65	7
6290	3 Este	L18	68	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	138	130	-	32	4
6291	3 Este	L18	68	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	138	120	-	38	3
6292	3 Este	L18	68	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	138	240	-	42	5
6307	3 Este	L18	68	C. comum	1Ac	Bordo	I	138	200	-	61	5

Rua dos Correeiros - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Quadrado/Área	Camada	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
6310	3 Este	L18	68	C. comum	Ind.	Fundo	I	138	-	78	32	6
6313	3 Este	L18	68	C. comum	10Ca	Bordo	I	138	168	-	56	6
6312	3 Este	L18	68	C. eng. verm.	4Aa	Bordo	I	138	70	-	26	10
4961	3 Este	L18	69	C. comum	Ind.	Fundo	I	139				
4962	3 Este	L18	69	C. comum	1Aa	Bordo	I	139	208	-	68	6
5914	3 Este	L18	70	Ânfora	1Db	Bordo	I	140	160	-	41	7
234				Bronze	Fíbula			140				
5920	3 Este	L18	70	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	140	130	-	77	4

Moinho da Atalaia Oeste - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
8/28/41 B	Q20	Ânfora	1Ab	Bordo	I	141	140	-	35	6
8/28/41 C	Q20	Ânfora	1Ab	Bordo	II	141	130	-	36	7
36/333/15 RA358		Ânfora	1Ab	Bordo	I	141	152	-	31	8
37/290/23	zona do depósito de águas	Ânfora	1Ab	Bordo	I	141	130	-	35	8
48/384/46	Q5 C4	Ânfora	1Ab	Bordo	I	141	180	-	30	4
38/319/34		Ânfora	1Ac	Bordo	I	141	152	-	28	11
46/287/58	Superfície	Ânfora	1Ab	Bordo	I	141	154	-	34	8
71/867/42		Ânfora	1Ab	Bordo	I	141	158	-	32	7
71/867/16		Ânfora	1Ac	Bordo	I	141	220	-	31	7
7/34/10 A		Ânfora	1Cc	Bordo	I	142	140	-	24	10
7/34/10 C		Ânfora	1Da	Bordo	II	142	124	-	22	8
7/34/10 B		Ânfora	1Da	Bordo	I	142	166	-	26	5
8/31/15 A		Ânfora	1Da	Bordo	I	142	130	-	33	6
48/384/65	Q5 C4	Ânfora	1Ca	Bordo	I	142	140	-	35	7
48/384/52	Q5 C4	Ânfora	1Ca	Bordo	I	142	136	-	20	7
50/716/06		Ânfora	1Da	Bordo	I	142	140	-	25	5
10/41/2 B		Ânfora	1Da	Bordo	I	142	120	-	22	6
51/378/36		Ânfora	1Da	Bordo	I	142	98	-	26	5
10/110/3		Ânfora	1Ca	Bordo	I	142	150	-	40	7
8/28/41 A	Q20	Ânfora	1Da	Bordo	II	143	148	-	42	7
49/714/3 B		Ânfora	1Dc	Bordo	I	143	158	-	67	6
49/714/3 A		Ânfora	1Da	Bordo	I	143	160	-	68	6
10/41/2 378		Ânfora	1Da	Bordo	I	143	130	-	34	7
11/43/25 C	zona do depósito de águas	Ânfora	1Db	Bordo	I	143	160	-	27	9
67		Ânfora	1Da	Bordo	I	143	170	-	82	9
9/39/17 A		Ânfora	Ind.	Asa	II	144	-	-	180	8
48/384/41	Q5 C4	Ânfora	Ind.	Asa	I	144	-	-	92	9
76/169/18		Ânfora	Ind.	Asa	I	144	-	-	111	8
8/37/1 B	Q5 C1	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	145	140	-	17	4
8/32/7	Q19 C1	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	145	210	-	28	4
9/100/49 A	Q5 C2	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	145	196	-	41	5
36/333/6 RA351		C. cinzenta	1Aa	Bordo	III	145	168	-	23	3
15/64/23		C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	145	190	-	39	5
36/333/2 RA376		C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	145	176	-	46	5
48/384/58	Q5 C4	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	145	204	-	22	5
48/379/18		C. cinzenta	1Aa	Bordo	III	145	196	-	34	5
47/276/59		C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	145	196	-	43	5
53/465/17		C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	145	174	-	36	4
53/465/18 A		C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	145	136	-	36	8
10/114/52 B	Gonzalez 1985	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	145	174	-	17	5

Moinho da Atalaia Oeste - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
10/114/52 C	Gonzalez 1985	C. cinzenta	1Aa	Bordo	III	145	170	-	24	4
10/110/36		C. cinzenta	1Aa	Bordo	III	145	200	-	42	4
10/110/40 C		C. cinzenta	1Aa	Bordo	III	145	168	-	25	2
65/212/1		C. cinzenta	1Aa	Bordo	III	145	186	-	46	4
19/363/12	Q2 C1	C. cinzenta	1Ab	Bordo	II	146	180	-	18	3
36/333/10 353		C. cinzenta	2Ab	Bordo	III	146	146	-	26	6
47/276/20 A		C. cinzenta	1Ac	Bordo	II	146	128	-	8	2
47/276/20 C		C. cinzenta	1Ac	Bordo	II	146	148	-	17	3
48/384/57	Q5 C4	C. cinzenta	1Ab	Bordo	III	146	170	-	23	3
47/276/17 A		C. cinzenta	1Ab	Bordo	II	146	146	-	20	4
47/276/17 B		C. cinzenta	1Ac	Bordo	II	146	142	-	13	3
56/802/10 A	Q5 C2	C. cinzenta	1Ac	Bordo	II	146	210	-	13	4
10/114/52 A	Gonzalez 1985	C. cinzenta	1Ab	Bordo	III	146	176	-	34	5
10/114/52 D	Gonzalez 1985	C. cinzenta	1Ab	Bordo	II	146	136	-	23	3
36/333/17		C. cinzenta	2Ba	Bordo	II	147	242	-	19	5
11/43/6	Banquete 3/2 C1	C. cinzenta	2Ba	Bordo	III	147	172	-	13	4
73/181/1		C. cinzenta	2Ba	Bordo	II	147	294	-	51	5
9/39/16 A	Q3	C. cinzenta	3Aa	Bordo	II	148	110	-	32	5
19/267/29	C3	C. cinzenta	3Aa	Bordo	III	148	100	-	20	3
19/267/45	Q2 C1	C. cinzenta	3Aa	Bordo	II	148	100	-	28	3
47/276/15		C. cinzenta	3Aa	Bojo	II	148	-	-	48	5
56/802/10 B	Q5 C2	C. cinzenta	3Aa	Bordo	II	148	98	-	21	3
51/785/27		C. cinzenta	3Aa	Bordo	III	148	130	-	16	2
61		C. cinzenta	3Aa	Bordo	II	148	140	-	91	3
36/333/18 RA344		C. cinzenta	3Ab	Bordo	II	149	130	-	28	3
36/705/24 A		C. cinzenta	3Ba	Bordo	III	149	118	-	27	3
36/705/24 B		C. cinzenta	3Ba	Bordo	III	149	120	-	31	3
8/31/15 C		C. cinzenta	3Ab	Bordo	II	149	116	-	24	3
47/276/20 B		C. cinzenta	3Ab	Bordo	II	149	90	-	23	2
10/114/52 E	Gonzalez 1985	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	149	118	-	32	3
10/114/52 F	Gonzalez 1985	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	149	120	-	32	3
9/100/48 A	Q5 C2	C. cinzenta	3Ca	Bordo	II	150	80	-	41	5
9/100/08 C		C. cinzenta	4Ba	Bordo	II	150	146	-	13	4
8/37/1 A	Q5 C1	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	150	120	-	35	3
48/384/63	Q5 C4	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	150	78	-	23	4
51/785/29		C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	150	110	-	32	3
51/785/28		C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	150	100	-	30	2
51/785/25		C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	150	100	-	32	4
S.N.		C. cinzenta	5Aa	Bordo	II	150		-		
8/31/19		C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	151	-	60	17	5

Moinho da Atalaia Oeste - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
47/276/21		C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	151	-	50	49	4
11/56/22	Q11 C1	C. cinzenta	Ind.	Fundo	III	151	-	40	26	4
51/378/40		C. cinzenta	Ind.	Fundo	III	151	-	50	20	4
56/802/1 A	Q5 C2	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	151	-	60	22	5
64/417/1	Q5 C2	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	151	-	52	48	6
10/114/50 A	Gonzalez 1985	C. cinzenta	Ind.	Fundo	III	151	-	80	21	6
62		C. cinzenta	Ind.	Fundo	III	151	-	64	61	4
7/34/10 G		C. comum	1Aa	Bordo	II	152	148	-	20	6
9/100/49 C	Q5 C2	C. comum	1Aa	Bordo	I	152	164	-	28	6
9/100/49 H	Q5 C2	C. comum	1Aa	Bordo	II	152	162	-	27	6
8/31/15 B		C. comum	1Aa	Bordo	I	152	196	-	21	4
48/384/45	Q5 C4	C. comum	1Aa	Bordo	I	152	158	-	27	4
38/324/9	Q11 C2	C. comum	1Aa	Bordo	I	152	206	-	31	6
38/319/1	Q12 C2	C. comum	1Ac	Bordo	I	152	136	-	24	4
11/43/25 A	zona do depósito de água	C. comum	1Ac	Bordo	I	152	214	-	48	5
11/56/23 A	Q11 C1	C. comum	1Aa	Bordo	I	152	192	-	38	5
10/110/40 A		C. comum	1Aa	Bordo	I	152	178	-	26	5
9/39/13 A		C. comum	2Ca	Bordo	I	153	148	-	18	5
48/384/24		C. comum	1Ad	Bordo	I	153	204	-	36	7
10/41/2 RA373		C. comum	1Bb	Bordo	I	153	184	-	34	5
10/110/40 B		C. comum	3Ab	Bordo	I	153	170	-	22	5
71/867/34		C. comum	1Bc	Bordo	I	153	266	-	28	5
9/100/49 K	Q5 C2	C. comum	5Ad	Bordo	I	154	260	-	34	10
9/100/08 A		C. comum	5Ca	Bordo	I	154	260	-	26	6
9/100/08 B		C. comum	5Ca	Bordo	I	154	360	-	20	8
9/100/08 D		C. comum	5Ca	Bordo	I	154	240	-	26	8
7/34/10 D		C. comum	5Ca	Bordo	I	154	316	-	21	7
7/34/10 E		C. comum	5Ad	Bordo	I	154	210	-	53	10
7/34/10 I		C. comum	5Ca	Bordo	III	154	184	-	22	5
11/116/32	"zona do depósito de	C. comum	5Ad	Bordo	I	154	252	-	34	7
8/37/1 C	Q5 C1	C. comum	10Aa	Bordo	III	155	140	-	27	4
8/38/15	Q12 C1	C. comum	10Aa	Bordo	III	155	138	-	28	6
7/34/10 H		C. comum	10Aa	Bordo	III	155	134	-	17	9
7/34/10 F		C. comum	7Ae	Bordo	II	155	176	-	8	7
9/100/49 D	Q5 C2	C. comum	10Aa	Bordo	I	155	164	-	27	7
9/100/49 G	Q5 C2	C. comum	10Aa	Bordo	III	155	140	-	21	5
9/100/49 F	Q5 C2	C. comum	10Aa	Bordo	III	155	158	-	33	4
19/363/16	Q2 C1	C. comum	9Aa	Bordo	I	155	100	-	11	3
8/28/41 D	Q20	C. comum	10Aa	Bordo	III	155	160	-	26	6
53/464/10		C. comum	10Aa	Bordo	II	155	140	-	33	6

Moinho da Atalaia Oeste - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
40/327/27		C. comum	10Aa	Bordo	III	155	140	-	33	5
10/110/1		C. comum	10Aa	Bordo	III	155	160	-	39	6
10/103/21 B		C. comum	10Aa	Bordo	III	155	146	-	33	7
9/100/49 L	Q5 C2	C. comum	10Aa	Bordo	II	156	148	-	21	5
36/333/16 RA362		C. comum	10Aa	Bordo	I	156	196	-	31	7
8/75/02 A		C. comum	10Aa	Bordo	I	156	200	-	40	6
36/333/4 RA363		C. comum	10Aa	Bordo	I	156	200	-	31	5
46/287/4		C. comum	10Aa	Bordo	III	156	176	-	56	5
46/287/30		C. comum	10Aa.1	Bordo	III	156	160	-	46	5
71/867/25		C. comum	10Aa	Bordo	III	156	176	-	34	6
69		C. comum	10Aa.1	Bordo	III	156	160	-	63	6
9/100/49 I	Q5 C2	C. comum	10Ba	Bordo	I	157	162	-	17	7
9/100/08 E		C. comum	10Ba	Bordo	II	157	160	-	20	8
9/100/08 G		C. comum	10Ba	Bordo	I	157	158	-	22	5
9/100/08 F		C. comum	10Ba	Bordo	I	157	160	-	17	5
19/267/39		C. comum	10Ba	Bordo	I	157	146	-	29	6
8/28/38		C. comum	10Aa.2	Bordo	I	157	162	-	36	5
38/324/34	Q12 C2	C. comum	10Ba	Bordo	II	157	150	-	36	6
40/321/28		C. comum	10Ba	Bordo	I	157	140	-	19	5
11/56/23 B	Q11 C1	C. comum	10Ba	Bordo	II	157	170	-	26	6
46/412/15 RA403		C. comum	10Aa.1	Bordo	III	157	186	-	57	7
10/110/23		C. comum	10Aa.1	Bordo	III	157	180	-	60	8
9/100/49 J	Q5 C2	C. comum	10Ba	Bordo	I	158	170	-	18	6
9/100/49 E	Q5 C2	C. comum	10Ba	Bordo	I	158	178	-	17	7
36/333/1 RA365		C. comum	10Ba	Bordo	I	158	218	-	34	9
36/706/33	Q12 C2	C. comum	10Ba	Bordo	I	158	180	-	28	10
19/267/34		C. comum	10Ba	Bordo	I	158	190	-	40	4
8/75/02 D		C. comum	10Ba	Bordo	I	158	220	-	31	6
8/31/10 A		C. comum	10Ba	Bordo	II	158	216	-	30	7
11/43/25 B	zona do depósito de água	C. comum	10Ba	Bordo	I	158	200	-	21	6
71/867/32		C. comum	10Ba	Bordo	I	158	190	-	25	5
71/867/27		C. comum	10Ba	Bordo	I	158	226	-	27	8
36/705/25		C. comum	10Ba	Bordo	I	159	176	-	88	6
8/75/02 B		C. comum	10Ba	Bordo	I	159	174	-	35	6
36/333/3		C. comum	10Ba	Bordo	II	159	190	-	41	5
48/384/43	Q5 C4	C. comum	10Ba	Bordo	I	159	180	-	44	5
10/41/2 RA359		C. comum	10Ba	Bordo	I	159	190	-	30	8
38/319/35		C. comum	10Ba	Bordo	I	159	200	-	25	7
38/319/28		C. comum	10Ba	Bordo	I	159	170	-	37	6
36/706/34	Q12 C2	C. comum	10Bb	Bordo	I	160	150	-	30	8

Moinho da Atalaia Oeste - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
8/75/02 C		C. comum	10Bb	Bordo	I	160	210	-	26	5
36/333/14 RA360		C. comum	10Bb	Bordo	I	160	286	-	42	8
36/333/13 RA371		C. comum	10Bb	Bordo	I	160	202	-	38	5
10/41/2 A		C. comum	10Bb	Bordo	I	160	204	-	31	5
50/716/01		C. comum	10Bb	Bordo	I	160	246	-	80	8
76/169/17		C. comum	10Bb	Bordo	I	160	250	-	28	6
9/100/49 B	Q5 C2	C. comum	10Cb	Bordo	I	161	164	-	25	7
53/464/11		C. comum	10Cb	Bordo	I	161	170	-	35	7
11/43/1	Q11 C1	C. comum	10Ca	Bordo	I	161	206	-	32	7
11/56/28	Q11 C1	C. comum	10Gb	Bordo	I	161	106	-	24	5
10/103/21 A		C. comum	10Db	Bordo	I	161	178	-	26	6
71/867/33		C. comum	10Cb	Bordo	I	161	164	-	25	5
71/867/22		C. comum	10Hb	Bordo	I	161	180	-	31	5
97/283/2		C. comum	Ind.	Fundo	I	162	-	40	20	5
50/716/2 A		C. comum	Ind.	Fundo	I	162	-	60	26	4
50/716/2 B		C. comum	Ind.	Fundo	I	162	-	66	30	7
50/716/05		C. comum	11Ab	Bordo	III	162	104	-	46	5
38/324/35	Q12 C2	C. comum	Ind.	Fundo	I	162	-	80	43	5
61/778/2		C. comum	11Aa	Bordo	III	162	68	-	37	8
56/802/8	Q5 C2	C. comum	Ind.	Fundo	III	162	-	70	18	5
10/110/38		C. comum	Ind.	Fundo	I	162	-	70	38	8
79/879/13		C. comum	11Aa	Bordo	I	162	94	-	39	7
71/867/43		C. comum	Ind.	Fundo	I	162	-	60	25	5
72/209/20		Bronze	Fíbula			163				
72/209/19a		Bronze	Fíbula			163				
72/209/21		Bronze	Fíbula			163				
72/209/18		Bronze	Fíbula			163				
51/376/2		Bronze	Ind.			163				
51/339/22		Bronze	Fíbula			163				
72/209/19b		Bronze	Fíbula			163				
51/339/21		Bronze	Fíbula			163				
S.N. 2		Bronze	Ind.			163				
S.N. 1		Bronze	Fíbula			163				
10/41/7		Cerâmica	Peso	P. completo	I	163				
S.N.		Pasta vítrea	Conta de	P. completo		163				

Baútas - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
28/671/5	Q 34 [3a]	Ânfora	1Ab	Bordo	I	164	162	-	39	10
25/675/34	C 28 [3b]	Ânfora	1Ab	Bordo	I	164	160	-	25	7
21/354/9	A 29 [1]	Ânfora	1Ab	Bordo	I	164	156	-	33	9
21/677/31	O32 [1]	Ânfora	1Ac	Bordo	I	164	162	-	31	6
280/1605/28	Q VC [507]	Ânfora	1Ad	Bordo	I	164	158	-	24	10
29/626/9	Corte 4 [limp]	Ânfora	1Ab	Bordo	I	164	128	-	30	8
29/617/35	A 32 [3b]	Ânfora	1Ac	Bordo	I	164	160	-	52	7
29/624/31	Corte 4	Ânfora	1Da	Bordo	I	165	148	-	27	6
28/648/29	Corte 4 [limp]	Ânfora	1Ca	Bordo	I	165	158	-	30	5
24/672/19	C 28 [3b]	Ânfora	1Ca	Bordo	I	165	128	-	29	6
23/622/3	B 33 [3b]	Ânfora	Ind.	Asa	I	165	-	-	88	7
21/365/11	A 29 [1]	Ânfora	1Db	Bordo	I	165	160	-	30	9
23/622/5	Corte 3 [limp]	Ânfora	1Bb	Bordo	II	165	158	-	38	7
274/1573/28	Q I [105]	Ânfora	1Ba	Bordo	I	165	120	-	37	11
281/1610/33	Q VB [506]	Ânfora	1Da	Bordo	I	165	160	-	34	5
27/651/41	A 32 [3b]	C. cinzenta	3Aa	Bordo	II	166	118	-	30	3
22/679/4	A 33 [3]	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	166	168	-	21	4
23/433/36A	Corte 1 [limp]	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	166	180	-	26	5
21/356/37	Corte 2 [2]	C. cinzenta	3Ab	Bordo	II	166	128	-	26	4
280/1605/21	Q VC [507]	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	166	196	-	29	6
29/698/24	Quintal	C. cinzenta	1Ab	Bordo	III	166	160	-	24	4
279/1595/9	-	Eng. vermelho	3Bb	Parede/carena	I	166	-	-	28	7
27/651/27	A 28 [3]	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	167	108	-	24	4
27/651/40	A 32 [3b]	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	167	158	-	27	3
26/655/3	A 32 [3b]	C. cinzenta	Peq. pote	Bordo	III	167	128	-	36	3
28/649/14	A 34 [3a]	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	167	120	-	28	3
25/629/40	B 32 [3b]	C. cinzenta	4Ca	Bordo	II	167	172	-	17	4
25/628/14	B 31 [3b]	C. cinzenta	Peq. pote	Bordo	III	167	110	-	16	3
21/677/33	Corte 3 [limp]	C. cinzenta	4Ad	Bordo	III	167	110	-	23	4
23/433/36B	Corte 1 [limp]	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	167	110	-	18	3
274/1573/31	Q II [201G]	C. cinzenta	Peq. pote	Bordo	III	167	100	-	12	2
21/354/29	Quintal	C. comum	1Aa	Bordo	I	168	178	-	35	7
23/623/11	A 32 [3b]	C. comum	1Aa	Bordo	I	168	164	-	37	8
21/365/38	A 33 [3a]	C. comum	1Aa	Bordo	I	168	178	-	21	5
280/1601/7	Q IB [101]	C. comum	1Ad	Bordo	I	168	194	-	38	7
276/1581/25	Q I [105]	C. comum	1Aa	Bordo	I	168	190	-	29	5
282/1614/25	Q X [1003]	C. comum	1Bd	Bordo	I	168	160	-	27	6
274/1573/27	Q I [105]	C. comum	1Aa	Bordo	I	168	176	-	20	5
30/421/37	B 31 [3b]	C. comum	1Aa	Bordo	I	168	176	-	41	6
27/651/21	C 31 [3b]	C. comum	10Aa	Bordo	III	169	160	-	47	8

Baútas - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
29/624/32	B 33 [3b]	C. comum	10Aa	Bordo	I	169	178	-	31	5
25/634/27	B 34 [3b]	C. comum	10Ba	Bordo	I	169	202	-	27	8
25/673/48	B 31 [3b]	C. comum	10Aa	Bordo	I	169	176	-	26	7
25/629/36	E 34 [3a]	C. comum	10Aa	Bordo	Bt A	169	180	-	19	11
25/629/38	Corte 4	C. comum	10Aa	Bordo	I	169	176	-	18	7
21/354/6	Quintal	C. comum	10Ba	Bordo	I	169	180	-	20	8
21/677/21	Corte 3	C. comum	9Aa	Bordo	Bt A	169	120	-	18	4
26/272/43	Quintal	C. comum	10Ba	Bordo	I	170	168	-	34	5
26/467/3A	Corte 2 [2]	C. comum	10Bb	Bordo	I	170	218	-	34	9
29/316/20	B 31 [3b]	C. comum	10Ba	Bordo	I	170	200	-	33	8
21/677/24	O32 [3] derrube	C. comum	10Bb	Bordo	Bt A	170	144	-	29	4
21/672/28	A 31 [3] derrube	C. comum	10Bb	Bordo	I	170	166	-	18	5
276/1581/10	Q I [105]	C. comum	10Ba	Bordo	I	170	180	-	40	7
276/1581/7	Q I [105]	C. comum	10Ba	Bordo	I	170	178	-	37	7
29/626/4	B 33 [3b]	C. comum	10Ba	Bordo	I	170	226	-	70	9
28/671/4	Corte 4 [limp]	C. comum	10Ca	Bordo	I	171	168	-	23	6
23/622/2	B 31 [3b]	C. comum	10Bc	Bordo	I	171	270	-	69	6
280/1601/74	Q ID [105]	C. comum	10Cb	Bordo	I	171	196	-	42	6
282/1615/9	Q VA [507]	C. comum	10Hc	Bordo	I	171	180	-	47	8
280/1601/19	Q IC [103]	C. comum	Ind.	Fundo	I	171	-	66	22	7
276/1581/9	Q IC [105]	C. comum	Ind.	Fundo	I	171	-	80	35	10
29/697/52	C 3 [3]	C. comum	10Cb	Bordo	I	171	190	-	30	8
23/622/10	[2]	Cerâmica	Cossoiro	P. completo		172	-	-	85	25
23/622/7	[2]	Cerâmica	Peso	P. incompleto		172	-	-	55	24

Outros sítios (Amadora) - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Origem	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
82/893/16	Moin. do Filipinho	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	173	180	-	21	4
82/895/4	Moin. do Filipinho	C. cinzenta	3Ba	Bordo	II	173	129	-	30	3
82/893/35	Moin. do Filipinho	C. comum	5Ac	Bordo	I	173	285	-	48	6
82/893/19	Moin. do Filipinho	C. comum	10Ba	Bordo	I	173	168	-	21	6
36/705/22	Moin. do Filipinho	C. comum	10Bb	Bordo	I	173	158	-	24	6
82/893/37	Moin. do Filipinho	C. comum	10Bb	Bordo	I	173	195	-	33	9
82/893/32	Moin. do Filipinho	C. comum	Pithos	Bordo	Ind.	173	204	-	21	12
6/88/18	Casal de Vila Cha	Ânfora	10.1.2.1.	Bordo	Ind.	174	117	-	18	9
6/88/20A	Casal de Vila Cha	Ânfora	1Ac	Bordo	I	174	147	-	21	6
6/88/20B	Casal de Vila Cha	Ânfora	1Ba	Bordo	I	174	153	-	30	9
6/88/15A	Casal de Vila Cha	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	174	180	-	27	6
6/88/15B	Casal de Vila Cha	C. cinzenta	1Ac	Bordo	II	174	144	-	18	3
6/88/16	Casal de Vila Cha	C. cinzenta	3Ba	Carena	III	174	-	-	18	6
6/88/17A	Casal de Vila Cha	C. cinzenta	Ind.	Bordo	II	174	177	-	24	4
6/88/15	Casal de Vila Cha	C. cinzenta	Ind.	Bordo	III	174	165	-	10	6
6/88/17B	Casal de Vila Cha	C. cinzenta	Ind.	Bordo	II	174	112	-	12	6
6/88/19	Casal de Vila Cha	C. cinzenta	Ind.	Fundo	III	174	-	179	18	6
7/89/6	Casal de Vila Cha	C. cinzenta	Ind.	Fundo	II	174	-	90	30	6
3520 - 6/88/20	Casal de Vila Cha	C. comum	1Aa	Bordo	I	175	176	-	27	6
1869 - 6/88/15	Casal de Vila Cha	C. comum	1Aa	Bordo	I	175	165	-	18	6
1870 - 6/88/15	Casal de Vila Cha	C. comum	1Aa	Bordo	I	175	165	-	18	3
6/88/20 C	Casal de Vila Cha	C. comum	1Aa	Bordo	I	175	135	-	18	4
6/88/15 C	Casal de Vila Cha	C. comum	1Aa	Bordo	I	175	147	-	33	6
3515 - 6/88/20	Casal de Vila Cha	C. comum	2Bd	Bordo	I	175	156	-	29	6
1845 - 6/88/20	Casal de Vila Cha	C. comum	2Bd	Bordo	I	175	117	-	18	6
1865 - 7/89/4	Casal de Vila Cha	C. comum	10Aa	Bordo	I	175	141	-	18	6
6/88/20 D	Casal de Vila Cha	C. comum	10Aa	Bordo	I	175	150	-	33	6
3508 - 6/88/20	Casal de Vila Cha	C. comum	10Aa	Bordo	I	175	249	-	30	12
1840 - 6/88/20	Casal de Vila Cha	C. comum	10Ba	Bordo	I	176	172	-	24	6
3511 - 6/88/20	Casal de Vila Cha	C. comum	10Ba	Bordo	I	176	180	-	30	5
3512 - 6/88/20	Casal de Vila Cha	C. comum	10Bb	Bordo	I	176	130	-	30	9
6/88/20 E	Casal de Vila Cha	C. comum	10Ca	Bordo	I	176	198	-	51	6
6/88/17 F	Casal de Vila Cha	C. comum	Ind.	Fundo	I	176	-	48	33	5
162/250/12	Fiat-Alfragide	Ânfora	1Ab	Bordo	I	177	140	-	24	9
20/247/13a	Fiat-Alfragide	Ânfora	1Ac	Bordo	I	177	138	-	30	9
20/247/13b	Fiat-Alfragide	Ânfora	1Db	Bordo	I	177	150	-	27	9
40/350/17	Fiat-Alfragide	Ânfora	1Dc	Bordo	I	177	147	-	33	6
35/270/3	Fiat-Alfragide	C. cinzenta	1Aa	Bordo	I	177	165	-	24	6
40/350/23	Fiat-Alfragide	C. cinzenta	1Ab	Bordo	I	177	194	-	39	5
35/270/1	Fiat-Alfragide	C. cinzenta	4Aa	Bordo	I	177	84	-	18	3

Outros sítios (Amadora) - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Origem	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
41/394/11	Fiat-Alfragide	C. comum	10Aa	Bordo	I	178	128	-	18	6
40/350/28	Fiat-Alfragide	C. comum	10Aa	Bordo	I	178	138	-	21	5
20/247/13A	Fiat-Alfragide	C. comum	10Aa	Bordo	I	178	123	-	24	6
20/247/13B	Fiat-Alfragide	C. comum	10Aa	Bordo	I	178	156	-	39	6
40/350/27	Fiat-Alfragide	C. comum	10Ba	Bordo	I	178	198	-	18	6
20/247/14	Fiat-Alfragide	C. comum	10Ba	Bordo	I	178	150	-	18	6
40/350/60	Fiat-Alfragide	C. comum	10Bb	Bordo	I	178	165	-	21	6
40/350/20	Fiat-Alfragide	C. comum	Ind.	Fundo	I	178	-	60	15	6
230/1507/28	Alfragide 2º Sul	C. comum	10Ba	Bordo	I	179	180	-	36	7
235/1535/28	Alfragide 2º Sul	C. comum	10Ba	Bordo	I	179	170	-	15	6
230/1507/29	Alfragide 2º Sul	C. comum	10Ba	Bordo	I	179	210	-	27	12

Santa Eufémia - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Sector	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
SE/R/94/88	-	Ânfora	1Ca	Bordo	I	180	130	-	30	8
SE/R/94/78	-	Ânfora	1Cb	Bordo	I	180	160	-	31	5
SE/R/94/76	-	Ânfora	1Aa	Bordo	I	180	138	-	38	6
SE/R/94/57	-	Ânfora	1Ab	Bordo	I	180	110	-	26	7
SE/R/94/119	-	Ânfora	1Db	Bordo	I	180	150	-	31	6
SE/BF/73/206	-	Ânfora	R1	Bordo	Ind.	180	146	-	22	7
SE/BF/73/138	-	Ânfora	1Ca	Bordo	I	180	138	-	28	8
SE/BF/73/121	-	Ânfora	1Dc	Bordo	I	180	140	-	59	7
SE/BF/73/123	-	Ânfora	1Ca	Bordo	I	180	140	-	38	7
SE/R/94/37	-	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	181	158	-	26	3
SE/BF/73/295	-	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	181	158	-	16	4
SE/BF/73/260	-	C. cinzenta	4Ac	Bordo	III	181	90	-	30	4
SE/BF/73/261	-	C. cinzenta	3Ba	Bordo	III	181	130	-	22	4
SE/BF/73/144	-	C. cinzenta	1Aa	Bordo	II	181	154	-	18	5
SE/BF/73/141	-	C. cinzenta	1Ab	Bordo	II	181	168	-	29	5
SE/BF/73/243	-	C. eng. verm.	3Aa	Bordo	I	181	230	-	11	7
SE/R/94/17	-	C. comum	5Aa	Bordo	II	182	288	-	16	7
SE/R/94/16	-	C. comum	5Ac	Bordo	II	182	226	-	25	7
SE/BF/73/242	-	C. comum	1Aa	Bordo	II	182	194	-	23	5
SE/BF/73/240	-	C. comum	1Aa	Bordo	II	182	172	-	23	5
SE/BF/73/239	-	C. comum	1Aa	Bordo	II	182	166	-	32	4
SE/BF/73/237	-	C. comum	1Aa	Bordo	II	182	202	-	33	4
SE/BF/73/208	-	C. comum	1Bd	Bordo	II	182	144	-	14	5
SE/R/94/126	-	C. comum	1Aa	Bordo	II	182	146	-	19	4
SE/R/94/148	-	C. comum	10Aa	Bordo	I	183	128	-	23	5
SE/R/94/95	-	C. comum	8Aa	Bordo	II	183	196	-	35	11
SE/BF/85/6	-	C. comum	10Aa	Bordo	I	183	126	-	22	8
SE/BF/73/42	-	C. comum	10Aa	Bordo	II	183	156	-	27	5
SE/BF/73/122	-	C. comum	10Ba	Bordo	II	183	210	-	75	6
SE/BF/73/39	-	C. comum	7Aa	Bordo	II	183	114	-	20	7
SE/R/94/157	-	C. comum	10Ba	Bordo	II	184	150	-	23	8
SE/R/94/141	-	C. comum	10Bb	Bordo	II	184	126	-	24	8
SE/R/94/138	-	C. comum	10Bb	Bordo	II	184	150	-	30	7
SE/R/94/84	-	C. comum	10Bb	Bordo	II	184	150	-	28	6
SE/R/94/7	-	C. comum	10Ba	Bordo	II	184	200	-	27	7
SE/BF/73/126	-	C. comum	10Bb	Bordo	II	184	148	-	37	8
SE/R/94/108	-	C. comum	10Bb	Bordo	II	184	160	-	38	5
SE/R/94/155	-	Cerâmica	Cossoiro	P. completo	II	184	-	-	-	10

Outros sítios (Sintra) - catálogo das formas ilustradas

N.º Inv.	Origem	Categoria	Forma	Fragmento	Fab.	Est.	D.B.	D.F.	A.M.P.	E.M.P.
CM/SW/BF/86/7	Castelo dos Mouros	Ânfora	1Ac	Bordo	I	185	144	-	40	9
CSP/BF/81/86	Cap. São Pedro	Ânfora	1Ba	Bordo	I	185	150	-	27	8
CSP/BF/81/87	Cap. São Pedro	Ânfora	1Da	Bordo	I	185	144	-	26	9
CSP/BF/81/90	Cap. São Pedro	Ânfora	Ind.	Asa	I	185	-	-	36	10
CSP/BF/81/94	Cap. São Pedro	Ânfora	Ind.	Asa	I	185	-	-	21	-
CSP/BF/81/92	Cap. São Pedro	C. cinzenta	3Aa	Bordo	II	185	126	-	27	4
CSP/BF/81/100	Cap. São Pedro	C. comum	10Ba	Bordo	I	185	180	-	30	8
RM/BF/82/83	Sep. Rei Mouro	C. cinzenta	3Aa	Bordo	I	186	120	-	15	3
RM/BF/82/84	Sep. Rei Mouro	C. cinzenta	3Aa	Bordo	I	186	120	-	12	3
RM/BF/82/101	Sep. Rei Mouro	C. cinzenta	3Aa	Bordo	I	186	-	-	13	8
RM/BF/82/11	Sep. Rei Mouro	C. manual	3Aa	Bordo	I	186	186	-	18	7
RM/BF/82/22	Sep. Rei Mouro	C. manual	3Aa	Bordo	I	186	180	-	24	9
RM/BF/82/3	Sep. Rei Mouro	C. manual	3Aa	Bordo	I	186	280	-	33	12
RM/BF/82/2	Sep. Rei Mouro	C. manual	3Aa	Bordo	I	186	186	-	63	10
RM/BF/82/1	Sep. Rei Mouro	Cerâmica	Cossoiro	P. completo	I	186	186	-	63	10